SÉRIE MEU MAFIOSO LIVRO 5

JULIA MENEZES

meu *estranho* mafioso

SÉRIE MEU MAFIOSO LIVRO 5

JULIA MENEZES

SUMÁRIO

Playlist

Eye of the Needle – Sia
Devil side – Foxes
Graveyard – Halsey
Pillowtalk – Zayn
All of me – John Legend
Mirrors – Justin Timbarlake
Burn the pages – Sia
Footprints – Sia
Eastside – Halsey, Khalid, Benny Blanco
Someone you loved – Lewis Capaldi
Be Alright – Dean Lewis
Waves – Dean Lewis
Impossible – James Arthur
Say you won't let go – James Arthur
Nightmare – Halsey
Gasoline – Halsey
Without me – Halsey
Love Lies – Khalid & Normani
Blame – Bastille
Unholy – Hey Violet
Alone with you – Ashlee
Wrong – Zayn feat. Kehlani
Lose love to love me – Selena Gomez
Another Place – Bastille feat. Alessia Cara
Eyes of the Needle – Sia (cover Ingo)
Diamonds – Rihanna
Nothing Breaks Like a Heart – Mark Ronson ft. Miley Cyrus
Ocean Eyes – Billie Eilish
Boulevard Of Broken Dreams – Green Day
Best Of You – Foo Fighters
The Reason – Hoobastank

Nightingale – Kait Weston & Jameson Bass
One Last Breath – Creed
The Scientist – Coldplay
Leaving My Love Behind – Lewis Capaldi
Lovely – Billie Eilish, Khalid
Finally // Beautiful Stranger – Halsey
In The End – Linkin Park
Rise Up – Andra Day
Here Without You – 3 Doors Down
Hard To Me – Michele Morrone
Wait – Maroon 5
My Immortal – Evanescence (cover Benedetta Caretta)
Naked – James Arthur

Sinopse

Um amor para a vida toda.

Desde que se entende por gente, Valentina sempre pertenceu a Eric Hoffmann, do mesmo jeito que ele pertence a ela. Juntos, vivem um amor de conto de fadas. Até o tormento chegar.

Eric sempre soube dos seus inúmeros problemas e se sente mais do que sortudo por ter Valentina ao seu lado, apesar de tudo. Porém o que poderá acontecer quando surgir um segundo homem na história, que poderá roubar seu amor para sempre? Será que Eric abrirá mão de Valentina para vê-la feliz ou lutará com o outro?

Valentina ama Eric com todas as forças e fará qualquer coisa para mantê-lo. Qualquer coisa mesmo. E tudo que Valentina ama, ela mantém.

Nota da autora

Olá, meus amores. Tudo bem? Essa nota é para falar um pouco do livro. Esse é o quinto livro da série Meu Mafioso, e os protagonistas desse livro apareceram durante toda a série como crianças. O livro pode ser lido separadamente dos outros volumes da série, porém haverá certo estranhamento com tantos personagens surgindo no começo da história. Esses são personagens principais e os seus respectivos filhos, presentes em outros volumes. Este livro se passa em 2032, pela ordem cronológica da Série Meu Mafioso, que começou em 2016 com o livro Meu Eterno Mafioso. São aproximadamente onze anos depois da trilogia Números, que tem ligação com a série Meu Mafioso.

Quando decidi, anos atrás, o que seria de “Meu Estranho Mafioso’’, eu sabia que seria difícil e quase impossível fazer, por isso levei anos para pegar nesse livro. Usei todo esse tempo para fazer pesquisas a respeito do tema, dos transtornos de Eric. Queria algo real, um livro que mostrasse personagens humanos errando e aprendendo, sem romantizar os transtornos de Eric.

Foram muitas pesquisas, mas ainda assim pode haver erros, e peço perdão antecipadamente. Usei bastante minha licença poética neste livro, mas ainda assim há um fundo científico por trás. Peço encarecidamente que não contem o enredo do livro, para que os leitores tenham a mesma experiência, descobrindo pouco a pouco as verdades e tendo a grande surpresa — ou não, se forem espertas e pegarem as dicas durante o transcorrer da narrativa. Tenham cuidado nas avaliações, por favor. Este livro foi escrito com muito carinho, e quero que todos tenham uma experiência única ao lerem. Inclusive, seria legal reler a obra depois de descobrir o segredo.

Bem, acho que é isso. Espero que gostem do livro, esse foi até agora um dos mais difíceis de escrever, mas amei o resultado, ficou melhor do que eu jamais poderia imaginar.

Um grande beijo, e com todo amor,

Julia Menezes.

PARTE UM

"Há tipos diferentes de escuridão. Há a escuridão que assusta, a escuridão que acalma. Há a escuridão do descanso. Há a escuridão dos amantes, e a escuridão dos assassinos. Ela se torna o que o portador deseja que seja, precisa que seja. Não é completamente ruim ou boa."

Rhysand – Corte de Névoa e Fúria.

PRÓLOGO

Você está trancado em meu coração
E sua melodia é uma arte
E não deixarei o terror entrar, estou roubando tempo
Pelo buraco da agulha
Eye of the Needle – Sia

15 anos de idade
VALENTINA

Pode parecer estranho, ou no mínimo uma história de romance clichê, mas assim que vi Eric Hoffmann pela primeira vez, quando era apenas uma criança, eu sabia que ele seria meu. Sei que deve ser esquisito uma criança de cinco anos já ter encontrado o amor, mas sempre pareceu certo. Eu não amei Eric porque ele tirava a casca do pão ou por me dar chocolate, eu amei porque ele era *ele*.

Eu o amei porque ele se preocupava comigo, me fazia sorrir, contava histórias para mim, e, com ele, eu me sentia... completa. Com o passar dos anos, Eric se tornou meu melhor amigo, aquele com quem eu sempre podia contar, mesmo estando do outro lado do oceano. O amor não vê distância, idade ou dificuldades. Vê somente o coração, e meu coração foi feito para ser quebrado e reparado por Eric.

Eu me olhei através do espelho da sala de balé e sorri, vendo o colar com o anel do brasão da família. Eric me deu quando eu tinha apenas seis anos, no casamento da minha tia Elena.... Bem, o nosso *casamento* também. Lembro-me como se fosse ontem.

*

Estávamos na mesa de doces, comendo tantos quanto eu conseguia pegar — os melhores estavam sempre no alto. Comentei isso com Eric quando me entregou um que só ele conseguia alcançar.

— Quando nos casarmos, você terá altura suficiente para pegar quantos doces quiser sem ninguém reclamar — ele apontou, olhando para

minha mãe, que há pouco havia brigado por eu estar comendo as guloseimas.

— Isso é verdade. — Coloquei uma mão na cintura e mordi um pedaço, sentindo o gosto da palha italiana. — Bem, você sabe o que tem que fazer.

As bochechas de Eric ficaram avermelhadas. Meu amigo estava lindo, com seu terno preto e os cabelos loiros penteados para o lado, e eu estava orgulhosa que eu o havia arrumado. Ele parecia um príncipe.

Eric limpou a garganta.

— Você é tão apressada. Eu já ia te propor isso hoje.

Eu bato o pé no chão.

— Pois eu esperei desde o momento em que o padre estava no altar, e você não fez nada.

Ele começou a suar.

— Também não é assim, somos crianças, não podemos casar.

— *Cazzo*.[1]

— Valentina!

— O quê? — respondi, bem-humorada. — Ouvi papai e os outros homens falando isso algumas vezes hoje.

— Você está xingando em italiano — ele comentou em voz baixa, como se alguém fosse nos escutar.

— Eu imaginei isso. — Terminei de enfiar o doce na boca e tentei tirar o açúcar das minhas mãos e lábios. — Você está me enrolando. Se não quer casar, tem quem queira.

Eric bufou e puxou algo do paletó. Era um doce que parecia um grande anel num palito. Era vermelho, com uma grande ponta arredondada, como uma chupeta.

— Comprei ontem numa lojinha.

— Você escondeu doce de mim? — Eu estava ofendida.

Eric rolou os olhos.

— É o seu anel de casamento, bobinha. Quer casar comigo, Valentina?

Meus olhos estavam cobiçando o doce, então rapidamente assenti e o roubei de sua mão.

— Vou falar com papai — o menino anunciou, me entregando outro docinho como oferta de paz antes de pegar o celular.

Enquanto ele falava, eu tentei entender, mas Eric falava em alemão, e

eu jurei a mim mesma que depois que aprendesse italiano, estudaria alemão. Eric teria uma grande surpresa.

Depois que ele desligou, procurei pela multidão o bom velhinho, que eu estava de olho desde a cerimônia. Tudo bem que a minha festa não seria tão bonita quanto a da tia Elena, mas teria de servir.

Vi tia Elena e tio Damien com o padre, e aquela era a nossa chance. Agarrei Eric pelo paletó e o puxei.

— Vem.

Ao nos aproximarmos, puxei o belo vestido de tia Elena, que parecia uma princesa, de tão bonita.

— Oi, meu amor — tia Elena disse, mas eu estava olhando para o padre.

Será que Eric ficaria um velho feio como ele?

— Seu Padre, eu quero me casar com Eric agora, o senhor casa a gente? — perguntei indo logo ao ponto, papai sempre dizia que é melhor falar do que ficar enrolando.

— Filha, o que você está conversando com o padre? — papai perguntou de modo divertido ao se aproximar com meu adormecido irmão Dimitri no colo, enquanto meu outro irmão, Dante, caminhava de mãos dadas com mamãe.

— Papai, eu vou me casar — exclamei, animada, talvez Eric pudesse vir morar com a gente. Tia Elena então riu, e eu a encarei seriamente. Ela estava achando engraçado? Ou talvez eu estivesse sendo mal-educada de nem pedir a ela permissão, afinal esse era seu casamento. — Tia Elena, eu posso me casar no seu casamento?

— Mas você ainda é muito nova para isso. Filha minha só casa aos trinta anos — papai brincou, e eu bufei.

— Eu estou noiva, papai, e quero me casar hoje — argumentei, mostrando meu anel de doce. Só de olhar eu já queria comer. Torcia para que a cerimônia não demorasse tanto quanto a da tia Elena.

— Quem te pediu em casamento? — mamãe perguntou de maneira divertida, e eu me virei para Eric, o cutucando, já que até o momento ele havia ficado em silêncio.

— Fale, homem.

— Eu pedi. — Suas bochechas estavam ainda mais vermelhas, mas sabia que Eric nunca iria fugir do nosso compromisso. — Eu já escolhi minha

esposa, é Valentina, e já liguei para papai, eu *quero ela*.

— Eric, querido, você é muito jovem para pensar em casamento agora. E se você mudar de ideia? Ou a Val? — mamãe perguntou.

— Eu não vou mudar, você vai, Val? — ele me perguntou, com seus belos olhos azul-claros que me davam borboletas no estômago.

— Eric, não é assim que se faz, chegando e falando que você quer e pronto — papai disse. — Nem sair falando com seu pai, isso é um assunto sério, a ser levado em pauta e discutido daqui a muitos anos.

— Mas eu quero, papai. — Bati o pé no chão e fiz o bico que quase sempre funcionava. Se não funcionasse, eu partiria para pirraça, apesar de ter vergonha de fazer em público. — Padre, o senhor pode casar a gente?

O padre olhou para os adultos por um momento, depois suspirou, falando com um sotaque pesado.

— Vamos fazer assim, um casamento simbólico, e se vocês quiserem realmente se casar depois disso, no futuro fazem a cerimônia de vocês...

— Sim — Eric e eu falamos ao mesmo tempo, sem conter a emoção. Eric arrancou o anel com o brasão de sua família e o segurou, sorrindo.

Espera, eu não ganharei o anel com doce?

O padre começou a falar, o sotaque pesado e as palavras não foram muito compreendidas por mim — também, pudera, eu estava focada em segurar a mão de Eric e mal esperava poder comer o anel de doce. Quando finalmente entendi o padre, ele estava falando sobre poder beijar a noiva, então senti o rosto quente quando Eric me deu um beijo na bochecha e me entregou o outro anel da família. Eu usaria quando fosse grande e coubesse no meu dedo.

— Então agora podemos comer o doce?

Tinha um fotógrafo ali, e mesmo sem entender direito, sabia que tinha feito algo mágico nesse dia e que teria a lembrança desse momento para sempre.

***

Meus cabelos loiros escuros estavam presos num coque malfeito, úmidos de suor da aula que tinha encerrado há pouco. Escutei o celular tocar dentro da bolsa no canto da sala e sabia que era Eric, por causa de seu toque especial.

Olhei para a porta do estúdio, agradecendo por todos já terem ido embora, afinal já passava das sete, e a aula acabara às seis. Naquele momento só havia meus seguranças e eu. Sempre fui muito ativa, sempre dando o meu máximo, às vezes até mais. A aula já tinha acabado, mas eu permaneci treinando os pontos que minha professora dissera que eu estava errando.

Meu pai, Dominic, fez questão de comprar o estúdio que eu praticava balé desde pequena, para que eu sempre pudesse ficar depois do horário treinando, como eu gostava. Dominic é o tipo de pai que toda garota sonha em ter, mesmo atolado de trabalho, sempre tinha tempo para meus irmãos, Dante, Dimitri e Iris e para mim. Eu não me importo que meu pai seja o capo da máfia, ele sempre será o mocinho para mim. Nunca me canso de escutar como foi a história de mamãe e papai, eles são um exemplo de relacionamento que eu sempre desejei ter. Depois de dez anos juntos, ainda se amam como se fosse a primeira vez.

Peguei meu celular e vi que Eric pedia uma vídeo-chamada; nem tentei me arrumar antes de aceitar, ele já tinha me visto em estados muito piores. Sem falar que já era uma hora da manhã lá, por causa das seis horas de diferença, e ele não deveria estar muito melhor do que eu. Nós nos falávamos mais quando era manhã aqui ou começo da tarde, pois assim ficava um horário bom para os dois. Vínhamos usando esse horário há anos, desde que ele me deu um celular rosa escondido, para que, quando ele estivesse longe, ainda pudéssemos conversar — meus pais descobriram só meses depois, mas já era tarde, nada podia nos separar.

— Oi, Menina Bonita — Eric disse, sorrindo, e meu coração saltou. Não importava quantas vezes eu o visse, ele sempre fazia meu coração acelerar. Amava esse apelido, sempre me fazia suspirar.

Ele tinha dezenove anos, com um corpo de homem feito, mas rosto ainda jovem. Havia em seu rosto uma leve barba, que ele sempre fazia por saber que eu não gosto muito quando parece mais velho do que é. Seus cabelos dourados estavam um pouco jogados de lado. Reparei que ele tinha olheiras avermelhadas abaixo dos olhos, e isso me preocupou. Nesse momento, a culpa me tomou, porque era para Eric estar dormindo naquele horário, não falando comigo. Ele devia estar em um episódio, Ivan me contou que raramente dormia quando estava *atacado*.

Eric já estava dentro dos negócios de sua família desde os quatorze anos, mas só naquele momento comecei a perceber que já era um homem

completo, e logo não importaria se ele tirava a barba ou não. Seus olhos entregavam o quanto ele era velho por dentro, o mesmo olhar sombrio e vivido de meu pai, tios e membros da máfia, o mesmo que meus irmãos teriam.

Eric já estava com 1,81m de altura, ao contrário de mim, com meus 1,61m. Quando eu começaria a parecer uma mulher formada e completa para ficar a seu lado? Eric era cinco anos mais velho que eu, logo completaria vinte anos, e isso me preocupava.

Sem perceber, eu mordi o lábio inferior ao vê-lo deitado em sua cama sem camisa. Eu era uma adolescente com os hormônios à flor da pele e com um namorado lindo de morrer.

— Amor, você está olhando como se fosse me comer. — Eric tinha um sorriso quando disse isso.

Mal ele sabia o que eu tinha em mente.

— Eu estou com saudades. — Olhei para seu rosto e suspirei. — Faltam só mais duas semanas para meu aniversário de quinze anos, será que você não pode vir um pouco antes?

Eu estava chateada com meu pai e Ivan, pai de Eric, que não queriam deixá-lo me visitar nos últimos meses. Eu sentia muito sua falta. Achava que eles haviam descoberto que Eric e eu não éramos mais crianças e que as coisas entre nós poderiam se tornar mais intensas. Alguns meses antes, quando decidi que Eric seria meu namorado, ele não hesitou em aceitar, e eu tinha um orgulho danado por ter sido eu a tomar a frente.

Eu me sentei de costas para o espelho e o olhei. A expressão de Eric endureceu um pouco.

— Querida, eu não estou tão calmo esses dias, talvez...

— Nem tente terminar essa frase, Eric Hoffmann! — Eu me exaltei, mas logo me arrependi. Eu sabia que às vezes ele tinha várias explosões de raiva e crises, e eu tinha medo de presenciar isso. Ele não queria que eu visse esse seu lado. Assim, deixei a voz mais suave. — Vamos pensar nisso depois. Eu vou te dar um presente se você vier.

Eric então sorriu.

— Eu iria de qualquer maneira, você sabe. Mas que presente é esse, Val? O aniversário é seu, eu é que tenho que te dar algo.

— O presente que vou te dar é tanto meu quanto seu. — Minhas bochechas coraram.

Eric se ajeitou de modo mais confortável na cama e, ainda sorrindo, perguntou:

— Como ele é? Uma dica, vai?!

— Eu nunca o senti para saber ao certo. — Explodi em gargalhadas, grata por ele não ter percebido ou fingido não perceber as segundas intenções das minhas palavras.

Eu queria que meu aniversário fosse inesquecível para a gente. Apesar de estarmos juntos todos aqueles anos e nos falarmos todos os dias, nós nunca tínhamos nos beijado, e eu queria entregar uma parte de mim para ele. Eric já tinha dezenove anos e nunca beijara ou fizera outra coisa com qualquer mulher — até porque eu o mataria —, e eu sabia que a pressão era grande por ele ser o filho mais velho. Era ainda maior por fazer parte da máfia alemã: ele ajudava seu pai nos deveres, tinha seus próprios trabalhos lá dentro, e essa ausência o tornava fraco perante os outros.

Há alguns meses, quando Eric conseguiu fechar uma remessa de armas sozinho, foi presenteado pelos homens da máfia com prostitutas. Nunca vou esquecer Ivan, seu pai, me ligando desesperado, falando que Eric estava tendo um episódio de raiva e quebrando tudo, inclusive ele mesmo. Foi preciso fazer uma vídeo-chamada para que eu pudesse acalmá-lo o suficiente para o doparem. Eu chorei por dias, e só aí meu pai, a contragosto — e por ordens da minha mãe —, me levou para a Alemanha para vê-lo. No caminho, eu escutei as duras palavras de papai.

— É isso que você quer para você, Valentina? Um homem instável que pode acabar te machucando por acidente? Eu realmente gosto de Eric, e o acho um bom menino, mas ele tem uma bagagem muito grande para você carregar.

— Eu o amo, papai, e nunca desistirei dele. Nunca.

Para amar, não é preciso um beijo ou algo mais, o sentimento vai muito além disso. Eric trouxe esse sentimento para a minha vida antes mesmo que eu pudesse descobrir o que era e quão avassalador poderia ser. Eu até hoje sinto o coração doer ao lembrar dele chorando quando me viu entrando no seu quarto.

— Val, eu te amo. Elas apareceram do nada, eu não fiz nada. Eu juro — ele dizia entre soluços. Naquela noite, eu dormi com ele e o acalmei. Eu queria beijá-lo, mas ele não deixou. — Não, eu quero que nosso primeiro beijo seja especial. Eu prometo que será único, será o nosso primeiro e último

beijo para todo o sempre.

Voltei à ligação quando o escutei me chamando.

— Desculpe, me distrai.

— Estava no mundo da lua? — brincou.

— Estava lembrando da última vez em que o vi, eu estou realmente morrendo de saudade. — Passei a mão livre pelos cabelos bagunçados.

Eu vi sua expressão mudar diante dos meus olhos e fiquei um pouco preocupada.

— Eu estarei aí o quanto antes, te prometo.

— Eu não quero te causar problemas. — resmunguei e bocejei de cansaço, eu me excedi no treino. Com certeza teria de ficar com os pés no gelo para aliviar as dores.

— Menina Bonita, já era para você estar em casa.

Eu levantei, vesti um casaco grosso, peguei minha bolsa e comecei a caminhar para a saída. Encontrei Thomas, um dos meus seguranças, e sorri para ele, continuando a contar do meu dia para Eric enquanto entrava no carro. Eu começaria o último ano do ensino médio em breve, e, com isso, vinham as pressões. Fazia cursos extras e ainda tinha aula de balé três vezes na semana. Quando chegava em casa, estava acabada, mas nunca deixava de falar com Eric antes de dormir.

Como a minha mãe, Isis, eu sempre tive uma facilidade enorme para aprender as matérias, por isso era tão adiantada na escola. Minha mãe me dava liberdade para escolher o que eu queria fazer, experimentar novas atividades, assim como seus pais fizeram com ela, a colocando em diversos cursos, para assim ela saber o que queria para o futuro. Mas essa não era a verdade completa do motivo de eu estudar tanto. Eu fazia o meu máximo para acabar mais cedo a escola, para, quem sabe assim, meus pais me deixarem casar logo com Eric.

— Melhor desligar, não quero que se canse mais.

Eu sorri, entrando em casa.

— Vou tomar um banho e jantar, então te ligo antes de dormir, pode ser? — perguntei, e Eric acenou.

— Adoraria. — Ele sorriu, e eu olhei novamente para as suas olheiras.

— Ou seria melhor você ir descansar e me ligar quando acordar? Você precisa dormir.

Eric bufou, não gostava que mandassem nele, e eu me sentia mal por

ter dito que ligaria novamente em algumas horas em vez de dar boa noite. Ele precisava de descanso, e eu estava sendo uma pessoa egoísta.

— Não quero dormir, quero ser a última pessoa que você veja antes de cair no sono, só assim vou dormir em paz.

Eu suspirei.

— Você está realmente bem?

Ele sorriu, me tranquilizando um pouco.

— Sim, a maior parte já passou, e quando falo contigo, só melhora.

Eu acariciei seu rosto através da tela, apesar de ser inútil.

— Quero que me ligue se sentir que a carga está demais. Não me deixe de fora. Me prometa.

— Eu prometo. Te amo.

— Eu também te amo.

Desliguei, dando de cara com minha mãe me olhando com um sorrisinho no rosto. Ela me teve muito jovem, com quinze anos, e apesar de sempre incentivar minha relação com Eric, se mantinha com os dois olhos abertos, e isso podia ser pior que a postura do meu pai.

— Tudo bem? — pergunta, pegando a mochila pesada dos meus ombros.

— Sim, só que hoje foi bem puxado.

Minha mãe acenou de forma compreensiva e beijou minha testa.

— Já preparei a banheira para você, mas não demore muito, seus irmãos já estão com fome.

Beijei sua bochecha e subi as escadas, mandando mensagem para Ivan, pai de Eric, perguntando como ele realmente estava. Eu o conhecia o suficiente para saber que sempre tentava amenizar tudo, como se eu fosse feita de vidro. Ivan me respondeu falando que Eric estava no meio de um episódio maníaco e que teve uma crise de raiva durante uma reunião que acabou disparando seu gatilho de raiva. Por pouco não foi sedado. Eu fiquei preocupada, ainda mais quando me disse que Eric se recusava a dormir por três dias, por isso as olheiras. Quando estava em um episódio maníaco, era preciso pouco, uma única fagulha era suficiente para ele ter uma crise de raiva. Muitas vezes ele nem se lembrava do que fazia quando estava assim, e eu tinha medo de que ele fizesse algo que pudesse se arrepender para sempre.

Quando terminei o banho e desci as escadas, fui para a sala de jantar e vi minha mãe sentada junto com meus irmãos, esperando por mim e por meu

pai. Beijei a cabeça de Iris, Dimi e Dante, me sentando ao lado do último. Meus irmãos puxaram a heterocromia da minha mãe, apesar da de Dante não ser tão marcante, já que só há uma pequena mancha castanha na parte superior de um olho e o restante é dominado por um tom de azul celestial. Fora isso, ele era a cara toda do meu pai. Meus olhos nunca se decidiam entre o azul ou verde, mas eu gostava dessa indecisão.

Dimitri se parecia mais comigo, com os cabelos claros e o sorriso doce. A nossa pequena Iris, de sete anos, tinha cabelos castanhos e lembrava mais meu pai, fora os olhos e sobrancelhas da minha mãe.

Eu parecia bastante com a minha mãe quando ela era jovem, pelas fotos que vi, mas também lembrava meu pai, o meu verdadeiro pai, Benjamin Walter. Não falamos muito dele, porém minha mãe me contava algumas histórias divertidas sobre ele quando eu era mais nova, para que assim eu tivesse mais memórias. Meu pai biológico fez escolhas muito erradas, forjando a sua e a minha morte quando nasci, e, por conta disso, perdi cinco anos sem minha mãe. Ele infelizmente morreu por estar metido com coisas censuráveis que quase custaram a minha vida.

— Você está bem? — Dante perguntou quando eu me sentei ao seu lado.

— Sim, só um pouco cansada. — Eu devia estar com cara de acabada para toda hora me perguntarem isso.

Ele acenou e aproximou a boca de minha orelha, para que mamãe não nos escutasse.

— Você devia pegar mais leve na escola, já está adiantada mesmo, e eu ouvi uma conversa da mamãe com o diretor da escola falando que você já tem créditos suficientes para passar de ano. As férias já vão começar em breve! — ele me contou, e eu sorri, beijando sua bochecha.

— Obrigada pela informação.

Dimitri virou a cabeça loira para a gente, tinha olhos cerrados, como se estivéssemos guardando informações dele. Ele e Dante tinham dez anos e apenas dez meses de diferença e eram melhores amigos.

— O que vocês estão fuxicando?

Dante rolou os olhos para mim antes de olhar para o irmão.

— Sobre *aquilo*.

Ambos trocaram um olhar e acenaram. Isso me divertiu, mas escondi o riso quando mamãe nos olhou.

— Sobre o que estão falando?
— Nada — nós três dissemos em uníssono, e então rimos.
Papai entrou na sala de jantar e beijou nossas cabeças antes de beijar os lábios de mamãe e se sentar.
— Como foi o dia de vocês, crianças?
— Maravilhoso! — Iris exclamou, animada, mesmo com a falta de um dente na frente. — Ganhei nota máxima com a maquete que mamãe e eu fizemos.
— Chato — Dimi murmurou, suspirando.
— Luna não o deixou sentar com ela na aula em dupla — Dante contou, dando de ombros.
Luna e Thor, gêmeos, filhos da minha tia Carina e tio Jace, estavam na mesma sala dos meninos, então eles viviam colados. Alanna, a filha caçula do tio Miguel e tia Mila, estava na mesma sala de Iris, então daqui, só Gabriel, filho mais velho deles, acabou ficando em uma sala diferente por ter oito anos.
— Por que ela não quis se sentar com você? — perguntei enquanto me servia.
As bochechas de Dimi coraram ao mesmo tempo em que meu pai limpou a garganta.
— Por que não conta que arranjou confusão com Thor hoje e os dois caíram no tapa como animais?
Minha mãe deixou o garfo cair em cima do prato, fazendo um som alto. Por sorte não quebrou a louça.
— Dimitri Colton Raffaelo, é melhor estar brincando sobre isso!
Dimi se mexeu na cadeira, claramente com mais medo da minha mãe do que do meu pai.
— Por que fez isso? — papai perguntou com as mãos entrelaçadas no queixo, olhando diretamente para o filho, com seus olhos azuis sombrios que entram até na alma.
Dante e Dimi trocaram um olhar cúmplice antes de o loirinho dizer.
— Não devemos entregar ninguém, papai.
Os lábios do meu pai tremeram de leve, e o mesmo aconteceu com os de mamãe.
— Para a gente, você *deve* falar — mamãe disse com calma.
Novamente os meninos trocaram um olhar antes de meu irmão

suspirar.

— Ele estava puxando as tranças das meninas, e a próxima seria Luna!

Papai puxou o celular, e eu não duvidava nem por um segundo que ele estivesse mandando mensagem para tio Jace. Todos imaginavam que homens da máfia tratavam somente de assuntos sérios, mas lá estava meu pai, o capo, autoridade máxima, na certa limpando a cara com meu tio Jace sobre como seu filho estava certo e o dele, errado.

— Muito bem, filho, mas na próxima vez, espere até as aulas de luta para brigarem. — Papai, depois de dizer isso, começou a se servir. Olhei para mamãe, que acenou concordando.

— Esse menino tem dado muito trabalho, é um furacão. Assim como a mãe —comentou, balançando a cabeça.

— E você, filha, como foi o seu dia? — papai me perguntou.

— Cansativo — disseram todos à mesa para ele, me fazendo rir.

Papai franziu as sobrancelhas.

— Não acha que está na hora de deixar alguns cursos? Estamos a poucos dias do fim das aulas, não se sobrecarregue demais.

Eu apenas assenti.

— Pode deixar, pai.

Quando terminamos de jantar, fui para meu quarto, e depois de me deitar confortável e quentinha na cama, liguei para Eric, que atendeu no segundo toque como se estivesse esperando a minha chamada.

— Já comeu algo? — pergunte, e ele confirmou. — Durma comigo, *baby* — pedi com a voz doce. — Feche os olhos e relaxe, durma pelo menos um pouco, Eric.

Ele suspirou.

— Não tenho sono, minha mente está cheia de *pensamentos*.

Meu coração doeu por ele, esses pensamentos eram pesadelos, eu tinha certeza.

— Tente se concentrar numa única coisa, qualquer coisa.

Eu escutei sua respiração mais calma, como se ele estivesse tentando fazer o que sugeri.

— A única coisa boa que consigo pensar é em você, Val.

Eu sorri com sua declaração.

— Então feche os olhos e pense em mim, em duas semanas você

estará aqui comigo, pense nisso.

Continuei conversando com Eric até escutar o seu leve ressonar, indicando que tinha dormido. Desliguei o celular e adormeci.

***

Preparativos para uma festa são sempre chatos, para mim, eram a pior coisa, mas para minha mãe e minha tia Carina, essa era simplesmente a melhor parte. As aulas finalmente tinham acabado, e eu estava finalmente no último ano da escola. Depois do verão, as aulas começariam novamente, e isso me fazia ter um friozinho bom na barriga, menos um degrau a me separar de Eric. Imaginava que em dois anos estaria, pelo menos, noiva dele.

— O que acha desse tecido? — tia Carina me mostrou um tecido de cetim, em um tom de azul-turquesa, mas minha atenção estava em um rosa-bebê. — Sabia que você gostaria mais desse. — Suspirou, pegando o outro tecido e me entregando.

— Eu gosto de rosa. — Dei de ombros e olhei para Luna, que estava mexendo no celular no outro lado do sofá. Ela estava com dez anos, mas aparentava ter mais idade, por seu corpo ter se desenvolvido mais rápido do que o das meninas da sua idade; isso assustava demais tio Jace. — O que você acha?

Ela levantou os olhos cinza para mim e acenou para o tecido rosa que eu tinha em mãos.

— Também gostei mais desse, porém um dourado ficaria mais bonito.

Eu olhei para os tecidos e mandei uma mensagem para Eric. Já era para ter escolhido a decoração das mesas, porém eu enrolei para escolher as cores. A organizadora avisou que ambos os tecidos combinavam perfeitamente com os arranjos escolhidos. Eric me respondeu que gostava do rosa, ele sabia que era minha cor favorita.

— Quero o rosa — respondi, e elas concordaram.

Tia Carina limpou a garganta.

— Como está indo o relacionamento de vocês, querida?

— Muito bem, tia. Ele me prometeu que virá no meu aniversário.

Ela acenou, mas parecia querer falar outra coisa, o meu olhar sério a parou. Não gostava que as pessoas se metessem tanto no meu relacionamento com Eric, era como se eles esperassem que nosso sentimento tivesse prazo de

validade. Quando Eric completou dezoito anos, só piorou, todos esperavam que ele me deixasse para ficar com outras meninas, já que eu era nova demais para dar o que um homem queria. Sexo. Mas Eric provou a todos que só sexo não mantinha uma relação. Nós nem sequer tínhamos nos beijado ainda!

Se para uma menina de quase quinze anos já é difícil, imagine para um homem lindo de quase vinte anos. Minhas amigas da escola já faziam até outras coisas, e eu finalmente me sentia pronta para dar o primeiro passo, mesmo com todos sempre me dizendo que nunca daria certo.

Quando estávamos no final da tarde, fiz uma ligação para Eric, como de costume, mas um pouco mais cedo, pois queria que ele dormisse mais.

— Como está, Menina Bonita?

— Queria que você estivesse aqui, faz séculos que não nos vemos. — Eu suspirei e continuei: — Depois do meu aniversário, o que acha de fugir por duas semanas? Poderíamos ir para casa da minha bisa Maria, no Brasil, ela com certeza nos acolheria.

Eric riu do outro lado da linha.

— Sua tia Carina nos acharia no mesmo dia.

Eu suspirei, era verdade. Ela era uma máquina e sabia como localizar as pessoas mais rápido do que poderíamos fugir.

— Então temos que nos casar logo! — exclamei, e podia sentir o seu sorriso.

— É o que mais quero, sei que você viria comigo para Munique, mas vai sentir falta da sua família, Val.

— Você também é minha família, e eu sinto sua falta. — Uma lágrima escorreu, e eu a deixei cair, já que Eric não poderia ver. — Todas as minhas amigas têm namorado e os veem sempre! — reclamei, apesar de não ser culpa dele.

— Eu sei, querida. Eu sei... — Suspirou tristemente.

— Nós vamos nos casar assim que eu fizer dezoito anos! — anunciei, um pouco desanimada por ainda faltarem três anos para isso.

— Nós já somos casados, querida. Nosso coração é um só.

Eu sorri feito boba, lembrando de nosso casamento de mentirinha.

— Eu te amo.

— Eu também te amo, querida. Agora me conte algo.

Eu lambi os lábios.

— Vou pedir para papai deixar eu passar as férias aí com você.

Ouvi sua respiração mais forte.

— É o que mais quero.

Eu me animei ainda mais.

— Vou falar com ele agora! Depois te ligo. Durma um pouco, por favor.

Desliguei o celular e corri para o escritório do meu pai, batendo na porta várias vezes seguidas, sem me importar em soar desesperada. Papai abriu a porta e levantou uma sobrancelha ao me ver.

— Não — ele disse, se afastando da porta e se sentando na sua cadeira.

— Não o quê? Nem te perguntei nada ainda. — Eu me sentei, já com a cara zangada.

— Mas eu já sei o que vai pedir, e a resposta é não.

Cruzei os braços.

— Papai, eu quero passar parte das férias com Eric na Alemanha.

— Não.

Fiz um bico e segui os conselhos de tia Carina, que me ensinou a chorar de mentira.

— Eu quase não o vejo, e ele é meu namorado...

— Namorado? — papai perguntou, não parecendo surpreso, mas sim zangado. — Não me lembro de ter conversado com Eric sobre isso.

Eu abri a boca para retrucar, mas o que diria? Quando Eric fez dezoito, eu me declarei como sua namorada para ele, tinha medo de que me trocasse por outras mulheres que poderiam fazer outras coisas. De lá para cá, nos intitulamos assim.

— Valentina?! — papai disse meu nome numa pergunta seca.

— Nunca nem o beijei, mas ele é meu!

Papai passou a mão pela barba. Ele estava com trinta e sete anos, e não havia quase nenhum cabelo branco nele ainda.

— Querida, ele tem dezenove anos e logo fará vinte. Você é muito nova para ele.

— Você e mamãe tem sete anos de diferença! — indiquei.

— Sim, mas quando fiquei com sua mãe, ela já era maior de idade.

Eu cruzei os braços novamente.

— Você não pode me proibir de ficar com ele.

— Posso, sim.

Bufei, morrendo de raiva.

— Não pode, não! Eu o amo, Eric é meu melhor amigo e o meu futuro marido.

Papai bateu na mesa, fazendo um som alto.

— Você é muito nova para pensar em ter um marido, Valentina! Se continuar com isso, te coloco num colégio interno.

Eu bati o pé no chão, mas já mais calma, até mesmo convencida.

— Mamãe nunca vai deixar, e nem você faria isso. Vocês me amam!

Os lábios de papai se contraíram, mas ele não sorriu.

— Ele pode passar uma semana aqui depois do seu aniversário. Agora suma daqui.

Eu soltei um gritinho e pulei no meu pai, o abraçando apertado.

— Obrigada, papai, Eric vai adorar passar *duas semanas* aqui.

Corri para fora do escritório, ouvindo papai gritar:

— Eu disse *uma semana*!

Subi as escadas o mais rápido que eu conseguia.

— Foi o que eu disse, *três semanas*.

Escutei a risada de papai e sabia que havia conseguido. Entrei no meu quarto e fui diretamente ao espelho, reparando em meu corpo. Eric estava tão forte, eu havia notado pelas fotos que me mandava e pelas vídeo-chamadas. Para aplacar a raiva, o médico receitara que ele gastasse bastante energia na academia, além de praticar vários esportes. Ele estava cada dia mais bonito, enquanto eu ainda era *eu*. Minhas pernas eram firmes e torneadas pelo balé, minha cintura era fina, porém não tinha praticamente peito ou bunda, e isso me deixava triste. Sabia que meu corpo ainda estava em desenvolvimento e que poderia crescer, mas queria que Eric me visse como uma mulher, e não uma menina.

Prendi os cabelos e tentei fazer um olhar mais sensual no espelho, mas não consegui. Nunca precisei fazer esses olhares para os garotos da escola, já que meu coração já havia sido tomado. Com Eric, eu também nunca tinha feito um olhar sensual, ou matador, como dizia tia Carina. Ele era o meu melhor amigo, então eu não ligava que me visse de cabelos para o alto ou suada. Mas, naquele momento, isso estava começando a me incomodar.

Eu me deitei na cama e deixei uma mensagem para minha tia Elena, ela era a única que não julgava a minha relação com Eric. Sabia que já estava tarde, e o fuso horário da Itália só piorava as coisas, já que também tinha seis

horas de diferença, mas eu não poderia evitar. As minhas amigas da escola não entendiam o que eu passava, só achavam legal eu ter um namorado mais velho — algumas delas achavam que era mentira minha.

Tia Elena me ligou depois de eu mandar uma mensagem perguntando se ela estava acordada.

— Pode falar, querida.

— Estava dormindo, tia?

Ela soltou uma risadinha.

— Terminando uns modelos para a próxima coleção.

— Que maravilha! Aposto que estão lindos.

Eu a escutei falando algo para alguma pessoa, e depois tio Damien pegou o celular.

— Oi, princesinha.

— Oi, tio. Como está?

— Eu estou bem, mas por que você está ligando tão tarde? Problemas?

Eu suspirei. Apesar de ser sério, tio Damien aprendeu a gostar da minha relação com Eric, já que passávamos alguns verões quando mais novos lá, sob seu olhar vigilante.

— Papai está sendo muito duro com Eric, tio.

— Tente entendê-lo, o menino já tem quase vinte anos, e sua menininha ainda fará quinze.

Eu suspiro.

— Tudo bem, vou tentar. Vocês virão para meu aniversário, né?

— Não perderíamos por nada, seus primos estão com saudade.

— Também estou morrendo de saudade deles.

Francesca era a cara cuspida do tio Damien, tinha os mesmos olhos esmeralda e os cabelos negros, como todo Raffaelo. Ela, aos oito anos, já chamava muita atenção pela beleza, e eu tinha certeza de que se tornaria uma belíssima mulher. Tia Elena e tio Damien também tiveram um par de gêmeos idênticos anos depois, Vincenzo e Matteo, de seis anos.

Tio Damien falou mais um pouco antes de retornar a ligação para tia Elena.

— Bem, ele já disse tudo. Conversa com Eric para ele pedir você em namoro para seu pai oficialmente, isso vai acalmá-lo pelo menos um pouco. Eu convidaria vocês para passarem as férias conosco, mas duvido que Nick

vá deixar, ainda mais nessa idade, em que os hormônios de vocês estão em polvorosa.

Suspirei, não negando sua afirmação.

— Ele deixou Eric ficar duas semanas aqui, mas você sabe como será. Mandará as crianças ficarem conosco sempre!

Tia Elena riu.

— Se meu irmão está assim contigo, não quero nem imaginar o que Damien fará quando Francesca tiver a sua idade.

— *Nem começa com isso,* bambina. — Escutei meu tio resmungar.

A ordem do relacionamento deles era um pouco confusa, Elena e Damien eram primos e dividiam o mesmo irmão, meu pai. Meu pai, Dominic, era meio-irmão por parte de pai da tia Elena e por parte de mãe por Damien, porém acabou sendo descoberto que na verdade Damien são irmãos por parte de mãe e pai e Elena é só prima dele. O casamento deles foi arranjado, para proteger minha tia de seu pai, que era muito mau, mas acabou que Damien e ela se apaixonaram.

Conversei mais um pouco e desliguei o celular. Enviei uma mensagem rápida para Eric, explicando e dizendo que conversaria com ele no dia seguinte. No meio da noite, Eric me ligou no meio de uma crise de pânico, depois de um pesadelo, conversou comigo, e eu o escutei e tentei acalmá-lo. Quando finalmente desligou, eu liguei para o seu pai, que me contou que aquela era a segunda crise que ele tinha nessa semana, além da de raiva que mencionou antes.

— Vai ser bom ele passar um tempo com você, Valentina. Ao seu lado, ele tem paz. — Ivan suspirou ao telefone.

— Ele tem tomado os remédios certinho?

Ivan riu sem qualquer traço de felicidade.

— Ele está deixando de tomar, querida. Diz que esquece ou que se sente dopado quando os toma. Converse com ele.

— Eu vou — prometi e desliguei.

O que seria da minha vida sem ele?

***

Os preparativos para meu aniversário estavam a todo vapor. Fizeram da sala da minha casa um salão, onde todas as meninas eram maquiadas;

escolhi fazer minha festa um dia antes, para que eu passasse o dia seguinte com a minha família na piscina, curtindo meu aniversário com as pessoas que eu mais amo no mundo e aproveitando o verão.

Olhei para o celular pela quinta vez, e não havia nenhuma mensagem de Eric ainda. Ele prometeu que estaria aqui. Senti meus olhos se encherem de água, mas não chorei. Minha mãe tem uma tatuagem que diz “*Nunca Chore*” na parte de dentro do cotovelo, porém o *nunca* está com um risco vermelho, e ela me ensinou que é normal chorar, é parte da nossa natureza. Mas eu não gostava de desperdiçar minhas lágrimas, sentia que no futuro as usaria muito em meu relacionamento com Eric.

— Ele virá — mamãe disse quando percebeu a minha cara.

Levantei o olhar para ela, que estava terminando de fazer as unhas, seus cabelos já estavam arrumados e sua maquiagem estava feita. Minha mãe foi apelidada pela máfia de A Dama de Vermelho, uma vez que amava tanto essa cor.

— Sim, ele já está aqui — tia Carina completou, e minha mãe lançou um olhar duro para ela. Minha tia se escondeu atrás de uma revista de moda.

O quê? Ele chegou e não me avisou? Onde Eric está?

— O que está acontecendo?

Tentei ligar para ele, porém o celular estava desligado. Queria me levantar, mas meus cabelos estavam sendo arrumados para a festa que começaria em poucas horas.

— Seu pai está tendo uma conversinha com Eric — Mamãe soltou, dando de ombros.

— Mãe! — gritei, revoltada, chamando a atenção de Luna, Iris e Francesca, que conversavam em um canto da sala.

— Você quer namorar sério, não é, Valentina? — Pelo olhar da mamãe, papai lhe contou tudo que conversamos na outra noite.

Respirei fundo e esperei meus cabelos ficarem prontos. Eu me levantei meia hora depois e andei pela sala, inconformada com aquilo. Liguei para papai, tio Jace, tio Damien e até tio Miguel, o último me respondeu dizendo que ainda estava em casa e não estava sabendo de nada, mas que iria até eles, para evitar que brigassem com o menino.

— Não acredito que vocês me esconderam isso — resmunguei, me sentindo traída.

— Hoje é seu dia, e o próprio Eric disse para não contar sobre isso. —

Tia Elena tentou me acalmar.
— Eles não vão fazer nada demais com o menino, eles o amam também.
— Eu sei disso, só...
Não terminei de falar, porque a porta se abriu, e Eric entrou de jeans e camisa polo branca. Corri para seus braços, sem me importar de estar usando apenas um roupão rosa, e o abracei apertado.
— Que saudade, Menina Bonita — ele sussurrou no meu ouvido, me apertando ainda mais contra si.
— Já podem se separar — papai resmungou.
Eu me afastei, mas só um pouquinho, e olhei os grandes homens na sala com os olhos cerrados, antes de voltar a minha atenção para Eric.
— Você está bem?
Ele riu e acenou, então passou a mão pelo meu rosto com delicadeza, admirando minha maquiagem e o meu cabelo feito para a primeira parte da noite. Eu ia mudar de roupa e maquiagem quatro vezes naquela noite.
— Você está maravilhosa.
Minhas bochechas coraram, e sei que ficaram ainda mais rosadas quando ele beijou a ponta do meu nariz antes de se afastar para cumprimentar as mulheres. Meus olhos foram para papai. Eu me aproximei dele e mordi a ponta da unha.
— Como foi?
Tio Jace riu.
— O garoto é duro. — Beijou minha bochecha e foi na direção da tia Carina.
Olho para papai, esperando que falasse mais, porém se mantém de boca fechada.
— Qual é? — reclamei.
— Tudo correu bem — tio Miguel nos interrompeu e me deu um olhar que dizia para eu ficar quieta. Eu aceitei, sabia que ele me contaria tudo depois.
— Tudo bem então. Crianças, temos duas horas antes de irmos para o salão de festas, o que vamos fazer até lá? — tia Carina perguntou animada.
Tio Jace foi à sala de jogos chamar os garotos.
— Mila deve estar chegando com Alanna — tio Miguel indicou, vendo o celular.

Nós nos acomodamos todos na sala, e eu me sentei ao lado de Eric. Quando todos estavam distraídos no meio da conversa, eu cochichei em seu ouvido:

— Como foi?

— Seu pai me fez jurar manter o pau nas calças. — Ele levantou a palma da mão, e eu vi um curativo.

— Ele te obrigou a jurar pelo sangue? — perguntei, incrédula e com um pouco de raiva, a palavra de Eric devia bastar.

— Eu quis, para provar que eu estou falando realmente sério.

Eu suspirei, peguei sua mão e levei à boca, dando um beijo em cima do curativo, sob seu olhar atento.

— Não gosto disso.

Ele sorriu e me envolveu com seus braços.

— Eu não ultrapassaria o limite com você.

Eu o olhei com um pouco de mágoa de ele não querer fazer isso comigo. Percebendo o meu olhar, Eric virou meu rosto para ele.

— Isso não nos atrapalha em nada.

Eu ri sem humor e olhei em volta antes de sussurrar para ele:

— Nós nem sequer nos beijamos ainda, Eric.

Ele aproximou o rosto do meu, esquecendo tudo à nossa volta, e quando estávamos a centímetros de nos beijar, vários homens na sala limparam a garganta, fazendo com que nos afastássemos com uma risada sem graça.

Olhei para os homens, que estavam nos olhando de um modo um pouco divertidos, porém o que pegou meu olhar foram os meus irmãos, que tinham caras amarradas.

— O que foi, meninos? — perguntei de maneira divertida.

Dante estufou o peito e nos encarou, ele e os outros garotos já estavam de terno, com um lenço rosa no bolso do paletó. Todos reclamaram da cor, mas por fim cederam às minhas vontades.

— Você está tentando beijar a nossa irmã?

Olhei para Eric, que tinha as bochechas avermelhadas em contraste com sua pele pálida.

— E se eu estivesse?

Gabriel, o filho do tio Miguel, fez uma cara de nojo.

— Meninas fedem!

Todos da sala explodiram em gargalhadas, e as pequenas encararam os meninos com raiva.

— Você falou que eu estava cheirosa! — tia Mila exclamou, fingindo estar revoltada. O menino se levantou e correu para ela, a abraçando.

— Você não fede, mamãe.

Minhas tias, para atormentar, disseram a mesma coisa, e o pobre menino, com as bochechas vermelhas, passou de uma em uma, dizendo que estavam cheirosas. Ele tinha o charme do pai e sempre tentava nos engambelar quando fazia merda. Quando chegou a minha vez, ele olhou primeiro para Eric antes de voltar a sua atenção para mim.

— Você também é cheirosa, Val.

Eu beijei sua bochecha, e ele ficou mais vermelho ainda. Todo mundo sabia que ele tinha uma queda por mim. As pequenas também pediram para ele ir até elas dizer isso, porém o menino cruzou os braços.

— Mamãe me ensinou a não mentir.

As meninas ficaram revoltadas, e sobrou para os pais falarem que elas eram lindas e cheirosas. Finalmente deu a hora da festa, e todos foram para seus carros, eu sairia por último, junto com minha mãe e meu pai.

— Vou te esperar na porta — disse Eric, beijando meu rosto e colando a testa na minha antes de correr para pegar carona com tio Miguel.

***

— Você está linda, filha — papai disse quando me ajudava a sair do carro.

Para o começo da festa, a recepção, eu estava usando um vestido longo de cetim rosa-claro, que marcava meu busto e descia mais soltinho. Todos os vestidos da noite foram feitos por tia Elena especialmente para mim, como presente. Depois de cumprimentar todos os convidados, fiquei mais um pouco com o vestido, tirando fotos antes de trocá-lo para a dança dos quinze, junto com as minhas amigas da escola de balé. O vestido escolhido era de um tom champanhe, com a saia cortada em tiras, de um fino tecido transparente branco. Meus cabelos estavam soltos, e eu usava minhas sapatilhas de balé.

— Você vai estar perfeita. Eu vi algumas partes do ensaio que você mandou, e só aquilo já foi de tirar o fôlego. — Eric acariciou meu rosto

enquanto eu esperava ser chamada atrás da cortina.

— Quero que você fique na primeira fila, a dança é para você.

Ele sorriu, feliz, sua leve covinha na bochecha apareceu. Eric tinha feito a barba e estava com o rosto lisinho.

— Estou honrado.

Fui chamada e me preparei, Eric beijou minha testa e se afastou. Eu queria um beijo de verdade antes de entrar lá, mas sabia que era capaz de cair por causa das pernas trêmulas. Um solo de violino começou a tocar, e eu saí de trás das cortinas já nas pontas dos pés; aos poucos, a pequena orquestra fez o belo som ecoar por todo o lugar. O salão estava escuro, e o centro, iluminado como se fosse uma lua.

Comecei a dançar nas pontas dos pés e fiz alguns movimentos doces, minhas amigas apareceram ao meu lado e me acompanharam. Todos olhavam encantados para a nossa delicadeza e sincronia, mas eu mantinha meus olhos em Eric durante toda a música. Ele sempre gostou das minhas apresentações e vinha vê-las sempre que podia. Dançava para ele, somente ele.

Quando a música acabou, fui trocar de roupa para a dança com meu pai, e então com Eric. Meu coração estava mais acelerado do que já esteve antes. Terminei de colocar o vestido longo, branco, rodado. Parecia um pouco de casamento, mas o corpete de renda num tom claro de rosa dava um detalhe único.

— Você está linda — papai disse enquanto me levava para o centro do salão. A música tema da Bela e a Fera começou, e eu sorri: era o meu filme favorito, me lembrava muito Eric e eu.

— Obrigada, papai. Tudo está perfeito — falo, emocionada com a festa com que eu sempre sonhei.

Ele beijou minha testa.

— Tudo que você quiser, minha princesinha.

A música mudou, e Eric apareceu ao lado de meu pai.

— Posso dançar com ela?

Papai acenou.

— Mãos acima da cintura, rapaz.

Nós rimos enquanto Eric colocava as mãos na minha cintura, e eu colocava as minhas em seu pescoço. Estava com saltos altíssimos e minha testa encostou na sua boca. *Eye Of The Needle* começou a tocar, e eu sorri. Minha mãe e minha tia amavam a Sia, e eu passei a minha vida inteira a

ouvindo. De todas as músicas, essa sempre foi a minha favorita.

— Você ama essa música. — Eric lembrou, sorrindo, e se eu não já tivesse me apaixonado por ele antes, eu estaria o fazendo a partir daquele instante. Ele se lembrava de cada momento nosso.

— Ela se encaixa tanto com a gente — soltei, então minhas bochechas coraram.

Ele sorriu.

— Sim, se encaixa muito bem. É a nossa música?

Eu sorri de volta, sem conseguir evitar.

— Sim, é a nossa música.

Cantarolamos, nos olhando nos olhos. Eu não conseguia pensar nas pessoas à nossa volta, e se Eric não me guiasse com a dança, eu provavelmente estaria parada só o observando.

Você está trancado em meu coração
E sua melodia é uma arte
E não deixarei o terror entrar, estou roubando tempo
Pelo buraco da agulha

Eric desceu os lábios para perto de minha orelha enquanto cantava a música para mim, me fazendo ficar arrepiada e emocionada por seu amor. Quando a música acabou, ele me derrubou para trás com delicadeza e beijou a minha testa antes de me levantar de volta. Eu estava com um sorriso tão grande, que minhas bochechas começaram a doer. Meu coração se encheu de amor, e mais ainda quando eu vi que tudo fora filmado e seria eternizado além da minha mente, para eu rever para sempre esse momento. Todos bateram palmas, e a festa continuou. Em seguida, fui apresentar Eric para as minhas colegas da escola e do balé, e as meninas que duvidavam de mim ficaram envergonhadas e invejosas.

— Então você é realmente namorado dela? — Carli, a irmã mais velha de Mag, a minha colega de sala, perguntou, torcendo o seu longo cabelo preto com os dedos e olhando sensualmente para ele.

Mag cutucou a irmã, claramente envergonhada com a investida, mas a irmã a ignorou.

— Sim, sou de Valentina desde sempre, e sempre serei — ele respondeu, segurando minha cintura.

Eu não pude evitar um sorriso convencido e puxei Eric pela mão para longe de todos. Ele parou na mesa do bolo e retirou dois docinhos, seguimos nosso caminho sem sermos incomodados por ninguém. Quando chegamos à sacada, eu respirei o ar fresco da noite. Olhei a bela cidade em que vivia e sorri, amava Boston com toda a força, mas também amava Eric e sabia que quando nos casássemos, dali a alguns anos, precisaria deixá-la para trás.

— No que está pensando? — perguntou, me estendendo um brigadeiro. Eu estava tão acostumada com esse doce típico, que já até sabia fazer, apesar de acreditar que mais da metade dessas pessoas na festa não soubesse o que era aquilo.

Eu mordi um pedaço e dei suspiro quando o chocolate grudou no meu dente e começa a derreter na minha língua enquanto mastigava o granulado.

— Só que eu amo essa cidade.

Ele sorriu e terminou de comer o brigadeiro dele. Eu peguei o restante do meu e levei até sua boca. Eric aceitou sem reclamar ou hesitar.

— Eu também gosto muito dela. — Ele passou a mão pelo meu rosto, e eu sorri com o seu carinho. — Sua festa está maravilhosa. Você está perfeita.

Abri um largo sorriso.

— Não sou perfeita, mas amo que você me ache. — Minha boca começou a ficar seca, e eu lambi os lábios, o que atraiu os olhos de Eric para eles. — Eric — eu disse com a voz fina.

— Sim? — Ele levantou os seus belos olhos azuis para mim.

— Se lembra que eu falei que queria te dar um presente?

Ele sorriu e acenou.

— Sim, me lembro também que eu ainda não te dei o seu — ele apontou.

Eu segurei a sua mão.

— Você está aqui, é o melhor presente que eu podia receber.

Eric se aproximou, e eu prendi a respiração, fechando os olhos. Será que me daria meu primeiro beijo? Em vez disso, ele beijou a minha testa.

— Seu presente está aqui. — Ele pegou a minha mão e colocou em cima do seu coração. Eu sorri, emocionada: Eric me deu o seu coração.

Respirando fundo, eu levantei a cabeça e segurei sua nuca, o puxando para mim e colando nossos lábios. No primeiro momento, foi só um selinho, os lábios se encaixaram perfeitamente. Então eu coloquei a ponta da minha

língua para fora e passei por eles. Eric abriu a boca, e nós entrelaçamos nossas línguas, em uma brincadeira de descoberta, até que pegamos o jeito. Nosso primeiro beijo. Eric manteve minhas mãos em seu peito, enquanto a outra estava na minha cintura, me puxando para junto dele. Eu sorri contra sua boca, feliz com o momento.

Nós encostamos as testas uma na outra enquanto respirávamos em sintonia.

— Uau — murmurei feliz, sem esconder o enorme sorriso no meu rosto.

Ele também sorriu.

— Essa noite ficará marcada para sempre na minha vida, assim como todas as outras.

Quando a minha noite de contos de fadas acabou e eu fui para meu quarto, tampei a boca para evitar gritar. Eric. Eu sabia que tinha sido ele, assim que vi meu quarto, quem havia enchido todo o cômodo com rosas vermelhas, e no centro da cama havia um lindo estojo com um colar delicado, com um diamante rosa central, cravejado de diamantes em sua volta. Não sei quanto tempo fiquei olhando a belíssima peça, e sem dúvida a guardaria dentro do meu cofre. Olhando-a, tive certeza de que a usaria no nosso casamento.

Escutei um barulho na porta, e, quando me virei, a minha respiração parou e lágrimas caíram dos meus olhos ao ver Eric encostado na minha porta, vestindo apenas calças de moletom. Mas o que chamou a minha atenção era que de um ombro a outro estava escrito meu nome, em letras grossas, como se gritassem que ele me pertencia completamente.

— Eric — murmurei, sem saber o que dizer, nunca esperaria por isso.

— Sou seu até o último dos meus dias, Valentina.

CAPÍTULO 1

Quando eu era jovem, me apaixonei
Costumávamos dar as mãos, cara, isso era o suficiente (sim)
Aí crescemos, começamos os toques
Costumávamos nos beijar embaixo da luz
***Eastside* – Benny Blanco, Halsey & Khalid**

Atualmente
VALENTINA

Terminei o meu trabalho do dia e me estiquei antes de deixar a sala do ginásio. Uma dor de cabeça me tomou, mas respirei fundo, me concentrando em sair do trabalho plena e com a pose que era esperada de mim. Eu me formei em administração há um mês, e até agora não tinha conseguido o queria. Eu me preparei, já sabendo que brigaria com meus pais novamente quando voltasse para casa.

A maioria dos filhos saem da casa dos pais quando entram na faculdade para nunca mais voltar, porém eu não tive essa sorte. Fiz exatamente tudo o que meus pais queriam para deixá-los felizes, antes que finalmente me deixassem ir, mas isso não aconteceu. Vi os anos se passando, e eu ainda não estava nos braços de Eric, mesmo com vinte anos — quase vinte e um. Era triste não ter o controle da própria vida.

— Boa noite, senhorita Raffaelo — um dos lutadores disse quando eu passei por ele.

— Até mais, gata! — Minotauro, um dos melhores lutadores, gritou do ringue. Eu assenti, piscando um sorriso para ele.

— Vai ser hoje que conversará com eles? — Aldo, o meu chefe, perguntou, terminando de fumar o seu cigarro na porta do ginásio. Balancei a cabeça em resposta.

— Isso ainda vai te matar, velho — brinquei, piscando docemente. Ele percebeu que eu não queria falar sobre o assunto e acenou de volta. Aldo já estava com seus quase setenta anos, mas ainda se mantinha trabalhando e fumando como uma chaminé. Ainda era forte, alto e com uma aparência fechada. Raspava os cabelos, o que lhe dava uma aparência de mau, com

todas as tatuagens e cicatrizes de luta, porém era um docinho quando o conhecia. Eu o conquistei levando doces no primeiro dia de trabalho.

Ele cuidava mais dos lutadores, os iniciados da máfia vinham aqui para fazer seu treinamento e condicionamento físico, com a ajuda de outros membros. Era um espaço enorme, com muitos equipamentos, gaiolas e ringues.

Este lugar já trouxe muita dor de cabeça para meus pais, uma vez que meu pai escondeu da minha mãe por anos esse espaço: acreditava que ela desejaria treinar aqui, rodeada por homens, e que acabaria se machucando.

— Fale com calma e imponha que você já é adulta. — Ele apontou o restante do cigarro para mim antes de jogá-lo no chão e pisar. — Não os deixe controlar a sua vida, menina. Ela é muito longa para se passar sem o amor.

Eu me aproximei e o abracei. Aldo reclamou um pouco, mas me apertou em seus braços. Saí dali um pouco mais calma e com um leve sorriso no rosto. Quando papai me colocou no estágio em um dos seus empreendimentos, a meu pedido, eu tinha dezoito anos e nunca imaginaria que ele me colocaria logo num ginásio de treinamento para o underground e iniciados, como assistente do chefe do espaço. Aldo me adotou como uma neta, e rapidamente nos demos bem.

Não demorei muito a perceber que esse emprego era uma maneira de meu pai tentar me afastar de Eric. Acho que ele esperou que eu me apaixonasse por um lutador, que, para ele, era menos fatal do que Eric. Durante os anos, Eric só piorou, e as crises de raiva se tornaram mais frequentes, houve inclusive alguns episódios mais sérios. Com isso, papai o proibiu de me ver durante várias visitas. Eu era a sua criptonita, e ele, o meu *veneno* diário que eu precisava para *viver*. Mas isso não nos impediu de nos vermos, eu sabia como fugir dos seguranças, aprendi com o passar dos anos, e fazia isso frequentemente quando Eric estava na cidade. Meus pais nunca descobriram.

Eu não queria só existir, eu precisava viver e ser feliz ao lado do homem que eu escolhi para mim quando ainda era uma garotinha.

Durante o caminho de volta, liguei para meu bisavô, que atendeu no terceiro toque.

— Vai falar com eles hoje? — ele me perguntou assim que atendeu. As únicas pessoas que sabiam o que eu faria eram meu bisavô e Aldo, e os

dois apoiavam a minha decisão de ser feliz.

— Sim, você acha que é um bom momento? — Mordi a ponta da unha, nervosa.

— Sim, essa semana, conversei com ele. Seu pai e sua mãe são bem possessivos sobre você, ambos acham que você precisa permanecer intacta no pedestal. — Ele bufou. — Ninguém fica muito tempo dentro de um no nosso mundo, mas eles acham que podem fazer isso com você.

— Eu abri mão do meu pedestal desde o dia em que conheci Eric.

Eu amava conversar com pessoas mais velhas, acho que o convívio com meu bisavô Santiago e minha bisa Maria fez isso comigo. Eu nunca conheci os meus avós, pais da minha mãe, que morreram quando eu era muito pequena, e o meu avô paterno, Victor, morava na Sicília, então não conseguia vê-lo tanto junto com sua esposa Regina, que era uma avó para mim também. Meus bisavós, chamados carinhosamente de vó Maria, avó de minha mãe, e vô Raffaelo, avô de meu pai, supriram essa necessidade como ninguém. Mesmo quando vovó morava no Brasil, ainda conversava bastante com ela, e quando ela morreu, dois anos atrás, eu fiquei arrasada com sua perda. Eu tinha muito contato com meu vô Raffaelo, que morava somente a vinte minutos da minha casa.

— Então lute, querida. Não desista.

Desligamos a ligação, e eu vi Kai me olhando de canto de olho, ele era um dos meus seguranças e um dos homens de mais confiança de papai, esteve comigo desde que me lembro por gente.

— O que você acha.

Kai balançou a cabeça.

— Seus pais estão simplesmente com medo de que você os esqueça depois que for embora. Prove o contrário.

Eu assenti, pensando sobre isso, e sorri para ele.

— Você vai sentir minha falta também, que eu sei.

Ele bufou, mas acenou em seguida.

— Você tem uma luz que ilumina todos à sua volta. Sentiremos falta.

Eu sorri, emocionada.

— Também vou sentir muita falta de vocês.

Cheguei em casa, e mal tinha entrado, quando vi minhas malas prontas, eu as havia escondido no meu quarto. Meus olhos foram para papai, que estava com raiva. Mamãe, ao seu lado, não estava muito melhor.

— Você estava querendo fugir? — papai perguntou com a voz desprovida de emoção, mas eu podia ver a dor da traição ali.

Eu cruzei os braços defensivamente, olhei para mamãe, esperando-a me defender ou me dar um voto de confiança, mas ela não o fez.

— Nunca iria fugir — contestei. — Vocês me ensinaram a enfrentar os problemas de cara, e não como um rato fujão.

Papai respirou fundo e olhou para as minhas malas. Eram quatro no total, todas grandes e cheias das minhas coisas.

— E o que é isso?

Eu bati o pé no chão.

— Não sou mais uma criança, papai. Tenho quase vinte e um anos e sou responsável por minha vida e ações. Vocês não podem me prender por mais tempo. Eu fiz a porcaria da faculdade que vocês tanto queriam. Vocês acham que eu não sei que moveram pontos para eu entrar em Harvard? Minhas notas eram boas, mas não tanto assim...

— Porque você só queria saber de ficar com Eric durante o seu último ano na escola — papai argumentou e mamãe concordou com a cabeça. — Suas notas eram ótimas, apesar disso.

Eu balancei a cabeça, e mamãe continuou:

— Nós só fizemos isso para o seu bem, para ter tempo para pensar. Você sabe muito bem que o casamento na máfia é eterno.

— Eu já fiz a minha escolha há muito tempo, mamãe.

Estendi a minha mão, mostrando o anel que por tantos anos coloquei no pescoço e que, naquele momento, estava onde merecia. Eu tinha mandado o joalheiro apertá-lo um pouco, para caber perfeitamente no meu dedo.

— Eu o amo. — Eu me virei para papai. — Você tem que olhar para minha relação com Eric como chefe de uma máfia, não como pai. Você sabe que ganhará muito com essa união, papai.

Papai se manteve calado. Mamãe assentiu, sabendo que eu não mudaria de ideia.

— Eu vou me casar com Eric vocês querendo ou não. Eu nunca vou desistir dele — anunciei, mesmo doendo me impor desse jeito sobre meus pais. Nunca os encarei de frente, mas dessa vez era preciso. Minha felicidade precisava disso.

— Você tem certeza disso? — papai me perguntou, eu podia ver que era a última vez que ele me perguntaria isso.

— Tenho.

Meus pais nada disseram, pelo menos não estavam brigando ou me dando olhares decepcionados. Eu me aproximei deles e os puxei para um abraço. Com o passar dos anos, fiquei um pouco mais alta que minha mãe, agora eu tinha 1,75m de altura.

Papai pegou meu rosto em mãos.

— Eu sou seu pai, Val. Antes de ser capo, eu sou seu pai, e quero o seu melhor sempre.

— O meu melhor é Eric, papai.

Ele acenou e suspirou.

— Você precisa conversar com Ivan e...

— Eu sei de *tudo*, pai. Já sei faz algum tempo.

Eles me olharam, surpresos, não sei ao certo se era por eu saber dos problemas de Eric ou por aceitá-los e continuar a o amar do mesmo jeito.

— Eu não vou me afastar de vocês, se é o que estão pensando, estarei sempre aqui, e vocês podem me visitar sempre. Sem falar nas ligações mensais que farei...

— Semanais — papai me cortou, sorrindo de lado, assim como a minha mãe.

— Sim, semanais. Eu nunca vou me afastar de vocês.

— Você não vai querer esperar até os seus vinte e um, né? — papai brincou, e eu bufei uma risada.

— Nem pensar. Esperei a minha vida toda, papai. Não posso mais.

Ele olhou nos meus olhos, vendo que eu realmente desejava isso.

— Você tem a minha benção. — Ele beijou a minha testa antes de se afastar. — Mas ainda quero conversar e oficializar isso com Eric! — gritou, saindo sem se virar para nos olhar uma última vez.

Olhei para mamãe quando estávamos sozinhas, e ela tinha lágrimas nos olhos.

— Você cresceu tanto. No fundo, eu sabia que você não voltaria atrás, eu vi o seu olhar na sua festa de quinze anos. Sabia que você faria de tudo por ele. — Mamãe beijou a minha testa. — Assim como o seu pai, eu quero que você seja feliz, mas esse menino tem tantos problemas, filha. — Suspirou.

— Papai é bipolar, e mesmo assim você o ama como ninguém. Isso é amor, mamãe. É aceitar as diferenças e defeitos, é cuidar e simplesmente amar.

Mamãe limpou a lágrima que caía.

— Quando foi que você virou filósofa? — brincou.

Eu a abracei apertado.

— Eu te amo, mãe, mas você precisa me deixar voar.

Nós nos sentamos para jantar juntos. Dante e Dimitri já estavam praticamente homens formados aos quinze anos, eram da minha altura e não demoraria muito para me passarem. Ambos eram bonitos, e eu tinha certeza de que as meninas ficavam caídas só com um olhar deles. Iris, a nossa princesinha, estava entrando na pré-adolescência, com onze anos. Ela estava se desenvolvendo rápido e andava muito com Luna e Alanna, o que a fazia ter uma mentalidade mais madura para a idade. Isso deixava meu pai, tio Jace e tio Miguel de cabelos em pé.

— Meninos, temos uma notícia para contar a vocês — mamãe começou depois que terminamos a refeição.

Os olhares dos meus três irmãos foram para mim, eles praticamente já sabiam o que estava acontecendo; estivemos nessa por anos.

— Valentina vai se casar com Eric — papai anunciou como se estivesse dizendo que eu morri. Iris também percebeu isso.

— Credo, papai. Parece que está dizendo algo fúnebre. — Ela se benzeu.

— Isso é sério? — Dante perguntou, procurando meus olhos. — Você vai se casar com ele?

Eu assenti.

— Sim, eu vou.

— Vai morar na Alemanha? — Dimitri perguntou, triste, ele era mais sensível.

Balancei a cabeça novamente, e Iris bateu palmas.

— A mansão de Munique é fabulosa, vocês vão morar lá? — ela perguntou, animada. Passamos as férias lá há dois anos. Minhas bochechas coraram ao lembrar o que aconteceu naquele lugar.

— Sim, vamos morar junto com a família de Eric.

Papai soltou um suspiro aliviado, que eu não sabia que estava prendendo. Ele tinha medo de que eu ficasse sozinha com Eric?

— Papai, ele nunca me fará nenhum mal — resmunguei, revoltada por pensar tão mal de Eric. Ele o conhecia desde que tinha dez anos!

— Eu quero um amor assim, igual ao da Val, um que dura anos e

anos. — Iris suspirou, sonhadora, e três pares de olhos foram para ela. Discretamente, minha irmã piscou para mim, ela tirou a atenção de mim para ela.

Apesar de ser bem mais velha que ela, eu a considerava uma amiga querida, assim como as minhas outras primas mais novas.

— Você tem que pensar é em estudar, menina — papai intimou, fazendo mamãe rir.

— Na sua idade, eu já dava uns beijinhos.

Papai pareceu prestes a explodir e só piorou quando Dante comentou baixo:

— E anos mais tarde, até filho teve — brincou, me fazendo rir e fazendo mamãe corar.

— Me respeita, moleque. — Mamãe então apontou o garfo para mim. — Se prepare para ficar atarefada com os preparativos de seu noivado e casamento. Amanhã vamos nos reunir com a organizadora.

Assim continuamos o jantar. Quando entrei no meu quarto, liguei para Eric por vídeo-chamada. Ele tinha mudado um pouco nesses cinco anos. Agora parecia ainda mais viril e bonito, se isso fosse possível. Ele tinha uma leve barba por fazer, que eu agora adorava — o gosto muda com o tempo.

— Oi, linda.

— Oi, noivo. — Sorri, vendo seus olhos arregalados.

— Ele deixou?

— Sim, viu as minhas malas, e foi o de sempre, brigamos, mas depois ele deixou. Sabia que eu iria embora com ou sem a sua benção.

Eric passou a mão pela barba. Ele sempre respeitou muito o meu pai, e para ele a benção era uma coisa realmente importante. Quantas vezes eu tentei convencê-lo a fugirmos e nos casarmos em Vegas, mas ele sempre negou veemente... Pelo amor de Deus, ele quase não tirou minha virgindade quando eu fiz dezoito e viajei para sua casa junto com meus irmãos. Eric ficou muito mal com a quebra de confiança, mas eu consegui engambelá-lo logo, como fazia sempre. A única pessoa que sabia que eu me entreguei para ele era seu pai, Ivan, que pela manhã me mandou voltar para meu quarto antes que meus irmãos fossem averiguar se eu estava realmente lá, já que meu pai pedira que me vigiassem durante a viagem.

Ivan era o melhor sogro do mundo, e a minha relação com ele era muito boa, assim como com Heiko, irmão mais novo de Eric, de vinte e

quatro anos, e Sophia, a caçula de dezoito. Eric era um pouco possessivo comigo, não me deixava ficar muito com seus irmãos quando eu estava lá e nunca deixou os irmãos virem junto com ele durante todos esses anos para minha casa. Eu acreditava que fortaleceríamos os laços uma vez que morássemos na mesma casa.

— Ainda não estou acreditando — ele confessou, e então uma lágrima escorreu por seu rosto. — Nós vamos nos casar?

— Vamos. — Eu também chorei, emocionada.

— Vamos ficar juntos para sempre?

— Sempre, e sempre, meu amor.

CAPÍTULO 2

Eu te conheci no escuro
Você me iluminou
Você me fez sentir como se
Eu fosse suficiente
Nós dançamos a noite toda
***Say You Won't Let Go* – James Arthur**

DOIS ANOS ANTES...
ERIC

Minhas pernas tremeram enquanto eu observava Valentina desfilar pela piscina interna da minha casa com um pequeno maiô preto. Tinha de dividir a minha atenção entre a observar e olhar cada filho da puta que a estava vendo desse jeito. Fechei minhas mãos em punhos, imaginando quantos estavam pensando nela, mas perdi qualquer raciocínio quando Valentina me olhou e sorriu, colocando uma mecha de seu lindo cabelo dourado atrás da orelha.

Eu me aproximei, observando cada parte do seu corpo. Durante os anos, a vi poucas vezes pessoalmente, e isso só fez ficar mais evidente as mudanças em seu corpo. Por fazer balé, ela tinha as pernas bem torneadas, cintura fina e peitos perfeitos, que eu tenho certeza de que caberiam em minhas mãos. Depois do seu aniversário de quinze anos, continuamos a nos beijar, e sempre foi maravilhoso, nunca exigi algo a mais dela, por respeito, mas estava ficando cada dia mais difícil resistir a seu encanto.

— Vem me pegar, Eric! — ela gritou, e então se virou de costas, mergulhando na água.

Seus irmãos riram e fugiram junto com ela, Iris só assistiu, rindo. Minha irmã Sophia os acompanhou, rindo animadamente. Eu mergulhei na água, ouvindo a risada de meu pai, que estava sentado numa cadeira junto com a minha madrasta, Catherina, nos observando brincar.

Dominic havia deixado os filhos virem para Munique, para distrair as crianças depois da morte da bisavó de Valentina. Todos ficaram abalados pela perda, principalmente as crianças.

Peguei Valentina pelo pé e a puxei para mim. Seu peito subia e descia pela corrida, e eu retirei o seu cabelo molhado do rosto. Ela olhou para minha boca e lambeu os lábios. Pude ver seus mamilos excitados através do biquíni e olhei em volta, para ver se ninguém estava olhando para ela. Valentina envolveu os braços em volta do meu pescoço e sussurrou no meu ouvido:

— Hoje à noite.

Ela não precisava dizer mais nada. Engoli em seco, pode parecer tosco um virgem de vinte e três anos, mas eu nunca senti vontade de fazer isso com qualquer outra mulher, apesar das tentativas de meu pai.

— Tem certeza? — perguntei em um fio de voz. Valentina sorriu, corada, e se grudou mais em mim, envolvendo as pernas na minha cintura.

— Sim, eu quero.

— Vão parar de fofocar aí? — Dante gritou do outro lado da piscina, me lançando um olhar cerrado. Ele era bastante parecido com o pai, e tão ciumento quanto. Dante e Dimitri já estavam com treze e doze anos, e logo seriam convertidos para a máfia, esse brilho infantil logo se apagaria.

— Dois segundos para você correr, camarada! — gritei de volta, e ele começou a nadar para o mais longe de mim possível.

Beijei de leve os lábios macios de Valentina, sentindo o gosto de morango do seu brilho labial. Eu me afastei dela, nadando rapidamente até seu irmão, que tentava sair da piscina. Eu o afoguei, e em seguida Dimitri se juntou a ele, para tentar me afogar também. Heiko veio ajudar a acabar com os pestinhas. Valentina ficou brincando com Iris e minha irmã Sophia de jogar bola, e rapidamente nos juntamos a elas.

Heiko, além de meu irmão, era meu melhor amigo, leal, divertido e sempre tentava me fazer ver o lado positivo das coisas, o que ajudava a me manter quando me perdia e não tinha Valentina comigo. Apesar de ter só vinte e dois anos, era muito sábio. Sophia é a caçula da família, com só dezesseis anos, a princesa dos Hoffmann.

Tenho de confessar que, desde que conheci Valentina, não permiti que meus irmãos fossem para Boston conhecê-la pessoalmente, não queria dividir a atenção dela. Sempre quis Valentina só para mim.

***

Quando a noite chegou, eu andava de um lado para o outro. Queria ter

coragem de ir até seu quarto, mas não conseguia. Sentia como se estivesse traindo a confiança que Dominic colocou sobre mim. Eu não era um animal excitado que quer entrar na sua namorada... talvez um pouco, mas eu sou homem.

Observei o quarto todo arrumado para nós. Meu quarto era o único no último andar, gostava de ter meu espaço, e papai não contestou quando lhe pedi, ainda aos quinze anos, para ficar com o cômodo mais separado de todos. Não era por eu não os amar, mas sim porque eu queria ter meus pesadelos sem acordar rodeado de pessoas e ver seus olhares de pena, ou poder destruir tudo sem ser incomodado. Havia horas em que eu somente queria ficar sozinho sem qualquer barulho, sem a companhia de ninguém. Pensei muitas vezes em me mudar, mas meu pai nunca deixou, ele tinha medo por mim. E eu sabia que, daqui a alguns anos, teria Valentina como minha esposa e não poderia sequer pensar em colocá-la em perigo, preferia morrer a isso.

Passei o olho pelo quarto mais uma vez, confirmando que tudo estava no devido lugar. Minha cama dossel estava arrumada com novas roupas de cama e travesseiros. Coloquei algumas velas perfumadas pelo quarto, queria que a nossa primeira noite fosse perfeita. Ao fundo, música clássica tocava. Eu aprendi a gostar depois de ver diversas apresentações de balé de Valentina, ouvir essas músicas me fazia lembrar dela.

Escutei o barulho da porta sendo aberta e olhei bem a tempo de ver Valentina de costas para a porta, a fechando com delicadeza e de olhos fechados, com medo de fazer qualquer barulho. Minha vontade era de rir, mas passou quando a vi. Valentina estava usando um longo roupão rosa, seus cabelos estavam arrumados com belos cachos, porém seu rosto estava sem qualquer maquiagem.

— Oi — ela disse, tímida, se aproximando de mim.

— Oi. — Acariciei seu rosto. — Você está certa de que quer isso?

Ela respirou fundo e assentiu, então deixou o roupão cair. Ela não estava usando nada por baixo.

Mantive os olhos nos seus, querendo provar que eu a queria toda, e não somente seu corpo.

— Você quer fazer isso? — perguntei novamente enquanto ainda tinha algum controle.

Valentina ficou na ponta dos pés e me puxou para ela, colando os

nossos lábios. Sua boca tomou a minha, e ela me beijou como se precisasse de mim, como se eu fosse a sua vida.

— Não se contenha, somos só nós, Eric... — ela sussurrou, passando o nariz contra o meu.

Minhas mãos lentamente foram para a sua cintura.

— Justamente por ser você, eu não quero a assustar.

Minhas mãos estavam trêmulas, não por medo da minha primeira vez, mas por Valentina. Queria suprir qualquer expectativa que ela tivesse para essa noite, queria que ela sempre se lembrasse com carinho, assim como eu me lembraria.

Ela voltou a me beijar e pegou minha mão, colocando sobre o seu seio. Ela gemeu contra os meus lábios quando meus dedos passaram por cima do bico duro. Comecei a nos levar para a minha cama, mas parei.

— Não sei se é certo o que vamos fazer, eu sinto como se estivesse quebrando a confiança que seu pai colocou em mim.

Ela acariciou meu rosto.

— Esse é nosso momento, ele não tem nada a ver com isso. Você sempre foi meu, Eric, e sempre será. Nós adiamos demais, e eu preciso disso, sentir seu corpo contra o meu. Eu estou pronta.

Com a sua fala doce, Valentina me ganhou, e pelo seu olhar, ela já sabia disso. Mas eu ainda precisava de um pouco mais de tempo.

— Um segundo — disse, indo até o som e trocando a música.

Escolhi a música que dançamos na sua festa de quinze anos, e mesmo depois de tanto tempo, aquela ainda era a nossa música. *Eye Of The Needle* começou a tocar, e Valentina sorriu, relaxando de leve. Eu terminei de colocar a canção no *repeat* e fui até ela.

— Me concede essa dança?

Ela acenou, pegando minha mão, mas depois hesitou e mordeu o lábio.

— Eu vou dançar nua?

Meus olhos caíram para seu belo corpo nu pela primeira vez, e eu perdi o ar. Ela era perfeita. Seu corpo era uma poesia que eu guardaria só para mim, não deixaria ninguém mais ler Valentina. Suas curvas deixaram meu coração mais acelerado, seus seios empinados, com mamilos arrepiados implorando para serem chupados, seus belos e delicados pés, de unhas pintadas de rosa, pernas torneadas e sua intimidade aparada me deixaram com

água na boca.

Arranquei a camiseta e calça, ficando só de cueca para não a assustar.

— Melhor assim?

Valentina analisou todo o meu corpo. Olhei para seus seios, que ficaram mais tensos. Peguei seu olhar direto no meu pau, bem marcado na cueca. Ela suspirou, estava excitada só de me olhar.

— Sim, muito melhor — disse com a respiração mais forte.

Ela enrolou as mãos pelo meu pescoço, e eu coloquei as mãos em volta da sua cintura enquanto dançávamos. Não havia nada de erótico naquele momento, era um encontro de almas se ligando mais uma vez, com a promessa de ser eterno. Depois dessa noite, nada nem ninguém conseguiria nos separar. Viramos um, e assim seríamos até o nosso último suspiro.

Valentina ficou na ponta dos pés e cantou no meu ouvido:

— *Você está trancado em meu coração. E sua melodia é uma arte. E não deixarei o terror entrar, estou roubando tempo. Pelo buraco da agulha.*

Eu me emocionei com ela cantando para mim e a abracei mais forte. Os lábios de Valentina encontram os meus, e ela começou a me arrastar para a cama. Quando se deitou, eu a beijei e esqueci qualquer coisa, exceto nós nesse momento, nos tornando um.

Quando nossos corpos se conectaram, eu sabia que nunca ninguém nesse mundo teve ou teria uma ligação igual à nossa. Fiz uma promessa a mim mesmo que jamais a machucaria o suficiente para ela desistir de nós dois. Que seus lábios seriam para sempre meus, assim como minha vida pertence a ela.

CAPÍTULO 3

Eu tenho observado você por algum tempo
Não consigo parar de olhar
para esses olhos de oceano
Cidades ardentes e céus de napalm
Quinze chamas dentro daqueles olhos de oceano
***Ocean Eyes* – Billie Eilish**

Atualmente
VALENTINA

Eu estava pirando. Definitivamente não estava normal. Saquei o celular, diminuindo o brilho para não ser descoberta. Segurei meu nariz quando mostrei sinais de que espirraria por causa da poeira. De todos os lugares da mansão, logo esse, que sempre fora meu esconderijo, não era limpo há séculos. Talvez porque ninguém no mundo se escondesse debaixo de uma escada. *Cara, como Harry Potter conseguia morar debaixo de uma?*

Digitei o número que sabia de cor e esperei somente dois segundos antes que ele atendesse.

— Você precisa me tirar daqui, estou ficando louca! — fui logo falando, tentando não gritar.

Ouvi a risada de Eric.

— Está se escondendo novamente?

— Sim, quando disse que nos casaríamos, achei que você iria me ajudar. — Ele voltou a rir do outro lado. — Você está rindo de mim?

— Gata, já está tudo pronto. Deixa as suas tias cuidarem do restante, só escolhe o que quer. — Eu franzi a testa com suas palavras, mas Eric continuou: — Em breve nós dois estaremos nus numa praia deserta, só gozando da vida.

— Eric?

— O que foi, gata?

Controlei minha respiração. Ele estava no meio de um episódio, estava maníaco, eu tinha certeza. Não podia desligar o celular para ligar para seu pai ou Heiko sem antes saber onde ele estava. Não acontecia sempre,

somente quando algo o agitava e o tirava de sua zona de conforto. Ele tinha um lado maníaco onde ele acaba tendo uma euforia, se sentia o melhor homem do mundo, que ele era melhor que todos e que a vida era uma festa. Normalmente isso seguia do seu lado que foi nomeado por ele mesmo de monstro.

A bipolaridade não é uma segunda personalidade, como as pessoas pensam, é mais como um estado de espirito, uma alteração de humor. Meu pai tem um grau leve, então já estava acostumada a isso, mas Eric tinha um nível avançado, com estados maníacos e depressivos, e apesar de ajudar, eu não estava realmente lá, acompanhando durante o tempo todo. De repente minha ficha caiu, eu passaria a acompanhá-lo de perto depois que nos casássemos. Será que eu estaria preparada para isso?

Com meus estudos e com a ajuda de Ivan, eu aprendi mais sobre a bipolaridade de Eric, que era a de tipo 1. Ele tinha o estado maníaco, ficava confiante, arrogante, metido, e isso normalmente o puxava para o seu lado monstro, uma vez que conseguisse atingir o pico. Nunca estive com Eric em seu lado monstro, ele era sombrio, imprevisível e violento, não pensava em suas ações. Ele também tinha seu lado depressivo, que normalmente seguia depois de ter estado em outro estado. Esse lado, em particular, era o mais difícil para mim, que precisava dar meu máximo para tirá-lo disso.

Tentei pensar um pouco e orei para que Eric estivesse num episódio de hipomania, em que o grau é mais leve que a mania e não causa tantos danos.

— Amor, onde você está?

Escutei o barulho de trânsito ao fundo.

— Estou chegando.

— Onde?

Nosso noivado seria dali a três dias, e ele havia me dito que não conseguiria chegar mais cedo.

— Quer saber? Vamos largar tudo, casar em Vegas. O que acha, gata?

Se ele me chamasse de gata mais uma vez, eu arrancaria seus cabelos — mas era uma maneira boa de identificar esse estado.

— Eric, sabe que não pode fazer isso. — Eu me corrigi rapidamente. — Eu quero um noivado, ainda mais que vai ser pequeno, e eu quero um casamento em que todos vejam o nosso amor.

Escuto Eric bater ritmicamente a mão no que achei ser a sua perna, antes de ouvir sua expiração.

— Tudo bem, vamos fazer as coisas do seu jeito.

— Você está vindo para cá?

— Sim.

— Está sozinho? — indaguei.

— Por quê? — Sua voz se tornou mais seca, e identifiquei rapidamente que ele estava com ciúme, e isso não era bom.

— Sabe que eu não gosto de você saindo sozinho sem seguranças. Tenho medo.

— Ah, meu amor. Eu estou bem. Estou com papai. Chegamos aí em uma hora.

Suspirei, aliviada.

— Tá bom, preciso desligar.

— Ok, se arruma para o seu homem. Vou te levar para jantar hoje.

A porta do meu esconderijo se abriu, e eu vi a cabeleira de tia Carina.

— Achou que ia conseguir se esconder de mim, ratinha?

— Acho que você foi pega — Eric disse ao telefone, me fazendo sorrir.

— Você acha? — Olhei para tia Carina, que tinha uma pose vencedora. — Tenho que ir. Te amo.

— Te amo mais.

Desliguei e saí do meu esconderijo, espirrando no processo.

— Credo — ela disse, se benzendo antes de se virar e gritar a plenos pulmões: — Isis, achei a noiva fugitiva! Me dá o seu vestido vermelho que a gente apostou!

Voltei à sala e suspirei, me vendo rapidamente rodeada de pessoas requisitando a autorização sobre a comida, decoração final e tudo mais. Passou um mês desde que falei com meus pais que ficaria com Eric, e mamãe tinha me avisado que essas coisas eram complicadas, mas não esperei precisar aprovar tudo. Achava que isso tinha dedo de papai, me deixar maluca antes do casamento era um bom passo para me prender a ele, me traumatizar para eu não sair de casa.

O grande casamento seria em quatro semanas, no final de maio, e nossa lua de mel duraria sete dias em algum lugar paradisíaco, sozinhos. Era tudo que eu mais queria.

— Acho que vou voltar para debaixo das escadas — comentei, vinte minutos depois.

Mamãe franziu a testa.

— Como que, em todos esses anos morando aqui, eu não sabia que tinha uma portinha debaixo da escada?

Dei de ombros.

— Bem, eu só sei que vou tomar um banho e me arrumar, pois Eric está vindo com o pai para jantar — anunciei.

— E você só avisa agora, Valentina? Como que vou avisar a todo mundo? — mamãe reclamou.

— Coloca no grupo da família.

Subia as escadas correndo e já esquematizando um plano de como fugiria dali para o hotel onde Eric estava hospedado sem ninguém saber. As outras vezes que consegui fazer isso foram mais fáceis, já que só precisei sair do trabalho por umas horas e depois voltar como se nada tivesse acontecido. Não conseguiria fazer isso caso Eric dormisse aqui, papai tinha olhos de águia e me pegaria antes mesmo que eu colocasse um pé para fora do quarto.

Na máfia, em geral, era crucial que as mulheres se mantivessem castas até o casamento. Provavelmente meus pais já esperavam isso não seria mais possível, mas nunca falariam em voz alta, e nem eu mesma falaria. Apesar de ser amiga da minha mãe, eu jamais colocaria Eric em maus lençóis por minha causa.

Depois de pronta, usando um vestido com estampa de girassóis, o mesmo que Eric disse que amou quando comprei, passei o perfume favorito dele e completei passando um *gloss* nos lábios.

Escutei uma algazarra lá embaixo e me apressei em descer. Eric já me esperava ao lado da escada, me olhando intensamente. Antes que eu terminasse de descer o último degrau, ele me pegou em seus braços e me levantou, grudando seu corpo ao meu e tomando meus lábios. Seu beijo era intenso, cheio de saudade e amor.

Alguém limpou a garganta, e eu não precisei nem olhar para saber que era papai. A contragosto, Eric me soltou, mas sua mão se manteve firme em minha cintura. Eu tive de cumprimentar Ivan sem sequer tocá-lo.

— Vocês aceitam uma bebida? — mamãe perguntou, depois de ser cumprimentada com um aceno com a cabeça. Ele precisou apertar a mão de meu pai e não disfarçou que não gostou de tirar uma das mãos de mim.

O olhar de relance que meu pai me mandou deixou claro que não estava feliz com a situação, percebeu que Eric não estava no seu juízo normal e ficou tenso. Nós nos sentamos confortavelmente, e Eric me deu uma taça de vinho tinto que eu gostava enquanto servia uma dose de uísque para si sem tirar os olhos de mim.

— Como está se sentindo para o casamento, Eric? — mamãe perguntou.

— Perfeito. É tudo que eu sempre quis. Mal posso esperar para ter Valentina ao meu lado por todos os dias da minha vida.

Meus olhos marejaram, emocionada com suas palavras. Ele se aproximou e beijou a minha bochecha. Olhei para meu pai e o vi relaxar um pouco, sabia que Eric nunca me faria mal por querer.

O restante do jantar foi tranquilo, meus irmãos foram avisados para não perturbarem Eric. Papai os convidou para dormir na nossa casa, e eles aceitaram. À noite, não consegui dormir sabendo que ele estava a poucas portas do meu quarto. Coloquei um roupão quentinho e abri a porta do meu quarto com cuidado, não arriscaria ir até seu quarto, não colocaria tudo a perder por causa do prazer. Mandei uma mensagem avisando que ia para a cozinha, mas não recebi resposta.

A casa estava silenciosa, com somente as luzes do canto acesas, e pela primeira vez, percebi que em breve aquela não seria mais a minha casa. Não tomaria café e jantaria junto com a família, não os veria todo dia. Não brigaria com mamãe para usar suas roupas ou zoaríamos papai, o chamando de *Iceman* quando estivesse irritado. Não veria de perto o crescimento de meus irmãos.

Cheguei à cozinha e tomei um susto ao ver Eric de costas para mim, mexendo em algo no fogão. Ele estava sem camisa, e eu não deixei de apreciar a vista, seus músculos bem marcados, com a calça cinza meio solta no quadril.

— Sabia que você perderia o sono — ele disse, ainda sem se virar, então eu reparei que na mesa já havia duas canecas e uns biscoitinhos que ele devia ter feito.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei, me sentando e sorrindo ao imaginar Eric cozinhando para nós dois.

Ele se virou, e eu não deixei de me surpreender e me emocionar com meu nome em seu peito, assim tão grande para que todos pudessem ver. Tia

Carina tinha uma tatuagem em seu púbis com o nome do tio Jace, e ele, uma com o nome dela nas costas; eu achava uma homenagem bonita. Minha mãe era contra marcar o nome de outra pessoa em seu corpo, mas essa era a opinião dela. Enquanto olhava a tatuagem de Eric, eu decidi fazer uma surpresa de casamento para ele.

— Por que você está com um sorriso de louca? — ele perguntou, se aproximando e beijando meus lábios docemente antes de nos servir leite quente com mel. Eu amava a combinação nas minhas noites de insônia.

Eric puxou uma cadeira, e depois de sentado, me puxou para seu colo. Eu beijei seu pescoço suavemente antes de olhar em seus olhos.

— Quero que saiba que, até o nosso noivado, eu estarei normal.

— Eric... — eu comecei, mas ele me deu um beijo para eu parar de falar.

— Estou em hipomania, já vai fazer uma semana, e estou tomando os remédios há quatro dias. Com você ao meu lado, eu vou melhorar ainda mais rápido. Você é meu remédio.

Meus olhos marejaram, e eu colei meus lábios nos seus.

— Eu sei o quanto isso significa para você, quero tudo perfeito — ele disse, pegando a minha mão e dando um beijo. Ali eu consegui ver que Eric estava voltando aos poucos a seu estado normal.

Havia uma diferença mínima, que pessoas de fora nem sempre notariam, e eu esperava conseguir toda vez que ele mudasse, para tentar ajudá-lo. Peguei a minha caneca e tomei um gole, degustando o sabor que sempre me acalmava. Tracei a tatuagem de Eric com as pontas dos dedos antes de dar um beijo nela.

— O biscoito não está quente, pode comer.

Eric pegou antes de mim e deu na minha boca, observando-me mastigar. Estava uma delícia.

— Você não tem dormido muito, né? — perguntei, levando uma mão até seus cabelos e os acariciando. Reparei nas olheiras e em seu olhar cansado.

— Não. Não consigo dormir, muitos pensamentos.

Terminei o leite quente e o fiz beber o dele. Fui puxando-o até a sala e me deitei em seus braços no sofá, nos cobrindo com uma manta.

— Seu pai não vai gostar disso — ele disse com a voz sonolenta.

— Ele vai ter que superar.

Eu o abracei mais apertado, e só adormeci quando tive a certeza de que Eric estava dormindo.

Acordei na manhã seguinte, sentindo olhos sobre mim. Abri os meus com calma, já sabendo que encontraria olhos azuis sombrios. Papai estava sentado numa poltrona de frente para o sofá onde Eric e eu dormimos, seu rosto não demonstrava emoções, mas o olhar, sim.

— Não aconteceu nada essa noite — eu falei com a voz rouca, me sentando. A coberta desceu comigo, revelando o peito nu de Eric.

Os olhos do meu pai analisaram a tatuagem, e sua cara se fechou ainda mais: sempre achou insano aquela tatuagem. Eric e eu conseguimos escondê-la por bastante tempo dos meus pais. Eles só foram descobrir quando viajamos para a Alemanha e meus irmãos viram e contaram, a mesma viagem em que eu perdi a virgindade.

Sem querer acordar Eric, eu me levantei e o cobri de volta.

— Vamos para a cozinha — murmurei, sabendo que ouviria sermões até meus ouvidos caírem.

Quando chegamos à cozinha, papai colocou café numa caneca no formato do corpo da Minnie, a caneca que ganhei quando ainda era uma menina. E é aí que vi que para papai, eu sempre seria sua menininha, por isso que ele não estava aceitando tão bem meu casamento. Não só por todos os problemas de Eric, ou por eu ter de ir morar em outro país, mas porque, para ele, eu ainda era aquela menina perdida que ele encontrou e cuidou.

— Papai...

— *Essa noite*... você disse que não aconteceu nada *essa noite*.

Suspirei.

— Papai, eu tenho vinte anos, encontrei o amor quando ainda era uma menina. Em respeito a vocês, Eric e eu não nos casamos assim que completei dezoito. Precisa entender que eu não sou mais uma menininha. Sei que a máfia espera que as mulheres sejam castas, mas não pude esperar. Eu amo Eric, e sempre soube que me casaria com ele, com a sua benção ou não.

Ele ficou me olhando por algum tempo. Eu tomei um gole na caneca da Minnie, mesmo me sentindo ridícula.

Papai levantou uma sobrancelha e acenou lentamente.

— Eu entendi que você não é mais uma criança, mas isso não significa que não é minha filha. Eu esperava que você...

— Que o quê? Que eu me mantivesse virgem mesmo amando um

homem que um dia seria o meu marido? — eu o cortei.

Ele negou.

— Que você tivesse confiança e contasse para sua mãe e para mim a sua vontade. Você pode nos culpar por adiar o seu casamento, mas você já parou para se perguntar se não foi você que o fez por algum motivo?

Ele saiu da cozinha, me deixando ali parada e cheia de dúvidas.

Valentina

CAPÍTULO 4

Ninguém disse que seria fácil
Mas também não disseram que seria tão difícil
Oh, me leve de volta ao começo
***The Scientist* – Coldplay**

VALENTINA

O dia do meu noivado chegou, era para ser um dos dias mais felizes para mim, mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia tirar da cabeça que meu pai estava certo: de certa forma, a culpa foi minha por ter adiado o casamento. Era mais fácil jogar a culpa nos meus pais do que assumir que eu não estava pronta. Eu precisava falar com alguém, mas não queria falar com eles dois nem com amigas, elas não entenderiam. Por fim, recorri ao meu fiel escudeiro.

Vovô Raffaelo morava próximo à casa dos meus pais, sua casa parecia um palácio real, de tão bela, colonial, mas com um toque moderno. Foi ali que eu tive memórias muito divertidas quando ele reunia toda a turma. Ele olhava a gente para que nossos pais pudessem sair. Naquela casa, ouvi muitas histórias de sua falecida esposa.

Vovô estava cada dia mais velho, e isso partia meu coração, já estava com 88 anos, mas ainda tinha aquele mesmo ar de durão que todos os homens da máfia têm. Pessoas boas deviam viver para sempre. Ele pode não ter sido bom para todos, mas, para mim, sempre foi a melhor pessoa do mundo.

Eu o encontrei em seu escritório. Mesmo tendo deixado meu pai no comando tantos anos atrás, ele ainda gostava de sentar nessa mesa e pensar que estava no poder. Ele estava com um charuto apagado na boca.

— Vovô!

Ele sorriu, abanando a mão, me desfeiteando.

— Não estou fumando realmente, princesinha. Só pensando. — Ele me olhou dos pés à cabeça. Apesar de ser ainda dez da manhã, eu já deveria estar me arrumando, mas não consegui e fugi para lá na primeira oportunidade. — Esperava sua visita.

Eu me aproximei da mesa, abri a sua caixa de charutos e pesquei um. Em seguida, me sentei à sua frente e cheirei o objeto em minha mão: tinha o cheiro do vovô.

— Agora nós dois estamos parecendo mafiosos — brinquei, e ele bufou uma risada.

— Você não tem jeito, por isso que te amo. Nunca perca essa essência, menina.

Eu olhei para sua mesa de mogno, admirando a peça e tentando colocar a cabeça no lugar para falar sem enrolar, mas parecia impossível. Meus pensamentos estavam embaralhados.

— Desembuche. Eu não vou viver para sempre.

Respirei fundo e comecei a colocar os pensamentos para fora.

— Acho que alguma parte minha não queria que eu me casasse com Eric, e isso me assusta. Se eu tivesse enfrentado meus pais aos dezoito anos, nós dois estaríamos casados, e isso também me assusta.

Vovô sorriu, seu rosto enrugado me distraiu um pouco. Às vezes, esquecia que ele estava tão velho.

— Querida, seria estranho você não estar assustada. Eric é um bom garoto, mas até bons garotos são um problema. Você não poderia se casar só porque quer, mas sim porque está pronta. E hoje eu enxergo isso em você, antes só havia a vontade, o anseio. Hoje você demonstra certeza.

Meus olhos marejaram, e eu olhei para o chão.

— Ele sabe? — sussurrei.

— Ele sabia que levaria um tempo, e escolheu esperar até que você estivesse pronta. É admirável da parte dele.

Eu levantei o olhar para meu avô.

— Eu o amo.

Vô Raffaelo bufou.

— Por que você está afirmando isso a mim?

Franzi a testa.

— Porque não quero que você pense que eu não o amo como ele me ama.

Ele se inclinou na mesa, me lançando um olhar sério e um pouco triste.

— Querida, eu temo isso. Que você o ame mais que a si mesma e se perca no caminho.

— Não irei — afirmei, tanto para ele quanto para mim. Não me perderia no mundo conturbado e sem luz de Eric. — Estando lá, eu serei a sua vela.

— Até as velas se apagam.

— Então o que eu posso fazer?

Ele pensou por um momento.

— Ser constante, tanto para você quanto para ele, mas não viva em função dele, querida.

Eu mordi a ponta da unha.

— Ajudar não é pecado, vovô.

— É, quando você deixa de viver para fazer só aquilo.

Nós ficamos em silêncio por mais meia hora, até mamãe me ligar, mandando que eu voltasse para a casa para terminar de me arrumar. Acabei decidindo almoçar com vovô, mesmo mamãe reclamando que eu acabaria atrasada para meu próprio noivado. Vovô prometeu que estaria lá, e eu me senti um pouco mais aliviada. Apesar de não concordar com ele em tudo, ele foi sábio como de costume. Eu não viveria para Eric, viveria com ele, prometi a mim mesma.

Quando voltei para casa, estranhei não haver ninguém ali. Olhei meu celular, não havia chamadas, e eu, no caminho de volta para casa, havia mandando uma mensagem para minha mãe avisando que estava chegando.

Escutei passos e vi que era Ivan.

— Cadê todo mundo?

— Horário do almoço. Eric foi buscar os irmãos. Pedi que tivéssemos um tempo sozinhos.

Ele caminhou até o escritório, e, quando entrei, sabia que tudo que eu conhecia até agora mudaria.

— É melhor se sentar.

Ao ouvir a porta se fechar, um arrepio me tomou. Sempre senti que os Hoffmann escondiam algo, e agora eu tinha a certeza e sabia que mudaria minha vida para sempre.

***

Deixei a sala depois de ter sido dilacerada com a verdade, dando graças a Deus por não haver ninguém na casa. Subi as escadas sem correr ou

me curvar, mantendo a pose, como minha mãe me ensinou. Quando entrei no quarto e me certifiquei que havia trancado as portas, retirei os saltos e respirei fundo uma vez. Em seguida, passei a mão pelo rosto, tentando digerir tudo que ouvi. Quando olhei para frente, me vi refletida no espelho do quarto e nem titubeei ao ver o reflexo do meu rosto cheio de sangue. Olhei minha mão, percebendo que o sangramento que eu causei por perfurar a palma da mão com as unhas estava maior do que eu pensava.

Caminhei até minha cama de princesa, olhando o meu belo quarto, admirando a vida de contos de fadas que meus pais me deram e que eu esperava ter no futuro, como num filme, em que surgiriam provações, mas no final o amor venceria. Entretanto agora eu não tinha mais certeza de nada, só de que ninguém tiraria Eric de mim.

Peguei meu travesseiro, sem me importar se o estava sujando. Eu me ajoelhei no chão e o coloquei em cima da minha cama. Então eu quebrei. O choro alto, dolorido, gritando por Eric, não ajudou em nada, mas liberou um pouco dar dor emocional que eu estava sentindo. O travesseiro abrandou o som, mas meu coração gritava tão alto, que o mundo inteiro poderia ouvi-lo.

CAPÍTULO 5

Porque com a sua mão na minha mão
E um bolso cheio de alma
Posso dizer, não há lugar aonde não podemos ir
Ponha apenas a sua mão no vidro
Estarei aqui tentando puxar você
Você só tem de ser forte
***Mirrors* – Justin Timberlake**

ERIC

Nosso noivado finalmente chegou. Esperei por esse dia durante toda a minha vida. Esperei ansiosamente Valentina estar pronta para esse compromisso, e valeu completamente a pena. Esse dia seria perfeito. Valentina queria um noivado pequeno, já que o casamento seria muito grande, e eu queria realizar todas as suas vontades. Tudo tinha de ser perfeito para ela. Aquele dia marcaria que, dali a um mês até a eternidade, Valentina seria minha.

— Penteie o cabelo para trás, aparentará estar mais velho — meu pai disse, me olhando de sua poltrona enquanto eu abotoava o último botão do colete cinza e vestia o paletó da mesma cor.

— Valentina gosta dos meus cabelos assim — respondi sem me virar. Meus cabelos estavam raspados dos lados, mas com o topo um pouco maior, já que Valentina sempre gostou dos meus cabelos bagunçados; para trabalhar eu tinha sempre que arrumá-los.

Meu pai acenou sem tirar os olhos de mim. Ele sabia que eu estava por um fio. A euforia foi embora por causa dos medicamentos, e só eles estavam me segurando para eu não afundar na depressão fodida. Não só os medicamentos, mas Valentina, ela era a minha cura, e hoje eu faria de tudo para que ela não percebesse que o que eu mais queria era me esconder do mundo e nunca mais aparecer.

— Estou pronto, vão querer que eu vá com você, ou posso ir na frente levando a Sophia? — Heiko entrou no quarto, usava uma calça vinho com uma camisa Oxford branca. Ele parecia casual, meu irmão não era fodido

como eu, era uma versão melhorada. Eu me perguntei pela milésima vez se Valentina não nos compararia quando estivéssemos vivendo sob o mesmo teto, e só esse pensamento já me causou uma raiva explosiva.

— Melhor você ir na frente — papai disse, sua estava voz fria. Heiko franziu a testa, mas saiu sem falar mais nada. — Você precisa parar com isso, seu irmão nunca faria nada, e Valentina venera você.

Respirei fundo, fechando os olhos e pensando sobre partes do rosto de Valentina, tentando me acalmar. Seu cabelo com um suave cheiro de baunilha, seu nariz pontudinho e pequeno, que eu adorava encostar com o meu, seus olhos de gato, que nunca se decidiam entre o azul e o verde, seus belos e macios lábios, seu pescoço delgado, que eu adoraria marcar para todos verem...

Aos poucos, me controlei e abri os olhos, me olhando no espelho e reparando se estava tudo certo.

— Estou pronto.

O salão escolhido foi o mesmo em que se deu a festa de quinze anos de Valentina. Sorri, olhando para a sacada onde demos nosso primeiro beijo. Minha vontade era agarrá-la e a pressionar contra a parede, mas lutei contra isso e fiz sua noite perfeita. O salão estava cheio de arranjos flutuantes, de rosas brancas e cor-de-rosa, todo o lugar gritava Valentina, e era perfeito. Em nosso noivado haveria cerca de cem pessoas, a maioria parte de nossa família, então seria um pouco menos formal.

Eu me aproximei da mesa e sorri ao ver um quadro cheio de fotos nossas, desde pequenos, até uma em que dormíamos em seu sofá, dias antes. Apostava que fora Isis a tirar — se fosse Dominic, provavelmente teria me matado no processo.

— Está tudo tão lindo — Sophia disse ao meu lado e colocou a mão sobre o meu braço. — Eric, estou tão feliz por vocês. Você, mais do que ninguém, merece encontrar a felicidade.

— Obrigada, baixinha.

Sophia tinha apenas dezoito anos, e não gostei nem um pouco de olhar em volta e ver alguns homens solteiros a olhando. Ela era a pureza da nossa família, intocada pela escuridão, e se dependesse de mim, continuaria assim por toda a vida.

— Valentina mandou avisar que é para você ir para a sacada meia

hora depois que ela chegar — avisou com a voz baixa e piscou para mim antes de se afastar.

Fui obrigado a cumprimentar todos os presentes, e foi fácil o fazer com as pessoas que eu não conhecia bem, usei uma máscara educada. Mas com as pessoas que me conheceram desde que era um menino e não estavam tão felizes com o meu noivado com Valentina foi mais difícil.

Quando cheguei de viagem, fui direto até o escritório de Dominic, no prédio Abaixo de Zero. Eu o respeitava e queria sua aprovação por causa de Valentina, mas eu não desistiria dela mesmo se ele não aprovasse; nós dois sabíamos disso.

Depois de anunciado, subi até o seu andar, e Dominic me recebeu, enquanto meu pai decidiu ficar esperando no bar. Eu não estava no meu juízo perfeito, mas pensei que poderia fingir. Dominic não se levantou para me receber, só apontou para a cadeira à sua frente.

— Então você veio aqui antes de ver Valentina? — ele perguntou, se levantando e indo se servir com uísque. — Aceita?

— Não, senhor.

Ele voltou a se sentar e, depois de sorver um gole, disse:

— O que está realmente fazendo com Valentina? Realmente quer se casar com minha menina?

— É tudo que eu mais quero. Nós dois sabíamos que esse dia chegaria.

— E o que te faz pensar que é digno para a minha menina?

Eu o encarei.

— Nunca disse que era digno, mas, ainda assim, ela é minha.

Nós nos encaramos por muito tempo, até ele suspirar.

— Você sabe que eu faria uma guerra caso você a machucasse, né?

— Eu me mataria antes mesmo de a ferir. Pode ter certeza.

Ele acenou lentamente.

— Não pense que a distância será um empecilho. Ela me liga, e, oito horas depois, eu estarei lá para ela.

— Não esperava por menos, senhor.

Voltei ao presente quando cumprimentei os homens com suas esposas. Jace e Carina, Damien e Elena, Miguel e Mila, Matt — irmão de

Mila — e Emily, Ethan — tio de Valentina — e sua esposa Stela.

— Nossa menina já está chegando. Acabei de falar com a Isis — Carina disse quando terminei de cumprimentar o último casal.

Olhei para a entrada, ansioso para vê-la, e, parecendo que meus pensamentos se tornaram reais, Valentina entrou no salão. Ela usava um vestido rosa-claro até os pés, que marcava absolutamente seu corpo dos joelhos para cima, e havia um decote largo, suportado por uma só alça vertical. Eu não conseguia nem me mexer, admirava sua beleza e pensava em quão sortudo era. Seus cabelos estavam soltos em ondas, em seus lábios havia um batom claro, e seus olhos estavam bem maquiados em tons neutros, o que só realçou a cor. Hoje eles estavam azuis.

Enquanto Valentina se aproximava, algo chamou a minha atenção, e eu cheguei a perder o ar. Valentina usava o colar de diamante rosa que lhe dei em seu aniversário de quinze anos. Por ela nunca o ter usado, eu tinha minhas dúvidas sobre ter realmente gostado, apesar de ela sempre dizer que era a peça mais bonita do mundo.

Ela percebeu o meu olhar e sorriu, tocando o colar; parou na minha frente e me deu um longo beijo na frente de todos. Minhas mãos foram para a sua cintura delgada, e comecei a contar os minutos até que ficássemos sozinhos na sacada.

— Você está usando o colar — disse contra seus lábios.

Ela acenou, acariciando meu rosto.

— Quando você me deu, eu fiz uma promessa a mim mesma que usaria no meu noivado. Ele esperou por um longo tempo.

Beijei sua testa e a acompanhei, enquanto ela cumprimentava a todos. Em determinado momento, deixei a formalidade de lado e a levei até a pista de dança quando começou a tocar *Mirrors*, de Justin Timberlake. Seus olhos brilharam enquanto dançávamos juntos, nosso coração batendo em um só.

Eu a segurei pela cintura e a rodei, sorrindo ao ouvir sua risada. Valentina parecia brilhar de alegria e emoção, e eu me sentia o cara mais foda do mundo ao trazer esse sorriso à tona. Ela aproveitou que estava no alto e beijou minhas pálpebras, bochechas, queixo, até chegar aos meus lábios. Com cuidado, a coloquei de volta no chão, sem separar nossos lábios.

— Eu te amo — ela disse, sem fôlego, um pouco vermelha e com um largo sorriso.

— Eu te amo mais. — Levei a boca até sua orelha. — Mais vinte

minutos.

Ela acenou, animada, mordendo o lábio e me deixando ainda mais duro. Dominic se aproximou e pegou a mão de Valentina.

— Uma dança com seu pai?

Ela riu.

— Claro.

Antes que eu pudesse sair dali, Iris se aproximou, tímida, e eu sorri.

— Quer dançar comigo, pequenina?

Ela acenou, era tão parecida com o pai, que assustava um pouco, mas tinha os olhos com heterocromia da mãe. Eu coloquei a mão sobre o seu ombro, já que ela era bem pequena. Durante toda dança, ela olhou pelo salão à procura de alguém, e isso ativou o lado protetor em mim.

— Tudo bem?

Ela me olhou e acenou rapidamente; pega no flagra.

— Está, sim.

— Quem está procurando?

Suas bochechas coraram.

— Christian ainda não chegou.

Eu franzi a testa antes de assentir, lembrando que ele tinha uma sobrinha da idade de Iris.

— O noivado é mais para a família, então ele não deve ter sido convidado. Porém eles estarão aqui no casamento, assim você poderá brincar com a sobrinha dele.

Ela acenou sem muito interesse e foi dançar com Dante quando a nossa dança acabou. Eu saí discretamente até a sacada, tomando cuidado para ninguém me ver. Assim que cheguei lá, mandei uma mensagem para Sophia e Heiko manterem guarda. Não queria que Valentina ficasse falada e que ninguém visse nada. Recebi uma mensagem em seguida:

Sophia: Não demore muito, o noivado será às 21h em ponto!

Tínhamos pelo menos vinte minutos até que alguém nos procurasse ali. Esperava ansiosamente por Valentina. Apaguei a luz da varanda e observei o céu escuro, com estrelas brilhando. Apesar da poluição da cidade, o céu estava limpo, sem estar frio demais ou com chuva. Tudo conspirava a favor de nós dois.

— Está uma linda noite — Valentina falou ao entrar e caminhar até mim.

Retirei o paletó e coloquei sobre seus ombros.

— Daqui a um mês, você estará comigo na Alemanha, em nossa casa, comigo te chamando de esposa.

— É tudo que mais quero, mas não vim aqui para conversar.

Sem precisar dizer mais nada, eu a encostei contra parede e tomei seus lábios. Valentina levantou o vestido e me olhou, desejosa. Eu me abaixei e rosnei ao ver que ela estava sem calcinha. Valentina colocou uma perna sobre o meu ombro, e eu levantei o olhar para ela.

— Tente se manter em silêncio.

Ela bufou.

— É melhor você não parar, mesmo se eu gritar.

Eu ri e beijei sua coxa.

— Fechado.

Ela soltou uma risadinha.

— Bom fazer negócio com você...

Ela não terminou de falar, porque eu estava lambendo, sugando, devorando-a. Valentina levou uma mão a boca, tentando conter os sons. Seu corpo tremia e sacolejava conforme eu a degustava. Ela gemia alto. Suas mãos foram de encontro aos meus cabelos enquanto aproveitava as ondas do orgasmo, roçando contra meu rosto.

— Vem, Eric. Preciso de você — pediu.

Eu me levantei, lambendo os lábios e limpando meu rosto com as costas da mão, e então a beijei. Abri o fecho da calça e coloquei uma camisinha para evitar uma sujeira.

— Só hoje — avisei, e ela acenou em concordância. Eu amava ver a minha porra escorrendo por suas pernas, marcando-a como minha.

Entrei nela, mordendo o lábio para não gemer. Estava tão quente e molhada. Segurei em sua cintura e meti com dureza, observando seu rosto, sua boca aberta e seus olhos lutando para se manterem abertos. Abaixei o olhar para seus seios pulando a cada investida.

— Eric — ela gemeu, tremendo quando outro orgasmo a rasgou.

Mais algumas investidas e foi a minha vez, a segurando forte contra mim. Valentina gemeu, dengosa contra meus lábios, seus lábios raspando nos meus. Suas mãos ainda apertavam meu ombro.

— Melhor noite da vida... — ela gemeu.

Eu ri.

— Deixe a porta do seu quarto destrancada. Faremos isso a noite toda, mesmo que eu tenha que entrar pela janela.

Eu a ajeitei, colocando os fios que estavam meio embolados no lugar. Em seguida, alisei seu vestido, dando uma atenção especial aos seios.

— Estou com tapa-mamilos — ela disse e beijou meu pescoço. — Foi bom ter colocado, porque senão seria impossível esconder o tesão pelo restante da noite.

— Não brinque comigo. — Apertei sua bunda em um aviso.

Valentina me devolveu o paletó e o ajeitou no meu corpo. Saímos dali de mãos dadas, sem querer esconder nada. Não achava que conseguiríamos de qualquer maneira, Valentina estava corada e com um ar de satisfeita, e eu não deveria estar muito melhor.

Ninguém comentou sobre nossas caras, Heiko escondeu o sorriso em um copo de bebida. Olhei a hora, vendo que já eram nove da noite. Eu me aproximei de Valentina, que estava junto com a família, e me ajoelhei no chão, pegando a caixinha preta na calça.

— Valentina, você aceita me fazer o homem mais feliz do mundo ao se casar comigo?

Ela sorriu, emocionada, e ofegou quando eu abri a caixa revelando sua aliança.

— Meu Deus, Eric. — Ela levou a mão aos lábios e assentiu. — Sim. Mil vezes, sim!

Eu me levantei e a abracei, beijando seus lábios salgados pelas lágrimas de alegria. Quando coloquei o anel em seu dedo, senti um alívio imensurável. Valentina era minha, e nada atrapalharia isso.

— Até que a morte nos separe — disse, olhando dentro dos seus olhos.

— Até que a morte nos separe.

CAPÍTULO 6

Liberdade, paixão, o sentimento
Que eu pensei que era definitivo
Escapa pelos meus dedos, tentando fugir
Isso vem e vai como ondas
Isso vem e vai como ondas
Isso nos leva para longe
***Waves* – Dean Lewis**

VALENTINA

Eu estava no paraíso semanas depois do noivado. Eric precisou voltar para casa na semana seguinte, porém, naquele dia, estaria de volta para ficar até nosso casamento, que se realizaria em sete dias. Não achava que podia estar mais feliz. Papai e mamãe me prepararam durante esse tempo: de aulas de luta com mamãe, a aulas de expressão e como se portar em situações tensas. Ela tinha me dado uma aula semelhante quando comecei a trabalhar, mas basicamente era uma cara tipo "não foda comigo" que resolvia minhas situações. Não acreditava que só isso iria me ajudar no casamento, então era bom aprender mais.

— Nunca demonstre medo, Valentina. Mostre que você tem o poder, que tem completa noção que, além de esposa do herdeiro dos Hoffmann, você também é dos Raffaelo, com ligação com todo os EUA — papai disse.

— E jamais demonstre ciúme em público também — mamãe complementou. — Eric é um homem atraente, e com certeza haverá interesseiras. Mate-as com classe.

Eu esperava Eric no aeroporto, acompanhada de seguranças. Estava morrendo de saudade dele — o ditado estava certo, quando se prova o doce, se quer mais. Eu havia conseguido ficar sob o mesmo teto de Eric durante todo o mês, éramos discretos em nossas saídas de dia para transar em quartos de hotel. Mantivemos uma promessa silenciosa de não fazer nada sob o teto de meu pai.

Eu o vi antes que ele me visse, e não pude evitar o sorriso largo. Eric chama a atenção por onde passa, mesmo quando não quer. Ele estava de calças escuras, com um sapato preto e casaco, mais parecia um modelo prestes a desfilar. Ele ainda estava de barba, um pouco maior do que da última vez em que o vira pessoalmente. Estava com o celular na mão digitando algo. Levantei o braço, pronta para acenar quando ele levantasse a cabeça, mas congelei logo em seguida.

Uma aeromoça muito bonita, de longos cabelos vermelhos, se aproximou. Sua roupa parecia indecente. Ela abriu os botões da camisa para revelar o decote, e nem disfarçou que o queria. Senti meu sangue correr mais rápido, e antes que eu sequer pensasse, já estava caminhando a passos decididos até ele. Eu me senti melhor ao me lembrar que havia feito os cabelos aquela manhã e que tinha caprichado na maquiagem e nas roupas, tudo para Eric ficar louco.

Eu estava com um *body* preto, com decote em “V” e as laterais abertas, jaqueta de couro vermelha, calças jeans escuras bem coladas e bota de cano baixo e saltos altos. Quando me aproximei, escutei o que a mulher falava.

— Oi! Já acabei meu trabalho por hoje, se quiser, eu te deixo me pagar uma bebida e depois poderíamos fazer algo.

— Não vai dar, não, querida. Ele já tem dona — disse, colocando as mãos sobre o peito de Eric e o beijando apaixonadamente, sem me importar que estivéssemos em um local público.

— Oi, meu amor. Já ia te ligar para te avisar que cheguei — Eric me deu mais um selinho e mostrou o celular, que estava com agenda aberta.

— Vim te fazer uma surpresinha e aproveitar nosso tempo sozinhos.

Olhei por cima do ombro e vi que a mulher estava sem graça. Ela olhou para o anel em meu dedo, parecia que desmaiaria a qualquer minuto. Não sei se era por raiva por não ter se insinuado mais cedo ou constrangida por ter sido pega no flagra.

— Basta ir, querida — disse suavemente e segurei a mão de Eric, o puxando para a entrada do aeroporto.

Ele apertou minha mão quando chegamos perto da entrada.

— Você sabe que eu sequer olhei para ela, né?

Eu me virei para ele, vendo que estava realmente nervoso e ansioso pela minha reação. Partia o coração ver o seu olhar implorando.

— Claro, querido. Eu sei disso. Você é meu, e eu sou sua, lembra?

Ele deu um pequeno sorriso, beijou a minha bochecha e saímos dali. Enquanto estávamos no banco de trás do carro, eu me perguntei como reagiria ao ver Eric com uma mulher e senti um arrepio tomar meu corpo. Isso não aconteceria. Cada pedaço de Eric era meu, e eu não abriria mão de nenhuma parte. Nunca.

***

— Vamos para um hotel? — Eric perguntou perto do meu ouvido meia hora depois.

Seus lábios vieram para o meu pescoço, onde começou a me beijar, enquanto sua mão, que estava sobre meu ombro, puxava levemente o meu cabelo, me fazendo inclinar a cabeça. Sua barba raspava contra minha pele, criando uma sensação erótica. Perdi o raciocínio por um momento e mordi o lábio para não gemer, estávamos com dois homens no banco da frente tomando conta da nossa segurança e, em um carro atrás, havia a equipe de segurança dele.

— Estava pensando justamente nisso — gemi e segurei sua perna.

Meu celular apitou, e a contragosto eu o peguei. Eric continuou com seus beijos doces e carícias. A mensagem era de Aldo:

Aldo:*Preciso que você venha aqui. Perdi a agenda de treinos de hoje e só você sabe mexer na porcaria do computador.*

Eu suspirei, e Eric levantou a cabeça. Minha pele estava sensível, assim como meus mamilos, marcados pela blusa.

— Você vai lá? — perguntou, com a voz mostrando que não queria ir, porém o faria se eu pedisse.

— Sim, é rápido. Se quiser, pode até ficar me esperando no hotel — ofereci, mesmo sabendo que ele negaria.

— Não, vamos lá.

Pedi aos motoristas que mudassem de rota, e antes que eu percebesse, já estava no ginásio. A fachada era linda, com vidro e espelhos enfeitando a entrada, grandes arranjos de plantas e um pequeno jardim davam ao prédio um ar chique. Porém, ao passar pelas portas, havia uma sala de visitas e uma

grande muralha, que não deixava ninguém ver nada do outro lado. Normalmente entrava pelos fundos, assim como os lutadores, porém queria que Eric visse onde eu trabalhava, as partes mais belas. Era a primeira vez que ele estava ali.

Nós passamos pela porta, e eu me mantive plena enquanto passávamos por vários lutadores treinando ou se exercitando no grande espaço. Havia dois ringues que estavam sendo usados. O nosso campeão atual, Minotauro, estava correndo concentrado na esteira, se preparando para a luta da noite. Eu normalmente puxava um pouco de saco dele, porque o cara rendia para nós uma grana preta e movimentava as maiores lutas. Tínhamos sorte de ele nunca querer entrar para a liga profissional.

— Não vou demorar muito — disse assim que chegamos perto da minha sala. Percebi que Eric queria olhar as lutas e o deixei.

Aldo tentava mexer no computador da minha sala, quase assassinando as teclas.

— Deixe comigo, velho.

Ele levantou o olhar e suspirou ao me ver.

— Graças a Deus está aqui, estou a ponto de jogar essa coisa pela janela.

Bufei, rolando os olhos, mas sabendo que ele provavelmente faria isso se tentasse por mais tempo. Em menos de dez minutos, eu recuperei o documento e o imprimi.

— Prontinho.

Ele olhou para as folhas e então para mim já com saudade.

— O que farei quando você não estiver mais aqui? Donavan vai me chutar daqui.

Eu ri. Meu tio Jace cuidava dos arranjos das lutas, e tio Miguel, do lucro e apostas.

— Papai deve mandar Dante no meu lugar para te ajudar. Você vai ficar bem.

Aldo passou a mão pela careca.

— Eu vou ter que cuidar de um merdinha que se acha o tal?

Joguei a cabeça para trás, rindo da sua descrição.

— Pensando bem, realmente você terá trabalho. Dante, no meio de todos esses homens, vai querer mostrar que é forte. — Meio que brinquei, mas sabia que isso aconteceria. Aldo perdeu a cor.

— Acho que vou me sentar. Será que, se eu pedir primeiro, Donavan não me arranja algum franzino iniciado que cuide da parafernália para mim?

Dei de ombros, pegando a minha bolsa e jaqueta.

— Pouco provável.

Caminhei até a porta e me virei, vendo-o acender um charuto.

— Não se esqueça de pentear os cabelos para o meu casamento.

— Suma daqui! — grunhiu, mas não escondeu o riso. — Menina insolente.

Ainda rindo, quando deixei a sala, comecei a procurar Eric, que estava parado de braços cruzados olhando seriamente para um dos ringues, a uns metros de distância. Vi que Minotauro estava com seu *personal* treinando socos. Ele era um tanto atraente, com músculos grandes, cabelos castanhos cortados rente à raiz, olhos esverdeados e pele bem bronzeada naturalmente.

— Oi, amor, podemos ir? — perguntei, tocando seu ombro. Foi então que eu ouvi a conversa que Minotauro estava tendo com o outro homem.

— *Tô* te dizendo. Antes de a loirinha casar, eu ainda *pego ela*. Ela acha que eu não vejo o jeito que me olha.

— Cara — o homem disse, rindo. — Para. Isso vai acabar dando merda se vazar.

— Que nada. Ela tá casando por obrigação, *saca*? Unir máfias e essas coisas, mas nada impede que, quando visitar os pais, não role nada. As que tem cara de santinha que são as piores. — Eles riram, e eu tomei essa deixa.

Segurei Eric pelo braço e parei na sua frente. Ele estava respirando profundamente, e eu nunca o vi tão sério antes. Sua expressão alertou algo dentro de mim, um instinto que dizia para me afastar, mas eu sabia que, nesse momento, quem o separaria de lutar com Minotauro seria eu.

— Ei, amor. Vamos para casa. Estou morrendo de saudade de você.

Toquei seu rosto, e ele deixou, sem tirar sua atenção da frente. Olhei para lá e vi o momento em que o *personal* de Minotauro nos viu e ficou pálido. Não pude ver seus lábios quando ele se virou, mas soube o momento exato em que contou ao amigo que ouvimos. Eu lancei um olhar irritado para ele antes de voltar a Eric.

— O que eles estão falando é bobagem, eu nunca te trairia. — Segurei seu rosto em minhas mãos. — Nunca senti nada por ele, eu juro.

— Eu sei. — Sua voz saiu um pouco estranha, mas sombria, diferente. Não, Eric não pode ter um episódio agora.

— Vamos.

Comecei a puxá-lo para a saída, mas ele não saía do lugar. Olhei em volta, em busca de ajuda, mas nossos seguranças ficaram esperando nas entradas, guardando o perímetro.

— Eric.

Ele deu um passo à frente, em direção ao ringue, e eu sabia que a minha única saída era distraí-lo. Se colocasse o pé naquele ringue, ele não pararia até que Minotauro estivesse morto.

— Ei, olhe para mim. — Peguei seu rosto em minhas mãos, forçando-o a me olhar. — Ele está com inveja que eu nunca nem dei uma chance a ele. Sempre foi e sempre será você, Eric — disse em voz alta para todos ouvirem. — Você teve e terá todas as minhas primeiras vezes, você tem meu coração e meu corpo para sempre. Só você.

Ele me olhou por um momento, e quando achei que ia se acalmar, ele me puxou até a minha antiga sala. Antes de entrarmos, lancei um olhar sério para Minotauro, vi que Aldo já começara a gritar com ele.

Eric fechou a porta atrás de nós.

— Eric, eu sei que você está com raiva, mas tudo que eu falei é verdade. Ele não é ninguém para mim. Você sabe que só você faz meu coração bater.

Ele fechou os olhos, passando as mãos pelo cabelo. Em seus olhos, eu podia ver que estava por um fio de quebrar e se tornar perigoso, estava a ponto de se tornar violento, ter um episódio, que poderia ser em um ascendente para um estado maníaco.

— Eric, nosso casamento é daqui a uma semana — apelei, e ele parou por um momento.

Eric começou a tirar o casaco e a camisa, as jogando no chão. Então abriu o zíper, colocando sua dura ereção para fora.

— O que está fazendo? — perguntei, pasma.

— Só uma coisa pode me parar de ir até lá e matar o desgraçado.

Eu entendi o que ele quis dizer, e disse a mim mesma que se eu pudesse contê-lo através do sexo, eu o faria todas as vezes. Preferia vencê-lo pelo prazer a ele se ferir. Retirei os meus sapatos e abri o botão da calça, mas acho que não fui rápida o suficiente, porque, em um puxão, Eric rasgou o decote do *body*, e mesmo achando que nunca admitiria em voz alta, achei excitante.

Antes que eu tivesse a chance de falar qualquer coisa, ele me agarrou e tomou meus lábios com posse, me marcando. Com uma mão, ele conseguiu se livrar do restante do *body* e me deixar nua.

— Se você não quiser isso, diga agora, Valentina — ele disse com a voz rouca, sem me tocar. Só me observava com os olhos intensos.

Eu suspirei e caminhei para trás, até encostar na minha mesa.

— Eu quero.

Eric me olhou por um momento, como se estivesse vendo se eu estava falando a verdade ou não. E, por fim, acenou e se aproximou a passos seguros até mim. Seus lábios tomaram os meus novamente, e eu soltei um gritinho quando ele me levantou em seus braços e me colocou contra a porta.

Seus lábios desceram pelo meu pescoço até meus seios. Ele mordeu, lambeu e chupou, me deixando maluca. Suas mãos firmes apertavam a minha bunda e quadris, roçando sua ereção contra minha intimidade. Em um movimento, ele estava dentro de mim, e eu não consegui evitar o grito. Minhas unhas encontraram suas costas. Eric investia com tanta força e gana, que o barulho de nossos corpos ecoava por toda a sala. Eu não duvidava que todos ali fora poderiam ouvir se a música ambiente estivesse desligada.

— Não se contenha — ele rosnou contra meu ouvido, mordendo o lóbulo em seguida.

Ele me colocou no chão e me virou contra a porta, esmagando a minha bochecha e seios contra a porta. Então senti um vento antes do barulho e dor tomar a minha bunda com o seu tapa. Tentei fechar as pernas, porque estava tão excitada, que poderia ter um orgasmo só com isso.

Mesmo tentando me conter, não consegui evitar os sons que saíam da minha boca, ainda mais quando Eric começou a beijar meu pescoço, me arrepiando por inteira. Em algumas investidas, fui vencida e gemi alto quando me entreguei ao prazer. Eric veio logo depois de mim, mordendo de leve meu ombro antes de me libertar.

Eu me virei para ele, com as pernas trêmulas. Ele ainda parecia brutal, indomado. Seus cabelos estavam bagunçados, e seu rosto sério como uma estátua o deixava com uma aparência que gritava perigo. Eu nunca o tinha visto assim antes.

— Você está bem?

Só consegui acenar. Ele passou os olhos por todo o meu corpo, inclusive entre minhas pernas, onde um pouco do seu sêmen descia. Com

uma última respiração parada, fui até minha mesa à procura de lenços, que eu sempre deixava ali para emergências. Quando os achei e os tirei da gaveta, eles foram puxados da minha mão e jogados do outro lado da sala.

— Eric! — protestei.

Sem dizer nada, ele foi até minhas roupas amontoadas e pegou a minha calcinha. Ajoelhando-se na minha frente, ele a passou por minhas pernas. Com o dedo, ele recolheu todo o sêmen e depois espalhou lentamente por minha intimidade; ainda bem que eu estava tomando injeção anticoncepcional. Eu estava perplexa e nem conseguia me mexer. Eric puxou a minha calcinha, e em seguida colocou minha calça e sapatos em mim. Foi então que eu vi que meu *body* estava destruído e minha jaqueta não era tão longa. Apareceria parte das minhas costelas, porém não havia outra opção.

Ele fechou o zíper da calça e pegou a camisa no chão e me deu.

— Você quer que eu coloque sua camisa?

— Sim.

Eu limpei a garganta.

— Eric, acho que ele e todos lá foram já entenderam que eu sou sua.

A camisa continuou estendida para mim, e, a contragosto, a vesti, colocando os cabelos para frente, para tamparem meus mamilos entumecidos. Eric fechou o zíper da calça e catou no chão sua jaqueta e sua arma, que estava embaixo dela.

Como eu não havia notado antes?

— Vamos?

Eu não sabia nem o que responder. Com toda a calma do mundo, peguei minha bolsa, coloquei a jaqueta por cima e caminhei ao seu lado. Não falei nada por ele não ter colocado nenhuma camisa e por sua arma estar à mostra no quadril, mas o que chamou a minha atenção foram suas costas. Havia várias marcas de unhas, e em seu ombro havia uma mordida que eu tinha dado.

Ele queria que todos vissem isso.

Enquanto caminhávamos pelo ginásio, eu mantive a cabeça erguida, mas não encontrei o olhar de ninguém. Estava mortificada e irritada que ele me colocasse nessa situação só para marcar que eu era sua. No começo, achei excitante, mas naquele momento, tendo de passar por todas as pessoas que nos ouviram, isso me deixou mortificada.

Quando entramos no carro, eu ainda estava tensa.

— Direto para minha casa, por favor.

Eric suspirou.

— Valentina...

— Valentina o caralho, Eric. — Virei para a janela sem querer olhar para ele.

— Puta que pariu — ele grunhiu, acertando um soco no banco do carona. Meu guarda na frente não fez nenhum som, e eu não consegui perguntar se ele estava bem.

O caminho demorou uma eternidade, e eu sabia que quando isso chegasse aos ouvidos de meu pai, ele iria ficar uma fera. Quando o carro parou no portão, eu já me preparei, e quando segui até a entrada da porta, meu pai já esperava.

— Valentina...

Ignorei Eric e saí pisando duro até meu pai.

— Não quero falar agora — grunhi e passei por ele, indo direto até meu quarto e batendo a porta com força.

Deitada na minha cama, olhei para o teto e pensei. Se algo assim já me tirou do sério, como eu reagiria a outras situações quando morasse sob o mesmo teto que Eric e não pudesse pedir auxílio à minha família?

Vinte minutos depois, alguém bateu na minha porta, eu ignorei até ouvir quem era.

— Abra, Val! — Iris gritou. — Tenho sorvete!

Com um sorriso, abri a porta, me deparando não só com minha irmãzinha, como com Dante e Dimitri, cada um com um pote de sorvete em mãos. Além disso, Dante segurava um pote preto diferente dos outros, Iris, várias colheres, enquanto Dimitri segurava também uma cobertura de morango.

— Entrem.

Todos nos ajeitamos na cama, e depois de cada um pegar sua colher, começamos a dividir o sorvete.

— O que tem aí dentro? — perguntei, apontando para o pote preto.

— Nozes, Eric falou que você gostaria mais de sorvete com nozes picadas — Dante disse.

Eu bufei, mas continuei comendo.

— Posso colocar um filme? — Dimitri pediu.

Nós nos sentamos, apoiando na cabeceira da cama, um do ladinho do

outro, e assim passamos o restante da tarde, comendo sorvete e vendo filmes.

— Val — Iris me chamou, quando os créditos do segundo filme passavam.

— O que, meu amor?

— Eu vou sentir sua falta.

Eu beijei sua cabeça.

— Eu também vou sentir falta de vocês, quero mensagens e ligações todos os dias. Quero saber de tudo que acontece.

Meus irmãos grunhiram e resmungaram quando os beijei e fiz cosquinhas, mas isso não me impediu de continuar. Iris me ajudou, rindo muito enquanto fazia o seu ataque a Dimitri. Quando parei de brincar com eles, olhei para a porta e vi que meus pais estavam ali, parados, nos olhando, ambos de sorriso no rosto.

— Esse sorriso quer dizer que não vou ficar em prisão domiciliar? — perguntei ironicamente, e Dante me cutucou.

— Esse sorriso significa que está na hora do jantar — mamãe respondeu.

Enquanto meus irmãos corriam para se limparem, eu permaneci sentada na cama esperando o esporro.

— Você tem razão — mamãe começou. — Você é adulta e é responsável por suas ações. Eu tive pais preocupados, mas, mesmo assim, nunca deixei de fazer tudo o que queria, e eles me apoiaram e estavam lá para mim quando errei.

Seus olhos marejaram ao falar dos pais, mamãe os perdeu muito cedo. Eu sequer tive a chance de conhecê-los. Essa era uma das mágoas que eu tinha do meu pai biológico, ele me roubou anos preciosos, talvez eu não lembrasse desses momentos, mas eles o fariam.

— O que sua mãe quer dizer é que sempre estaremos aqui com você — papai informou e limpou a garganta. — Como pai, eu não fiquei feliz com todos lá ouvindo os sons que minha filha faz em momentos privados. — Voltou a limpar a garganta, e eu pude ver quão chateado ele estava com isso. Meu pai colocou as mãos no bolso e me lançou um olhar de aceitação. — Como *capo*, devo dizer que estou orgulhoso que você confiou em seu futuro marido para saber mover a situação e que não se deixaram ser subjugados... sem causar nenhuma morte, o que poderia resultar em um conflito de interesses.

— Isso foi um elogio?

Papai bufou.

— Não force, venha jantar.

Ele deixou a sala, e mamãe continuou a me olhar com curiosidade.

— Agora que ele já foi, me conta, como você se sentiu?

Eu me joguei para trás na cama e coloquei o travesseiro sobre o rosto, mortificada de contar isso a mamãe.

— Foi estranho — comecei, sem retirar o travesseiro. — E excitante. Me senti como...

— Uma rainha? — mamãe sugeriu, arrancando o travesseiro e acariciando o meu rosto.

— De certa forma, sim, mas, ao mesmo tempo, me senti suja, usada. Um objeto.

Ela acenou, pensativa.

— Dentro dessa vida, haverá situações que causarão emoções distintas, mas é preciso nunca demonstrar que está em crise. Não é errado sentir, Val. E você deve conversar com Eric se algo lhe incomodar.

— Eu sei. — Suspirei. — Mas o seu estado, tenho medo de desencadear algo.

Mamãe me olhou seriamente, seus olhos de cores distintas sempre atraindo a minha atenção. O azul demonstrava calmaria e um dia de verão, enquanto o escuro era como uma tempestade da meia-noite.

— Ele será seu marido, não seu filho. Você precisa aprender isso antes que seja tarde demais. Em um relacionamento, a base é o diálogo. Seu pai e eu demoramos a conquistar isso, mas quando conseguimos, nossa relação melhorou muito. Eric, além de seu futuro marido, também é seu melhor amigo, não se pode guardar tudo para você. Caso contrário, um dia você explode.

A semana passou depressa, Eric e eu conversamos um pouco, mas ele não voltou a me tocar de maneira nenhuma. Eu não sabia como corrigir a situação, uma vez que fui eu a dizer para que não me tocasse. Tia Carina me levou para sair, para que eu me distraísse um pouco, mas nada funcionou. Nós nos casaríamos no dia seguinte, e eu me sentia culpada por não ter resolvido nada ainda. As palavras da minha mãe queimavam na minha cabeça. Não queria começar um casamento estando brigada, com o coração

pesado. Queria que meu dia fosse perfeito e sem fantasmas.

A primeira coisa que decidi naquela manhã foi visitar a lápide de meu pai biológico. Quando desci as escadas, meus olhos marejaram ao ver que Eric já esperava por mim. Não sei por que tive dúvidas se ele apareceria depois que lhe mandei uma mensagem avisando aonde ia.

— Oi — ele disse em voz baixa.

— Oi. — Dei um pequeno sorriso.

Nós não falamos muito até chegarmos ao cemitério. Pensar que havia uma lápide com meu nome ali me causava arrepios. Coloquei flores para meus avós maternos, acariciando as lápides antes de fazer o mesmo com a da minha bisavó, a avó de meu pai, a amada Christina. Eu gostaria de ter tido uma chance para conhecer todos eles, mas graças a Deus eu tinha uma família grande e unida, que, apesar de qualquer coisa, se amava e apoiava, matava e morria um pelo outro.

Caminhei até a sepultura de meu pai, Benjamin Walter. A lápide estava cuidada, e eu tinha certeza de que fora minha mãe que mandara. Mesmo o odiando por tudo que ele fizera, ela era mais grata por me conseguido de volta.

Eric ficou a uns metros de distância enquanto eu me ajoelhava. Sabia que esse seria um momento dolorido, mas necessário.

— Oi, pai — comecei em voz baixa. — Acho que é a primeira vez que venho falar contigo aqui. — Arranquei uns matinhos no chão, para ter o que fazer. — Não me lembro muito de você, para dizer a verdade, lembro que sempre beijava minha cabeça e me olhava com culpa quando eu perguntava por que não tinha uma mãe. Eu odeio o que você fez, odeio que tenha escolhido o caminho mais fácil e tenha deixado minha mãe sozinha para se afundar na escuridão. — Só percebi que estava chorando quando um soluço me tomou. — Odeio que tenha tentado, à sua maneira torta, me proteger de alguma forma, achando que era certo privar uma filha de uma mãe.

Senti a mão de Eric no meu ombro.

— E odeio que nunca tive a chance de te conhecer, que você não estará no meu casamento ou verá meus filhos, seus netos. Odeio que não teremos uma chance para nos conhecer realmente.

Eric me abraçou, e eu quebrei, chorando por todos os anos perdidos. Dominic foi o melhor pai do mundo para mim, e eu seria eternamente grata. Mesmo que Benjamin estivesse vivo, Dominic ainda teria um lugar no meu

coração como pai, mas eu desejava ter a oportunidade de conhecer Benjamin e ver o homem que ele seria, mesmo que eu não gostasse. Às vezes, a incerteza era pior do que a verdade sobre algo.

— Está tudo bem agora, querida.

Eu me virei para ele, o abraçando apertado.

— Me desculpe por ter brigado contigo.

— Não tem o que se desculpar, meu amor. Eu devia ter te preservado.

Eu funguei em sua camisa, e Eric nem reclamou, e isso só me fez o amar ainda mais.

— Eu serei sua esposa, tenho que confiar que você sempre fará o melhor para nós. Me desculpe por ter duvidado disso.

Eric beijou minha testa.

— Está esquecido, assim como o ranho que você colocou no meu casaco.

Eu ri e beijei seus lábios.

— Amanhã serei Valentina Hoffmann, o que você acha disso?

Ele segurou meu rosto e deu vários beijinhos nos meus lábios.

— Será o dia mais feliz da minha vida, perdendo somente para o nascimento de nossos futuros filhos.

Meus olhos marejaram, e eu assenti.

— O mesmo para mim, mal posso esperar para ser sua mulher.

CAPÍTULO 7

Porque tudo de mim
Ama tudo de você
Amo as suas curvas e seus contornos
Todas as suas imperfeições perfeitas
Me dê tudo de você
Eu darei tudo de mim para você
Você é o meu fim e o meu começo
Mesmo quando eu perco estou ganhando
Porque eu te dou tudo de mim
E você me dá tudo de você
***All of me* – John Legend**

ERIC

— Hoje é o grande dia, está preparado? — meu irmão Heiko perguntou enquanto eu ajeitava minha gravata, que cismava em ficar torta.

Nada poderia dar errado, Valentina teria o casamento perfeito, para se lembrar para sempre. Eu me lembraria de todo jeito, mesmo que tudo desse errado, ainda seria o dia mais feliz do mundo para mim, o dia em que ela se tornaria uma mulher e eu mataria qualquer um que atrapalhasse.

Ela ter meu sobrenome era o que eu mais queria para ela, pois assim seria uma forma de finalmente acreditar que era realmente minha e que sempre seria. Antes mesmo de nos casarmos, já tínhamos passado por alguns percalços, temia que Valentina não aguentasse meus demônios. Eu não conseguiria viver se ela me deixasse, mas também não conseguia comandar meus sentimentos, minhas explosões.

Por fora, eu parecia bem, um homem padrão, um príncipe, como ela diversas vezes já me chamou, mas atrás dos meus olhos azuis havia um mal que estava conectado à minha alma, e não havia nada que eu pudesse fazer para aplacar quando a hora chegasse. Não acreditava que poderia ferir fisicamente Valentina, mas mentalmente eu não poderia afirmar. Precisava ficar atento para minha escuridão não a contaminar.

— Sim, eu estou pronto.

Entrei na igreja de braço dado com Catherina, a figura materna mais próxima que tive. Ela se casou pouco depois que minha mãe morreu e, apesar de ser um tanto fria, sempre cuidou de Heiko e de mim como se fôssemos seus próprios filhos, e eu sou grato por isso. Ela foi mais minha mãe do que a própria. Eu me arrepiei ao pensar na minha mãe, se é que ela podia ser chamada disso. Era um monstro. Não tenho nenhuma lembrança feliz com ela, meu mundo era todo escuro quando estava por perto, e essa sombra passou a me perseguir com os anos.

Encarei as pessoas, tentando sair desses pensamentos, aquele era o dia mais feliz da minha vida, eu não deixaria nada e nem ninguém o estragar. Fitei cada rosto, deixando claro que qualquer um que tentasse arruinar o dia teria uma morte lenta e dolorosa.

Catherina beijou meu rosto e me olhou de um jeito que uma mãe olharia para um filho. Sei que não consigo me expressar muito bem, mas acredito que ela sabia de minha gratidão. Beijei sua mão, e ela se afastou, sorrindo.

Depois de me posicionar no lugar adequado, permaneci olhando para a porta, à espera de Valentina. Não reparei na decoração, na pequena orquestra tocando ao fundo, quase não reparei em meu pai entrando com Isis, as madrinhas e padrinhos, meus irmãos caminhando em direção ao altar. Meu irmão colocou a mão sobre meu ombro ao meu lado.

— Ela está lá, irmão.

Assenti, ainda sem tirar o olhar da porta. Quando finalmente a porta se abriu, vi Alanna, filha de Miguel e Mila, entrando como florista. Estava um pouco grande para isso, mas Iris e ela ficaram animadas para fazerem parte do casamento.

A orquestra começou a tocar *Eye Of The Needle* ao vivo, com o violino substituindo a voz de Sia. Eu perdi o ar ao vê-la. Valentina estava usando um vestido com um decote em coração e um corpete. A saia rodada era longa, como uma princesa, as mangas, de renda, seus ombros estavam nus. Usava o colar de diamante rosa que lhe dei. Seu rosto estava tampado pelo véu, mas pude ver que chorava. Seus cabelos estavam enrolados, meio presos, meio soltos. De cada lado dela havia uma pessoa: vô Raffaelo e Dominic.

Valentina estava deslumbrante, e uma vontade de chorar me tomou. Eu não era e nunca serei digno dela, mas, mesmo assim, a teria. Mesmo havendo demônios em mim, Valentina me escolheu.

Ela caminhou sem deixar de me olhar, e juro que até nossas respirações se tornaram uma só. Quando ela estava a poucos centímetros, eu não consegui me aguentar e caminhei ao seu encontro. Não me importava que eu parecesse fraco ou demonstrasse a todos que meu único ponto fraco estava ali de véu e grinalda.

— Quem a entrega? — o padre perguntou em voz alta.

Vô Raffaelo estendeu a mão que ele segurava para mim.

— Eu a entrego — disse, sua voz saindo em um aviso silencioso. Ele beijou a testa de Valentina e colocou a sua mão sobre a minha, pegando o buquê, antes de se afastar.

Dominic hesitou um pouco em me dar a mão de Valentina, e eu esperava nunca sentir o que ele estava sentindo. Ele estava deixando a filha ir para um futuro incerto, sem estar por perto. Eu o olhei, demonstrando meu respeito.

— Eu a entrego — ele disse com a voz mais grossa, carregada de emoção. Seus olhos demonstravam que seria capaz de destruir o mundo caso a filha não fosse tratada como uma rainha.

— Obrigado — eu disse em voz baixa. Contida.

Valentina apertou a minha mão quando eu a segurei e a levei aos lábios. Quebrando a tradição, levantei seu véu, sem esperar o pai o fazer. Eu precisava ver seus olhos. Ela sorriu largamente para mim, sabendo que eu não conseguiria aguentar.

Nós paramos na frente do padre, e Valentina suspirou, me olhando completamente apaixonada.

— Eu te amo — ela sibilou, antes de olhar de volta para o padre.

O padre começou a pregar, mas eu mal prestei atenção, perdido na beleza de Valentina. Ainda não acreditava que estávamos ali.

— ... um amor puro, que nasceu ainda na infância e que aqui, diante dos olhos de Deus e de todos, se concretiza em matrimônio. Já ouviram falar de encontro de almas? Pois eu tenho certeza de que Valentina Raffaelo e Eric Hoffmann foram concebidos para encontrarem um ao outro.

Valentina olhou para mim, com os olhos marejados, completamente emocionada. Eu queria guardar esse momento para sempre. O padre

continuou a falar, mas não conseguíamos desviar os olhares.

Então chegou a vez dos votos. Perdido em seus olhos, eu comecei, em voz baixa, sem me importar se todos ali escutariam ou não minhas palavras. O importante para mim era que Valentina escutasse e entendesse cada palavra.

— Desde que te vi pela primeira vez, sabia que seria minha. Passamos por diversas fases, fomos amigos, companheiros, namorados e hoje, noivos. Te acompanhei em todas as suas etapas, e o que mais desejo no mundo é acompanhar, ao seu lado, o nosso futuro, juntos. Eu te amei em cada etapa de nossa vida e continuarei a te amar para sempre. Você, certa vez, me disse que achava lindo como seus pais demonstram o amor, e eu passarei cada dia da minha vida demonstrando que você é meu tudo. — Segurei seu rosto em minhas mãos. — Eu estou inteiro quando estou com você, minha escuridão não toca sua luz, e você me faz acordar todo dia. Hoje, você me faz o homem mais feliz do mundo, mais feliz do que eu jamais pensei ser capaz. Eu te amo, *mein leben*[2].

Valentina soluçou, e eu beijei a ponta do seu nariz.

— Você sempre me entendeu como ninguém mais — ela começou. — Eric Hoffmann, eu juro que você tomou meu coração para si, mesmo quando nos vimos pela primeira vez. Você era a parte que eu não sabia que precisava, até te conhecer. Eu cresci te amando e sempre o farei. Você é meu tudo. Meu começo, meio e fim. — Ela se aproximou, até seu peito estar colado ao meu. — Mesmo na escuridão, eu o guiarei para mim, porque mesmo a sua versão mais sombria me pertence, e eu sou completamente apaixonada por ela. E serei complemente apaixonada por cada parte sua.

Iris entrou sozinha, com as alianças, sorrindo para nós dois. Ela estava linda, usando um vestido rosa rodado, mas não tão infantil, com um lindo laço rosa na cabeça. Ela entregou as alianças e foi correndo ficar perto de Christian Harris, capo da máfia de Denver e sua sobrinha.

O padre então continuou:

— Eric Hoffmann, você aceita Valentina Raffaelo como sua legítima esposa?

— Eu aceito — respondi sem hesitação.

— Valentina Raffaelo, você aceita Eric Hoffmann como seu legítimo esposo?

Reparei que ela hesitou por um único segundo, olhando para meu pai

antes de se voltar ao padre.

— Eu aceito.

O padre acenou.

— Agora a troca de alianças e juramentos.

— Eu, Eric Hoffmann, aceito você, Valentina Raffaelo, como minha legítima esposa e prometo te amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida, até que a morte nos separe.

Os olhos de Valentina se arregalam um pouco, não era comum na máfia o homem jurar lealdade. Um burburinho de pessoas comentando começa, mas eu ignoro.

— Eu, Valentina Raffaelo, aceito você, Eric Hoffmann, como meu legítimo esposo e prometo te amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida, até que a morte nos separe — ela disse, emocionada, e eu sabia que ela cumpriria esse juramento eternamente, assim como eu.

Mais pessoas comentaram que o padre não falou sobre ela ser cega, surda e muda sobre a vida na máfia. Eu mesmo ordenei a ele que não o fizesse, confio plenamente em Valentina.

— Antes de terminar esse casamento, eu queria passar uma palavra. *O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*. 1 Coríntios, 13:4-7 — Ele fez uma pausa. — E assim, diante de Deus e testemunhas, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Eu a derrubei sobre meu braço, como um príncipe beijaria uma princesa. Valentina sorriu contra meus lábios e segurou meu rosto.

— Estou tão feliz!

Nós trocamos um olhar, pensando a mesma coisa, e antes que as pessoas pudessem nos cumprimentar, nós corremos pela igreja em direção à limusine que já nos esperava. Mesmo correndo, ainda fomos atingidos por confetes e arroz durante nosso caminho, arrancando risadas de Valentina.

Os guardas rapidamente se arrumaram na ordem enquanto entrávamos no carro. Antes que o veículo andasse, Valentina estava em meu colo, me beijando desesperadamente.

Alguém limpou a garganta no banco da frente.

— Podemos ir para o salão da festa? — reconheci a voz de Thomas, segurança da minha esposa.

— Sim — Valentina disse, se afastando um pouco do meu beijo para responder. Eu comecei a beijar seu pescoço, e ela suspirou. — Mas pegue o caminho mais longo para lá.

Ela se inclinou e apertou o botão para subir o vidro escuro que nos separava deles. Em seguida, segurou meu rosto e me encheu de beijos.

— Estamos casados!

Sua alegria era contagiante. Eu saquei meu celular e liguei a câmera.

— O que está fazendo? — ela questionou, ainda sorrindo.

— Paradinha, eu quero tirar uma foto.

Ela sorriu, e eu bati a foto. Valentina, em seguida, pegou o celular de minha mão e o levantou, virando a câmera frontal para nós.

— Essa é para emoldurar.

Ela colocou a língua para fora, e eu fiz uma careta também, entrando na brincadeira e me sentindo muito feliz. Ela tirou outras fotos antes de voltar a me beijar. Quando percebemos, já estávamos em frente ao salão, e antes que pudéssemos nos despedir, Valentina estava sendo levada pela mãe e tias para trocar de roupa.

A festa estava belíssima, pessoas rindo e falando alto, curtindo e celebrando uma união sólida de duas grandes máfias. Queria estar animado como todos, mas tudo que eu pensava era em estar com Valentina, em a ter ao meu lado e que saíssemos logo para a lua de mel. Temia acabar ativando um gatilho e ter um episódio. Ainda me sentia culpado pela hipomania que tive no nosso noivado.

A conversa cessou quando Valentina apareceu, usando um vestido branco, semelhante ao usado no casamento, rendado, porém colado ao corpo e sem mangas. Seus cabelos estavam presos, e ela tinha um olhar travesso enquanto caminhava até mim.

— Vamos tirar umas fotos e sair escondidos — ela disse em voz baixa, fingindo ajeitar minha gravata.

— Tudo que eu mais quero. — Envolvi minhas mãos em sua cintura e senti suas costas nuas, o decote do vestido era bem baixo, no cóccix. — Quer me dar um ataque cardíaco? — brinquei.

Ela sorriu e beijou meu queixo.

— Você nem imagina.

Nós caminhamos cumprimentando as pessoas, já que havíamos fugido depois do sim antes que pudessem falar algo, tiramos algumas fotos nas áreas abertas do salão, para nosso álbum de casamento, e depois algumas pelo salão.

Nesse momento, comecei a reparar que as pessoas estavam olhando para Valentina um pouco demais, principalmente os homens, e isso começou a me incomodar. Mandei olhares de aviso, mas nem isso parecia fazer efeito. Começaram a comentar, e eu queria confrontá-los, porém não desejava preocupar Valentina ou fazê-la se sentir mal no dia do casamento.

— Boa noite, senhores — o cantor no palco comentou com voz rouca. — Agora, a primeira dança dos noivos.

Eu estendi a mão e a levei até a pista de dança. Como pedido antes, o cantor começou a cantar *Eye Of The Needle*. Valentina me olhou de boca aberta, sem esperar. Eu a puxei para mim e dançamos agarrados, sem desviar o olhar. Perdidos em nosso próprio mundo.

Dançamos por todo salão, dando um show. Aprendi a dançar especialmente para Valentina ficar orgulhosa, e seu olhar admirado e impressionado me deixou satisfeito demais.

Quando a música acabou, Dominic se aproximou.

— Posso tomar a mão da minha filha para uma dança? — ele pediu, parecendo divertido.

Eu lhe entreguei a mão, depois de beijar a bochecha da minha esposa. Valentina se afastou alguns passos, e minha respiração cessou. Ela olhou por cima do ombro, com um sorriso maroto nos lábios. Em suas costas, na vertical, estava escrito meu nome e sobrenome, indo de pouco abaixo da nuca, até quase o cóccix.

Percebi então porque todos estavam comentando e precisei me controlar antes que a jogasse sobre meu ombro e fugisse dali. Estava tão duro e atordoado, que nem conseguiria me mexer. Ela piscou para mim antes de acompanhar o pai para a dança.

Dancei com minha madrasta e, em seguida com Isis. Um pequeno sorriso me escapou ao ver Dominic, Jace, Damien, Miguel e alguns outros homens dançando com suas filhas e sobrinhas. Era raro ver momentos completamente espontâneos, sem medo, em uma comemoração dentro das famílias da máfia. Muitas vezes, o amor e carinho eram vistos como fraqueza.

Depois de partirmos o bolo, separei uma fatia grossa para nós dois comermos no caminho para a lua de mel, e saímos juntos de mãos dadas. Quando estávamos sozinhos, no jato particular, eu suspirei, feliz, realmente havia me casado com Valentina. A aliança em minha mão mostrava que era real. Ela se aconchegou mais em mim, adormecendo.

Alguns bancos atrás estavam Sophia e Heiko, que nos acompanhariam em nossa viagem. Eu não confiava em mim completamente sozinho com Valentina, tinha medo de entrar em crise e ela não saber lidar, de machucá-la com palavras ou algo do tipo, ou até mesmo cair em uma depressão fodida.

Acariciei sua cabeça, sentindo o cheiro de seu cabelo, e adormeci com a sensação de Valentina contra mim.

***

Chegamos às Maldivas depois de quase nove horas de voo; pelo horário de Boston seriam nove da manhã, porém, com o fuso-horário, eram sete da noite. Valentina dormiu durante quase todo o voo, acordando somente quando faltavam duas horas para pousarmos. Nessas duas horas, aproveitamos para nos beijar como adolescentes fugitivos, aproveitando que meus irmãos estavam dormindo.

— Mal posso esperar para chegarmos ao hotel — ela sussurrou contra meus lábios enquanto descíamos juntos as escadas do avião.

Peguei em sua cintura, apertando seu corpo contra o meu.

— Mal posso esperar também.

Demoramos mais algumas horas para chegarmos ao hotel. Meus irmãos vieram durante o caminho reclamando que estavam com fome e roubando a atenção de Valentina, o que já me deixou de mau humor, mas ela me animou quando sussurrou contra meu ouvido:

— Imagine nós dois juntinhos na banheira, com um vinho...

Um pequeno sorriso me escapou, ela beijou minha mandíbula e voltou a conversar com Sophia. Quando chegamos ao hotel e entramos em nossa suíte, Valentina abriu a boca, surpresa.

— É perfeito! Estou apaixonada!

Eu havia pedido a suíte master, queria dar todo o conforto e comodidade que ela merecia. Valentina caminhou até a sacada da varanda,

abrindo as portas com vista para a praia. Meus olhos foram para suas costas, ela usava um vestido branco longo, de malha fina. As costas não revelavam a tatuagem, mas eu sabia que estava lá.

Valentina se virou para mim e começou a caminhar até a cama, mas parou quando saquei uma faca. Ela me olhou com curiosidade, mas em nenhum momento demonstrou medo.

— Na minha máfia — comecei, caminhando até ela — temos alguns ritos de passagem dentro do casamento. Entre eles, o noivo deve cortar o vestido de casamento.

Valentina olhou para si mesma e inclinou a cabeça para mim, mordendo o lábio, mas eu não consegui identificar se estava nervosa ou excitada.

— Eu preciso de um minuto.

Sem que eu pudesse realizar meu desejo de rasgar sua roupa, ela passou por mim correndo, pegou uma de suas malas e se trancou no banheiro. Olhei para a faca em minha mão, pensando que eu podia tê-la assustado. Passei uma mão pelo cabelo, pensando em como acalmá-la. Eu não precisava seguir os costumes que fui criado, Valentina era mais importante do que qualquer coisa.

A porta se abriu, e eu percebi que ainda tinha a faca em minha mão; rapidamente eu a guardei.

Valentina saiu do banheiro usando seu vestido de casamento, até mesmo colocou o véu.

— Ainda bem que eu trouxe o vestido em uma das malas.

Sua resposta me deixou parado por um momento. Ela se aproximou, e quando parou na minha frente, me deu as costas, mostrando que o vestido estava aberto.

— Quer fechar antes de rasgar?

Eu limpei a garganta, e ela olhou para mim por cima do ombro.

— Só mantenha o véu intacto, porque foi da minha mãe e será da nossa filha.

Com a mão tremendo um pouco, eu comecei a subir o zíper do vestido, sendo o único som ouvido pelo cômodo. Valentina estava usando saltos, o que a deixava mais perto da minha estatura, assim não precisei abaixar tanto o pescoço. Quando aproximei a boca de sua orelha, fiz minha promessa com a voz rouca, em minha língua materna.

— *Mit diesem Messer heirate ich meine Frau. Möge unsere Ehe immer so scharf wie diese Klinge und so stark wie dieser Stahl sein.* [3]

Vi seu corpo se arrepiar e Valentina estremecer. Em seguida, dei um último aviso.

— Não se mexa.

— Não vou — ela prometeu, sua voz saindo rouca de excitação.

Sem hesitação, eu enfiei a faca em seu vestido, tomando cuidado para o aço não tocar sua pele enquanto eu rasgava a peça em um único corte. Valentina não tentou segurar o tecido, o deixando despencar no chão. Perdi a respiração ao vê-la usando meias e cinta-liga branca de renda, que combinavam perfeitamente com sua pequena calcinha.

A faca caiu no chão, e minha boca tomou seu pescoço, beijando e mordiscando; eu estava gostando de arrancar seus suspiros. Minhas mãos agarraram seus seios nus, sentindo-os duros contra meus dedos. Valentina suspirou, esfregando a bunda contra minha ereção.

— Eric — Valentina gemeu.

Sua mão se levantou, e ela agarrou meus cabelos.

— Me faça sua.

Eu me afastei por um único momento para me livrar das minhas roupas. Valentina agarrou meus cabelos, puxando minha cabeça para trás e beijando minha garganta. Em seguida, passou os lábios pela minha tatuagem antes de se ajoelhar diante de mim, sua mão acariciou minha ereção sem desviar os olhos.

— Meu.

Ela me tomou em sua boca, e meus olhos se fecharam por um momento antes de se abrir, querendo ver a cena. Valentina poderia estar de joelhos para mim, mas ela é quem tinha a arma e a mira, porque eu estava perdido em seus olhos. Gemi, meu corpo se arrepiando e se perdendo nas sensações. Foi preciso um grande controle para eu me afastar, retirar o restante de suas roupas e a levar até a cama.

Valentina gemeu contra meus lábios enquanto eu degustava sua boca. Seus olhos se abriram, e o mundo pareceu parar, eu não me importaria se só houvesse nós dois. Eu comecei a penetrá-la, e Valentina tocou meu rosto.

— Nós somos um agora — ela disse, com a voz rouca. Uma lágrima de prazer deslizava em seu rosto.

— Para sempre!

***

— Eric! — Valentina gritou, batendo nas minhas costas.

Eu continuava correndo pela praia e a girando. Ela ria por cima do meu ombro, então senti uma picada na minha bunda. Eu parei automaticamente de correr.

— Você acabou de morder minha bunda? — perguntei, a colocando com cuidado no chão.

O olhar de Valentina parou sobre seu nome no meu peito, de uma ponta a outra, então voltou a olhar para meu rosto, sorrindo, travessa.

— Não tenho ideia do que você está falando — afirmou, mordendo o lábio para conter o sorriso.

Meus olhos ficaram em seus lábios por algum tempo. Havíamos ficado em nosso quarto por dois dias, somente aproveitando a companhia um do outro. Naquela manhã Sophia bateu na porta do quarto e convenceu Valentina a sair um pouco. E eu também estava aproveitando o sol forte, nada era melhor que passar protetor solar sobre as costas e nádegas da minha esposa.

A praia onde estávamos era ligada ao hotel, então me sentei em uma espreguiçadeira, observando Valentina e Sophia brincarem. Percebi que alguns homens estavam olhando as duas e fechei os punhos, pronto para entrar em ação. Heiko se sentou na cadeira ao lado da minha.

— Vou te dar cobertura, irmão.

Heiko levantou e correu até as meninas, jogando Sophia sobre seu ombro. Eles sempre foram mais do que irmãos, amigos. Não pude deixar de perceber a cumplicidade que eles sempre tiveram. Apesar de serem meus irmãos, eu nunca fui aberto com eles como sempre fui com Valentina, e isso, mesmo que eles não assumam, criou um muro entre nós. Heiko também sofreu com as loucuras da minha mãe, mas ele era pequeno demais para se de lembrar de muitas coisas; todavia também tinha seus demônios. Assim como eu, ele tinha Sophia como sua luz na sua escuridão, mas todos sabíamos que esses dias estavam contados, uma vez que ela tinha completado dezoito anos e estava apta para se casar. Meu pai a amava, mas ainda assim ela era uma via de troca, sempre fora.

Valentina correu até mim e beijou meus lábios suavemente, antes de

se deitar na cadeira ao lado da minha.

— Estou amando esse sol. — Esticou a mão, e eu a segurei.

— Você está linda.

Ela rolou os olhos.

— Claro, com o cabelo todo ressecado e a pele que em breve vai começar a descascar — resmungou, mas sorriu quando eu bufei.

Ela me deu um sorriso malicioso, e antes que eu pudesse dizer algo, desamarrou a parte de cima do biquíni e jogou em cima de mim. Por estar de bruços, não dava para ver seus seios, mas a insinuação, junto com o meu nome em suas costas, me deixava louco.

— Você devia agradecer aos céus por eu não ter trazido nenhum biquíni brasileiro — brincou, piscando para mim.

— Amém — respondi de prontidão.

***

Gostaria que nossa lua de mel durasse para sempre, que não existisse transtorno, deveres e obrigações. Ver Valentina relaxada, sorrindo e feliz era o que eu queria para sempre, mas a realidade em breve bateria à nossa porta, e eu só esperava que minha esposa fosse forte para aguentar minhas crises.

— Você está me olhando dormir? — ela perguntou, a voz rouca de sono e as pálpebras cerradas. Seus cabelos ocupavam todo o travesseiro.

— Sim, você parece um anjo.

Valentina sorriu e abriu seus belos olhos, dessa vez esverdeados, me dando um olhar malicioso.

— Cuidado, não se esqueça que o demônio foi um anjo.

Ela se levantou, envolvendo as pernas em minha cintura. Sua boceta já estava pronta para mim, me deixando louco. Ela colou nossos lábios e agarrou meu pau, me colocando dentro dela com um gemido baixo, enquanto revirava os olhos. Valentina era a perfeição. Minhas mãos agarraram seus quadris com força, sentindo sua pele quente. Seus seios sacudiam conforme ela subia e descia. Eu nos virei, ficando por cima dela e segurando sua perna no alto, enquanto entrava e saia profundamente.

— Eric — Valentina gemeu, mordendo o lábio para não gritar.

Eu agarrei seu seio, a olhando dentro dos olhos.

— Minha.

***

No nosso último dia, preparei uma surpresa para nós: pegamos um barco e fomos para a Ilha de Vaadhoo, parte das Ilhas Raa Atoll. Valentina não desconfiou do que eu queria mostrar, e deixei bem claro ao capitão do barco e seus homens para não falarem nada. Quando chegamos, já era começo da noite, um piquenique nos esperava na areia da praia. Havia um deque de madeira montado para nós, com cortinas brancas que nos davam mais intimidade. Valentina levou a mão aos lábios, completamente surpresa.

— Eric — ela murmurou, encantada. — Você fez isso para mim?

Eu a abracei de costas e beijei sua nuca.

— Só para você, *mein leben*.

Nós nos sentamos no tapete, rodeados por almofadas. Servi o vinho e tomamos, comendo, rindo e relembrando momentos de nossa vida.

— Lembra quando eu tinha a peça da escola? A gente foi treinar na casa da tia Carina, e eu acabei te dando uma cabeçada na parte do beijo.

Joguei a cabeça para trás, rindo.

— Eu estava tão nervoso, você disse que queria que eu a beijasse igual aos príncipes beijam as princesas. — Balancei a cabeça. — Estava com medo que você descobrisse que eu não era príncipe nenhum.

Valentina acariciou meu rosto e beijou minha bochecha.

— Para mim, você sempre será um príncipe, Eric. E se for um monstro, seremos juntos.

Um arrepio tomou meu corpo, não gostei de ver o olhar de Valentina. Ela parecia certa sobre isso.

— Não quero contaminar você com minha escuridão — disse em voz baixa, sem querer começar uma discussão naquele momento. Olhei para a praia, sabendo que tinha mais uns minutos ali antes que o momento perfeito chegasse.

Valentina segurou meu rosto, me virando para ela.

— Eu gosto do beijo da escuridão, eu não a temo.

Sem querer discutir, me levantei e estendi a mão para ela.

— Caminhe comigo.

Ela sorriu, colocando o cabelo atrás da orelha, e se levantou, segurando a minha mão. Nós começamos a caminhar, e pouco mais à frente a

vida começou a tomar a orla. Valentina perdeu o ar ao meu lado. O mar criou vida, e diversas luzes neon azuis apareceram na água e em partes da areia.

— Meu Deus — Valentina disse, olhando encantada.

Eu me virei para ela.

— Isso se chama bioluminescência.

— É perfeito! — Ela se jogou em meus braços, me abraçando apertado. — Obrigada por me mostrar esse lugar, é a coisa mais linda que já vi.

Ela me encheu de beijos, enchendo meu coração de amor.

— Aqui, no meio dessa obra maravilhosa da natureza, eu tenho uma promessa a lhe fazer. — Valentina me olhou com atenção, e eu continuei: — Valentina, eu prometo deixá-la livre se eu sentir que não sou suficiente...

— Eric... — ela tentou me cortar, mas eu tapei sua boca com um dedo.

— Eu prometo fazer de tudo para fazê-la feliz, mas se eu não conseguir, você é livre. Não importam as consequências, prometo que nada irá te atingir.

Lágrimas caíam de seus olhos, ela sabia quão sério era o que eu prometia. Onde crescemos, não existia divórcio, e quando a verdade cruzou sua cabeça, ela ofegou.

— Não! — gritou, batendo em meu peito, e eu deixei, sem me mover. — Você não pode falar isso, não pode! — Uma lágrima caiu de meu olho ao ver seu desespero.

— Valentina. — Tentei abraçá-la, mas ela se afastou como se eu a queimasse.

— Não, Eric! Você não pode dizer que vai se matar se não der certo entre a gente. — Sua voz falhou, e seu corpo tremia.

— Eu só quero que seja feliz.

Ela passou a mão pelo rosto, pude ver que sua mão tremia.

— Então nunca fale isso ou faça qualquer coisa que acabe com sua vida propositalmente.

Não consegui falar mais nada, e ela se aproximou e colocou as mãos na minha cintura.

— Se você quer me fazer uma promessa como essa, então eu farei a minha. Não existirei se você não existir, Eric.

Sem que eu pudesse ver sua ação antes que fosse tarde demais, ela

roubou a faca que estava no meu coldre na cintura e cortou a mão.

— Juramento de sangue, honra no sangue — ela proferiu as palavras que somente homens dentro da máfia falavam, nunca nenhuma mulher fez um juramento assim.

Eu olhei as gotas de sangue, sem conseguir reagir, até que tomei a faca de sua mão e verifiquei sua ferida, que não era tão profunda.

— Estou bem — ela resmungou, sem olhar para mim.

— Val...

— Não, Eric. Você não pode falar algo assim para mim, e se fosse ao contrário?

Meu sangue gelou, nunca iria conseguir superar se Valentina se matasse.

— Foi exatamente assim que me senti — ela disse em voz baixa, finalmente encontrando meu olhar. — Você tem que entender que estamos nisso juntos. Nos bons e maus momentos, na saúde e na doença...

— Até que a morte nos separe — completei e cortei a palma de minha mão sem hesitação, mal sentindo dor. — Se você quer um juramento diferente, eu lhe darei então. Valentina, prometo nunca a deixar ir.

— Nunca — respondeu ela sem hesitação, agarrando minha mão sangrenta.

Nosso sangue se misturou, sob a luz da lua e as estrelas, o mar brilhando como testemunha, prometemos que seríamos um para sempre.

PARTE DOIS

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.”

— Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll

CAPÍTULO 8

Dizem que eu posso estar cometendo um erro
Eu seguiria o caminho todo, não importa o quão longe
Eu sei quando você pega todas as estradas mais sombrias
Eu seguiria o caminho todo até o cemitério
Graveyard – Halsey

VALENTINA

Nossa ida para Munique, Alemanha, demorou um longo tempo, porém foi bom para eu pensar nos últimos acontecimentos. Minha mão ainda latejava um pouco, mas por sorte o corte não foi fundo o suficiente para precisar dar alguns pontos. Se eu tinha qualquer resquício de questionamento sobre ser suficiente para Eric, agora eu não podia ter dúvidas. Eric não viveria sem mim. Eu precisaria ser mais forte do que jamais fui, mas tudo valia a pena se o fizesse feliz.

Heiko e Sophia sentiram que algo estava estranho, porque nos deram espaço. Eric não saiu do meu lado em nenhum momento, me atrevo a pensar que ele estava achando que eu iria fugir na primeira chance.

Suspirei quando entramos no carro, em direção à mansão em que moraríamos com seus pais e irmãos. Se já achava que seria complicado às vezes nós dois sozinhos, imagine com plateia?

— Tudo bem? — Eric perguntou, beijando meu pescoço. Estávamos sozinhos no carro.

— Sim, ansiosa para chegarmos em casa. — Sorri e voltei a olhar para a janela.

O tempo estava lindo, era começo de junho, e ainda estava na transição de primavera para o verão. O céu estava azul, a cidade estava cheia de turistas e nativos aproveitando o bom tempo para passear. Nas vezes em que vim aqui, raramente consegui sair para conhecer os pontos turísticos, era perigoso, e papai queria que fizéssemos os passeios rodeados por seguranças, então para mim não foi uma opção.

Depois de um tempo, chegamos ao bairro chique onde moraria, o local era rodeado de mansões, mas a dos Hoffmanns era de longe a maior.

Depois de passarmos pela portaria, onde havia um longo muro, nós entramos na propriedade. Havia bastante espaço para eu correr e até fazer um piquenique. A casa tinha três andares, fora o sótão e porão. O carro parou, e Eric saiu primeiro, estendendo a mão para mim.

— Fui informado que suas roupas e caixas já chegaram. As roupas já foram postas no nosso closet, e as caixas estão fechadas, esperando suas ordens.

Eu toquei seu rosto com a mão enfaixada, acariciando sua bochecha, e ele pegou a minha mão e deu um beijo.

— Seremos felizes aqui — ele disse em voz baixa enquanto caminhávamos até a entrada.

— Eu sei disso, amor.

Ao entrarmos, fomos recebidos por todos. Eu sorri ao ver a recepção calorosa. Era meio-dia, e eles haviam preparado um almoço. Abracei Ivan, que franziu um pouco a testa ao ver meu curativo e de Eric nas mãos, mas não comentou. Catherina nos deu um longo abraço, antes de me puxar na conversa sobre como tinha sido a lua de mel. Vi de longe Eric e Heiko indo para o escritório junto com Ivan. Sophia percebeu que eu não estava muito pronta para conversar, porque tomou a frente e contou os detalhes divertidos da viagem.

Pouco depois, estávamos todos reunidos na mesa, degustando de chucrute com linguiça. Todos estavam conversando, e eu me senti mal por não ter falado quase nada, eu estava me preocupando à toa e, com isso, acabando com esses momentos.

— Já digo para vocês que a Sophia vai ser meu chaveirinho e vai me mostrar a cidade toda — brinquei.

Sophia acenou rapidamente, me dando um largo sorriso, e eu pisquei para ela em troca.

— Isso é ótimo. Também quero levar vocês ao meu salão de beleza e à loja de grife que mais gosto — Catherina disse, feliz.

Nós continuamos com o papo leve, e quando me virei para Eric, vi que ele me olhava com um pequeno sorriso no rosto.

— Venha, quero mostrar nossa casa.

Assenti com a cabeça e o segui em direção a seu quarto, talvez precisasse de algumas mudanças, mas eu gostava do espaço. Nós subimos as escadarias, em vez de usar o elevador. Confesso que achava um pouco

desnecessário usá-lo, subir as escadas seria bom para me exercitar, uma vez que a comida era sempre bem pesada.

Eric era o único que tinha um quarto nesse andar, a não ser que seus irmãos fossem se mudar para o andar, então acreditava que teríamos um pouco de privacidade. Talvez eu devesse comprar um micro-ondas e um frigobar, para não ficar descendo até a cozinha.

Quando chegamos ao andar, eu estranhei a entrada, uma das paredes tinha sido derrubada e um dos quartos se transformou em uma sala de estar arejada e moderna, com alguns toques retrô que sempre gostei. O tapete peludo bege era lindo e combinava perfeitamente com as almofadas, o sofá escuro também ornava de alguma forma no ambiente. Eram coisas que eu, com certeza, escolheria, além disso havia fotos nossas espalhadas pelo cômodo.

— Uau. Eu amei!

Eu me virei para Eric, que sorria.

— Imaginei que ia gostar. Venha. — Ele estendeu a mão, e eu aceitei, caminhando com ele para a porta ao lado da sala, que dava em um banheiro lindo. Branco e todo de mármore bege, sem muitos detalhes, como eu gostava. — O banheiro social.

Ele fechou a porta e me guiou, passando por algumas portas, que eu deduzi não terem mudado.

— Meu escritório. — Ele apontou para um cômodo, e eu me aproximei, vendo a longa coleção de facas que Eric tinha desde pequeno.

Olhei para uma em especial, era uma espada grande e assustadora. Decidi brincar um pouco.

— Devia colocar essa na sala.

Ele rolou os olhos.

— Melhor deixar as armas aqui, não quero que nossos futuros filhos acabem se machucando. — Um suspiro sonhador saiu de mim, eu sempre quis ter filhos com Eric. Vendo meu rosto, ele me puxou para si, segurando minha bunda. — Agora ainda não é hora, mas daqui a alguns anos, quero filhos contigo.

— Isso será perfeito. — Beijei a sua boca de leve. — Agora me mostre o restante. — Estava curiosa e ansiosa que ele tinha pensado em mim. Eu podia claramente visualizar nós dois aconchegados no sofá vendo um filme, conversando ou até mesmo transando sem sermos incomodados. Como

nossa casa.

Mais à frente, minha boca se abriu ao ver a cozinha, a parede havia sido derrubada, deixando só uma longa bancada de mármore igual à do banheiro. A cozinha tinha os móveis e os eletrodomésticos com detalhes em vermelho, como eu certa vez tinha falado a Eric que queria, em uma de nossas ligações para sonhar com o futuro.

— Você se lembrou?

Ele me abraçou pelas costas e beijou minha nuca.

— Claro que sim, nunca esqueço nada que você fala. — Ele me deu um novo beijo e me apertou em seus braços. — Vamos, ainda tenho que te mostrar a nossa academia, nosso quarto, seu closet...

— Lavanderia — brinquei, sabendo que ele provavelmente não pensou nisso, já que ambos sempre fomos privilegiados com empregadas domésticas. Acho que a única coisa que eu lavava eram as minhas calcinhas. Eric teria que lidar com elas penduradas no boxe.

— Engraçadinha. — Fez cócegas em mim. — A lavanderia continuará lá embaixo, já que temos empregadas que podem fazer isso. — Eric me virou, eu estava emocionada que ele realmente fez tudo isso para mim, para nós. — Fiz nossa casa toda independente, para que não seja preciso ficar encontrando os outros. Sinto muito por, nesse momento, eu não me achar pronto para morarmos sozinhos. Não quero nunca lhe colocar em nenhum tipo de perigo, Valentina, e isso me inclui também.

Meus olhos marejaram, mas eu não queria que Eric me visse triste.

— Acho que está na hora de você me mostrar o lugar onde vamos passar muito tempo. — Fiquei na ponta dos pés e mordi seu lábio inferior, dando um puxão de leve antes de chupar e soltar.

— Acredito que é uma boa ideia.

De mãos dadas, fomos até o outro lado da casa, onde estava nosso quarto. Não sabia nem o que esperar, mas só sabia que seria perfeito, porque Eric tinha planejado todas as modificações. O quarto era lindo demais. Claro, repleto de janelas, como eu gostava, mas com luzes laterais amareladas, que davam um ar mais aconchegante que eu amava. A lareira era gigante, e eu podia nos imaginar claramente agarrados ali nas noites frias, tomando um vinho e nos amando. Havia diversas fotos nossas pelo cômodo, além de uma varanda belíssima, com uma vista para a área de lazer lá embaixo.

Mas o que mais chamou a minha atenção foi a cama: era gigante, de

madeira escura, com uma cabeceira acolchoada que eu podia claramente me imaginar batendo nela quando Eric me pegasse com força. Ri com esse pensamento.

— Não tire esse plano da cabeça, safadinha — ele disse, deslizando a mão pela minha bunda.

— Como sabe o que estou pensando? — retruquei.

— Porque você tem esse olhar safado e está mordendo o lábio.

Dando de ombros, andei pelo quarto, gostando do fato de ser enorme. Avistei uma caixa de som e sorri, nós dançaríamos sempre que pudéssemos. Caminhei até a porta que deduzi ser a do banheiro e ofeguei com a beleza do lugar. Ao contrário do outro banheiro, que era belo, mas sem muita personalidade, este tinha uma vibe vitoriana, com sofás estofados como a minha cabeceira, piso escuro de madeira, as paredes em porcelanato, banheira com velas e alguns recipientes com loções e pétalas de rosa.

Voltei ao quarto e me joguei sobre a cama macia.

— Acho que está na hora de testar o colchão. — Mordi o lábio e o chamei com o dedo.

Eric balançou a cabeça, sorrindo. Começou a tirar a blusa quando seu telefone tocou.

— Desculpe, eu preciso atender. É meu pai.

Ele se afastou e vi que estava tenso. Pouco depois desligou e me deu um olhar de desculpas.

— Preciso ir, tenho uns assuntos a resolver. Uma reunião.

Eu lhe dei um sorriso tranquilizador, sabendo que o ajudaria a relaxar um pouco.

— Tudo bem, gostaria de conhecer melhor a nossa casa mesmo. — Pisquei para ele e em seguida o enxotei com a mão. — Agora vai trabalhar e ser um mafioso fodão.

Ele bufou uma risada, me dando um último olhar antes de entrar no banheiro. Ele saiu vinte minutos depois, barbeado, com os cabelos arrumados com gel, perfeitamente alinhados, e um terno. Piscou para mim antes de deixar o quarto. Eu me deixei cair sobre a cama e fitei o teto. Definitivamente a vida de casados começava naquele momento, o tempo de lua de mel acabara.

***

A primeira semana em nossa nova casa foi um pouco corrida, por Eric ter ficado fora nos últimos meses, precisou compensar o trabalho acumulado. Ivan me adorava, mas ainda assim a família sempre vinha em primeiro lugar.

Eric me recompensava todas as noites quando chegava; eu adorava bagunçar seus cabelos milimetricamente arrumados com gel. Conheci melhor a governanta, Magda, que parecia ter um carinho especial por Eric. Na última vez que estive aqui, nós não conversamos muito, porque eu estava eufórica em só ficar com meu marido, e ele também era muito possessivo. Fitz, o mordomo, que na minha opinião era um lorde disfarçado, com toda a sua pompa, era uma boa pessoa, mas raramente o via, ele aparecia e desaparecia com muita facilidade.

Passava meus dias indo a cafés e ao shopping com Sophia e Catherina.

— Este vestido ficou deslumbrante em você — Sophia disse, assim que eu saí do provador, numa sexta à tarde.

— Acho que é um pouco... ousado — Catherina contestou suavemente.

O vestido que experimentava era prateado, colado ao corpo, com um decote em “V” profundo, um pouco solto, eu precisaria usar um protetor para que meus seios não aparecessem. Eric ficaria louco ao me ver com aquele vestido. Meu closet estava recheado de roupas, além das que eu já tinha. Quando o abri, vi que havia novos vestidos, alguns para eventos de gala, assinados por tia Elena, alguns casacos e botas novas, presentes de meus pais e conjuntos de lingerie, dados por tia Carina. Tia Mila me deu um colar espetacular, que ia até a cintura, amarrando como um cinto, deixando-o muito sensual em qualquer roupa. Não tinha certeza se conseguiria usar, mas era bom saber que eu tinha algo tão bonito e que me faria sentir tão sexy.

— Vou levar, vai deixar Eric doido — brinquei, me virando para ver as costas nuas e o fato de que o vestido deixava minha bunda ainda mais bonita. — Com um salto, ela ficará ainda mais empinada.

Sophia riu, corada. Ela era muito tímida com algumas coisas, queria ajudá-la a ser mais independente e autossuficiente antes que acabasse casada com um homem que tirasse a sua essência. Orava para que tivesse sorte e que encontrasse o amor em seu casamento.

— Teremos um evento daqui a duas semanas, um baile de debutantes

— Catherina começou, olhando para suas mãos em vez de para nós. Senti Sophia começar a ficar tensa ao meu lado, mas ela nada disse. — Sophia e eu já temos nossos vestidos, mas poderíamos ajudar você a encontrar um.

Eu tentei sorrir, mas quase não saiu.

— Não se preocupe, já tenho roupa para ocasiões especiais.

O abate. É como era chamado esses eventos de debutantes, eles existiam há muito tempo dentro e fora da máfia. Uma festa com o único pretexto de fazer as filhas solteiras encontrarem maridos. Sou grata de sempre ter sido Eric, e não pude deixar de pensar em Iris, de como daqui a alguns anos ela e as outras meninas precisarão passar por isso.

Depois de pagar o vestido, nos sentamos para tomar um chá, porém, de última hora, decidi tomar algumas cervejas artesanais que o estabelecimento oferecia.

— E aí, o que achou, senhorita? — Gregório, o dono do bar, perguntou ao trazer uma nova cerveja, já que a última eu não consegui tomar inteira por ser amarga demais. Sophia também só tomou um gole, já que a mãe não permitiu que ela bebesse. — Não contém corantes e nenhum tipo de aroma artificial.

Esta que ele trouxe tinha um aroma suave e frutado de framboesa, tinha a doçura e a acidez da fruta, porém de maneira equilibrada e refrescante. Tomei um outro gole e passei para Sophia, mesmo sob o olhar repressivo de Catherina. Sophia acenou com a cabeça.

— Gostei muito. — Sorriu, corada.

— Deliciosa, mas ainda não é minha favorita. Estamos chegando lá — brinquei.

Ele riu da minha sinceridade.

— Você não é alemã, né? — ele perguntou, me olhando e tentando identificar qual gosto eu apreciaria mais.

— Bem, já está tarde. É melhor irmos antes que nossos maridos sintam nossa falta. — Catherina se levantou e estendeu um cartão preto para Gregório.

— Não, senhora. Tudo por conta da casa. A companhia foi ótima — ele negou o cartão e sorriu para mim. — Voltem sempre que quiserem, são todas bem-vindas.

Catherina estava espumando, e eu troquei um olhar travesso com Sophia, nós duas nos comunicamos sem palavras. Voltaríamos ali sozinhas,

com certeza.

***

Acabei aceitando jantar com todos, já que a refeição acontecia bem cedo, às sete em ponto. Ivan e Heiko chegaram juntos, em ponto, mas não havia nem sinal dele. Heiko me deu um olhar que dizia que não tinha conseguido tirar Eric do que estava fazendo. A janta alemã, *abendbrot*, era um tanto diferente do que eu estava acostumada, nem uma sopa havia. Era mais sanduíches do que qualquer outra coisa. Eles não gostam de comer comidas quentes ou pesadas à noite. Os alemães só fazem uma refeição completa no dia, o almoço, chamado de *mittagessen*,

Na mesa, havia uma variedade de pães, ovos, salsichas, presuntos, carnes defumadas e queijos, além de alguns legumes e verduras. O *abendbrot* tinha hora para acabar, às oito da noite.

Eu me servi, ainda na esperança de Eric chegar, mas assim que comecei a comer, percebi que ele não chegaria a tempo. Depois do jantar, me retirei, ignorando o olhar de piedade que recebi. Subi para minha casa e comecei a cortar linguiça e lombo suíno para fazer uma sopa de ervilha para Eric. Esse sanduiche não me manteria de pé. Talvez aquele jantar estranho alemão fosse o motivo para as pessoas serem tão magras.

Enquanto a sopa cozinhava, eu me perdi conversando com tia Elena. Era bom não haver fuso-horário entre nós duas.

— Então a Fran pediu a arma de Damien, você tinha que ver. Ninguém esperava que ela teria um tiro melhor que os meninos. Damien só a deixou atirar algumas vezes, e até ele mesmo ficou surpreso. Ficou tão orgulhoso. Eu tive que me controlar para não rir das outras crianças bestinhas.

Eu ri.

— Fran ainda será capo um dia, tenho certeza. Talvez até a primeira.

Tia Elena suspirou do outro lado da linha.

— É o sonho dela. Mas acho que haverá mulheres no poder antes que ela consiga atingir seus objetivos. Não quero que a minha filha seja a primeira a iniciar uma rebelião, uma mudança tão grande.

Podia ouvir a preocupação dela.

— Soube que Daniela Di'Piazzi está para substituir o pai, *consigliere*

de Nápoles.

— Sim, ela está preparada, e pelas regras, está apta para o cargo. Será muito difícil se ela realmente subir ao trono. Nápoles tem a maior parte comandada pela Camorra, e ela já teria problemas demais com a confiança dos seus homens para ainda ter que lidar com uma máfia rival.

E todos sabíamos que a Camorra era uma máfia solida, tão grande como a Cosa Nostra. Papai evitava problemas com eles, mas todos sabíamos que era uma questão de tempo antes de virem atrás de nossos territórios, assim como os do tio Damien.

O temporizador apitou, alertando que a sopa estava pronta. Coloquei uma colher enganchada para tirar o ar preso da panela de pressão e escutei o riso de Elena.

— Não acredito que você está fazendo comida a essa hora.

— Eu estou com fome, e tenho certeza de que Eric também estará. Comer só um lanchinho à noite vai me deixar louca.

Ela voltou a rir. Escutei um barulho bem leve e me virei, vendo Eric. Ele estava com o rosto e as mãos manchadas de sangue seco, sua roupa escura parecia úmida, e eu não precisei perguntar para saber de que era.

— Tia, eu ligo para você depois. Eric chegou.

Desliguei o telefone e me aproximei dele com calma. Ele observou meus movimentos com atenção, mas sem se mover. Eu parei na sua frente, a poucos centímetros, lhe dando um pouco de espaço.

— Oi, querido, fiz uma sopa para a gente.

Levantei a mão para tocar seu rosto, querendo apagar o olhar sem expressão, mas Eric segurou minha mão. Seu aperto não me machucou, mas era forte.

— Não me toque.

Meu sangue gelou ao ouvir o tom rouco. Olhei para os dedos de sua mão e reparei que seus metacarpos estavam rasgados, ele tinha lutado com a mão nua.

— Estou sujo, Valentina. Minha alma é suja.

— Eric.

Ele começou a negar com a cabeça, mesmo assim eu usei a minha outra mão e acariciei seu rosto.

— Para mim, você nunca será sujo. — Toquei meus lábios nos dele, em um beijo suave, sentindo o cheiro do cobre. Eric deixou por um momento,

seus olhos penetrantes fixos em mim. — Que tal tomarmos um banho e depois jantarmos?

Comecei a levá-lo pelo corredor até nosso quarto, e Eric permitiu, me seguindo. Ele retirou os sapatos no chão do quarto e me acompanhou até o banheiro. Retirei suas roupas, vendo algumas cicatrizes antigas e algumas mais novas, porém não pareciam fundas o suficiente para precisarem de pontos. Eu o ajudei a retirar a calça e percebi que estava duro como aço, mas não fazia nenhum sinal querer algo. Removia as suas duas pistolas do coldre da cintura e o coldre no seu peito, onde ficava a faca; este estava molhado de sangue.

Rapidamente me livrei de minhas roupas e liguei a água, já me molhando e sabendo que me ver nua o acalmaria. Dito e feito, Eric entrou no boxe e passou a mão pela minha cintura.

— Eu estou te sujando — sussurrou, sua voz mal saía. Eric olhava para as suas mãos em minha cintura enquanto a água quente do chuveiro caía sobre nós.

— É só sangue. A água lava.

— Não meus pecados — retrucou.

Eu colei meu peito no seu.

— Não — concordei com ele. — Mas seus pecados também são meus.

Ele tomou meus lábios e me colocou contra a parede, o beijo era cheio de desejo e desespero. Seus lábios foram para meu pescoço, onde senti a ponta da sua barba me arranhando. A mão agarrou meu seio, pinçando o mamilo entre os dedos, antes de deslizar por entre as minhas pernas, no meu calor. Eric desceu os beijos de meu pescoço para os seios, os mordiscando antes de continuar a descer, beijando minha barriga. Então me virou de costas.

Sua mão agarrou meu cabelo, fazendo o couro cabeludo queimar, mas isso só atiçou algo dentro de mim, algo que eu nunca soube que desejava. Sua boca tomou minha nuca, mordendo, chupando, fazendo os dedos dos meus pés se curvarem de prazer. Ele beijou toda a tatuagem na minha coluna.

— Minha — ele grunhiu, com a boca no topo da minha bunda. — Toda minha.

Puxou meu pé para o banquinho ali perto, deixando minhas pernas abertas, e eu gritei quando sua boca tomou minha intimidade por inteiro,

chupando, lambendo, mordiscando e me deixando louca.

— Eric! — eu gritei, quando uma onda de prazer chegou, fazendo meu corpo inteiro tremer.

Então Eric estava dentro de mim. Minhas mãos tentavam se cravar na parede, meus seios roçavam contra o piso enquanto ele afundava em mim, batendo ritmicamente e fazendo o som de dos corpos ecoarem pelo banheiro.

— Minha — ele puxou mais meu cabelo, fazendo minha cabeça se curvar para trás, e assim tomou meus lábios.

Não aguentei mais tanto prazer e me entreguei às sensações. Meu corpo se contorceu com a força do orgasmo, e eu quase caí, se Eric não tivesse me segurado. Ele deu mais duas investidas firmes e gemeu contra meu ouvido quando atingiu o orgasmo.

— Eu te amo. Para sempre — disse com reverência, sua voz repleta de paixão, mas, ao mesmo tempo, isso soava como uma ameaça.

CAPÍTULO 9

Você é cinza-escuro como uma nuvem de tempestade
Que aumenta com a chuva
Que está desesperada para cair
E eu sei que é uma carga pesada
Carregar essas lágrimas por aí
Levando esses temores ao redor
A preocupação faz o mundo girar
Burn the pages – Sia

ERIC

Degustei a sopa que Valentina fez para mim, o sabor estava delicioso. Nunca esperaria que ela cozinhasse para mim, que se sentisse obrigada a isso, mas quando tomei a sopa, vi o olhar satisfeito ao constatar que eu tinha gostado.

— Depois será minha vez de fazer algo para nós — declarei, e ela sorriu. Cara, eu amava seu sorriso. Ele acalmava os demônios dentro de mim.

— Só não queime nossa casa. — Valentina piscou.

Nós ficamos lado a lado, tomando sopa na mesinha da sala, sentados no tapete. Era tão bom ver que ela se sentia em casa, e quando a minha surpresa estivesse pronta, ela gostaria mais ainda.

— Então... o que houve no trabalho? — perguntou após terminarmos de comer, quando estávamos agarrados vendo um filme na televisão.

Fiquei tenso, as mulheres na máfia não devem saber o que acontece, mas Valentina foi criada vendo Isis comandar ao lado de seu pai. Ela se ressentiria comigo se eu não lhe contasse. Ao mesmo tempo, não queria que me visse como um monstro.

— Negócios — disse, dando uma pausa e pensando no que dizer a seguir. — Há informações vazando, nada grave, mas temos um traidor entre nós, ele está fazendo isso porque não concorda com algumas coisas. Hoje eu fiz um ponto, declarando que ou estão conosco ou contra nós.

Valentina acariciou meus cabelos e me deu um beijo na mandíbula.

— Obrigada por ter me contado.

Eu me virei para ela, olhando dentro de seus olhos.

— Nem sempre poderei contar tudo, Valentina. Espero que entenda. Você não faz mais parte dos Raffaellos.

Seu olhar dolorido me magoou, mas eu precisava ser claro desde o início para evitar problemas futuros.

— Eu entendo.

Ela beijou meus lábios suavemente, começou a descer beijos pelo meu pescoço, e foi quando ouvi uma batida.

— Tem alguém aí? — Escutei a voz de Sophia.

— Eles devem estar dormindo, vamos só pegar o que eles fizeram de gostoso e ir embora — Heiko sussurrou.

— Mas isso é roubar!

— A gente deixa um aviso.

Valentina não aguentou ficar em silêncio e caiu na risada, assustando os dois intrusos.

— Se vocês querem comer, ainda tem sopa de ervilha.

Ambos entram na sala, envergonhados. Sophia estava vermelha de vergonha, e Heiko com certeza só estava dando cobertura para nossa irmãzinha.

— O cheiro da sopa está indo lá embaixo — ela disse cheia de vergonha, na certa estava faminta. Mamãe controlava a quantidade de comida dela, mesmo que minha irmã já estivesse com a maioria dos ossos visíveis. — Não sabia se vocês estariam acordados ainda.

Heiko empurrou seu ombro.

— Vou pegar um prato.

Valentina se sentou, afastando o corpo de mim, e eu queria grunhir, mas me controlei para não assustar minha irmã.

— Vem, querida. Senta aqui. A sopa está uma delícia, não está, Eric?

Eu me sentei a contragosto.

— Sim, está perfeita.

Heiko voltou para a sala, com duas tigelas de sopa e um prato com torradas.

— Mas é abusado — resmunguei, e ele piscou para mim.

— A fome falou mais alto.

Eles começaram a comer, elogiando Valentina pela comida. Minha menina ficou toda feliz, e eu consegui cortá-la a tempo, antes que oferecesse que eles viessem toda vez que cozinhasse. Eu queria Valentina só para mim.

Quando eles acabaram de comer e foram embora, Valentina e eu fomos para a cama. Ela estava em meus braços, já dormindo lindamente ao meu lado. Ouvi sua respiração plana, mas não consegui dormir.

Pensei sobre o dia. Depois de algumas informações vazarem, alguns dos homens não estavam gostando do meu casamento com Valentina, temiam que ela passasse informações para o pai. Mesmo sendo aliados, o dinheiro e o poder falam mais alto que qualquer coisa. Isso a colocaria em perigo se eu não fizesse algo a respeito, e foi isso que eu fiz.

Por não ser chefe da nossa máfia, ainda, tive de pedir a permissão de meu pai para declarar meu ponto, e ele aceitou.

— Pense se isso não libertará seus demônios, filho.

Eu olhei dentro de seus olhos.

— Libertarei o inferno inteiro para proteger Valentina.

No final da tarde, todos chegaram para a reunião. Havia um pequeno palco, onde eu fiz questão de subir ao lado de minha família. Meu pai se manteve calado, me deixando tomar a frente.

— Essa reunião foi requerida porque chegou a nosso conhecimento o vazamento de informações. — Fitei cada pessoa no salão. — É de nosso conhecimento que nem todos ficaram felizes com a minha união com Valentina Raffaelo.

— Cadela bastarda — um dos membros grunhiu baixo e cuspiu no chão. Alguns à sua volta acenaram de acordo, felizes com o ato, mas sem coragem para fazê-lo abertamente.

— Alguém tem algo a dizer?

Um dos chefes de um dos nossos cassinos, Ismar Gurkin, um velho que já devia ter passado o cargo para o filho, deu um passo à frente.

— Ela é bastarda, Hoffmann — disse, falando diretamente com meu pai. — Nenhum tratado está seguro quando ela não tem sangue Raffaelo nas veias. Para ser um acordo sólido, deveria se casar com a filha mais nova. — Ele olhou para Heiko. — Ainda dá tempo de você honrar nossa família e fazer um acordo seguro. Case Sophie com um dos filhos de Raffaelo.

Respirei fundo e estalei o pescoço.

— Sobre os traidores, eles não serão mais um problema. — Todos ficaram tensos com as minhas palavras. Assobiei, e quatro de meus homens trouxeram dois soldados que eram usados para passar informações. Eles ainda estavam vivos, um pouco machucados, mas inteiros. Em seus peitos

havia um T de traidor gravado. Ambos estavam com as bocas tampadas, porém queria ver para quem olhariam.

Era um aviso para todos que pensavam que poderiam vazar dados, mas meu ponto sobre Valentina ainda não estava feito. Meu sangue estava queimando, ansioso pela sensação, pela dor de socar alguém até a morte. De sentir o sangue ainda quente do outro sobre meu corpo.

— Vocês podem ir, se quiserem. Está na hora do jantar — disse a meu pai e irmão e pulei do palco.

As pessoas abriram caminho conforme eu chegava até o homem que chamou Valentina de bastarda. Ele era mais baixo que eu, e teve de esticar a cabeça para cima para me olhar. Agora, na minha frente, ele não parecia tão corajoso.

— Repita o que você disse.

Sua mandíbula ficou tensa.

— Eu não quis ser desrespeitoso. Só disse o que todos têm medo de falar.

Eu dei um passo à frente, o fazendo recuar.

— Então *você* tem coragem? — perguntei, vendo as pessoas à sua volta darem mais espaço, já sentindo o que estava por vir.

Ele abriu a boca para se desculpar, pude ver claramente pelo jeito que seus ombros caíram derrotados. Ele sabia que mordeu mais do que conseguia mastigar, e era sua hora de pagar.

Fechando a mão em punho, acertei-o, usando toda a minha força, na mandíbula, e o barulho oco do osso saindo do lugar pôde ser ouvido. O sangue explodiu de sua boca, sujando algumas pessoas que estavam próximas, mas nenhuma se atreveu a sair dali antes que eu permitisse. O soldado caiu no chão com um baque, mas não lhe dei tempo de se recuperar, logo caí em cima dele, voltando a socar seu rosto, até virar uma massa sangrenta. Então, somente então, saquei minha faca e, abrindo sua boca — o que não foi difícil, já que sua mandíbula estava quebrada, frouxa —, enfiei a faca e cortei a sua língua, fazendo se engasgasse com o próprio sangue.

Seus gritos agonizantes se transformaram em sons horríveis, antes que começasse a morrer engasgado. Eu me levantei, vendo a obra que tinha feito. Meu terno estava manchado de sangue, mas eu ainda não estava satisfeito.

— Isso é o que acontece quando se ameaça a minha mulher. Não esqueçam quem eu sou e do que sou capaz — falei e caminhei até Ismar, que,

apesar de manter a pose, estava claramente incomodado, sem saber o que eu faria. — Você não é conselheiro, então guarde suas opiniões para você. — Olhei para seu filho. — Parabéns, Adle, você agora é o chefe.

— Isso... — Ismar começou, mas eu levantei minha faca, ainda suja do sangue do soldado, em sua garganta.

— Nem mais uma palavra. Você teve a chance de dar o seu lugar com honra, mas preferiu vir difamar minha família. Se você pode se meter, eu também posso.

Ele se manteve em silêncio, e antes de afastar a faca de seu pescoço, eu limpei o sangue do homem morto em sua camisa.

— Tragam-me os traidores.

Quando cheguei em casa, depois de torturar e matar, fui surpreendido pela forma como Valentina cuidou de mim, sem julgamento, sem medo ou repulsa. Ela foi mais do que eu esperava, nunca deixando de me surpreender. Ainda tínhamos um grande caminho pela frente, mas de algum jeito eu sabia que passaríamos por isso. Nós dois. Juntos.

***

Na manhã seguinte, acordei mais cedo que Valentina e decidi surpreendê-la. Fui para a cozinha de meus pais e vi que as cozinheiras já estavam a postos. Magda, a governanta e cozinheira principal da casa, abriu um sorriso ao me ver.

— Oi, menino, o que deseja?

Eu me aproximei, beijando sua bochecha; ela cuidou de mim quando eu era pequeno, logo depois daquela noite. Ela sempre foi como uma avó querida.

— Eu gostaria de fazer uma surpresa para Valentina. Acha que consegue me ajudar a fazer rabanadas?

Ela limpou as mãos no pano de prato.

— Claro que sim. Você pode cortar as frutas para uma salada.

Enquanto ela preparava, fui lavando e cortando as frutas, colocando um cacho de uvas no prato, e comecei a espremer laranjas.

— Eu posso fazer isso, senhor? — Valeria, uma das ajudantes da casa, perguntou.

Era uma mulher jovem e bonita, deveria ser um pouco mais nova que eu. Tinha longos cabelos castanhos e olhos de corça inocente. Nunca dei muita bola para ela, apesar de ter certeza de que gostava de mim desde que chegou à casa. Ela era filha de um soldado de meu pai, que faleceu há alguns anos. Sem familiares, foi aceita para trabalhar aqui assim que atingiu os dezoito anos, já que implorou para não a forçar a se casar com outro soldado. Meu pai, por ter uma dívida com o pai dela, a aceitou como funcionária da casa.

— Não, obrigado. Quero fazer o possível sozinho para minha menina.

Depois de tudo pronto numa bandeja, eu comecei a subir os degraus e encontrei Heiko, que já foi logo esticando a mão para pegar.

— Se tocar, morre.

Ele retirou a mão e bufou.

— Cafezinho na cama, cuidado para não virar mulherzinha.

Eu rolei os olhos.

— Enquanto você está aí, sozinho e resmungando como um velho, vou alimentar minha mulher.

Ele respirou fundo e depois assentiu.

— Vamos à academia mais tarde? Temos que olhar os novos iniciados.

Assenti.

— Hoje é sábado, então só vou mais tarde e voltarei cedo. Quero levar Valentina para jantar fora.

— Tá bom.

Cheguei em nosso quarto e vi minha esposa dormindo como um anjo. Suas mãos juntas como em oração ao lado da cabeça, sua boca levemente aberta, os longos cílios, os cabelos brilhando pelo sol que entrava pela janela. A camisola havia descido um pouco, e parte do seu seio estava de fora, chamando por mim, mas me controlei. Queria alimentá-la e depois eu a levaria à loucura.

— *Mein leben* — eu a chamei.

Valentina se espreguiçou, abrindo lentamente os olhos, e um largo sorriso veio ao seu rosto ao notar a bandeja em minha mão.

— Uau! Você fez isso?

Ela se sentou, ajeitando o cabelo atrás da orelha. Coloquei a bandeja na cama e me sentei ao seu lado.

— Tudo menos a rabanada, não queria estragar, então pedi à Magda.

— Ela parece ser um amor, ainda não tive chance de conversar muito com ela. — comentou, pegando uma rabanada, e depois de morder, gemeu, lambendo os lábios. — Está perfeita!

— Que bom que gostou — retirei um pouco de açúcar que ficou no canto de seu lábio e lambi o dedo. — Seria legal você passar um tempo com ela, as duas poderiam assar algo juntas enquanto conversam.

Ela assentiu, tomando um gole do suco, antes de franzir o rosto.

— Você esqueceu de colocar açúcar.

— Droga.

Valentina riu.

— Tudo bem, você fez o certo. Nós devemos adoçar à nossa maneira as coisas.

Servi uma xicara de café para mim e esperei Valentina colocar três colheres cheias de açúcar no suco.

— Seus dentes vão apodrecer — brinquei.

Ela deu de ombros.

— Você ainda me amará mesmo eu estando banguela — declarou.

Nós tomamos o café da manhã rindo e brincando, era bom estar com ela assim. Depois do café, decidimos tomar um banho de banheira juntos. Valentina a encheu de bolhas, aromas e ligou o som ambiente em uma lista de reprodução calma.

Fiquei parado, observando-a retirar a camisola, prender os cabelos em um coque alto. Alheia a meu olhar, ela foi até a nossa pia e começou a escovar os dentes; eu a segui, escovando os meus também.

— Você me deixará mal-acostumada — anunciou quando entrou na banheira. Eu tirei a minha camiseta e calças antes de me juntar a ela.

— Tudo que eu mais quero — brinco, e ela pegou minha mão, dando uma mordida no meu antebraço de brincadeira.

Eu a puxei para mim, fazendo sua cabeça ficar contra meu peito enquanto relaxávamos na água.

Valentina suspirou.

— Voto para fazermos um banho relaxante assim toda semana.

— Eu também voto nisso, amor.

Ela relaxa em meus braços, e eu aproveitei para fazer uma massagem em suas costas. Valentina gemeu com o contato, me dando espaço para lhe

amaciar melhor. Senti meu pau ficar duro com seus gemidos baixos, mas mantive a massagem.

— Valentina, eu fico péssimo por deixá-la sozinha, mas daqui a pouco preciso sair com Heiko para ver a nova formação de iniciados. Treiná-los.

Isso a fez virar para mim.

— Posso ver o treinamento? — perguntou, seus olhos brilhando de animação. Talvez ficar aqui direto, sem fazer nada, estivesse a deixando maluca, mas Valentina não assumiria isso para não me perturbar.

— Claro. — Ela assentiu, animada, e se levantou. Seu corpo molhado com espuma escorrendo me deixou louco. — Ei, volte aqui. Não terminei a massagem.

Valentina riu e negou, já se enrolando numa toalha.

— Não, tenho que me arrumar para irmos.

Duas horas depois, estávamos todos em um carro a caminho do centro de treinamento. Valentina estava no banco traseiro conversando com Sophia, que veio para fazer companhia a ela.

— Não é uma boa ideia — Heiko disse em voz baixa ao meu lado.

— É bom que a vejam e assim saibam que não podem se meter com ela — respondi de volta, com cuidado.

Chegamos ao local, e minha mão foi para a cintura de Valentina possessivamente. Nós estávamos combinando na roupa, ela usava um vestido preto simples, e eu, calças e camisa da mesma cor. A maioria dos iniciados parou de lutar quando nos viu. Suas idades variavam entre quatorze e dezesseis anos, mas havia um único menino que tinha doze anos. A única razão para um garoto tão jovem ser iniciado era porque ele já havia matado alguém, e assim ganhou seu vale.

— Você — apontei diretamente para ele. — Vai lutar comigo hoje.

Os outros olharam para ele com raiva — não que já não tivessem feito isso antes. Quanto mais novo, mais você será visto como alvo pelos mais velhos.

— Eric, ele só uma criança — Valentina disse, me olhando trocar de roupa dentro do vestiário. Fiquei só de cueca e coloquei um calção.

— E precisa ser treinado, ou não estará vivo antes que o treinamento acabe.

Ela passou a mão pelo cabelo, e eu me perguntei se tinha sido uma boa ideia trazê-la aqui.

— Ele precisa ser mais forte do que os outros, ou será soterrado.

Valentina acenou, se abraçando.

— Não estou preparada para que Dante e Dimitri sejam iniciados — confessou em voz baixa.

Eu a puxei para mim e a abracei. Ambos estavam mais do que prontos, eu sabia que os próximos meses seriam decisivos para os dois.

— Você deve se preparar e tornar o caminho mais calmo para eles, o que significa dar espaço para eles serem moldados.

Beijei sua testa e abri a porta do vestiário, esperando que passasse. Quando saímos, vi os meninos lutando em pares. Heiko foi passando por eles, dando pequenas dicas. Sophia estava sentada em um canto, desconfortável de ver a luta, mas sem muita opção.

— Vá fazer companhia para ela. — Apontei com o queixo para minha irmã.

Sophia é quem ela é, gostaria que fosse mais forte, que levantasse a voz, mas sempre foi submissa. Talvez a influência de Valentina ajudasse, mas, vendo sua cara ficar pálida ao ver um dos meninos ir ao chão, achei pouco provável. A única coisa que minha irmã seria boa em nosso mundo seria em manipular as pessoas à sua volta, usando suas respectivas fraqueza como arma. Ninguém nunca esperava nada de uma menina que mal mata uma mosca.

Valentina se afastou, e eu caminhei até Alex Rader. Eu havia ouvido falar dele, Rader matara um russo que invadiu sua casa. O pai era um agiota, e algum devedor deve ter entregado o homem na esperança da dívida sumir junto com a vida de Horácio Rader. O menino estava em casa no momento em que a residência foi invadida. Ele viu o pai sendo assassinado — e algumas coisas mais — antes de pegar uma de suas facas e enfiar no pescoço do homem, quando o sujeito se distraiu, assim salvando a mãe e selando seu destino.

— Você é bom com facas, garoto? — perguntei assim que parei na sua frente. Ele tinha cabelos castanhos e olhos azuis, escuros.

Ele começou a acenar, mas logo negou.

— Não, senhor.

Levantei uma sobrancelha.

— Sim ou não?

Ele hesitou por um momento.

— Eu sou bom em acertar o alvo. — Deu de ombros.

— Isso é bom, mas só isso não salvará sua vida. Você deve saber jogar uma faca, mas também deve saber lutar com ela e desarmar o oponente.

Peguei duas facas cegas que eram usadas para as primeiras lutas, de ponta arredondada, para não causar tanto mal nas primeiras tentativas. Eu lhe entreguei uma.

— Você é menor que os outros, use isso a seu favor. — Então, sem esperar, eu parti para cima dele e lhe dei um pequeno corte perto do ombro. Era fino, não precisaria de ponto. Um pouco de sangue saiu. — Me ataque.

Durante os dez minutos seguintes, eu desviei de seus golpes e lhe dei mais dois cortes. Alex estava tenso, respirando rapidamente, mas não desistiu. Tentou me atacar, e quando senti pena dele, abaixei um pouco minha guarda e o deixei me acertar com um pequeno corte no antebraço.

— Bom. — Lambi a ferida, sentindo o gosto de ferro, e deixei a minha faca cair no chão. — Segunda-feira no mesmo horário.

Saí e fui ao vestiário. Sabendo que Valentina iria me encontrar, comecei a tirar a roupa e fui para o chuveiro. Ela não tardou a chegar.

— Você está ferido — disse, se aproximando.

— Não, não estou.

Desliguei o chuveiro assim que ela parou na minha frente, não querendo que se molhasse. *Não desse jeito e com certeza não aqui.*

Ela pegou meu braço e examinou, eu a puxei para mim e lhe dei um beijo casto.

— Eu estou bem, e *você* está molhada. — Pisquei de modo safado e fui me vestir.

— Você não tem jeito... — Ela começou a sair do cômodo e se virou uma última vez para mim. — Porém não mentiu.

Mais tarde, fomos caminhar de mãos dadas pela praça Marienplatz, o coração de Munique, localizada na região central. Valentina olhava tudo encantada, as construções clássicas e modernas. Ela parou para observar a Neues Rathaus, que possui o estilo neogótico.

— Essa é a Neues Rathaus, onde está a Câmara Municipal de Munique, e ali fica o Altes Rathaus, prédio da antiga prefeitura da cidade,

onde hoje funciona o Spielzeugmuseum, o Museu do Brinquedo.

— Mamãe amaria ver tudo isso novamente. — Valentina suspirou. Nós andamos mais um pouco, e ela apontou para um ponto no centro da praça. — A Mariensäule, a coluna de Maria. Tão linda.

Nós continuamos o nosso tour pela praça, e eu comecei a contar um pouco mais da minha bela cidade.

— Na torre principal da nova prefeitura acontece o espetáculo do carrilhão de sinos, o Rathaus-Glockenspiel. — Valentina assentiu, e eu continuei a falar. — Infelizmente perdemos o horário no qual a praça fica cheia de gente querendo ouvir os dez minutos de música. É chamado *Must see*. Você teria gostado.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou meu queixo.

— Terei outra oportunidade, já que moro aqui agora. Agora me leve para comer, estou faminta!

Logo nós estávamos seguindo o cheiro delicioso de comida. Valentina me guiou, deixando claro que queria descobrir o lugar de onde o cheiro vinha. Descobrimos então que era do restaurante Haxnbauer.

— Bem, a especialidade deles é joelho de porco, espero que goste — brinquei, vendo Valentina ficar pálida.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca vou me acostumar com essa culinária.

Nós fizemos nossos pedidos, pedimos o famoso *schweinshaxe*[4]. Valentina estava disposta a dar uma chance, mas pediu para substituir o acompanhamento de chucrute por uma salada de batata.

Nós rimos e ficamos em um clima ótimo durante o jantar. Mantivemos o papo leve, nos lembrando de alguns momentos do passado.

— Lembra quando decidi virar vegetariana, depois de ir a uma fazenda e ver um porco sendo morto? — perguntou, já rindo.

Seu prato já estava na metade, e ela lambia os dedos gordurosos.

— Sim, nós dois ficamos quase um ano sem comer carne. — Balancei a cabeça, e Valentina riu mais. — Devo ter perdido uns dez quilos.

Ela mordeu o lábio e pegou a minha mão em cima da mesa.

— Você sempre me acompanhou em minhas loucuras, né, amor?

Eu peguei sua mão e dei um beijo.

— Sempre.

Quando voltamos para casa, estávamos satisfeitos e felizes. Depois de

tomarmos banho, nos deitamos agarradinhos.

— Como foi a sua iniciação, Eric? — ela perguntou de repente.

Eu pensei um pouco, mas decidi ser aberto com ela, como sempre fui.

— Difícil. Você sabe os meus problemas. Apanhei e bati muito, não gostava de ser subordinado. — Entrelacei nossos dedos. — A única pessoa que me manteve são foi você.

Valentina levantou os olhos para mim.

— Nunca soube quando você foi iniciado, mas lembro de te ver com o olho roxo quando você tinha quatorze, então assumi que fosse isso. Nessa mesma época, meu pai estava conversando muito com o seu por telefone.

— Foi nessa época mesmo.

Valentina acariciou meu peito.

— O que aconteceu?

Eu lambi os lábios secos.

— Heiko e eu decidimos sair uma noite sem proteção, só para zoar um pouco. Eu dirigia o carro de papai. Acabamos indo a um bar, mas quando entramos, havia alguns russos que nos reconheceram. Nós tentamos sair de lá, mas eles nos seguiram pelo estacionamento. — Fiz uma pausa, e ela deu um beijo suave acima do meu coração. — Mandei Heiko pegar uma pistola dentro do carro, eu tinha uma faca comigo e ataquei os três homens. Eles não esperavam, e provavelmente estavam bêbados. Heiko usou essa distração, conseguiu pegar a arma e atirou para cima, só para assustá-los, mas eu...

Valentina apertou minha mão. Respirando fundo, eu continuei.

— Eu senti raiva, Valentina. Tanta raiva. Parti para cima de um, e antes que ele pudesse sequer revidar, eu enfiei a faca em seu pescoço. Havia tanto sangue sobre nós. — Minha voz falhou na última parte. Não contei sobre como o homem se agarrou a mim, como se tentasse se agarrar à vida, os sons que fazia ao se engasgar com o próprio vômito e o fato de que eu gostei, que me senti poderoso.

— E o que houve depois?

— Meu pai chegou com seus homens, havia usado o rastreador do carro para nos achar. Capturou os dois homens e me fez ajudá-lo a torturá-los para obter informações. Consegui livrar Heiko de ser iniciado. A culpa foi minha, eu que inventei de sair, eu que matei.

— Ah, Eric. — Valentina se sentou em cima de mim, segurando meu rosto com ambas as mãos para me olhar. — Você era uma criança ainda.

Aquele não era você, era a sua parte sombria, mas nunca você. Eric, você é gentil, amoroso, carinhoso.

Ela beijou meus lábios, e eu deixei. Deixei que acreditasse nas mentiras de suas palavras se isso significava que estava feliz comigo.

CAPÍTULO 10

Eu estive bem a fim do seu mistério
É por causa da nossa história?
Você está a fim de mim?
Quando parece tão bom
Mas é ruim para você
Não posso dizer que eu não quero
Porque eu sei que quero
Então venha, eu preciso da sua companhia
Eu desejo aquela sinergia
***Love Lies* – Khalid feat. Normani**

VALENTINA

Passamos o domingo na piscina, aproveitando o clima. Sophia e eu fizemos tranças uma na outra, brincamos enquanto os meninos conversavam e faziam o churrasco. Eric fez um churrasco misto, mas inegavelmente alemão. Quem começa um churrasco assando batatas no papel laminado? Tinha também uma salada, vegetais e linguiças — é claro —, que compunham o menu principal, mas então começou a ficar bom quando foi colocado pão de alho, picanha – conhecida como *tafelpitz* –, coração de galinha e frango.

A comida estava deliciosa, mas a salada de tomate com muçarela estava fabulosa. Reparei como Sophia comia como um passarinho mesmo que seu olhar entregasse que desejava comer mais. Ela parecia tão frágil e magra, que poderia quebrar a qualquer momento.

— Magda, está incrível — elogiei, ajudando-a a levar os pratos sujos para a cozinha, mesmo sob protestos.

— A torta que você fez também estava maravilhosa — ela me elogiou.

— Receita da minha bisavó.

Nós continuamos a conversar enquanto eu a ajudava a lavar os pratos. Senti um olhar sobre mim, e ao me virar, vi uma mulher bonita, de longos cabelos castanhos, que trabalhava na casa. Eu não me lembrava seu nome.

— Oi.

Magda deve ter visto que eu não a conhecia, porque foi nos

apresentar, mas a expressão suave da mulher se fora.

— Valentina, essa é a ajudante da casa, Valeria.

— Prazer em te conhecer — disse, sorrindo de leve.

Ela sorriu de volta, mas parecia forçado.

— Pode deixar que eu termino aqui — ela pediu, se aproximando.

— Ah, tudo bem. Já acabamos — respondi, pegando o pano de prato que ela tinha me dado e secando minhas mãos.

Magda ligou a lava-louças e olhou para Valeria.

— Você pode limpar a churrasqueira.

Depois disso, fui tomar um banho e me trocar. Eric precisou sair para resolver algo, mas disse que seria rápido. Fui ler um livro, e, quando vi, já passava das oito da noite. Enquanto esperava, liguei para Luna. Mesmo sendo noite, por ser verão, ainda havia sol.

— Luna, você precisa tomar cuidado para não ficar falada — alertei, depois que minha priminha de consideração me contou que estava ficando com uns caras da escola, escondida, é claro.

— Que nada. Eles sabem que não podem falar sem enfrentar a ira de meu irmão e os D’s.

Luna se referia a meus irmãos.

— Ainda assim, isso pode acabar mal para você.

Ela bufou do outro lado da linha.

— Val, eu sei meu futuro e o que me aguarda. Meu pai diz que só me casarei por amor e tal, mas isso é balela. Amor não acontece da noite para o dia, e, enquanto isso, vou curtir minha liberdade.

Eu não tinha argumentos, por fim suspirei.

— Tudo bem, só tenha cuidado e, pelo amor de Deus, se fizer sexo, se previna.

Só Deus sabe o que enfrentaria se as pessoas no nosso círculo descobrissem, querendo ou não, meu pai teria de fazer algo. Os membros eram muito tradicionais.

Ela riu alto do outro lado.

— Nem todos têm um Eric, Val. Alguns só querem curtir. Mas fique tranquila. Eu sou virgem ainda.

Houve um barulho no fundo e depois escutei Luna gritar “por que diabos você está aí escutando?”. Comecei a me preocupar, escutei sua porta bater e logo depois ela grunhiu.

— Seu irmão enxerido estava escutando! — ela gritou, inconformada.

— Qual deles?

— É Dimi. Que ódio!

Eu mordi o lábio para evitar rir alto, sabendo que isso a perturbaria. Meu irmão sempre teve uma queda por Luna, ele escondia bem, no entanto.

— O que ele está fazendo aí?

— Dante está com tio Dominic, e meu pai chamou Dimi para fazer companhia a Thor e dormir aqui essa noite.

— Uau, então vocês terão uma festa do pijama essa noite.

Ela bufou.

— Vamos ao cinema mais tarde. Thor jurou não incomodar minhas amigas.

— Isso é ótimo, querida.

O sono começou a vir, e eu desisti de esperar Eric. Meu último pensamento foi uma oração para que ele chegasse em casa bem.

***

ERIC

Acabei chegando tarde depois de ter ficado preso no trabalho. Não tive coragem de acordar Valentina, então só me deitei e a puxei para mim, enquanto caía no sono rapidamente. Pela manhã, às seis, recebi uma ligação de Dominic. Estranhei, porque ao olhar o horário daqui e fazer as contas, percebi que era meia-noite lá.

— O que houve? — já fui perguntando ao atender.

Valentina se mexeu ao meu lado, mas não acordou.

Dominic suspirou do outro lado da linha.

— Dante.

Ele não precisava dizer mais nada.

— Ele será iniciado?

— Sim. O mandarei para Denver, para ser treinado sem favoritismo. Deve ficar lá por uns meses, ou um ano.

— É a melhor opção. — Passei a mão pelo rosto, sem querer fazer Valentina sofrer. — O que houve?

— Nós dois estávamos visitando restaurantes que são protegidos por nós. Então fomos atacados, e Dante não hesitou em atirar neles e se jogar sobre mim. — Podia sentir o orgulho em suas palavras.

— Quer que eu a acorde?

— Não, acho que é melhor você falar. Diga a ela para ligar para o irmão, mas que seja rápida. Ele parte em duas horas.

— Porra — resmunguei. — Estávamos falando sobre isso noite passada.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Talvez assim seja mais fácil para ela. Conte para a minha menina e a abrace.

Ele desligou, e eu me virei para ela. Coloquei seus cabelos atrás da orelha e a sacudi de leve.

— Menina Bonita, acorde.

Valentina resmungou um pouco, mas abriu os olhos. Ao ver meu rosto, ela se sentou, com o olhar preocupado.

— O que houve?

Eu abri a boca, mas nada saiu. Não queria lhe dar a notícia de modo indelicado, mas não havia outro modo de falar.

— Eric. — Meu nome saiu com dor de seus lábios. — É meu avô?

Ela havia perdido a avó anos antes, e ainda temia mais mortes na família.

— Não — eu a tranquilizei. Valentina relaxou um pouco, mas lançou um olhar preocupado.

— O que é?

— Dante será iniciado.

Ela ofegou, seus lábios tremendo, e logo lágrimas caíram de seus olhos. Ela então começou a negar.

— Não, não pode. Ele não está na idade ainda. Seria iniciado aos dezesseis, junto com Dimi. — Ela chorou. — Ai, meu Deus, meu irmão vai passar por isso sozinho.

Eu a puxei para meus braços, lhe dando conforto e carinho.

— Você precisa ligar para ele, mas primeiro tem que se acalmar. Ele está bem.

Expliquei o que Dominic me contou, e ela só acenou. Finalmente depois de uns minutos e beber um pouco de água, Valentina estava calma o suficiente para ligar para o irmão. Ela colocou o celular no viva-voz.

— Oi, irmã — Dante disse ao atender. — Eu estou bem.

— Eu sei — Valentina respondeu, em um tom de voz que partiu meu coração. — Você vai se dar bem, eu sei.

Ele suspirou no outro lado da linha.

— Passará rápido. Você verá... Eu preciso ir, te ligo quando puder.

— Eu te amo, Dante.

— Eu também te amo, Val. Não se preocupe comigo.

Ela chorou em meus braços quando desligou o telefone. Não tendo outra maneira de a ajudar, eu simplesmente a amparei, dizendo palavras bondosas em seu ouvido. Mas, no fim, eu sabia a verdade. O irmão que Valentina conhecia estava morto. Dante voltaria mudado, com outros pensamentos, personalidade, responsabilidades. Ele seria preparado para ser o próximo *capo*. Só o que bastava era orar para que essa mudança não o fizesse perder seus sentimentos.

Valentina

CAPÍTULO 11

Dei amor por uma centena de vezes
Correndo dos demônios de sua mente
Então eu os peguei e os tornei meus
Eu não percebi porque meu amor era cego
***Without me* – Halsey**

VALENTINA

Cabelo perfeito, unhas impecáveis, vestido de alta-costura da coleção atual, saltos altos bem finos e maquiagem em quantidade suficiente para fazer uma máscara. Eram esses os atributos esperados em uma festa de debutante. Quando concordei em me arrumar junto com Catherina, não esperava que ela me fizesse sua boneca também.

Sophia, como uma verdadeira mulher da máfia, aceitou tudo que a mãe dizia sem reclamar, quase ficando sem ar quando foi colocada dentro de um espartilho, mesmo que sua cintura já fosse tão fina, que ela não precisasse de mais nada.

— Ela está sem ar — falei, sem conseguir me conter, vendo-a torturar a própria filha.

Catherina fez pouco caso da minha preocupação.

— Esse espartilho foi feito para ela, mas, nas últimas semanas, tem comido muitas coisas fora de sua dieta — ela me alfinetou.

O ritual de fazer alguns pratos à noite continuou desde aquela noite da sopa. Às vezes, fazia uma sobremesa ou um prato diferente. Sem falar que Sophia e eu comíamos bolos, sorvetes ou brigadeiro à tarde, quando ficávamos sozinhas.

— O corpo de Sophia é lindo. Do jeitinho que ele é — retruquei.

Catherina deu um tempo de seu trabalho para me olhar.

— Querida, eu entendo que agora que está casada pense que não precisa fazer dieta, mas não se esqueça que é uma mulher e que deve ser atraente para seu marido. Sophia precisa estar perfeita para encontrar um esposo.

Eu só sorri, mas seu comentário me incomodou. Eu havia engordado um pouco desde o casamento, era normal, saí da rotina, comi tudo que eu

queria, provei novas coisas e estava feliz comigo mesma. Já vivíamos numa sociedade que pressionava as mulheres a serem magras, mas dentro das famílias era bem pior. Precisávamos ser bonecas perfeitas, e mesmo assim, em muitos casos, as mulheres eram casadas com homens com mais do que o dobro de sua idade.

A manicure terminou minhas unhas, e eu agradeci. Meus cabelos já estavam em um coque perfeito — escolhido por Catherina, para que todos vissem a tatuagem em minhas costas.

— Vou me trocar no meu quarto, encontro vocês lá embaixo.

Não dei tempo para Catherina reclamar que eu não havia passado maquiagem, em vez disso lhe dei as costas e saí do quarto, subindo direto para minha casa.

Encontrei Eric sem camisa, terminando de fechar a calça preta social.

— Está linda! — exclamou, me olhando dos pés à cabeça. Não que tivesse muito para mostrar, já que eu usava um grosso roupão branco que ia até o pé.

Soltei um suspiro de alívio que nem eu sabia que segurava, então me bati mentalmente por isso. Como deixei as loucuras de Catherina entrarem na minha cabeça? Eu não precisava que Eric me achasse bonita para *eu* me sentir bonita.

— Eu sou gostosa! — anunciei, e os olhos de Eric se arregalaram, mas eu continuei, me sentindo bem melhor. — Sou gostosa pra caralho. Se engordei, foda-se, eu ainda sou linda e fabulosa.

Eric mordeu o lábio para não rir, sem saber o que fazer com o meu desabafo.

— Você é a mulher mais linda e sexy que eu já vi, amor.

Abri um sorriso e assenti, caminhando até o banheiro.

— Aonde você vai?

Ele me alcançou, me abraçando e beijando minha nuca.

— Vou passar um pouquinho de base na cara e ficar ainda mais linda — respondi, inclinando mais o pescoço para ele o beijar melhor.

— Se ficar ainda mais linda, não garanto que não teremos mortes essa noite.

Eu dei de ombros, saindo do aperto de Eric e caminhando rebolando até o banheiro.

— Talvez tenha, não garanto que não partirei para cima das mulheres

que se atirarem em você.

Eric riu, e eu o ouvi falando consigo mesmo:

— O que deu nela?

Duas horas depois, eu estava pronta. A maquiagem usual da minha mãe sempre foi o batom vermelho e rímel, e eu decidi fazer o mesmo, só que um pouco mais incrementado: um delineado gatinho, cílios postiços, e completei com um batom nude, que combinava perfeitamente com meu vestido rosa-pink.

Catherina havia comentado que era costume que as moças usassem cores claras, que davam a impressão de pureza — como se a cara delas já não o fizesse, algumas mal saíram das fraldas —, e as já casadas usassem cores sóbrias, então decidi usar um vestido de cor chamativa para causar.

— Uau — Eric disse, me olhando dos pés à cabeça. — Escolha ousada para a noite, mas não poderia ter escolhido melhor.

Eu beijei seus lábios.

— Hoje quero incomodar.

***

Catherina estava claramente incomodada pela minha escolha, mas manteve o sorriso treinado nos lábios. Sophia, por outro lado, tentava conter o sorriso enquanto entrávamos no salão.

Não esperava realmente ser a única com um vestido diferente, dava para ver claramente a divisão a partir das roupas.

— Você veio para brilhar — Eric disse, dando um beijo em meu ombro antes de me guiar pelo salão.

Ele pegou champanhe para nós dois, e bebemos enquanto éramos cumprimentados por várias pessoas. Reconheci alguns rostos do casamento. Eric citou alguns nomes próximo ao meu ouvido, para eu não parecer tão de fora. Vi alguns meninos jovens, que deviam ter a idade de meus irmãos, e meu coração apertou lembrando de Dante. Dimitri estava de coração partido, e quando liguei para ele, tive a certeza de que não demoraria muito e ele faria algo para se juntar a Dante. Os dois eram melhores amigos, e não estavam acostumados a ficar separados.

Em determinada hora, me retirei para ir ao banheiro, e Sophia foi

comigo. Durante toda a festa, ela ostentou um sorriso singelo e feliz, mas eu já a conhecia o suficiente. Assim que entramos no banheiro e eu verifiquei que estávamos sozinhas, ela deixou o sorriso morrer e começou a tremer.

— Está tudo bem. — Eu a abracei, ela chegava a estar gelada.

— Não quero me casar com um homem com quase o triplo da minha idade. — Sua voz soou baixa, dolorida.

— Isso não vai acontecer, querida — respondi, firme, mas não tinha tanta certeza.

Catherina e Ivan com certeza queriam um casamento bom para sua filha caçula, mas será que isso falaria mais alto do que a felicidade da menina?

— Stefano Meyer me olhou, Valentina. Ele me quer.

— Quem é ele?

— Um capitão altamente respeitado pelo nosso povo. Ele esteve no seu casamento. Careca, alto, com uma longa barba, e manca um pouco. Está de terno cinza.

Lembrei de ter visto um homem assim na festa, mas não poderia ser ele, devia ter uns cinquenta poucos anos. Pensei em como ele tinha se apresentado e tinha quase certeza esse era seu nome. Tentei manter a expressão leve para perguntar discretamente a Eric se ele sabia de algo.

— Tenho certeza de que não há nada com o que se preocupar.

Depois de se acalmar um pouco, voltamos à festa, mas a tensão estava lá. Vi famílias fazendo acordos de noivado para meninas jovens, porém seus noivos tinham uma diferença não muito grande de idade. Vi viúvas jovens tentando arranjar um novo marido, e até mesmo mulheres mais velhas, porém bem conservadas, em busca de novos esposos.

Eric me tirou para dançar, mas notei que ele estava diferente. Mais sério, tenso e não me olhava nos olhos.

— Ei, está tudo bem? — perguntei com a voz leve.

Ele acenou, mas parecia forçado.

— Pode conversar comigo. — Beijei sua bochecha, tentando deixá-lo relaxado.

Ele suspirou.

— *Ela* está aqui.

Minha testa se franziu em dúvida.

— Quem?

— Edelina Fischer. — Ele pareceu pensar em um modo de me dizer algo, e eu comecei a me preocupar. Será que eles tiveram algo?

— É bom você não ter tido nada com ela — falei dando um belo sorriso, para que se tivesse alguém olhando para nós nunca imaginasse a raiva que eu estava sentindo. Finquei minhas unhas em seus ombros, com força, querendo machucá-lo.

Eric engoliu em seco e limpou a garganta.

— Nunca aconteceu nada, mas ela sempre quis se casar comigo.

Continuei a encará-lo, esperando que contasse toda a história. Eric não teria entrado no assunto se algo não tivesse acontecido.

— Ela sempre pede uma dança, está no clube quando vou jogar nos dias de folga. Participou de alguns jantares comigo, e é isso. Nunca tive nada com ela.

Eu relaxei um pouco, talvez estivesse sendo paranoica. Um relacionamento saudável precisa de confiança, e eu precisava dar o braço a torcer que Eric seria o último homem do mundo a pensar em me trair. Ele me amava demais para se arriscar a perder tudo.

Beijei seus lábios e sorri.

— Está tudo bem, eu confio em você.

Ele sorriu de volta, mas quando olhou para trás de mim, ficou ainda mais tenso do que antes. Não me virei, querendo mostrar que percebi que seu incômodo. Pouco depois, ela se aproximou. Eu sabia que era ela pelo jeito que Eric reagia. Tinha de admitir que era uma mulher bonita. Alta, esbelta, com longos cabelos loiros num tom claro, com luzes, olhos tão azuis, que davam inveja. Mas eu me mantive plena.

— Olá, Eric, quanto tempo!

Ela deu um passo para mais perto, como se fosse dar um beijo nele, mas Eric manteve-se firme ao meu lado, com a mão no meu quadril. Ela se fingiu de desentendida e me olhou dos pés à cabeça, como se só me visse naquele momento. Não tive como não deixar um pequeno sorriso sair, ela não poderia fingir que não me viu quando, com aquele vestido, eu atraía a atenção de todos na festa.

— Você deve ser Valentina. É bom conhecer a mulher que Eric sempre falou.

Ah, então eles conversavam. Bonito.

— Você, eu não conheço, Eric nunca comentou a seu respeito. Mas

deve ser porque falamos sobre coisas importantes. — Dei de ombros, levando um leve apertão no quadril como aviso para ficar calma. Não podia fazer escândalo.

Ela sorriu docemente, fingindo não perceber que eu tinha sacado qual era a dela.

— Bem, agora terão o que falar — respondeu e se voltou para Eric. — Não nos vemos há semanas, espero te encontrar logo.

Ela se afastou antes que eu perdesse o controle e batesse nessa mulher. Como assim não se veem há semanas? Semanas!

Eric começou a me levar para algum lugar, mesmo sendo a última coisa que eu queria. Poderia estar sendo irracional, mas nenhuma mulher deseja ouvir isso, vindo de outra mulher, a respeito de seu marido. Saí de seus braços, e mantendo a calma, caminhei até o outro lado do salão onde havia um bufê de doces.

— Valentina Raffaelo. — Uma voz me chamou enquanto eu mordiscava um morango.

Eu me virei, vendo um homem atraente, alto, moreno e de voz grossa, aparentando ter por volta de trinta anos. Devia ter a mesma altura de Eric, mas não era tão bonito quanto.

— Sim, e você é?

— Paul Heinz. — Ele esticou a mão, e eu a apertei. — Eu a reconheci pela beleza, se parece muito com sua mãe.

— E a conhece de onde?

Um braço foi para a minha cintura, e eu nem precisei olhar para saber que era de Eric. Agora ele queria marcar o território, né?

— Na verdade, é Valentina Hoffmann agora, mas isso você já sabia — Eric disse, e eu não resisti, olhei seu rosto e constatei a possessividade em seu olhar.

Paul acenou, sem muito interesse, e voltou a me olhar.

— Já fiz negócios com seus pais. Sua mãe é sensacional. — Ele me olhou dos pés à cabeça. — Espero que você seja um ar fresco no meio de tanta testosterona como ela, e tão fatal quanto.

Piscou para mim e se afastou.

Eric então começou a me guiar pelo salão, até onde as pessoas dançavam. Ele começou a dançar, e eu não tive outra escolha a não ser colocar as mãos em seu ombro e ser guiada por ele.

— Ainda estou com raiva — murmurei.

— Eu também.

Parei ao ver seu olhar assassino e tentei me acalmar.

— Você não tem motivos para estar com raiva.

Ele juntou as sobrancelhas, sem se importar em esconder a cara de raiva.

— Será? Você estava de papinho com outro. Está querendo me trocar?

Esperei a música acabar e voltei para a mesa onde Catherina e Sophia estavam sentadas. Fiquei lá o restante da festa. Ignorei a presença de Eric quando ele se sentou ao meu lado. Podia ver que estava arrependido de suas palavras, mas, mesmo assim, ele havia me magoado. Eric de alguma forma inverteu o jogo, fez meu ciúme por ele parecer nada e algo sem motivo parecer tudo.

Dentro do carro, ele beijou meu ombro e passou a mão pela minha perna, mas eu tirei sua mão do lugar e me afastei, ficando contra a janela. Chegamos em casa antes do restante do pessoal, e eu aproveitei para subir para meu quarto e dormir antes que os outros chegassem, não estava a fim de conversar.

— Me desculpe — Eric disse quando eu saí do banheiro depois de ter tomado um banho.

Eu o ignorei, indo até o closet e caçando uma calça de moletom e uma camisa sua larga. Quanto mais roupas entre nós, melhor.

— Valentina — ele me chamou, com a voz derrotada. — Eu sinto muito. Você sabe que eu não consigo controlar meu ciúme, não consigo evitar pensar que você poderia estar com uma pessoa melhor que eu, nem que perceba isso.

Eu puxei as cobertas da cama, pronta me deitar, mas me virei para ele. Não queria dormir guardando ódio.

— Você percebe que quando fala essas coisas para mim, ainda mais depois do que eu ouvi, parece abusivo? — Ele deu um passo para trás, como se tivesse tomado um soco. — Os relacionamentos abusivos começam com palavras, Eric. — Suspirei e passei a mão pelo rosto. — Eu tinha motivos para ficar com ciúme de você com Edelina, mas eu confiei em você, porque sabia que você nunca me trairia, mas na primeira oportunidade, sem nada ter acontecido, você me acusou com o olhar e inverteu o jogo.

— Valentina...

— Você sabe que eu te amo mais do que tudo, mas isso não vai me impedir de te deixar se eu vir que não temos um futuro juntos. Um pouco de ciúme é até sexy, mas você agiu como se eu o tivesse traído. — Minha voz falhou na última parte, tomada pela emoção.

— Eu sinto muito.

— Às vezes, me pergunto se você realmente me ama ou se sou somente sua obsessão — murmurei e o escutei prender a respiração. — Se posso te prometer algo, é que eu te amo e nunca te trairei.

Eu me deitei e virei para o outro lado, apagando meu abajur. Estava quase pegando no sono quando ouvi suas palavras.

— Sei que você nunca me trairia, Valentina. Eu acredito nisso com toda a minha alma, e juro que tentarei ser melhor e nunca dar motivos para me deixar. Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, até que a morte nos separe. Já disse antes e direi novamente, prefiro me matar a fazer mal a você.

Queria ir para seus braços e dizer que estava tudo bem, mas naquele momento eu precisava cuidar de mim mesma. Eu vi relacionamentos abusivos. Eles começavam assim, com afirmações, ciúme excessivo, e então vinha a agressão mental e física. Eric não era um abusador, mas eu precisava ter certeza de que o homem com quem me casei nunca me faria mal, mesmo que fosse sem perceber. Obsessão era algo perigoso, tanto para ele quanto para mim.

CAPÍTULO 12

Você pode ser meu rouxinol?
Cante para mim, eu sei que você está aí
Você poderia ser minha sanidade
Traga-me paz
Cante-me para dormir
Diga que você será meu rouxinol
***Nightingale* – Kait Weston & Jameson Bass (cover)**

VALENTINA

Dois dias depois de nossa briga, eu estava falando entre os dentes com Eric. Naquela noite, terminava de me arrumar: Heiko nos levaria, Sophia e eu, para uma boate. Estava animada, seria a primeira vez de Sophia numa boate, e a primeira vez que eu sairia para valer aqui em Munique. Coloquei um vestido branco, de gola alta e mangas, com uma bota preta de cano alto que ia até minhas coxas. Fiz uns cachos nos cabelos e um delineado preto gatinho nos olhos; completei o look com um batom nude.

Saí do banheiro, terminando de colocar meus pequenos brincos de diamante, quando encontrei Eric. Ele ainda estava com o terno que usava de manhã, quando saiu para trabalhar, tinha dito que havia umas reuniões e que chegaria tarde.

— Chegou cedo — disse para quebrar o silêncio.

Ele me devorou com os olhos, e mesmo sem querer admitir, fiquei excitada. Dois dias sem ele, e eu já estava em abstinência.

— Você está linda. — Fez uma pausa. — Tenha cuidado lá.

Assenti e peguei minha bolsa.

— Tá bom.

Caminhei até a porta e parei com a mão na maçaneta. No dia seguinte, faríamos um mês de casados, mas Deus sabia como eu era teimosa para dizer que exagerei, e ele também não tentou falar nada sobre isso. Eu me virei para Eric, que ainda me olhava.

— Talvez um dia a gente possa ir junto para a boate.

Ele sorriu e acenou.

— Vou providenciar isso para logo.

***

— Meu Deus, isso é tão legal! — Sophia gritou ao meu lado.

Estávamos na área VIP, que foi esvaziada, em grande parte, para nós duas e nossos seguranças. Peguei minha vodca com Coca e sorri para sua animação. Sophia se agarrou em mim quando entramos por uma das portas do fundo, acho que ela não esperava ver tanta gente. Heiko foi encontrar o gerente e nos deixou com alguns seguranças.

— Cola comigo, que é sucesso!

Ela riu e começou a balançar o corpo com a música eletrônica. Em seguida, olhou para a pista de dança lotada, com saudade do que ainda não tinha vivido. Cobiçava a pista, ou talvez alguém.

Esperei um pouco, a deixando à vontade antes de sugerir:

— Vamos para a pista?

Ela me olhou, retraída; queria, mas no fundo sabia que deveria negar. Olhou de volta para a pista e depois para mim com os olhos arregalados.

— Você sabe que quer. — Eu a cutuquei de brincadeira, e ela suspirou, vencida.

— Vamos. — Terminei minha bebida, e ela fez o mesmo.

Peguei sua mão e desci as escadas devagar, para que os seguranças percebessem nossos passos e se realocassem para nos vigiar. Eu nos guiei até alguns metros da escada e comecei a dançar, rebolando a bunda e rindo quando Sophia tentava me imitar. Ela fez balé quando mais nova, e eu podia ver a graciosidade que tinha. Pensar em balé só me fez perceber quanto tempo que não dançava, eu sentia muita falta.

Passei a mão pelos meus cabelos enquanto mexia os quadris e cantava a letra da música junto com Sophia. Heiko logo viria se juntar a nós, ele aparentava ser um cara que adorava uma festa. Eu senti falta de Eric, ele não faz muito o estilo de sair para dançar, mas apostaria minha vida que dançaria comigo para me fazer feliz.

— Vou pegar uma bebida — anunciei para ela, depois que dançamos quatro músicas direto. Sophia dançava de costas para mim, e mesmo podendo ser maluquice da minha cabeça, achava que ela estava dançando para alguém. Ela acenou sem tirar o olhar de outro lugar, tentei encontrar o flerte inocente,

mas não achei ninguém por perto a olhando.

Eu me afastei e fui até o bar lotado. Peguei meu celular e enviei uma mensagem para ele.

EU: Estou com saudade.

O bar estava lotado, mas esperei pacientemente a resposta de Eric. Vi a hora, era um pouco mais de meia-noite. Quando finalmente fui atendida, pedi duas garrafas de cerveja. O barmen as abriu para mim e, depois de pagar, comecei a me afastar. Alguém esbarrou em mim, mas antes que pudesse me desculpar, alguém estava me arrastando para um corredor perto.

— Calada — o homem disse enquanto eu tentava sair de seu aperto. Seu sotaque era forte, e logo eu reconheci.

Russo.

Eu tentei me soltar, pensei em gritar, mas, com aquele som, ninguém me ouviria. Olhei em volta em busca dos meus seguranças, mas não os vi, talvez pelo pânico que estava sentindo no momento.

Assim que chegamos a um corredor, ele me soltou para pegar sua arma, e eu não pensei duas vezes. Bati em sua cabeça com toda força com uma das garrafas de cerveja. Ele grunhiu e colocou a mão no ferimento, mas eu sabia bem que isso não era o suficiente para pará-lo. Minha mão latejou pela força usada, mas eu usei seu momento de distração para me afastar uns passos e quebrei o fundo da garrafa contra a parede, fazendo as pontas ficarem afiadas. O chão estava cheio de líquido, e eu sabia que tentar correr seria inútil com aqueles saltos.

Apontei a garrafa quebrada para ele.

— Se afaste. Meus seguranças já vão chegar.

Ele riu e eu vi que tinha dentes de prata na frente. Seu rosto era cheio de tatuagens e de sangue, fruto dos pequenos cortes que o vidro fizera. Ele era assustador.

— Se afaste, não vou repetir. Você está numa área que pertence aos Hoffmanns, está cercado de soldados, não há como fugir.

Ele não pareceu me ouvir, e quando partiu para cima de mim, eu vi no fim do corredor um homem intimidador, com olhos frios, correndo em minha direção. Eu sabia que seria tarde quando ele chegasse ali. O russo poderia quebrar o meu pescoço ou me fazer de refém. Com a mão trêmula, eu segurei

com força a garrafa quebrada e, quando ele partiu para cima de mim...

Tudo pareceu entrar em câmera lenta de repente, eu mirei em sua carótida, e o espetei com toda minha força bem quando ele me agarrou. Parecia que eu tinha conseguido acertar em alguma veia, porque o sangue explodiu em cima de mim, mas o sujeito não diminuiu o aperto. Ele agarrou meu pescoço e me jogou contra a parede. Eu caí no chão, desnorteada e vi quando ele sacou a arma e apontou para mim. Fechei meus olhos, e a única coisa que eu pensei foi em Eric. Ele não aguentaria viver sem mim, soterraria na culpa.

Dois disparos foram feitos. O som fez meus ouvidos zumbirem, e eu esperava sentir dor, mas nada veio. Em seguida, escutei um barulho de algo caindo no chão, e um grito alto soou, só então percebi depois de um tempo que o grito era meu.

Abri os olhos e vi o corpo do meu atacante caído a poucos centímetros de mim. Olhei para frente e vi o homem que tinha aparecido no corredor guardando a arma dentro da jaqueta de couro preto. Ele tinha cabelos loiros e olhos tão claros, que pareciam brancos. Ele colocou um dedo cheio de tatuagens no lábio, em sinal de silêncio para mim, e se afastou sem olhar para trás.

Não tinha certeza de quanto tempo passou, mas logo estava sendo socorrida por meus seguranças. Eles gritaram ordens uns para os outros enquanto me levantavam. Quando um tentou me colocar no colo, eu me afastei, ainda tonta.

— Não, eu estou bem.

— Senhora, vamos sair daqui — outro disse, colocando a mão nas minhas costas, me guiando. Durante o caminho, eu não vi ninguém. Ele me levou até uma saída nos fundos, e, em menos de um minuto, um carro apareceu, e eu fui colocada dentro. Dois seguranças entraram comigo, me deixando no meio do banco traseiro. Olhei para minhas mãos repletas de sangue, o cheiro de cobre de repente parecia me engolir, mas eu não poderia quebrar. Não agora. Não ali.

Tentei pensar em outra coisa, qualquer coisa. Precisava me manter forte até chegar a Eric, e só então meu corpo saberia que estava seguro.

— Sophia? — perguntei, saindo um pouco do estupor. Minha voz soava rouca e fraca.

Um dos homens me escutou.

— Ela está bem. Assim que escutaram o tiro, ela foi extraída com segurança.

Eu assenti e fechei os olhos, quando os abri, dei de cara com Eric me tirando de dentro do carro. Sua expressão era angustiante. Fui levada de elevador até nosso andar.

— Quanto menos movimento, melhor — ele disse.

Quando chegamos até nossa casa, ele me guiou até o sofá da sala, mas eu neguei.

— Preciso de um banho. Tem sangue em minhas mãos.

Era para me referir ao sangue que manchava minhas mãos naquele momento, mas então me bateu. Eu tinha matado um homem. Talvez o estranho tivesse feito, mas ainda assim, eu esfaqueei um homem na carótida. Mesmo se não tivesse levado os tiros, o homem estaria morto pela perda de sangue. Eu causei uma morte naquela noite.

— Você precisa ser examinada. Pode haver ferimentos. Os guardas disseram que você estava rodeada de vidro.

Eu voltei a negar e cravei minhas unhas em seu ombro com força. Eric não tentou tirar minha mão dali, em vez disso me pressionou contra ele. Então eu quebrei.

Um grito angustiante saiu de mim, meu corpo tremendo em agonia. Cravei os dentes em seu ombro, querendo aplacar um pouco da minha dor. Querendo ter alguma âncora, me prender a algo.

— Está tudo bem — Eric dizia, acariciando meu ombro enquanto andava.

Escutei vozes, mas me concentrei em me esconder contra sua nuca. Sentia seu cheiro e tentava me aquecer com seu calor.

— Saiam! — ele grunhiu, mas eu não estremeci, sabia que não era para mim.

Quando ouvi a porta do banheiro ser fechada, Eric me colocou em pé. Eu fraquejei, mas ele me segurou.

— Você precisa ficar firme. Por mim — ele pediu, com uma voz doce.

Eu levantei a cabeça para observá-lo, e Eric não desviou o olhar, suas pupilas estavam dilatadas, e ele parecia prestes a desencadear um episódio.

— Eu estou bem — disse, não querendo ser a causa do seu episódio. Não tinha ideia do que viria, mas, naquele momento, eu não estava preparada

para nada.

Ele negou.

— Você não está e não vai mentir para mim. — Ele colocou algumas mechas de meu cabelo atrás da minha orelha. — Mas você vai ficar, porque você é forte. Agora fique parada bem aí.

Eu obedeci, observando-o andar pelo banheiro, e depois de pegar algo em uma gaveta, ele voltou para mim com uma faca em sua mão. Ele parou na minha frente, com a mandíbula tensa.

— Feche os olhos e não abra até eu ter terminado.

Fechei meus olhos e respirei fundo, então senti sua mão separando meu vestido do corpo e cortando uns pedaços. A faca bateu no chão em um som afiado, então suas mãos estavam em mim, terminando de tirar o vestido que estava molhado de sangue. Escuto uns movimentos de roupa, e pouco depois senti suas mãos em meu joelho abrindo as botas; eu estava nua.

— Vamos para a banheira — ele sussurrou, me pegando em seus braços, e então eu senti seu peito nu e quente.

A água quente acalmou um pouco dos meus tremores e relaxou meus músculos. Eric estava atrás de mim e começou a me lavar. Eu mantive os olhos fechados, não querendo ver o sangue, e encostei a cabeça em seu peito.

— Eu enfiei uma garrafa no pescoço de um homem — falei lentamente, minha voz saía fraca, como se eu estivesse drogada.

— A adrenalina passou, amor. Respire fundo e me conte o que houve.

Lambi os lábios secos e respirei fundo como ele havia dito.

— Eu estava no bar, então ele me agarrou e me puxou para um corredor ali perto. — Fiz uma pausa quando comecei a tremer, e Eric me segurou apertado contra ele, me fazendo sentir ainda mais segura. — Eu quebrei uma garrafa em sua cabeça, mas não adiantou. Eu quebrei a outra contra a parede e apontei para ele, mas ainda assim ele veio para cima de mim.

O choro veio, e ele esperou pacientemente passar.

— Sei que deve estar achando que estou fazendo um drama à toa. Minha mãe passou por muito mais e sempre foi controlada.

Ele me puxou e me virou para ele, e só então eu abri os olhos vi sua expressão fechada.

— Nunca se compare a outra pessoa. Não diminua sua dor por causa do outro. Você sempre esteve protegida, Valentina. Nunca passou por algo

como isso, é normal estar traumatizada. Você entende?

Eu assenti, e Eric sorriu, acariciando meu rosto com os dedos. Eu inclinei a cabeça para sentir mais.

— Então, o que aconteceu?

Eu fiquei tensa, mas ele balançou a cabeça.

— Não, olhe para mim. Eu estou aqui, você não está mais em perigo.

Balancei a cabeça e respirei fundo.

— Então eu o ataquei na garganta, o sangue voou em mim. Ele, mesmo assim, continuou, me empurrou no chão e ia sacar uma arma... Então...

Eu parei. Será que aconteceu aquilo mesmo, o estranho atirando no sujeito, ou foi fruto da minha imaginação?

— Então o quê? — Eric fez uma pausa, me olhando. — Valentina, seu atacante foi morto a tiro pelas costas, mas não por um dos nossos homens.

— Um homem chegou, simplesmente atirou nele e foi embora.

As sobrancelhas de Eric se franziram.

— Isso é estranho. Agora quero que você se vire para que eu possa lavar seus cabelos.

Assenti e voltei para minha posição original. Prendi o fôlego quando afundei sob a água. Senti os dedos de Eric sobre meu couro cabeludo e rosto, e estremeci ao pensar que devia estar cheia de sangue na cara. Quando se deu por satisfeito, nós terminamos o banho. Levantei da banheira e finalmente abri os olhos, vendo a água avermelhada.

Eric me ajudou a sair da banheira, me enrolou numa toalha, mas me virou para a banheira.

— Está vendo esse sangue? Significa vida. Deve estar orgulhosa de estar viva, Val. Não olhe para ele com medo. Olhe para a prova que os mais fortes sobrevivem.

Depois de me secar, ele verificou meu corpo para se certificar que eu não tinha me cortado. Por incrível que pareça, não tive nenhum corte sério. Somente um simples corte fino na mão, que nem precisaria de pontos. Ele me vestiu com uma camiseta dele, larga e confortável, e me agasalhou com meias grossas e quentinhas. Então me colocou sentada na cama e começou a secar meu cabelo com o secador. Depois de pronto, ele me colocou na cama e beijou minha testa, antes de se deitar ao meu lado.

Nós ficamos assim pelo que pareceram horas, ambos sabíamos que o outro estava acordado.

— Não consigo dormir — sussurrei para a escuridão.

Eric segurou minha mão.

— Bela comemoração de um mês de casados — murmurei tristemente.

— Nosso dia mal começou. Os percalços vão aparecer, você e eu sabemos que eu sou uma bomba-relógio. Mas quando esses dias ruins vierem, temos que pensar nos dias bons.

Ele sacou o celular e logo em seguida meu cover favorito da música *Nightingale*, de Demi Lovato, começou a tocar. Eric me puxou para ele, nos deixando de conchinha enquanto escutávamos a música.

Então me surpreendi: ele começou a cantar em meu ouvido, em sua voz profunda:

— *Eu preciso de uma voz para ecoar. Eu preciso de uma luz para me levar para casa. Eu preciso de uma estrela para seguir, eu não sei.* — Ele me beijou e prosseguiu cantando: — *Eu nunca vejo a floresta pelas árvores. Eu realmente poderia usar sua melodia. Baby, eu sou um pouco cego. Acho que é hora de você me encontrar.*

Lágrimas caíram dos meus olhos enquanto ele continuava a cantar para mim, até que finalmente caí no sono.

CAPÍTULO 13

Estou vendo a dor, estou vendo o prazer
Ninguém além de você, além de mim, além de nós
Corpos juntos
Adoraria te abraçar perto de mim, esta noite e sempre
Adoraria acordar ao seu lado
***Pillowtalk* – Zayn**

ERIC

Não consegui dormir à noite. Não depois de vivenciar a possibilidade de poder perder Valentina. Logo depois da música, ela dormiu, e eu fiquei observando sua respiração, sentindo seu corpo quente mostrando que ainda estava viva. Eu devia estar lá para a proteger. Nós não deveríamos ter nos desentendido.

Não tinha ideia de que ela havia pensado que eu era abusivo, e talvez, de certa forma, eu fosse. Precisava analisar melhor minhas reações, não poderia ter crises de ciúme ou fazê-la se sentir presa. Ver Edelina perto de Valentina me causou desconforto, não queria que pensasse que havia outra mulher na minha vida, no presente, no passado ou no futuro. Eu sou dela e sempre serei.

Fritz veio dez minutos depois com o café da manhã que Magda preparou para a gente. Passei esse tempo tentando acalmar meu pai e fazendo-o prometer ficar distante de Valentina. Não queria que ela se preocupasse ainda mais pelo o que houve e revivesse tudo ao falar sobre o ocorrido. Contei tudo que ela me disse, mas ainda assim ele queria ouvir a história por ela, como se fosse fazê-la lembrar de algo. Eu acharia quem atirou no homem, e só aí eu teria um pouco de tranquilidade. Ninguém no nosso mundo ajuda o outro sem querer algo em troca.

Descobrimos que o homem que tentou sequestrar Valentina era russo, fazia parte da Bratva, mais precisamente do clã Leonov, pela tatuagem em seu braço. Nós estávamos tecnicamente em paz com eles por anos. Desde que o setor que produzia drogas de obediência foi destruído, nós não voltamos a entrar em confronto direto, mas só isso não duraria muito tempo. Logo a

ganância no nosso sangue falaria mais alto, e um de nós atacaria o outro por poder. E pelo o que parecia... a trégua, já frágil, começava a cair.

Valentina se mexeu, e eu me aproximei da cama, desligando o celular e o guardando. Ela se deitou de costas e abriu os olhos. Eu soube o momento exato em que ela se lembrou do que aconteceu, porque pude ver a aflição e o medo. Eu me sentei ao seu lado, e ela se assustou, pulando. Eu fingi então não perceber e abri um sorriso.

— Oi, dorminhoca!

Valentina esfregou os olhos e se sentou. Eu peguei o nosso café, colocando sobre a cama.

— Eric — ela murmurou.

Eu peguei uma rosa que estava na bandeja e dei a ela.

— Feliz um mês de casados, *mein leben*. — Beijei seus lábios levemente.

Ela me deu um pequeno sorriso tímido. Valentina adorava quando eu usava esse apelido especial.

— Feliz um mês de casados. — Ela suspirou, pegou um prato e começou a se servir de frutas. — Eu queria me desculpar...

— Não. — Eu a cortei, e ela me olhou surpresa, mas não assustada. — Eu errei de ter pensado mal de você. Deixei a raiva falar mais alto, não tem desculpa para suspeitar de você, e eu não o faço. Foi só uma reação.

Toquei seu rosto.

— Eu sou completamente apaixonado por você, Valentina, esse é um sentimento puro. Você está errada em contestar o sentimento puro que tenho por você ao colocá-lo ao lado de uma doença. — Limpei a garganta, suas palavras me magoaram, mas ainda assim entendia seu medo. — Ficarei mais atento sobre minhas ações e prometo ser melhor.

Ela mordeu o lábio e acenou.

— Tudo bem, mas me desculpe também. Eu te amo.

Nós tomamos o café calmamente, comigo a alimentando, desfrutando de vê-la como uma princesa. Ela lambeu os lábios quando um pouco do suco da uva escorreu pela sua boca. Sem me conter, eu lambi esse ponto antes de tomar seus lábios.

— O que acha de passarmos o dia na cama? — ela disse, passando a mão por meus braços, antes de começar a descer pelo meu estômago. Antes que chegasse à minha ereção dentro da calça, eu segurei sua mão com

delicadeza.

— Acho a sua ideia ótima, mas também tenho uma.

Eu me levantei, e a puxei para mim. Valentina riu, envolvendo suas pernas em minha cintura. Suas mãos brincaram com meus cabelos, enquanto eu a levava até o fim do corredor.

— O que você aprontou? — ela perguntou, com a voz doce e sedutora e começou a roçar sua boceta nua e quente contra meu estômago. Logo senti a umidade e tive de me controlar.

— Você vai pagar por isso — murmurei, tentando conter um sorriso.

— Mal posso esperar — ela disse, dando um beijo na minha nuca e mordiscando o lóbulo da minha orelha.

Apertei sua bunda, e Valentina pulou, dando um gritinho antes de continuar com seu ataque. Chegamos até a porta, e eu respirei fundo a colocando no chão. Valentina, por outro lado, não queria se afastar de mim e começou a lamber meu queixo.

— Me come — ela murmurou, e eu ri, levando a mão a mão à maçaneta.

— Se você ainda quiser depois de entrar aqui, saiba que pode usar meu corpo à vontade.

— Pode apostar que eu vou. Estou com saudades.

Abri a porta, e, quando se virou, ela ficou imóvel e então soltou um gritinho animado, correndo pelo salão de balé que eu havia preparado para ela. Tive de quebrar o quarto ao lado e retirar uma das suítes para fazer com que o espaço ficasse grande. Quando voltamos da lua de mel, ainda precisava colocar o piso, os espelhos e ajeitar os detalhes. Não tenho ideia de como Valentina nunca suspeitou. Os pedreiros entravam pela janela e trabalhavam normalmente quando Valentina estava fora comigo ou com Sophia. Todos estavam me ajudando a manter tudo em segredo para ela, por isso a obra atrasou ainda mais.

Ela rodou pelo salão, e eu não resisti, levantei a câmera do celular em sua direção e comecei a gravar. Ela estava usando uma camiseta minha e meias grossas, seus cabelos ainda estavam para o alto, mas ela nunca esteve tão bonita. Quando a encontrei daquele jeito, em choque e cheia de sangue, percebi quão fácil seria perdê-la. Crescemos nessa vida e sempre soubemos o risco. Dominic e Isis a criaram bem, fazendo ver o preço do poder, mas ainda assim foi um choque tanto para ela quanto para mim. Posso dizer com clareza

que Valentina estava em busca de sexo para esconder o medo, se esconder dos demônios, mas uma coisa que eu sei bem é que eles sempre estão ali, à espreita para atacar.

Observei Valentina dançar ali mesmo, sem a roupa adequada ou mesmo um par de sapatilhas, mas ainda assim ela dançou belamente, mesmo sem música.

— Eu amo isso! — ela exclamou e tampou a boca pelo grito.

— Aqui é à prova de som. — Ela abriu um largo sorriso, e eu avancei. — Ali tem um painel com Wi-Fi, você pode escolher a música ou conectar seu celular.

Valentina acenou, levantou uma perna sobre a barra e se esticou.

— Você não vai entrar? — ela perguntou.

Eu neguei, encostado no batente da porta.

— Não sem sua permissão, todos devemos ter um lugar seguro, e aqui é o seu.

— E o seu, qual é? — perguntou, curiosa, enquanto se aproximava de mim.

Eu deixei escapar um pequeno sorriso.

— Meu lugar seguro é ao seu lado, Valentina.

Ela envolveu os braços no meu pescoço.

— Nós, às vezes, parecemos estar numa zona de guerra — brincou.

— Mas também em um paraíso — retruquei e beijei seus lábios convidativos.

***

As duas semanas seguintes passaram rápido demais, eu vinha trabalhado incansavelmente para descobrir quem havia matado o russo, mas não obtive resultado. Era frustrante ficar à mercê. Valentina viu os machucados em minhas mãos, por bater em busca de respostas, mas em nenhum momento me julgou, muito pelo contrário, cuidava de mim quando eu chegava em casa. Minha menina me enchia de orgulho por estar tão forte, mas eu conseguia ver através dela, sabia de seus pesadelos a respeito daquela noite. Todos os dias, fazia leite com mel à noite antes de Valentina dormir. Eu me sentia um pouco melhor de poder lhe dar um pouco de conforto.

Para completar, também tinha o estado de hipomania durante todas

essas duas semanas — sabia disso porque meu irmão me alertara. Ele sempre percebeu primeiro que eu quando meu humor mudava, e apesar de não poder fazer nada sobre isso, eu era grato por pelo menos saber.

Heiko e eu tínhamos acabado de entrar na casa. Meu irmão tinha vindo fazendo piadas durante o caminho, e eu estava relaxado.

— Agora vai comer a boceta da sua mulher, eu falo para o papai que você está cansa...

Antes que ele terminasse a sentença, eu voei em cima dele, acertando o punho em sua mandíbula. Heiko perdeu o equilíbrio e caiu no chão, mas eu não parei, montei em cima dele e distribuí socos. Ele, por sua vez, tentou se proteger, enquanto gritava para eu parar com aquilo. Mas eu não poderia. Eu não iria. Ele não diria mais coisas como aquela para mim.

— Eric! — Valentina gritou, aterrorizada, só então eu me afastei de Heiko, que está grunhindo de dor no chão.

Comecei a quebrar as coisas, chutando cadeiras, quebrando vidros, jogando a televisão contra a parede. Não consegui controlar a raiva que sentia. Queria matar, queria ter sangue pegajoso em minhas mãos. Queria sentir a vida deixando o corpo de cada pessoa presente e me banhar com o sangue. A raiva me tomou, e tudo ficou preto, até minha sombra era minha inimiga.

Levantei a cabeça e vi que meu pai segurava Valentina, impedindo-a de se aproximar de mim.

— Solte-a — eu grunhi, e ele o faz sem reclamar. Olhou para trás de mim e acenou com a cabeça para Heiko, que estava todo arrebentado, sendo segurado por seguranças.

— Levantem-no e chamem um médico.

Fiz menção de ir atrás dele, mas Valentina correu para mim e me olhou com os olhos arregalados, sem saber o que fazer. Por fim, levou a mão ao meu rosto.

— Eric, o que houve? — perguntou com a voz doce, tentando me acalmar.

— Ele te desrespeitou — grunhi, já querendo ir até ele novamente.

— Mas, Eric, você não pode bater em seu irmão — ela afirmou, séria, mas então olhou por cima do ombro e viu Heiko sentado no sofá com uma bolsa de gelo no rosto. — E o que ele disse?

Eu ameacei ir para cima dele só por lembrar, mas Valentina barrou

meu caminho. Como não queria a machucar, me mantive parado enquanto ela mantinha as mãos no meu peito para me impedir.

Eu repeti o que ele disse, e as sobrancelhas dela se levantaram.

— Mas você faria isso mesmo, não sei pra que esse drama.

— Viu? — Heiko murmurou do outro lado da sala. Valentina abraçou minha cintura, vendo que eu queria bater mais no merdinha.

— Vamos lá para cima — ela pediu contra minha orelha, e eu senti meu pau ficar duro só com seu olhar.

Valentina segurou meu braço enquanto caminhávamos. Passou perto de Heiko, e vi que ela tentava avaliar se ele não estava muito machucado. Quando constatou que não era grave, pisou em seu pé e me puxou para a escada, não antes de escutarmos meu irmão resmungando de só apanhar nessa casa e meu pai falando que ele havia merecido.

Quando estávamos em nosso quarto, eu mal entrei e já fechei a porta com o próprio corpo de Valentina. Tomei seus lábios e a pressionei mais contra a porta. Ela prontamente envolveu as pernas em minha cintura e me beijou com o mesmo fervor. Suas roupas foram rasgadas pelas minhas mãos. Seus gemidos, suspiros e lamúrias me pertenciam.

Ela jogou a cabeça para trás, sua boca em um grito silencioso, quando eu a penetrei. Ela estava molhada, pronta para mim.

— Sim, sim, sim... — ela murmurou incontrolavelmente.

Beijei sua garganta quando uma vontade estranha me tomou. Com uma mão, agarrei sua garganta em meu punho, cortando sua respiração. Sua vagina se apertou, e eu a senti ficar ainda mais úmida. Ela não tentou fugir do meu aperto, em vez disso colocou suas mãos sobre a minha e tentou apertar mais, porém eu não movi o braço. Intercalei em a deixar sem respiração quando a penetrava, e quando ela ficava vermelha, eu a soltava.

— Não, não... — ela resmungou e agarrou minha mão. — Tá gostoso assim. — Ela olhou dentro dos meus olhos, colocando minha mão de volta em seu pescoço. — Não se controle.

Voltei a segurar sua garganta, e ela sorriu, mas logo lutou para buscar o ar. A penetrei com mais força, o som dos corpos se chocando era música para meus ouvidos. Valentina então gritou quando eu liberei um pouco meu aperto, e eu sabia que ela estava próxima. Balancei os quadris, procurando, e quando ela voltou a gritar, sabia que tinha achado seu ponto G. Agarrei sua garganta enquanto dava investidas neste ponto, e ela se desfez em meus

braços, seu corpo tremendo pelo poderoso orgasmo. Nesse momento, senti jatos me atingindo. Isso me levou ao limite, e eu gozei segurando seus quadris enquanto continuava a investir, sem querer parar.

Eu a segurei nos braços, Valentina estava mole em meus braços, e quando a coloquei deitada na cama, ela tinha um sorriso satisfeito no rosto.

— Isso foi...

— Incrível — completei quando lhe faltaram palavras.

Eu a puxei para mim e a cutuquei quando começou a dormir; ela abriu os olhos sonolentos.

— Oi.

— Não quero dormir — confessei.

De alguma forma, sabia que, se dormisse, teria pesadelos. Durante aquelas duas semanas eu tinha me mantido com pouquíssimas horas de sono, justamente para evitar pesadelos, mas sabia que quando fechasse os olhos, eu apagaria, e os demônios me encontrariam.

— Você está com medo? — ela perguntou baixinho e levantou a mão, acariciando minha bochecha. — Do quê?

Eu cutuquei minha cabeça, e ela acenou.

— Vamos conversar então. Estou feliz que meu aniversário está chegando, estou muito ansiosa para ver meus pais.

— Tem conversado com eles?

Ela assentiu, e assim continuamos a conversar. Eu me levantei e fiz um copo de leite quente com mel para Valentina. Ela tentou continuar a conversa depois de beber o leite, mas eu conseguia ver que apagaria a qualquer momento. Eu não me permitiria a privar de seu sono porque minha mente é fodida, então fechei os olhos e deixei os demônios me levarem.

— Acorde, acorde — mamãe me chamava, arrancando a coberta de mim. Estava tudo escuro ainda, somente a luz do meu abajur estava acesa.

Mamãe arrancava o meu ursinho Dobby sem cabeça de minha mão e o jogava do outro lado do quarto.

— Vamos, você precisa de um banho.

Eu me levantei e segurei sua mão, vendo-a estremecer quando a toquei. Mamãe não gostava que eu ficasse perto dela, acho que nunca gostou de mim, mas eu a amava. Ela tinha cabelos loiros como os meus e um sorriso doce quando olhava para Heiko. Às vezes, eu queria ser ele.

Para ela estar comigo naquele momento significava que estava começando a gostar de mim, e isso me deixou feliz.

— Você pode brincar comigo enquanto eu tomo banho?

Ela sorriu.

— Claro.

Quando chegamos ao banheiro, do outro lado do corredor, eu reparei que a luz do quarto de Heiko se acendeu, e eu orei aos céus para que ele continuasse a ser medroso e ficasse em seu quarto. Eu era um soldado corajoso, mas meu irmão, não. Papai me disse que aos cinco anos eu era mais corajoso que alguns de seus homens e que eu daria orgulho a ele. Eu matava os demônios que se escondiam debaixo da cama de Heiko, porque ele não tinha coragem.

Olhei a banheira e vi que já estava cheia; coloquei a mão dentro e tirei rapidamente pelo choque.

— Mamãe, não quero tomar banho. A água está gelada.

Antes que eu pudesse protestar mais, mamãe me colocou de roupa e tudo. Eu gritei pela mudança de temperatura e levantei o olhar para ela, para dizer que não era assim que se tomava banho. Repeti que a água estava gelada quando ela me afundou na água. Meus olhos estavam abertos, e mesmo através da água turva, vi seu olhar cheio de raiva. Mesmo sendo novinho, eu já tinha minha força e consegui me levantar quando ela afrouxou o aperto. Eu tentei gritar, mas meus pulmões queimaram.

Ao fundo, consegui ouvir o choro de Heiko, que cada vez ficava mais alto, então mamãe começou a cantarolar a canção de ninar que ela sempre cantava para meu irmão e para a grande barriga que ela tinha meses antes. Quando ela me empurrou para baixo da água pela terceira vez, senti meu corpo fraco e parei de lutar. Cheguei à conclusão que mamãe não queria que eu respirasse. Mais do que isso, cheguei à conclusão de que os monstros contados nas histórias eram reais e podiam ser chamados de mãe.

Aos poucos, a água se acalmou o suficiente para eu ver seu rosto de maneira turva através da água. Ela estava sorrindo. Mamãe nunca sorria para mim.

Meu último pensamento foi que eu desejava crescer e que, quando tivesse um filho, ele seria muito amado e feliz. Teria uma mãe que o amasse mais do que tudo, e que não temeria os monstros.

Mas então tudo virou escuridão, e eu me permiti ser ela — morrendo,

eu aprendi que o vilão também vence.

CAPÍTULO 14

Deus sabe que você não pode confiar em sua cabeça
Quando você está em pé na borda
Estou quebrando
Deus sabe que você não pode confiar em sua cabeça
Quando você está pendurado por um fio
Eu estava quebrando
Footprints – Sia

VALENTINA

Algo está errado, foi a primeira coisa que pensei quando acordei. Olhei para as janelas, cobertas pelas cortinas, mas ainda estava escuro. Estiquei o braço para tocar Eric, mas a cama estava vazia. Então um barulho no banheiro me fez pular.

— Eric? — eu sussurrei, e percebi que a luz do banheiro estava acessa e a porta entreaberta.

Meu primeiro pensamento era que alguém invadira a casa e estava no nosso banheiro, mas isso seria impossível, e não havia razão para se esconderem nesse cômodo especificamente. Com cuidado, me levantei da cama e vesti uma camisola que estava em uma cadeira. Pensei em pegar algo para atacar quem estivesse ali, mas então ouvi alguém choramingando. Demorei para ligar a voz à pessoa, mas quando isso me bateu, eu queria correr para longe. Todavia estava parada.

Tomando coragem, eu caminhei em passos calmos até a porta, e quando a empurrei, eu perdi a respiração.

Eric estava sentado ao lado da banheira, todo encolhido, olhando para o nada, com medo. Ele estava nu e tremendo, mas não era isso que partia meu coração.

— Mamãe, eu não quero entrar lá dentro. A água está gelada. — Sua voz estava mais fina, como de uma criança.

Meus pelos se arrepiaram, e tudo que eu mais queria era chorar, porém sabia que isso pioraria a situação. Eric precisava de mim.

Ele finalmente reparou em mim e inclinou a cabeça como uma criança

faria.

— Você é minha mãe?

Tremendo, me abaixei até ficar na sua frente.

— Oi, querido, eu não sou sua mãe.

Ele acenou, mas ainda parecia com medo.

— Eu não quero tomar banho — murmurou, como se me contasse um segredo. — A água está gelada, e eu não consigo respirar lá dentro.

— Está tudo bem, não precisa tomar banho agora, querido.

Tomei coragem e fiz a pergunta que estava me atormentando.

— Eric, quantos anos você tem?

Ele levantou a mão, com os dedos abertos, como uma criança faria.

— Cinco.

Uma lágrima caiu de seu olho, e ele secou rapidamente.

— Eu não choro, sou um menino forte.

Eu mesma tive de engolir minhas lágrimas. Não sabia quanto tempo ele ficaria naquele estado. Quando Ivan falou comigo a respeito dessa condição de Eric, antes de nos casarmos, ele disse que, às vezes, durava poucas horas, enquanto em outras, durava até semanas, entre idas e vindas.

— Você é um menino forte — concordei e acariciei seu rosto. — Que tal irmos dormir?

Ele acenou, meio hesitante.

— Você vai me contar uma história? Mamãe nunca me contou.

— Vou contar, sim. Quantas você quiser.

Eu me levantei e estendi a mão para ele, que aceitou meu convite. Observei-o andar, com o dedo na boca e me olhando com um pouco de hesitação. Eu o coloquei sentado, fui buscar roupas quentinhas e o vesti com uma calça e uma camisa.

— Você pode colocar meia? Assim os monstros não podem puxar meu pé.

Eu assenti.

— Claro, querido já vou buscar.

Depois de colocar a meia em seu pé, ele me olhou, querendo dizer algo. Estávamos deitados lado a lado na cama, eu o cobri, e ele abraçou um dos travesseiros como se fosse um ursinho de pelúcia.

— O que foi, querido?

Acariciei sua cabeça, e ele a virou mais para mim, em busca de mais

carinho.

— A Magda vai trazer meu leite quente com mel?

— Que tal se eu fizer? — sugeri, e quando ele começou a negar com a cabeça, com medo nos olhos, eu o tranquilizei. — É rápido, logo estarei de volta.

— Promete que não vai me abandonar? — pediu com a voz tímida.

— Prometo.

Beijei sua testa, peguei meu celular e saí do quarto deixando a porta entreaberta. Fui para a cozinha e depois de deixar o leite no fogo, mandei uma mensagem para Ivan.

Eu: Aconteceu.

Quando estava colocando o leite pronto no copo, recebi a resposta.

Ivan: Quer que eu vá aí?

Não podia ficar contando com os outros toda vez que isso acontecesse, mesmo que fossem raras tais ocasiões em que ele estivesse tenso, que era quando seu TDI se manifestava.

Eu: Não, está tudo bem. Estou colocando Eric pra dormir. Alguma sugestão do que ele gostava quando criança?

A resposta me pegou desprevenida.

Ivan: De ser amado.

Então eu chorei, mas não demorei ali, porque atrás de algumas portas, Eric precisava de mim. Sequei minhas lágrimas, enchi um prato com biscoitos e coloquei um sorriso no rosto ao entrar no quarto.

— Quem vai querer ouvir uma história?

— Eu! — ele gritou, animado.

Pelo restante da noite, eu contei história atrás de história, até minha voz ficar rouca e o sono começar a me levar. Eric estava com a cabeça no meu ombro e me abraçava apertado, como se temesse que eu escapasse.

Quando terminei mais uma história e estava quase dormindo, ele falou com a voz infantil:

— Valentina, eu sei que você não é minha mãe, mas eu queria que fosse.

Mordi o lábio e beijei sua cabeça.

— Vou ser o que você precisar, querido. Eu te prometo.

Ele levantou a cabeça para mim, com os olhos brilhando.

— Então posso te chamar de mamãe?

Eu acenei, e lágrimas caíram dos meus olhos. Ele franziu a testa e as secou.

— Não chore, mamãe. Nós dois estamos felizes.

Sorri.

— É verdade, você é muito esperto.

Eric voltou a se encostar em mim e fechou os olhos.

— Bons sonhos, meu anjinho — sussurrei, me entregando ao cansaço também.

***

Quando despertei na manhã seguinte, não sabia bem o que achar, meu coração chegou a parar quando vi a cama vazia. Eu me levantei, correndo e tropeçando pelo caminho só para estacar ao ver Sophia no chão da sala brincando de jogo da memória com Eric enquanto Ivan lia o jornal.

Quando perceberam minha chegada, Eric pulou do chão e veio me abraçar apertado. Quase quebrei algo pelo seu aperto, ele não tinha noção de sua força. Quando voltou a me colocar no chão, eu sorri e corri a mão por seus cabelos.

— Quer brincar com a gente?

Eu acenei e me sentei. Sophia me deu um sorriso compreensivo. Olhei por cima do ombro, vendo que Ivan acenou com o queixo para eu sair, e logo pesquei que ele queria falar comigo.

— Vou pegar um café — anunciei, depois de jogar um pouco.

Eric estava entretido no jogo, e mal notou que eu tinha saído junto de seu pai. Quando estávamos na cozinha, Ivan finalmente falou:

— Você agiu bem.

Eu passei a mão pelo rosto.

— Não sei o que fazer.

Ele colocou a mão no meu ombro.

— Só continue a amá-lo. Logo ele voltará ao normal. Essa personalidade dele é bem rasa, só aparece quando ele se sente impotente.

Fechei meus olhos.

— Ele tem estado em uma linha fina desde o acidente no clube. Está maníaco.

— Não, ele está com hipomania, mas noite passada definitivamente acarretou seu lado maníaco. Ontem ele teve um episódio de raiva. — Ele olhou para meu pescoço e levou alguns segundos para eu me lembrar que Eric agarrou o local.

— Foi consensual. — Senti que precisava falar isso.

Ivan assentiu sem hesitação.

— Sei que ele nunca faria algo que você não quisesse. Enfim, quando ele voltar, pode ou não retornar ao estágio maníaco. Esses meses têm sido muito tensos, e ele saiu totalmente da rotina pelo casamento, por isso está tendo tantas crises seguidas.

Ivan fez uma pausa e me olhou seriamente.

— Não posso te dar uma data ou uma previsão certa. Mas, para mim, isso é só o começo. Espero que sua promessa na igreja valha. Ele vai precisar.

Na saúde e na doença, até que a morte nos separe.

CAPÍTULO 15

Sinto muito por ter te machucado
É algo com que tenho de viver diariamente
E toda a dor que te causei
Eu gostaria de poder levá-la embora
E ser aquele que segura todas as suas lágrimas
É por isso que eu preciso que você ouça

Encontrei uma razão pra mim
Para mudar quem eu costumava ser
Uma razão pra começar tudo de novo
E a razão é você
***The Reason* – Hoobastank**

VALENTINA

Demorou mais algumas horas, e quando Eric começou a esfregar os olhos como uma criança, eu o coloquei na cama e acabei dormindo junto. Quando despertei, senti alguém me olhando, e ao abrir os olhos, vi os olhos de Eric me observando, não Eric criança, mas sim meu Eric.

— Eu fiz isso? — ele tocou meu pescoço com o dedo trêmulo.

— O quê? — Demorou um tempo para eu perceber sobre o que ele estava se referindo.

Ele se sentou e colocou a mão sobre o rosto.

— Eu devia ter te verificado quando saí pra trabalhar essa manhã — murmurou. Ele não tinha ideia da outra personalidade, e em sua mente criou uma história para as horas em que ficou apagado.

— Eric — eu o chamei, fazendo-o me olhar. — Isso não me machucou, o que nós fizemos foi algo nosso, algo prazeroso. Não teve dor. Eu juro.

Ele me olhou por um momento antes de assentir, mas ainda assim parecia mal por ter me machucado. Seu olhar de medo acabava comigo. Eu me aproximei mais dele.

— E eu gostei muito — confessei e Eric começou a me olhar com

interesse antes de beijar o meu pescoço.

— Não quero te machucar, nunca.

— Você não vai.

***

O dia do meu aniversário chegou, e, ao acordar, não senti a alegria que costumava ter todos os anos. Seria o primeiro aniversário sem a minha família. Papai havia ligado uns dias antes e dito que as coisas estavam um pouco tensas, assim não conseguiria vir. Dante estava em Denver, em seu treinamento, e achava pouco provável que Iris e Dimitri viessem, uma vez que ambos estavam aproveitando as férias com os amigos.

Pelo menos eu tinha Eric. Naqueles últimos dias, depois de sua crise, ele vinha sendo muito carinhoso e atencioso comigo. Sempre chegando mais cedo do trabalho, me levando para almoçar e me observando dançar no meu estúdio, porém não havia transado novamente comigo, acredito que por receio de me machucar. Parecia que o seu lado maníaco tinha voltado a adormecer.

Eu me virei na cama, para ele, e franzi a testa ao ver o seu lado vazio. Eu me levantei e me arrastei até o chuveiro, percebendo então que minha menstruação tinha vindo.

— Ótimo — resmunguei. Eu não tinha um ciclo muito regular, mas por conta do anticoncepcional, eu menstruava pouco.

Levei meu tempo hidratando, secando e alisando meus cabelos, tentando dar uma animada. Coloquei um moletom com short e desci as escadas, na esperança de encontrar alguém. Não liguei para Eric, se ele havia saído, teve alguma razão importante.

Desci as escadas, pronta para ir bater um papo com Magda. Ela me ensinou a fazer pão dias antes, e eu estava doida para tentar fazer sozinha. Quando servimos os pães na mesa para todos e Magda disse que eu lhe ajudei, Eric disse que foi o pão mais gostoso que ele já comeu, sendo que ele nem tinha comido ainda. Eu brinquei com ele sobre isso, e sua resposta foi:

— Tudo que você faz é gostoso, *mein leben*.

Sempre ficava toda boba quando ele me chamava de *mein leben*, minha vida, em alemão. Era seu apelido especial para mim.

— Bobo. — Foi a minha resposta. Todos riram, e ele deu uma

mordida no pão e piscou para mim.

— Delicioso. — A palavra em si não parecia ter segundas intenções, mas o jeito que me olhou deixou claro que não estava falando do pão.

Quando desci as escadas, um grito alto saiu de mim ao ver minha família ali. Meus pais, Dimi, Iris e meu vô Raffaelo. Eu corri para eles, os abraçando apertado.

— Vocês mentiram para mim! — acusei, mas emocionada por eles terem vindo.

Papai beijou a minha testa.

— Jamais perderíamos seu aniversário.

Abracei meu avô apertado, sentindo o cheiro de seu charuto e de seu perfume. Ele tinha cheiro de casa, de lar.

— Senti sua falta, vovô.

Ele beijou minha cabeça.

— Não perderia isso por nada.

Eu sorri emocionada para Eric, que piscou para mim. Passei o dia com meus pais, mas o momento mais emocionante pra mim foi quando cantamos parabéns, Dimi fez uma vídeo-chamada com Dante, enquanto Iris fazia com os Donavan, e minha mãe, com os Loschiavos. Todos estavam ali, não sabia se com o passar dos anos seria a mesma coisa, já que dentro da *famiglia*, nada era certo, mas eu esperava que a sensação de ser amada nunca fosse embora.

— Dante voltará para Boston em agosto, para as aulas — papai contou, depois que as chamadas foram encerradas e estávamos comendo bolo na sala.

— Mesmo? — perguntei, animada.

Mamãe acenou.

— Só é necessário que ele se inicie lá, o restante será feito sob nossa vista.

— Mas sem intervenção — papai completou com a voz seca e sem emoção. Vi a mão da minha mãe se fechando em punho, mas ela não respondeu ou o contradisse.

Querendo ou não, nada mais seria o mesmo. Minha família não poderia demonstrar fraqueza perto de mim, eu era uma Hoffmann, e estaria sempre com Eric, que, querendo ou não, era o futuro chefe da família.

Quando me despedi da minha família na manhã seguinte, não deixei de perceber uma diferença em Dimitri. Ele era só a casca. E eu temia que meu irmão fizesse algo imprudente.

No final da manhã, decidi ir dançar e fui até o quarto de Sophia para chamá-la; esqueci de bater na porta antes de entrar, e a encontrei sentada no sofá do seu quarto, olhando para o nada, pensativa.

— Sophia — eu a chamei na porta, e ela se virou para mim com um sorriso doce. Ela sempre parecia imaculada para mim, mas agora, ao conviver com ela, conseguia perceber que Sophia tinha sombras nos olhos. Talvez ela não fosse tão inocente quanto quisesse passar.

— Entre.

Eu me sentei ao seu lado.

— Já parou para pensar que todos dentro da família exercem uma função? — ela perguntou de repente, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Sim, as mulheres antes eram sempre submissas, e agora há mulheres fortes aparecendo dentro das máfias, mas ainda assim são poucas que saem do patriarcado.

Ela acenou.

— Sua mãe é conhecida em todo mundo, ela é considerada um divisor de águas. A era antes de Isis Raffaelo e depois dela. — Minha amiga suspirou. — Sua mãe tem tanta força. Será que ela teme algo?

Eu segurei sua mão.

— Claro que sim, ela é humana. Erra, acerta, cai, levanta. Não acredito que minha mãe seja forte porque sabe lutar ou algo assim, minha mãe é forte por causa de sua mente, da sua atitude.

Ela ficou em silêncio por um momento antes de soltar uma risadinha.

— Mas bem que deve ser legal meter a porrada em homem.

Eu caí na risada, com lágrimas escorrendo dos meus olhos.

— Quer fazer algo diferente hoje? — ela perguntou depois de um tempo.

— Eu vim sugerir que a gente dançasse lá no meu estúdio, mas se você tiver uma ideia melhor...

Ela me deu um sorriso malicioso, o mesmo que Eric dava sempre que ia aprontar.

— Vem comigo.

Eu a segui sem protestar. Sophia me levou entre as salas, passando pelo porão, até que chegamos a um centro de tiro. Ela abriu o armário de armas, pegou duas pistolas semiautomáticas e dois protetores de ouvido.

— Você sabe atirar? — ela me perguntou enquanto ajeitava os alvos.

— Sim, mas não sou tão boa quanto minha mãe. Mas sei atirar em um ombro ou numa perna se for preciso para me salvar.

Ela prendeu os cabelos em um coque, e eu fiz o mesmo.

— Quer fazer uma aposta para quem atirar melhor?

Eu sorri.

— Claro!

Nós colocamos os protetores e começamos a atirar. Eu acertei na barriga do alvo e no queixo, mesmo tendo mirado no centro da cabeça. Olhei para o lado, e minha boca se abriu ao ver Sophia atingindo o centro da cabeça do homem de primeira, e em seguida o alvo no coração. Ela travou a arma e riu da minha cara.

— Sabia que ia te surpreender.

— Sophia! — Ivan gritou ao entrar na sala.

A menina ao meu lado ficou ainda mais branca.

— Papai, eu só estava me divertindo.

Ele franziu o rosto.

— Armas não são diversão, não quero brincadeiras aqui novamente.

Sophia me olhou com um pedido de desculpas e saiu. Eu segui atrás dela, mas parei no meio do caminho para perguntar algo a Ivan, quando o vi reparando onde os tiros atingiram, com um pequeno sorriso no rosto. Ele ficou um pouco surpreso ao me ver ali.

— Ivan, o que Eric fazia para se divertir quando eu estava aqui?

Ele pensou por um momento.

— Ele gostava de jogar basquete no clube, lutar, jogar xadrez comigo, mas o que ele mais gostava de fazer e esperava ansiosamente todo dia era falar contigo.

Acenei.

— Obrigada. — Comecei a sair, mas me virei para ele. — Sei que não pediu minha opinião, mas acho que Sophia tem um grande potencial, basta dar uma chance.

Ivan ficou quieto por um momento.

— Você está certa, eu não pedi sua opinião.

CAPÍTULO 16

Eu logo soube que nos tornaríamos um só
Oh, bem no começo
À primeira vista eu senti a energia dos raios do sol
Vi a vida dentro dos seus olhos
Diamonds – Rihanna

ERIC

Sei que Valentina acordou antes de mim, pois a cama estava fria. Ontem à noite, nós dois tivemos pesadelos, mas até mesmo no mundo dos sonhos Valentina me salvava, seu próprio pesadelo me fez acordar do meu. Partia meu coração a ver encolhida na cama e não poder fazer nada além de acordá-la e observar seu olhar cheio de medo, indefeso. A única coisa que consegui fazer para me sentir útil foi um leite quente com mel para nós. Queria ajudá-la, mas não sabia como. Talvez eu devesse ligar para o meu psiquiatra — que quase nunca vejo — ou um psicólogo e pedir um conselho a respeito de como lidar com os pesadelos. Eu vivia com eles, mas não queria que Valentina tivesse demônios na alma.

— Acorde, *sunshine*[5]! É um lindo dia! — Valentina cantou pelo quarto.

Eu abri os olhos, ficando surpreso ao vê-la com uma camisa larga do meu time. Ela amarrou na cintura, deixando a barriga de fora, e usava calças jeans apertadas que me deixavam louco.

— Por que está vestida assim? — perguntei, me sentando e me espreguiçando. Seu olhar foi para meu peito, e eu comecei a ficar duro.

— Eu vou assistir o seu jogo de hoje.

Franzi a testa. Eu não havia ido a nenhum jogo desde que voltamos da lua de mel. Não queria dividir Valentina com ninguém e não queria que Edelina a fizesse se sentir mal, porque isso me faria matá-la, e assim causaria problemas para mim.

— Como você sabe do jogo?

Ela deu de ombros, sorrindo inocentemente.

— Tenho minhas fontes.

A única pessoa que sabia sobre isso e que tinha contato com Valentina era Heiko. Ele pagaria por isso.

— Valentina, eu não confirmei minha participação, e o time deve estar fechado.

Ela sorriu mais.

— Heiko disse que todos ficaram muito felizes que você vai participar.

Cocei a cabeça e suspirei, me dando por vencido. Depois de tomar um banho e me arrumar, saí de casa de mãos dadas com Valentina. Ao chegar ao clube e ver o olhar ansioso e fascinado de Valentina com o local, me senti mal de não a ter trazido antes.

Eu a levei até a quadra de basquete. Já tinha algum público espalhado pela arquibancada, mas sempre havia espaço na área VIP, para familiares e amigos de quem iria jogar. Comecei a levar Valentina para o outro lado, mas ela seguiu naquela direção, ao avistar algumas mulheres que com certeza reconheceu de alguma festa ou do nosso casamento. Ela me lançou um olhar que sabia exatamente o que eu estava tentando fazer.

— Vou te levar para conhecer meus amigos — contei, e ela abriu um lindo sorriso.

Nós caminhamos lado a lado, deixei uma cara séria para que ninguém tentasse foder com ela, principalmente Edelina, que estava com algumas amigas, bem arrumadas, com saltos, vestidos justos e cabelos perfeitamente arrumados. Mesmo estando com roupas casuais, jeans e tênis, Valentina era mais bonita que qualquer uma delas.

Eu me aproximei dos meus colegas de time. Alguns trabalhavam para mim, outros eram filhos de subchefes, ou até mesmo chefes; outros tinham ligações com a minha máfia, mas todos, sem exceção, sabiam que Valentina era minha e não mexeriam com ela sem consequências. O que aconteceu com o homem que a desrespeitou naquela reunião ainda era falado.

Ao me verem, abriram sorrisos e comemoraram.

— Foi necessário a patroa te tirar de casa para você vir jogar? — Charles gritou, rindo. Eu havia estudado com ele, e éramos próximos.

— Não enche — respondi e coloquei a mão na cintura de Valentina possessivamente. — Caras, essa é minha esposa, Valentina.

Eles se apresentaram para ela, apertando sua mão ou beijando-a, mas sem chegar muito perto, por causa do meu olhar áspero. Mandei um olhar de

aviso a Edelina quando começou a se aproximar, mas ela fingiu não ver.

— Valentina, querida. — Ela olhou minha mulher de cima a baixo, com os lábios levemente franzidos em desdém. — Está vestida a caráter. Que... legal.

Valentina lhe deu um sorriso brilhante.

— Sim! É ótimo torcer para o meu esposo a caráter, poderia vir de líder de torcida, mas vocês sabem como ele é ciumento. Isso eu deixo para mais tarde. — Ela beijou minha bochecha enquanto meus colegas riam.

Edelina tentou esconder a raiva, mas mal conseguiu. Vi o momento em que ela abriria a boca para falar algo desagradável.

— Edelina — avisei, com a voz fria. Todos perceberam, mas não se meteram.

Suas amigas, sentindo o perigo, a arrastaram até as arquibancadas. Valentina conversou um pouco mais com os meninos, e até roubou a bola e acertou umas cestas. Eu a abracei e girei para comemorar seu ato.

Ela beijou meus lábios enquanto acariciava minha nuca.

— Preciso ir para as arquibancadas, o jogo vai começar.

Beijei seus lábios.

— Devíamos ter trazido Sophia para ficar contigo.

— Na verdade, eu gostei de ela não ter vindo.

Comecei a me perguntar o que minha irmã tinha aprontado para Valentina não querer a sua companhia, mas minha esposa rolou os olhos ao ver minha reação. Ela sempre sabe como eu me sentia, era incrível a sintonia.

— O que quero dizer é que eu moro aqui agora, Eric. Não quero ter só uma amiga, então eu vou fazer amizades. — Ela apontou com a cabeça para as esposas de alguns dos jogadores. — Agora eu vou lá fazer amigas enquanto você ganha esse jogo para mim. — Ela beijou meus lábios, e quando eu tentei apertar sua bunda, ela riu e correu para a arquibancada.

Fiquei parado por um momento, vendo-a se aproximar das mulheres e começar a conversar. Edelina e as amigas estavam um pouco afastadas, e isso me deixou mais tranquilo, assim me concentrei em vencer o jogo para minha menina.

Mais tarde, estávamos todos em um restaurante comemorando a vitória do meu time. Ainda sentia o gosto do beijo que Valentina me deu depois que o jogo acabou. Ela estava conversando animadamente com

algumas esposas e namoradas dos caras, rindo e curtindo a companhia. Não deixou Edelina contaminar sua alegria.

Estávamos na sobremesa, comendo *fondue* de chocolate com frutas frescas, que eu dava em sua boca. Os caras me gastaram quando a servi na primeira vez, mas depois que suas mulheres acharam fofo, eles repetiram o ato, ganhando um olhar vitorioso de mim. Vendo-a assim, se divertindo e fazendo amigos, eu secretamente comecei a contestar se eu não era bom o suficiente. Eu não precisava de amigos, precisava dela, mas e Valentina, precisava somente de mim? Minha companhia era suficiente?

Quando chegamos em casa, já era muito tarde, e enquanto eu preparava seu leite quente, tentei acabar com essas preocupações injustificadas. Tentei culpar meu transtorno, mas sabia no fundo que esse era eu. Eu era egoísta, fraco, falho.

Valentina envolveu os braços na minha cintura e colocou a cabeça nas minhas costas.

— Que tal eu lhe dar aquela dança de líder de torcida que eu prometi? Ainda lembro uns passos.

***

VALENTINA

Era meio da noite, e eu não conseguia dormir. Eric saiu para trabalhar cedo e sequer voltou para o almoço. Olhei a tela do celular, com nossa foto de casamento; o relógio marcava uma da manhã. Estava preocupada, mas não queria dar um alarme falso. Se tivesse acontecido alguma coisa, já teria sido informada.

Aquele dia estava mais tranquilo, era começo de agosto, e eu me sentia mais calma sabendo que logo Dante estaria de volta em casa. Uma vontade de comer doce me veio, e eu lembro que de tarde Magda havia feito um *berliner*, que era bem semelhante ao sonho brasileiro. Uma coisa engraçada é que *berliner* em alemão também é como se chamam os cidadãos de Berlim, mas, curiosamente, na cidade, o doce é chamado de *pfannkuchen*, termo que é usado na maior parte do país para se referir a panquecas.

Desci as escadas, sem sentir necessidade de usar o elevador. Na cozinha vazia, eu peguei o doce e aproveitei que já estava ali e fiz a minha

xícara de leite quente com mel, meu vício do momento. Subi as escadas lentamente, degustando o sabor do doce e do leite descendo pela minha garganta.

Estava passando pelo segundo andar quando escutei um barulho parecido com um gemido. Pensei em Sophia, será que ela estava passando mal?

Dei a última mordida no doce e caminhei em direção ao som. A xícara na minha mão caiu ao ver um casal transando na parte escura do corredor. Estava paralisada, tremendo. Nunca imaginei me deparar com uma cena como aquela. Valeria foi a primeira a me ver, ela tinha a boca contida pelo homem que não consegui identificar de primeira. Só podia reparar que ele era bem alto e aparentemente forte.

Ela arregalou os olhos e puxou a mão da boca, me olhando desesperadamente e se contorcendo para fugir do homem que estava com a cabeça no seu pescoço.

— Petrus! — ela gritou. — Fomos pegos, pare.

Estava tremendo feito vara verde, mas ainda assim paralisada. Valeria tentou desesperadamente ajeitar o vestido. O estranho, Petrus, finalmente levantou a cabeça, nem um pouco preocupado em colocar as partes íntimas de volta na calça. Ele me olhou por um minuto sem me reconhecer, então abriu um sorriso.

— Você deve ser a americana que casou com o chefe. — Ele me olhou dos pés à cabeça, sem disfarçar o fato que estava me secando.

— Petrus. — Valeria o repreendeu, segurando seu braço, tremendo muito e sem conseguir me olhar nos olhos.

— Desculpe pelo inconveniente, duquesa. Não vamos ser pegos de novo. — Ele piscou para mim, faz uma reverência debochada e saiu do corredor, em passos calmos.

— Desculpe — Valeria murmurou, com os olhos marejados antes de correr.

Eu continuei ali, parada por mais um momento, tentando me situar e saber o que tinha acontecido. Escutei passos atrás de mim e fiquei tensa.

— Tudo bem aqui? — Ivan perguntou. — Estava no meu escritório e escutei um barulho.

Eu tentei fingir normalidade, não queria que ele pensasse que eu era fraca. Eu lhe dei um sorriso fingido e respondi:

— Tudo, é que me assustei com um homem que estava aqui no corredor.

Ivan franziu o rosto.

— Quem? Só meus homens podem vir aqui para patrulhar.

— Petrus.

Ele então acenou e olhou a bagunça sob meus pés.

— Você está bem, se cortou?

Eu neguei e pulei pelos cacos.

— Desculpe pela bagunça.

Ele desdenhou com a mão.

— Vá dormir, vou arrumar alguém para limpar essa bagunça.

Sem conseguir me controlar, eu murmurei enquanto caminhava até as escadas:

— Valeria está bem acordada.

Quando coloquei a cabeça no travesseiro, só consegui pensar no sorriso debochado de Petrus. Um sinal de alerta me atingiu, e eu me lembrei da frase que dizia que depois da tempestade vinha o arco-íris. Mas e se o arco-íris já tivesse vindo e estivéssemos prestes a entrar em uma tempestade que não teria hora para acabar?

PARTE TRÊS

“Oh, é engraçado como os sinais de alerta podem se parecer como borboletas’’

— Halsey, Graveyard

CAPÍTULO 17

Quando estivermos a sós é tudo o que eu quero
Quando eu estiver sozinha com você
Venha me levar
Para a viagem da minha vida
Alone with you **– Ashlee**

VALENTINA

Eric estava sumido há três dias. Heiko dizia que estava tudo bem, que ele estava seguro e bem, mas eu não deixava de me preocupar. Lembrei da minha mãe falando que meu pai sumia no começo do relacionamento deles, só depois de muito tempo ele confessou que fugia dos sentimentos por ela e quando seu humor oscilava, por causa da sua bipolaridade. Mas eu conhecia Eric, e ele não fugiria por esse motivo.

Eu tinha trombado em Petrus de novo, ele caminhava à tarde fazendo uma ronda. Raras vezes vi os homens fazendo ronda pela casa, e de alguma forma eu sabia que aquele esbarrão fora de propósito. Não perdi o olhar dele, ou o jeito que me segurou pela cintura, apertando minha pele levemente, como se estivesse testando. Eu deveria me sentir insultada, deveria repreendê-lo, mas a única coisa que eu consegui fazer foi ficar parada. Ele causava esse efeito em mim, e eu odiava.

A família de Eric me acolheu, me fazendo realizar as refeições com eles, mas eu só queria meu marido. Pela primeira vez em muito tempo, estávamos bem e felizes, sem problemas, e eu, de maneira egoísta, queria que durasse para sempre.

Vinha trocando mensagem com as meninas que conheci no jogo de basquete. Eric foi a outros dois jogos e me levou. As meninas e eu tínhamos marcado de sair, mas Eric ainda temia que algo acontecesse desde aquele incidente na boate — que eu não contei a meus pais, me senti estranha de guardar segredo, ainda mais um importante como aquele. Porém entendi que o que acontecia aqui não deveria ser passado adiante.

Decidi ir às compras com elas. Sophia se animou e foi comigo. Entrei no provador e experimentei um vestido preto de alças finas. Queria algo sensual, mas ao mesmo tempo simples.

— Fica ainda melhor se você estiver com saltos... em volta da minha cintura.

Eu soltei um gritinho e me virei, chocada.

— Hoje é meu dia de ficar de guarda — Petrus respondeu.

Finalmente recuperei a compostura. Não podia o deixar me tratar assim, também não podia ficar me garantindo reclamando com Ivan ou com Eric quando ele voltasse. Cruzei os braços, sabendo que eu estava sem sutiã.

— Acho que seu dever não é entrar no provador comigo.

Ele sorriu, suas mãos estavam nos bolsos, seus cabelos loiros, bagunçados, e tinha uma barba por fazer.

— Tenho que verificar se não há nenhum perigo, duquesa.

Bufei, rolando os olhos e odiando o apelido.

— É claro, o cabide pode me matar, ou talvez eu bata com a cara no espelho!

Ele deu de ombros e se virou para mim antes de sair.

— Cuidado com a calcinha, elas, sim, são perigosas. Acho que o mundo seria melhor sem elas. — Ele piscou antes de sair.

Só então percebi que soltei um suspiro que nem segurava. Eu me olhei no espelho e passei a mão pelos cabelos.

— O que aconteceu? — murmurei para mim mesma.

Depois das compras, fomos almoçar e fofocar. Eu me sentia feliz, percebendo quão sozinha e isolada eu estava antes. Hanna e Isa eram as com quem eu mais me identificava. Ambas eram divertidas e não faziam de tudo para chamar a atenção por onde passavam, mas sim aproveitavam a companhia e contavam piadas ótimas. Marquei com elas de virem para a piscina, e depois que foram embora, eu finalmente olhei em volta à procura de Petrus, mesmo não o tendo visto depois daquele momento no provador.

— Elas são tão legais — Sophia disse com um sorriso sincero. — E elas estão envolvidas de certa forma com a família, então a amizade pode continuar.

Nós chegamos ao carro, e eu vi o motorista já lá dentro. Outros dois seguranças apareceram e entraram no outro carro, então eu o vi se aproximando, com olhos de águia em mim. Olhei para o lado para ver se Sophia tinha percebido, mas ela estava ocupada trocando mensagens com alguém.

— Estão prontas, madames?

— Sim, Petrus. — Minha cunhada sorriu para ele antes de entrar no carro.

Eu a segui, mas ele segurou meu braço e colocou a boca em minha orelha.

— Espero que tenha comprado o vestido. Vou adorar ver suas tetas balançando nele enquanto eu te fodo contra uma parede.

Eu ofeguei, me afastando dele como se estivesse em chamas.

— Você... Você... você é um tosco. Um idiota.

Entrei no carro, e ele bateu a porta, piscando para mim. Sophia me olhou com um pouco de curiosidade, mas não falou nada.

À noite, eu me sentei no sofá, e algumas lágrimas caíram. Estava com saudade de Eric, não sabia se ele estava bem. Ivan e Heiko dizem que sim, mas eu não deixava de me preocupar. Acabei adormecendo de cansaço, mas não sonhei. No meio da noite, acordei ao ser levantada. Meus olhos estava um pouco embaçados, não consegui identificar quem era, então murmurei:

— Petrus?

Ele me apertou contra si, me colocando na cama. Quando finalmente abri meus olhos, sorri ao reconhecer o olhar do meu amor. Uma lágrima deslizou do meu olho.

— Eric. Você está de volta!

Eu chorei mais, o puxando para mim, coloquei a cabeça em seu ombro, sentindo seu cheiro. Estava um pouco diferente, mas ainda era meu Eric. Ele me apertou contra si, sem hesitar, e me deixou chorar em seus braços. Quando finalmente me acalmei, me afastei um pouco para ver seu rosto. Ele estava sem a barba, devia ter aparado, porque ainda sentia o leve cheiro da espuma de barbear, e havia um pouquinho de sangue no queixo. Seus cabelos estavam molhados e bagunçados como eu gostava.

— Senti sua falta.

Ele secou minhas lágrimas.

— Eu estou aqui agora, só saí há poucos dias.

— Pareceu uma eternidade. — Eu o enchi de beijos, e ele sorriu.

— Estou aqui agora, *mein leben.*

Eu toquei em seus cabelos bem arrumados.

— Nunca pensei que gostaria tanto de vê-los — brinquei.

Nós nos deitamos um virado para o outro, somente nos olhando. Matando a saudade. Ele acariciou meu rosto com tanta delicadeza, que trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Amanhã quero fazer algo especial para a gente. Topa passar o dia comigo?

— Você não precisa trabalhar? — perguntei, abrindo os botões de sua camiseta e sorrindo, possessiva ao ver meu nome em seu peito.

— Dane-se o trabalho. Quero passar um tempo com minha mulher.

Beijei seus lábios, degustando o sabor meio amargo de uísque.

— Vou amar passar o dia com você.

Quando ele disse que queria passar um tempo, eu imaginei que começaria quando acordássemos, o que para mim seria depois das dez, já que fomos dormir tão tarde depois de fazer amor a noite toda. Porém Eric me acordou às seis da manhã, com malas abertas em nossa cama.

— Vamos para onde? — perguntei enquanto esfregava os olhos.

— Surpresa, mas só voltaremos amanhã. Coloque roupas quentes, mas também alguns vestidos.

Escolhi rapidamente as roupas e fechei minha mala, enquanto Eric me observava. Eu coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— O que foi?

— Você é tão linda, ainda não sei como tive tanta sorte de ter você na minha vida.

Eu me aproximei e juntei nossas mãos. Podia sentir as nossas cicatrizes finas da lua de mel.

— Sempre.

Ele apertou sua mão na minha.

— Sempre.

Pegamos um avião pouco depois das sete, estávamos na primeira classe, aproveitando as regalias como se estivéssemos novamente em lua de mel. Ele me deu café da manhã na boca e me roubava diversos beijos apaixonados, sem se importar que vissem. Em breve, faríamos três meses de casados, mas parecia muito mais do que isso para mim.

Quando saímos do aeroporto, um carro já nos esperava. Eric tinha tudo planejado para nós, e eu o deixei me mostrar a Colônia. Nós fomos à

Catedral de Colônia, Kölner Dom, uma das igrejas mais altas do mundo. De acordo com as informações que li em uma placa, media 157 metros de altura e demorou 632 anos para ser construída. Eu me encantei com os mais de 10 mil metros quadrados de vitrais coloridos, e a catedral ainda guardava relíquias dos Três Reis Magos!

Tinha a fachada em estilo gótico, o que me fez lembrar da minha mãe. Tirei fotos e mandei para ela no WhatsApp. Ela respondeu imediatamente com carinhas apaixonadas, e logo em seguida chegou uma mensagem do meu pai:

Pai: Obrigado por fazer sua mãe querer largar tudo para viajar.

Ri e mostrei para Eric.

Eu: De nada. Te amo.
Pai: Te amo mais. Tenha cuidado.

De Kölner Dom, passeamos pela Alter Markt, a maior praça de Colônia, grande e recheada de restaurantes, lojinhas e edifícios coloridos. Então decidimos almoçar na Fischmarkt, uma pracinha charmosa às margens do Rio Reno, e nos proporcionava uma vista linda. Ela era formada por casinhas coloridas que foram construídas sendo "coladas" umas nas outras. Almoçamos ali, batendo papo e rindo. Provamos a legítima Kölsch, a cerveja de Colônia. Mal podia esperar para contar a Seu Gregório, do bar em Munique.

Visitamos brevemente o museu de chocolate, havia uma fonte de três metros, e os funcionários mergulhavam *waffles* no chocolate e davam para os visitantes. Eric colocou os lábios em minha orelha e sussurrou:

— Você mergulhada no chocolate... hum, seria o paraíso. — Ele me mordeu o lóbulo para enfatizar, me dando um sorriso brincalhão, enquanto seguíamos o guia do lugar.

No fim da tarde, Eric e eu caminhamos pelas ruas, ele parecia conhecer os caminhos perfeitamente. Eu me perguntava há quanto tempo ele planejava isso. Eric tinha duas sacolas cheias, uma delas sendo do museu do chocolate. Eu nem imaginava para que ele havia comprado tantos, mas você não me veria reclamando nunca. Na outra, havia várias coisinhas que

compramos para nossa casa e para dar de presente, dentre elas, uma pequena réplica da Catedral, para mamãe.

— Estamos quase chegando — Eric anunciou e parou no meio do caminho, segurando meu rosto em mãos. — Quero que feche os olhos e não abra até que eu te peça. Faz isso por mim?

— Claro.

Ele beijou a ponta do meu nariz, e eu fiz como o pedido. Fechei os olhos e o deixei me guiar. Caminhamos por mais cinco minutos até que ele parou. Eu sabia que estávamos em alguma plataforma de metal, mas não consegui imaginar onde.

— Abra a mão.

Quando fiz o que ele pediu, Eric colocou algo pesado nela. Eu comecei a apertar para descobrir o que era, e cheguei à conclusão que era um cadeado em formato de coração.

— Um cadeado? — perguntei.

— Abra os olhos, *mein leben*.

Eu os abri e ofeguei ao ver uma ponte cheia de cadeados coloridos. Eric nem precisou falar o que era. Era uma ponte do amor. Eu havia ouvido falar delas, existem por todo mundo, mas nunca imaginei que teríamos uma. A ponte do amor da minha família era a árvore da Sicília, que meu bisavô Raffaelo plantara junto com a minha bisavó. Eu cresci vendo meus parentes colocando suas iniciais naquela árvore, sempre sonhei em um dia ter as nossas iniciais lá.

— Essa ponte se chama Hohenzollernbrücke.

— Não vou nem tentar pronunciar isso. — Ri em meio às lágrimas de emoção. — É tão lindo.

— Não mais que você. Quando eu prometi que lhe daria toda a felicidade, eu não estava brincando. Sei que trabalho demais, mas não quero que pense que eu te amo menos. Nunca.

Eu beijei seu queixo e fiquei parada por algum tempo, olhando a ponte enorme. Praticamente por toda a extensão havia cadeados. O da nossa mão era diferente dos demais, maior e mais pesado, dourado e tinha nossos nomes gravados.

— Dizem que quando se coloca o cadeado aqui, o amor dura para sempre. Quando tivermos filhos, voltaremos e colocaremos cadeados menores. — Ele apontou para um dos cadeados lá, que tinha outros dois

menores encaixados. — Você aceita colocar comigo?

— Sim — disse, emocionada com seu gesto.

As pessoas de fora podiam enxergar Eric como frio ou instável, mas ele era mais do que isso. Romântico, amoroso, amigo. Essas eram algumas das muitas razões para eu o amar e estar sempre com ele, mesmo que o mundo estivesse contra nós.

Abrimos o cadeado, e eu o levantei, dando um beijo e fazendo uma prece silenciosa para que nosso amor resistisse a tudo e só aumentasse. Eric repetiu meu gesto, e então, juntos, o encaixamos na ponte. Depois de fechado, eu dei um beijo na chave e entreguei a Eric.

— Jogue o mais longe que puder.

Ele segurou a chave com força, me olhando intensamente. Então a jogou tão longe, que eu nem enxerguei quando ela se chocou com a água. Nós tiramos umas fotos ali, mas eu ainda não achava o suficiente. Um casal apaixonado estava por perto e eu decidi pedir um favor.

— Com licença — pedi em inglês, sem saber se eles iriam entender. Mas quando me olharam, parecia que tinham compreendido. — Vocês poderiam tirar uma foto nossa?

— Claro — a mulher disse. — Americana?

— Sim. — Sorri.

Eric e eu nos abraçamos, e ela bateu uma foto; me sentindo pidona, olhei para Eric.

— Me segura.

Ele me levantou, e eu segurei seu rosto, colando nossos lábios e levantando um pé. Sabia que a foto tinha ficado linda, não só pela pose romântica, mas pelo amor que passava. Tirei algumas fotos do casal, e depois fomos embora.

— O dia hoje foi perfeito. Obrigada. — Beijei seus lábios depois que chegamos ao nosso quarto.

— Só foi perfeito porque você é perfeita.

Durante a noite toda, nós fizemos amor, e eu senti que meu amor por Eric só ficava maior. Se eu tinha qualquer resquício de dúvida do que eu faria por esse sentimento, ele caiu por terra nesse momento. Eu seria quem Eric precisasse, não importavam as consequências. Eric era meu, me pertencia, e eu lutaria com quem fosse para tê-lo ao meu lado, até com ele mesmo.

Valentina

CAPÍTULO 18

Esfregue seus dentes na calçada
Porque seu corpo é um mensageiro
Mande meus cumprimentos ao inferno
Blame – Bastille

ERIC

As coisas estavam melhores, eu sentia isso assim que voltamos para casa. Valentina tinha me dado um olhar tão determinado, que eu sabia que ela não me deixaria me afastar e lutaria por nós assim como eu fazia. Eu estava completamente viciado nela, a qualquer hora do dia eu a levava, e ela sempre demonstrava que gostava desse modo. Eu a peguei enquanto dançava balé, enquanto cozinhava, enquanto malhava e até mesmo enquanto ainda estava acordando. Minha mulher amava sexo matinal. Eu estava insaciável.

Por ter ficado fora a trabalho por alguns dias, e depois ter ido viajar com Valentina, mesmo que por um só dia, e ter cumprido só meu horário estipulado depois do casamento — de oito às sete —, eu perdi alguns negócios e precisava me atualizar.

Saquei o celular, confirmando que já tinha recolhido o último dinheiro dos estabelecimentos maiores, que usavam as nossas proteções, mas ainda tinha um tempo livre. Olhei para Heiko, que fumava um cigarro, meu irmão só fumava quando estava nervoso.

— O que está acontecendo?

Ele me olhou de lado.

— Nada — murmurou, mas seus lábios tremeram em desgosto. Heiko me contava tudo, a não ser quando papai o fazia prometer algo.

— Sobre casamento? — Tentei, e ele acenou de leve. — Você sabia que cedo ou tarde isso ia acontecer.

— Não, meu irmão.

Então eu identifiquei o problema.

— Sophia. Ele não me falou nada.

— Há propostas, mas o que ele tem em mente para ela... — Ele balançou a cabeça. — E Sophia... — ele parou e passou a mão pelo rosto,

angustiado por não poder me falar.

Papai não guardava muitos segredos de mim, e quando fazia, era para a minha proteção. Quando eu entrava em crise, eu não pensava nas consequências, e fui ensinado por ele que às vezes a força bruta nos faz perder o jogo.

— E a Sophia fará tudo o que ele mandar — completei.

Desde pequena, minha irmã seguiu todas as ordens de meu pai. Na máfia, a filha mulher sempre é usada como moeda de troca, mas meu pai levou isso a outro nível. Ele a criou para servir a seus interesses custe o que custar. Não duvidava que ele a amasse, mas a sede pelo poder era maior. Corrompe até os melhores homens, e mulheres, nesse caso.

— Tá a fim de pegar uns russos? — perguntei.

Ainda não havia descoberto o motivo e a mando de quem Valentina fora atacada, e, mais que isso, por que diabos Nikolai Leonov, um dos filhos do Pakhan, havia atirado em um de seus homens. Por que ele estava numa boate protegida pelos Hoffmanns? Nada fazia sentido.

— Melhor não, cara. Essa guerra está causando muitas baixas. — Ele fez silêncio por um momento, em seguida sorriu. — Mas podemos dar um susto na porra do clube de motoqueiros que está tentando tomar nosso território. Drogas estão matando e, com isso, estão atraindo a polícia.

Bati em seu ombro, feliz com seu pensamento. Eu gostava de sangue, gostava de matar. Cresci sentindo isso, e apesar de me achar um monstro, ainda nadaria no sangue dos meus inimigos sorrindo.

Se meu pai soubesse o que estávamos prestes a fazer, ele teria um ataque cardíaco. Terminei de guardar minhas armas e saí do carro. Estávamos no bar do clube, de acordo com nossas fontes, não estaria tão cheio, então Heiko e eu poderíamos nos virar sozinhos. Essa parte da cidade era podre, mas ainda era nosso território, e esses motoqueiros fodidos não tomariam nenhum centímetro de nossas terras.

Entramos no bar, e logo o clima mudou. Todos sabiam quem nós éramos. Estava usando camisa preta, e não fiz o mínimo para esconder o coldre no peito ou a arma na cintura. O cara que reconheci como Prez[6] me olhou seriamente, mas não fez nada. Um de seus homens se levantou e veio caminhando até mim.

— Hoffmann, você não é bem-vindo aqui...

Acertei um soco, o derrubando no chão. Os homens se levantaram da cadeira, mas eu não tirei os olhos do cara caído no chão segurando o rosto.

— Não dirija a palavra para mim. — Levantei a cabeça e olhei diretamente para o Prez. — Eu falo com o chefe.

Ele continuou sentado, e apesar de todos os seus homens estarem prontos para me atacar, esperaram a ordem do chefe. Eu me sentei na frente dele e saquei minha faca, brincando com ela sem tirar os olhos dele.

— Vou falar só uma vez. Tire sua merda do meu território.

O homem passou a mão pela barba. Ele estava com medo, mas não queria mostrar para seus homens. Bichinha.

— Bratva está vendendo em meu território, por isso precisamos abranger para não ficarmos desfalcados.

Eu cravei a faca na mesa.

— Foda-se. O território é meu. Peguem o território de vocês de volta e não tentem foder o meu.

— Eles têm mais homens e armas. — Ele grunhiu. — Não estou feliz com essa situação também.

Olhei para Heiko, que pensou o mesmo que eu.

— Nós podemos fazer um acordo.

O Prez sorriu.

— Estou interessado em ouvir sua proposta.

***

Minha respiração estava acelerada, e eu estava pingando suor e sangue, mas não parei de socar a cara do meu adversário. Mesmo que ele já estivesse desmaiado. Se havia pulsação, então ele estava vivo e merecia sofrer mais.

O próximo veio assim que me levantei, e eu cravei minha faca em seu pescoço. Gostei de o ouvir engasgar com seu próprio sangue antes de morrer. Depois de fecharmos um acordo com o clube, nós saímos para caçar os russos. Não tardamos a encontrá-los no meio de um descarregamento de drogas, sorte do caralho. Heiko e eu nos preparamos junto ao clube e atacamos.

Eu escolhi minha próxima vítima, caçando o chefe dali, o *brigadier*[7]. Este grupo fazia parte da unidade de trabalho, o mais baixo patamar da

Bratva, tenho certeza. Eram os peixes pequenos, e suas mortes não seriam tão investigadas. Heiko e eu não poderíamos aparecer como assassinos, pois agimos sem ordens do meu pai, e isso poderia ser o último fio para entrarmos em guerra contra a Bratva.

— Então os Hoffmanns estão nisso. — O homem grunhiu, seu sotaque forte pingando. Ele abriu um sorriso com os dentes de ouro. — Deixou finalmente a puta americana sozinha. — Ele lambeu os lábios.

Saquei a minha faca, gostando da sensação de a ter na minha mão. O *brigadier* me avistou e sacou sua própria faca, sem perceber que selou a sua morte, muito mais dolorosa, ao falar de Valentina. Enquanto o pandemônio rolava à nossa volta, eu não tirei os olhos dele. Aproximando-se, ele tentou me acertar com um golpe, mas eu bloqueei e acertei um corte no seu braço. O sangue jorrou, mas ele não se amuou, voltando a me atacar e me acertando um golpe na costela, seguido por um soco no maxilar. Cuspi sangue e o cerquei, esperando o momento certo para atacar e arrancar toda a sua pele.

Ele se distraiu por um único momento com o grito de seus homens, e eu usei isso a meu favor, o estripando do umbigo para cima. Seu estômago caiu para fora do seu corpo, e ele me olhou assustado antes de cair, mas eu não terminei. Esmaguei sua garganta com minha bota enquanto ele agonizava.

— Mande meus cumprimentos ao diabo.

— Vamos embora. — Heiko me puxou com força. — Vamos. Eles podem ter pedido reforços.

Eu ainda continuava chutando o cadáver.

— Por Valentina. Vamos.

Finalmente me permiti me afastar. Quando chegamos até o carro, o Prez nos deu um saco cheio de dinheiro.

— Não voltaremos a invadir seu território — prometeu, e Heiko disse algo, mas eu ainda estava sedento por mais sangue.

Enquanto Heiko dirigia para casa, eu não conseguia parar de bater o pé no chão.

— Irmão, calma. Quando você vir Valentina, vai se acalmar — ele prometeu.

— Heiko, quero mais sangue. Eu posso acabar com todos os nossos inimigos, topa?

Meu irmão riu.

— Claro que sim, mas também precisamos dormir, cara.

— Não quero dormir.

— Então vai foder... vai transar com tua mulher.

Eu rosnei, pronto para atacar se ele falasse algo a mais sobre Valentina. Quando estávamos chegando no caminho de casa, Heiko desviou.

— Vamos para um lugar.

Dirigimos pela cidade até chegarmos a um underground de lutas. Nós entramos, e as pessoas olharam para nós. Troquei a camisa antes de sair do carro, o sangue do meu corte começara a coagular, mas eu sabia que precisaria de pontos. Pelos próximos dias, começariam as lutas profissionais, com lutas entre diversas máfias. Estas arrecadavam muito dinheiro.

— Hoffmanns, que honra ter vocês aqui hoje — Koel, o chefe do lugar disse, apertando nossa mão.

— Quero lutar.

Heiko, ao meu lado, levantou o saco cheio de dinheiro.

— Eu estou apostando nele.

Koel engoliu em seco, olhando entre meu irmão e eu. Ele claramente estava vendo que não havia como dizer não, ou eu entraria na porrada com ele.

— Só preciso de um momento para remanejar as lutas, para encaixar uma sua e começar as apostas.

Eu neguei.

— Mande todos os homens de hoje. Só saio daqui morto.

O homem pareceu que desmaiaria, mas eu não me importei. Heiko bateu no meu ombro.

— Cara, você não pode foder nossos homens. As lutas profissionais começam sexta-feira. Eles precisam estar inteiros.

Acenei, mesmo sendo contra. Koel limpou a garganta.

— Vou organizar e já volto. Precisa de algo?

Eu neguei, e ele saiu. Fui até o carro e achei uma bermuda que usava para meus treinos. Dentro do banheiro, enluvei minhas mãos com ataduras, porque precisava estar com as mãos inteiras para foder Valentina com meus dedos até ela gozar em minha mão. Depois de pronto, saí de lá bem quando estava sendo anunciado.

— Posso dizer que hoje será uma noite histórica. Não é sempre que temos uma luta com um Hoffmann — Koel disse na gaiola, e o povo vibrou.

O lugar estava bem mais cheio do que quando chegamos, lotando. — Com vocês, o príncipe sangrento, o futuro chefe, Eric, o Insano. Invicto nas lutas!

A multidão gritou. Eu odiava esse nome de luta, que ganhei vários anos antes. De alguma forma, eu sempre voltava para a gaiola. Meu pai, apesar de virar a cara para isso, gostava que falassem de como seu filho estava invicto, mostrava a nossa força.

Subi na gaiola, o sangue fluindo mais rápido. A necessidade de mostrar a todos minha força se tornou insuperável. Ali, eu me sentia um deus. Depois que meu oponente foi apresentado, nós fomos trancados dentro da gaiola. O barulho do espaço sendo fechado me fazia ficar duro.

Meu oponente me olhou, a multidão gritava seu nome, mas também gritava o meu. Eles queriam ver sangue. Queriam ver o que o herdeiro dos Hoffmann seria capaz. E eu mostraria. Uma *ring girl* morena, usando um microvestido, entrou, com a placa de primeiro round. Ela jogou o sutiã que estava usando para a multidão, que entrou em delírio. Quando piscou para mim, ao me pegar olhando, eu desviei o olhar, com raiva de mim mesmo.

O sino tocou, e eu parti para cima do meu oponente. Ele estava surpreso, mas conseguiu se safar dos meus socos, me acertando um bem na mandíbula, que me deixou tonto. Ele usou esse golpe como vantagem e partiu para cima de mim, distribuindo uma sequência de socos e chutes. O que ele não sabia é que a dor só aumentava a minha adrenalina.

Bati a cabeça na sua, e ele caiu contra a grade, ali eu soquei com força, repetidamente, ouvindo o barulho de seus ossos trincando e vendo o sangue em minhas mãos. O round acabou, e eu fiquei andando de um lado para o outro na grade, sem querer me sentar ou beber água. Meu oponente estava recebendo um tratamento, água e vaselina no supercilio, que eu rasguei com meu rosto.

Sangue e suor escorriam de mim, mas eu não me importa. Heiko gritou para mim, mas eu ignorei, focado em meu adversário. Minha mente estava no *brigadier* que eu tinha matado. Foi rápido demais. Ele falou da minha mulher, ele precisava sofrer mais antes de morrer. Ninguém poderia sequer pensar em Valentina, ela era minha. Só minha.

A *ring girl* voltou, e eu senti raiva quando observei atentamente quando ela tirava o vestido, ficando só com um shortinho que não tampava nada. Seus seios cheios estavam de fora, mamilos escuros implorando para serem chupados. Ela segurou a placa, tampando os seios da visão dos outros,

mas fez questão de mostrá-los para mim. Ela me deu um show ao rebolar com o rock que tocava ao fundo. Dessa vez, eu não desviei o olhar, senti raiva por ser fraco, mas ainda assim fiquei admirando seu belo corpo.

Nunca trairia Valentina. A maioria dos homens têm várias mulheres antes de se casar, e quando se casam, ainda têm amantes, mas eu me orgulhava de só ter transando com Valentina. Meu corpo pertencia a ela, e o dela era meu. Criando um pouco de juízo, eu desviei o olhar, focando na multidão, que gritava agitada. Koel estava rindo à toa, cheio de apostadores.

A luta recomeçou, e eu o deixei me bater, eu mereci apanhar. Estava traindo Valentina ao cobiçar outra mulher. Eu jurei que seríamos sempre um do outro. Eu jurei. Comecei a ficar tonto, e aos poucos não ouvi mais o som da multidão. Com um soco poderoso, ele me nocauteou. Caí no chão, em um baque surdo, e ao abrir meus olhos vi Heiko gritando. Não consegui entender de primeira, mas quando ele gritou Valentina, eu me forcei a prestar atenção.

— Valentina não vai gostar de te ver assim!

Isso pareceu agitar algo em mim, uma força que eu não sabia que ainda tinha. Eu me levantei bem quando bateu o sino de descanso para o terceiro round. Fiquei ali parado, enquanto Heiko finalmente começava a cuidar de mim, passando uma toalha para secar um pouco do sangue e suor e colocando vaselina; nesse momento aceitei um pouco de água.

Quando a *ring girl* apareceu novamente, eu a ignorei totalmente, mesmo que ela tentasse a todo custo chamar minha atenção. Ela jogou então a calcinha na minha direção, mas eu deixei bater em mim e cair no chão. Uns homens na plateia riram e me chamaram de bichinha, mas quando eu os encarei rapidamente, eles fugiram.

Fiquei em posição de defesa, e só naquele momento minha ficha caiu: Valentina ficaria assustada ao me ver todo arrebentado. Em um surto de adrenalina, eu parti para cima do homem, acertando-o com toda a força. Meu suor e sangue pingavam, meu olho estava inchando cada vez mais, e todo meu corpo parecia estar entrando em colapso, mas ainda assim eu não parei até que ele estivesse caído no chão e eu fosse considerado o campeão.

Passava das três da manhã quando fomos embora. Heiko acenou para mim, rindo e balançando o saco cheio do dinheiro que a gente ganhou das apostas.

— Estamos ricos... — ele murmurou, balançando as sobrancelhas e entrando no carro.

Era para ser só uma cerveja, mas quando percebi, ambos estávamos tomando uísque enquanto olhávamos as mulheres dançando pelo bar, em especial a *ring girl*, que, por meu olhar sério, não se aproximou, mas não deixou de dançar e me olhar a noite inteira. Heiko e eu estávamos bêbados e chapados, mas, ao contrário do meu irmão, a minha tolerância era maior, e eu só estava levemente alto. Raramente meu irmão fazia algo como aquilo, mas deveria estar se sentindo aventureiro como eu. Esse era um mal que eu tinha, minha doença contaminava as pessoas à minha volta, fazia com que agisse diferente do normal

Quando chegamos em casa, pensei em tomar banho em algum quarto de hóspedes, mas fui contra a ideia. Precisava de Valentina. Quando abri a porta do quarto, tomando cuidado para não a acordar, me surpreendi ao vê-la deitada na cama com um Kindle em mãos. Ela levantou os olhos para mim.

— Até que enfim chegou... — Ela pulou da cama, vindo até mim. — Eric, o que aconteceu?

Então eu me lembrei que estava todo arrebentado e sujo. O bar havia me dado um gelo para colocar no olho e uma toalha para secar o suor, mas ainda assim estava pegajoso e cheio de sangue. A preocupação dela me fez sentir a pior pessoa do mundo, mas ainda assim me senti muito bem de ter lutado naquela noite. Por ter mostrado do que eu era feito.

— Estou bem — murmurei, sem conseguir segurar meu olhar no dela. Estava com vergonha de ter olhado outra mulher.

— Vem, vamos tomar um banho. Lavar esse sangue e ver onde você está mais ferido.

Ela me guiou para o banheiro e se ajoelhou na minha frente, tirando meus sapatos. Senti que ficava duro vendo-a assim, mas me controlei. Valentina então puxou a camisa pela minha cabeça, tirou os coldres de armas sem hesitação, mesmo que a minha faca ainda estivesse com sangue. Ela então tocou meu ferimento.

— Você vai precisar de pontos. Deixe-me chamar um médico da família para te atender. Deve ter o número dele no seu celular.

Eu segurei sua mão quando ela começou a se afastar. Era tão delicada em comparação à minha...

— Não — falei, minha voz saindo rouca. — Não quero que ninguém me toque. — Ela tentou retirar sua mão da minha, delicadamente, mas eu não deixei. — Você, sim.

Ela suspirou, podia ver claramente que não sabia o que fazer comigo, mas acenou.

— O que você precisa?

— Você pode me remendar. Tem um kit dentro da pia.

Ela fechou os olhos por um momento, e, quando abriu, vi uma força que quase me colocou de joelhos.

— Primeiro você vai tomar um banho — decretou e foi até o chuveiro, o abrindo. Sua camisola estava totalmente molhada e grudada ao corpo, mas ela não pareceu perceber.

Ela me fez entrar debaixo do jato quente, e logo todo o boxe estava embaçado. Valentina não descansou até tirar todo o sangue de mim. Quando me sentei só de toalha em uma das cadeiras, ela se ajoelhou na minha frente a abriu o kit de primeiros socorros.

— Acho que seu supercílio pode ser ajeitado com um curativo borboleta.

Levando seu tempo, ela trabalhou descontaminando e passando pomada, e em seguida colocou os curativos.

— Espero que não fique cicatriz — ela murmurou para si mesma, e eu fiquei tenso, temendo que Valentina perdesse a atração em mim pelas minhas feridas. Eu tinha algumas cicatrizes pelo corpo, não tinha ideia de que isso pudesse a afastar.

Ela bufou quando percebeu o meu desconforto.

— Estou querendo dizer que você já é bonito demais, com cicatriz no rosto, vai ficar com mais cara ainda de *bad boy*. Terei que lutar contra as mulheres.

Ela beijou meus lábios de leve, como se para provar que eu não a repelia. A *ring girl* veio na minha cabeça, e eu decidi não contar à Valentina a verdade. Guardaria a vergonha de ter olhado outra mulher e a desejado só para mim.

— Você está bêbado? — Ela aproximou o nariz da minha boca e franziu o rosto. — E andou fumando?

Valentina me olhou, estranhando a minha atitude, sabendo que tinha algo de errado, mas não pediu explicações. Em vez disso, levantou uma agulha.

— O nó é o normal, de costurar roupa, ou é diferente?

Eu peguei a agulha e a linha, mostrando a ela como fazer. Valentina

parou um momento e caçou algo dentro da maleta, antes de levantar um vidrinho de anestesia, como se tivesse descoberto ouro.

— Eu não preciso disso. Sou um homem feito. Não uso anestesia.

Ela cerrou os olhos em fendas, me olhando seriamente.

— Nesse banheiro não tem um homem feito, mas sim meu marido. — Ela mostrou o anel no dedo. — E se eu vou dar pontos em você, pode ter certeza de que vou dar anestesia. — Eu comecei a negar, e Valentina levantou uma sobrancelha em desafio. — Se você não tomar anestesia, eu também não tomarei se eu me machucar.

Suspirando, eu a deixei injetar a anestesia em mim. Não queria admitir que eu gostava da dor, de ter meu coração acelerado. Enquanto ela dava os pontos, concentrada, eu não podia deixar de reparar como tinha sorte de a ter. De como seria idiota se quebrasse sua confiança.

— Você é minha — falei quando ela terminou.

Valentina sorriu, tímida.

— Sim, eu sou. E agora precisamos dormir urgentemente.

Ela se levantou e quando tirou a camisola, a atirando no lixo, eu vi que estava com uma lingerie sensual. Ela havia me esperado para transar. Depois de ficar nua, ela caminhou até o closet, pegando uma camiseta minha. Não deixei de olhar meu nome marcando suas costas.

Rapidamente escovei os dentes, não querendo que ela me beijasse quando estava com gosto de sangue, uísque e maconha.

Quando ela começou a caminhar para a cama, eu a parei, segurando-a pelo pescoço e puxando para mim. Roubei um beijo intenso, e ela se derreteu em meus braços. O machucado na minha boca, que já havia coagulado, voltou a sangrar, e eu grunhi.

— Você é minha — repeti e me afastei.

Ela olhou para meu lábio e foi buscar uma toalha. Sua boca também estava manchada de sangue. Em vez de usar a toalha imediatamente, eu a limpei e depois coloquei a porra da toalha na minha boca.

— Eu sou sua, mas agora nós precisamos dormir.

Ela beijou meus lábios levemente e me levou para cama, me cobrindo como se eu fosse um bebê. Valentina beijou minha testa e apagou as luzes, deitando ao meu lado; logo estava dormindo. Tão cansada, que nem precisou do leite com mel para a acalmar.

Eu era sortudo, e não deixaria nada tirar Valentina de mim, nem

mesmo meus pensamentos. Enquanto ela dormia, eu me permiti velar seu sono. Não deixaria nenhum mal a atingir; eu não precisava dormir. Eu precisava ser o que ela precisasse. Um herói, mesmo quando eu era um vilão.

CAPÍTULO 19

Você é estragado como eu? Estranho como eu?
Acende fósforos só para engolir a chama como eu?
Você se intitula como um furacão como eu?
Apontando dedos, pois nunca vai assumir a culpa como eu?
***Gasoline* – Halsey**

VALENTINA

Eric tinha feito algo que o havia afetado. Não tinha ideia do que tinha feito, mas meu amor mal conseguia me olhar no dia seguinte. Estava abatido, mas ainda assim consegui ver um olhar diferente nele. Estava se contendo. Não entendi de primeira, até que, depois de termos passado a manhã na cama, nos levantamos para encontrar sua família, e ali, diante dos meus olhos, vi Eric mostrar o que tentou me esconder. Não entendi de primeira o jeito que ele estava tratando o pai e o irmão, mas ao trocar um olhar com Heiko confirmei minha suspeita. Depois de todas aquelas semanas juntas, Eric atingiu a mania.

— Só estou dizendo que você está velho. Deveria logo me entregar a coroa — ele alfinetou o pai, mordendo o pão com vontade.

Até mesmo sua postura tinha mudado. Ele estava relaxado na cadeira, de pernas abertas e agia como se fosse o dono do mundo. Pelas olheiras abaixo dos olhos, além de um olho roxo, estava claro que não tinha dormido. Ele estava todo arrebentado, mas ainda assim agia como se estivesse em perfeitas condições.

— Não é, gata? — Ele apertou minha coxa, e eu evitei estremecer pelo uso do adjetivo. Se eu tinha alguma dúvida, a resposta foi respondida. Ele estava em um episódio. Era estranho para mim Eric ter um tão cedo, só mostrava que estava sob pressão. — Você seria a primeira-dama mais gostosa de todas as máfias.

Ele olhou Catherina, que franziu a testa, descontente com as duras palavras de Eric.

— Ah, Catherina. Você teve seu tempo sendo a puta principal dos Hoffmanns quando tinha seus dezoito anos, tá na hora de passar a coroa. —

Ele apontou para o próprio rosto. — E mesmo cheia de plástica, você não tem um terço da beleza dela. É hora de aceitar a verdade. Você é gostosa, mas não como Valentina...

Ele me chamou de puta ou foi impressão minha?

— Eric! Chega! — Ivan grunhiu, vermelho.

Catherina parecia que iria desmaiar, e eu estava mortificada. Sophia rolou os olhos e continuou a tomar seu café da manhã, que consistia em um chá. Heiko, por outro lado, engasgou com o café e riu enlouquecidamente.

— Qual é? Pai, você sabe que ela trepa pelos cantos da casa com o jardineiro. Acho que está na hora de você trazer tuas putas pra cá também, como fazia quando eu era pequeno. Vocês podem fazer uma grande suruba. — Eric me puxou para ele, dando um beijo no meu pescoço. — Valentina e eu não participaremos porque ela é minha e eu sou dela.

Catherina bufou e jogou o guardanapo em cima da mesa.

— Não sou a única que transa por aí, então não venha querer me apedrejar, Eric.

Ela saiu, e eu fiquei ali, petrificada. Sabia bem que os casamentos da máfia muitas vezes eram de aparência, mas não tinha ideia que a traição entre eles era escancarada assim. Nunca havia percebido. Eric já havia comentado comigo certa vez, que quando mais novo, havia prostitutas que frequentavam a casa, que seu pai dissera que um dia elas seriam dele, mas depois de me conhecer, Eric teve diversas crises, e isso fez Ivan restringir a entrada delas na casa. Desde que cheguei aqui, achei que as coisas já haviam mudado, que o amor mudara Ivan, mas parecia que as aparências enganavam.

Ivan, com toda sua classe, se levantou, mas até sua careca estava vermelha de raiva de ser exposto desse jeito.

— *Ein gutes Frühstück haben*[8] — falou em alemão, mostrando quão descontente estava.

Quando ele saiu, os três irmãos explodiram em gargalhadas enquanto eu ficava parada, sem saber o que fazer.

— Vocês são terríveis. — Limitei-me a dizer.

Eric me deu um beijo estalado na bochecha, sem se queixar da dor que deve ter sentindo pelo lábio ferido.

— Somos incríveis — ele me corrigiu e se levantou. — Quem topa pular na piscina de roupa?

Antes que pudéssemos responder, Eric me jogou em cima do seu

ombro e saiu correndo. Eu não bati em suas costas. Ele estava totalmente ferrado, mas me agarrei a ele. Se ele me jogasse, cairia junto comigo.

Enquanto brincávamos na piscina, me aproximei de Heiko.

— Quer me contar por que ontem Eric chegou todo arrebentado e chapado?

Ele ficou pálido.

— Isso não é comigo, Val. Conversa com ele, não vou me meter. E você sabe que ele está maníaco. Há dias já está mostrando sinais. Impulsividade, agitação... — Heiko limpou a garganta. — Excitação.

Minhas bochechas coraram. Realmente, nos últimos dias Eric tinha demonstrado muito vigor na cama, me pegando várias vezes durante o dia, mas acreditei ser normal, ou talvez eu não quisesse ver.

Nós brincamos mais um pouco quando os irmãos começam a relembrar histórias do passado.

— Até meus treze anos, Eric ia toda noite no meu quarto ver se eu estava bem. — Sophia contou, espirrando água no irmão, mas cheia de amor.

— Só parou porque ela virou mocinha — Heiko reiterou, rindo.

Eric só balançou a cabeça.

— Só queria verificar se ela estava bem.

Meu coração se encheu de amor, e eu sabia que no futuro, quando tivéssemos nossos filhos, mesmo com seus transtornos, Eric os amaria mais do que qualquer coisa.

— Se lembram de quando Sophia descobriu que mamãe tinha um caso com o jardineiro? — Heiko perguntou, gargalhando.

As bochechas dela coraram adoravelmente.

— Foi assustador. — Ela refletiu um pouco. — Mas não tão surpreendente. Via papai chegar em casa com cheiro de mulher, mamãe brigava com ele no começo, mas depois ela simplesmente...

— Desistiu — Heiko respondeu. — Eles se amam, mas todos sabem que o grande amor de papai sempre foi Verena.

Eric ficou tenso ao meu lado quando o nome de sua mãe foi citado. Até hoje eu não sei como ela morreu, só sei que foi pouco depois do episódio da tentativa de assassinato de Eric.

— Verena — Ele cuspiu o nome. — Papai pode dizer o quanto quiser que a amava, mas eu sei que o que ele sentia por ela era obsessão — Eric

alegou, com o olhar vazio. Então seus olhos me encontram. — O que papai não esperava é que ela fosse uma psicopata depressiva e fodida que odiava o próprio filho.

— Melhor irmos, ainda tenho que assistir à abertura das lutas do circuito mundial da gaiola — Heiko afirmou, saindo da água.

— Parece legal. Eu quero ir. — Olhei para Eric, que estava muito tenso. Beijei seu queixo. — Vamos, nunca saímos à noite. Depois a gente podia ir para uma boate dançar.

Ele trocou um olhar com Heiko, que estremeceu.

— Também quero ir — Sophia pediu, animada.

— Não — Eric e Heiko falaram ao mesmo tempo, e meu marido completou: — É perigoso, algumas máfias estão participando do circuito, numa fina trégua para lucrar uma grana preta. Não é lugar para vocês.

Rolei os olhos.

— Eric, eu estou acostumada com isso, você se esqueceu que eu organizava as lutas? Já estive nos circuitos de Boston antes.

Saí da piscina e torci meus cabelos.

— Vamos nos preparar? — chamei Sophia, que acenou, contente.

— Sim, só vou antes pedir a papai.

Depois do banho, quando estava terminando de secar meus cabelos, Eric invadiu o banheiro, sua cara estava brava.

— Não gosto da ideia de você lá.

Ele se aproximou e pegou meu rosto em mãos.

— Só mais um incentivo para você ficar de olho em mim lá. — Eu toquei seu cabelo, que estava pelo rosto. — Não vai ser difícil, sabe? Eu estarei muito gostosa.

Ele grunhiu, e eu gostei de atiçá-lo.

— Talvez eu vá até sem calcinha...

Ele me colocou contra a parede, e depois de levantar uma perna, entrou em mim, deslizando por todo o caminho.

— Molhada para mim — ele rugiu e apertou meu pescoço. Ele percebeu então o ato e começou a afastar.

— Não, aperta. — Coloquei minhas mãos na sua, tentando impedi-lo de soltar, mas em vez disso Eric aprisionou ambos meus punhos em sua mão e levou para cima da minha cabeça.

— Quem manda aqui agora sou eu, não você. — Ele mordeu meu lábio, e minha boceta apertou. Eu amava quando ele era bruto comigo.

Suas investidas ficaram mais intensas, e eu fui ao delírio. Gemendo e gritando, sem me importar que escutassem.

— Você. É. Minha — ele pontuou, arremetendo em mim a cada palavra.

Sua intensidade me fez não aguentar mais e gozar gemendo e chorando seu nome. Ele continuou a investir, e quando ele goza, me faz atingir o orgasmo novamente. Quando Eric saiu de mim, se ajoelhou entre minhas pernas e ficou olhando a sua porra deslizar. Ele levou o dedo lá embaixo, pegou todo o líquido branco e enfiou de volta em mim. Eu gemi com a sensação. Estava muito sensível, mas a cena me fez ficar com mais tesão. Ele estava tão cru.

— Logo vou colocar um bebê em você — ele afirmou, com a voz rouca, sem tirar os olhos de entre minhas pernas.

— Não agora — respondi na mesma batida. — Quero meu tempo contigo. Só nós dois. Não quero te dividir ainda.

Lembrei então que logo precisaria tomar a nova dose do anticoncepcional. Não falei nada, porque no estado em que Eric estava, não duvidava que ele tentasse me impedir de tomar a dose ou me enganasse, como vô Raffaelo enganou minha mãe para ela engravidar do meu pai.

Eric levantou o olhar para mim e acenou.

— No seu tempo. Tudo no seu tempo. — Ele beijou minha coxa antes de se levantar.

Depois disso, ele saiu, precisando atender o telefone, mas antes disso me deu um olhar intenso.

— Não tome outro banho, quero saber que você tem minha porra entre as suas pernas quando sairmos.

***

Como ainda estava um pouco cedo para me arrumar, desci as escadas e fui bater um papo com Magda. Ela estava descascando batatas, e eu comecei a ajudá-la.

— Eric falou um pouco sobre a mãe hoje — comentei.

Ela levantou os olhos para mim, parecendo bastante triste.

— Ele não gosta de falar dela, então devia estar extremamente à vontade para o fazer. Só peço uma coisa. — Ela me olhou atentamente. — Não force meu menino a se abrir, isso pode fazer com que se feche ainda mais.

Eu acenei.

— Eu sei. Nunca o faria.

A porta da cozinha se abriu, e Valeria entrou. Ela ficou pálida ao me ver ali. Minha vontade era jogar a batata em minha mão na sua cabeça, mas eu me controlei, preferindo fingir que ela não existia. No primeiro passo errado, ela estaria fora. Era a típica funcionária que acha que pode subir de patamar transando, mas eu não deixaria que se criasse para o lado de Eric. Minha tia Elena aprendeu por mal, deixou a cobra se criar achando que era inofensiva. Eu não cometeria o mesmo erro.

— Mudando de assunto: hoje vou ver as lutas. Estou tão animada.

Magda riu do meu entusiasmo.

— Tenha cuidado.

Eu assenti.

— Convidei as minhas novas amigas Hanna e Isa para irem, talvez, depois de lá, iremos para uma boate. Será divertido.

Magda riu e balançou a cabeça.

— Às vezes, esqueço que você não é como as outras meninas desse meio, mesmo presa, você é livre. Nunca perca essa alegria de viver.

Eu sorri, emocionada.

— Com Eric, não existem gaiolas, Magda. E ele partiria ao meio qualquer coisa que me fizesse sentir presa.

Seu olhar foi melancólico quando disse:

— Inclusive ele.

***

O bar estava lotado, com cheiro de suor, dinheiro e sangue. As pessoas se empurravam, buscando abrir espaço para nós passarmos. Como deuses. Fomos para uma área VIP e fomos servidos com todo tipo de bebidas. Até Sophia bebeu, mesmo que sob o olhar atento de Heiko.

— Se passar mal mais tarde, não conte comigo pra nada — ele murmurou ao vê-la virando uma dose junto comigo.

Eric colocou o braço no ombro do irmão.

— Tudo tranquilo, cara. Relaxa.

Eles se empurram de leve e sorriram um para o outro. Eu me mantive em pé, mesmo com Eric me chamando para sentar em seu colo. Não queria que ele descobrisse a surpresa que preparei; sentar no carro junto com ele e os irmãos foi um verdadeiro exercício da mente.

As meninas brindaram com a gente, tão animadas quanto Sophia e eu, e dançamos enquanto as lutas não começavam. Nossos maridos ficaram nos olhando, Eric parecia que me devoraria inteira a qualquer momento. Eu me sentia naquele momento como uma pessoa normal da minha idade, curtindo uma festa com os amigos, sem preocupações.

Eric me olhava de um jeito tão apaixonado, que o mundo parecia ficar em câmera lenta. Ele sibilou "eu amo você" de uma maneira tão intensa, que eu cheguei a perder o ar, quase podendo ouvir seu timbre rouco. Com isso, voltei a me apaixonar por ele, mil e mil vezes.

Ele se aproximou, e eu envolvi meus braços em seu pescoço, colando os corpos. Suas mãos foram uma para a minha bunda, e a outra para as minhas costas. Em seguida, Eric tocou lentamente onde sabia que estava seu nome. A música foi trocada por uma mais lenta que eu não conhecia, mas reconheci a voz da cantora Halsey. Eric beijou meu pescoço, me deixando arrepiada por completo.

— Eu te amo, mais do que qualquer coisa — sussurrou contra meu ouvido, colando ainda mais em mim enquanto dançávamos.

— Você é meu, e eu farei qualquer coisa para você sempre ser — respondi contra sua orelha enquanto brincava com seu cabelo. — Eu te amo mais do que você jamais saberá.

Ele afastou um pouco o rosto para me olhar nos olhos. Eric estava muito intenso.

— Sempre serei seu, para fazer o que quiser. Me apedreje, me quebre, e eu continuarei lá para você. Todas as minhas partes quebradas são suas. Sempre.

Eu esperava não chegar a esse extremo, mas não prometi não o fazer.

A multidão começou a gritar, e eu vi o locutor anunciar a primeira luta. Eu encostei em Eric enquanto víamos a luta começar. A *ring girl* da primeira luta era muito bonita, loira, siliconada e sorridente, e arrancava tesão da plateia. De certa forma, parecia que conforme as lutas iam continuando, as

novas meninas eram ainda mais bonitas e sensuais.

Todas as lutas eram sangrentas, sem exceções, porém algo que ficou claro diversas vezes para mim era que lá dentro não existia o mundo que conhecemos. Lá, eles entravam em estado de sobrevivência, no qual somente o mais forte reinava. Não havia como negar que o chamado da torcida aumentava a ânsia de ganhar. Eric gritava, xingava, vibrava e grunhia assistindo às lutas, e eu? Bem, eu ficava excitada.

O circuito contava com três lutadores de cada máfia, em três tipos de peso: leve, médio e pesado. Dentro do circuito, principalmente os mundiais, só colocam essas três categorias, mas existem muitas outras. No fim de mais uma luta, foi preciso uma pausa para limparem o chão, que estava cheio de sangue.

— Brutal — Hanna murmurou perto da gente. Isa concordou, parecendo mais enjoada que Hanna, mas se mantinha ao lado de seu marido.

— Esses não foram nada, são os peixinhos — o marido dela respondeu, a apertando contra si. — Temos mais vinte minutos antes da luta, quer ir dançar?

Eles se afastaram, e eu virei para Eric, que estava me olhando intensamente.

— Nem pense em fazer isso agora — anunciei em voz baixa.

Sem querer, voltei a me lembrar daquela vez, lá no meu antigo trabalho, em que Eric me comeu para marcar território. Foi erótico na hora, mas depois me senti péssima. Não sabia bem como reagiria se ele fizesse isso de novo, e como ele estava maníaco, não queria causar um surto.

— Certeza? — ele perguntou contra o meu ouvido, mordendo de leve meu lóbulo antes de chupá-lo.

Meu corpo se apertou de desejo.

— Sim, você vai estragar a surpresa que te aguarda em casa.

Ele me olhou com interesse, mas eu mordi o lábio para evitar contar o que tinha feito para nós. Sabia que a luta me deixaria excitada, e como no dia anterior não tinha rolado nada, mudei tudo para o dia seguinte. Esperava que Eric gostasse e que fosse bom como falam.

O sino avisou que uma nova luta estava para começar, eu imaginei que seria a última da noite. Os oponentes foram apresentados, e a plateia vibrou. Como sempre uma *ring girl* subiu na gaiola e rodou pelo espaço com uma placa; me irritava que todas elas ficassem praticamente nuas conforme

anunciavam os tempos, até ficarem sem roupa no último round. Mas, em todas as vezes em que elas passaram, reparei que Eric desviava o olhar e me apertava contra si.

A última em particular causou um aviso dentro de mim, ela nem disfarçava que estava olhando Eric desde o momento em que subiu na gaiola, talvez olhasse até mesmo antes. Ela era sem dúvida uma das mais bonitas da noite e chamava a atenção. A mulher fazia questão de rebolar enquanto tirava o top e jogava na direção de Eric. Alguém na multidão pegava a peça. Olhei para Eric, e meu corpo gelou ao ver o olhar culpado na sua cara. Sem pensar, eu o belisquei com toda a minha força, sem querer fazer um escândalo ali. Ele me olhou de olhos arregalados antes de limpar a garganta e fingir que nada tinha acontecido. Tinha culpa no cartório, estava estampado na sua cara.

Durante a luta, nem fiz questão de prestar a atenção, em vez disso procurei a moça e rapidamente percebi que ela ainda estava secando Eric, deixando os seios à mostra enquanto tomava um drinque. Ela encontrou meu olhar e me deu um sorriso convencido antes de desviar e continuar conversando e rindo com algumas outras garotas do local.

— Valentina... — Eric começou, perto do meu ouvido.

Eu respirei longamente, lembrando das palavras de minha mãe sobre nunca demonstrar fraqueza e resolver qualquer problema de casamento em um local vazio. Eu me virei lentamente para ele e vi o medo em seu olhar. Era irônico que um homem com cerca de cem quilos tivesse medo de uma mulher com pouco mais da metade de seu peso.

Usando um talento de atriz que eu nem sabia ter, abri um sorriso doce.

— O que foi, querido? — Peguei o braço onde o beliscara, estava vermelho e com a marca das minhas unhas, e acariciei lentamente. — Desculpe, fiquei nervosa de repente. — Beijei sua pele e adorei ver o olhar ainda mais culpado.

Eric engoliu em seco. Era engraçado que mesmo maníaco, ele não deixava de ter medo de me perder.

— Tudo bem. — Ele tentou sorrir e me deu um selinho, mantendo os olhos abertos. Eu o aceitei e voltei a olhar a luta.

Não tardou para a mulher aparecer para anunciar o segundo round. Quando ela retirou o ridículo short — se é que se pode chamar disso —, ficando só com uma calcinha fio-dental, fez questão de rebolar como uma stripper. Talvez esse fosse o emprego dela quando não estivesse trabalhando

como *ring girl*. Se eu tinha qualquer dúvida de que acontecera algo na noite anterior e que isso estava relacionado com aquela mulher, o olhar descarado dela pra Eric me fez ter certeza. Assim que ela desceu do palco, eu me aproximei de Heiko, que estava distraído.

— Ontem aqui estava cheio assim?

Ele começou a assentir, mas arregalou os olhos quando percebeu o que fez.

— Valentina...

Eu me afastei, caminho em direção a Eric, que abriu a boca para falar algo, mas eu passei direto, indo até o bar.

— Uísque, puro.

O barmen rapidamente me serviu, e eu continuei batendo no copo até que ele estivesse cheio até em cima. Assim que ele o fez, eu nem degustei o sabor, saí engolindo. A bebida queimava, assim como eu. Agarrei a garrafa e me servi mais uma vez, depois eu com certeza iria embora. Não daria vexame.

— Esse uísque é ótimo para ser apreciado lentamente. — Eu me virei, vendo que era Paul Heinz quem falava comigo.

Ele estava ainda mais bonito que da última vez que o vira, com uma camisa preta, que não escondia seus músculos, calças jeans sob medida. Seu rosto, com a barba cerrada, cabelos castanhos perfeitamente arrumados, o deixavam ainda mais atraente. Eric surtaria quando o visse ali.

— Pena que não pedi sua opinião. — Virei o restante de uísque e comecei a me afastar, mas ele segurou meu braço e aproximou a boca de minha orelha.

— Cuidado ao andar sozinha por esses lugares. Nunca se sabe quem você pode encontrar, querida.

Eu fiquei tensa e o olhei atentamente.

— Isso é uma ameaça?

Ele sorriu de modo charmoso.

— Mais como um aviso de amigos. — Ele ficou sério. — Não saia sozinha, até seguranças podem ser comprados — ele disse lentamente e se afastou.

Não passou nem um segundo, e Eric apareceu na minha frente feito bicho.

— O que Heinz queria com você?

Cruzei os braços, de repente sentindo o frio do ambiente. Não tinha ideia se o que Paul havia dito era uma ameaça ou um aviso, mas de uma coisa eu tinha certeza: nesse meio, qualquer informação tem um preço. Eu precisava descobrir exatamente o que ele queria dizer.

— Só falando sobre as lutas. — Pausei, e então me lembrei que estava com raiva de Eric. — Foi aqui que você conseguiu esses machucados? — perguntei calmamente.

Eric trocou a posição dos pés e passou a mão pelos cabelos.

— Valentina, eu não te traí.

— Tem certeza? — perguntei secamente.

Eric engoliu em seco.

— Vamos para casa.

Acenei e comecei a me afastar, com Eric atrás de mim. Fiz questão de passar perto da menina e segurar seu braço. Coloquei a boca perto da sua orelha, sentindo o cheiro enjoativo de seu perfume.

— Espero que seja a última vez que bota os olhos em meu marido, ou eu farei questão de os arrancar.

Soltei seu braço, e ela se afastou rapidamente. Não faria um escândalo. A culpa não era só dela, apesar de saber que Eric é casado. O mais sujo de todos era ele, que me devia fidelidade, como fez questão de prometer no altar.

No carro, um silêncio tenso se fez. Heiko parecia realmente mal por ter entregado o irmão, mesmo que sem querer. Mas ele deveria ter me avisado caso tivesse rolado algo. Talvez, se tivesse o feito, eu não estaria tão puta como estava naquele momento. Entendia que Eric tinha seus defeitos, mas traição para mim era algo que tocava na ferida. Eu o perdoaria, mas nada seria o mesmo. Não aceitaria nunca que meu Eric me traísse.

Ao chegarmos em casa, me despedi de Sophia, e quando Eric e eu entramos no quarto, me virei para ele e lhe acertei um tapa na cara. O som alto se espalhou pelo ambiente, e na mesma hora me arrependi. Comecei a afastar a mão, quando ele a segurou.

— Me bata mais. Ainda me sinto uma merda.

Tentei puxar a minha mão, mas ele não permitiu.

— Não vou te bater mais. Quero que me conte exatamente o que aconteceu.

Ele soltou a minha mão, e eu vi como ele apertava as mãos. Eric

estava em agonia, e eu comecei a pensar que o que acontecera fora mais sério do que eu pensava. Ele então respirou fundo e me encarou.

— Eu a olhei.

Minha testa se franziu.

— O quê?

— Eu a olhei. Fui fraco, traí sua confiança. Me perdoe.

Ele caiu de joelhos na minha frente, e eu perdi o ar. Ele estava fazendo todo esse drama porque olhou uma mulher? Mesmo me sentindo uma pessoa horrível, não pude evitar o alívio. Será que na verdade eu não era o veneno de Eric?

— Se levante, por favor.

Ele olhou para o chão.

— Eu a olhei, a desejei. Imaginei coisas.

Estava trêmula, olhando-o assim. É claro que saber que ele havia imaginado outra mulher com ele me deixava insana de ciúmes, mas, ao mesmo tempo, é algo humano. Não poderia brigar com ele por sentir desejo, eu não era a única mulher do mundo. Além disso, acabava comigo perceber que também senti desejo por Petrus. Ele não era o único errado. Não poderia apontar um dedo se eu tinha feito a mesma coisa.

— Você é humano, Eric. Não fez nada de errado, você não me traiu.

Eu me ajoelhei na sua frente e segurei seu rosto, para que me olhasse.

— Você não tem como controlar seus pensamentos, mas controlou seu corpo. Você não me traiu.

Eric ficou parado por algum tempo me olhando e uma lágrima rolou pelo seu olho, terminando de me matar.

— Não, querido. Você não o fez, você nunca me traiu.

— Você sabe que eu me mataria se o fizesse, certo?

— Eu sei, e é isso que temo.

Se Eric se mataria, o que faria se eu o traísse?

CAPÍTULO 20

Corra e se esconda, vai ser ruim esta noite
Porque aqui vem seu lado diabo
Vai arruinar-me
É quase como suicídio câmera lenta
Assistindo seu lado diabo ficar entre você e eu
***Devil Side* – Foxes**

VALENTINA

Despertei e, com calma, comecei a sair da cama, tomando cuidado para não acordar Eric. Já fazia dois dias desde nossa discussão, e desde então não saímos do quarto. A libido estava altíssima, e ele me pegava sempre que queria. Perdi a quantidade de vezes, e mesmo sem querer confessar, eu precisava descansar a vagina. A minha sorte foi que depois da nossa briga, eu retirei o plug anal que tinha trazido de casa para usar em alguma ocasião especial. Se ele tivesse visto, eu nem conseguiria levantar da cama hoje.

Quando me levantei, suspirei, feliz, e rapidamente coloquei um vestido e deixei o quarto. Em nossa cozinha, não tinha mais nada, então desci as escadas até a cozinha da casa. Encontrei Catherina sentada, e o constrangimento me tomou. Na última vez em que a vi, Eric havia a humilhado na minha frente. Ela levantou o olhar para mim, não parecendo afetada como eu estava.

— Sente, Valentina, deve estar faminta.

Eu me sentei e me servi com pães, bolo, leite e frutas. Enquanto comia, ela me olhava, mas surpreendentemente não comentava sobre as calorias ou me dava um olhar condenador.

— A vida não é simples, querida. Todos os casamentos são conturbados, não pense que não. — Ela limpou uma migalha invisível da mesa. — Ivan e eu nos amamos, mas, às vezes, o amor não é o suficiente.

Eu assenti e limpei a garganta.

— Eu entendo.

— Eric, às vezes, precisa de um bode expiatório, e, dessa vez, acabei por ser escolhida. Estamos todos acostumados, querida. Eu amo o meu

menino, e sei que o que ele fala não diminui em nada o amor que temos um pelo outro. Posso não ter dado à luz a eles, mas ainda são meus filhos. — Suas palavras foram ditas em voz calma, mas eu não perdi a ameaça nas palavras. — Ivan e eu temos um arranjo que funciona para ambos e continuamos felizes e satisfeitos.

Eu tomei o leite para ganhar tempo.

— Não estou te julgando. Nunca faria isso. — Do mesmo jeito que esperava que ela nunca me julgasse, completei mentalmente.

Ela deu um sorriso de conhecimento.

— Ninguém o fará. Tudo que importa é o resultado, Valentina. A vida é um jogo de xadrez, só tome cuidado para não se matar no seu próprio jogo.

Depois do café da manhã, voltei para o quarto, tomando cuidado para não acordar Eric. Peguei minhas sapatilhas e fui para meu estúdio. Lá, liguei o som e comecei a me aquecer, mesmo sem estar com a roupa adequada. Depois de aquecida, comecei a dançar, sem pensar nos passos, só sentindo a música.

Minhas pernas queimavam um pouco pelo tempo que fiquei longe da sala; aos poucos, percebi que estava me afastando de quem eu era. E para quê?

Um barulho me faz abrir os olhos, vi Eric encostado na porta. Seus cabelos estavam bagunçados, seu peito, arranhado por mim na noite anterior, estava despido. Ele usava somente uma calça de cintura baixa, e isso me fez lembrar de como lambi o caminho até sua ereção.

A música trocou para *Devil Side*, de Foxes, e um arrepio tomou todo meu corpo, porque, querendo ou não, essa música falava muito sobre a gente. Sem tirar os olhos de Eric, eu comecei a dançar, me entregando à música, às palavras que eu queria falar, e nunca disse.

Então me diga o que eu preciso fazer
Para me manter longe de você
Para me impedir de desmoronar
Ladeira abaixo com você
Ladeira abaixo com você

Ele me olhou intensamente, e eu vi como suas mãos estavam

fechadas. Pulei e fui rodando até ele. Estendi a mão, e quando Eric aceitou, e eu o trouxe para dentro do salão, ainda na ponta das sapatilhas, quase na sua altura. Minhas mãos foram para seus cabelos, e eu puxei sua cabeça para mim, tomando os lábios em um beijo punitivo. Eric me puxou contra si, e dançamos pelo salão com os corpos grudados, em uma dança sensual.

Eu quero você, mas não pelo seu lado ruim
Não para sua vida assombrada
Só por você (Só por você)
Então me diga por que é sempre seu lado ruim
É sempre a sua mente perigosa
Nunca é você
Então quem vai salvar você agora?
Quem vai salvar você?
Quem vai salvar você?

Ele me surpreendeu, arrancando o vestido de mim e me deixando nua, somente com as sapatilhas. Eric me jogou contra a parede e levantou a minha perna sobre seu ombro, e então estava dentro de mim.

— Esse sou eu. Meu lado sombrio é o que sou, e se você me ama, precisa amar todas as minhas partes — ele rosnou, segurando meu seio com força.

Meus olhos rolaram de prazer, e eu tive de me concentrar pra falar.

— Eu amo. Amo todas as suas partes. Todas são minhas.

Ele agarrou meu pescoço e tomou meus lábios. Nossos dentes se bateram, as línguas entraram em luta, e nossos corações, em uma só batida. O prazer se tornou demais, e nos entregamos a ele, caindo em seguida no salão.

— Uau — murmurei, com a cabeça em sua barriga.

— Espere um pouco, e podemos repetir já, gata.

Eu me virei para ele.

— Vamos às lutas de hoje?

Eric franziu a testa.

— Hoje a equipe de Raffaelo lutará.

Isso me animou ainda mais, mas vi a expressão de Eric ficar mais sombria.

— Não acho que seja uma boa ideia — resmungou.

— Por favor, juro que vou me comportar. — Eu me sentei e o montei. — Eric, estamos casados há meses, e eu nunca lhe pedi um emprego ou algo do tipo, eu estou mofando dentro dessa casa, só te peço um pouco de diversão.

Ele ficou sério, em silêncio, pensando. Então abriu um pequeno sorriso, olhando para meus seios e lambendo os lábios.

— Quer um pouco de diversão? Meu pau já está prontinho para você.

Eu sorri e peguei sua ereção já dura, colocando-a dentro de mim.

CAPÍTULO 21

Você diz que sou apenas mais um cara mau
Você diz que fiz muitas coisas que não posso desfazer
Antes de me contar pela última vez
Estou implorando, implorando, implorando
implorando a você
***Wait* – Maroon 5**

VALENTINA

Mais tarde, estava terminando de me arrumar para a luta. Estava bastante feliz por ver Aldo e os meninos que assessorei. Nessa noite, optei por ir mais neutra, com uma calça jeans escura e um top preto, com jaqueta de couro, mas dei um toque final usando botinhas com salto.

— Vamos? — perguntei ao descer as escadas e ver Eric conversando com o pai. Ele parecia tão sereno e calmo, e isso me trouxe esperanças de que logo sua crise passaria, e então eu só teria de me preocupar com o seu lado depressivo.

— Você está perfeita, gata.

Ele beijou meus lábios e segurou minha cintura enquanto nos levava para fora. Já havia um carro nos esperando, se é que poderia ser chamado assim. Nunca vi algo tão diferente e bonito. Era todo preto e parecia um Batmóvel. Quando disse isso, Eric riu.

— Esse é um raro Bugatti La Voiture Noire, existem apenas vinte no mundo, e um é meu.

Ele deu um tapinha no carro.

— Não sabia que você tinha esse carro — disse, impressionada com a beleza do automóvel.

— Não uso muito, só algumas vezes. Quer dirigir?

Eu ofeguei.

— Sério?

Ele me jogou as chaves, e eu peguei.

— E os seguranças?

— Vão em um carro atrás da gente, mas não precisamos deles. Dou

conta de tudo sozinho.

Entrei no carro, sentindo o cheiro de novo. Os bancos de couro eram tão macios, que eu não queria levantar nunca mais. Coloquei o cinto e me virei para Eric.

— Está pronto para o passeio da sua vida?

Ele sorriu de lado, sentado à vontade no carro.

— Corra quanto quiser, *baby*.

Sem precisar falar duas vezes, pisei no acelerador e voei pela cidade, me sentindo muito poderosa. Como pude nunca dar valor a carros?!

— Quero a minha própria arma mortal — brinquei quando diminuí um pouco a velocidade para fazer uma curva.

— Pode pegar todos os meus carros, são nossos.

— Você não vai falar isso quando eu acabar batendo.

Sua mão foi para a minha perna, e ele a apertou de leve.

— Atire neles, queime, quebre. Tudo que importa é que você esteja intacta.

Quando chegamos ao bar, as pessoas olharam para o carro de boca aberta. Eric segurou minha mão e não fez questão de trancar o carro. Sabia que ninguém seria maluco de tentar roubar ou sequer arranhar.

Nós fomos para nosso lugar, e ele me colocou em seu colo.

— O que você quer beber hoje?

Eu pensei um pouco.

— Uísque.

Ele fez sinal, e eu dei um beijo casto em seu pescoço. A garrafa foi posta na nossa frente, e começamos a beber.

— Vou querer dirigir na volta também — falei depois que terminamos o segundo copo.

Ele apertou meu quadril.

— O mundo é nosso, gata. Faça o que quiser. — Ele abriu os braços para enfatizar.

— Quero mais aventura — murmurei.

Ele aproximou a boca na minha. Seus olhos estavam intensos e animados.

— Quero treinar luta, quero um cargo dentro da família.

Eric acenou.

— É seu.

Sorri, animada, e ele passou o dedão sobre meu lábio inferior.

— Amo seu sorriso.

Alguém se aproximou, e ambos conversaram enquanto eu bebia. Em determinado momento, vi um homem passando um baseado para Eric. Quando o homem se afastou, ele acendeu e tragou.

— Só para relaxar — disse e voltou a tragar, soltando a fumaça quente em meu pescoço.

Estranhei que tenha aceitado, meu Eric nunca faria isso, mas ele estava maníaco e querendo aproveitar. Era assustador, mas ao mesmo tempo bom ver Eric sem seus demônios, sem aquele olhar sombrio. Esse Eric era divertido, exasperante e apaixonante.

— Quero experimentar.

Ele segurou a ponta e virou para mim. Eu traguei, sentindo o gosto ruim e o calor da fumaça. Meus pulmões protestaram, e eu tossi, só para rir depois. Soprei o restante da fumaça no rosto de Eric. Aos poucos, fui me sentindo mais leve, e qualquer responsabilidade saiu de mim; ali era só a Valentina sem problemas, sem dores, sem segredos. Naquela noite, queria que fossem Valentina e Eric, jovens se divertindo e brindando a vida.

Ele deu outra tragada e me puxou para um beijo, soltando a fumaça dentro da minha boca. O cheiro no começo me incomodou, mas depois me acostumei. Ele abriu um pacotinho e colocou dois comprimidos de ecstasy na língua. Sem precisar dizer nada, eu o beijei, engolindo um dos comprimidos. Se era para aproveitar a noite ao máximo, faríamos direito.

Quando dei por mim, estava dançando enquanto Eric estava sentado, e minha jaqueta tinha ido parar em algum lugar, mas não me importei. O lugar parecia ter mais cor, mais vida. Nunca vi algo tão belo como aquilo, parecia que o mundo ganhara uma nova forma. No bar, tocava *Wait*, de Maroon 5, e eu aproveitei para cantar um trecho para Eric.

Podemos conversar um pouco?
Estou cansado de me prender a esses sentimentos
Não estava tentando ficar bêbado
Precisava de mais três ou quatro para dizer isso

A bebida em minha mão derramou um pouco, mas eu só ri. Movi o corpo ao som da música, e Eric ficou só olhando. Brinquei, ri e até tivemos

um papo-cabeça sobre o aquecimento global e política. Senti que poderia discursar para o presidente e que me sairia perfeitamente bem.

Pouco depois, as lutas começaram a ser anunciadas, e eu decidi tentar ficar um pouco sóbria. Pedi uma água e acompanhei a primeira luta, então me lembrei que Aldo estava por ali e comecei a procurá-lo. Eu o encontrei preparando Minotauro para a próxima luta.

— Aldo! — eu gritei, acenando para ele e começando a caminhar até o local.

Alguém segurou meu braço, e eu me virei, pronta para gritar, quando vi que era Eric. Ele me olhou seriamente.

— O quê?

— Você não pode ir lá, não pode dar apoio.

Minha testa se franziu.

— Não estou indo lá dar apoio, mas sim cumprimentar um velho amigo.

Tentei sair de seu aperto, mas Eric não permitiu, me puxando consigo para o outro lado. Reparei em algumas pessoas olhando e o segui para não criar uma cena. Não olhei em sua cara quando voltamos ao nosso lugar. Voltei a beber enquanto as lutas aconteciam. Quando Minotauro foi anunciado, ele olhou para mim e apontou o dedo diretamente em minha direção. Eu lembrei do que ele falou de mim, na última vez em que nos vimos, e levantei o dedo do meio, fazendo as pessoas ao redor gritarem, excitadas. Eric começou a se levantar para encará-lo, e eu o olhei.

— Vai fazer o quê? Pular dentro da gaiola? Não fode, Eric!

Ele segurou meu queixo.

— Não estou gostando do seu jeito.

— Que se foda! Você não manda em mim.

Enquanto a luta acontecia, fomos servidos com novos baseados, e eu me soltei. Quando a luta acabou e Minotauro foi anunciado como vencedor, eu rolei os olhos e engoli o restante da minha bebida.

— Vamos. — Eric se levantou.

— Não quero ir embora, ainda temos outras lutas.

Ele acenou com o queixo para Aldo do outro lado do salão.

— Vamos lá para você falar com ele.

— Por que agora?

— Porque a luta já acabou.

Resmungando, eu me levantei e o deixei colocar a mão na minha cintura e me guiar, só para não envergonhá-lo. Quando me aproximei de Aldo, ele me olhou de cima a baixo e balançou a cabeça.

— Ainda inteira.

Eu fechei um olho, querendo focá-lo melhor.

— Você continua velho.

Ele riu, e, sem me importar com o que iriam pensar, eu me joguei em seus braços e o apertei, sentindo o cheiro do seu cigarro e da sua loção.

— Senti saudade.

Ele me apertou um pouco antes de dar um passo para atrás.

— Sentiu nada, está aproveitando o loiro. — Ele sorriu, mas eu vi que me observa com atenção antes de fechar a mandíbula e sua expressão se tornar mais tensa. Por que ele estava tão sério? O mundo é lindo.

Eu ri de leve.

— Valentina — Eric me chamou, e eu sabia que precisava ir.

Minotauro se aproximou, com uma toalha sobre o ombro e usando só uma calça jeans de cintura baixa. Sua pele molhada do chuveiro... eu o odiava, mas ele ainda era muito gostoso.

— Valentina — ele me cumprimentou, me olhando dos pés à cabeça antes de olhar para Aldo. — Estou pronto para a ir para a festa da vitória.

Isso chamou a minha atenção.

— Festa da vitória, hein?

Ele sorriu de modo charmoso.

— Vocês estão convidados, se quiserem.

— Não queremos — Eric rugiu e começou a me afastar dali. Eu acenei um adeus para Aldo, e Minotauro sibilou que a festa seria na Lotus, uma casa noturna.

Quando estávamos um poucos afastados deles, eu me soltei de Eric.

— Por que não podemos ir?

Ele abaixou o rosto diretamente para o meu, seus olhos estavam frios.

— Você não faz mais parte do clã Raffaelo, Valentina. Já está na hora de aceitar sua nova coroa. — Ele tocou minha cabeça, e eu bati em sua mão.

— Não posso apagar minha família da minha vida. Sou uma Raffaelo, você querendo ou não.

Ele riu sem humor.

— É mesmo?

Meus olhos se arregalaram com suas palavras. Nunca me senti como uma filha adotiva, nunca senti que não fazia parte da família.

Eu me virei para me afastar dele e acabei esbarrando em alguém, a *ring girl* que deu em cima de Eric. Ela estava com um vestidinho curto e apertado, de cabelos soltos. Sentindo-me insana e com uma raiva enorme de Eric, eu decidi extravasar nela.

Eu lhe acertei um tapa antes de partir para cima dela, socando sua cara de puta. Ela gritou e tentou se afastar, mas eu não deixei. Eu a puxei pelos cabelos para mim, e aí senti que ela tinha acertado um tapa na minha cara. Nós então nos embolamos no chão como selvagens. Mas eu era melhor. Fui criada pelos meus pais. Sabia me defender muito bem. Consegui montar nela e distribuí socos em seu rosto e arranquei seus cabelos.

Então fui retirada de cima dela. Eric me puxou enquanto eu tentava sair de seus braços para terminar o que havia começado.

— Ele é meu! — gritei de maneira insana.

A mulher ficou caída no chão, chorando, a cara toda inchada. Talvez fosse a bebida, ou as drogas, mas nunca me senti tão bem. Tão viva.

Eric me jogou dentro do carro e acelerou.

— Eu te odeio! — gritei, tentando abrir a porta do carro em movimento, mas não consegui por causa da trava.

— Você está insana.

— Quero sair daqui! — gritei e bato no vidro antes de desistir e me encostar no banco. Meu coração estava acelerado e parecia que eu teria um troço a qualquer momento, mas nada diminuía a raiva que sentia de Eric naquele momento.

Aos poucos, o sono me levou, e eu não deixei de pensar que acabei tendo mais aventura do que eu tinha imaginado. De certa forma, consegui entender como Eric se sentia quando estava maníaco; era uma sensação incrível... até não ser mais.

CAPÍTULO 22

E acho que você deveria saber
Que eu não vou deixar passar
Foi como um milhão de vezes
Eu estou cantando uma canção de ninar
E acho que você deveria saber
Que eu não vou deixar passar
Eu pensei que não era suficiente
Mas eu não quero dizer adeus
E acho que você deveria saber
Difícil dizer
***Hard for me* – Michele Morrone**

VALENTINA

Comecei a despertar só para sentir a tontura, ânsia de vômito e a sensação da morte. Não que eu a conhecesse, mas imaginava que fosse assim. Estiquei a mão para pedir a ajuda de Eric, mas a cama estava vazia e arrumada do seu lado. Ele não tinha dormido comigo?

A muito custo, consegui me levantar e corri para o banheiro, mesmo com a visão borrada. Quando cheguei ao banheiro, vomitei a bile por não ter nada mais no estômago. Despenquei ao lado do vaso, sentindo meu corpo letárgico e dolorido. Minha boca estava tão seca, que chegava a doer. Arrastando-me, fui até a pia e bebi um pouco de água da bica com as mãos trêmulas, mas meu estômago protestou e eu me preparei para vomitar novamente a qualquer momento. Quando levantei meu olhar para o espelho, eu engoli um grito.

Meu rosto estava vermelho, com claramente a marca da palma de uma mão, meus cabelos pareciam um ninho de pássaros muito embolados. Para completar, eu tinha um arranhão na bochecha. Tentei me lembrar da noite passada, mas tudo estava confuso. Lembrava de ter ido para a luta da gaiola e em seguida de o mundo virar de cabeça para baixo, achava que tinha bebido demais. Fui até o chuveiro e tirei a camisa de Eric, ela tinha um cheiro engraçado que não me era estranho. Vi, à distância, o cesto de roupa suja com

a roupa que lembrava ter usado na noite anterior. Quando a peguei e a cheirei, as peças tinham o mesmo odor. *Eu fumei maconha?*

Dentro do chuveiro, me senti um pouco melhor, até ver alguns hematomas no meu braço e quadril. Presumia serem de Eric, mas não lembrava de termos transado à noite. Depois do banho, me senti um pouco melhor, mas ainda uma merda. Quando saí do quarto, dei de cara com Heiko, pronto para bater na porta.

— Olha a Bela Adormecida! — ele gritou, e minha cabeça protestou.

— Não grite. — Tampei meus ouvidos.

— Não estou gritando, esse é só mais uma das consequências do Ecstasy.

Ecstasy? Eu usei ecstasy? E maconha?

Meu Deus, ultrapassamos todos os limites. Se Eric estivesse tomando a medicação que precisava, ele poderia estar morto. Quantas vezes foi dito que era proibido misturar bebidas e drogas com medicamentos de depressão e tudo mais que Eric tinha? Queria me bater mil vezes, como fui estúpida, deveria ter cuidado dele em vez de me juntar a ele na farra.

— Cadê o Eric?

Heiko foi até a cozinha e me serviu uma xícara enorme de café.

— Está na academia, ele ficou contigo a noite toda, enquanto você vomitava, e agora de manhã foi extravasar.

Tomei um longo gole do café amargo e sem açúcar, mas não reclamei. Não tinha dignidade para isso.

— Academia aqui ou fora?

— A academia da família.

Acenei e comecei a me afastar.

— Não vai agradecer? — ele gritou.

Meus ouvidos protestaram, e eu levantei o dedo do meio, sem deixar de caminhar.

Demorei um pouco para achar a academia, pensei em usar o elevador, mas achei que acabaria vomitando novamente se o fizesse. Comecei a me lembrar da outra noite, e meu coração sangrou pelas palavras de Eric. Ele não me considerava uma Raffaelo legítima? Nunca imaginei as coisas dessa maneira, mas não poderia parar de pensar.

Estava caminhando lentamente pelo corredor quando vi algo que me deixou tensa e boquiaberta.

A porta da academia estava entreaberta, e Valeria estava com a mão por baixo do vestido claramente se tocando enquanto olhava meu marido. Meu sangue ferveu, e eu queria matá-la. Estava fraca, mas me recusava a me apoiar na parede, em vez disso, eu joguei a xícara na sua direção. Ela gritou e me olhou mortificada.

— Fora! Está demitida!

Eric saiu da academia vestindo só uma bermuda, sem cueca, claramente. Por um segundo, eu me perguntei se era ele, ou eu estava imaginando por causa das drogas, mas quando me olhou para saber se eu estava bem, tive a certeza de que era Eric.

— O que está acontecendo? — Eric perguntou, calmo, e eu pude ver que ele também estava com dor.

— Ela! — Apontei para Valeria. — Quero ela fora dessa casa agora!

Acho que minha pressão baixou, porque Eric me segurou bem a tempo quando eu desfaleci.

— O que você fez? — escutei Eric perguntar, mas tudo estava escuro, e meus ouvidos zumbiam.

A última coisa que vi antes do meu mundo ficar preto foi o olhar preocupado de Eric.

***

Escutei um apito ritmado, tentei abrir os olhos, mas eles pareciam colados. Tentei mais umas vezes até conseguir, mas a visão estava turva. O sono começou a me levar, e eu fechei os olhos; sentia uma mão na minha, mas não conseguia abrir para saber de quem seria.

***

Voltei a acordar, novamente meus olhos estavam turvos, mas podia ver que era dia. O vento sacodia as janelas e aos poucos consegui enxergar. Não entendia o que estava vendo de primeira, e precisei piscar várias vezes para focar. Vi duas crianças loirinhas, mais ou menos sete anos, brincando perto da janela. Os raios de sol iluminavam seus cabelos, e elas pareciam felizes. Não consegui as reconhecer, mas ainda assim sentia como se as conhecesse. Elas me olharam e sorriram. A menina tinha o mesmo sorriso de

Eric, aquele sorriso levado de canto de boca, o menino, por sua vez, parecia bastante comigo.

Pisquei algumas vezes, e outra pessoa entrou na minha visão. Meu pai, Dominic, que me olhava preocupado.

— Pai? — murmurei, e minha voz saiu rouca.

Antes que ele pudesse responder, a escuridão voltou, e eu entrei no mundo dos sonhos novamente.

***

Quando voltei a acordar, me senti um pouco mais forte. Vi que estava no fim da tarde. Quanto tempo eu dormira? Meu corpo inteiro protestava de dor, parecia que um caminhão tinha passado por cima de mim. Vi que tinha soro em minha veia, e minha garganta estava seca quando tentei falar.

A porta do meu quarto se abriu, e eu me surpreendi ao ver meu pai ali. Ele tinha olheiras profundas, e seus cabelos estavam bagunçados. Nunca vi meu pai menos do que apresentável, e isso me assustou.

— Pai. — Limpei a garganta, e ele se aproximou, colocando um copo de água com um canudo de metal para mim.

— Devagar para não vomitar.

Eu segui sua ordem e, depois de beber, me senti um pouco melhor.

— Cadê as crianças? — perguntei.

Ele franziu a testa.

— Que crianças? — Ele ficou me olhando por um momento, tentando entender. — Deve ter sido uma alucinação.

— Está tudo bem?

Ele franziu a testa.

— Eu que deveria perguntar isso, Valentina. O que deu na sua cabeça de se drogar e se meter em uma briga?

Eu me sentia tão envergonhada, não conseguia nem olhar em seus olhos.

— Como você ficou sabendo?

— Aldo, ele viu que você estava drogada e me ligou contando da briga e de tudo mais. Uma hora depois, eu estava pegando um voo para cá, e imagina a minha surpresa ao chegar e encontrar minha filha desmaiada sem responder a estímulos e completamente desidratada?! — Sua voz falhou um

pouco, e acabou comigo saber que havia causado essa dor a ele.

Funguei.

— Me desculpe. Eu só...

Ele respirou fundo, como se estivesse se controlando.

— Só o quê?

Não podia dizer que queria sentir como Eric quando estava maníaco, seria pegar pesado com o transtorno de alguém, aquilo era algo que não havia controle. Eu tinha controle, tinha escolhas, e escolhi me drogar, e agora deveria arcar com as consequências sem culpar ninguém.

— Mamãe veio? — mudei de assunto.

Ele ficou em silêncio um momento. Levantei o olhar, vendo que estava massageando as têmporas.

— Para falar a verdade, fiquei tão preocupado com você, que só avisei a ela que estava vindo e a deixei cuidar das coisas lá. Ela é mais calma e consegue manter o controle, eu, não, nessa situação.

Isso me deixou surpresa, e ele reparou. Meu pai sempre me leu como a palma da mão.

— Por que está surpresa, querida? Você é minha menininha. — Ele acariciou meu rosto, e as lágrimas começam a cair dos meus olhos sem que eu tivesse controle.

Papai me olhou, assustado.

— Está sentindo dor?

Eu segurei sua mão e chorei mais.

— Você me ama?

Ele arregalou os olhos.

— Acho que vou chamar um médico, você não está normal, querida. É claro que te amo, você é a minha primogênita, você foi a minha segunda paixão. Assim que a vi, sabia que era minha filhinha.

Eu funguei.

— Também te amo muito, papai.

A porta se abriu, mas eu não olhei. Sabia que era ele.

— Por que pergunta isso, querida? — papai perguntou, sua voz saindo fria. Não precisava levantar a cabeça para saber que ele estava olhando para Eric.

— Eu falei merda ontem — meu marido assumiu. — Disse umas coisas sem pensar.

— E o que disse? — papai perguntou friamente.

Eu apertei sua mão.

— Deixa pra lá, não vale a pena. Ambos estávamos bêbados... e drogados.

Não iria aliviar o que Eric tinha dito, mas quem teria de resolver isso era eu. Nisso Eric tinha razão, era um assunto nosso, e eu acertaria as coisas da minha maneira.

— Eu perguntei o que você disse.

— Melhor deixar os dois resolverem isso — escutei Ivan falar. Quando levantei a cabeça, vi que ele estava segurando o ombro de Eric com força, em uma ordem silenciosa para ficar quieto.

— Eu dei a entender que ela não é uma Raffaelo legítima. Mas eu não acho...

— Você disse isso para a minha primogênita? — Eu me arrepiei pela frieza que vi em seu olhar quando ele complementou.: — Valentina poderia ser a futura capo se quisesse, o trono é dela por direito, mas minha menina escolheu um moleque em vez... — Papai cuspiu.

— Papai...

Ele me olhou.

— É verdade, inclusive isso foi palco de diversas brigas com sua mãe. Ela queria que você fosse feliz casada com ele. — Papai apontou com o queixo. — E eu queria que você assumisse a *famiglia*. Você sempre mostrou liderança, é inteligente, centrada... Não entendo onde foi parar essa menina.

— Eu não sou perfeita — murmurei, derrotada.

— Sinceramente, teve uma hora que eu tive esperança de você não se contaminar com a escuridão dele, mas vejo que isso já aconteceu. — Ele beijou minha testa. — Vou para um hotel, e mais tarde passo aqui para te buscar para jantarmos.

Ele se levantou e saiu sem falar com ninguém.

— Valentina — Eric disse se sentando onde papai estava e tentou pegar a minha mão, mas eu a afastei.

— Não quero conversar agora — murmurei, sem o olhar nos olhos.

Depois que fui deixada sozinha, não demorou nem dez minutos, e eu comecei a ouvir som de coisas sendo quebradas e gritos ensurdecedores. Eu me arrepiei e tentei tampar os ouvidos com o travesseiro. A antiga Valentina correria até ele e tentaria acalmá-lo, mas essa, como meu pai disse, estava

contaminada pela escuridão. Mesmo me odiando, parte de mim gostou de ver Eric destruindo as coisas à sua volta, porque assim mostrava que eu não era a única quebrada.

Eu me mantive quieta até que os sons pararam por completo, não tinha ideia de qual cômodo ele havia destruído, e nem queria saber. Mais tarde, quando vi que o soro em minhas veias tinha acabado, retirei com cuidado a agulha da veia e me levantei, sentindo uma leve tontura.

Fui até o banheiro e vi olheiras gigantes, meus lábios rachados e ressecados. Decidi tomar banho de banheira, por medo de cair no chão.

— Precisa de ajuda?

Não abri os olhos para ver Eric. Estava tão dentro de meus pensamentos, que nem senti sua presença.

— Não, obrigada. Só quero ficar sozinha.

Levantei o olhar para ele e vi quando assentiu.

— Tá bom, só vim buscar uma coisa aqui.

Ele foi até nossa pia, abriu uma das gavetas e tirou uma caixinha porta-pílulas que nunca havia reparado.

— O que é isso? — perguntei quando vi que ele sairia do banheiro sem falar nada.

— Minha medicação.

Eu levantei uma sobrancelha, surpresa. Eric sempre foi tão contra medicação, que eu nem tocava no assunto para não se sentir pressionado.

— Por quê?

— Porque preciso. — Ele ainda parecia estar instável, mas algo o segurou para não haver uma destruição maior e ele precisar ser dopado.

— Eric, você sabe que não pode fazer mais isso. Drogas e bebidas são totalmente prejudiciais se você estiver medicado. Por favor.

Ele acenou uma vez e saiu do banheiro, e eu respirei um pouco antes de sair da banheira. Eu me arrumei, sabendo que todos na cidade já sabiam do papelão que fiz. A única coisa que poderia fazer era tentar fingir que tinha minha dignidade intacta.

Depois de ter colocado um vestido, por causa do calor, fiz uma maquiagem tampando as minhas olheiras; até tentei deixar meu cabelo mais apresentável. Depois de pronta, liguei para papai, que veio me buscar. Encontrei Eric na sala, com a cabeça apoiada nas mãos. Seus irmãos estavam vendo algum filme, mas, ao me verem, levantaram de seus lugares.

— Está melhor, Val? — Sophia perguntou depois de me abraçar.

— Sim, estou.

— Nunca mais você se droga, né? — Heiko brincou e recebeu um soquinho de leve de mim.

Do lado de fora, escutei uma buzina e sabia que era meu pai.

— Já vou indo.

Saí e encontrei papai me esperando. Ao lado dele, estavam Kai e Thomas, meus seguranças. Eu os abracei sem me importar com etiquetas, era tão bom ter essa normalidade, me fez sentir como se as coisas ainda fossem como antes.

— Tão bom ver vocês.

— Você também, menina — Kai disse fazendo carinho na minha cabeça. Thomas piscou para mim.

— Tente não aprontar mais, por favor. Não sei se os seguranças daqui são bons como nós.

Entramos no carro, e quando chegamos ao centro da cidade, vi que estava cheio de gente, principalmente jovens, já que as férias estavam terminando.

— E Dante, quando volta? — perguntei quando nos sentamos em um restaurante.

— Só dois dias antes do retorno das aulas.

— E Dimi, está aproveitando as férias?

Papai negou.

— Eu o coloquei para trabalhar com Aldo, e está sendo treinado como iniciado.

Meu estômago embrulhou, mas eu me senti um pouco mais tranquila por ter Aldo olhando-o.

— Ele vai para outro lugar?

Papai negou.

— Não é preciso, enquanto eu não me envolver em seu treinamento, não é preciso mudá-lo de lugar.

Fiz uma nota mental de depois ligar para Aldo. Papai fez o nosso pedido e escolheu uma sopa leve para mim, mas nem isso eu consegui comer direito. Não sentia fome.

— Você precisa comer pelo menos um pouco. Não saímos daqui até você se alimentar — papai declarou.

— Como quando eu era criança — brinquei.

— Vocês todos nunca deixaram de ser crianças aos meus olhos, Valentina.

Eu engoli um pouco de água.

— Sinto muito por te decepcionar, papai.

Ele segurou a minha mão.

— Você é jovem, faz besteiras. Eu já fiz, só não esperava isso de você. — Ele suspirou. — Acho que não estou preparado ainda para ver meus filhos grandes e cometendo erros. Quando for mãe, você vai entender.

Pensei na alucinação que tive com as crianças. Será que eu imaginei meus filhos? Por que não estava assustada com isso? Eu gostei de os ver e queria muito ser mãe, porém não achava que Eric e eu estivéssemos preparados para isso. Lembrei que precisava tomar a dose da injeção anticoncepcional urgentemente, já estava atrasada, e ela só durava três meses.

— Eu só queria entender o que ele sentia quando estava maníaco — confessei. — Nunca imaginei que haveria consequências. Você nunca foi assim, papai.

Ele colocou o queixo apoiado nas mãos.

— A minha bipolaridade é de grau leve, Valentina. Eric é diferente de mim, e eu não quero saber por telefone que minha filha se acidentou ou morreu por causa de um episódio. Acaba comigo estar tão longe de você e não poder fazer nada para te ajudar.

Engoli um caroço que se formava na minha garganta.

— Eu aprendi, papai. Juro que não faço mais.

Ele acenou, seus ombros caindo em alívio.

— Tudo bem, agora coma sua sopa.

Durante o jantar, liguei para mamãe e escutei sua fúria comigo a respeito das minhas ações. Eu repeti o juramento feito a meu pai e me desculpei com ela. Quando papai me deixou na porta da minha casa, eu quase implorei para me levar embora com ele, mas resisti. Eu não poderia fugir sempre que houvesse problemas.

Entrei em casa, secando os olhos, e me surpreendi com Eric ali. Não senti vontade de falar com ele, então murmurei um boa noite e subi para meu quarto. Peguei seu travesseiro e uma coberta e coloquei no sofá, só então me arrumei para dormir.

Eric entrou no quarto, mas parecia sem palavras. Suspirando, eu disse,

sem me virar para ele, tentando controlar a minha voz embargada:

— Eu prometi te amar na saúde e na doença, mas não se você for a minha doença.

Escutei a porta se fechar atrás de mim, mas não chorei dessa vez. Quando estava pegando no sono, senti a cama se afundar ao meu lado e um beijo quente na minha testa.

— Me perdoe. É difícil para mim. — Escutei Eric falar antes de se levantar e deixar o quarto.

Mesmo a temperatura sendo ambiente, não deixei de sentir frio a noite inteira, percebi que era falta do calor do corpo de Eric contra o meu. Haveria horas em que ele me machucaria enquanto estivesse maníaco, mas será que eu deveria relevar por causa do seu estado, ou o que ele poderia dizer era o que pensava, mas só quando estava maníaco seria capaz de dizer? Eu amava todas as suas partes, mas eu também as odiava. Um mundo de mentira era muito mais colorido que um de verdade.

CAPÍTULO 23

Não diga que é profano
Se eu te deixar me abraçar
Eu sei que é errado querer estar aí
em seus braços
Mas essa noite estou tão solitária
Unholy – Hey Violet

VALENTINA

As coisas estavam difíceis, não conseguia conversar com Eric a respeito de tudo que acontecera. Tudo que eu fazia era dormir. Sophia tinha vindo me fazer companhia, víamos filmes, e até Catherina veio e fingiu folhear uma revista enquanto me olhava Ambas estavam preocupadas comigo. O médico me examinou e disse que era normal me sentir para baixo e só querer dormir, era uma das consequências do Ecstasy. Jurei a mim mesma que nunca mais faria uma burrice daquelas. Já fazia duas semanas que eu estava para baixo, e não tive animação para fazer nada.

Eu me preocupava com Eric, porque se eu me drogando só uma vez, fiquei assim, e ele, que além das drogas, ainda tinha o problema da bipolaridade? Eric tinha me chamado para almoçar com ele, mas recusei, preferindo voltar a dormir. Não me sentia bem perto dele. Suas palavras voltavam para mim como flechas, apunhalando meu coração; e no fundo eu sabia que só o tempo poderia diminuir essa sensação.

— Valentina — ele me chamou. Eu estava deitada na cama, fingindo assistir a um filme no notebook. — Eu preciso sair uns dias para o trabalho, mas não vou demorar, não, tá?

Eu só acenei e vi que ele estava se esforçando, mas ainda assim doía olhar para ele e lembrar o que pensava de mim. Horas depois que ele saiu, eu ainda não tinha conseguido dormir. Era engraçado porque, quando saía da cama, o sono vinha forte, mas quando estava nela, não conseguia dormir.

Eu me levantei e nem fiz questão de vestir um robe, fiquei só com a minha camisola. Eu tinha visto leite na geladeira mais cedo, então não precisaria descer as escadas para pegar na cozinha principal. Saí do quarto

esfregando os olhos, pensando que, pelo menos, estava limpa, consegui me levantar para tomar um banho mais cedo.

Esbarrei em alguém e quase caí; demorei um pouco para identificar a pessoa à minha frente.

— Cuidado, duquesa.

Não, era só o que me faltava. Levantei a cabeça, vendo Petrus. Ele estava com os cabelos arrumados com gel, alinhados com um topete, e vestia roupas pretas em vez do terno que os guardas normalmente usavam.

— O que está fazendo aqui? — Achei que a pergunta saiu um pouco mais grossa do que eu gostaria.

Tentei me afastar, mas ele deu um aperto em minha cintura antes de me deixar ir.

— Estou trabalhando — ele respondeu com simplicidade, mas seu olhar divertido me deixou furiosa.

— Não, estou dizendo aqui, neste andar.

Ele então deu um sorriso aberto.

— Estou de olho em você, parece que não está tão certa das ideias.

Eu ofeguei.

— Eu não estou maluca!

Empurrei-o e caminhei para a cozinha sem acreditar naquilo. Eu me virei, batendo nele novamente.

— Quem disse que eu estou maluca?!

Ele levantou as mãos em rendimento.

— Ninguém, eu juro. Mas você também não vai olhar para mim e dizer que está no estado normal, não é mesmo?

Eu desviei o olhar, com vergonha da situação em que me enfiei. Ele então me surpreendeu, segurando meu queixo com delicadeza, me fazendo olhá-lo.

— Não há nada de errado com você, mas você está deprimida. Acredito que você não estava preparada como pensava para seu casamento.

— Eu estou bem — resmunguei, dando a volta e entrando na cozinha. Cacei o leite na geladeira, levando mais tempo do que o normal para achar.

— Não está, mas vai ficar.

Liguei o fogo e vi que ele estava sentado à bancada, me olhando. Eu me sentia estranha sendo observada.

— Você quer um pouco? — levantei o leite.

— Não, eu sou intolerante à lactose, mas aceito um café. — Ao ver meu olhar, ele riu. — Você parece surpresa, nunca conheceu alguém com intolerância?

Eu rapidamente tentei fingir normalidade.

— Conheço, só não esperava que você tivesse. — Então uma pergunta me veio. — E o que acontece se você tomar?

Ele jogou a cabeça para trás, rindo, e eu não pude deixar de admirar sua beleza.

— Dor de barriga, diarreia e tudo que tem direito. Não é bonito.

Forcei um sorriso.

— Então vou fazer seu café.

— Puro e sem açúcar.

Enquanto a água fervia, eu esperei um pouco para preparar meu leite. Ele limpou a garganta, e eu o olhei.

— Você vai sair dessa fase deprimida, mas deve se forçar a fazer alguma atividade. Você só se drogou uma vez, os efeitos já deviam ter passado durante essas duas semanas. É seu emocional que está fraco, Valentina.

— Sabe, é a primeira vez que você me chama de Valentina em vez de duquesa — brinquei, querendo mudar de assunto. A água ferveu, e eu passei o café.

Aqueci meu leite, coloquei um pouco de mel e umas gotas de essência de baunilha, e estava pronto. Eu me encostei na sua frente, vendo-o beber o café preto sem açúcar. Eric odiava o café assim, gostava do dele com uma colher de açúcar e leite.

Petrus tomou o café lentamente, sem tirar o olhar de mim, e eu me arrependi de não ter colocado um robe.

— Eu vou cuidar de você — ele disse de repente, e eu engasguei. — Fazer o que, se seu marido não o faz?

Segurei o mármore da bancada com força.

— Você não tem direito de falar dele.

Ele deu de ombros.

— Só sei o que estou vendo. Eu estou aqui, e ele, não.

Eu me senti incomodada pela forma com que ele via Eric.

— Ele é uma boa pessoa. Eu o amo. — Senti necessidade de afirmar isso em voz alta e logo em seguida me arrependi. Não tinha necessidade de

provar nada a Petrus.

Ele acenou.

— Eu sei que você o ama, mas isso não apaga seus defeitos.

Nós ficamos quietos enquanto tomávamos nossas bebidas, até Petrus romper o silêncio.

— Sabe que você fica gostosa demais nessa camisola, mas tenho certeza de que ficaria ainda mais nua.

Minhas bochechas coraram, e eu quase engasguei com o leite.

— Petrus, estou falando sério. Você precisa parar com isso.

Ele deu de ombros, com um sorriso maroto no rosto.

— Você demitiu Valéria, não posso controlar meu tesão... E você, querida, me traz muito tesão.

Eu terminei o leite e me virei para a pia, levando meu tempo para lavar a xícara. Pulei quando suas mãos foram para a minha cintura, seu corpo pressionado ao meu me fez sentir o que eu não sentia há séculos: excitação.

— Você está tensa, acho que sabe do que precisa.

Ele colocou meu cabelo para o lado e beijou meu pescoço, um beijo singelo, mas que fez os dedos dos meus pés se contorcerem.

— Não vou fazer nada com você — anunciei, mas não me afastei.

— Sei que não, pelo menos não por agora. — Ele cheirou meus cabelos antes de se afastar, então eu suspirei, aliviada.

Eu me virei para ele, mas seu olhar intenso me parou.

— Não vou te fazer trair seu marido quando você está frágil emocionalmente. — Ele acendeu um cigarro e soprou a fumaça, nunca na vida achei que uma ação como essa poderia ser sexy. — Mas nós dois sabemos a química que temos, e quando você estiver bem, pode ter certeza de que eu não medirei forças para ter você.

Petrus se aproximou de mim, e eu me afastei, encostando na pia. Ele tirou o cigarro dos lábios e soprou no meu rosto.

— Agora vá para o quarto e se toque, porque eu posso sentir o cheiro da sua excitação daqui.

Minhas bochechas coraram. Ele não deixou escolha a não ser me encostar nele para passar. Assim que estava livre, não me contive e corri para o meu quarto como uma menininha assustada. Na verdade, eu não estava com medo, mas sim com tesão.

Eu me encostei na porta, tentando controlar minha respiração, e

quando deitei na cama, não consegui me controlar e fiz o que Petrus havia dito, mesmo sabendo que era errado e que eu poderia arruinar meu casamento.

***

A porta do meu quarto foi escancarada pela manhã. Eu quase não tinha dormido à noite, porque me sentia culpada pelo o que havia feito, só consegui pegar no sono quando já era começo da manhã. Escondi minha cabeça debaixo do travesseiro e joguei a coberta por cima.

— Nem pensar — alguém resmungou e pulou em cima da cama.

Eu reconheci o corpo duro de Eric, e quando o travesseiro foi tirado de mim, eu vi cabelos loiros.

— Não, Eric — resmunguei.

— Não é Eric! — Petrus reclamou, puxou minha coberta e se levantou. — Vá se vestir para malhar.

Levantei a cabeça do travesseiro e o olhei. Ele estava pronto para a ação, com roupas de academia.

— Não quero.

— Não perguntei, vá se vestir.

Eu me levantei a contragosto. Caminhei para o banheiro, pensando que, assim que ele saísse do quarto, eu ia trancar a porta e voltar a dormir. Quando já estava chegando perto da porta, ele me puxou pelo braço.

— O quê? — Nem consegui terminar de falar porque Petrus me cortou:

— Nem pense que escapará disso, você vai treinar. Aumentar a endorfina... — Ele fez uma pausa e pegou a minha mão direita. Eu me lembrava do que tinha feito à noite, e tentei sair de seu aperto. Todavia Petrus era mais forte, assim levou a minha mão ao nariz, cheirando profundamente, para a minha mortificação. — Na próxima vez, não serão seus dedos.

Ele se afastou.

— Você tem cinco minutos para ficar pronta. — Seu olhar não deixou espaço para contestação.

Dentro do banheiro, depois de jogar uma água no corpo e escovar os dentes, eu pensei no que fazer. Eu deveria falar com Ivan, mas estava tão mortificada pelo que tinha feito... Não queria que Petrus sofresse qualquer

repreensão, mas também não poderia ter um homem perto de mim que me atraía e que não era meu marido.

Coloquei uma camisa larga e calças de ginástica, não era algo sensual, pois não queria dar a impressão errada. Decidi abrir o jogo com Petrus e dizer claramente que não havia qualquer chance de rolar algo entre nós. Depois de pronta, abri a porta do quarto, e ele estendeu um copo com um conteúdo verde para mim e um prato com um sanduíche.

— Suco detox pra terminar de te limpar.

— Idiota — resmunguei, mas aceitei.

Nós fomos até a academia, e depois de me aquecer, subi na esteira. Petrus ligou o som e colocou para tocar as músicas em alta no momento do mundo. Várias músicas diferentes tocaram, e quando dei por mim, já estava na esteira por trinta minutos. Por incrível que possa parecer, a vontade de cair na cama desapareceu.

— Vamos fazer um pouco de *cardio*?

Ele me jogou uma corda, e eu aceitei; Petrus me observava pulando.

— Vai ficar só olhando? — indaguei.

— Só surpreso que você seja tão delicada, juro que quando você corria na esteira, parecia voar.

Eu rolei os olhos, perdendo um pouco o ritmo das cordas.

— Faço balé, é claro que sou delicada.

Deixei a corda cair no chão, e Petrus me estendeu uma garrafa de água. Bebi, degustando a sensação gelada e refrescante.

— Acabou de tomar? — ele perguntou, sem tirar os olhos dos meus lábios.

Devia estar com pressa para me colocar em outro exercício. Acenei, e ele pegou a garrafa da minha mão, fazendo questão de colocar a boca exatamente onde bebi. Era um gesto íntimo, mas inocente.

— Petrus, não vou fazer isso, não vou trair meu marido. Eu amo Eric e sempre será ele. Sempre.

Vi como ele apertou a garrafa em sua mão, e fiquei surpresa por não quebrar.

— Acho melhor você ir nadar com Sophia, nadar também ajuda. — E sem dizer mais nada, ele me deixou na sala sozinha. Não queria ter sido grossa, mas precisava cortar sua ousadia antes que virasse uma bola de neve.

Depois de um banho, fui até o quarto de Sophia. Tomei um susto ao

vê-la chorando e se olhando no espelho. Nós não tínhamos voltado a tocar no assunto dos seus prováveis noivos, Eric havia dito somente para eu confiar nele quando comentei sobre o assunto. Vendo-a daquele modo, fiquei com uma sensação horrível. Será que eu poderia ter feito mais?

— Sophia, o que houve?

Ela me olhou, assustada, enquanto secava apressada as lágrimas. Não havia suspiros, soluços causados pelo choro, então eu percebi algo.

— Você está fingindo chorar?

Quando ela aparentou estar sem graça, eu tive a resposta. Não sabia como reagir àquilo. Com calma, me sentei na sua cama.

— Por que você está fazendo isso?

Ela secou rapidamente os olhos.

— Eu estava só lembrando de umas coisas tristes, e tem uma peça em que estão aceitando pessoas e pensei em tentar. — Ela mentia com facilidade, mas nada iria apagar o que eu vira.

O que ela está armando?

— Tudo bem, só queria saber se você quer nadar um pouco comigo. Não quero mais ficar de cama.

Ela abriu um sorriso sincero.

— Eric vai ficar tão feliz quando voltar.

Rapidamente nós nos trocamos e fomos para a piscina. Depois de apostar corrida, nós relaxamos na água. Sophia não comentou sobre o que vi, e eu decidi não contestar, não poderia julgá-la.

— Então, como estão as coisas sobre seu casamento? Seu pai já tem alguém em mente?

Ela sorriu tristemente.

— Alguns, porém eu ainda tenho como me livrar disso por mais um tempo.

Acenei, sabendo que a vida dentro da máfia não era fácil, Eric e eu tivemos muita sorte, e eu era extremamente grata por isso.

— Espero que você consiga e que se apaixone, Soph.

Ela sorriu e tomou um gole do suco que Fritz havia trazido. Não perdi o olhar de repreensão que ele me mandou. *Ele sabe o que eu fiz, ou melhor, o que eu quase fiz?*

— Sabe, o aniversário de Eric está próximo, já sabem o que vão fazer?

— Nenhuma ideia, ainda estamos um pouco distantes, e espero fazer as pazes quando ele voltar, então vamos ver. Catherina provavelmente gostaria de uma festa, né?

A ideia não me parecia tão apetitosa, gostaria de passar uns dias a sós com Eric. De preferência, em um lugar que pudéssemos usar poucas roupas.

— Mamãe ama festas.

Nós olhamos uma para a outra e começamos a rir muito, lembrando do que fiz na outra festa.

Nos dois dias seguintes, choveu muito, e eu aproveitei o tempo ficando dentro de casa, ou jogando xadrez com Ivan, vendo filme ou me aventurando na cozinha com Heiko e Sophia.

No começo da tarde seguinte, decidi dançar um pouco sozinha, mesmo quando a minha vontade era me deitar na cama. Entretanto não ia mais viver assim, eu precisava reagir. No começo da noite, aproveitei que o tempo estava limpo, marquei de sair para beber com Hanna e Isa e convidei Sophia, que estava animada.

Fomos então ao bar do seu Gregório, as meninas adoraram o lugar. Seu Gregório fez questão de nos servir; contei que eu tomei Kölsch, a cerveja da Colônia, e ele bateu palmas, animado. Conversamos mais um pouco sobre amenidades, e eu me senti normal, como há muito não me sentia. As meninas e eu começamos a conversar enquanto bebíamos, curtindo nosso momento.

Então o assunto foi para sexo anal.

— Meu marido adora — Hanna disse, se abanando. — Mas só faço em ocasiões especiais ou quando quero algo.

Nós rimos.

— Eu adoro! — Isa exclamou com as bochechas coradas, ela estava mais solta agora que estava bêbada. — O negócio é saber fazer para ser gostoso e não doer.

Sophia estava muito vermelha, ela não havia nem transado ainda e já estava escutando a gente falar sobre sexo anal. Ela se levantou.

— Vou ao banheiro rapidinho.

Aproveitei que ela saiu e olhei para as meninas.

— Coloquei um plug em mim duas vezes para fazer surpresa para Eric. O troço incomodou no começo, mas sabia que valeria a pena. — As meninas riram, e eu completei. — Mas nas duas vezes, deu errado, na última, a minha vontade era jogar o negócio na cabeça dele.

As meninas gritaram, rindo, e eu acabei rindo também. Lágrimas saíram dos meus olhos, imaginando qual seria a cara de Eric.

Sophia voltou, ela estava um pouco desconfortável e olhando em volta. Eu segurei sua mão quando ela se sentou.

— Está tudo bem?

— Sim, eu só... — Ela olhou em volta novamente. — Só achei que vi alguém me seguindo.

Eu franzi a testa. Aquele era um território protegido dos Hoffmanns, sem falar que nossos seguranças estavam ali. Primeiro pensei que ela poderia ter imaginado coisas, mas então descartei rapidamente. A boate que fomos também nos pertencia, e um homem da Bratva quase me sequestrou.

— Você quer ir embora? — Olhei em volta, procurando nossos seguranças.

— Não! — Sophia disse rapidamente. — Eu devo ter imaginado. Vamos nos divertir.

Ela pegou o copo que estava bebendo e virou, lambendo os lábios, e em seguida um arroto alto saiu, fazendo com que todas dessem risada. Continuamos a conversar e brincar umas com as outras. Nossos seguranças mantiveram a distância, mas mesmo com Sophia mais solta, várias vezes a vi olhando para algum lugar, pensativa. Queria tirar suas preocupações, mas não poderia ajudar se ela não me contasse tudo. Ela parecia ser uma caixinha de segredos.

No final da noite, fomos aconselhadas pelos seguranças a voltar para casa. Achei que eu estava muito bêbada para decidir que era hora de encerrar a noite sozinha. Por incrível que pareça, não dormi no caminho para casa, em vez disso, decidi refletir. Pensei em Petrus, sobre como ele me tratou com carinho, talvez por causa de suas segundas intenções, mas ainda assim ele me ajudou quando Eric preferiu se esconder. Não podia evitar sentir algum tipo de atração por ele. Sua aparência era o que mais me chamava atenção, mas a partir daquele momento comecei a reparar em suas qualidades, e isso era perigoso demais.

Cheguei em casa e me encostei na porta da cozinha, com os saltos na mão observando Petrus tomando seu café horrível enquanto olhava para a janela. Ele estava, como de costume, com roupas pretas, os cabelos loiros, minimamente arrumados.

— Se continuar a me olhar assim, eu não me responsabilizarei por

meus atos.

Não me importei, continuei a olhar suas costas musculosas, então desci o olhar para sua bunda. Não costumava reparar em bunda de homens, mas a dele era muito bonita dentro das calças. Quando se virou, eu continuei olhando naquela direção, diretamente para a sua ereção.

— Se continuar mordendo o lábio com essa cara de safada, as coisas vão ficar *duras* para você.

Lembrei que Eric sempre falava da minha cara de safada, mas joguei esse pensamento longe. Quem estava ali nesse momento era Petrus, e eu precisava entender isso.

— Acho que as coisas já estão bem duras. — Olhei diretamente para o volume na calça.

— Não faça algo que vai se arrepender amanhã, duquesa.

Ele se aproximou, como uma fera pronta para atacar a sua vítima, mas eu não estava nem um pouco com medo. Eu me sentia ousada e levantei meu vestido até que ele visse minha calcinha rosa.

— Aposto que é rosa — ele murmurou, com a voz rouca. Seus olhos intensos encontraram os meus, estavam escuros de desejo.

Ele não estava se referindo à calcinha.

— Por que não descobre?

Ele só parou quando seu corpo estava colado ao meu. Uma mão quente acariciou minha bochecha.

— Você vai se arrepender amanhã, duquesa.

Eu fiquei na ponta do pé e mordi seu lábio.

— Nem me lembrarei de você amanhã.

Quando estava bem perto dele, senti um cheiro estranho, adocicado. Aproximei do seu pescoço e cheirei, confirmando minhas suspeitas.

— Isso é perfume de mulher? — perguntei, minha voz soando calma demais. Naquele momento, fiquei sóbria.

Ele ficou parado por um momento e suspirou.

— Duquesa, eu gosto do nosso jogo, mas eu sou homem, e tenho necessidades. Eu gosto de foder, e você não vai fazer isso, não vai trair seu amado Eric.

Eu o empurrei.

— Quem você fodeu?

Ele passou a mão pelos cabelos, exatamente como Eric fazia, e isso

fez meu peito apertar.

— Catherina teve um café da tarde com uma amiga. Ela me deu mole, e eu fui. — Ele suspirou. — Eu não a fodi, ela só chupou meu pau. Ela é casada com um subchefe, não vou fazer merda.

— Antes você ficava só com a Valeria, né?

— Sim, ela era fácil, e eu não precisava abandonar meus turnos. Tenho longos horários de trabalho, mal saio da mansão quando meu turno é aqui, então é difícil arranjar mulheres, e eu não gosto de pagar prostitutas.

Ficamos em silêncio, um olhando para o outro.

— Nosso jogo tem que acabar, duquesa, a não ser que você queira isso.

O mundo parecia estar em minhas mãos, mas não de uma maneira boa. A mensagem estava clara: *ou fica comigo, ou fico com outras.*

— Eu amo Eric.

Ele acenou.

— Eu sei que sim, mas sente desejo por mim. Ele não precisa saber.

Continuei quieta, minha cabeça a mil, dando voltas. Ele suspirou.

— Vou entender isso como um não, então.

Ele começou a se afastar.

— Espera.

Eu era egoísta demais, não queria Petrus com outras mulheres. Queria os dois para mim.

— O quê?

Em vez de responder, eu colei meu corpo no dele e tomei seus lábios em um beijo intenso, que demonstrava meu desejo, meus medos, meu controle indo embora. Ele retribuiu da mesma forma. Sua mão foi para a minha coxa, a segurando com força enquanto roçava sua ereção contra minha intimidade, me arrancando gemidos.

Ele então se afastou.

— Boa noite, Valentina.

Minha boca se abriu.

— Você vai me deixar assim?

Ele sorriu.

— Não vou te pegar até você estar sóbria.

Bati o pé no chão, puta da vida. Ele riu e voltou a se aproximar.

— Mas vou te dar um gostinho do que está por vir.

Ele se ajoelhou na minha frente. Tocou meu osso púbico e, usando os dentes, desceu a minha calcinha antes de deixá-la cair no chão. Então uma das minhas pernas estava apoiada em seu ombro. Ele ainda estava olhando para mim quando sua língua passou por toda minha intimidade, até encontrar meu clitóris.

— Deliciosa — ele murmurou com veemência e afastou um pouco o rosto para me olhar. Petrus tinha um sorriso malicioso. — E rosinha.

Em vez de mandá-lo calar a boca, eu empurrei sua cabeça entre minhas pernas e desfrutei. Estava gostoso, mas não pude deixar de reparar em como Eric fazia. Eric conhecia todas as partes do meu corpo, algumas até melhor do que eu. Ele sabia todos os meus pontos, sabia me deixar completamente louca. Petrus levou o tempo dele aprendendo sobre meu corpo, era diferente, mas delicioso.

Puxei seus cabelos enquanto montava em seu rosto, ele soltou a minha perna, e eu caí na sua frente.

— Boa noite, duquesa.

— Não! — grunhi, o segurando.

Ele me deixou abrir seu zíper e colocar sua ereção para fora. Eu o olhei seriamente.

— Você vai me pegar agora!

Ele deu aquele sorriso, tão parecido com o de Eric, o que doeu meu coração.

— Já que insiste.

Ele entrou em mim, e eu suspirei, me segurando em Petrus enquanto aproveitava a sensação alucinante. Minhas unhas arranharam seus braços com tanta força, que senti o sangue saindo, mas ele não reclamou, em vez disso só investiu com mais força e gana. Meu corpo quase caiu quando um orgasmo intenso veio, de modo que Petrus precisou me segurar. Seu gemido rouco arrepiou todo meu corpo.

Ele beijou o canto do meu lábio antes de se afastar, fechar o zíper e me deixar ali. Nunca o errado foi tão gostoso.

CAPÍTULO 24

Eu tentei tanto e cheguei tão longe
Mas no fim, isso não tem mais importância
Eu tive de cair, de perder tudo
Mas no fim isso não tem mais importância
In The End – Linkin Park

ERIC

Estar de volta era estranho. Sabia que as coisas não seriam as mesmas, eu ferrei tudo com Valentina. Imaginei que ficar fora a acalmaria, mas me senti péssimo por deixá-la sozinha quando mais precisava. Ao ver o rosto surpreso dela quando entrei no quarto, fiquei aterrorizado. Será que eu tinha errado ainda mais por ter me afastado?

Ela levantou o olhar do livro e me olhou por um momento, como se tentasse descobrir em qual estado de humor eu estava. Eu me sentia como eu mesmo, estava tomando a medicação, e antes de vir aqui, passei no psiquiatra. Depois de conversar, fiquei um pouco mais tranquilo, mais seguro, porém, quando ele veio com papo de hipnose, eu fugi. Não o queria dentro da minha cabeça, ele já tinha o suficiente.

“Eric, você precisa se abrir, falar sobre seus sentimentos, medos e anseios com sua parceira. Deixar as coisas claras, só assim você terá uma direção limpa de como prosseguir. Vocês são jovens e apaixonados, têm a vida toda pela frente, mas para isso precisam de um relacionamento sólido, que não caia com a primeira ventania.”

Parei no centro da sala, coloquei as mãos no bolso, a olhando.

— Você pode conversar agora? — perguntei.

Valentina fechou o livro e se ajeitou na cadeira, e eu tomei isso como um sim e me sentei na ponta da cama, com as mãos apoiando a cabeça. Levei meu tempo tentando articular meus pensamentos.

— Eu sinto muito — falamos em uníssono.

— Eu realmente sinto muito. Sinto pelas drogas, eu deveria ter te protegido, não te dado nada. — Olhei para seus olhos. — Não penso aquilo de você, você é filha de seus pais e muito amada. Todos vemos isso. Eu só queria te magoar... — Ver lágrimas nos seus olhos acabou comigo. — Ver

que você tinha uma vida antes de mim, ver que se eu não fosse o suficiente, você teria opções, como Minotauro, por exemplo. Eu nunca serei o suficiente para você, eu sei disso, mas ainda não aceitei.

— Eric. — Ela suspirou, colocando uma mecha dos cabelos atrás da orelha. Valentina estava tão bonita, o sol refletia seus cabelos, e sua pele parecia brilhar. — Você precisa entender que eu sou sua e sempre serei, não dá mais para usar essa desculpa, não dá.

— Eu sei, me perdoe. Eu vou ser melhor, eu juro.

Ela assentiu com calma, mas não encontrou meus olhos.

— Eu também preciso me desculpar. — Ela engoliu em seco, e algo dentro de mim pareceu borbulhar.

— Não diga nada — falei, apressado. — Não importa, vamos olhar para frente a partir de agora.

Não importava o que ela pudesse ter feito enquanto estávamos separados, fosse o que fosse, a culpa tinha sido minha, e essa seria mais uma marca de como fui fraco. Eu me levantei e caminhei até ela, só para me ajoelhar à sua frente e segurar suas mãos na minha.

— Chega de pedras no nosso caminho, vamos fazer esse casamento funcionar. Valentina Raffaelo, você aceita ser minha mulher?

Ela finalmente levantou os olhos marejados para mim. Valentina ria entre as lágrimas.

— Sempre aceitarei. Sempre será você.

Ela beijou meus lábios, e só assim encontrei a paz.

***

As coisas não eram simples assim, não seria um pedido de desculpas que faria as coisas voltarem ao normal. Seria gradual, como o psiquiatra havia me avisado. Depois da conversa e de um abraço demorado, eu a deixei sozinha e fui conversar com meu pai sobre a minha estadia fora. Avisei a ele que não iria mais sair assim, e ele somente sorriu. Depois dali, encontrei Catherina no corredor e lhe pedi desculpas pela maneira que a tratei.

— Tudo bem, querido. Mães como eu sabem do amor e aceitam ser o para-raios se isso significar que vocês estarão salvos e em casa no fim do dia. — Ela acariciou meu rosto. Em toda a sua vida, ela nunca fez Heiko e eu nos sentirmos bastardos, sempre nos amou como uma mãe.

Perceber isso só fez com que eu me sentisse pior pelo o que falei de Valentina. Tínhamos casos parecidos, e eu joguei na cara dela algo que eu nem pensava, mas que ainda assim teve um significado forte e consequências. Nunca me perdoaria pelo que fiz, o perigo em que a coloquei. Valentina poderia morrer com as drogas, poderia ser ferida gravemente na briga ou até mesmo no carro, eu não deveria dirigir estando alto com ela, nunca. Ter Valentina desmaiada em meus braços foi só o resquício do que eu sentiria se algo acontecesse a ela, e só isso para mim foi devastador. Eu não estava brincando quando disse que não viveria em um mundo em que ela não existisse.

No começo da tarde, o clima mudou, e começou a cair um temporal lá fora. Levei cobertores e travesseiros para a varanda, e depois de fazer duas canecas de chocolate quente com marshmellows, que Valentina amava, eu fui até o quarto a chamar.

— Quer passar um tempo comigo? — Se ela dissesse não, eu rapidamente limparia tudo lá fora, para que ela não visse e se sentisse culpada.

— Claro. — Valentina se levantou. Estava usando um largo moletom meu, de cabelos presos em um coque, que mais parecia um ninho de passarinho. Não havia uma gota de maquiagem em sua pele, mas Valentina nunca esteve tão bonita.

Eu a levei até a varanda, e ela me deu um largo e satisfeito sorriso.

— Eu amei — disse quando se sentou confortavelmente no sofá, encostada em mim, com uma coberta no cobrindo enquanto olhávamos a chuva que molhava todo o jardim e tomávamos o chocolate quente.

Começamos a conversar sobre trivialidades, e ali eu me senti o cara mais sortudo do mundo. Nós costumávamos conversar por horas a fio, e eu estava feliz que isso não tinha mudado. Com tantas coisas contra mim, eu consegui encontrar o amor, e não só isso, uma mulher que era parceira, que estava sempre comigo, mas que também não passava a mão na minha cabeça e me inspirava a ser melhor, para mim, mas principalmente para ela.

— Logo começa o Oktoberfest — comentei, aquele seria o lugar que testaríamos nossa mudança. Era a maior festa da cerveja do mundo, sempre quis que Valentina viesse, mas seus pais eram muito rígidos sobre esse evento.

— Meus pais vão pirar — ela disse, parecendo ler meus pensamentos.

— Lembra do que eles falavam?

— Se sóbrios já causam problemas, não quero nem imaginar bêbados no meio de uma multidão — dissemos em uníssono e sorrimos um para o outro.

Valentina sorriu, atrevida.

— Vou me vestir a caráter com certeza.

Minhas sobrancelhas se levantaram.

— Roupas típicas?

Valentina lambeu os lábios inocentemente.

— Pode apostar, e você vai também.

— Não me visto com roupas típicas desde quando eu era uma criança e Catherina fazia questão.

Valentina riu.

— Mas antes de irmos ao Oktoberfest, precisamos falar sobre seu aniversário. O que vamos fazer para comemorar?

Parei para pensar um pouco.

— Acho que prefiro ficar sozinho contigo em algum lugar, mas só se você quiser — completei rapidamente para ela não se sentir pressionada.

— Claro que eu quero, tinha pensado o mesmo.

Beijei seus lábios doces antes de voltarmos ao silêncio, não um silêncio ruim ou desconfortável, mas um em que desfrutávamos da companhia um do outro.

— Nós vamos passar por isso, eu sei.

Valentina apertou minha mão e sorriu.

— Sempre seremos nós, Eric. Sempre.

No dia seguinte, comecei a planejar a nossa viagem, conversei com meu pai a respeito dos dias fora e afirmei que de forma alguma eu deixaria de viajar com minha esposa para comemorar nosso aniversário. Estava claro para todos ali a situação em que estávamos, eu precisava fazer Valentina feliz para que ela não me deixasse.

— Relacionamentos tem altos e baixos, filho.

— Não como o nosso, pai, eu sou uma bomba que explodiu. Preciso limpar a bagunça, recolher os destroços e reconstruir.

— Eu cuido da sua parte, faço o carregamento das drogas, recolho os pagamentos dos negócios protegidos e vou passar o olho pelos cassinos e

clubes — Heiko disse, meu irmão sempre me cobria.

Papai anotou os pontos e acenou.

— Tudo bem então, mas, Eric, você precisa dar as caras até o centro de treinamento e ensinar aos iniciados. Eles se espelham em você.

— Irei hoje.

Pouco depois, fui ao centro de treinamento sozinho, Valentina ficou em casa fazendo nossa mala; eu lhe disse que iríamos para um lugar mais quente. Estávamos no fim do verão, então aproveitaria ao máximo a temperatura mais elevada.

A maioria dos jovens iniciados estava treinando, eles pareciam mais fortes desde a última vez em que estive no local, e mais sérios. Isso era bom. Eles provavelmente já começaram a fazer missões, ajudar na segurança, aprender a fazer limpeza de corpos e cenas de crime. Passei um tempo os olhando, alguns estavam lutando no tatame ou malhando pesado, enquanto outros estava aprendendo a montar rapidamente uma arma.

Avistei Rider sentado em um canto, enfaixando as mãos para lutar. Seus olhos estavam negros, e seu lábio, inchado e cortado. As feridas pareciam ter uns dias, e quando ele se mexeu, pude ver o desconforto nas costelas, provavelmente fraturadas. Vê-lo assim, sendo intimidado e machucado pelos outros, fez algo dentro de mim, eu podia enxergar nele o antigo Eric, cheio de medos e incertezas, que só conseguiu se sair bem na iniciação porque dava medo nos outros pelos problemas psicológicos.

— Rider — eu o chamei, e ele rapidamente se levantou, tentando esconder a dor enquanto caminhava até mim. Quando parou na minha frente, eu o vi engolir em seco. — O que aconteceu com seu rosto?

Ele olhou para trás de mim por um segundo antes de me encarar.

— Nada, senhor.

— Você tem certeza disso? — Cruzei os braços.

Ele nem hesitou, assentindo.

— Sim, senhor.

Olhei em volta, vendo que alguns estavam com medo de que ele falasse, mas Rider fez um bom trabalho em não entregar ninguém.

— A partir de agora, as coisas mudaram. Vocês serão divididos em grupos de quatro, o que acontecer com um, todos pagam. Se um falhar, todos falham, se um morrer...

Eles ofegaram pelo meu aviso silencioso, os treinadores balançaram a

cabeça, de acordo comigo. Eram poucos que treinavam os garotos por igual, a maioria babava o ovo de quem era maior na cadeia, para que no futuro pudessem ganhar algo.

— Vocês... — Apontei para os quatro meninos que lutavam entre si, uns com quinze e outros com dezesseis. — São o grupo de Rider. Protejam-se.

Olhei para o menino à minha frente, tentando parecer calmo, mas seu olhar era perdido e sem esperança.

— Esse grupo trabalhará diretamente para mim — decidi. Seria uma merda os treinar, mas precisava ser feito. Eles provavelmente dificultariam ainda mais meu trabalho. Em seguida, me aproximei de Rider, falando baixo para que ninguém ouvisse: — Continue sendo forte, garoto.

Ele assentiu, parecendo mais aliviado, e gratidão brilhava em seus olhos, mas ele logo tentou esconder as emoções. Em pouco tempo, ele dominaria essa arte.

Quando voltei para casa, nossas malas estavam prontas, ou quase. Fui até o banheiro em busca dos meus remédios. Abri a gaveta e encontrei umas caixas, mas ainda faltava uma. Enquanto procurava, acabei achando algo que me surpreendeu. Precisava de um momento para descobrir o que era. Um plug anal pequeno. Por que Valentina comprou um plug anal? Nunca pensei que ela gostaria dessas coisas, tinha até vergonha de perguntar sobre e ela se sentir pressionada.

A porta se abriu, e eu não tive tempo para esconder a coisa na minha mão. Valentina, que estava falando algo, parou quando viu o plug na minha mão, suas bochechas coraram, mas ela não se acanhou.

— Que bom que achou, acho que devemos levar na viagem. Tem de procurar o lubrificante nessa gaveta, de jeito nenhum vou fazer sem.

Ela então se virou e saiu do quarto, me deixando ainda pasmo. Sem perder tempo, eu achei o lubrificante e notei que estava aberto e faltando um pouco. Ou ela brincou sozinha ou se preparou para mim e não conseguiu fazer por algum motivo.

Achei o remédio que faltava e saí do banheiro com as coisas. Coloquei dentro da minha mala e fui até Valentina, que ria na sala com Sophia sobre alguma coisa. Levei nossas malas, e ela sorriu para mim.

— Está pronta? — perguntei.

— Sempre. — Ela se levantou e se despediu de todos.

Meu pai não ficou feliz de viajarmos sozinhos, mas eu estava medicado e me sentia bem. Nós entramos no carro, e Valentina segurou minha mão.

— Estou ansiosa para nossa viagem.

— Eu também. — Dei um beijo em seu pescoço, e ela se aconchegou em mim.

CAPÍTULO 25

E eu me pergunto no que está pensando
E então você me diz que cometeu um erro bobo
Você começa a tremer, e sua voz começa a falhar
Você diz que aqueles cigarros no balcão não eram da sua amiga
Eram do meu camarada
E eu sinto a cor fugindo do meu rosto
***Be Alright* – Dean Lewis**

ERIC

Foram cinco horas e meia de voo até Santorini, na Grécia. Ficaríamos dois dias lá antes de irmos para Sicília, na Itália, onde comemoraríamos meu aniversário. Damien ofereceu sua casa, mesmo eu tendo dito que ficaríamos em um hotel. No mesmo dia, depois de ter falado com Damien, o bisavô de Valentina me ligou.

— Então vocês irão para Sicília? — perguntou, sua voz saindo rouca e cansada.

— Sim, senhor. Valentina gosta muito de lá e foi onde nos casamos na primeira vez — brinquei.

O velho senhor riu do outro lado da linha.

— Ela vai adorar. Quero que faça algo pra mim.

Meu interior se apertou. Parecia de alguma forma que ele estava se despedindo, e isso me deixou tenso. Valentina amava o bisavô, era a única imagem de avô que ela tinha. Só ele havia sobrado como essa figura, o avô de seu pai, Dominic, e Val ainda sofria com a morte de Maria.

— O que o senhor quiser.

Escutei o barulho do isqueiro e o imaginei acendendo seu charuto favorito.

— Também não é pra tanto. Só peço que leve Valentina a uma árvore. Não sei se você esteve lá quando criança, mas aquela árvore é especial para nossa família. Eu e minha amada Christina a plantamos juntos, juro que fui enganado. Eu pedi uma muda, e me mandaram uma árvore pequena. — Ele

riu no outro lado da linha. — Foi nessa árvore que meus filhos e netos juraram amor em algum momento, seria uma honra se essa tradição seguisse para meus bisnetos e assim por diante. Eu escrevi uma carta sobre isso para os mais novos, mas sabe como são os jovens.

— Eu a levarei lá. — Lembrei de Valentina ter contando algumas vezes sobre a árvore, de que ia lá com família para fazer piquenique.

— Obrigado. — Ele ficou em silêncio um momento. — Nunca achei que você seria o homem ideal para minha menina, ela nunca precisou de um homem para a guiar, dizer o que devia ou não fazer. Valentina sempre foi livre, mas ainda assim presa a você. Agora vejo que eu estava enganado, vocês são inteiros sozinhos, estar juntos é um bônus. Ambos se amam, e sei que enfrentarão tudo que acontecer juntos. Um casamento perfeito não existe. Preciso que você prometa que não desistirá da minha menina, ela te ama demais, pude ver isso desde que vocês eram crianças.

— Eu nunca deixarei Valentina — afirmei.

Acho que vô Raffaelo falou mais comigo pelo telefone do que pela vida inteira que nos conhecemos.

— O senhor está bem? — perguntei finalmente.

— Não se preocupe comigo, vocês, jovens, é que devem se preocupar. Já lutei muito nessa vida, e agora é a vez de vocês.

E desligou.

Voltei ao presente assim que Valentina acordou em meus braços quando estávamos descendo do nosso jatinho.

— Nem percebi que adormeci. — Ela bocejou quando eu a coloquei sentada dentro do carro.

Valentina olhou pela janela por um tempo enquanto o carro ainda saía da pista de pouso particular.

— Onde estamos?

— Santorini. — Beijei sua cabeça.

Valentina se virou para mim, sorrindo.

— Na Grécia? Meus pais vieram para cá comemorar o aniversário de casados ano passado. Eu nunca vim.

Ela me abraçou.

— Amei a surpresa.

Nós chegamos ao hotel, e apesar de ser madrugada, Valentina tirou fotos da paisagem e enviou no grupo da família. Depois de sermos levados ao

quarto, nem olhamos ao redor antes de cairmos na cama e dormirmos.

Quando acordei de manhã, estava sozinho na cama. Em um primeiro momento, eu tomei um susto, mas ao me levantar, eu ofeguei ao ver Valentina nadando na piscina de borda infinita da nossa varanda. Ela estava linda, usava um biquíni amarelo, seus cabelos estavam molhados, e o rosto, livre de maquiagem. Passei um momento observando-a ali. Quando me notou, ela sorriu.

— Estava te esperando para tomarmos café da manhã juntos.

— Só vou ao banheiro rapidinho.

Depois de urinar e escovar os dentes, eu tirei a camiseta e entrei na piscina com ela. Valentina pegou a cesta do café da manhã e colocou na água, fazendo-a flutuar.

— Não é incrível? — Ela olhou para o horizonte, mas eu só conseguia reparar nela.

— É, sim.

Nós nos aconchegamos, tomando café e absorvendo a energia do lugar. Depois do café, fomos conhecer a cidade de Oia. As ruas eram apertadinhas e com muitas escadas, por isso preferimos fazer o passeio a pé antes de escolhermos um lugar para ir. As casas, em sua maioria, eram brancas com alguns telhados azuis, o que tornava tudo ainda mais incrível. Infelizmente nossa estadia seria curta, mas queria aproveitar ao máximo com Valentina.

Foram dois dias nos quais não tínhamos passado, éramos somente Eric e Valentina, aproveitando a companhia um do outro e nossa juventude. A cidade estava recebendo muitos turistas, mas conseguimos nos locomover bem, conhecer algumas das praias, fazer um passeio de barco e provar a culinária local antes de irmos para Sicília.

Depois de quatro horas e meia, estávamos na Sicília. Nós fomos recebidos por Elena, a tia da Valentina, e Damien. Não os via desde meu casamento. De todos da nossa família, os que pareciam mais animados com meu casamento com Valentina eram eles. Até mesmo Miguel, o tio mais calmo e bacana de Valentina, quando ninguém estava olhando, lançava olhares duvidosos.

— É ótimo ver vocês. Como foi em Santorini? — Elena perguntou, animada, enquanto entrávamos na limusine que nos aguardava.

— Incrível, é uma cidade tão linda, que nem parece real — Valentina

respondeu com um sorriso aberto.

Elas começaram a conversar sobre viagens, e Damien e eu entramos no assunto das lutas de underground e como nos rendia dinheiro. Não tinha certeza se Dominic havia contado sobre o ocorrido. Damien era um homem sério, que não deixava nada passar por seu rosto, a não ser quando estava com a família, que era quando demonstrava ser mais humano e ter sentimentos.

Fomos cumprimentados por Francesca, seguida dos gêmeos Vincenzo e Matteo.

— Eric, você precisa me ensinar golpes com a faca. Como nunca soube que você é considerado o melhor com facas da sua *famiglia*?! — Francesca disse, animada, com os olhos esmeralda como os do pai brilhando.

Estranhei ela saber sobre o assunto, e quando olhei para Damien, vi que olhava para sua filha seriamente, então minha ficha caiu. Ela andava ouvindo coisas que não deveria, e poderia se meter em problemas sérios por isso. Ela engoliu em seco, percebendo seu erro.

— Claro, se seu pai deixar.

Ela olhou para o pai e abriu um sorriso charmoso, e aí eu pude ver o momento em que Damien se derreteu. Francesca era uma menina tão bonita, que não tinha dúvidas que ela teria o mundo a seus pés quando fosse mais velha.

— Papai, quero ser a melhor com as facas de toda a nossa *famiglia* — ela afirmou e me olhou. — Não tenha medo, Eric, não usarei o que você me ensinar para te derrotar daqui a alguns anos, você já estará velho e lento.

— Francesca Regina! — Elena exclamou, tentando repreender a filha e ao mesmo tempo esconder o sorriso no rosto.

— *Che c'è, mamma?*[9] Não estou mentindo!

— Também quero aprender a usar facas! — os gêmeos gritaram em uníssono.

Damien passou a mão pelo rosto.

— Que tal deixar Valentina e Eric desfazerem as malas em paz, monstrinhos?

Depois de irmos para nosso quarto, Valentina acariciou meu rosto.

— Estou feliz de estarmos aqui, mas ainda sinto uma culpa tão grande em mim. — ela sussurrou, como se tivesse medo de sua voz. — Tenho medo que você me odeie.

Respirar se tornou difícil para mim, mas eu precisava permanecer forte por nós dois. Valentina já tinha enfrentado muitas coisas por mim, e se ela errou, eu a perdoaria.

— Nós vamos superar isso, seja o que for. Se quer me contar, conte.

Ela mordeu o lábio e olhou para baixo, só então vi o quanto ela estava sofrendo em silêncio por seu erro.

— Não posso.

Segurei suas mãos.

— Não importa o que você fez. Nada me faria te odiar. Eu quebraria meu juramento na máfia por você, queimaria o mundo inteiro, mataria, torturaria por você. Não importa o que for. Eu te perdoo.

Falei pausadamente e, depois de uns segundos, ela suspirou um pouco mais calma e colocou a mão no meu rosto.

— Eu juro que nunca mais farei isso.

Beijei seus lábios.

— Eu acredito em você.

Depois de desfazer as malas e tomar café com os Loschiavos, fomos para um barco para visitar as Ilhas Eólias. Nós mergulhamos no mar cristalino do mediterrâneo, e até fomos surpreendidos por golfinhos próximos a nós. Então fomos para Vulcano, ficamos em uma piscina natural com água quente, mas Valentina ficou irritada com o cheiro de enxofre. Com isso, decidimos não fazer a trilha até a cratera do vulcão.

Nós então decidimos ver o vulcão Stromboli. Ela, por ser muito medrosa, não aceitou fazer trilha, então observamos à distância no barco, até que, no final da tarde, ele entrou em erupção.

— Você está chorando? — Eu ri ao vê-la tentando disfarçar ao secar os olhos.

Ela deu de ombros.

— É lindo... mas, ao mesmo tempo, tão destruidor.

Eu a apertei em meus braços.

— O vulcão só está seguindo sua natureza.

— É, ele está — ela disse, se aconchegando em meus braços.

Quando chegamos, era final da tarde, queria tomar um banho relaxante com Valentina e ir jantar fora, mas, ao pararmos na porta da propriedade, vi as crianças sentadas nos esperando.

— Acho que vou aproveitar para tirar um cochilo... — Valentina murmurou, beijando minha bochecha.

Ela então me deixou com as crianças. Eu sabia como ensinar a usar facas, mas não sabia se seu pai ficaria satisfeito com meus ensinamentos. Fazer isso com uma criança do meu território era bem diferente de fazer isso com os futuros herdeiros de outra máfia. Um golpe errado, e poderia acabar com a aliança entre as famílias.

— Você vai nos ensinar agora ou precisamos de algo? — Francesca perguntou, se levantando.

A porta da frente se abriu, e Damien suspirou quando viu os filhos me cercando.

— Você não desiste, monstrinha, né?

— *Non, papà*[10]. — E piscou docemente.

Damien acenou com a cabeça para seguirmos. Ele nos levou até um grande espaço no subsolo. Lá havia um alvo e uma mesa com facas.

— As da frente estão cegas e com as pontas com silicone. As de trás, vocês podem usar para lançamentos. — Ele olhou para cada um dos seus filhos antes de se voltar para mim. — Fique só uma hora com eles, se puder. Ele está aqui para se distrair, não ensinar vocês, crianças.

Ele saiu, mas deixou um guarda olhando. Cuidado nunca era demais nesse meio, apesar de saber que eu nunca machucaria as crianças.

— Primeira coisa que precisam aprender é a me obedecerem. Não peguem as facas sem que eu deixe, e o mais importante: nunca brinquem com elas. Facas são armas.

Eles acenaram de acordo, e dali eu comecei a ensinar sobre os tipos de facas — me abstendo de falar quais eram boas para cortar ossos e determinadas partes do corpo. Falei de suas funções básicas, quais as mais leves e como fazer movimentos com as mãos.

— A faca precisa ser parte de você. Ela será uma extensão, então é essencial saber usá-la para ela não ser usada contra você.

A aula continuou por mais duas horas. As crianças saíram com todos os dedos, mas com alguns finos cortes e sorrisos no rosto. Francesca era atenta, observou como os irmãos faziam e seus respectivos erros, para não repeti-los. Quando chegamos à parte de arremessar, ela se saiu melhor.

— Agora precisamos de mais aulas de tiro — atestou, e o segurança se mexeu de modo desconfortável. Só eles sabiam o que passavam com

aquelas crianças.

E mesmo imaginando como seria difícil, não pude deixar de pensar como seriam meus filhos com Valentina.

***

Na manhã seguinte, acordei mais cedo que Valentina, e Damien já tinha deixado tudo preparado, como eu havia pedido. Era meu aniversário, mas eu queria surpreendê-la. Quando voltei ao quarto, em vez de acordá-la, passei um tempo admirando-a. Sua pele estava bronzeada, mesmo sendo final do verão, faltando dez dias para acabar, ela ainda conseguiu pegar uma cor. Seus cabelos pareciam mais queimados.

Eu passei creme sobre suas costas e ombros no dia anterior, mas não fiz mais que isso. Não queria a pressionar para estarmos juntos, apesar de ter essa esperança. Não queria ser eu a trazer sexo para a conversa. No banheiro, antes de virmos, ela tinha brincado sobre o plug anal, mas não voltou a tocar no assunto.

Valentina se mexeu na cama e abriu um dos olhos antes de fechar e se aconchegar nas cobertas.

— Eu que deveria acordar você — ela resmungou, a voz rouca de sono.

— E que graça teria isso? Prefiro te acordar e te admirar. — Eu me deitei ao seu lado e coloquei uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

Valentina sorriu, as bochechas já vermelhas do sol pareceram ficar mais coradas.

— Bobo — ela disse, envergonhada. Nós realmente parecíamos estar recomeçando, como se tudo fosse novo. Ver esse rubor por um simples elogio mostrava isso.

Valentina se sentou, limpando os olhos antes de me abraçar e caindo em cima de mim na cama.

— Feliz aniversário, *mein leben*. Que seja o primeiro aniversário de muitos que acordaremos um nos braços do outro, e que o amor nunca nos falte. Te amo mais do que tudo, mais do que o mundo e mais do que a mim mesma. — Ela escondeu a cabeça no meu pescoço, mas eu não deixei de sentir suas lágrimas quentes pingando em minha pele.

Mein leben. Minha vida. Era a primeira vez que ela me chamava pelo

apelido que lhe dei. Eu a abracei, a deixando chorar. Como todo ser humano, a vontade de saber de tudo estava dentro de mim, eu queria saber o segredo de Valentina, a sua traição. Existiam tantas formas em uma mesma palavra. Não gostava nem mesmo de pensar nas opções. Não queria nunca dar um olhar magoado, ressentido, para Valentina, não queria ter sentimentos negativos por ela.

— Agora é hora de se trocar, vamos tomar café lá fora. — Acariciei suas costas e dei um tapinha na sua bunda.

Ela se levantou, se espreguiçando.

— Tem certeza de que não quer tomar café da manhã na cama?

Eu parei para admirá-la por um momento. Valentina mordeu o lábio e levantou a camisola, expondo a boceta nua.

Cocei a cabeça, esquecendo o que tinha de fazer, até que me lembrei.

— Não, senhorita. Vá se arrumar.

Fechei os olhos e coloquei o braço sobre os olhos para não entrar em tentação, mas Valentina não parecia ter o mesmo controle que eu. Ela montou nas minhas pernas e libertou meu pau quase duro. Ela começou a acariciá-lo, e eu tirei o braço dos olhos para observá-la. Sua camisola estava caída, revelando seus seios, com mamilos rosados duros.

Ela não me olhou, estava concentrada em minha ereção. Seus olhos brilhavam enquanto brincava comigo e mordia o lábio inferior.

— Valentina.

Ela levantou o olhar para mim.

— Tem certeza que deseja que eu vá me arrumar?

Eu neguei com a cabeça.

— Senta no meu rosto.

Ela terminou de retirar o vestido e se abaixou para beijar meus lábios.

— E se em vez disso fizermos um meia-nove? Quero chupar você também.

Um suspiro me escapou, e eu acenei.

— Quem liga de se atrasar um pouquinho?

Ela riu e se ajeitou. Sem pensar que as pessoas me esperavam lá embaixo, eu degustei o sabor da minha mulher. Dando prazer, fazendo-a se contorcer e parar de me chupar várias vezes para gemer. Minhas pernas eram arranhadas por suas unhas, enquanto se esfregava na minha boca, completamente perdida no prazer.

Então eu a peguei e a coloquei na cama. Montando em cima de Valentina, eu entrei e me senti no paraíso. Levei suas mãos à cabeça e as segurei enquanto investia em Valentina. Ela estava com o rosto vermelho, seus seios balançavam perto do meu rosto; eu peguei um com a boca, mordiscando e chupando. Ela rebolou embaixo de mim, os corpos faziam barulho por todo quarto, e eu não queria parar nunca.

Quando ela gozou novamente, gritou, e como não estávamos em casa, eu tomei seus lábios nos meus, absorvendo seus gemidos para mim. Então eu gozei dentro dela, marcando-a novamente como minha.

Meia hora mais tarde, estávamos prontos descendo as escadas. Valentina estava um pouco rígida, acho que eu poderia ter sido um pouco duro com ela, mas esbanjava uma expressão satisfeita no rosto.

Damien e Elena estavam se beijando na sala quando descemos. Damien a segurava em seu colo, com a mão em seu pescoço. Eu nunca duvidei que ele seria dominante na cama. Apesar de tantos anos de casados, o fogo entre os dois parecia o mesmo.

— Estamos indo.

Eles acenaram e Elena se levantou do colo do marido.

— Aproveitem o dia! E feliz aniversário novamente, Eric!

Ambos já tinham me parabenizado quando acordei mais cedo e desci para garantir que tudo estava organizado.

Valentina e eu entramos em um carro, e eu dirigi. Tinha um mapa comigo, caso me perdesse, mas acreditava que conseguiria chegar ao lugar sem problemas. Depois de parar o carro no ponto indicado, sorri ao ver algumas placas indicando o restante do caminho que faríamos a pé. Eles haviam pensado em tudo. Ninguém merecia passar o aniversário perdido... Olhei para Valentina e pensei que não importava onde estivesse desde que ela estivesse comigo.

Quando a trilha chegou ao fim, peguei a cesta de piquenique e uma mochila com roupas e coisas que poderíamos precisar. Segurei a mão de Valentina, que me olhou encantada.

— Não acredito que você está me levando até a árvore.

Quando a olhei, reparei que estava emocionada. Muito.

— Sei que é um lugar especial para você.

À primeira vista, o lugar parecia normal para mim. Era uma árvore grande, que fazia uma enorme sombra, porém quando me aproximei, reparei

que havia várias marcas. Reconheci algumas iniciais, como as dos pais e tios de Valentina.

Forramos o chão com a toalha e colocamos a comida em cima. Havia inclusive um pequeno bolo de chocolate com velas em cima.

— Eu amo isso. — Valentina pegou uma uva e gemeu com o sabor. — Nós deveríamos participar de uma degustação de vinhos enquanto estamos aqui.

— Tudo que você quiser.

Nós comemos, rindo, relembrando de vários momentos. Valentina suspirava apaixonada toda vez que me olhava, e eu amava essa sensação. Naquele momento, eu podia entender por que ela e toda sua família amavam o lugar. Estando ali com ela, eu me sentia no paraíso.

— Seu avô me ligou e me contou sobre esse lugar — confessei. — Ele disse que, quando era jovem, decidiu plantar uma muda aqui com a esposa, mas era tão grande, que parecia uma árvore. — Nós rimos, e eu continuei: — É isso que eu quero, Valentina. Quero que sempre fiquemos assim, bem e felizes. Não quero demônios ou passado.

Ela ficou quieta por um tempo, tocando a grama no chão.

— Sabe, quando vim aqui com a minha família, quando era pequena, eles me contaram a história da árvore. Eu disse que um dia seríamos nós dois aqui. Sempre sonhei em marcarmos nossos nomes nessa árvore. Mesmo que nosso amor esteja marcado na nossa alma, eu o quero marcado por todo mundo — confessou.

Eu saquei uma das minhas facas para ela.

— Vamos marcar nossos nomes?

Ela olhou para a faca como se eu tivesse lhe dado um tesouro, mas em seguida seu sorriso foi morrendo.

— O que foi?

Uma lágrima escorreu do seu olho.

— Eu sei que você não quer saber, mas isso está me corroendo. Eu tentei guardar para mim, mas isso está me matando.

Por favor, não.

— Diga.

— Me perdoe. — Sua voz falhou, assim como sua respiração, mas ainda assim eu entendia perfeitamente as palavras a seguir. — Eu te traí. Mas ainda assim não te traí, Eric...

Sua voz falhou, e ela tampou a boca. Seu corpo tremia pelo choro, e eu fiquei parado, como se o mundo tivesse parado de girar, como se o mundo estivesse acabando na frente de meus olhos.

— Quando? — Minha voz saiu fria, como meu coração. — Com quem?

— Um dia antes de você voltar. Quando voltarmos para casa, eu posso te explicar, por favor, confie em mim. Eu não o amo, eu amo você. Sempre foi você...

Eu me levantei quando ela tentou me tocar, seu toque naquele momento era venenoso e doloroso, e isso me matou um pouco. Sem conseguir me conter, eu comecei a socar a árvore. A árvore que era um símbolo do amor verdadeiro, símbolo de um casal que supera tudo. Eu achei que poderia superar qualquer traição de Valentina, mas saber que ela deu seu corpo a outro me destruiu por dentro. Senti as luzes se transformando em sombras, o amor por Valentina sendo engolido pela escuridão, para assim não sentir a dor.

Quando dei por mim Valentina estava tentando me segurar. A árvore de sua família estava cheia de sangue, e minhas mãos estavam estouradas.

— Por favor! — ela gritou, implorando. — Eu te amo.

Essas palavras me deixaram de joelhos, meus olhos embaçados pelas lágrimas. Lágrimas de ódio, de medo, de dor, e principalmente, de traição.

— Você prometeu que nunca me trairia — consegui falar, sequei meus olhos com a camisa, mas ainda não conseguia olhar para ela.

Valentina me traiu. Eu não fui suficiente. Nunca fui e nunca serei. E me odiava porque ainda a amava depois de tudo. Sabia que se a olhasse, eu iria perdoá-la para remover sua dor, deixando a minha se transformar em mágoa e ressentimento. Por que ela faria isso? Eu não era bom o suficiente? Ela me amava, eu via isso, por que ela iria querer outro quando eu lhe dava tudo de mim?

Comecei a recolher as coisas enquanto ela chorava, mas não me deixaria cair por suas lágrimas. Precisava de um tempo para assimilar tudo. Sentia que se fingisse que nada havia acontecido, eu estaria perdendo a mim mesmo, e não tinha certeza de quanto de mim sobraria. Depois de recolher tudo, eu voltei a guardar a faca, sem a mínima vontade de escrever nosso nome na árvore, mesmo sabendo que nunca a deixaria ir. Ao contrário dela, eu cumpria as minhas promessas.

— Vamos — murmurei.

Fizemos todo o caminho em silêncio, não a olhei, mas senti seu olhar sobre mim. Quando entramos no carro, ela suspirou.

— Eu sempre quis que fosse sempre nós dois. Eu te amo mais que a mim mesma.

Que bela maneira de demonstrar.

Queria dizer, mas em vez disso me mantive em silêncio. Quando chegamos à casa percebi que tinha algo errado. Ao entrarmos, vi malas no chão e Elena com os olhos inchados de chorar.

— Que bom que vieram, estávamos tentando ligar para vocês, mas o sinal é horrível lá — Damien disse, sua voz saindo ainda mais fria que o normal, como se estivesse guardando profundamente seus sentimentos.

— O que aconteceu? — Valentina perguntou, preocupada.

Minha primeira reação seria segurá-la contra meu corpo e a proteger do mundo, mas fiquei parado. Por alguns minutos, queria que ela sofresse sozinha, e esse pensamento me aterrorizou e ao mesmo tempo me causou satisfação.

— É vô Raffaelo? — ela perguntou com a voz pequena.

Elena chorou mais, e aí tivemos a resposta.

— Sairemos em meia hora. Ele ainda está vivo, e temos cerca de treze horas de voo até Boston, então se apressem.

Rapidamente subi as escadas e fiz nossas malas, coloquei roupas mais quentes e estendi uma roupa na cama para Valentina. Quando ela entrou no quarto, parecia que sua mente estava fora, estava pálida e não demonstrava nada. Eu precisei ajudá-la a se vestir.

— Vai ficar tudo bem? — ela perguntou, encontrando meus olhos e buscando proteção e esperança.

— Não posso dizer que sim, mas ele é forte.

Ela se agarrou em mim durante todo o caminho do carro até o aeroporto, onde o avião particular já nos esperava. Logo estávamos viajando, e quando Valentina começou a tremer e chorar sem parar, Damien me passou um comprimido, o mesmo que ele dera a Elena meia hora antes, quando a esposa estava assustando os filhos.

— Vai fazê-la dormir por algumas horas, não é muito forte, então talvez precise dar outro mais tarde.

Acenei, e em vez de passar para Valentina, eu fui até a cozinha e

amassei o comprimido, colocando dentro de seu suco. Eu a conhecia bem e sabia que não aceitaria. Damien não disse nada sobre isso, aceitando minha decisão. Pouco depois Valentina estava apagada, só então me afastei dela.

O pai de Damien, Victor, estava no outro lado do avião com sua esposa Regina, e os irmãos de Damien, Luca e Lorenzo, com suas famílias. O pai de Valentina só descobriu depois de adulto que ele era o seu pai de sangue, e não o irmão dele, Daniel.

— O que houve com suas mãos? — Damien perguntou, me fazendo olhá-lo.

As crianças estavam distraídas vendo filme.

— Nada. — Fechei as mãos, sentindo-as latejar, mas a dor era passageira. O que me doía realmente não tinha um tempo para se curar, nem a certeza de que melhoraria um dia.

Uma aeromoça veio e nos ofereceu bebidas. Seria um longo voo, então aceitei. Era uma mulher atraente, mais ou menos da minha idade. Apesar das roupas comportadas, não escondia suas curvas e suas longas pernas, mas eu não sentia nada. Por um segundo, pensei em trair Valentina para empatar o jogo, mas a ideia me causou repulsa. Ainda lembrava do seu olhar assustado quando lhe contei sobre a *ring girl*.

— Não pense que cometer um erro fará com que as coisas voltem ao normal — Damien disse depois de sorver a sua bebida.

— O quê?

Ele olhou para a minha mão.

— Seja o que for que a minha sobrinha fez, não vale a pena pagar na mesma moeda. Acredite em mim, doerá até o fim dos dias o seu erro, não importa que tenha sido feito por vingança. — Ele olhou para Elena enquanto falava.

— E a dor da traição?

Ele parou, fitando sua bebida.

— Pode parecer bobagem, mas o amor preenche mais que a dor. Não vou dizer que vai esquecer, é importante se lembrar dos seus erros para não os cometer novamente. Não importa quem errou. Um erro não justifica o outro.

CAPÍTULO 26

Agora, o dia sangra, ao anoitecer
E você não está aqui, para me ajudar nisso tudo
Eu abaixei minha guarda, e você me puxou o tapete
Eu estava me acostumando a ser alguém que você amava
***Someone You Loved* – Lewis Capaldi**

VALENTINA

Meu coração sangrava enquanto esperava o avião pousar em Boston. Acordei duas horas antes, não entendia como tinha conseguido dormir, minha cabeça girava ao redor da merda que eu fiz. Eu não deveria ter contado para Eric, não podia ter feito isso. Havia tanta coisa envolvida, e mais uma vez fui egoísta. Sabia que ele não entenderia como fui capaz de trai-lo, e agora eu precisava pagar por ter falado. Eu aceitaria seu ódio, sua mágoa, mas ainda assim não o deixaria.

Minhas mãos tremiam, querendo segurá-lo, precisava de seu carinho e amparo, mas ele fingia estar ocupado no celular, me evitando. Tio Damien me lançou um olhar questionador sobre o que estava acontecendo, mas eu não poderia dizer. Ninguém poderia saber. Eles não entenderiam.

Quando entramos no carro, eu comecei a pensar que seria só um susto que vovô estava nos pregando. Havia falado uns dias antes com ele, e apesar da voz cansada, ele não aparentava estar mal. Não tive coragem de falar dos meus problemas com Eric, apesar de saber que papai devia ter contado sobre o episódio das drogas. Ele me fez prometer que eu não faria esse tipo de coisa novamente e me perguntou sobre como estava indo meu relacionamento com Eric.

— Nós temos altos e baixos, vovô, mas nada diminui o amor que sentimos um pelo outro. Eric tem seus problemas, mas nunca levantou a mão para mim. Mesmo em seus piores dias, ele sempre prezou por minha segurança. Nós dois erramos, e agora vamos aprender com os erros.

Deixei de fora a parte que eu o traí.

— Você parece mais madura do que meses atrás, querida. Acredito que qualquer problema que vocês tiverem poderão resolver. Isso me traz paz.

— Ele respirou fundo, e me lembro de ter uma sensação.

— Te amo, vovô. Não esqueça sua promessa.

Ele riu do outro lado da linha. Quando era pequena, foi vô Raffaelo que me explicou sobre a morte, e eu o fiz prometer que viveria até cem anos, e ele aceitou.

— Tentarei, mas estou cansado.

Eu bufei, mesmo tendo os olhos marejados.

— Falta de exercício, velho.

Nós dois rimos.

— Também te amo, minha menina. Você foi um presente na minha vida.

Olhando agora, eu percebia que talvez aquela tenha sido a nossa despedida, e isso acabava comigo. Orei durante todo o caminho até sua casa para que ele estivesse vivo. Mal lembrei de passar pelos portões ou de subir as escadas até seu quarto.

— Cadê ele? — disse assim que entrei no seu quarto, toda a família estava ali. Damien e Elena com as crianças já tinham chegado pouco antes de mim. Quando olhei para a cama, ofeguei; ele usava uma máquina para respirar. — Oh, vovô. O senhor não pode ir agora.

Coloquei a cabeça em seu peito e chorei, ele, mesmo fraco, colocou a mão na minha cabeça, acariciando meus cabelos. Ele não podia morrer, eu precisava dele. Precisava de seus conselhos, de rir com ele, de ficar em sua sala, mesmo que em silêncio, só sentindo o cheiro de seu charuto. De ouvir seus resmungos, e de até mesmo suas repreensões. Eu precisava do meu amigo comigo.

— Eu já estou quase centenário, minha querida — brincou, com a voz falhando.

Levantei os olhos para ele, meu coração se partindo de vê-lo assim, mas não queria que fosse embora me vendo tão arrasada. Ele merecia que todos lhe dessem adeus. Ele me contou como Christina se despediu de todos tão lindamente. Eu queria que ele tivesse a mesma paz.

— Eu sempre disse que você viveria até os cem anos, você prometeu! — protestei, mas com a voz mais calma.

Ele sorriu.

— Sim, minha querida. Não viverei até cem anos, mas estive aqui para ver todos os meus netinhos crescidos. Está na minha hora.

Tentei me conter, mas voltei a chorar.

— Mas você é meu melhor amigo, vovô. Não estou preparada para deixá-lo. Nem agora nem nunca.

Ele sorriu, sua mão ainda em meus cabelos. Ele parecia tão cansado. A máquina respiratória fazia um barulho suave, mas ainda assim gelava minha alma.

— Sessenta e quatro anos.

— O quê? — perguntei.

— O carvalho que eu plantei com Christina já tem sessenta e quatro anos. Eles podem viver muito mais do que isso, mas eu não. Eu quero encontrá-la, minha querida. Não posso adiar mais. Já cumpri a minha promessa de ver todos felizes, já posso ir em paz.

Sorri entre as lágrimas. Ele reencontraria seu grande amor, e isso era lindo.

— Então vá, vovô. Vá em paz, que você cumpriu, sim, a sua palavra. Todos nós estamos felizes.

Ele olhou em volta, vendo todos ali por ele, as crianças choravam enquanto seus pais as consolavam. Eric tinha as mãos nos ombros de meus irmãos, que choravam silenciosamente. Mamãe, papai e Iris se abraçavam.

— Vou me encontrar com Christina — ele disse, sorrindo feito bobo, então olhou para seu filho Victor, meu avô. — Arthur e Daniel também estão lá.

— Estão, meu pai — ele respondeu.

— Vou encontrar tanta gente querida. — Suspirou, sonhador. — Mas a pessoa que mais senti falta é Christina.

Meu corpo se arrepiou. Eu nunca parei para pensar no que vinha depois da morte, mas orei com todas as minhas forças naquele momento para que independentemente do que fosse, ele reencontrasse seu grande amor. Acho que é o que todos no mundo desejam. Um amor que supere até mesmo a morte.

Ele fechou os olhos por um momento, e uma lágrima rolou de seu olho, mas ele não pareceu perceber. Todos estávamos chorando, até mesmo Eric.

— Crianças — falou, e eles responderam em uníssono. — Não façam muita bagunça na casa, mas se divirtam bastante. Quero que encham essa casa de alegria.

Não entendi de primeira o que ele quis dizer sobre a casa, ele havia dado para todas as crianças?

— Sim, vovô! — Todos respondemos, fazendo-o sorrir.

— Sejam felizes — sussurrou, sua voz saindo como fio.

Aos poucos, sua respiração ficou mais superficial, mas ele tinha uma expressão tranquila de paz. Alguém me tirou de perto dele, e eu reconheci imediatamente como Eric. Eu me agarrei a ele como a um bote salva-vidas. Todos ficamos ali vendo pelo monitor vô Raffaelo dar seu último suspiro, e quando ele nos deixou, senti paz, porque ele reencontraria sua alma gêmea.

CAPÍTULO 27

Desapaixonar é difícil
Cair por traição é pior
Confiança quebrada e corações partidos
Eu sei, eu sei
***Impossible* – James Arthur**

VALENTINA

Um grande enterro foi preparado, mas não conseguia tirar da cabeça que não estava certo. Era de praxe uma autoridade como meu avô, antigo capo, ter um enterro digno de um rei, então foi preparada uma recepção em sua casa. Os convidados eram de nível alto, desde máfias aliadas e em paz, a senadores e políticos.

A Camorra e a Mão Negra travavam uma batalha de olhares, ambos eram rivais, e a única coisa que impedia um de tentar matar o outro era a trégua que todos fizeram em homenagem a meu avô. A meu ver, quase todos os *capi* e *consiglieri*[11] atuais pareciam ser jovens, com menos de quarenta. Isso era incrível, porque quando se fala de máfia, todos esperam velhos barrigudos com charutos na boca.

Avistei membros da Chicago Outfit, que eram nossos aliados, já que faziam parte da Cosa Nostra, e tinham aliança com os Grecos, *consigliere* de meu pai, e família, por causa da ligação da filha dele, Stela, que se casou com meu tio Ethan, irmão de minha mãe. O capo da Outfit parecia ser um pouco mais velho que Eric, tinha uma postura firme, não sorria em momento algum. Como uma águia, caçou quem o observava, me achando rapidamente. Consegui disfarçar e voltei a receber condolências de pessoas próximas. Eu me sentia no meio de tubarões, e tinha medo de acabar sendo mordida. Acho que todos perceberam que eu não era como minha mãe.

Perdi as contas de quantos pêsames eu recebi, de pessoas que eu mal conhecia. As pessoas sorriam, conversavam e faziam planos, pareciam que estavam numa festa normal. Acho que qualquer evento conta para fazer ligações. Eric se manteve ao meu lado, como o esperado, mas trocamos poucas palavras. Mal me lembro de voltar para casa depois que vô Raffaelo

se foi. Mesmo magoado comigo, Eric me deu amparo.

Comecei a caçar minha família, e acabei esbarrando em um senhor de idade.

— Me desculpe.

Ele me olhou com tanta repulsa, que eu até dei um passo para trás, antes de me lembrar quem eu era. Não ia deixar ninguém me inferiorizar. Precisava ser forte e demonstrar a todos que eu tinha o poder.

— Valentina Raffaelo, minhas condolências — ele falou em inglês, com seu sotaque muito carregado, mas percebi que ele cuspira o Raffaelo, como se eu não fosse digna de usar.

— Na verdade é Raffaelo-Hoffmann, e você é?

— Não me reconhece? — cuspiu, revoltado. Como se eu tivesse de lembrar o nome ou de onde conhecia todos os mafiosos. Pelo sotaque, eu me perguntei se ele era alemão. — Sou Ismar Gurken. A esse ponto, já deveria reconhecer os homens de sua família — completou em alemão, claramente descontrolado. Eu tinha acertado no meu palpite.

Não me lembrava desse nome como os que Eric mencionou sendo dos conselheiros de seu pai, então ele não era muito importante. Todavia deveria ter sua relevância para estar ali. Olhei em volta, buscando ajuda para sair da enrascada, mas não consegui achar ninguém.

— Você está correto, infelizmente ainda não conheço todos os parceiros de negócios da família de meu marido. Mas creio que esteja fazendo um bom trabalho, já que reconheço boa parte. Infelizmente você não está entre eles.

Esse senhor parecia descontrolado, e apesar de querer encará-lo para não demonstrar medo, dei um passo para trás, acabando por esbarrar em alguém.

— Desculpe — disse ao me virar, dando de cara com Christian Harris, *consigliere* de Denver. Era um homem íntegro, tinha uns trinta anos e havia acabado de receber o posto porque seu pai tivera um ataque cardíaco e morrera. Era um homem atraente, cabelos loiros, com olhos esverdeados, parecia um príncipe, de tão bonito, mas ainda assim tinha olhos intensos e sombrios.

— Quem deve pedir desculpas sou eu, senhora Hoffmann — disse para mim, mas não me olhava, e sim para o velho, que agora estava vermelho. — Algum problema aqui?

O velho rapidamente negou com a cabeça, e Christian continuou:
— Ismar Gurken, não sabia que estavam convidando parceiros de cassino para o enterro — ele disse, sua voz saindo sem emoção, mas pingando sarcasmo e me dando uma carta. Ismar então não era um membro tão poderoso como queria me demonstrar. O meu salvador então se voltou para mim.
— Eu... eu estava com Ivan quando ele recebeu a notícia.
— Você não está aposentado?
O velho parecia cuspir fogo, se aposentar dentro da máfia, dependendo de seu posto, o fazia parecer um simples civil, e nesse caso estava claro sua posição. Eu abri um sorriso fingido e brilhante.
— Ah, não tem problema o senhor estar aqui. Aposto que serviu bastante quando tinha posição.
O olho de Ismar começou a tremer, ele abriu a boca para responder, mas Ivan se aproximou.
— Ismar, ainda aqui? Você sabe bem que Eric não quer ver seu rosto. Se ele aparecer, não vou interferir.
O velho grunhiu uma desculpa e sumiu entre os convidados. Ivan suspirou.
— Ele disse algo para lhe irritar, Valentina?
— Não, Christian me deu as cartas. — Sorri para ele, que acenou de volta.
— Não há de quê. E meus sentimentos.
Ele beijou minha mão como um lorde e se afastou. Eu agora entendia por que minha irmãzinha vivia suspirando por ele.
— Ismar foi destituído de seu posto por causa de Eric.
— Por quê?
Ivan parecia tentar pensar nas palavras certas.
— Ele falou sobre você, e Eric não levou bem.
Um pequeno sorriso me veio. Eric, mesmo sem eu saber, me protegeu. Isso só fez meu peito doer mais.
— Ivan — eu o chamei quando ele começou a se afastar. — Quando voltarmos pra casa, precisamos conversar.
Ele viu a minha expressão, mas manteve a sua neutra.
— Claro. Só tome cuidado com meu filho. Ele pode aparentar estar sob controle, mas a qualquer momento pode quebrar. Prefiro que seja sob

minhas terras.

Eric me encontrou pouco depois, me dando uma taça de vinho e continuando sem falar comigo. Olhei para meu pai no outro lado do salão, ele aparentava estar normal, frio, como se postava perto de outras pessoas, mas eu conseguia ver quão triste estava. Vô Raffaelo o havia criado. Olhei para o caixão, no outro lado da sala, e suspirei, isso realmente não me parecia certo.

— Preciso reunir a família — murmurei para mim mesma, e Eric me olhou.

— Vá para o escritório dele, vou chamá-los.

Quando entrei no escritório, um soluço me tomou ao sentir o cheiro do seu charuto. Toquei na sua mesa, abri o recipiente de vidro com os seus charutos e tirei um para cheirar. Nos últimos tempos vovô já não fumava mais, porém ficava com o charuto apagado na boca, só tendo a sensação e o cheiro.

A porta se abriu, e entraram papai, tio Damien, vô Victor e os meus outros tios, Luca e Lorenzo, seguidos por Eric.

— Por que nos chamou, querida? — papai perguntou.

Respirei fundo.

— Acho que vovô devia estar com vó Christina, mas não aqui, na cripta da família. — Olhei para cada um deles. — Acho que deveríamos colocar ambos juntos na árvore deles.

Lágrimas borraram a minha visão, mas não me permiti chorar. Eles ficaram em silêncio por um momento.

— É isso que ele iria querer — desabafei. — Todos vocês encontraram o amor, não é justo que queiram estar com ele depois dessa vida em um lugar especial para ambos? Quando se ama alguém, quer passar a eternidade junto.

Levantei o olhar para Eric, mas ele desviou.

Dói, dói tanto.

— Ele já tinha falado comigo sobre seu desejo certa vez, depois que nossa avó morreu — meu pai começou, limpando a garganta com emoção. — Ele queria que suas cinzas e as dela fossem jogadas na cachoeira da família. Vamos fazer isso — decidiu, tomando a frente.

— Vou começar os trâmites — Vô Victor adicionou, se afastando e pegando o celular.

Papai se aproximou de mim e me abraçou.

— Estou muito orgulhoso de você.

As lágrimas que eu estava segurando voltaram a cair com força. Caíram pela morte de vô Raffaelo, pela traição. Meu pai ainda estaria orgulhoso de mim se descobrisse tudo?

Durante as horas seguintes, observei as pessoas fazendo suas conexões, sorrindo, bebendo, fechando acordos. Quando o corpo de vô Raffaelo foi levado para ser cremado, eu me mantive firme, não me permitindo quebrar na frente de tantas pessoas. Alguns contavam histórias sobre meu avô, algumas divertidas e outras macabras, porém os homens pareciam felizes sobre como ele meu avô levava a máfia a mãos de ferro quando estava no poder.

Somente a família foi para o crematório. Foram as piores três horas da minha vida. As crianças, por serem tão jovens, não entendiam direito o que estava acontecendo, eles não conheciam até hoje a morte de perto. Ainda mantinham a inocência. Meus irmãos estavam calados, ambos perdidos em seu próprio mundo. Dante levantou o olhar, parecendo sentir o meu, e cutucou o irmão, e ambos se aproximara para mim. Sem palavras, eles me abraçaram.

— Tudo vai ficar bem, Val — Dante disse, com segurança na voz. — Seja o que for, estamos ao seu lado.

Eu o olhei sem entender. Eric havia decidido ficar com sua família na casa, recepcionando as pessoas que ainda não tinham ido embora, mas achei que todos perceberam que foi uma desculpa para se afastar de mim.

— Está tudo bem — consegui dizer e respirei fundo, medindo as palavras: — Relacionamentos são uma droga. — Ambos levantaram a sobrancelha para mim, surpresos. — Então, quando tiverem namoradas, a respeitem e evitem ao máximo manter segredos. Sejam transparentes, mas se for para o bem dela, mantenham o segredo e não sejam pegos.

Os dois ficaram em silêncio por um momento.

— Eric guardou algo de você ou você escondeu algo dele? — Dimi perguntou.

Ambos tinham crescido mais desde que me casei e pareciam menos infantis.

— Eu fodi tudo.

Eles se entreolham antes de Dimitri resmungar.

— Que saco. — Então ele colocou a mão no bolso e passou uma nota de cinquenta dólares para Dante.

— Vocês apostaram para ver quem tinha errado? — perguntei, descrente. Não se pode elogiar os irmãos, mesmo que mentalmente.

Os dois deram de ombros e viraram para nosso pai.

— Foi Valentina!

Meu pai tentou fuzilar os dois com o olhar, mas um pequeno sorriso lhe escapou. Homens são sempre homens. Mamãe viu a troca e rolou os olhos, piscando em seguida para mim. Infantis, não importa a idade ou a carga emocional.

A família de Eric voltou para casa naquela noite, mas nós ficamos para embarcar junto com a minha família para Sicília dois dias depois. Eric deixou claro que no mesmo dia ele voltaria para Munique, comigo ou não.

O testamento foi aberto, e como previsto, todos as empresas em nome do meu bisavô passaram para meu pai. As joias que restavam da sua esposa foram dadas a todas as netas, quando completassem dezoito anos. Foi dito que ele escolheu a dedo para cada uma de nós. A minha, o advogado me entregou, mas não tive coragem de abrir, junto havia uma carta. Os trâmites continuaram, e em determinado foi dito que a sua mansão foi posta em nosso nome.

— Valentina, Dante, Dimitri, Iris Raffaelo. Francesca, Vincenzo e Matteo Loschiavo. Thor e Luna Donavan. Gabriel e Alanna Herondale — o advogado disse, lendo o papel. — Todos os onze têm direitos iguais à propriedade, não podendo ser vendida.

Ele começou a contar os bens da propriedade, os cômodos, acres de terra e tudo mais, porém não eu não conseguia prestar atenção. A carta parecia queimar minha mão. Vô Raffaelo sempre sabia o que dizer, e eu estava com medo de ouvir agora. Tudo pareceu um borrão.

Não consegui dormir naqueles dias, Eric virava para seu lado da cama e dormia sem nem falar comigo. A viagem foi longa, mas tive meus irmãos e primos me distraindo, também acabei colocando o sono em dia. Quando chegamos, era noite, e fomos para um quarto. Depois de nos banharmos, eu me deitei e me virei para ele.

— Você nunca mais vai falar comigo?

— Prefiro não falar a me arrepender depois — murmurou, sem tirar o olhar do notebook.

— Mas eu quero que você fale, quero que brigue comigo, que me diga como eu fui errada. Quero que faça algo, mas não me ignore.

Ele suspirou.

— Nem sempre conseguimos o que queremos. Boa noite!

CAPÍTULO 28

Tudo que eu sei, e em qualquer lugar que eu vou
É difícil, mas isso não vai tirar o meu amor
E quando o último cair, quando tudo isso estiver dito e feito
É difícil, mas isso não vai tirar o meu amor
***Here Without You* – 3 Doors Down**

VALENTINA

Toda a cerimônia na árvore da minha família foi triste, porém libertadora. Ninguém comentou sobre as marcas com sangue seco na árvore, até porque agora todos sabiam que eu era a culpada pelo meu casamento estar passando por uma fase tão conturbada. Não havia chovido ainda para lavar aquele dia, e todos ali foram testemunhas da raiva de Eric.

Nós estávamos casados há poucos meses, mas parecia uma vida inteira. Enfrentamos muitas coisas juntos, e me perguntei se ele não chegou ao seu limite comigo. Queria poder sentar com Eric e dizer tudo, mas sabia que não poderia ser egoísta, que minhas ações produziam reações e consequências.

Antes de irmos embora, mamãe me chamou, sabia que ela faria isso. Nos dois dias em que ficamos lá, ela não me pressionou para contar o que houve, mas nesse momento, eu só queria o colo da minha mãe. Eu estava terminando de me arrumar. Eric já havia descido com nossas malas, novamente sem falar comigo.

— Filha, o que está acontecendo?

Tentei ser forte como ela me ensinou, não demonstrar franqueza, mas foi só olhá-la, que lágrimas caíram dos meus olhos.

— Não quero ser uma chorona — murmurei, tentando secar minhas lágrimas, mas novas começaram a cair.

Ela se aproximou e me abraçou.

— Não é errado chorar, meu amor. Você quer conversar?

Sabia que não importava o que eu falasse, ela iria sempre me apoiar e estar comigo, mas eu sentia vergonha de ter sido fraca. Mesmo depois de

tudo, não estava arrependida, acho que isso era o pior de tudo. Eu faria qualquer coisa para reconstruir meu casamento, meu maior erro foi não ter conseguido guardar para mim o que aconteceu e ter contado para Eric.

Respirei fundo.

— Mamãe, o que fazer quando você fez algo errado, mas não se arrependeu? — sussurrei, com medo de que ele voltasse. Se ouvisse meu comentário, as coisas só ficariam piores.

Mamãe pensou por um momento.

— Quando eu acredito que estou fazendo o certo, eu vou até o final — declarou com sinceridade. — Porém, quando se é mãe, as coisas não são tão simples, há muito a perder se estiver errada. — Ela colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Às vezes, é preciso ceder para um bem maior.

— E se esse for o bem maior?

***

Mamãe não soube responder minha pergunta, e eu mesma tentava o fazer enquanto voávamos de volta para casa. Eric fingia dormir na poltrona do outro lado, mas eu o conhecia como a palma da minha mão. Sem conseguir me conter, eu me levantei e me sentei na cadeira ao seu lado, tirei o encosto de braço e me agarrei a ele. Eric imediatamente ficou tenso, mas não se mexeu. Eu tomei isso como um ponto positivo. Talvez sua raiva estivesse passando aos poucos.

— Eu te amo e farei qualquer coisa por você — disse quando ele relaxou e percebi que havia dormido. Acariciei seu belo rosto e voltei a prometer a mim mesma que nada nos separaria.

O clima na chegada estava ainda mais tenso. Chegamos bem quando eles terminavam o jantar, Ivan estava sério e não precisou falar nada para deixar claro que queria ter uma conversa comigo. Sophia parecia alheia a tudo, mas ainda assim sentiu o clima estranho, porém era o olhar assassino que Heiko me deu que me incomodou.

— Vou me deitar — murmurei para ninguém em particular, saindo da sala e tentando manter a cabeça erguida, nem me importei de deixar Eric sozinho com as malas.

Sozinha no quarto, andei de um lado para o outro. Tentei raciocinar

onde tinha errado e constatei que foi quando eu demiti Valeria. Eu não devia ter feito aquilo, mas era preciso. Não só pelo o que a flagrei fazendo, a verdade era que eu já a queria demitida desde que a peguei fazendo sexo com Petrus. Querendo ou não, eu estava com ciúmes, ele era meu.

A porta do meu quarto foi aberta, e Eric entrou; ele me olhou por um momento com as sobrancelhas franzidas, como se estivesse tentando descobrir o que eu estava pensando. Descobrir os meus segredos. Para a sua própria segurança, eu os manteria em segredo.

— Estou indo resolver algumas pendências. Não tenho hora para voltar.

Ele tomou um banho rápido e saiu todo vestido de preto. Suspirando, eu me deitei na cama tentando dormir, mas o sono não veio, não importava o quanto eu tentasse dormir. Foram dias difíceis. Eu me levantei, vendo que já passava das dez, temia que Eric quisesse me punir não dormindo em casa. Fui até a minha cozinha e peguei o leite na geladeira.

Lembrei que deixei o celular no quarto e voltei para buscá-lo, talvez, se eu me distraísse um pouco vendo um filme, conseguisse dormir. Decidi pedir indicações para as crianças, mesmo que provavelmente eu acabasse vendo algum filme de princesa da Disney, que eu amava, ou talvez algum da Barbie.

Estava quase lá quando alguém me colocou contra a parede. Abri a boca para gritar, mas uma mão a tampou.

— Que porra você fez, Valentina?! — Heiko falou, enfurecido. — Eric tem feito perguntas, e desde o velório de seu avô, reparei que ele está diferente. — Sua voz se tornou ainda mais fria e hostil quando ele perguntou: — O que você disse?

— Nada!

Tentei empurrá-lo, mas Heiko era mais forte.

— O que você disse a ele? — repetiu. — Você não contou que...?

Antes que ele pudesse terminar de falar, Eric surgiu e agarrou o irmão, o derrubando no chão e quase me levando junto. Dessa vez, não consegui conter meu grito. Eric pareceu não perceber. Ele montou no irmão e começou uma sucessão de socos enquanto Heiko tentava se proteger.

— Eric! Pare, por favor! — berrei, tentando segurá-lo.

Seu cotovelo acabou acertando meu rosto, e eu vi estrelas. Caí no chão, mas voltei a levantar, pois meu medo de que Eric matasse o irmão

superava qualquer dor física. Ele não suportaria perder o irmão, ainda mais sendo ele o causador de sua morte.

— *Eric!* — Ivan gritou ao se aproximar.

Ele conseguiu dar uma chave de pescoço no filho, com muita dificuldade, e afastou Heiko dele. Eu tentei ajudá-lo a se levantar, mas ele bateu na minha mão. Sua cara estava arrebentada pelos socos.

— Não preciso de sua ajuda. — Ele cuspiu, raivoso, antes de voltar a sua atenção para o irmão. — Que porra é essa?

Eric ameaçou ir para frente, mas Ivan segurou seu braço com muita dificuldade. Sophia e Catherina chegaram e olharam a cena, horrorizadas, sem saber como agir.

— É com ele que você está me traindo, Valentina? — ele gritou, sua voz escorria veneno.

Ivan me olhou surpreso, Catherina me lançou um olhar de desapontamento e desaprovação. Sophia parecia chocada, mas era o olhar de julgamento de Heiko que quase me fez ficar de joelhos.

— Anda, me diz. Está trepando com meu irmão?!

Eu queria chorar, mas nem lágrimas saíram nesse momento. Meu rosto latejava, e eu me sentia fraca, sobrecarregada.

— Eu não te traí! — consegui dizer, minha voz saindo trêmula.

Eric riu, enquanto Ivan me lançava um olhar de aviso. Heiko parecia finalmente entender a gravidade da situação.

— Eu não tenho nada com ela, irmão. Deixa isso pra lá. Eu só vim aqui saber por que você estava frio com ela — Heiko disse, tentando manter a voz calma. — Eu nunca faria isso contigo.

Eric o fitou seriamente, antes de se sacudir do aperto do pai.

— Me solta. Não farei mais nada. — Ele então voltou a sua atenção para mim. — Você não passa de uma mentirosa.

Meus joelhos cederam, e eu caí no chão. Não poderia. Eu não poderia.

— Eric, eu te amo mais que a minha própria vida. — Minha voz saiu trêmula e crua quando eu falei, mal conseguia me entender. — Eu farei tudo por você, mesmo que você me odeie.

Ele franziu a testa.

— O que você quer dizer? O que isso tem a ver com o fato de que você é uma traidora? Eu mal consigo olhar na sua cara!

Abri a boca para contar tudo, mas Ivan falou primeiro.

— Chega!

Eric não pareceu ouvir.

— Eu te odeio. Eu te odeio, porque eu ainda te amo e sei que vou voltar para você, porque eu sou fraco. Você é meu tudo, mas eu nunca vou esquecer sua traição.

Eu preferia seu ódio ao vê-lo devastado. Um choro compulsivo e alto saiu de mim, mas Eric não parecia ligar. Ele se afastou, sendo seguido por Ivan. Sophia e Catherina foram embora logo depois, sem saber o que dizer, mas eu continuei ali no chão.

Meu mundo estava ruindo aos meus pés, eu tinha a chave para tornar tudo lindo, mas isso significaria acabar com as cores do mundo de Eric. Mal percebi quando Heiko me levantou do chão. Ele me levou até meu quarto e me colocou na cama, como uma criança indefesa. Era como eu me sentia.

— Foi com Petrus — confessei, com a voz mal saindo.

Ele não falou nada por um longo tempo.

— Me desculpe — ele indagou. — Foi minha culpa isso acontecer.

Eu neguei com a cabeça.

— Não. Ele ia explodir a qualquer momento.

Nós ficamos em silêncio por um momento.

— Você sabe que nunca pode contar, não sabe?

Eu só acenei.

— Quero ficar sozinha. — Uma lágrima escorreu do meu rosto, mas eu não tinha força para secá-la.

— Ele vai te perdoar.

— Ele vai, mas nada será como antes.

Heiko não respondeu. Sabia que eu estava certa. Por fim, não precisei do leite quente para dormir, a escuridão me levou como uma velha amiga.

CAPÍTULO 29

Eu estou olhando para baixo agora que acabou
refletindo sobre todos meus erros
Eu pensei que eu encontrei a estrada para algum lugar
Algum lugar em Sua graça
Eu clamei aos céus por salvação
mas eu estou disposto para um último suspiro
***One Last Breath* - Creed**

ERIC

Nomes. Era tudo em que eu conseguia pensar desde que Valentina confessou ter me traído. Nomes de homens que eu poderia conhecer, que tiveram as mãos sobre minha mulher. Mãos que deviam ser as minhas. Naquele momento, eu a odiava. Nunca esperei esse tipo de traição. Quando ela contou, imaginei que pudesse ser sobre ter vazado alguma informação para o pai, ou quem sabe alguma infração. No fundo, eu sabia que não era isso, mas não pude acreditar.

Eu me sentia como se tivesse uma âncora amarrada a meu corpo, e ela tivesse me jogado no mar gelado. Não podia respirar. Não queria lutar. A sensação era muito mais dolorida do que quando a minha própria mãe tentou me matar.

Odiava que ela me fez desconfiar da minha própria sombra. Do sangue do meu sangue. Meu irmão foi meu salvador quando achei que minha mãe conseguiria me afogar naquela banheira, nunca sequer cogitei a possibilidade de ser traído por ele, mas só de vê-lo com ela, algo dentro de mim acordou e desejava destruição. Foi isso que Valentina fez comigo, ela me tornou dependente dela. Achei que eu era seu mundo do mesmo jeito que ela era o meu, mas eu estava enganado.

Não consegui ficar mais do que uma hora no centro de treinamento, ensinando algumas coisas para os meninos. Minha mente estava nela. Tinha decidido deixar aquela traição para trás quando estava voltando para casa; guardaria aquela dor dentro de mim e seria o que Valentina precisasse, para que ela não me traísse. Só percebi o quanto ela me machucou quando fiquei

na sua frente e falei meus sentimentos.

Eu a odiava.

Eu a amava.

Não conseguia entender como ela fora capaz disso, Valentina me amava. Isso eu não tinha dúvidas. Acompanhamos todas as fases do outro, sempre estivemos juntos. Eu estava com ela quando teve a primeira menstruação aos quatorze anos, lembro de me ligar assim que descobriu, sua voz repleta de medo e insegurança. Eu não entendia nada sobre o assunto, mas a ajudei a se acalmar, enquanto pesquisávamos sobre como usar um absorvente, até que sua mãe a viu no banheiro e ajudou. Eu estive com ela quando ainda era criança, quando se descobriu mulher. Eu sempre estive lá. E agora eu me perguntava se esse não foi o erro.

Antes de eu ser seu marido, eu era o seu melhor amigo, com quem ela poderia contar tudo. Não tínhamos segredos um com o outro, ou era isso que eu pensava.

Passei os dias me ocupando ao máximo. Não jantava com a família ou aparecia em casa antes que fosse quase madrugada; saía pela manhã antes que Valentina acordasse. Na primeira noite, eu dormi no sofá, porém a saudade foi grande, e eu voltei para cama. Mesmo querendo distância, eu ansiava por ficar próximo. Dia a dia, eu me sentia afundando, e sabia o que vinha a seguir, mas estava tentando lutar contra a depressão. Os remédios que o psiquiatra havia receitado estavam ajudando, mas eles não eram milagrosos. Não voltei a ver meu psicólogo, sentia vergonha de contar o que Valentina fez. Mesmo que ele nunca contasse para ninguém, saberia a verdade. Já me sentia terrível por toda a minha família ter testemunhado a minha vergonha.

Eu poderia castigá-la. A máfia não aceitava traição, e eu tinha a lei ao meu lado para puni-la como eu quisesse. O problema é que eu nunca conseguiria a machucar, e isso só aumentava ainda mais a minha frustração.

— Rider, mais força nos braços. Se cair, vai ficar machucado! — eu gritei. O garoto estava subindo uma corda até o teto. De onde eu estava, podia ver seus braços ardendo. Ele escorregou um pouco, e eu escutei seu grunhido, as cordas queimavam, e ele estava sem nenhuma proteção.

Era preciso saber lidar com a dor, só assim conseguiria se tornar um homem forte. Quando ele tocou o sino, parecia totalmente exausto.

— Desça com calma. Você já fez o trabalho.

Quando ele desceu, eu vi as palmas de suas mãos cortadas, com

bolhas e sangue, mas ele ostentava um sorriso no rosto.

— Sessenta segundos. Melhor tempo — anunciei, e os meninos à sua volta resmungaram.

— Não vale, ele é mais leve que a gente! — um dos garotos grunhiu. Ele devia ter dezesseis anos.

— Ele está usando o corpo a seu favor. Um homem feito sabe aceitar a derrota. Por hoje, é isso.

Olhei meu relógio, vendo que passava das nove da noite. Os meninos rapidamente correram para fora, Alex, por sua vez, levou seu tempo guardando suas coisas e pegando sua mochila. Ele estava com os braços mais definidos, assim como havia várias cicatrizes de cortes finos na pele. Eu me aproximei para parabenizá-lo e escutei seu estômago roncando alto.

— Vamos.

Ele me olhou sem entender, mas em vez de resmungar, me seguiu até o lado de fora. Quando entrei no carro, esperei que ele entrasse também.

— Estamos indo pra onde?

— Comer. Eu estou com fome.

Ele se mexeu em seu assento, mas se manteve quieto. Eu também não sabia bem como agir com crianças. As crianças da família de Valentina eram o único contato que eu tinha, e era fácil ficar em torno deles.

— Você mandou bem, e não é só de hoje. Se continuar assim, será o melhor da sua turma.

De canto de olho, o vi sorrir.

— Obrigado. Sem você me auxiliando, nada seria possível.

Nós acabamos indo para uma pizzaria e devoramos sozinhos três pizzas. Rider foi se soltando, e eu vi que estava certo em minha leitura, era um menino gentil e educado, mas que assim como eu, guardava demônios escondidos em si. Eu me perguntei se eles chegaram com a morte de seu pai ou se foi antes. Ninguém sabe o que se passa dentro dos lares.

Eu o deixei em casa e percebi que a felicidade que ele tinha poucos minutos antes foi sugada. Ele acenou para mim antes de entrar. Rodei um pouco pela cidade antes de voltar para a minha casa, uma dor de cabeça começou e eu suspirei antes de pegar meu caminho. Quando entrei, notei o silêncio, todos estavam dormindo. Não voltei a tocar no assunto com ninguém e preferia que continuasse daquele jeito.

Ao chegar no quarto, vi que Valentina estava dormindo abraçada a

meu travesseiro. Tomei um banho rápido e peguei outro travesseiro antes de me deitar ao seu lado. Olhá-la doía, mas eu me mantive a observando até adormecer. Acho que gosto de me machucar.

Meus pensamentos foram para quando eu era criança. Será que minha mãe não estava certa de querer me matar? De livrar o mal do mundo? Eu não era uma criança fácil, e talvez ela só tivesse enxergado a verdade. Eu não deveria ter nascido, assim não causaria dor às pessoas que eu amo e nem receberia dores. O mundo seria melhor para todos se eu não existisse. Se Valentina me traiu, era porque não me amava realmente. Meu pai tinha Heiko para herdar tudo, meu irmão conseguiria comandar tudo perfeitamente, com a vantagem de não haver problemas de raiva ou crises bipolares.

Eu me sentia a alguns passos de um precipício, e não havia nada que me fizesse não continuar a andar diretamente para ele.

Valentina

CAPÍTULO 30

Oh, espero que algum dia eu consiga sair daqui
Mesmo que demore a noite toda ou cem anos
Preciso de um lugar para me esconder, mas não consigo encontrar nenhum por perto
Quero me sentir vivo, lá fora não consigo enfrentar meu medo
Lovely – Billie Eilish, Khalid

VALENTINA

Tudo havia mudado. E a culpa era minha. Todos da casa falavam comigo, mas percebi que nenhum deles estava feliz por eu quase entregar o segredo de anos. Eric mal vinha pra casa, vivia na rua, só chegava quando eu estava dormindo e ia embora antes que eu acordasse.

Meus pais me ligavam para saber como eu estava, e apesar de querer desabafar, eu dizia que estava tudo bem. Orava para que ficasse tudo bem. Em três dias, seria nossa comemoração de quatro meses de casamento. Eric estava se tornando uma casca do que era, e eu temia que isso acabasse afetando sua bipolaridade, ou pior...

Em uma das noites em que ele chegou tarde, eu acordei na madrugada sentindo que algo estava errado. Ao abrir os olhos, tomei um susto ao ver o olhar de Eric em mim. Eu estava abraçada a seu travesseiro, e vi que ele estava encolhido na cama, me olhando.

— Mamãe, eu tive um pesadelo — disse com a voz infantil.

Mordi o lábio para tentar evitar que as lágrimas caíssem. Tirei o travesseiro que nos separava e abri os braços.

— Vem aqui, querido. Eu cuido de você.

Ele veio para meus braços e me abraçou apertado, a cabeça no meu peito. Nessa posição, ele não veria minhas lágrimas. Como eu queria que a mãe dele sofresse por todo o trauma que trouxe para Eric. Ela merecia sofrer mais do que a morte. Uma das minhas lágrimas deslizou e acabou caindo na sua cabeça, fazendo-o levantar o olhar para mim.

— Por que está chorando, mamãe? Teve pesadelo também?

Eu sorri e acariciei seus cabelos.
— Sim, querido. Mas já passou.
Ele sorriu.
— Eu sou pequeno, mas eu te defendo, mamãe. Eu juro. Mato os dragões e os monstros por você.
Eu o apertei mais contra mim.
— Não precisa se preocupar com os monstros, querido. Eu o protegerei de todos eles.
Comecei a contar histórias até ficar rouca, e só então ele dormiu. Ali, com Eric em sua versão pequena em meus braços, eu entendi finalmente que não poderia arriscar o perder ao dizer a verdade.
— Eu vou cuidar de você.

***

Na manhã, seguinte acordei e me surpreendi ao vê-lo ainda dormindo ao meu lado. Não sabia se era meu Eric ou outra versão sua ali, então me levantei e fui preparar um café. Depois, fui para meu estúdio, vesti minhas sapatilhas e me alonguei, mas não consegui dançar. Não conseguia me concentrar, e perdi as contas de quantas vezes caí. Pelo espelho, eu via que meus passos eram sofridos, assim como a minha expressão. Por fim, me sentei e fiquei me olhando no espelho.
Eu estava errada? Eu estava certa?
O amor nunca foi fácil para nós dois, promessas não cumpridas, segredos, mentiras. Mas a única coisa que se mantinha intacta era o sentimento. Eu me levantei e desliguei o som, percebendo que já passava da hora do almoço. Minha barriga roncou, e eu decidi pedir comida na rua para não precisar descer. Caminhei até meu quarto e parei no mesmo lugar ao ver que Eric ainda estava na cama dormindo. Eu me aproximei, tocando seus cabelos.
— Eric, está tudo bem? — disse em voz baixa, não querendo perturbá-lo, mas querendo saber se ele estava bem.
Eric abriu os olhos, mas pareciam vazios, sem sentimentos.
— Sim, só preciso dormir um pouco — murmurou, antes de fechar os olhos, dando o assunto como encerrado. Ele era o Eric adulto novamente, a personalidade infantil tinha ido embora.

— Tudo bem, mais tarde te acordo para comer algo, tá bom?

Se me escutou, me ignorou por completo. Talvez ele estivesse gripado. Pedi sopa e pedi que o mordomo, Fitz, trouxesse para a gente. Tomei um banho, e pouco depois a comida chegou. Coloquei na bandeja e levei para o quarto.

— Eric, come um pouco, para não ficar fraco. Quer que eu pegue algum remédio para gripe?

Ele não se moveu da posição.

— Não, só quero dormir — resmungou.

Respirei fundo.

— Eu só vou parar de te perturbar se você tomar um pouco da sopa.

Não importava se ele brigasse comigo, só queria que ficasse bem. Se a minha suspeita de que a depressão estava o pegando fosse real, então aquilo seria só começo. Eu precisava ajudá-lo a sair do fundo do poço.

A contragosto, ele se sentou na cama, seu olhar não dizia nada. Não havia raiva, mágoa, dor... Nada. E isso me aterrorizou. Coloquei a bandeja na sua frente, e ele começou a comer.

— Você está bem? — perguntei, sem conseguir me controlar.

Ele deu um sorriso sem humor.

— Não é como se você se importasse.

Ele terminou a sopa, colocou a bandeja no chão e foi ao banheiro. Voltou pouco depois e se enfiou novamente debaixo das cobertas. Queria ir até Ivan, para descobrir o que fazer, mas eu continuava fugindo dele. Por fim, optei por ligar para o psiquiatra, eu tinha o número. Fui até o outro lado da nossa sala, em um dos quartos vagos, e me tranquei lá dentro, então entrei na suíte do quarto. O telefone tocou um pouco até ele atender.

— Oi, boa tarde! É Valentina Hoffmann, doutor Scherer.

— Ah, sim. Estava esperando a sua ligação. Eric não tem vindo às consultas nem atendido ao telefone, presumi que aconteceu algo.

Minhas bochechas coraram.

— Eu... eu...

— Imagino do que se trata. A senhora fez sua escolha. — Não havia julgamento em suas palavras, e isso me acalmou um pouco.

— Eu estou ligando porque Eric descobriu que eu o traí e acho que ele está entrando na fase depressiva. — Contei que ele teve um episódio no dia anterior e adquiriu a personalidade de criança. Contei sobre como ele não

parecia se importar com nada. O médico me escutou atentamente.

— Será que a senhora poderia verificar se ele está tomando os medicamentos?

— Acredito que ele não esteja, doutor.

Ele ficou em silêncio por um momento, mas eu conseguia escutar o barulho dele escrevendo algo em um papel.

— Fique com ele, essa fase pode durar muito, dependendo de quão abalado ele esteja. Eric precisa sentir amado. Caso prossiga, ele deverá ser internado para receber um tratamento mais forte... O procedimento que o senhor Ivan lhe contou. — Os pelos dos meus braços se arrepiaram lembrando daquela conversa que tive com Ivan. — Tente fazê-lo tomar os remédios prescritos. — Ele citou a medicação e os horários. — E você, como está lidando com isso?

A pergunta me pegou de surpresa, tinha ligado por causa de Eric, não por mim.

— Sei que deve estar estranhando minha pergunta. Sou psiquiatra de Eric há anos, e ele sempre falou sobre você. Quando se casaram, esperei que viesse se consultar comigo ou pelo menos conversar sobre Eric. Se não estiver à vontade comigo, posso recomendar outros colegas profissionais que podem lhe auxiliar a passar por isso, mas, por agora, me diga, como você está lidando com tudo isso?

Um suspiro que eu nem sabia que estava segurando veio, e eu contei todos os acontecimentos.

— Me sinto culpada — finalizei.

— Mas por quê?

— Pelas coisas que falei.

— Uma coisa que você precisa compreender é que a situação de Eric afeta todos à sua volta, de diferentes maneiras. Você não precisa se sentir culpada por querer confessar tudo, você é humana.

Um peso gigantesco saiu dos meus ombros, substituído por outro.

— O problema é que eu gostei de estar com outro.

Ele ficou em silêncio.

— Tenho um horário sexta, dia 24, às duas da tarde. Pode ser? Assim conversaremos melhor. O que posso adiantar é que o corpo humano responde a certos estímulos, mesmo que às vezes não queira. Faz parte de quem somos.

Quando desliguei o telefone, tentei me recompor e voltei ao quarto.

Eric estava na mesma posição, porém estava acordado, olhando para a parede. Fui até a varanda de nosso quarto e abri as cortinas, deixando a luz do sol entrar, então fui até o banheiro caçando o remédio indicado pelo médico. Depois de achá-lo, escondi, assim como todos os outros medicamentos do banheiro e coisas afiadas — apesar de não ser de grande ajuda, uma vez que Eric tem armas e facas espalhadas por toda a casa, até mesmo em alguns esconderijos que eu não conheço.

— Eric, está na hora de tomar remédio.

— Não quero — murmurou. Eu acariciei seus cabelos com delicadeza.

— Por favor, é importante que os tome.

Seus olhos finalmente encontraram os meus, mas ele não respondeu.

— Eu deito contigo se você tomar — sugeri.

Ele pensou sobre isso e aceitou, em seguida se levantou o suficiente só para tomar o remédio antes de se deitar. Cumprindo com a minha palavra, eu me deitei ao seu lado. Eric, no primeiro momento, não olhou para mim, mas quando fez, eu senti meu sangue gelar.

— Eu te odeio. — Sua voz saiu baixa e sofrida. — E odeio mais ainda não conseguir ficar longe de você.

Sem mais, ele me puxou para si e me abraçou enquanto fechava os olhos e voltava a dormir.

Nos dias que se seguiram, ele também não saiu da cama, eu o acompanhei, só levantando para fazer as minhas necessidades e medicá-lo. Heiko veio e avisou a Eric que ele estava cuidando do treinamento dos garotos até que ele estivesse melhor. Ivan também veio para o ver e me lançou um olhar claro: se Eric não reagisse logo, ele o internaria para fazer o tratamento.

Somente no dia em que completaríamos quatro meses de casados, Eric finalmente topou sair da cama e me acompanhar até a varanda. Ele não falou nada, mas só de estar ali, percebi a sua melhora. Os remédios estavam lhe ajudando a sair da fase depressiva, e eu também, de certa forma. Estava grata demais por ver sua melhora, não sei se suportaria ver Eric passando pelo tratamento de eletrochoque no cérebro e me manter sã.

— Eu sei que você me odeia — comecei, e ele ficou tenso ao meu lado. — Sei que o que fiz foi terrível e lhe peço perdão. Eu te amo, Eric. Mais do que qualquer coisa. Me perdoe.

Eu me ajoelhei à sua frente, com meu coração na mão.

— Eric, me perdoa. Sempre foi e sempre será você!

Ele encontrou meus olhos.

— Por que sempre diz isso?

Minha garganta entupiu de emoção. Eu não cometeria o mesmo erro.

— Porque é verdade. Para mim, só existe você. Você é meu tudo.

Segurei sua mão, nossas cicatrizes encaixadas juntas.

— Antes mesmo da promessa, você já era meu, você sempre foi, e mesmo que você não me perdoe, eu não vou parar de lutar.

Ele olhou para nossas mãos e por fim assentiu.

— Nunca poderia ficar brigado contigo por muito tempo. Você já me perdoou por muitas coisas que fiz.

Eu me levantei do chão e me sentei em seu colo.

— Eu te amo.

Ele beijou meus cabelos.

— Não posso afirmar que o que aconteceu será apagado, mas prometo te amar apesar do seu erro. Eu sempre vou te amar, mesmo quando você destruir meu coração em mil pedaços. Ele sempre foi seu para quebrar.

***

No dia seguinte, Eric decidiu ir comigo ao psiquiatra, eu tinha uma sessão de uma hora, que pareceu passar bem rápido. Era libertador poder contar minhas vontades, anseios, erros livremente. Doutor Scherer era paciente e, no final da consulta, disse algo importante.

— O que você faz é egoísta ou altruísta? Pense bem. Quero que saia daqui com esse pensamento na cabeça e me responda na próxima consulta.

Quando saímos de mãos dadas do consultório, não sabia se Eric ia querer comemorar o nosso aniversário de casamento comigo, mas ainda assim deixei um bolo pronto na geladeira, feito pela manhã, enquanto ele dormia. Quando chegamos em casa, Heiko estava sentado no sofá.

— Ei, irmão. Quer sair um pouco?

Esperei a resposta de Eric. Seu olhar encontrou o meu, antes de voltar para o irmão.

— Não, cara. Vou ficar com minha mulher.

Queria sorrir e comemorar, mas consegui me conter. As coisas entre

nós não seriam como antes, mas eu esperava que o amor superasse. Nós fomos para a sala, e eu vi a surpresa em seu olhar ao se deparar com o bolo de chocolate e os brigadeiros que eu havia feito.

— Bem que senti um cheiro gostoso mais cedo — murmurou, pegando um e levando à boca.

Em quase todas as festas que tínhamos, minha mãe ou tias sempre faziam docinhos, como forma de honrar a herança brasileira da minha mãe; acabou que todos ficamos viciados nesse doce e em pão de queijo, mas raramente mamãe se arriscava a fazê-los.

— Deu vontade de comer pão de queijo agora — disse, querendo puxar assunto.

Ele assentiu sem me dar muita atenção.

— Os que sua avó fazia eram perfeitos.

Liguei a televisão e deixamos rolar um filme, Eric fez pipoca e nos sentamos lado a lado. Nossas mãos se tocaram algumas vezes quando pegávamos a pipoca, mas nenhum dos dois dizia ou tentava nada. Era como se fôssemos dois estranhos vivendo juntos. Depois de comermos o bolo, ele pediu licença e disse que ia se deitar. Eric já havia tomado a medicação do dia, e, por notar a sua melhora, eu não ficaria em cima dele para que largasse a cama de vez.

Sozinha na sala, eu me senti a pior pessoa do mundo, estava realmente sozinha agora. Não liguei tanto de ir morar em outro país, onde eu só conhecia Eric e sua família. Deixei para trás toda a minha família e amigos, nunca me arrependi, todavia agora tudo que eu precisava era de um ombro amigo. A consulta foi boa, ele me fez enxergar várias coisas, mas não era como se eu pudesse simplesmente me jogar nos braços dele e esperar aquele apoio de amigo que muitas vezes não sabe nem o que está fazendo ou dizendo, mas ainda assim está lá.

Hanna e Isa tinham mandado mensagens algumas vezes, me convidando para ir à Oktoberfest, que já havia começado, mas não havia a menor condição de irmos. Tudo estava incerto agora. Não podia desabafar com elas sobre tudo, pois, querendo ou não, elas faziam parte desse meio, e até um grande amigo pode virar inimigo pela ambição. Mamãe me ensinou isso, ela sempre foi cordial com todas, e até brincava, mas sabia sua posição e não deixava ninguém a ameaçar.

Escutei passos e rapidamente limpei um lágrima que havia deslizado

sem que eu percebesse. Virei a cabeça e vi que eram Heiko e Sophia.

— Viemos pelo cheiro — Heiko anunciou, sem tirar os olhos do bolo em cima da mesa.

— Fiquem à vontade. — Comecei a me levantar. — Só deixem um pouquinho pra eu tomar café da manhã. — Sorri.

— Você não vai ficar aqui com a gente? — Sophia perguntou, se sentando no outro sofá e pegando um brigadeiro. Não tinha forminha, foi um milagre ter conseguido o granulado; ela colocou a mão por baixo, para que não caísse no chão, como uma lady.

— Acho que não sou a pessoa mais querida do momento. — Dei de ombros.

— Ninguém pode te julgar, Val. Todos nós já erramos alguma vez na vida.

Heiko limpou a garganta.

— Eu realmente sinto muito por toda aquela confusão, eu só...

— Queria defender seu irmão — completei sua frase. — Está tudo bem, eu teria feito o mesmo pelos meus. Eu vou me deitar, estou com um pouco de dor de cabeça. Não esqueçam de colocar tudo na geladeira.

Caminhei lentamente até o quarto, Eric já estava dormindo do lado dele na cama. Coloquei uma de suas camisetas e me encolhi na cama ao seu lado. Não sei quanto tempo fiquei observando-o, só sei que, quando fechei os olhos, eu não sonhei, só apaguei. Achei que havia perdido a capacidade de ter sonhos, mas ainda assim era melhor do que ter pesadelos.

CAPÍTULO 31

Não sei como chegamos aonde estamos
Tão distante, eu não sei por onde começar
Porque eu estive longe por muito tempo
Mas eu imploro, por favor, espere
Eu imploro, por favor, espere
O amor não chega facilmente para nós
E me mata aguentar e esperar que seja suficiente
Leaving My Love Behind – Lewis Capaldi

ERIC

Nós nos tornamos estranhos morando sob o mesmo teto, dormindo sobre a mesma cama. Estávamos mais distantes do que quando morávamos em continentes diferentes. As conversas não fluíam, as gargalhadas não existiam mais, assim como o contato físico. Ainda nos amávamos, eu podia ver isso claramente em seu olhar, mas só o amor não sustentava. Odiava sair de casa e ter aquela dúvida na minha cabeça, se Valentina estaria com outro, se suas desculpas eram verdadeiras. E eu me odiava por pensar nisso.

Eu não sei como chegamos até aquele ponto, quando a confiança que tínhamos acabou. Eu parecia morrer por ficar longe dela, mesmo estando tão perto. Valentina esteve comigo na minha crise depressiva, e eu me forcei muito a não cair no abismo, mesmo naquele estado em que nada importava, eu ainda pensava no quanto a machucaria se ela precisasse me ver fazendo o tratamento com choques.

Perdi as contas de quantas vezes precisei deles, era o último recurso. Eu gostava de chamar de dar uma carga ao meu cérebro, literalmente. Talvez fosse por isso que ela me traiu, ela não aguentou a pressão de estar com um cara que em um dia podia a levar à lua e no outro só queria ser engolido pelo mundo. Talvez ela não tenha aguentado meu estado e teve sua ruptura.

No dia seguinte à nossa comemoração de quatro meses de casamento, acordei bem cedo, Valentina dormia serenamente ao meu lado. Não me lembrava muito da minha fase depressiva, mas lembrava da nossa conversa

enquanto ela implorava por desculpas de joelhos. Ainda sem saber ao certo o que fazer, fui para a academia, pegando firme nos pesos, na esteira e acabando com o saco de areia, onde usei toda a minha força. Eu pingava suor, meu corpo estava ofegante, mas eu não quis parar.

Quando dei por mim, senti alguém me observando, e vi que era Valentina. Ela tinha um vidro de loção na mão.

— Achei que depois de todo esse treino, você apreciaria uma massagem — sugeriu, sua respiração também estava ofegante, apesar de estar parada ali.

Pensei em negar, mas não consegui dizer não a ela.

— Vou tomar um banho primeiro.

Ela não se mexeu da porta, e meu corpo suado raspou no dela enquanto eu saía da sala. Ela não jogaria fácil, eu podia ver isso em seus olhos. Depois de um banho longo, onde me masturbei para tentar estar mais calmo quando a visse novamente, saí do banheiro, vendo-a sentada na cama, me esperando. Assim que me viu, ela se levantou. Para provocá-la deixei minha toalha cair no chão antes de me deitar de bruços na cama. Escutei seu ofegar.

— Vai fazer a massagem ou não?

Senti a cama afundar antes de sentir suas mãos em minhas costas. Ela levou seu tempo acariciando os músculos, realmente doloridos e protestando depois de tanto esforço. Sua massagem desceu pelas minhas pernas, e eu não consegui conter a ereção. Eu me odiava por responder tão facilmente a ela, mas não havia nada que pudesse fazer. Valentina foi feita para mim.

Um arrepio me tomou quando eu comecei a sentir beijos. Nos meus pés, em minhas panturrilhas, pernas, quadris, costas e subindo até a minha nuca.

— Precisa massagear o peito também? — ela perguntou, com a voz rouca e quente, contra meu ouvido.

Em vez de responder, comecei a me virar; ela abriu mais as pernas e levantou o corpo. Quando me virei, ela abaixou contra minhas pernas, perto do meu pau duro. Valentina olhou para ele por um momento antes de lamber os lábios e passar mais daquele óleo cheiroso sobre meu peito e começar a massagear. Eu podia ver seus mamilos apontando contra a camisola fina. Ela tinha um olhar que parecia embriagado.

Sem me conter mais, peguei o vidro de óleo e passei sobre meu pau.

Ela parou a massagem, olhando para ele, mal respirando. Eu podia manter as coisas carnais entre nós, pelo menos uma coisa eu sabia que funcionava. Podia mantê-la entretida, para que não sentisse vontade de me trair novamente.

— Senta, Valentina. Eu sei que você quer — disse, minha voz saindo crua, enquanto eu ainda me acariciava sob seu olhar atento.

Ela levantou o rosto para mim, sua respiração profunda, o peito se mexendo. Valentina pareceu engolir em seco, mas não hesitou. Começou a levantar a camisola, mas eu a impedi.

— Deixe-a.

Tirá-la tornaria tudo mais íntimo, pele na pele. Eu precisava de um afastamento. Segurei seus quadris e a coloquei na posição, então puxei sua calcinha branca para o lado e passei meu pau por seu clitóris, brincando com ela, que já estava molhada e inchada.

— Vem.

Ela começou a descer sobre meu pau, fechando os olhos; sua boca se abrindo em um gemido. Então começou a rebolar.

— Eric, meu Deus.

Segurei seus quadris parados, e depois de apoiar meus pés no colchão eu comecei a penetrá-la. Seu corpo completava o meu, seu interior tão apertado, clamando por mim. Ela segurou minhas mãos, o corpo tremendo com minhas investidas. Valentina então começou a subir e descer também, fiquei parado vendo-a se perdendo no prazer. Mordendo o lábio, ela me tirou de dentro de si; abri a boca para reclamar, quando ela montou em mim de costas e me colocou para dentro, suspirando durante o processo. Então Valentina retirou a camisola e segurou os cabelos enquanto levantava e abaixava. Seu corpo se contorcia de prazer, a tatuagem em suas costas parecia queimar.

— Eu sou sua sempre.

Ela gemeu quando começou a gozar. Eu não tardei a seguir. Valentina caiu sobre minhas pernas, e eu acariciei suas costas, traçando a tatuagem, antes de perceber o que estava fazendo. Com delicadeza, a puxei, para que se deitasse ao meu lado, e me afastei, virando para o outro lado. O quarto estava em silêncio absoluto, a não ser por nossa respiração intensa.

— Algum dia você vai me perdoar? — ela perguntou depois de muito tempo. Eu não conseguia dormir, mas fingi, para não precisar responder. —

Eu te amo, Eric.

***

Depois de um longo treino com os iniciados, eu, junto da equipe que cuidava deles, decidi começar a dar aulas reais. Eles já tiveram aula de como esconder corpo, retirar a arcada dentária, de produtos usados para dissolver ossos e melhores lugares para queimar ou enterrar. A maioria conseguiu segurar e vomitar depois da aula prática, porém alguns não tiveram tanta sorte e precisaram trabalhar dobrado para perder o nojo.

Hoje a aula era sobre tortura, e eu fiz questão de ensinar. Para alguns, torturar era agoniante, mas, para outros fodidos da cabeça como eu, era uma arte. Escolhemos um estuprador, ele havia violentado três meninas, uma delas era protegida da família, e apesar de ser a única sobrevivente das três, nunca seria como antes. Seu pai era um dos meus generais, mas deixou a tortura comigo. Sua filha o fez prometer que não tocaria no homem, ela não queria que o pai tivesse o toque dele. Estupro era um dos piores crimes dentro da máfia, era hediondo até para nós, os vilões do mundo.

Os meninos chegaram em silêncio, percebendo o clima tenso, eles não sabiam o que fariam no local, suas missões era sempre uma surpresa. Todos estavam curiosos olhando o homem pendurado no ferro. Ele estava desmaiado e com uma fita na boca. Pedi para meus homens o deixarem inteiro, queria que meus alunos vissem desde o começo para que aprendessem.

Ainda lembro da primeira tortura que observei, era um russo que tentara sequestrar Sophia quando ela era pequena e estava na escola. Eu tinha doze anos, meu pai não me autorizou a participar, apesar da minha raiva — hoje percebo que eu estava em um de meus episódios. De algum jeito consegui me controlar para não matar o cara eu mesmo, ainda lembro das palavras de meu pai antes de entrar na sala:

— Se você fizer algo, vai se arrepender pelo resto da vida, você o mata, e sua infância acaba, nada mais de ver Valentina. Será iniciado e se tornará um homem feito, está entendido?

— Você quer que eu só assista... Ele tentou roubar Sophia! — Odiei que meus olhos marejaram, imaginando minha irmã sendo levada para longe.

— Sophia sempre será o elo frágil, nossos inimigos sempre mirarão

no mais fraco para nos atingir, por isso você precisa ser sempre forte, para protegê-la.

Acenei.

— Eu só vou ver.

Meu pai bagunçou meus cabelos.

— Olhe e aprenda. Seja o melhor, ria em cima dos corpos dos mortos de nossos inimigos, e você será um melhor líder que eu.

Enquanto o homem era torturado, eu observei principalmente a precisão das facas usadas e os danos que elas faziam. Sempre gostei de facas, tinha uma coleção delas, mas naquele momento entendia por que elas eram tão mortais. Elas foram feitas para causar dor. Um dia, eu seria tão bom ou até mesmo melhor que eles.

Voltei ao presente ao observar os meninos numa fila me observando atentamente, esperando ordens. Eles seriam os melhores, tinha certeza. Só precisava trabalhar mais a união entre o grupo e torná-los cem por cento fiéis a mim. Não se pode ter soldados que colocam outras coisas em primeiro lugar, como família ou alguém. Estes caem cedo ou tarde. Essa é a diferença de quem está no topo da cadeia alimentar, os chefes podem fazer o que quiser, desde que mantenham a fachada de igualdade.

— Vocês estão aqui hoje para a primeira aula prática sobre tortura.

Esperei um olhar para o outro como costumavam fazer, mas todos permaneceram olhando para mim. Eles tinham aprendido.

— Qual crime vocês acham que ele cometeu?

— Traição — um sugeriu.

— Roubo — disse outro.

Eles continuaram a falar, e nenhum deles acertou.

— Este homem estuprou três meninas. Uma de sete, uma de dez e uma de doze. Uma dela é filha de um de nossos capitães, foi a única sobrevivente. — Olhei para cada um, vendo suas expressões. — O que faremos aqui hoje será brutal, então quem não aguentar, deve se retirar em silêncio.

Todos permaneceram no local, e eu acenei.

— Vamos começar.

Escolhi uma faca fina.

— Vamos começar cortando a pele como se fosse bife. É preciso ter

uma certa precisão para cortar finas fatias. — Ensinei, cortando um pedaço da barriga do homem. Ele acordou assustado, gritando contra a fita em sua boca antes de desmaiar. Eu levantei o pedaço fino de pele para todos verem. Joguei no chão e parti para outra faca. Uma menor, com uma ponta bem fina. — Esta é perfeita para tirar unhas.

Eu os fiz se aproximarem, e depois de tirar uma unha, os deixei tirarem as outras. O corpo do homem tremia de dor, desmaiava e depois voltava.

— Quando vocês perceberem que a vítima de vocês não está respondendo direito, devem dar um jeito de acordá-la.

Peguei um balde de água cheia de gelo e joguei no homem, que gritou, sua pele ficando vermelha pela temperatura.

— Vocês também podem usar uma mangueira em cima dos machucados, basta tomar cuidado para não afogar o infeliz. Isso já é outra aula.

Continuei a ensinar várias coisas, como, por exemplo, cortar um membro, dedos, dentes, mamilos, pálpebras, língua, evitando que a pessoa morra pela perda de sangue rapidamente. Dei um ponto para eles, que só começaram a vomitar ou desviar o olhar quando eu arranquei o pau do estuprador e fiz mastigar enquanto chorava.

— Isso mesmo, coma tudo.

Depois que ele comeu, eu chamei dois de meus homens para segurar a perna dele e outro para fazer o último trabalho.

— Como eles fez as meninas sofrerem, nada mais justo que passar pelo mesmo sofrimento.

Junto com meus alunos, observei o homem tentar gritar — já que estava sem a língua — enquanto era estuprado por um pedaço de madeira. Ele já estava sem força e logo morreria pela perda de sangue.

— Espero que vocês tenham aprendido tudo. Agora, uma pergunta, o que está faltando para um estuprador? Vocês já ouviram falar disso com certeza.

Ninguém respondeu, todos muito impressionados para raciocinarem rapidamente. Já estávamos a algumas horas no local, e eles estavam cansados.

— Empalar — Alex Rider falou.

— Muito bem. Cada máfia tem seu jeito de lidar com estuprador, uns

espalham pedaços de corpos pela cidade, outros penduram o corpo em algum lugar, outros simplesmente jogam o corpo em algum lugar, sem ser digno de um enterro, outros queimam, mas nós empalamos.

— O corpo será empalado agora e será levado para o centro da cidade nessa madrugada, pela manhã, deve ser retirado pela polícia, mas até lá, já terá virado noticia o que acontece com estupradores. A aula acabou, vocês foram bem.

Olhei para o homem no canto da sala, o pai da menina, e vi o agradecimento em seu olhar. Com um aceno, eu fui embora, querendo me enterrar em Valentina e esquecer o resto do mundo.

***

Acabamos criando um hábito. Eu passava o dia fora trabalhando, e quando chegava em casa, trocávamos poucas palavras antes de transarmos feito animais e eu voltar a ser frio. Odiava o olhar triste de Valentina, mas ainda não conseguia me abrir o suficiente. Todo mundo percebeu a diferença em mim, meus colegas de trabalho não perguntavam sobre o assunto, mas não demorariam a perceber que o meu mau humor vinha de casa.

A Oktoberfest estava rolando, e numa quarta-feira Sophia convidou todo mundo, e a ouvi chamando Valentina, mas minha esposa negou.

— Eric e eu tínhamos planejado ir, não faz sentido eu sair sozinha. As meninas também me chamaram.

Depois que todos foram, ficamos só nós dois em casa. O clima estava estranho entre a gente, e eu queria melhorar as coisas. Valentina pareceu surpresa ao me ver quando entrei na nossa sala. Era fim da tarde, ela estava roendo as unhas enquanto via um filme de suspense, mas não parecia estar prestando atenção na televisão. Fiz um barulho de propósito, ela me olhou, surpresa.

— Você está em casa! — Deu um sorriso, já se levantando para me abraçar, antes de hesitar, sem saber se seria recebida.

— Eu vim um pouco mais cedo. — Coloquei as mãos nos bolsos e dei de ombros. — Lembrei que faz tempo que não treinamos com facas, acho que seria bom você saber mais sobre autodefesa.

Ela acenou, animada.

— Vou colocar uma roupa, te encontro na academia?

Neguei.

— Na piscina interna. Tem uma área boa lá para treinar.

Enquanto a esperava, refleti mil vezes se seria uma boa ideia ficar sozinho com ela sem ser para sexo. Memórias de nossa infância, quando tudo entre nós era fácil, claro e sem mentiras, vieram com força. Eu me lembrei de como minha vida passou a ter sentido depois de conhecer Valentina. Lembro das borboletas no estômago quando tivemos nosso primeiro beijo, em seu aniversário de quinze anos, a emoção em seus olhos quando viu a tatuagem em meu peito, marcado eternamente com seu nome; de nossa primeira vez, nossas escapadas para nos vermos, as longas horas de ligações. Nosso casamento. Sempre soube que não seria fácil, mas, ainda assim, parecia ter uma vida entre essas coisas e o presente. Sentia falta desses momentos, sentia falta de criar novos momentos.

A porta se abriu, e Valentina entrou usando um top esportivo e calças pretas apertadas. Ela tinha engordado um pouco desde que nos casamos, mas de alguma forma parecia ainda mais gostosa.

Ela respirou fundo e me olhou.

— Está pronto para ter sua bunda chutada? — perguntou, me dando um sorriso debochado.

— Sonhe.

Ela se virou para pegar no chão uma das facas que eu tinha separado para ela, Valentina sempre fora melhor com facas mais leves, seu pulso era fino, seria fácil a desarmar se a arma fosse pesada; desse jeito, ela tinha mais controle. Ela se ajeitou na posição que eu havia ensinado, os pés estavam separados, um na frente e outro mais atrás, para manter equilíbrio.

— Pronta?

Ela assentiu, e eu ataquei sem hesitar; Valentina arregalou os olhos e pulou para trás. Ela aproveitou que eu estava perto, e conseguiu raspar a faca sobre o meu braço, em um golpe de sorte. Não foi fundo, e eu mal senti a queimação na pele.

— Eu sou ótima — vangloriou-se, me rodeando.

Escondi um sorriso, me virando e a atacando. Nós continuamos com esse jogo, dando pequenos golpes um no outro, eu fiquei cheio de cortes finos, por ela não usar força. Minha faca estava com proteção na lateral e na ponta, para que não a cortasse de verdade.

Dei-lhe um golpe no braço e fingi esfaquear sua barriga.

— Morta.
Seu corpo estava colado ao meu, nossas respirações misturadas.
— Morto — ela disse sem fôlego, e eu senti a ponta da faca em meu pau, e diabos, isso me fez ficar duro.
Eu me afastei um pouco, ficando mais perto da piscina, e continuamos. Valentina, se sentindo confiante, começou a saltar como um lutador, e isso atraiu a minha atenção para seus seios cheios.
— Você deveria me colocar para trabalhar para você, aposto que sou melhor que seus homens.
— Muito melhor — concordei, sem tirar os olhos de seu decote.
Notei quando seus mamilos duros marcaram o tecido, e levantei o olhar para sua boca. Valentina estava mordendo o lábio, e logo depois deu aquele sorriso safado. Puta merda. Ela lambeu o lábio inferior e apontou a faca para mim, como se fosse me espetar. Pulei para trás, e ela tentou novamente, quando tentei dar outro passo, não senti o chão, mas já era tarde, eu já estava caindo na piscina.
Quando submergi, meu corpo estremeceu pelo contato com a água, apesar de estar quente. Valentina estava com a cabeça jogada para trás, rindo alto.
— Não acredito que você caiu no meu plano!
Um pequeno sorriso me escapou.
— Então você estava planejando isso o tempo todo?
Ela negou.
— Admita que era você que tinha um plano de me jogar na piscina quando sugeriu treinarmos aqui — acusou.
Pensando sobre isso, talvez ela não estivesse tão errada assim, uma parte de mim queria brincar com ela. Fazer como antes.
— Tudo bem, talvez eu possa ter pensado nisso por uns segundos — admiti, e Valentina balançou a cabeça.
— Entenda, Eric. Eu sempre estarei um passo à frente — debochou.
— Agora me ajude a sair daqui, a água não está quente o suficiente.
Estendi a mão, e ela a pegou; quando segurei sua mão, seus olhos arregalaram em compreensão.
— Não ouse...
Eu a puxei com tudo na piscina, e ela caiu com um grito. Quando levantou, eu estava rindo enquanto Valentina tossia.

— Não acredito que você fez isso! — gritou, mas pude ver que ela estava se divertindo.

Valentina nadou até mim, e eu a esperei começar a me beijar. Suas mãos foram para meu ombro, e quando estava prestes a colocar as minhas em sua cintura, ela me afundou na água com força. Nós começamos uma briga na água antes de disputarmos o melhor salto. Fazia muito tempo que não nos divertíamos assim. Quando o cansaço bateu, nos deitamos no chão ao lado da piscina, nossos dedos encostados um no outro.

Quando vi que Valentina estremeceu de frio, eu me levantei.

— Vamos tomar um banho quente antes que você fique gripada.

Ela estendeu a mão, e quando a puxei, Valentina se jogou em meus braços.

— Me diverti muito hoje.

Beijou meus lábios e se afastou um pouco.

— O último a chegar é a mulher do padre.

Então me empurrou na piscina e saiu correndo. Sem querer me dar por vencido, eu saí da piscina e corri atrás dela, mesmo molhando toda a casa no processo. Ela chegou um pouco antes de mim, e quando entrei no quarto, a vi jogando os sapatos e meias pelo quarto enquanto tirava o top com uma mão e com a outra tentava se livrar da calça. Sem pensar muito, eu comecei a tirar minhas roupas. Nossos olhos se encontraram, e ela suspirou alto.

— Você vem? — perguntou, ansiosa, entrando no banheiro, seu olhar implorando para eu não desistir.

— Sim, mas você não pode ser mulher do padre, porque você é minha mulher. — Passei por ela ao entrar no banheiro, e Valentina se manteve parada. Então complementei: — Você vem?

Entrei no chuveiro sem olhar para trás e o liguei. Poucos segundos depois, senti seu corpo atrás do meu. Valentina estava fria, arrepiada, seus mamilos duros como pedras. Fiquei parado, sentindo a água quente batendo no meu corpo, enquanto ela se esfregava, então senti seus lábios macios nas minhas costas.

— Gostei muito de hoje, Eric. Senti que estávamos ligados de novo.

Senti Valentina se afastar e entrei em desespero, pronto para implorar para que ela não me abandonasse. Eu me virei e a vi pegando o sabonete antes de se virar para mim. Ela não ia embora, não iria me deixar. Valentina era minha, e nada mudaria isso. Suas bochechas coraram quando ela apertou

o sabonete líquido na mão, e depois de colocar uma quantidade boa, começou a passar a mão sobre meu peito, em cima da minha tatuagem com seu nome.

— Você sempre foi o único para mim, meu melhor amigo, meu primeiro amor, minha primeira paixão, meu primeiro desejo. — Ela engoliu em seco, e reparei que seus olhos estavam marejados. — Você é meu mundo, eu faria qualquer coisa por você. — Frisou bem a última parte.

— Então por que me traiu? — a pergunta escapou antes que eu pudesse pensar direito.

Valentina ficou tensa em meus braços, mas não desviou o olhar.

— Eu prometi que eu seria quem você precisasse que eu fosse — ela respondeu, e depois de um longo silêncio, suspirou. — Algum dia você vai me perdoar... você...

Valentina parou e engoliu em seco, desviando o olhar.

— O quê? — perguntei, curioso.

Ela mordeu o lábio, nervosa.

— Você deixou de me amar, Eric? — Sua voz mal saía, e lágrimas grossas escorriam do seu belo rosto.

Valentina estava sofrendo. Ela errou. Eu errei. Eu havia parado para admirar a *ring girl*, e só Deus sabe o que eu poderia fazer quando tinha episódios intensos, dos quais eu não me lembrava dos meus atos com clareza. Meu pai e meu irmão sempre negaram, mas eles mentiriam para me proteger. Talvez, em algum dos apagões, eu pudesse ter feito algo.

Segurei seu queixo, percebendo que minha mão estava trêmula.

— Eu nunca vou deixar de te amar, Valentina. Até quando te odiei, eu ainda te amava com mais força.

— Você me perdoa?

Eu assenti.

— Nunca mais falaremos sobre isso, nunca vamos deixar nada nos separar.

Ela acenou e seus olhos pareceram brilhar.

— Espere um minuto.

Ela saiu do boxe apressada, escorregando algumas vezes. Então caçou algo nas gavetas, antes de levantar uma de minhas lâminas. Ela voltou para o chuveiro, estremecendo, e eu a deixei ir para baixo do jato quente.

— Vamos fazer uma promessa de sangue sobre esquecer o passado e não falar mais nisso, pode ser? — ela perguntou, esperançosa demais. Partiu

meu coração ver o desespero em seu olhar.

— Não precisamos disso... — Apontei para a faca, mas antes que eu pudesse terminar minha sentença, Valentina envolveu a palma da mão com força e puxou.

Ela gritou pela dor. Eu rapidamente peguei sua mão, vendo que ela tinha feito um corte muito mais fundo do que da outra vez, com certeza precisaria de pontos. Lágrimas escorriam de seu rosto e Valentina tremia muito.

— Juramento de sangue, honra no sangue — ela exclamou, com a voz trêmula.

Quando tentei nos tirar da água, ela protestou.

— Não até você prometer.

Peguei a faca de sua mão trêmula e cortei a minha em um corte rápido e fundo, para combinar minha dor com a dela. Ela pegou nossas mãos e as juntou.

— Prometa.

— Eu prometo, Valentina. Prometeria qualquer coisa por você.

Ela despencou nos meus braços, chorando como criança, um choro sofrido, alto, cheio de dor e desespero. Meu próprio corpo começou a libertar lágrimas silenciosas enquanto eu tentava consolar minha mulher. Ela parecia estar tão arrependida. Queria acabar com toda a sua dor, não quero nunca mais a ver sofrer.

Quando Valentina finalmente se controlou um pouco, se afastou uns centímetros para me olhar. Nossos corpos estavam cheios de sangue, assim como todo o boxe, mas ela não parecia perceber.

— Eu te amo, Eric.

Beijei seus lábios com delicadeza, com medo de que ela quebrasse novamente.

— Eu também te amo.

Peguei uma toalha e enrolei nela. Em seguida, a levei no colo até uma das bancadas do banheiro.

— Precisamos dar um jeito nesse corte.

Peguei sua mão e coloquei uma toalha em volta, rezando para que ela não tivesse rompido nenhum tendão. Achei um kit de primeiros socorros e fiquei mais aliviado ao ver a anestesia. Montei uma seringa e, depois de pronto, a olhei.

— Você prefere ir a um hospital?

As máfias em geral raramente vão a hospitais quando precisam de assistência, mas eu iria agora, se Valentina se sentisse mais segura lá para receber os pontos.

— Não. Pode costurar.

Retirei a toalha de sua mão, limpando a minha própria ferida com a parte seca. O corte estava feio, porém foi preciso e reto. Seria fácil reparar.

— Você consegue mexer a mão? — perguntei, não tinha como eu ver se ela tinha rompido algo.

— Está doendo. — Ela mordeu o lábio com tanta força, que logo começou a sangrar também.

— Eu vou dar anestesia, vai doer um pouco, mas depois você não sentirá nada.

Valentina balançou a cabeça em acordo, suas pupilas estavam dilatadas pela adrenalina.

— Confio em você.

Ela fechou os olhos quando apliquei a anestesia, e depois de me certificar que tinha feito efeito, comecei a sutura, tomando cuidado, não queria deixar cicatrizes em sua mão. Valentina precisou levar nove pontos. Coloquei uma tala sobre eles e finalmente suspirei um pouco mais aliviado por ter cuidado dela.

— Pronto, amor. Pode abrir os olhos.

Valentina abriu seus belos olhos verdes, que estavam avermelhados pelo choro.

— Eu posso dar os pontos em você — sugeriu, mas eu rapidamente neguei. Do jeito que ela tremia, acabaria me machucando mais do que ajeitando, e isso só a faria se sentir ainda mais culpada.

— Não esquenta, rapidinho eu termino.

Depois de pegar outra agulha, eu me suturei, usando a outra mão. Os pontos não ficaram perfeitos como os dela, mas eu não ligo para cicatrizes. Valentina dessa vez olhou todo o processo dos pontos, mas parecia tão fora de si, que nem reclamou que eu não estivesse usando anestesia.

— Prontinho — disse com a voz calma e mostrei a mão para ela, já enfaixada como a sua.

Meu braço inteiro estava latejando pela dor, mas eu já estava acostumado com essa sensação, não era grande coisa para mim. Todavia

precisaria arrumar uns comprimidos para que Valentina não sentisse dor.

Ela permaneceu olhando para a minha mão por um certo tempo, antes de pular da bancada e ir direto para o vaso vomitar. Eu rapidamente a amparei, acariciando suas costas. Prendi seus cabelos em um coque e aguardei enquanto seu corpo tremia. A adrenalina deveria ter baixado.

Eu me sentei ao seu lado e esperei até que passasse seu enjoo. Em seguida, lhe dei uma toalha molhada, que ela passou com gratidão sobre o rosto. Eu a ajudei a se levantar e a observei enquanto escovava os dentes.

Quando Valentina terminou, passou o olhar pelo banheiro, todo cheio de sangue.

— Eric, parece que houve um assassinato aqui! — exclamou.

Eu não diria que já tinha visto cenas muito mais sangrentas do que aquela antes.

— Chamarei a empregada para limpar. Vamos tomar banho no quarto de hóspedes e depois comer algo, que tal? — sugeri, e Valentina acenou, mais animada.

— Algo leve, meu estômago ainda não está muito bom.

***

Sábado chegou, e quando tentei me levantar pela manhã, Valentina me agarrou como um macaquinho, como tinha feito desde quarta-feira.

— Só mais cinco minutinhos — ela implorou contra meu pescoço, me apertando mais.

Nós estávamos mais unidos do que nunca, voltamos a conversar sobre tudo e sobre nada, ouvíamos músicas. Falamos por vídeo-chamada com sua família e voltamos a jantar com a minha. Enquanto jantávamos com meu pai, na noite anterior, ele perguntou por que tinha uma faca no fundo da piscina, e Valentina engasgou com a água que estava bebendo. Quando me olhou com os olhos arregalados, acabamos caindo na risada.

— Eu preciso levantar — disse, mesmo sabendo que ela ganharia a disputa. Desde quarta, eu estava saindo de casa atrasado, mas satisfeito.

— Hoje é sábado, podemos acordar mais tarde — resmungou.

— Já é mais tarde. Preciso ir buscar nossa roupa.

Isso atraiu sua atenção. Valentina, então, levantou a cabeça para me olhar. Seus cabelos estavam para o alto, havia remela em seus olhos e seus

lábios estavam rachados de tanto nos beijar no dia anterior, mas, ainda assim, ela parecia apetitosa para mim.

— Que roupa?

Eu sorri de lado.

— Para descobrir, vai precisar acordar.

Consegui me livrar de seus braços de polvo, e quando ela voltou a colocar a cabeça no travesseiro e fechar os olhos, rapidamente vesti uma camisa preta e calças para sair. Em seguida, bati em sua bunda nua.

— Vamos, levante, temos planos para hoje.

— Tão cedo? — resmungou.

Olhei novamente meu relógio.

— Já são onze horas. Saímos daqui às treze, para a Oktoberfest.

Valentina se levantou e pulou na cama, animada como uma criança, mas meus olhos só focaram em seus seios nus pulando. Comecei a tirar a camiseta.

— Ué, não vai sair? — perguntou ironicamente, mordendo o lábio e enrolando uma mecha na mão. Ela sabia exatamente o que fazer comigo.

— Acho que vou me atrasar um pouco.

Eu me joguei na cama, e Valentina soltou um gritinho antes de colar nossos lábios.

Valentina

CAPÍTULO 32

Você está procurando no lugar errado o meu amor
Não pense que porque você está comigo isso é real
Você está procurando no lugar errado o meu amor
Não pare o que está fazendo, pois eu gosto como você faz isso
***Wrong* – Zain feat. Kehlani**

ERIC

Ajeitei o chapéu na cabeça, não me fantasiava com trajes típicos desde que era um menino e Catherina fazia questão de nos levar à festas assim. Mal lembro a última vez em que tinha usado uma jardineira, mas ali estava, usando uma marrom, meias até o joelho e camisa bufante. Só Valentina para me fazer passar por isso. Se já não soubesse que todos estariam vestidos assim e que ninguém repararia ou me julgaria pelo vestuário, não tenho certeza se usaria. Dominic Raffaelo, *capo* de toda uma facção, usou uma roupa de Batman para agradar sua mulher, mesmo que negasse até a morte. Valentina me mostrou uma foto. Acho que as mulheres vieram a esse mundo para testar os limites dos homens, não é possível.

— Querido, pare de mexer no cabelo, vai estragar o penteado — Catherina chamou, ajeitando a gola da camisa.

— Verdade, querido — Heiko caçoou, mas ele não estava muito diferente de mim.

Enquanto a minha roupa era marrom, a dele era verde. Sophia surgiu descendo as escadas, sua roupa combinando com a de Heiko. Ela estava linda, e agora se via que se tornara uma mulher. Se dependesse de mim, não se casaria tão cedo.

— Está perfeita — falei quando ela se aproximou de todos, com suas bochechas coradas.

— Obrigada!

Ela olhou para a escadas, e quando levantei o olhar, quase tive um infarto. Valentina estava descendo as escadas, alheia a meu olhar cobiçoso. Ela conseguiu deixar um traje típico alemão algo totalmente erótico para mim. Sua saia não era curta, mas revelava as belas pernas, o espartilho, em

um tom marrom mais escuro, mostrava sua cintura fina e fazia seus peitos parecerem muito maiores. Ela fez duas tranças, e estava com uma coroa de flores na cabeça.

— Estou ou não estou parecendo uma alemã típica? — ela perguntou em alemão, forçando um sotaque. — Hoje a festa será *tudo na manteiga!*[12]

Todos explodiram em gargalhadas, inclusive meu pai, que tinha acabado de entrar na sala. Valentina fez um giro, fazendo o vestido rodar. Reparei que havia pompons em sua bota de salto alto.

— O que acham da minha roupa?

— Está linda, Valentina — meu pai falou. — Divirtam-se, mas não demais.

Realmente eu não beberia, agora que estava me medicando ,perdi as contas de quantas vezes meu psiquiatra me mandou mensagens, assim como meu pai, me lembrando disso. Desde que coloquei a vida de Valentina em risco por causa das drogas e bebidas, eu não queria mais me sentir do jeito que senti ao vê-la desacordada. Seria uma pessoa melhor. Com el,a eu não precisava me esconder atrás de entorpecentes para ser feliz.

Mamãe bateu várias fotos nossas antes de finalmente sairmos. Entramos na parte traseira do carro, e Heiko foi na frente com o motorista. Sophia sorria animada e começou a falar sobre o festival para Valentina.

— Na abertura, acontece com um desfile dos soldados e de carruagens com cavalos. Ao meio-dia, o prefeito da cidade abre o primeiro barril de cerveja, e doze tiros são disparados para o alto.

Valentina sorriu com os olhos brilhando, e eu prometi a mim mesmo que, no próximo ano, ela veria a abertura. Já estávamos no fim do festival, infelizmente. Acabava no dia seguinte. Ao contrário do que se espera, a Oktoberfest acontece em setembro, por causa do bom tempo.

— Vocês precisarão me ajudar a entender as pessoas. Se compreender alemão já é difícil, imagina alemão enrolado e bêbado!

Heiko riu e se virou para a gente.

— *Você está fazendo de um mosquito um elefante!*[13]

Valentina lhe mandou um dedo do meio.

— Vai dizer que você vai entender tudo que eles falarem claramente, duvido!

Eles continuam a brincar um com o outro até que chegamos ao local. O evento ocorria sempre dentro do Theresienwiese, um parque de diversões

que foi construído exclusivamente para abrigar o evento e que fica a 25 minutos de caminhada da Marienplatz, bem no centro de Munique. É um espaço gigantesco; o carro nos deixou antes do evento e fizemos o restante do caminho a pé, o que levou vinte e cinco minutos. Olhei meu celular, vendo que o restante do povo convidado para nosso camarote já tinha chegado.

Valentina olhava encantada para tudo, segurando minha mão. Ela parava de andar a cada show de rua, dançando animada músicas típicas e populares do mundo.

— Você está me devendo uma dança, senhor mafioso — ela sussurrou contra meu ouvido, mordendo meu lóbulo enquanto caminhávamos. Minhas mãos estavam em sua cintura, impedindo que ela fosse empurrada pela quantidade de gente.

— Aguarde e você terá tudo o que quiser!

Ela me lançou um sorriso e mordeu o lábio enquanto continuávamos nosso caminho. Nosso camarote era muito maior do que os outros, havia garçons aguardando para nos servir, barracas próximas e serviçais prontos para buscar o que quiséssemos. Não precisei me identificar para entrar, todos sabiam quem eu era.

Fomos cumprimentados por meus colegas, e Valentina parecia estar animada de estar com suas amigas, esposas de meus homens. Todos nós entramos em conversas leves, Valentina sempre segurando minha mão ou minha perna, como se temesse que eu sumisse a qualquer momento. Eu pedi cervejas sem álcool para mim, e Valentina me olhou, emocionada. Nós brindamos e aproveitamos a música, as pessoas e a companhia um do outro.

As meninas estavam dançando, e eu estava fascinado olhando minha mulher. Não perdi o olhar de desejo dos homens à minha volta, Valentina era uma estrela brilhante em meio ao caos. Ela sempre chamava a atenção e nem parecia notar.

Alguém entrou no nosso camarote, e vi o olhar divertido de Valentina se tornar feroz, mas ela respirou fundo e colocou a sua máscara no lugar. Segui seu olhar, vendo Edelina cumprimentando a todos. Valentina me lançou então um olhar óbvio: *toque nela, e eu te mato*. Confesso que gostei de a ver com ciúmes, isso mostrava que ela realmente tinha sentimentos por mim.

Eu me aproximei e segurei sua cintura, dando um beijo em seu ombro.

— Está se divertindo?

— Eu estava.

Ela deu um beijo na minha mandíbula.

— Você a convidou?

Eu bufei.

— Claro que não, mas ela tem suas próprias ligações.

Valentina me deu um leve aperto discreto, e eu sabia o que viria a seguir.

— Eric! Quanto tempo! — Edelina chamou, vindo na minha direção com os braços abertos. Eu mantive meus braços em volta da cintura de Valentina.

— Edelina. — Eu a cumprimentei com um aceno de cabeça educado.

Sua expressão estava desconcertada quando percebeu que eu não tocaria nela. De canto de olho, verifiquei se Valentina não ria ou debochava, mas surpreendentemente ela não estava.

— Oi, Edelina. Bem-vinda.

Edelina deu um sorriso falso.

— Valentina. Está linda.

Antes que minha mulher pudesse responder, Edelina se afastou, batendo o pé, e quando me olhou por cima do ombro, vi seus olhos marejados. Depois de tantos anos, ela ainda não entendera que eu nunca seria dela? Sempre serei de Valentina, mesmo ela quebrando meu coração. Ele nunca foi meu, sempre pertenceu a Valentina.

VALENTINA

A Oktoberfest foi muito mais do que eu imaginava. A música, as comidas, as pessoas animadas e as cores espalhadas. Nós dois decidimos caminhar um pouco pela feira; acabei comprando um quadro de madeira talhada em formato de um copo de cerveja e camisas decoradas para nós dois e mais algumas para enviar para minha família, assim como alguns doces que me deram desejo para comer mais tarde. Eric tinha um de seus homens perto e lhe entregava as compras.

— Isso está maravilhoso, você não quer mesmo? — perguntei, mordendo mais um morango com chocolate. Desmanchava na boca de tão

gostoso. Havia um toque de rum no chocolate, que o deixava mais apetitoso.

— Não, talvez mais tarde — Eric respondeu, beijando minha nuca antes de prosseguirmos pela feira.

Ele acabou comendo comigo, tomamos umas cervejas, as de Eric sem álcool — ele realmente estava levando a sério seu tratamento, e isso me emocionava. Eu ainda estava sóbria e sabia que ele cuidaria de mim se eu passasse do ponto. Uma coisa legal da feira foi que você só poderia carregar copos de cerveja dentro dos lugares específicos. Os bares tinham filas para entrar, e nesse momento agradeci por Eric ter tudo nas mãos. Sempre fui privilegiada, desde pequena percebi que eu sempre tinha tudo o que eu queria, ganhava bonecas antes de serem lançadas, roupas, bolsas. Podia pegar o jatinho particular de meu pai e ir para qualquer lugar no mundo. Dinheiro nunca foi um empecilho para mim, e regras sempre podiam ser burladas, uma vez que meu pai era o chefe e as fazia. Tudo na minha vida foi fácil.

Reconheci alguns dos iniciados de Eric, eles acenaram para ele quando passaram por nós. Eric acenou de volta e ficou olhando os rapazes se afastarem.

— Que olhar é esse? — perguntei, o empurrando, divertida.

— Fico pensando como eles se sairiam fazendo um circuito enquanto estão de ressaca.

Eu ri.

— Você é mau, mas eu amo. — Beijei seu queixo, e continuamos a andar.

Passamos por uma barraquinha, e fiquei atônita.

— Nem pensar — Eric protestou, tentando me puxar dali. Eu ainda estava cheia dos morangos, mas queria, mais do que isso, queria provocar Eric.

— Nem pensar, eu quero um *waffle* — disse docemente, com um rosto angelical.

Eric passou a mão pelo rosto, e eu levei isso como um sim. Rapidamente fui até a barraquinha, só tinha uma pessoa na minha frente. Quando chegou a minha vez, eu fiquei rindo feito doida, olhando para Eric.

— Gostaria de quais coberturas? — a dona da barraca perguntou.

Eu apontei diretamente para o chocolate branco.

— Essa, por favor.

Enquanto Eric pagava, eu mergulhei a ponta do *waffle* no chocolate

branco e esperei que ele se virasse para mim. Quando ele fez, eu lambi a ponta.

— Isso é maldade — ele grunhiu.

Pegando a minha cintura, Eric me guiou até um pedaço mais deserto, me colocando encostada a um árvore. Eu sensualmente lambi novamente a ponta, e seus olhos não deixaram meus lábios, então mordi a ponta do pau, *ops*, do *waffle*, que tinha o formato de um pênis.

Eric estremeceu, e eu limpei o canto da boca antes de lamber o dedo.

— Não se preocupe, *mein leben*. Nunca morderia seu pau... a não ser que você pedisse.

Antes que eu pudesse controlá-lo, Eric derrubou o *waffle* junto com o pratinho de chocolate e tomou meus lábios em um beijo ganancioso e cheio de possessão.

— Quando chegarmos em casa, não vamos dormir.

Beijei seus lábios de volta.

— Estou contando com isso.

Nós fomos para as barraquinhas de prêmios e conseguimos passar na frente de várias filas quando os donos reconheceram Eric. Enquanto ele jogava argolas na garrafa, eu terminei de comer um cachorro-quente, depois de termos parado um tempo em um bar e bebermos juntos numa mesa, sozinhos. Eric acabou ganhando um ursinho, era marrom, parecendo surrado e estranho.

— Vamos tentar novamente — grunhiu e olhou para o homem. — Pode deixar essa coisa feia aí!

Joguei o restante do cachorro-quente no lixo.

— Não, eu quero! — protestei, e estendi os braços. O homem, sem saber o que fazer, olhou para Eric, que, suspirando, acenou.

Abracei o ursinho estranho, mas estava encantada. Talvez ele não fosse o que as pessoas queriam, mas ainda assim podia ser especial para mim, como um tesouro. Um estranho tesouro, em um corpo de um ursinho feio.

— Por que você o quer? — Eric perguntou enquanto estávamos na fila da roda-gigante.

Nós estivemos em alguns parques quando pequenos, mas nunca em um lugar tão cheio de gente. Lembro que um dos meus aniversários foi em um parque, papai o alugou inteiro só para a gente. Então percebi uma coisa,

Heiko e Sophia não estiveram em nenhum aniversário meu. Eles sempre foram convidados, mas sempre houve desculpas.

— Eric. — Eu o cutuquei, e ele me olhou. — Por que seus irmãos nunca foram para os meus aniversários ou na minha casa?

Suas bochechas coraram de leve, e ele parecia sem graça. Eric estava lindo, usando roupas típicas, e eu não planejava que tirasse quando chegássemos em casa.

— Eu... — Ele limpou a garganta.

Fomos chamados e entramos na nossa cabine. Eu não tirava os olhos dele enquanto esperava sua resposta.

— Você... — indaguei para que continuasse.

— Eu sempre fui ciumento, sempre tive que dividir você com seus irmãos e primos. Não queria que tivesse que te dividir com meus irmãos também.

— Ah, Eric! — Eu o abracei e beijei sua bochecha. — Essa foi a coisa mais estranhamente fofa e irreal que você já falou.

Belisquei sua bochecha de brincadeira.

— Irreal? — ele questionou, as sobrancelhas erguidas.

— Eric, você sempre foi a pessoa que eu mais ficava junto, mesmo nos meus aniversários. Nunca deixei o seu lado, por isso você está em quase todas as minhas fotos de infância e adolescência.

— Eu...

Eu tampei seus lábios com um dedo.

— Nunca houve concorrência, porque você sempre foi o primeiro de tudo. Sempre foi e sempre será a minha prioridade.

— Você promete? — ele perguntou, estendendo a mão cortada, eu a cobri com a minha, e apertamos de leve.

— Prometo.

Nós nos beijamos, e depois ficamos observando a vista de Munique sob a roda-gigante. Minha cabeça estava em seu ombro, e Eric acariciava minha cintura.

— Nós precisamos dar um nome para nosso filho — disse do nada, só para assustá-lo.

Eric reagiu dando um pulo e arregalando os olhos, o que me fez rir.

— Valentina...

Eu balancei o urso para acalmar tanto a ele quanto a mim. Era para ser

uma brincadeira, mas eu comecei a suar frio. Puta merda. Não poderia estar grávida. Fiz as contas mentais, e eu estava bem atrasada em tomar a dose do anticoncepcional, mas falavam que às vezes levava até anos para o medicamento sair do organismo e você poder engravidar.

Não posso ser azarada a esse ponto, Eric e eu acabamos de ficar bem.

— Ruffus? — Eric sugeriu dando de ombros. — Não ligo para nomes de urso, mas se quiser, posso pesquisar na internet para você.

Eu neguei, a cabeça em outro lugar.

— Ruffus é perfeito. Obrigada.

A roda parou, e saímos, Eric segurou a minha mão.

— Quer brincar mais um pouco ou quer voltar para o camarote?

— Vamos voltar, quero ir ao banheiro.

Para surtar um pouco e quem sabe vomitar, já que meu estômago está dando voltas e mais voltas, completei mentalmente.

Quando voltamos, todos estavam mais do que bêbados. Os homens estavam enrolando a língua para falar, e vi Heiko pedindo para eles repetirem o que estavam dizendo duas vezes antes de entender e rir. As meninas me chamaram para ficar com elas, e Eric foi ficar com os meninos. Dei graças a Deus por não ver Edelina, e quando decidi que precisava de uns minutos sozinha, para colocar a cabeça no lugar, avisei a Eric que estava indo ao banheiro. Ele me acompanhou até um banheiro de verdade, não um químico, e ficou na porta me esperando.

Quando entrei, parei no mesmo lugar ao ver Edelina retocando a maquiagem. Ela parecia muito bêbada, o batom estava borrado e o vestido torto, não precisava ser um gênio para saber o que acontecera.

— Veio aqui para mostrar como é superior? — ela cuspiu, tentando em vão tirar o batom borrado da boca.

Suspirando, eu me aproximei, pegando alguns papéis e molhando na água antes de entregar a ela, que aceitou e continuou a se limpar.

— Edelina, você precisa superar o Eric — falei, e ela estreitou os olhos. — Não estou falando isso para te magoar, estou sendo sincera. Ele nunca foi seu. Você não o conhece. Você gosta da ideia de o ter, de ser dele, mas você não o conhece. Não conhece suas manias, seu gênio, suas piadas, seus medos, anseios, desejos. Você não o conhece. Ele sempre foi meu, Edelina. Desde que éramos pequenos, nascemos um para o outro, e acredito

que você também vai encontrar um homem perfeito para você, mas ele não vai ser Eric.

Ela me olhou por um tempo antes de assentir.

— Eu sei que ele é seu. Nunca disse que ele era perfeito, afinal, Eric também trai, né? É um homem. — Ela deu de ombros. Não parecia ter falado para me machucar, mas meu sangue gelou, e eu comecei a ver as coisas rodando.

— Me trai? — perguntei, tentando manter a voz sem muito interesse. Ela parecia estar tão bêbada, que não percebeu que eu estava tremendo.

— Valeria está trabalhando na minha casa agora. Ela deixou escapar que tinha um caso com Eric. — Edelina riu. — Você foi rápida de colocar a garota para fora.

Perdendo a calma, eu me aproximei dela e segurei seu braço com força.

— Quem mais sabe sobre isso?

Ela arregalou os olhos, como se percebesse quem eu era.

— Ela só falou comigo. Ela deixou escapar enquanto arrumava meu quarto e viu uma foto minha com Eric na minha parede.

Eu acenei, ignorando o fato de que ela tinha uma foto do meu homem exposta em sua casa.

— Você nunca mais vai falar sobre isso, para ninguém, está me ouvindo? Se eu ouvir sobre isso, eu vou atrás de você. Está me entendendo?

Ela concordou com a cabeça, tremendo.

— Você está me machucando.

Eu coloquei minha cabeça perto da dela, sentindo o bafo de álcool de perto.

— Você nunca mais falará sobre isso, está me ouvindo?

Ela assentiu, e eu a soltei. Edelina correu para fora como o diabo foge da cruz.

Eric entrou no banheiro com os olhos arregalados.

— O que houve? Edelina fez algo?

Ele me tocou, como se estivesse procurando ferimentos.

— Não, está tudo bem. Só tivemos uma conversa franca sobre você ser meu.

Sorri, tentando me acalmar. Eric estava indo tão bem, não queria o fazer ter um episódio por minha causa.

— Sabia que ela tem uma foto sua na casa dela? — perguntei, rindo.
Eric franziu a testa.
— Uma foto minha, tipo, um quadro?
Eu o empurrei.
— Do jeito que ela é desesperada por você, deve ser um altar.

Nós voltamos para o camarote, e eu não vi Edelina; fiquei ali mais meia hora antes de arranjar uma desculpa para ir para casa. Dentro do carro, Eric estava distraído conversando com Heiko enquanto Sophia dormia — a menina era fraca para bebidas.
Saquei meu celular e mandei uma mensagem discretamente.

Eu: Valeria precisa ser calada.

A resposta não tardou a vir.

Ivan: Providenciarei agora.

O sangue estava em minhas mãos, mas ela escolheu seu futuro. Uma chance lhe foi dada, e ela não acatou a ordem. Na máfia, não há segunda chance, e com certeza comigo não há, se isso envolve a segurança de Eric.
Quando chegamos em casa, Ivan estava sentado na poltrona sozinho na sala, lendo jornal. Ele levantou o rosto para nós.
— Se divertiram?
— Sim, a tampinha não aguentou — Heiko disse com Sophia dormindo em seu colo. — Boa noite para vocês!
— Pegue o elevador, está bêbado e pode cair com sua irmã das escadas — Ivan ordenou. Ele então voltou sua atenção para a gente. — O que achou da festa, Valentina?
— Incrível, pena que está no fim. Gostaria de ir mais vezes.
Ivan olhou para Eric.
— Pode buscar meu charuto, filho?
— Claro. — Eric beijou meu ombro. — Pode me esperar lá em cima, se quiser.
Acenei, e ele sumiu nos corredores. Esperei um pouco e soltei em voz baixa.

— Valeria disse que tinha um caso com Eric para Edelina. Ela manterá a boca fechada porque tem muito a perder, mas Valeria não tem nada. Ela é perigosa.

Ivan assentiu, e voltamos a ficar quietos por um momento.

— Tudo será cuidado, não se preocupe.

Eric entrou na sala nesse momento.

— O que vai ser cuidado? — ele perguntou.

Ivan nem hesitou.

— Sobre as festas que temos. Valentina teme não ter roupas suficientes para os próximos eventos.

Eric balançou a cabeça.

— Sua tia sempre tem algo especial guardado, mas podemos entrar em contato com designers exclusivos. Minha mãe vai adorar te ajudar.

— Ótimo. — Sorri.

Droga, eu tinha saído de uma para entrar em outra. Não aturaria Catherina falando do meu peso ou querendo mandar nas minhas escolhas de vestuário.

— Boa noite, pai!

— Boa noite, Ivan!

Nós dois subimos as escadas de mãos dadas, e quando chegamos a meu quarto, eu ataquei. Queria esquecer todos os problemas, esquecer o mundo. Eric levantou meu vestido e rasgou minha calcinha. Ele me beijava com muita gana, como se não me tocasse há séculos. Consegui descobrir o fecho de sua jardineira e rapidamente a abri, colocando sua ereção rígida para fora.

Eu me ajoelhei e o tomei na minha boca. Eric gemeu, segurando minha nuca.

— Só não pode morder.

Eu lambi toda a ereção, sob seu olhar atento, o que me deixou mais excitada.

— Não prometo.

Brinquei com ele mais um pouco, antes que Eric me levantasse e me colocasse de quatro na cama. Ele afastou meus joelhos e levantou meu vestido; eu empinei a bunda e balancei um pouco.

— Que visão do paraíso — ele murmurou, e quando achava que Eric iria me penetrar, senti sua língua por toda a minha intimidade.

Estava pingando de desejo, ele conhecia cada nervo e sabia onde tocar. Gemi contra a cama, meu corpo tremendo de prazer; revirei os olhos quando ele lambeu meu ânus, me surpreendendo.

— Ai, Eric. Por favor, me come.

Ele lambeu mais um pouco, me deixando toda arrepiada antes de se afastar, e então Eric penetrou minha vagina. Eu gritei, meus quadris rolando em busca de mais prazer. Segurando meus quadris, ele começou a investir, primeiro com calma, mas logo de modo selvagem, me fazendo tremer de prazer.

Quando Eric colocou o dedão dentro de mim, eu tive um orgasmo, meu corpo convulsionando, uma sensação alucinante, mas eu queria mais.

— Come meu cu, Eric. Por favor.

— Porra, Valentina.

Ele saiu de mim e me segurou pelas tranças, puxando meu rosto para mais próximo do seu. Seu pau estava encostando em toda a minha intimidade, duro como aço, e eu tentava me esfregar contra ele.

— Você não fala assim se não quiser que eu acabe antes de começar.

Ele tomou meus lábios, suas mãos acariciando meu corpo enquanto tentava se livrar de nossas roupas. Quando estávamos finalmente nus, eu lambi os lábios.

— Você ainda não me pegou por trás. — Agarrei sua ereção e comecei a masturbá-lo lentamente. — Você não quer comer meu rabo?

Ele fechou os olhos, jogando a cabeça para trás.

— Quero muito, mas não sei se vou ter controle.

Eu mordi o lábio.

— Só vamos saber se tentarmos. — Eu me levantei e corri para pegar o lubrificante, que já estava há séculos guardado. Voltei o balançando. — Nós perdemos muitas chances de fazer isso, mas hoje você não me escapa.

Joguei o vidro nele, desmanchei as tranças e arranquei a coroa de flores da cabeça antes de voltar a ficar de quatro, bem empinada para Eric. Antes de corar, eu coloquei as mãos na minha bunda, abrindo para ele.

— Puta merda — Eric grunhiu.

A vergonha foi substituída por desejo, e Eric começou a me lamber novamente. Os dedos dos meus pés se enrolaram, mas eu segurei meu orgasmo. Ele enfiou um dedo no meu buraquinho; era muito apertado, mas tão gostoso, e meu corpo estava degustando essa nova sensação proibida. Ele

colocou mais lubrificante e mais um dedo, abrindo e fechando dentro de mim, como uma tesoura. Ardia, mas era gostoso. Ele mordeu a minha bunda enquanto fazia isso.

— Por favor, Eric — implorei.

Ele retirou os dedos e beijou a polpa da minha bunda antes de se afastar. Eu me preparei para o que vinha a seguir, tentando respirar fundo. Senti a sua cabeça começar a entrar e suspirei. Eric era muito maior do que o plug que eu usava às vezes. Doía conforme ele entrava, queimava, mas também estava tão bom. Minhas mãos agarraram o lençol com força, enquanto eu mordia o lábio para não gritar como uma louca.

— Está tudo bem?

— Sim, só vai devagar.

Ele beijou minha coluna, onde estava seu nome, e continuou a entrar. Quando ele começou a se mexer, a sensação se tornou gostosa; havia uma certa pressão deliciosa. Ele passou a mão pelo meu corpo, brincando com meus mamilos, até que eu estava me esfregando contra Eric descaradamente. Então ele desceu as mãos entre minhas pernas e começou a brincar com meu clitóris, e é aí fiquei louca.

Eric deslizou mais depressa, e eu não consegui mais conter meus gritos. Meu corpo convulsionou quando meu orgasmo veio; foi diferente dos outros, mais intenso. Eric continuou a investir em mim, então ele gemeu, e eu sabia que ele tinha gozado também. Eric despencou em cima de mim sem forças.

— Você está bem? — perguntou, beijando meu ombro.

Eu murmurei a resposta, mas nem eu mesma conseguiria entender. Eric conseguiu se mover depois de uns minutos e trouxe uma toalha com água quente para nos limpar e nos ajeitar na cama. Em seus braços, me senti amada e especial.

— Você é perfeito.

Eric beijou meus lábios.

— Foi muito intenso.

Eu levantei a cabeça e sorri para ele.

— Se prepare, que agora eu tenho uma nova arma contra você.

Um bocejo veio, e ele também bocejou.

— Você tem todas as armas, Valentina.

Nós caímos no sono juntos, e eu estava tão cansada, que nem pensei

nos meus problemas.

CAPÍTULO 33

Nós sempre entramos nisso cegamente
Eu precisava te perder para me encontrar
Esta dança estava me matando suavemente
Eu precisava odiar você para me amar, sim
***Lose you to love me* – Selena Gomez**

ERIC

Acordei primeiro que Valentina, e ao olhar o relógio vi que tinha dormido por só quatro horas. Eu a observei dormir nos meus braços, seus cabelos bagunçados, suas curvas. Nós tínhamos nos conhecido novamente nos últimos dias, aprendendo mais um sobre o outro, nossos defeitos, e finalmente aprendendo a superar. Acho que entramos nisso cegamente, o casamento era um propósito, e quando conseguimos, não vimos que só o amor não era suficiente.

Eu me levantei e saquei meu celular, tirando uma foto sua. Tomei cuidado para não aparecer seus seios ou sua intimidade, e a foto saiu linda, como o esperado. Valentina parecia um anjo, as letras em suas costas pareciam me chamar.

Eu a odiei. Odiei com todas as forças o que ela fez comigo, odiei sentir sua traição, as dúvidas rodeando minha cabeça, a odiei por me fazer duvidar de mim mesmo.

Enxerguei que ela agiu errado, mas foi pela emoção, estávamos brigados, ela estava sobre muita pressão para lidar comigo, e me trair foi sua válvula de escape, uma forma de me machucar, mesmo que inconscientemente. Certa vez, ela me disse que me amaria na saúde e na doença, mas não se eu fosse a sua doença. Essas palavras passaram a me manter firme com a medicação, mesmo que isso acabasse comigo. Não queria voltar de um episódio e descobrir que fiz algo que me arrependeria para sempre.

Valentina se mexeu na cama e abriu os belos olhos para mim.

— Velando meu sono? — perguntou, sonolenta.

Em vez de responder, eu me deitei em cima dela e comecei a beijá-la.

Ela se entregara no dia anterior, confiando totalmente em mim, como antes. Ela retribuiu o beijo, arranhando minhas costas e mordendo meu lábio. Então eu estava dentro dela.

Valentina gemeu contra meu ouvido.

— Eu te amo — ela disse quando gozou. Eu não tardei a segui-la.

Depois de tomarmos banho, descemos as escadas para tomar café da manhã com todos. Meu pai acenou para nós e voltou para o seu jornal. Catherina conversava de maneira animada com Sophia sobre os planos da semana, iriam para o salão e fariam compras. Eu comecei a servir Valentina, mas ela negou.

— Só quero café hoje, ainda estou enjoada de ontem.

Servi seu café e depois que estávamos todos comendo, eu comentei com meu pai.

— Pai, de quem eram aqueles desenhos infantis no seu escritório quando fui buscar seu charuto ontem?

A mesa ficou completamente em silêncio, meu pai levantou o olhar para mim, parecendo um pouco desconcertado pela primeira vez em muito tempo. Será que meu pai tinha um filho fora do casamento, e eu acabei contando algo? Não achei que seria grande coisa, poderia ser presente de alguma criança pequena da máfia, alguém que o admirava ou algo assim.

Ele limpou a garganta.

— Ganhei de algumas crianças quando fui em uma reunião.

Eu acenei.

— Eles deviam ser bem pequenos, os desenhos são horríveis — brinquei, tomando um gole do meu café. Eu me virei então para Valentina. — Quer fazer algo hoje ou está cansada de ontem?

Suas bochechas coraram, provavelmente pensando sobre a noite anterior.

— O que você quiser.

Isso me animou.

— Eu tinha pensado em fazer um circuito para os iniciados. A maioria deles ainda deve estar de ressaca de ontem.

Heiko acenou e falou com a boca cheia.

— Vi os garotos ontem, praticamente a turma toda estava lá, menos Alex.

Valentina suspirou ao meu lado.

— Os outros ainda o estão excluindo?

Eu acenei e papai me olhou.

— Você precisa resolver isso, Eric. Um soldado sozinho não dura muito tempo, e você sabe disso.

Magda entrou na sala com bolo, mas sua expressão estava triste, e ela tinha os olhos vermelhos, o que me preocupou. Jamais a vi chorando.

— Magda, está tudo bem? — perguntei, e ela colocou o bolo na mesa.

— Valeria foi encontrada morta essa manhã, morreu dormindo. Mal súbito.

Isso me surpreendeu, nunca tive qualquer intimidade com Valeria. Para falar a verdade, mal a via, mas lembro da última vez que a vi quase custou meu casamento. Ela estava se masturbando me observando malhar quando Valentina a pegou em flagrante. Nunca soube que gostava de mim. Soube que estava trabalhando para os Fischer depois que foi embora daqui.

Olhei para Valentina, que estava pálida e trêmula. Eu me virei para meu pai, mas seu rosto estava sem expressão. Tudo bem que ele não ligava para ela, mas foi ele a trazer para casa há tantos anos.

— Quem a encontrou? — perguntei, estranhando ninguém falar nada.

— Edelina, ela desmaiou quando percebeu que Valéria estava morta. Teve até uma concussão.

Valentina então se levantou.

— Eu preciso... eu... eu não estou me sentindo muito bem.

Então ela correu, me deixando surpreso. Ela não gostava de Valeria, por que reagir assim? Comecei a me levantar, mas Heiko me chamou.

— Acho que hoje seremos só nós fazendo o circuito então — brincou.

Eu me levantei.

— Preciso ir ver Valentina.

Meu interior se contorceu enquanto subia as escadas com pressa. Quando entrei no nosso quarto, escutei um barulho no banheiro, e ao entrar, vi Valentina vomitando no vaso. Segurei seus cabelos e acariciei suas costas.

— Está tudo bem, querida.

Ela chorava antes de outra rodada de vômito vir. Já estava enjoada antes da notícia, ontem ela realmente comeu muitas coisas, mas meu estômago se torceu quando uma dúvida surgiu, mas logo foi apagada. Isso não poderia acontecer. Valentina se protegia, ela não poderia estar grávida. Não estava pronto para dividi-la ainda.

Quando Valentina finalmente se acalmou, eu a ajudo a se levantar e escovar os dentes.

— Foram as porcarias que você comeu ontem — disse, tentando convencer mais a mim mesmo do que a ela.

— É. — Ela sorriu, mas parecia forçado. — Acho melhor você fazer suas coisas sozinho, só volte cedo, por favor.

Eu acenei.

— Eu vou te compensar, juro.

Beijei sua testa e saí. Eu poderia ficar em casa, cuidando dela, mas o pensamento de Valentina estar grávida me tirava do sério, e eu precisava fazer algo, gastar energia. Não poderíamos brigar agora, que estávamos finalmente bem. Eu precisava controlar meu gênio, mas a minha vontade era de quebrar tudo. Ela não poderia estar grávida, porque se tivesse, sempre haveria a dúvida na minha cabeça se o filho seria meu. Eu não viveria comigo mesmo se a machucasse assim. De uma maneira ou de outra, esse filho seria meu. Não faria Valentina cair em desgraça na máfia.

Desci as escadas, e Sophia me parou no último degrau.

— Eu posso ir?

Eu olhei em volta.

— Você sabe que não pode fazer nada, é perigoso.

Ela mordeu o lábio e colocou as mãos em oração.

— Eu juro me comportar.

Olhei por cima do ombro, Heiko se aproximou e deu de ombros.

— A gente fecha o ginásio quando o último sair e podemos ficar mais uma meia hora treinando.

Passei as mãos pelo cabelo e acenei; empurrei Sophia quando passei por ela.

— Não pense que serei mole com você.

Ela me empurrou de volta.

— Nunca esperaria por isso.

***

Horas depois, chegamos em casa suados e fedidos. Sophia tinha curativos nas mãos, mas ostentava um sorriso brilhante e orgulhoso. Ela não me ganhou no tempo do circuito, mas conseguiu empatar com Heiko, em um

tempo excelente, ao contrário dos iniciados, que tiveram dificuldade para fazer tudo — menos Alex Rider, é claro.

— Vai se preparando, que na próxima vez eu ganho. — Sophia se animou.

Já passava das três da tarde, e pensava no que poderia fazer com Valentina. Eu a encontrei no nosso quarto, dormindo abraçada àquele urso feio. Tomei um banho e fui até a cama, acariciei seus cabelos, e ela abriu os olhos.

— Está melhor?

— Sim.

Ela se jogou em meus braços, me abraçando como se eu fosse seu próprio ursinho. Acariciei seus cabelos, e ela ronronou como uma gatinha.

— Quer sair para jantar mais tarde?

Valentina apenas concordou.

— Mas agora quero dormir um pouquinho mais.

Eu a segurei e permaneci perdido em meus pensamentos, sem sono.

— Você almoçou? — perguntei, preocupado, e comecei a me sentir mal. Eu a tinha deixado logo depois de vomitar, sem saber se ela comera, se precisava de algo. Eu estava pensando só em mim.

— Sim, Catherina trouxe comida para mim e ficou comigo.

Valentina me apertou mais contra si e me cheirou.

— Eu ainda estou fedendo? — perguntei brincando, e ela riu.

— Eu amo seu cheiro, mesmo quando está suado, mas você está cheiroso. — Ela me deu uma lambida antes de levantar a cabeça para me olhar. — Quero comer comida brasileira, será que a gente encontra algo ou temos que fazer?

Num domingo à noite era difícil achar, mas acreditava que não fosse impossível.

— Qual comida brasileira, churrasco, feijoada?

Ela lambeu os lábios.

— Não, mas agora também deu vontade. Queria frango com quiabo.

Meu rosto se franziu, essa era umas das comidas brasileiras que eu mais achava estranhas, mas não comentei.

— Vou pedir para Magda fazer e vou pedir para os iniciados caçarem.

Valentina riu.

— Eles já não fizeram bastante hoje?

Dei de ombros.

— Mente vazia é oficina do diabo.

— Se é assim, manda caçarem aquele bolo de chocolate com cereja.

— *Schwarzwälder Kirschtorte*?

— Isso, bolo de floresta negra.

Saquei meu celular e mandei mensagem para eles, pedindo para os grupos caçarem as duas coisas e comprarem o frango. Também mandei uma mensagem pedindo para Magda, que respondeu rapidamente que faria com todo amor para o jantar. Avisei que era melhor ela fazer pouca quantidade, já que o restante da minha família provavelmente não iria querer comer.

— Prontinho, quer fazer algo enquanto esperamos? — Ela mordeu o lábio, e eu ri, percebendo o que eu tinha dito. — Estou perguntando de verdade, sua safadinha.

Ela beijou meus lábios.

— Vamos tomar um banho de banheira juntos?

Não falei que tinha acabado de tomar um banho e aceitei a proposta. Eu a ajudei a preparar com seus sais cheirosos e tudo mais. Entrei na água quente, e Valentina se encostou em mim.

— Relaxante, né? — Acenei, e ela pegou minha mão. — Me conte sobre seu dia.

Nós começamos a falar sobre os circuitos, deixei de fora a parte sobre Sophia ter participado, não porque não confiava nela, mas sim porque isso geraria perguntas da quais não seria eu quem deveria responder. Nós então conversamos sobre assuntos comuns antes de Valentina comentar:

— Eu queria ser útil em algo, sabe? Trabalhar... Não me entenda mal, mas eu estou cansada de só ficar em casa como...

Ela parou e brincou com as espumas.

— Como uma esposa troféu — completei, e ela suspirou.

— Não estou falando por mal, simplesmente quero fazer algo.

— Vou pensar em algo e te aviso.

A máfia alemã não era como a americana, Isis conseguiu conquistar sua posição e abrir espaço de voz para as mulheres, ainda que fosse pequeno, mas aqui não tivemos essa mudança. Nenhuma filha demonstrou querer um cargo de poder, de trabalhar em qualquer coisa. Sophia vinha mostrando sinais de liderança, mas ainda assim aceitaria seu papel de esposa troféu para agradar a nossos pais.

Valentina entrelaçou nossos dedos.

— Eu te amo, Eric.

Quando descemos para o jantar, Sophia estava discutindo com nossos pais, mas se calou quando nos viu.

— Ponto final, Sophia — meu pai finalizou.

Nós nos sentamos, e Valentina suspirou quando eu abri uma panela revelando seu frango com quiabo. Eu a servi e esperei dar a primeira garfada para ver se ela tinha gostado. Valentina gemeu, e o som foi direto para o meu pau.

— Está perfeito. Magda, você tem mãos de anjo!

Magda sorriu, encantada com o elogio.

— Se você tivesse falado mais cedo que queria um *schwarzwälder kirschtorte*, eu teria preparado com gosto!

Sophia decidiu provar o frango com quiabo e gostou. Vi Valentina franzir os olhos quando Heiko decidiu comer também, ela estava protetora com a comida, e eu precisei me conter para não rir.

— Vocês querem provar também? — ela perguntou de maneira educada para meus pais e para mim.

Nós três negamos.

— Amanhã será o enterro de Valeria. Você tem algo para vestir, Valentina? — Catherina perguntou depois que todos nós jantamos.

— Nós temos que ir? — ela perguntou para mim.

Catherina a cortou.

— O pai dela era um homem honrado e ela trabalhou para nós por anos, devemos estar lá para mostrar que somos gratos a seus serviços.

Valentina pareceu murchar como uma rosa, mas acenou.

— Tudo bem.

Parti um pedaço do bolo.

— Acho que vamos comer a sobremesa lá em cima — disse e me levantei com o prato na mão, estendo o outro para Valentina. — Boa noite!

Nós dois dividimos o bolo enquanto víamos um filme na televisão. Algo que eu esperei durante anos. Quando nos deitamos na cama, não fazemos amor, mas ficamos agarrados como se fôssemos um só.

***

O enterro de Valeria estava cheio, todos ali por honra, em nome de seu pai, que morreu pela máfia. Edelina, por incrível que pareça, manteve distância. Valentina parecia muito mal de estar ali, mas pela manhã suspirei aliviado por ela não ter vomitado. Era coisa da minha cabeça a ideia de Valentina estar grávida, com certeza.

Fomos cumprimentados por vários homens, e entre eles estava Ismar. Fiquei surpreso, ele não tinha motivos para estar presente. Olhei em volta, procurando seu filho, Adle, mas parecia que ele teve o senso de não estar presente.

— Ismar. — Eu o cumprimentei com um simples aceno com a cabeça, e Valentina ficou tensa ao meu lado quando o viu.

Minha vontade era acabar com ele naquele momento, lembrava de suas palavras asquerosas contra minha mulher; precisei de muito esforço para me controlar.

— Senhora Hoffmann. — Ele praticamente cuspiu o nome, e eu cheguei a meu limite com a sua ousadia.

— Você sai daqui agora caminhando ou em pedaços — falei em voz alta, e a conversa à nossa volta parou. Eu aproximei o rosto do velho e empurrei Valentina para trás de mim. — É a última vez que lhe vejo, Gurkin, a próxima vez que você chegar perto de mim ou da minha esposa será a última coisa que você fará na sua vida.

O homem ficou sem palavras e rapidamente um de seus seguranças praticamente o arrastou dali. Eu acabei de dizer na frente de todos que ele estava na minha lista, um deslize e sua cabeça seria cortada. Olhei para meu pai, em busca de consentimento, e ele acenou uma vez, parecendo orgulhoso antes de voltar à sua fachada fria.

Esse velho já devia ter morrido há muito tempo, ele achava que era algo especial? Valentina nos afastou da multidão e eu lhe dei a chave da Bugatti, esperava dar um passeio com ela depois do enterro.

— Você dirige.

Ela me deu um sorriso e entrou no carro. Quando subi no carro quase tive um orgasmo ali mesmo, só de observá-la segurando o volante enquanto me lançava um olhar safado, mas eu precisava fazer algo.

— Dirija para onde quiser.

Saquei meu celular e liguei para Adle Gurkin, filho de Ismar.

— Eu já sei o que houve. Entendo a sua posição, Eric, e se você precisar de algo, eu estou aqui — ele disse ao atender.

Em outras palavras, estava dizendo que mataria o pai se fosse preciso. Ismar era um verme, mas Adle era honrado, e eu sabia que ele faria isso se eu mandasse. Havia boatos de que Ismar batia e maltratava a esposa quando viva, então não seria uma surpresa se ele maltratasse o filho também. Todavia ele ainda era seu pai e não deixaria esse sangue em suas mãos.

— Mantenha-o à distância.

— Eu o farei.

Valentina estava dirigindo lentamente e me olhou de lado quando eu terminei a ligação.

— Tudo bem?

Assenti, ainda incomodado.

— Não sei que poder Ismar acha que tem para querer bater de frente comigo — comentei e passei a mão pelo cabelo. — Isso não importa, pisa no acelerador, gata.

Apertei sua perna e deixei a mão ali enquanto Valentina começava a acelerar pela estrada. Ela fez uma curva arriscada, e eu ri.

— Muito bom! Qualquer dia, eu te levo para as corridas de rua, já esteve em uma?

— Algumas de Boston, mas nunca participei.

— Você vai gostar das que rolam aqui, são mais arriscadas.

Valentina negou.

— Acho que vou passar. Já tive muitas emoções no momento.

Uma risada me escapou.

— Verdade, então só dirija, gata.

CAPÍTULO 34

Lindo estranho, aqui está você em meus braços e eu sei
Que lindos estranhos só chegam para me fazerem mal
E eu espero, lindo estranho, aqui está você em meus braços
Mas acho que finalmente, finalmente, finalmente, finalmente é seguro
Que eu me apaixone
***Finally // beautiful stranger* – Halsey**

VALENTINA

Grávida.

Essa verdade só se tornou real quando vi o palito em minha mão com os dois riscos. Tinha adiado fazer esse teste por dias, Eric estava maníaco, mas controlado pelas medicações. Quando Sophia foi passar uma lista das coisas que ela precisava da farmácia, eu usei isso como uma desculpa e sugeri irmos juntas. Enquanto ela escolhia o xampu, eu pegava meu futuro numa caixa rosa.

Eu estava tensa desde a Oktoberfest, quando essa ideia passou pela minha cabeça. Meu Deus, eu seria mãe. Uma vida dependeria de mim. Ela teria um pai difícil, com várias fases e com a cabeça fodida. Por Deus, eu nem sabia como Eric iria reagir à notícia.

Catherina ficou comigo no domingo enquanto eu passava mal, e vi a pergunta em seu olhar, mas ela nunca questionou nada. Eu aproveitei que Eric estava fora de casa para conversar com Ivan. O que ele tinha na cabeça de guardar os desenhos de Eric? Se ele tivesse escrito algo e isso o fizesse descobrir ou se lembrar? Sua resposta foi simples e clara:

— Quando você for mãe, você vai entender. Você já teve que segurar seu filho chorando, querendo saber por que a mãe queria fazer maldades com ele? Agora imagine isso com um filho com mais de vinte anos. — Ele passou a mão pelo rosto cansado. — Não passo um dia sem que eu me preocupe com a segurança de Eric, sem que eu pense se ele não será morto antes de subir ao trono ou logo depois. Não passo um dia sem que eu tema pela vida do meu filho, seja por ser morto por algo de fora ou por si mesmo.

— Eu sei, tenho os mesmos medos.

— Mas será que você está prevenindo isso ou levando Eric direto para o precipício? Você quase contou tudo para ele.

Engoli em seco.

— Ele precisará saber em algum momento, é a vida dele.

— Eu sei disso, mas ele não é forte ainda. Não saberá lidar bem com isso. Já houve casos de pessoas que descobriram a verdade e se perderam. Não posso permitir que Eric perca a identidade.

Eu olhei para meu colo, naquele momento eu ainda não tinha feito o teste de gravidez, mas a ideia que passou pela minha cabeça foi que, se eu estivesse grávida, não seria só a vida dele.

— Você fez a sua escolha, Valentina. Você entrou aqui sabendo de tudo, não pode mudar tudo só porque está com a consciência pesada.

— Eu mandei matar alguém, Ivan. — Minha voz oscilou, eu me sentia um monstro.

Ele balançou a cabeça.

— Ela assinou o futuro dela quando abriu a boca. Ela sabia das consequências, teve uma chance, e falhou. Não carregue esse corpo, Valentina. Te garanto que não será o último. Nesse meio, é matar ou ser morto.

— Mas isso é diferente de ter uma arma apontada para você...

— Há diversas formas de matar. Um rumor pode acarretar uma morte. Uma simples palavra. Você precisa aprender as regras do jogo. Eric não deve carregar corpos por você para que se sinta limpa.

— Eu sei.

Com a conversa terminada, eu voltei para meu quarto, com a dúvida na cabeça. Se eu estivesse grávida, o amor de Eric seria suficiente para segurar suas dúvidas?

Sophia e eu tínhamos escolhidos nossos vestidos para a festa de sábado. Como estávamos em outubro, no outono, decidimos usar tons mais escuros. Enquanto eu escolhi um vinho, Sophia escolheu um verde-musgo, com toques de nude, que a deixou com cara de mulher, para o desgosto de Catherina.

Meu vestido ainda estava estendido na cama perto dos sapatos, joias e bolsa. Chegara no mesmo dia, tia Elena havia mandado para nós duas, enquanto Catherina já havia comprado um vestido. Fiquei olhando a bela

peça, tentando admirar, mas só pensando em como ela ficaria em mim quando eu tivesse com uma barriga gigante, como a da minha mãe quando estava grávida. A porta do quarto começou a se abrir, e eu rapidamente escondi o teste de gravidez dentro da bolsinha.

— Uau, Elena se superou! — Eric exclamou, se aproximando do vestido e levantando o corte vertical. — Vou conseguir te foder sem precisar tirar o vestido, gata.

Ele beijou meus lábios e entrou no banheiro. Não poderia contar a ele sobre a gravidez. Não poderia. Eric saiu do banheiro dizendo que precisava sair por umas horas, e eu suspirei mais aliviada por ele não estar por perto. Decidi ir para a cozinha conversar com Magda um pouco e tomei um susto ao ver Stefano Meyer saindo da sala de Ivan. Ambos não me viram e apertaram as mãos. Eu não sabia nem o que dizer, mas antes que eu pudesse, alguém me puxou para outro corredor.

Sophia colocou a mão na minha boca para evitar que eu falasse algo, mas eu estava tão atônita, que nem conseguiria se pudesse. Nós ficamos ali paradas por um momento antes de ela me puxar até seu quarto.

— Seu pai...?

Ela puxou os cabelos.

— Eu não sei.

Ela estava trêmula, e eu não estava muito diferente.

— Ele não faria.

Sophia andava de um lado para o outro.

— Stefano tem muita influência no nosso meio, Valentina.

Eu me sentei.

— Talvez, se Eric conversasse com seu pai...

— Não vai adiantar — ela cortou. — Eric não é chefe ainda. Papai não vai entregar o trono agora.

— Talvez seu pai possa esperar uns anos, talvez... — Nenhuma ideia surgia, e isso acabava comigo. Não queria Sophia sofrendo em um casamento sem amor.

— Eu sou só uma carta, Valentina, para me livrar disso, só fazendo algo extraordinário, e nem assim é garantido.

— Extraordinário tipo o quê? Dar a louca e matar todos os inimigos? — brinquei, tentando aliviar o clima, mas ela deu de ombros.

— Algo assim. — Ela se sentou ao meu lado.

— Bem, você é ótima com uma arma. — Empurrei seu ombro, e ela, o meu.

Ficamos em silêncio fitando o chão.

— Não vou aceitar isso facilmente, Valentina. — Ela se levantou e me olhou. — Me prometa que você não falará o que viu para ninguém. Eles provavelmente já sabem, só não quero tocar nesse assunto.

Eu segurei suas mãos.

— Sophia, eu prometo que farei algo para te ajudar, pode contar comigo para o que você precisar.

Ela me abraçou.

— Você é a irmã que eu sempre quis.

Ficamos abraçadas até que meu estômago roncou; nesse momento, percebi que ela queria ficar sozinha. Subi as escadas, sem mais vontade de ir para a cozinha conversar com Magda. Acabei batendo em alguém.

— Sentiu minha falta, duquesa?

— Petrus?

Era só o que me faltava. Meu lábio inferior começou a tremer, e eu quebrei, chorando por tudo e por nada.

— Ei, o que houve? — Ele me puxou para seus braços, me dando conforto, estava acostumada a esse abraço, mas ainda assim não era o mesmo.

— Tudo está tão complicado.

— Que tal eu fazer um café, e conversamos um pouco? — sugeriu.

Eu me sentei, observando-o se mexer pela cozinha. Tudo seria tão mais fácil se Petrus não existisse. Quando ele colocou o café na minha frente, eu tomei um gole; estava forte demais, mas não reclamei.

— Que falar sobre o que está te incomodando?

Eu neguei.

— Só quero esquecer um pouco... — Ele me lançou um sorriso safado, e eu rapidamente neguei. — Não desse jeito, espertinho. Me fale um pouco de você, sobre sua vida, onde nasceu e tudo mais.

Ele encostou o quadril na bancada.

— Quer me conhecer mais, duquesa?

Acenei.

— Gostaria muito.

Ele deu de ombros como se não fosse grande coisa, mas uma linha

tensa se formou na sua testa.

— Meu pai era um soldado, ele e minha mãe eram muito apaixonados. Mamãe era uma ótima mãe, gostava de me colocar para ninar, contar grandes histórias. — Ele sorriu, se lembrando. — Ela aquecia meus pijamas e meias no ferro antes de colocar em mim no inverno, para que eu ficasse muito quentinho. Ela foi a melhor mãe do mundo. Meu pai gostava de montar quebra-cabeças, ele também talhava animais na madeira para eu brincar.

Não conseguia nem respirar direito enquanto escutava suas palavras, sua expressão estava tão nostálgica, que causou dor no meu coração.

— Sua infância parece ter sido incrível, o que houve com eles?

— Papai foi morto protegendo os Hoffmanns, por isso Ivan me deu esse emprego anos mais tarde.

— E sua mãe?

Ele engoliu seco.

— Ela não aguentou perdê-lo, e assim que completei dezoito anos, ela se afogou na banheira.

A caneca de café caiu de minha mão, atingindo o chão com força. Meu Deus.

— Merda, você se cortou?

Olhei para baixo, meus pés estavam suspensos pela cadeira. Neguei com a cabeça, ainda meio avoada.

— Sinto muito por sua perda.

Ele veio para perto e envolveu seus braços em minha cintura, apesar de estar acostumada a seu toque, parecia estranho para mim. Com cuidado, eu me levantei e me afastei, não me importando quando queimei um pouco a sola do pé no café quente.

— Petrus, nada mais pode acontecer com a gente. — Lágrimas inundaram minha visão. — Eu achei que podia ser forte, lidar com isso, mas não consigo.

Ele pegou meu queixo, o levantando.

— Sempre foi ele, não foi?

Eu acenei, trêmula.

— Sim. Eu preciso que você vá embora, Petrus. — Tentei manter a voz firme, mas falhou.

— Você precisa ou *quer*?

Eu me afastei de seu toque.

— Eu nunca teria tido nada com você se não fosse por Eric, sempre fui dele e sempre serei, Petrus. Você não pode tentar me seduzir, porque eu já sou seduzida, desejada, amada por meu marido. O único homem que eu desejo e amo.

Ele somente me olhava.

— Eu quero você como meu amigo, eu realmente quero isso, mas não posso ser outra coisa para você.

— Tem certeza disso? Ele é tão perfeito assim para você?

— Eu nunca busquei a perfeição, Petrus. Eric é perfeitamente imperfeito para mim, e eu estou feliz com ele. Eu o amo, e não posso arriscar isso.

Um leve assentir foi o único movimento que Petrus fez.

— Se é o que deseja. Eu realmente gosto de você, Valentina, mesmo você pertencendo a outro. Você pode não admitir, mas você me quer, precisa de mim para consolo quando ele faz merda.

Suas palavras me enervaram.

— Eu preciso de Eric. Agora. Eu preciso dele, não de você.

Sem falar mais nada, eu me afastei e entrei no meu quarto, fechando a porta. Eu não aguentava mais esse segredo, essa vida dupla, mas faria pelo restante da minha vida, se fosse preciso. Eu não trairia a confiança de Eric novamente, não queria ser inundada pela culpa.

Sentada no chão do quarto, eu me lembrava do dia em que selei meu destino. Não podia voltar atrás agora, e não iria. Não sabia que seria tão difícil, mas não mudaria nada. No dia em que entrei no escritório de meu pai para conversar com Ivan, antes do casamento, eu não sabia que seria uma nova Valentina.

MESES ANTES

Ao ouvir a porta se fechar, um arrepio me tomou. Sempre senti que os Hoffmanns escondiam algo, e agora eu tinha a certeza, sabia que aquilo mudaria minha vida para sempre.

Ivan foi para a cadeira de papai e se sentou, sua expressão demonstrou que essa não seria uma conversa fácil para ele, mas, mesmo assim, o faria. Por Eric.

— Te conheço desde que você ainda era uma menina, Valentina. Sei a mulher que você se tornou, forte, independente, mas não tenho certeza se é a escolha certa para meu filho.

— Ivan, eu o amo.

Ele sorriu tristemente.

— Veremos se seu amor é suficiente depois de escutar toda a verdade a respeito de Eric.

Eu me inclinei na mesa.

— Eu sei a verdade, sei sobre a bipolaridade, a depressão...

Ele riu, mas parecia sem humor nenhum.

— Isso é a ponta do iceberg, querida. — Ele passou a mão pelo rosto. — Vamos começar pelo começo de tudo. Verena. A mãe dos meninos. Eu trabalhava muito, meu território estava sendo ameaçado, e eu não conseguia ficar muitas horas em casa. Verena tinha empregadas, mas as crianças queriam a mãe. — Ele engoliu em seco. — Eu não percebi, mas ela gostava de machucar os meninos. No começo, achava que ela estava educando, mas então quando percebi que os espancamentos, castigos eram sem eles terem feito nada, nós conversamos, e ela disse que pararia, mas então houve aquela noite. — Ele pausou, olhando para o nada. — Ela tentou matar Eric, ela odiava que ele fosse genioso e protetor com o irmão. Ela achava que ele era um monstro, achava que, ao matá-lo, estaria fazendo um favor ao mundo...

— Meu Deus. — Precisei respirar fundo para não acabar vomitando. — Eric não sabe, né?

Ele negou.

— Ele sabe que a mãe teve depressão pós-parto, mas não ousei dizer o que aquela diaba dizia dele. Só o machucaria mais.

— O que aconteceu com ela? Eric só me disse que ela morreu pouco depois, mas nunca disse ao certo como foi.

— Ela era meu grande amor, Valentina. Você precisa entender isso. Eu não vi os sinais, ou poderia ter ajudado. — Ele parecia tão quebrado, que eu estendi a mão para segurar a sua. Ele a apertou. — Eu disse aos meninos que ela se matou com remédios, mas a verdade é que ela... — Ele engoliu em seco. — Ela implorou para que eu a matasse, ela acreditava que se ela se

matasse, iria para o inferno. — Ele riu sem humor. — Ela achava que matar o filho a levaria para a salvação.

Eu a odiava com todas as minhas forças. Ela fez Eric ser quem ele era, seus medos, suas inseguranças. Ela foi a culpada, mas eu o ajudaria. Dizem que o amor tudo cura, e eu estava disposta a tentar.

— Você a matou?

Ivan acenou.

— Um tiro em seu coração dias depois do que houve. Eu tentei levá-la a médicos para se tratar, mas ela não queria ser internada como maluca. Disse que me odiaria, e eu não podia suportar seu ódio.

Não conseguia imaginar a sua dor por ter de matar seu grande amor, mas foi preciso, ela teria matado Eric.

— Você fez o certo.

Ele acenou e se levantou, se servindo de uísque, e voltou a se sentar.

— Podemos prosseguir falando mais sobre o Eric, você precisa escutar para entender tudo. Vamos começar a falar sobre sua fase depressiva. Tem vezes, quando tudo se torna demais, normalmente depois que desce da fase maníaca, seus hormônios caem demais, e aí ele entra em depressão. Normalmente em poucos dias ele consegue se recuperar, mas há vezes em que os pensamentos suicidas vêm...

— Não! — murmurei. Meu Eric nunca tentaria se matar. — Ele nunca falou algo assim para mim, nunca!

Ivan acenou de modo compreensivo.

— Como eu disse, esses pensamentos vêm quando entra na fase mais crítica, e é quando devemos fazer um tratamento mais intenso. Eric já o fez diversas vezes durante todos esses anos. Ele mesmo, às vezes, pede por ele. Falo isso porque você precisará apoiá-lo. Eric não pode cuidar de você quando precisa ser assistido.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram.

— E o que é esse tratamento exatamente?

— Eric é internado e sedado, então é induzido a uma convulsão cerebral com eletrochoques. Às vezes, uma única sessão é suficiente para tirá-lo do abismo, e ele consegue recuperar o restante do caminho sozinho, mas, em outras, é preciso várias sessões. Você entende no que está se metendo? Você precisará estar presente por ele.

Minhas mãos tremeram, imaginando o sofrimento de Eric. Nunca

soube sobre isso, nunca imaginei. Tudo estava se tornando tão real de repente, e não poderia negar que estava assustada, mas ainda assim não desistiria dele. Nunca desistiria de Eric.

— Eu estarei. Se é para o bem dele, pode ter certeza de que eu o farei. Não importa o quê!

Ivan acenou, soltando um suspiro, mas ainda assim estava muito tenso, o que me faz perguntar se existia algo mais.

— Pode me contar tudo, eu aguento.

Ele então soltou a próxima frase como se fossem as últimas palavras de um condenado.

— Eric sofre também de TDI.

Eu comecei a suar mais ainda, sentindo que era algo ainda pior do que os choques.

— Desculpe, eu não entendo.

— Transtorno Dissociativo de Identidade. Eric tem outras personalidades. — Ele passou a mão pelo rosto. — Você vai se casar com ele e merece saber. Eric às vezes entra em surto e adquire uma nova personalidade, como, por exemplo, o Eric de cinco anos. No começo, eu pensava que eram pesadelos, mas então duravam horas e mais horas com ele agindo como uma criança de cinco anos de idade.

— Não... — murmurei e engasguei com as lágrimas. — Ele nunca me falou sobre isso.

— Ele fica nervoso toda vez que tocamos no assunto, então decidimos parar de tocar no assunto. Ele não se lembra dos episódios.

Sequei com as costas da mão as lágrimas, mas novas caíram, e eu precisava de toda a minha força para não despencar ali mesmo.

— Como eu posso ajudá-lo?

— É isso que estou tentando lhe dizer, Eric é instável. Só vai ao psicólogo ou psiquiatra quando quer, o mesmo com a medicação. Eu amo meu filho, mas ele é uma bomba-relógio prestes a explodir. Estou te dizendo isso porque te considero uma filha, Valentina. E quero o melhor para você, mesmo que isso signifique que não se case com meu filho, porque nós dois sabemos que se você quebrar depois do casamento, será a sentença de morte do meu filho, e eu não posso deixar isso acontecer.

Eu acertei a coluna.

— Eu amo Eric e vou lutar — afirmei, quase rosnando, revoltada por

Ivan sugerir romper o noivado. — Nós dois faremos dar certo. Eu tenho certeza.

Ele limpou a garganta, parecendo desconfortável. Se Eric tinha uma personalidade infantil, eu cuidaria dele, seria o que ele precisasse que eu fosse.

— Você ainda não compreendeu. Quando disse que ele tinha outras personalidades, eu não estava falando só do Eric de cinco anos.

Meu sangue gelou. E ele prosseguiu:

— Petrus.

Meu rosto franziu.

— Quem?

— Um soldado, vinte e nove anos, órfão, vive na mansão fazendo a guarda. É devasso, sem modos e desordeiro.

Seus olhos encontraram os meus, tão parecidos com o de Eric, que eu perdi o ar.

— Eric foi ele durante três anos.

Senti algo deslizando por minha mão, e quando olhei, percebi que era sangue, eu havia furado a palma da minha mão com as unhas, mas nem senti a dor. Minha cabeça começou a zumbir. Eric tinha a personalidade de um homem adulto, completamente diferente do que ele era.

— Ele...

Ivan assentiu tristemente.

— Ele tem caso com outras mulheres, mas Eric é fiel a você. Ele não se lembra de nada, seu cérebro trabalha encobrindo todos os atos. Na mente de Petrus, ele se enxerga diferente, outra pessoa realmente. Eric não o reconhece também.

— Ele me traiu — murmurei, tentando assimilar. — A nossa primeira vez foi mentira.

— Não. — Eu levantei o olhar para Ivan. — A personalidade surgiu bem depois daquelas férias. Eric estava no auge da loucura, já havia passado por sua fase maníaca e depressiva. Foi preciso ficar internado recebendo o tratamento de eletrochoque quando a fase atingiu o limite. Depois de recuperado, teve um episódio de criança, e logo depois essa personalidade surgiu. Se eu não tivesse conversado com o psiquiatra e soubesse que outras personalidades poderiam aparecer, eu não teria acreditado quando o vi também.

Eu não conseguia falar, mesmo com isso me corroendo por dentro, eu sabia que nunca poderia contar a Eric. Isso o destruiria, e nem eu mesma conseguiria reparar.

— Vou entender se você quiser cancelar o casamento.

Levantei o olhar para ele.

— Não — neguei.

Ele ergueu as sobrancelhas, completamente pasmo e surpreso.

— O quê?

— Eric é meu, e eu serei sua esposa.

Ele ofegou com minhas palavras.

— Meu filho está além dos consertos, já o aceitei assim, mas será que você irá? Sua vida não será um conto de fadas, posso lhe garantir.

Ergui o queixo e sequei minhas lágrimas, sem deixar de olhá-lo.

— Eu vou me adaptar e conseguirei que ele tenha a ajuda médica e se trate. Levando o tempo que for.

Eu me levantei e caminhei até a porta.

— É só isso ou tem mais? — perguntei sem me virar.

— Filha. — Eu me virei para não lhe faltar com respeito. O olhar admirando que Ivan me deu não melhorou em nada o meu estado. — Eu tenho fé que você conseguirá.

— Eu tenho a certeza. Mantenha essa conversa privada, por favor.

Ele acenou em concordância. Todos achariam que eu era maluca de querer um homem que na verdade eram dois, mas eu nunca desistiria de Eric, e se tivesse que amar duas pessoas, eu o faria.

Deixei a sala depois de ter sido dilacerada com a verdade, dando graças a Deus por não haver ninguém na casa. Subi as escadas sem correr ou me curvar, mantendo a pose, como minha mãe me ensinou. Quando entrei no quarto e me certifiquei que havia trancado as portas, retirei os saltos e respirei fundo uma vez. Em seguida, passei a mão pelo rosto, tentando digerir tudo que ouvi. Quando olhei para frente, me vi refletida no espelho do quarto e nem titubeei ao ver o reflexo do meu rosto cheio de sangue. Olhei minha mão, percebendo que o sangramento que eu causei por perfurar a palma da mão com as unhas estava maior do que eu pensava.

Caminhei até minha cama de princesa, olhando o meu belo quarto, admirando a vida de contos de fadas que meus pais me deram e que eu esperava ter no futuro, como num filme, em que surgiriam provações, mas no

final o amor venceria. Entretanto agora eu não tinha mais certeza de nada, só de que ninguém tiraria Eric de mim.

Peguei meu travesseiro, sem me importar se o estava sujando. Eu me ajoelhei no chão e o coloquei em cima da minha cama. Então eu quebrei. O choro alto, dolorido, gritando por Eric, não ajudou em nada, mas liberou um pouco dar dor emocional que eu estava sentindo. O travesseiro abrandou o som, mas meu coração gritava tão alto, que o mundo inteiro poderia ouvi-lo.

CAPÍTULO 35

Eu, eu guardo um registro dos escombros da minha vida
Preciso reconhecer as armas em minha mente
Elas falam merda, mas eu amo cada momento
E eu percebo
Não sou um doce sonho, mas eu sou uma noite sensacional
Nightmare – Halsey

VALENTINA

Eric apareceu em casa horas depois do que eu disse a Petrus. O doutor Scherer já havia me avisado que a personalidade poderia oscilar dependendo, de quão forte mentalmente Eric estivesse, e meu amor estava tomando seus remédios e fazendo seu tratamento. Eu temia contar sobre a gravidez, então mantive a informação para mim, não queria que ele me olhasse e se perguntasse se o filho era seu. Não tinha como não ser.

Quando decidi ser quem Eric precisava, eu sabia que seria uma mãe para o Eric criança e talvez tivesse de dormir com sua outra personalidade, o enigmático Petrus. E mesmo que eu nunca fosse admitir, eu tinha gostado de sua companhia e estava me apaixonando por ele. Petrus era um sopro de ar livre, envolvido em sacanagem e ironia. Ele não me amava, mas sim me desejava intensamente.

O psiquiatra de Eric entrou em contato comigo, e conversamos muito sobre ele. Ele falou que era pouco provável, mas que talvez Eric pudesse assumir outras personalidades durante os anos. Eu não sabia se conseguiria lidar com isso, mas precisava fazer. Pesquisei tantas vezes sobre o assunto, li livros, teses e assisti a filmes com esse tema, o que me aterrorizou mais. No filme Fragmentado, o homem tinha vinte e três personalidades, era insano. Eu poderia ser de todas as personalidades de Eric, mas e se uma fosse malvada, e se outra não gostasse de mim?

Eram muitas dúvidas, e o pior de tudo era não poder conversar com Eric sobre isso. Seria mais fácil se ele soubesse, ele poderia se tratar melhor, mas seu pai não queria correr o risco de ele acabar se perdendo, e eu não poderia passar por cima de sua ordem. Ivan cuidou de Eric desde sempre, ele

era pai e sabia o que era melhor para o filho, eu era esposa e sabia o que seria melhor para meu marido. Eu poderia conversar com ele, dizer a ele sobre suas personalidades, mas nada era garantido.

***

Terminei de colocar o vestido, uma cabeleireira e uma maquiadora tinham cuidado da minha aparência: uma havia feito uma maquiagem bem marcada nos olhos, em preto e vinho, que combinava com meu vestido, porém insisti por um batom vinho matte que combinasse. A outra cuidou do meu cabelo, preso em um coque elegante, que eu amei.

— Uau! — Eric entrou no quarto, e eu dei uma volta para que meu vestido longo rodasse como uma princesa. — Você está perfeita.

Ele estava com um smoking preto, sem gravata, que dava um pequeno ar rebelde e sensual. Em suas mãos havia uma caixa.

— O que é isso?

Ele se aproximou, revelando um conjunto de colar, brincos e pulseira de rubi, mas o que mais me chamou a atenção foi uma máscara fina, preta, como se fossem asas de borboleta, com vários rubis espalhados com delicadeza.

— Estou sem palavras. É um baile de máscaras? Não tinham me avisado.

— Eu quis fazer uma surpresa. Você gostou?

Beijei seus lábios.

— Eu amei! É tudo tão lindo!

Eric me ajudou a colocar as joias e me olhou intensamente depois vesti a máscara. Eu me olhei no espelho, espantada com a minha beleza.

— Acho que estou mais bonita do que já estive antes. Só perde para nosso casamento, é claro.

Eric beijou meu ombro.

— Você está sempre com uma beleza indescritível. — Ele deu um beijo na minha nuca, até chegar perto do meu ouvido. — Essa noite, quero te foder com você usando só essa máscara.

— Isso porque você não viu o que tenho debaixo desse vestido.

Eu não pude evitar provocá-lo. Levantei a abertura do meu vestido, revelando uma liga, preta e rendada, de perna.

— Você é má. — Deu uma pequena mordida no meu ombro nu, antes de se afastar. — Vamos detonar essa festa hoje, gata. Mas, de noite, você será minha.

Peguei minha bolsa e celular e saímos de mãos dadas de nosso quarto. Ao chegarmos na sala, Sophia, Heiko e os pais de Eric já estavam com suas máscaras.

— Vocês esconderam de mim que a festa era de máscaras! — fingi brigar.

— Na verdade, querida, eu tinha tantas festas agendadas que não sabia de cor qual delas seria de máscara, por isso não comentei contigo. Além disso, Eric quis te fazer uma surpresa — Catherina contou, sorrindo orgulhosa para o filho.

— Deu uma dor de cabeça do caralho mandar fazer essa máscara e depois ir à joalheria para colocar as joias em tão pouco tempo — Heiko contestou, me fazendo rir e Eric rosnar.

Ajudei Eric a colocar sua máscara preta, elegante e sem adornos. Ele fez o mesmo com meu xale. Entramos no seu carro, com dois seguranças no banco da frente. Eric segurou minha mão em todo o caminho, balançando o pé durante o trajeto. Ele estava acelerado, e eu esperava que essa festa ocorresse bem, que nada o tirasse do sério e o fizesse ter um episódio de raiva.

Quando chegamos, havia muitos fotógrafos na entrada do salão. Eric saiu do carro e estendeu a mão para mim, me ajudando a sair do automóvel. Paramos para algumas fotos, havia algumas pessoas gritando meu nome em busca de atenção.

— Valentina, é verdade que você está com Eric desde criança?

— Vocês se casaram para unir os negócios da família?

— Valentina, quando você terá filhos de Eric?

Os repórteres chamavam, mantive um sorriso polido enquanto tirávamos as fotos. Eric me levou para dentro do salão, onde era seguro.

— Logo vão embora, a segurança só os permitiu aqui até às dez da noite, então a propriedade será fechada para a festa.

— Eles são só para manter a mídia — completei.

No nosso meio, manter uma fachada social é necessário para os boatos a respeito de máfia não serem levados tão a sério. A Bratva não investiu muito no marketing para manter a imagem deles limpa, mas investiu

bem no ramo de bebidas. Eram poucos os Pakhan que cuidavam da imagem deles.

Nós entramos, e as pessoas dançavam e conversam. O salão tinha aquele toque antigo, clássico, com um grande lustre dourado, e havia também uma banda cantando. A festa gritava luxo e dinheiro. Algumas pessoas vieram nos cumprimentar, a máscara era boa para manter a atenção um pouco longe.

Encontramos a família e nos reunimos numa mesa junto com eles. Eric precisou dar atenção às pessoas que falavam com ele sobre negócios, e eu me juntei à Sophia, Catherina e às outras esposas. Eric, sempre atento a mim, me ofereceu champanhe, o qual eu só aceitei uma taça, para não fazer desfeita, e tomei poucos goles. Não queria que ninguém descobrisse sobre minha gravidez ainda. Ele, sabendo que eu gostava de doces, fez o garçom me servir algumas variedades, arrancando risadas das mulheres à minha volta.

— Ele é tão atencioso com você, é raro ver homens assim — uma das mulheres disse.

— Verdade, meu marido não me dá um pingo de atenção, mas o cartão é liberado para mim. — Riu, e as outras a seguiram.

Sophia estava linda, com uma máscara verde-escura com pequenos cristais; estava bela demais, mas não sorria, parecia desconfortável com a situação. Eu sabia bem, avistei Stefano Meyer há meia hora, ele estava rondando a mesa em busca de uma desculpa para tirar Sophia para dançar.

— Você é sortuda, Valentina, por ter um homem com a beleza e o poder de Eric, e ainda por cima ele é devotado a você — uma delas disse, e apesar de parecer um elogio, eu senti o veneno, como se eu não fosse boa o suficiente.

Eu sorri.

— Sim, eu sou sortuda, mas ele também é. Meus pais são muito importantes, e nosso casamento reforçou os laços.

Catherina engasgou, mas logo colocou um sorriso nos lábios. O marido de uma das mulheres se aproximou, nos cumprimentando com um aceno com a cabeça.

— Aceita dançar comigo?

Ela colocou a mão sobre sua e se afastaram. Logo, mais homens vieram buscar suas mulheres para dançar, e o que temia aconteceu, quando

Stefano se aproximou sem sua bengala, olhando intensamente para Sophia.

— Aceita dançar comigo?

Sophia olhou para a mãe, que assentia suavemente, e depois para mim, mas não tinha escolha. Não podíamos negar ali. Ela levantou a mão trêmula e colocou sobre a dele.

— Claro.

Quando eles se afastaram e não havia outras mulheres além de Catherina e eu, me virei para ela.

— Por que você e Ivan querem casar Sophia com esse homem? Ele não a fará feliz.

Catherina frisou os lábios numa linha fina.

— Temos que fazer o que é melhor para a família. Os capitães e subchefes mais jovens estão casados ou prometidos há anos. Sophia precisa de um homem em alto patamar, Stefano é a melhor opção.

— Mas ele é muito mais velho que ela.

— Assim como eu sou muito mais nova que Ivan — ela me cortou.

— Você não pode ver alguém com uma idade mais próxima?

Catherina estava tensa.

— Você lhe daria um de seus irmãos?

Minha boca se abriu.

— Eles têm quinze anos! Não posso obrigá-los a se casar com Sophia.

— Então não dê palpite, estamos fazendo o melhor pela família. Stefano é altamente respeitado e um ótimo partido. Sua esposa morreu há dois anos.

Vi que não poderia continuar a discutir com ela, já estava certa disso. Eric se aproximou da nossa mesa, alheio ao impasse, e estendeu a mão para mim.

— Quer dançar?

Aceitei sua mão, coloquei meu xale em cima da mesa e o segui até a pista de dança. Nós dançamos abraçados, suas mãos em minha cintura e sua boca em minha nuca, mas não conseguia me concentrar, ficava olhando o local à procura de Sophia. Ela estava tensa, Stefano estava com suas mãos em seus quadris, em vez da cintura, e daqui eu podia ver que ele estava apertando-a. Procurei na volta por Heiko, mas não consegui o achar, as máscaras só dificultavam as coisas.

— Está tudo bem? — Eric perguntou no meu ouvido.

— Stefano está dançando com Sophia, e sua mãe deixou bem claro para mim que ela vai se casar com ele.

Eric ficou tenso ao meu lado, mas não disse nada.

— Eric?

Eu me afastei um pouco para ver seu rosto. Ele não parecia surpreso.

— É esperado que ela se case com ele, Val. Stefano tem um grande leque de aliados, e a possibilidade de ele se juntar à nossa família é ótima. Ele tem uma filha na idade de Sophia, estava pensando em sugerir que ela se casasse com Heiko, para poupar Sophia, mas...

— Ele quer Sophia como esposa, quem não desejaria uma menina jovem, linda e de uma família da realeza da máfia?

Ele sorriu tristemente.

— Se eu fosse o chefe, isso não aconteceria.

Apertei seu ombro em apoio, às vezes, eu esquecia que nem todos tinham a mesma sorte que a gente, a sorte que meus pais e tios tiveram.

— Ela vai ficar bem — disse, tentando convencer tanto a si quanto a mim, mas eu não tinha tanta certeza.

Depois de mais uma dança, voltamos à nossa mesa. Heiko se aproximou e estendeu a mão para mim.

— Minha cunhada está linda demais para ficar aí sentada.

Eu ri e aceitei sua mão, Eric estava conversando com outro homem em nossa mesa e acenou para mim. Enquanto dançava com Heiko, me perguntei o que ele achava do casamento de Sophia com Stefano.

— Você está com um olhar dolorido, eu danço tão mal assim?

Suspirei.

— Não é você, só estou tensa com essa situação de Sophia com Stefano — disse em voz baixa e suas mãos apertaram minha cintura.

— Também não gosto disso, estou tentando achar uma saída. Talvez conseguir que ela seja prometida a um dos filhos dos subchefes na América. Alguns deles têm a idade próxima a de Sophia, e sem falar que seria um cargo maior que Stefano, talvez meu pai permita.

Não comentei a certeza que Catherina tinha passado, não queria arruinar seus planos.

— Tomara que dê certo.

A música acabou, e quando nos aproximamos da mesa, vi que Sophia estava sentada com Stefano ao seu lado, ele mal escondia o olhar de desejo

enquanto vislumbrava seu decote. Ivan estava tenso, mas continuou a conversa com ele e outros homens. Ele não faria nada pela filha. Ela era só uma moeda de troca. Se fosse um homem, ela teria um cargo bom, seria respeitada, mas como é mulher, não passava de um saco de arroz.

Virei minha atenção para Eric e vi que ele mexia na minha pequena bolsa, seu olhar era sério, e eu fiquei tensa. Será que ele estava perto de ter um episódio? Sabia que não deveria ter falado de Sophia!

Quando me viu próximo, se levantou pedindo licença e me levou com ele para uma varanda. Havia um casal aos beijos.

— Fora! — ordenou, ambos tomaram um susto, e quando o homem tentou colocar a mão na arma, Eric levantou a máscara, revelando quem era. O homem rapidamente se desculpou e puxou a mulher para fora.

— Eric, o que houve?

Ele simplesmente ficou olhando para mim, sua máscara tinha caído no chão e ele a deixou.

— Eu fui colocar seu xale em sua bolsa e achei isso.

Ele tirou da bolsa o teste de gravidez que eu havia feito dias antes. Eu havia esquecido que guardara ali para que Eric não visse. Senti meu corpo gelar. Retirei a máscara e a coloquei no chão, ao lado da sua, precisando que estivéssemos sem máscaras.

— Você está grávida? — perguntou com a voz pequena. Sua mão tremia.

— Estou.

Ele desceu o olhar até minha barriga, havia tantas emoções em seu olhar que me deixou emocionada.

— Por que não me contou?

Eu mordi o lábio.

— Descobri na quarta-feira. Ainda não sabia como contar, o que fazer. Não fiz teste de sangue ainda. Não sei se é uma boa hora para sermos pais, mas aconteceu.

Eric passou a mão pelo rosto.

— Você acha que eu não serei um bom pai? — perguntou na lata, seu rosto demonstrando sofrimento. — Você teme que nosso filho seja como eu?

Eu ofeguei.

— Eric! Nunca! Isso nunca passou pela minha cabeça! Ele é nosso filho, e eu sei que ele será amado e cuidado por nós, nunca duvidei disso. Só

acho que somos jovens para ter filhos, nos acertamos agora. — Minha voz falhou. — Eu estou com medo.

Ele então me abraçou, sua mão acariciando minha barriga.

— Nós seremos pais. — Ele beijou meus lábios. — O melhor presente que você poderia ter me dado. — Eric voltou a beijar meus lábios e parecia que era meu aniversário de quinze anos de novo, quando ele me deu nosso primeiro beijo.

— Eu te amo. — Acariciei seu rosto.

— Eu também te amo, e cuidarei dele, mesmo que não seja meu. Ninguém vai tirá-lo de mim.

Meu corpo inteiro se arrepiou com suas palavras, e eu perdi o ar. Eric achava que o filho poderia não ser dele?

— Vamos entrar, você está tremendo de frio. Continuamos a conversa em casa. Amanhã mesmo vamos ao médico para fazer seus exames. — Ele beijou meus lábios com paixão, alheio a como me deixou virada do avesso.

Eric colocou a máscara em mim e me deu mais um beijo.

— Estou muito feliz, Valentina. E assustado, mas vamos fazer funcionar. Só não fale nada hoje, vamos guardar essa notícia por enquanto. — Ele acariciou meu rosto e voltamos para a festa.

Assim que chegamos à nossa mesa, eu olhei para Sophia, vendo que precisava de um tempo, assim como eu.

— Sophia, me acompanha ao banheiro?

— Claro — ela respondeu sem hesitar.

Nós duas seguramos a mão uma da outra e nos levantamos. Eric começou a se levantar, mas eu neguei.

— Tudo bem, é aqui perto. Já, já, estamos de volta. — Beijei seus lábios de leve para que ele não visse como eu estava uma bagunça emocional.

O banheiro acabou por ser mais distante do que esperávamos, mas o tempo que levamos para chegar lá nos deixou um pouco menos tensas. Entramos no banheiro e fechamos a porta, sem combinarmos o suspiro alto que saiu de nós duas.

— Stefano disse que vai pedir minha mão em casamento em um jantar amanhã na nossa casa.

— Eric descobriu que eu estou grávida e disse que vai aceitar a criança mesmo se for de outro. — Ri sem humor, com lágrimas caindo de meus olhos. — De outro. E como eu posso dizer que, mesmo que fosse *de*

outro, ainda seria dele?

Sophia veio até mim e me abraçou.

— Te acho muito forte. Não sei se eu conseguiria fazer o que você faz, Valentina.

Eu funguei, e ela pegou papel e me ajudou a limpar as lágrimas.

— Eu não sou forte. Estou sempre a um triz de contar tudo.

— Eu acho que seria bom. Eric teria um controle melhor da vida e assim poderia fazer um tratamento para melhorar o TDI, já que não tem cura ainda.

Eu acenei e funguei. Depois de estar mais calma, abri a bolsa e peguei o batom. Como não reparei que o teste de gravidez ainda estava ali...? Procurei por ele e vi que não estava mais na bolsa, Eric devia o ter pego. Passei o batom vinho de volta e olhei para Sophia.

— Como você está?

Ela deu de ombros.

— Tenho que aceitar que me casarei com Stefano.

— Talvez ele morra logo — falei em voz baixa, apesar de estarmos sozinhas ali. — Muitos homens da máfia morrem.

Ela sorriu tristemente.

— Eu não seria tão sortuda, e provavelmente seria dada a outro homem. Mamãe me preparou para isso a vida toda, papai só deu uma ajuda, em alguns aspectos, para que eu não fosse fraca, mas ele nunca teve outra serventia para mim do que o casamento. — Ela coçou a nuca. — Tudo que eu queria era ter escolha.

Ela olhou para o batom na minha mão e o pegou. Ela estava usando um rosa nude com brilho, já que a mãe não a deixaria usar outra coisa. Ela limpou o batom dos lábios com papel e depois começou a passar o vinho.

— O que está fazendo?

— Tendo escolha essa noite.

Seu olhar cheio de garra me lembrou muito Eric quando estava maníaco.

— Sophia, o que você está pensando em fazer? — perguntei com cuidado.

— É um baile de máscaras, afinal. Eu vou beijar homens. — Suas bochechas coraram quando falou, mas ela parecia certa sobre isso. — Se essa é minha última noite livre, eu serei uma Cinderela.

— Vou te apoiar em suas escolhas. O que quer que eu faça?

Ela pensou um pouco.

— Volte para a mesa e diga que eu encontrei algumas amigas e que estamos conversando um pouco. Diga que você voltou porque está com saudade de Eric ou algo assim.

Ela pegou o celular, que marcava onze horas.

— À meia-noite, eu estarei de volta.

Eu lhe entreguei o batom de volta.

— Você vai precisar dele para retocar.

Ela soltou uma risadinha, e nos abraçamos.

— Espero que você consiga tudo o que quer essa noite.

— Eu também. Espero encontrar *ele*.

— Quem? — Minha testa se franziu em confusão.

— Ano passado, tivemos um baile de máscaras, eu dancei boa parte da noite com um homem, mas nunca consegui saber seu nome.

Achava completamente nula a chance de encontrá-lo novamente, mas não disse nada para não acabar com sua fantasia.

— Espero que você o ache, mas, se não, aproveite a noite.

Voltei para a mesa, e, como o esperado, todos perguntaram de Sophia. Eu disse a desculpa combinada e me virei para Eric, que me beijou intensamente na frente de todos. Ainda bem que o batom era difícil de borrar.

— Estava com saudades, gata?

— Sim, meu amor.

Meia-noite chegou, e nada de Sophia voltar, comecei a estranhar e decidi ligar para ela. Ela não atendeu, mas em seguida recebi uma mensagem:

Sophia: Venha para o jardim, por favor.

Disfarcei e guardei o celular na bolsa. Olhei para Eric, que estava distraído, e o cutuquei.

— Vou pegar um pouco de ar.

Ele começou a se levantar, mas eu neguei.

— Vou encontrar Sophia ali fora, já voltamos — confessei no seu ouvido.

— Tudo bem?

Eu acenei.

— Sim, ela só precisava de um tempo sozinha.

Ele me beijou.

— Não demore, não gosto de você andando por aí sozinha, ainda mais com meu filho em sua barriga — disse com tanta posse, que até me deixou quente.

— Não demoro, só vou buscá-la, prometo.

Eu me levantei e cheguei no jardim; o local estava bem iluminado, mas vazio.

— Sophia? — eu a chamei, meu corpo começando a tremer.

Meu sexto sentido dizia que algo acontecera, e eu decidi segui-lo; eu me virei para voltar para a festa, mas bati em um homem mascarado.

— Ah, desculpe.

Tentei desviar, meu corpo gritando perigo, e quando me preparei para gritar, mesmo que eu fosse dada como louca, ele me segurou e tampou minha boca.

— É melhor você não tentar nada. Estamos com a Sophia.

Meu corpo gelou quando senti a faca nas minhas costas.

— Você não vai falar nada, somente me seguir. Sem gracinhas.

Tentei procurar em volta por alguém, mas não havia ninguém. Olhei para um ponto e vi uma câmera, contive o suspiro de alívio ao ver o vermelho brilhando. Estava funcionando. Mexi a boca em um pedido de ajuda enquanto era levada.

Quando vi um furgão branco com uma logo de empresa de comida, eu sabia que aquilo fora muito bem orquestrado. Pouco antes de ser forçada a entrar no veículo, eu ainda tinha esperança de Eric me salvar, mas quando fui colocada dentro do carro, ofeguei ao ver Sophia ali, com a boca tampada e os braços amarrados. Havia outros dois homens conosco, e dois com roupas de garçom no banco da frente.

O carro saiu rapidamente dali, e eu fui para perto de Sophia, a acariciando. Ela tremia muito. Quando tentei tirar a fita de sua boca, o homem que me pegou avisou:

— Nem tente. Ela estava gritando e ficará assim até chegarmos.

— Onde? — tentei, e ele só sorriu. Aquele homem me causava arrepios.

Como vi que ele não responderia, acariciei o braço de Sophia.

— Está tudo bem, nossa família vai salvar a gente.

Demorou uma hora até que chegássemos ao lugar. Fomos ajudadas a sair do carro, e eu tentei manter a calma. Sophia já tinha parado de chorar, mas ainda tremia muito. Eu precisava me manter forte para ela. Fomos colocadas em uma sala, deixadas sozinhas. Rapidamente tirei a fita da boca de Sophia e desamarrei seus braços.

— Ai, meu Deus, Valentina. O que eu fiz?!

Eu acariciei seu rosto.

— Não é culpa sua, eles tinham tudo preparado para nos sequestrar. Você sabe quem eles são?

Ela tentou dizer algo, mas antes que pudesse falar, a porta se abriu e o homem que me salvou na boate apareceu. Alto, moreno e perigoso. Não consegui dizer nada. Tentei manter a postura, mas surgiram lembranças do sujeito atirando no homem.

— Vejo que se recorda de mim, senhora Hoffmann.

— Você o conhece? — Sophia perguntou com a voz trêmula, e quando a olhei, percebi algo. Ela o conhecia.

O homem colocou as mãos nos bolsos.

— Bem, vamos ao que interessa. As suas famílias estão atacando a Bratva há um tempo, a partir de agora, estamos retribuindo.

Eu bufei.

— Não fale como se vocês fossem santos. Vocês torturaram meu tio Ethan e milhões de outros homens quando menores de idade, forçando drogas, lutas, os estuprando quando ainda eram crianças — cuspi.

Sophia segurou meu braço com tanta força, que doeu. O homem não parecia afetado, ele na verdade não parece sentir nada.

— Sim, isso é verdade, mas acredito que o tempo de usar isso contra nós já passou, não?

Eu cuspi no chão, e Sophia me puxou.

— Pare de provocá-lo, Valentina.

Tinha de demonstrar que não tinha medo. A Bratva era um tubarão que, quando sentia o cheiro de sangue, não parava. Eu não poderia fraquejar.

— E quem é você?

— Nikolai Leonov. — Ele fazia parte da família dos chefes da Bratva, o clã Leonov. Pelo o que sabia, o pai dele, Leoncio Leonov, já estava bem velho e logo passaria o trono. Mas será para ele? O sujeito aparentava ainda ser jovem.

Tentei fazer de outra forma.

— Você sabe, assim como eu, que me sequestrar fará uma guerra gigante. Sou uma Raffaelo, meu tio, um Loschiavo, e meu marido, um Hoffmann, vocês estão preparados para isso?

Ele pareceu tenso, e me perguntei se conseguia fazer algo para que Sophia e eu pudéssemos voltar seguras e intocadas. Bratva tinha fama de não poupar nem mulheres ou crianças.

— Muito sangue será derramado. Nos entregue, e as consequências não serão tão...

Tentei achar a palavras certa, mas outro homem entrou. Ele aparentava ser mais velho que o primeiro, mas ambos eram parecidos. Este lembrava muito Michael Fassbender, o Magneto, de X-Men. Tinha cabelos loiros, olhos azuis, e apesar das rugas, era um homem atraente. Devia ter mais ou menos a idade de meu pai. Ele seria o herdeiro da Bratva quando Leoncio se fosse, tentei ver se era um sanguinário como o pai, mas sua expressão fria não mostrava nada.

— As consequências serão as mesmas, acredite em mim, senhora Hoffmann, nós dois sabemos disso. Sou Kriga Leonov.

Eu engoli em seco.

— Não precisa ser, podemos fazer um acordo.

Ele não parecia tão interessado, mas consegui ver uma veia de Nikolai mostrando que ele queria algo.

— O que vocês desejam?

— Você tem a lábia da sua mãe — Kriga disse, mas não pareceu uma ofensa totalmente.

— Bem, eu espero que você não tenha nada do seu pai. — Dei de ombros.

Um pequeno sorriso brotou em seu rosto. Reparei, entretanto, que Nikolai não sorria, em vez disso, não parava de fitar Sophia, e isso estava me preocupando muito.

— Creio que vocês nos sequestraram sob ordens de seu pai.

A boca de Krigor se formou em uma linha fina. Eu tinha acertado. Não tinha mais cartas na manga para jogar, e se eu falhasse, Sophia e eu seriamos estupradas.

— Nós podemos fazer algo, seria uma pena entrarmos todos em uma guerra.

— Já estamos em guerra. Seu povo ataca o nosso há anos, tentaram tomar nossos territórios, mataram e torturaram nossos homens. É hora de pagar — Nikolai rosnou, seu sotaque aparecendo um pouco. Ele era um monstro. Eu podia ver isso claramente. Ele estava perdido na escuridão.

— Minha família tem potências fortes a seu favor, vocês seriam massacrados — tentei intimidar, mas não pareceu funcionar.

Krigor limpou um pelo invisível em seu terno preto de três peças.

— Vou dizer o que vai acontecer: nós vamos ter uma conversa com os Hoffmanns e esperamos que saia bem.

— Eles não irão ceder — Sophia disse com uma voz pequena.

Segurei sua mão, lhe dando um apertão para ficar quieta, mas ela não o fez.

— Eles não irão ceder a qualquer exigência. — Seus olhos estavam marejados. — Todos nós sabemos que meu pai não mostrará fraqueza.

Krigor acenou.

— Isso é verdade. Não seria a primeira vez que seu pai deixa homens morrerem.

— Nós não somos homens! Somos muito importantes. — Levantei o queixo.

Nikolai riu, sua risada friamente entrou na minha alma.

— Você quis dizer que você é importante, Valentina.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram, e eu segurei Sophia contra mim.

— Ninguém vai tocar em Sophia — rosnei, colocando-a atrás de mim. — Vocês têm família, como se sentiriam se colocassem pessoas inocentes no meio disso?

Nikolai balançou a cabeça.

— Você não é inocente. Vejo isso no seu olhar.

— Sophia é. Deixe-a ir e vamos resolver isso, deixe-me falar com meu esposo e meu pai.

Ambos os homens se olharam e saíram fechando a porta atrás de nós. Sophia despencou no chão.

— Calma, nós resolveremos isso.

Eu não tinha certeza e comecei a orar para que Eric achasse um jeito de nos libertar, de um modo que ele ficasse bem.

— Valentina, você não pode ficar aqui — ela sussurrou e olhou para

minha barriga.

Senti o corpo gelar, e uma lágrima deslizou do meu olho. Sophia me olhou com tanto medo, mas eu não pude a tranquilizar naquele momento. Porra, eu estava grávida. Precisava proteger meu filho.

— Valentina — Sophia me chamou depois de algumas horas.

Descobri um pequeno banheiro na sala, mas não havia nada para usar como arma.

— Oi.

— Como você conhece Nikolai?

— Foi ele quem me salvou naquele dia da boate. Ele foi o atirador. — Eu me perguntava por que, mas decidi guardar essa informação para o futuro, apesar de o homem não parecer ter coração.

Sophia estava sentada no chão, encolhida.

— Se lembra do homem que eu te falei que dancei ano passado numa festa?

Demorei um pouco para lembrar, tinha tantas outras coisas na cabeça naquele momento, mas não desejava descontar nela.

— Sim.

— É Nikolai.

Eu senti meu sangue gelar.

— Sophia...

— Ele me disse quando me pegou. Ele tem me observado desde o ano passado, eu o via.

Ela levantou o olhar para mim, mas eu não consegui esconder o horror.

— Sophia, você devia ter falado.

Despenquei ao seu lado.

— Eu o via de longe às vezes, mas nunca imaginei... Eu achava que era coisa da minha cabeça.

Outra lágrima caiu de seu olho. Eu segurei sua mão. Se ele estava a vigiando durante um ano inteiro, que ela soubesse, ele não a largaria. Vi isso em seus olhos. Ele sentiu o cheiro do sangue, e agora conseguiu atacar.

— Sophia. — Eu não sabia o que dizer.

— Eu sei.

Ela segurou minha mão, e nós duas ficamos em silêncio, sem saber o

que dizer.

CAPÍTULO 36

Você nasceu para resistir ou para ser abusado?
Tem alguém tirando o melhor, o melhor, o melhor, o melhor de você?
***Best of you* – Foo Fighters**

ERIC

Isso não pode ter acontecido. Elas deviam estar protegidas! Virei a mesa quando os seguranças nos mostraram os vídeos de Sophia e Valentina sendo levadas. Sabia que algo estava errado assim que se passaram alguns minutos, e Valentina não apareceu. Eu devia ter ido com ela. Puta que pariu. Sophia.

Bati meu punho na parede, atravessando a madeira. Mal sentia a dor, o ódio me dominava. Quero queimar o mundo inteiro para buscar minha mulher e minha irmã. Meu filho. Valentina estava grávida. Escutei rugidos, e só depois percebi que eram meus. Eu me virei para meu pai, vendo-o sem expressão. No mesmo instante voei em cima dele, agarrando-o pelo colarinho.

— Vamos atacar. Vamos matar todos eles.

Já conseguia sentir o gosto de sangue russo.

— Eric, se acalme, eles vão entrar em contato. Vamos para casa.

Ele apontou para os técnicos ali.

— Quero os vídeos enviados para mim agora.

Eles assentiram e se afastaram quando eu passei. Boa parte dos convidados da festa já tinham ido embora, não foi revelado o que aconteceu, mas era questão de tempo até todos saberem. Entrei no meu carro sozinho e acelerei em direção à minha casa. Valentina precisava de mim.

Poucos minutos depois que cheguei em casa, Heiko apareceu.

— Vamos recuperá-la, cara. Tenha calma, você precisa se concentrar, não pode se perder agora.

Eu precisava de Valentina.

Passei a mão pelo rosto, tentando me acalmar, mas era impossível. Então algo me bateu.

— Eu preciso ligar para Raffaelo.

— Puta merda — Heiko disse. — Deixa que eu ligo, você fica aqui esperando. Nossos homens estão tentando rastrear através das câmeras o carro usado, e os vigias já estão chegando em alguns pontos dos territórios da Bratva em busca de algo. Vamos achá-la.

— Eu ligo.

Peguei o telefone de Valentina, que já estava comigo, e depois de discar o número, eu esperei Raffaelo atender. Eu deveria esperar meu pai dar a ordem de passar essa informação, mas não poderia esperar. Se ele pudesse ajudar de alguma forma, era meu dever contar.

— Oi, querida. Aconteceu alguma coisa? — Dominic perguntou assim que atendeu. — Sua mãe tem estado com uma sensação ruim a noite toda e enjoada, ela disse que era sexto sentido, acabamos nem dormindo. Já ia te ligar, mas achei que você ainda estaria na festa.

Eu não consegui dizer nada por um momento.

— Dominic.

Escutei sua respiração.

— Eric? O que aconteceu?

Não consegui falar. Heiko pegou o celular da minha mão.

— Senhor Raffaelo, aconteceu algo. Valentina e minha irmã Sophia foram sequestradas durante a festa.

Vi como meu irmão respirava fundo, ele estava tentando manter a calma.

— Identificamos uns homens. Eram da Bratva, do clã Leonov. Eles conseguiram entrar na festa disfarçados de garçons, mas as câmeras pegaram o rosto de uns deles, e a partir disso, fizemos o reconhecimento facial.

Ele escutou e depois acenou.

— Esperaremos vocês. Mantenho vocês atualizados. Estamos esperando a ligação deles.

Depois que ele desligou, eu olhei para meu irmão.

— O que vamos fazer?

Heiko engoliu seco.

— Esperar, é a única coisa que podemos fazer nesse momento.

VALENTINA

Várias horas passaram sem eles virem — e pensar que horas atrás Eric estava falando sobre irmos ao médico para vermos nosso filho. Uma lágrima escorreu, e eu a sequei rapidamente. Sophia acabou dormindo no meu ombro depois de chorar. Eu me mexi um pouco quando as câimbras começaram, e ela acordou. Ela olhou em volta antes de se virar para mim.

— Achei que fosse um pesadelo.

Eu acariciei seus cabelos.

— Tudo vai ficar bem.

— Val.

Eu a olhei.

— É errado querer que eles me machuquem de alguma forma para que, quando formos devolvidas, Stefano não me queira mais?

Eu ofeguei.

— Sophia, acho que você não compreendeu a situação em que estamos. Eles vão fazer mais do que só nos machucar e soltar. Nós precisamos orar para sairmos intactas. Você não sabe o que está dizendo, seu medo de Stefano não pode ser maior do que da Bratva — sussurrei, com medo que eles ouvissem e tivessem mais ideias.

Sabia que ela estava com medo de Stefano, mas não tão aterrorizada assim. Prometi a mim mesma que faria algo para que ela não se casasse com Stefano, nem que eu tivesse de matá-lo para poupá-la desse destino, já que seus pais não ligavam.

A porta se abriu pouco depois, e dois homens desconhecidos nos olharam.

— Levante, o Pakhan quer ver vocês.

Segurei a mão de Sophia e, com o queixo erguido, saí da sala. Não me permiti olhar para Sophia, mas esperava que ela também mantivesse a postura como eu. O Pakhan estava sentado em uma cadeira atrás da mesa. Ele aparentava estar com sessenta e poucos anos, tinha os cabelos totalmente brancos e os olhos azuis. Ele lembrava muito Krigor, mas seu olhar era mau. Esse homem foi capaz de muitas atrocidades, tanto que até os piores mafiosos tinham nojo dele. Era asqueroso e queimaria no inferno pelos seus pecados. Eu me perguntei se Krigor seria como ele.

— Nos deixe — o homem disse aos soldados, nos deixando com Krigor, Nikolai e ele. — É um prazer conhecer pessoalmente você, Valentina, você é ainda mais bonita que sua mãe. — Ele me olhou dos pés à cabeça. —

Mas não tão interessante como ela. Sua mãe se tornou um ícone em todas as máfias.

Eu dei de ombros.

— Ela é incrível.

Ele então olhou para Sophia.

— Querida, tenho tentado te conhecer há muito tempo.

Sophia ficou pálida ao meu lado, mas não se mexeu.

— Vamos logo acabar com isso — Nikolai rosnou.

Leoncio o olhou com raiva, antes de estender a mão, Krigor sacou o celular, e depois de mexer um pouco, o entregou para o pai.

— Hoffmann, estou com coisas que lhe pertencem, finalmente, eu diria — ele disse ao telefone, mas olhando para Sophia. — O que eu quero? Seu povo tem invadido meu território por todo mundo, meus subchefes estão começando a me cobrar, então decidi agir de uma vez por todas. — Ivan devia ter falado algo, porque o rosto de Leoncio ficou vermelho. — Sei bem que não é só seu povo, mas vocês são os que têm mais divisas com os meus.

Não era surpresa que a Bratva fosse atacada. Depois do que eles fizeram com as drogas de obediência e procriação, todas as máfias se juntaram para acabar com essas experiências, era perigoso demais. Todas se sentiram lesadas, uma vez que foi revelado que algumas das crianças foram tiradas de diferentes máfias ou de famílias importantes. A Bratva era odiada, mas ainda tinha apoio das máfias sérvia, grega, eslovaca e georgiana, além de acordos de paz com algumas outras que tinham territórios próximos.

— Vou lhe dizer o que acontecerá. Quero proteção nos meus territórios, sem mais ataques, sem envolver o FBI e sem ataques cibernéticos.

Eu olhei para Nikolai, mas ele ainda observava Sophia atentamente. Krigor estava calmo, como um lorde inglês discutindo sobre chás, em vez de a vida de pessoas.

— Para termos certeza de que vocês vão se comportar, vamos mantê-las por um tempo.

— Não! — Sophia gritou.

— Volto a entrar em contato com você — Leoncio disse e entregou o celular para Krigor desligar. O homem se achava um Deus. — A próxima vez em que eu estiver falando e for interrompido, mandarei cortar sua língua, você não precisará dela.

— Meu pai e Hoffmann ouvirão seus pedidos, não há por que nos

manter presas. — disse, tentando manter a calma. — Eles são homens honrados.

Leoncio riu e acendeu outro charuto, o cômodo já estava fedido e cheio de fumaça.

— Até o homem mais honrado pode não cumprir com a palavra quando se deixa levar por emoções — ele disse. — Por isso meus filhos não as têm. Eles foram treinados para não serem fracos.

E nem ter honra, assim como você, queria cuspir, mas me controlei. Tinha de conhecer minhas batalhas.

— Não podemos ficar presas aqui! — Sophia protestou, e eu apertei tanto seu braço, que deixaria marca.

— Nós temos responsabilidades em casa — tentei corrigir, dando um olhar de aviso a Sophia, ela não podia se levar pelas emoções. Em seus olhos, vi terror absoluto por Leoncio, e eu não estava muito melhor.

Leoncio riu.

— Responsabilidades? Ah, sim. Abrir as pernas para seu marido, ouvi dizer que ele não bate muito bem da ideia.

Minhas mãos se fecharam em punhos, e vi os três homens na sala observando isso. Eu precisava ser forte e não demonstrar que eles me atingiram, como minha mãe me ensinou.

— Sim, tenho meus deveres de esposa. Não quero voltar e ver meu marido com uma amante — blefei.

— Isso não demoraria a acontecer, doçura. De acordo com as minhas fontes, alguns homens não estão felizes que o futuro chefe seja casado com uma bastarda... sem ofensa.

Não respondi, e Leoncio voltou a sorrir.

— Nem herdeiro você lhe deu ainda. Ele provavelmente procurará uma para lhe dar legítimos herdeiros.

Sophia ofegou ao meu lado, e foi aí a minha queda. Vi os olhos de Leoncio mudarem para interesse, ao olhar para a minha barriga.

— A não ser que já esteja grávida. Isso mudaria tudo.

Mantive o queixo erguido.

— Krigor, mande nossos homens buscar alguns testes. Para ambas.

Sophia choramingou ao meu lado, não sei se foi por seu orgulho Hoffmann ou por medo.

— Nikolai, as leve de volta para a sala.

Quando Nikolai chegou perto de nós, eu comecei a andar, sem querer que ele me tocasse. Percebi que Sophia fazia o mesmo.

— Tão orgulhosas, mas tão fáceis de quebrar — murmurou antes de fechar a porta atrás de nós.

Sophia caiu no chão, chorando.

— Eu só quero ir para casa, estou com tanto medo, Valentina.

Eu a segurei.

— Fale baixo, não deixe que te ouçam.

Ela tremeu os lábios.

— Leoncio tentou me sequestrar duas vezes quando eu era criança. Ele nunca conseguiu.

Imaginei como deveria ter sido difícil e aterrorizador. Acho que é por isso que Sophia nunca reclamava de seus seguranças. Não conseguia me imaginar sofrendo uma dor assim por um filho. Pensei em meus pais e precisei controlar o choro. Ambos eram fortes, não estariam se martirizando, em vez disso estariam armando um plano para me salvar, como fizeram antes.

— Eu fui sequestrada quando nasci — comentei depois de um tempo. Sophia levantou o olhar para mim. — Não sei se você sabe, mas minha mãe me teve muito nova, e meu pai fingiu sua morte e a minha quando nasci. Fui sequestrada pelo meu próprio pai. O destino se encarregou de me trazer de volta para minha mãe quando eu tinha cinco anos. Quando ela descobriu quem eu era, foi atrás de mim e me salvou. Ela virá por nós.

Beijei sua cabeça, e ficamos sentadas no chão. A porta se abriu, e Krigor e Nikolai entraram na sala.

— Vamos comigo, Valentina — Krigor me chamou, com um teste em mãos, Nikolai também segurava um.

— Nós podemos fazer isso sozinhas.

Ambos negaram.

— Ordens do Pakhan, precisamos ter certeza.

Olhei para Sophia, que estava encolhida.

— Eu vou fazer meu teste contigo, e na volta acompanharei o teste de Sophia — argumentei.

Nikolai riu sem humor.

— Não funciona assim, boneca. Agora vá, antes que eu perca minha paciência e a coloque em seu lugar. — Suas palavras e expressões faciais demonstraram que faria isso sem hesitar.

— Bem sabia eu que todo russo é covarde e bate em mulher — cuspi, mas me levantei e me virei para Sophia. — Não demoro, querida. — *Mantenha-se forte*, quis dizer, mas isso pareceria fraco para eles.

Havia outro quarto ao lado, um lugar horrível, que parecia desabitado há séculos. Entrei no banheiro e tentei me manter forte quando Krigor entrou comigo.

— Isso não é necessário.

Ele não respondeu, só ficou ali parado, mas felizmente olhando para a parede. Eu não estava com vontade de fazer xixi, então demorou um pouco, o vestido tampava a visão dele da minha intimidade, mas foi difícil me sentar no vaso. Eu me sentia tensa por ele estar por perto, sabendo que o sujeito tinha força para me tomar contra vontade e me machucar. Era uma sensação sufocante, ainda mais naquele cômodo pequeno.

— Não estou olhando. Tenho filha e esposa, não te farei nenhum mal, nesse momento — Krigor disse em voz baixa, quase achei que era minha imaginação.

— Vocês vão nos devolver ou isso é mentira? — perguntei sem me conter. — Você e eu sabemos que se algo acontecer comigo, uma guerra acontecerá — eu repeti.

Ele ficou tenso.

— É preciso que demonstremos força — respondeu depois de um tempo. — Força é poder.

Eu sabia bem disso.

— Não há honra em sequestrar mulheres indefesas.

Ele não respondeu, mas pude perceber que não estava cem por cento de acordo com as escolhas do pai. Finalmente consegui fazer xixi no palito, corando fortemente de vergonha. Depois de feito, me limpei, dando graças a Deus dos banheiros serem pelo menos limpos. Lavei as mãos e levantei o palito para ele.

— Vamos. Não gosto de deixar Sophia sozinha por tanto tempo.

Quando saímos do banheiro, eu o olhei.

— Acho que você daria um Pakhan melhor que seu pai no futuro, mas tudo depende de suas ações no presente.

Entrei no quarto em que estávamos e vi Sophia saindo do banheiro de cabeça baixa, corada e com o vestido torto. Nikolai saiu atrás dela e pude ver um brilho possessivo no olhar. *O que havia acontecido lá dentro?*

Limpei a garganta, e ela me viu.

— Está tudo bem?

Ela acenou sem falar nada e se sentou no chão, olhando para o nada. Eu fui para seu lado, mas não me sentei, contei mentalmente os três minutos com o palito na minha mão, e quando mudou, mostrando a gravidez, eu suspirei, esperando que isso de alguma forma os fizesse repensar em nos deixar aqui por algum tempo.

Caminhei até Krigor, lhe entregando o palito.

— Pense no seu reinado, talvez no futuro não haja nada para você reinar.

Sua mandíbula ficou tensa, mas ele assentiu. Ele era bem mais velho que eu, vivido, e na máfia, em geral, os homens não escutavam as mulheres; acreditava que na Bratva era muito pior, pelo o que ouvíamos falar. Esperava que Krigor fosse diferente e acalmasse o pai. Isso tinha de parar.

Reparei que Nikolai olhava o palito em sua mão, e quando mudou, ele levantou a cabeça, olhando para Sophia antes de virar para Krigor.

— Não está grávida.

Ambos acenaram e deixaram a sala.

— Está tudo bem?

Sophia fungou.

— Sim.

Não acreditava em sua resposta, mas não contestei. Não tinha muito mais força em mim.

ERIC

Eles queriam que parássemos com os ataques depois de tudo que fizeram? Eles estavam jogando conosco para saber até onde iríamos pelas meninas. Queria eu mesmo ir até Leoncio e desmembrá-lo pedaço por pedaço, esmagar sua garganta com meus punhos.

— Se Sophia conseguir uma arma, ela o matará — meu pai disse, muitas horas depois. Logo Dominic estaria aqui. Damien, tio da Elena, havia ligado e disse que tentaria falar com Leoncio, mas meu pai negou, não podia deixar outra máfia resolver nossos assuntos sem parecermos fraco. Já era ruim o suficiente a vinda de Dominic.

Carina, tia de Valentina, era uma das melhores hackers e estava tentando localizá-la, mas não estava conseguindo, uma vez que não tinha o apoio de um rastreador. Jurei a mim mesmo que a primeira coisa que eu faria quando ela voltasse seria colocar um rastreador nela. Não queria jamais passar por essa sensação.

— Precisamos fazer algo, Valentina precisa voltar para casa — disse, andando de um lado para o outro.

— Precisamos ter calma e não demonstrar desespero.

— Eu estou desesperado, Valentina está gravida!

Toda a sala ofegou, sabendo o que significava. Eu seria o futuro chefe, e meu filho seria o próximo herdeiro do trono. Stefano, que havia chegado, se levantou.

— Devemos atacar para que eles recuem.

Eu me aproximei dele, parando na sua frente.

— Minha mulher e minha irmã estão lá, eles vão revidar nelas se fizermos algo.

— Isto é uma guerra, não podemos ceder aos russos — cuspiu.

Eu queria acertar um soco em sua mandíbula, e se não fosse por Heiko me afastando, eu teria feito.

— Não podemos fazer um acordo de paz quando o trâmite se dá por meio de sequestro — disse, suspirando.

O telefone tocou, e meu pai atendeu. Ele colocou no viva-voz e mandou todos nós ficarmos em silêncio.

— Bem, tenho que dizer que estou impressionado, suas mulheres são impressionantes, mas, ainda assim, fracas — cuspiu Leoncio. — Mas estou me sentindo caridoso e tenho uma contraproposta a fazer.

— Diga — meu pai rosnou.

— Eu entregarei Valentina em troca de que os Raffaelos recuem.

Seja lá o que Dominic fizera, estava funcionando: podia sentir a tensão nas palavras de Leoncio.

— Nada feito. Quero minha filha também.

Leoncio riu do outro lado da linha.

— Para depois sermos atacados? Creio que não. Sophia ficará sob nossos cuidados até que considere que vocês serão fieis à sua palavra e não atacarão. Acredito que um ano seja suficiente.

Meu pai ficou vermelho, e eu não conseguia me mover. *Porra,*

Sophia, mate-o.

— Minha filha não pode ficar um ano com vocês, ela voltará quebrada além de qualquer possibilidade de reparo. Tem que haver outro jeito.

Leoncio ficou em silêncio por um momento.

— Um casamento poderia unir nossas famílias e dar a paz.

Olhei para Heiko, que estava pálido, mas manteve-se reto. Ele olhou para o pai.

— Farei o que tiver que fazer para manter Sophia segura.

— Não! — ouvi o grito de Sophia do outro lado da linha.

Leoncio riu, feliz.

— Não estava pensando em seu filho, Ivan. Sophia já está aqui, de todo jeito.

Meu pai estava tenso, mas podia ver as engrenagens em sua cabeça. Deus me perdoasse, mas se meu pai concordasse com um absurdo desses, eu mesmo o mataria e tomaria seu lugar. Acho que meu olhar foi claro, porque ele começou a suar. A sala entrou em tensão, e Heiko se postou ao meu lado, com as duas mãos segurando armas, pronto para ficar ao meu lado.

— Minha filha foi prometida — disse olhando para Stefano, que tinha os olhos presos em nós dois, pensando sobre o que poderia fazer.

— Ela não tem aliança. — Alguém disse com a voz rouca. — Você está noiva?

Escutei a exalação de Sophia.

— Não! — disse com força.

— Vocês não podem a sequestrar e depois querer casar com ela. — Ouvi a voz de Valentina. — Não é assim que funciona!

— É, é melhor deixá-la em casa pronta para o abate. Me diga, há diferença entre esses dois casos, princesa? — o homem disse, e Heiko trocou um olhar comigo. Ele estava interessado em Sophia.

— Chega, Nikolai — Leoncio grunhiu. — Vou deixar vocês pensando na proposta, mas saibam que não durará para sempre.

E desligou.

Eu olhei seriamente para meu pai.

— Você não pode nem sequer cogitar isso. Deve haver outra maneira.

Meu pai encheu um copo de uísque e virou.

— Me diga outra maneira, estou esperando.

Não podíamos deixar Sophia com aqueles monstros, ela nunca mais seria a mesma novamente. Tínhamos de achar um jeito.

VALENTINA

Uma hora antes...

Já tinham se passado horas desde que fomos sequestradas. Krigor nos trouxe duas garrafas de água e dois sanduíches, mas mal consegui comer. Queria vomitar de nervoso, mas me controlei. Sophia parecia perdida em seus pensamentos. Horas depois, Nikolai abriu a porta, e meus músculos ficaram tensos; não gostava nem um pouco desse homem, ele me causava arrepios.

— Vamos.

Nós nos levantamos e o seguimos para a sala onde Leoncio estava na última vez. Ao entrarmos, havia duas cadeiras no outro lado da sala, a sala parecia ter ainda mais fumaça que da última vez, e isso me fez tossir um pouco. Nós nos sentamos, e ele sorriu.

— Hora de entrar em contato com sua família. Recomendo fortemente que vocês fiquem em silêncio. — Ele apontou com a cabeça para Nikolai, que estava do lado de Sophia. A mensagem era clara, se falássemos, ele faria algo.

Krigor entrou na sala, seu olhar estava frio, não demonstrando sentimentos. Ele mexeu no telefone, e depois de fazer a ligação, o colocou no viva-voz, em cima da mesa. Leoncio nos deu uma boa olhada antes de começar a falar.

— Bem, tenho que dizer que estou impressionado, suas mulheres são impressionantes, mas, ainda assim, fracas — cuspiu Leoncio. — Mas estou me sentindo caridoso e tenho uma contraproposta a fazer.

— Diga. — Ivan cuspiu, no outro lado da linha.

— Eu entregarei Valentina em troca de que os Raffaelos recuem.

O olhar incomodado de Leoncio me deu vontade de sorrir, mas eu segurei, pensando que meu pai devia estar agindo.

— Nada feito. Quero minha filha também — Ivan retrucou.

Leoncio riu, mas vi a raiva em seu olhar.

— Para depois sermos atacados? Creio que não. Sophia ficará sob

nossos cuidados até que considere que vocês serão fieis à sua palavra e não atacarão. Acredito que um ano seja suficiente.

Peguei a mão de Sophia e a segurei, dizendo-lhe sem palavras que não a abandonaria ali. Sua mão estava mole, e ela parecia perdida em seu próprio mundo. Eu tive medo que ela não voltasse da segurança de sua mente.

— Minha filha não pode ficar um ano com vocês, ela voltará quebrada além de qualquer possibilidade de reparo. Tem que haver outro jeito.

Leoncio ficou em silêncio por um momento.

— Um casamento poderia unir nossas famílias e dar a paz.

Minha mão apertou a sua, Ivan não poderia pensar sobre isso. Não podia entregar Sophia para aqueles lobos.

— Farei o que tiver que fazer para manter Sophia segura — Heiko disse, e eu senti que Eric também estava ouvindo a conversa.

— Não! — Sophia gritou.

Leoncio riu feliz por ter arrancando uma emoção de Sophia.

— Não estava pensando em seu filho, Ivan. Sophia já está aqui, de todo jeito.

Ivan ficou em silêncio para meu maior desconforto, ele não negou de primeira. Uma lágrima rolou do olho de Sophia quando ela percebeu isso também. Ele estava pensando na proposta de dar a filha aos homens que a sequestraram.

— Minha filha foi prometida — disse Ivan finalmente.

— Ela não tem aliança. — Nikolai disse com a voz rouca. — Você está noiva?

Escutei a exalação de Sophia.

— Não! — disse com força, mesmo comigo apertando sua mão. Seu medo de Stefano era realmente maior que tudo?

— Vocês não podem a sequestrar e depois querer casar com ela — exclamei revoltada. — Não é assim que funciona!

— É, é melhor deixá-la em casa pronta para o abate. Me diga há diferença entre esses dois casos, princesa? — Nikolai perguntou, olhando para Sophia, mas ela sequer o olhou.

— Chega, Nikolai — Leoncio grunhiu. — Vou deixar vocês pensando na proposta, mas saibam que não durará para sempre.

E desligou.

— Vocês devem sair — Leoncio disse, acendendo outro charuto, as coisas não estavam indo como ele queria, isso era claro.

— Leoncio, meus pais não vão parar o que estão fazendo, e te garanto que é só o começo. Ele moverá céus e terra por mim. — Eu me levantei, mantendo um olhar superior.

Sophia se levantou, mas pareceu perder os sentidos, porque começou a cair. Nikolai foi rápido em ampará-la, a segurando firme. Ela começou a se mexer, e quando se ergueu, se afastou de Nikolai. Alguns passos então, eu vi o que ela tinha na mão.

— Se afastem — ela disse com a voz trêmula, erguendo a arma para Leoncio, que pareceu surpreso.

Ela se afastou mais de Nikolai, com medo que ele tentasse segurá-la. Eu rapidamente fui para seu lado, antes que fosse usada como escudo. Suas mãos tremiam enquanto ela os olhava.

— Nos deixe ir embora.

— De jeito nenhum. Abaixe isso — Nikolai ordenou, o sotaque russo forte em suas palavras.

— Não! — gritou e olhou com ódio para Leoncio. — Você nos sequestrou, você tem tentado me pegar a vida toda.

— Abaixe isso, garota. Você não é capaz de matar alguém.

Ande, Sophia. Puxe logo essa arma. Algo me dizia que Krigor não nos machucaria. Olhei para a arma de Sophia, pensando em pegar dela, já que ela tremia tanto e parecia segurar errado. Isso não era possível. Vi Sophia atirando antes, ela tinha uma mira certeira e sabia como segurar uma arma. O medo não a faria esquecer algo assim.

Ela me olhou de lado.

— Se lembra da nossa conversa no quarto? — ela sussurrou.

Eu não me lembrava direito, mas ao ver seus olhos, eu entendi. Ela tinha um plano. Sophia não iria matar Leoncio agora, ela iria destruí-los por dentro, para sair como heroína na nossa família, assim se livrando do casamento.

— Sophia.

— Eu nasci para isso, mas eu não quero. Não é meu destino. Nikolai não está errado.

Eu olhei para Nikolai, vendo que ele se aproximava lentamente. Antes que eu conseguisse abrir a boca para avisar, ele tomou a arma de sua mão

com brutalidade e lhe acertou uma bofetada que a fez cair. Ele a deixou cair no chão, mas vi seu olho esquerdo tremendo lentamente. Ele não gostou de machucá-la. Ele não era um sádico, afinal... ou pelo menos eu achava agora.

Leoncio riu e bateu palmas.

— Muito bom. Leve-as para a sala e vamos fechar logo esse acordo, essa menina será tão fácil de quebrar, que seria desperdício a ter conosco por um ano inteiro.

Nikolai me agarrou pelo braço, me arrastando dali. Eu me virei e vi Krigor pegando Sophia nos braços e nos seguindo. Em seguida, me voltei para Nikolai e comecei a bater nele.

— Você a machucou! Você machucou Sophia!

— Cale a boca, porra! — Ele me sacudiu, mas não me jogou no chão quando chegamos à sala.

Krigor a colocou ao meu lado, e ambos os irmãos saíram da sala sem olhar para trás.

— Sophia. O que você fez? — murmurei para mim mesma.

Acho que acabei dormindo, porque, quando acordei, estava dentro de um carro, amarrada e com venda nos olhos.

— Meu Deus. — Eles iriam me executar? Comecei a tremer e a pensar no meu bebê. Eu nunca o veria nascer, e Eric se perderia. Meus pais nunca parariam de se culpar.

— Calma. Você está sendo entregue — Krigor disse.

— Sophia. — Eu a chamei, tentando esticar as mãos para senti-la, mas não havia nada.

— Um acordo foi feito.

Eu tremi.

— Ela é só uma menina, ela nunca vai se recuperar.

Ele ficou em silêncio um minuto.

— Ela escolheu o destino ao não colocar uma bala em meu pai.

Eu tentei tirar as amarras, mas desisti quando começaram a queimar. Devíamos estar sozinhos no carro, para ele estar falando.

— Você poderia fazer.

— Matá-lo? — ele perguntou, e eu o ouvi limpando a garganta. — Jurei lealdade, nunca o farei.

— Ele não é bom para a máfia.

Ele se manteve em silêncio, não discutindo comigo.

— Não a machuque — disse, tentando controlar os soluços, mas eles ainda assim saíram. — Ela é só uma menina, nunca conheceu o mal, sempre foi protegida.

— E essa proteção será sua queda.

O carro parou, e escutei a porta se abrir. Krigor me pegou no colo e me colocou em algum lugar, então me deu uma faca.

— Espere dois minutos e comece a cortar a corda em seus pulsos. Logo sua família estará aqui. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Se mantenha em guarda. A guerra não acabou, acabou de começar para valer.

Ali, sozinha, eu chorei, chorei de alívio porque fui solta e chorei por Sophia, por ela estar lá sem ninguém. Ela teria de lutar contra esses monstros. Chorei por Eric, por Heiko, por seus pais. Não sei quanto tempo fiquei ali, mas arrepios de frio e medo estavam tomando todo meu corpo.

Quando escutei passos e senti alguém me abraçando, eu suspirei. Era Eric. A venda foi tirada do meu rosto.

— Está tudo bem. Calma. Eu estou aqui — ele repetia, mas eu estava em choque.

Um cobertor quente me cobriu, e quando fui colocada dentro do carro, no colo de Eric, eu me senti segura e desmaiei. Eu estava protegida, mas destruída por Sophia.

CAPÍTULO 37

Quando o silêncio não é quieto
E parece que está ficando difícil de respirar
E eu sei que você sente como se estivesse morrendo
Mas eu prometo que vou levar o mundo a seus pés
***Rise Up* – Andra Day**

ERIC

Um acordo foi feito. Sophia passaria seis meses com os Leonovs, e depois disso seria escolha dela se casar com um deles ou não. Meu interior gritava que era uma má ideia, minha irmã não seria a mesma em seis meses. Apesar da força de seu ser, ela sempre foi protegida, não conhecia o mal e poderia ser contaminada por ele de modo irreversível. O acordo que foi feito dava direito a chamadas semanais, então teríamos pelo menos um controle sobre o que estava acontecendo com Sophia. Se eu percebesse que minha irmã estava quebrada, eu queimaria o mundo inteiro para resgatá-la, não importando as consequências.

Dominic e Isis não saíam do telefone, fazendo contatos tanto com Leoncio como com a equipe deles. Eles demoraram mais de quinze horas para chegarem na Alemanha: depois de descobrirem de Sophia, se reuniram para fazer um plano. Agora, quase quarenta e oito horas depois do sequestro, o acordo foi feito. Todos podiam ver que Leoncio estava doido para se livrar de Valentina.

Dominic e Isis, ao contrário do esperado, estavam atacando com força. Destruíram um laboratório da Bratva em Boston, eles tiveram cassinos invadidos pelo FBI, onde vinte homens foram presos, entre eles deputados e senadores. Além de lugares onde a Bratva protegia serem alvejados em diferentes partes dos EUA para cada hora que Valentina não era entregue.

— Leoncio, não estou aqui pra brincadeira, vou fazer seu império ruir até a última pedra se você não entregar Valentina — Isis falou ao telefone, Dominic a deixava falar por ele, e ela comandava com força. — Não me interessa, quero Valentina de volta ou vamos continuar, e quando digo que quero de volta, quero dizer que ela e Sophia devem estar intactas. Cada

machucado nelas será mais um ataque. E deixe-me dizer, para mim isso é brincadeira de criança comparado ao que farei com você.

Ela desligou o telefone e se virou para a gente.

— Entendo que você não quer a gente se meta com Sophia, mas ela não será machucada enquanto cuido disso — Isis anunciou para Ivan. Dominic se postou ao lado de Isis, assim como os homens que vieram com eles.

Era uma vergonha ter outra máfia fazendo acordos, já estava sendo tenso deixá-los agir sabendo que Valentina pertencia à máfia alemã, e não mais à americana. Olhei para meu pai, implorando calma. Havia alguns capitães na sala, e meu pai não poderia mostrar fraqueza, porém também não podiam ofender os Hoffmanns.

— Agradeço — meu pai disse simplesmente.

Mamãe entrou na sala junto com Magda e mais uma empregada, trazendo comidas e bebidas. Ela não estava autorizada a estar ali, e apesar de seus olhos estarem inchados e vermelhos, manteve a pose.

— Não estou querendo mandar em vocês, mas deveriam atacar, para eles recuarem. Nós estamos com vocês, protegeremos a retaguarda — Isis disse, e Dominic tocou seu ombro.

Ele já tinha oferecido isso quando chegaram, mas meu pai recusou.

— Se atacarmos, eles também vão. Nossos territórios são perto, e haveria um banho de sangue.

Isis acenou, mesmo tendo desaprovação em seu olhar. Eu entendia meu pai, ele estava pensando racionalmente, como chefe, mas, naquele momento, eu não conseguia. Só conseguia pensar em Sophia no meio daqueles homens, sofrendo. Nós precisávamos salvá-la.

Meu pai recebeu uma mensagem, e quando ele citou o lugar para mim, eu sabia que era onde Valentina fora deixada.

— Estou indo buscá-la — anunciei e corri, quatro homens vieram comigo para garantir minha segurança.

Acelerei o carro ao máximo, derrapando em algumas curvas, mas nunca diminuindo até chegar ao meu objetivo. Encontrei o lugar, um galpão abandonado, e não demorei a ver Valentina. Ela estava sentada no chão, tremendo muito, seu vestido de festa, amarrotado. Estava com uma venda nos olhos e com mãos amarradas, mas carregava uma faca. Tentei ver se havia machucados visíveis, mas não tinha nada. Eu a abracei, cuidando dela.

Em seguida, retirei a venda de seus olhos, mas ela mal me olhava, estava em choque. Um dos meus homens me deu um cobertor e eu a cobri antes de a levar para o carro; assim que entramos, vi seus olhos fecharem e seu corpo amolecer.

Enquanto eles faziam o caminho de volta, eu tentava encontrar machucados, mas não havia. Quando chegamos em casa, eu saí do carro com Valentina nos braços, e ao entrar na sala, acenei para todos. Isis despencou, chorando, aliviada, e Dominic a segurou contra ele, dizendo coisas em seu ouvido.

— Vou levá-la para cima. — anunciei.

— Vou junto — Isis e Dominic disseram em uníssono.

Subimos as escadas, e Isis me ajudou a tirar as roupas de Valentina e a colocar no banho, enquanto Dominic preparava algo para ela comer na nossa cozinha. Não vi nenhum machucado, e Isis e eu suspiramos. Agora seria preciso ver se eles não marcaram a alma da minha menina com suas maldades. Enquanto a vestíamos com uma camisola, eu observei sua barriga, meu filho estava lá, precisava acreditar que ele estava bem.

Depois de ajeitá-la na cama, eu olhei para Isis.

— Ela está bem.

Ela acenou e abriu os braços.

— Vem aqui, meu menino. Está tudo bem.

Eu a abracei, tentando controlar meu choro. Eu poderia ter perdido Valentina. Poderia ter perdido tudo. Isis acariciou minhas costas, me consolando como se eu fosse um de seus filhos. Dominic entrou e acenou para mim antes de ir até a cama.

— Acha que devemos chamar um médico agora?

Abria a boca para dizer que ela precisava de um ginecologista, mas fechei. Não sabia se Valentina contaria a eles agora, e se ela tivesse perdido a criança, só traria mais dores a todos.

Dominic se aproximou de Valentina e tirou do paletó um frasco de álcool para tentar despertar Valentina.

— Precisamos de respostas. — Ele não se desculpou, e eu fiquei parado, esperando que acordasse.

Assim que sentiu o cheiro forte, ela despertou, ainda tonta. Valentina demorou para concentrar a visão nas pessoas no quarto e mais um pouco para começar a se lembrar, mas quando o fez, despencou em lágrimas.

— Eu estava com tanto medo — disse entre as lágrimas.

— Você está aqui agora, querida. — Dominic a abraçou.

Isis foi a próxima a abraçar. Eu não conseguia me mexer, era como se meu corpo pesasse toneladas.

— Mamãe, eu fui forte — Ouvi minha esposa contar para a mãe. — Eu fingi não ter medo como você me ensinou.

— Eu sei que você foi, minha menina. Você é forte, meu amor.

Quando elas se afastaram, os olhos de Valentina vieram para mim. Ela ofegou, seu lábio tremendo enquanto mais lágrimas caíam.

— Eu não consegui trazer Sophia comigo. Me perdoa...

Ela não terminou de falar, porque seu choro se tornou mais forte. Eu a peguei em meus braços, a apertando contra mim, e só então eu senti um grande peso saindo de meus ombros. Valentina estava comigo, meu filho estava comigo.

— Eu sei, eu sei...

Suas unhas cravaram em meu braço, mas eu não reclamei ou me afastei, a manteria contra mim pelo tempo que precisasse. Dominic limpou garganta.

— Minha filha, você pode contar tudo que aconteceu? — Ela assentiu, fungando na minha camisa, mas eu não liguei. — Vou mandar Ivan e Heiko subirem.

Assim que meu pai e meu irmão chegaram, Valentina começou a narrar o que aconteceu. Sobre como foi sequestrada, sobre como Leoncio parecia insano, contou sobre Krigor e de como Nikolai parecia possessivo em relação à Sophia. Não entendi por que, se ele nunca a vira pessoalmente — que soubéssemos. Em seguida, contou sobre Sophia pegar a arma.

— Eu não entendi isso, por que ela não atirou? Sophia tem uma ótima pontaria, eu a vi atirando. Lá, ela não sabia nem segurar a arma corretamente.

Troquei um olhar com meu pai.

— Ela fez uma escolha, Valentina — eu disse, não querendo guardar segredos da minha esposa depois de tudo que ela passou.

Estava com raiva de Sophia, ela podia ter matado Leoncio e acabado com isso. De acordo com Valentina, Krigor seria um líder melhor, e talvez a deixassem ir sem as machucar. Ele faria exigências, mas talvez significasse o fim da guerra contra a Bratva que já durava muito tempo.

— O que quer dizer? — Isis perguntou.

Ivan limpou a garganta.

— Que minha filha destruirá a Bratva de dentro para fora. Ela treinou a vida toda para isso, caso fosse pega.

Os olhos de Valentina se arregalaram.

— O choro de mentira — murmurou, pasma. — Eu a encontrei uma vez treinando choro falso na frente de um espelho.

Ivan acenou.

— Ela tem seis meses para destruí-los, ou atacaremos com toda a força.

Meu pai saiu pouco depois para fazer ligações e acalmar a todos. Eu acariciei o rosto de Valentina.

— Ela não tem como vencer Nikolai, ele vai destrui-la — Valentina disse com os olhos marejados.

— Ela vai conseguir. — Tínhamos de acreditar nisso, porque era mais fácil que a verdade. Eu então toquei em sua barriga de leve enquanto seus pais estavam no outro lado do cômodo. — Está tudo bem?

Valentina colocou a mão sobre a minha.

— Eu não sei. Acho que sim, não tive sangramento nem nada. Eric... — Meu nome saiu como uma prece. — Estou com medo.

— Vamos ao médico hoje mesmo, você aceita?

— Você está bem? Para que ir ao médico? — Isis perguntou se aproximando.

— Nada. Só um *check-up*, mas não é preciso agora — Valentina desconversou e me olhou rapidamente. Ela não queria que ninguém soubesse ainda.

Dominic e Isis ficaram mais um dia. Enquanto eu resolvia as coisas com meu pai, Valentina ficou com os pais, eles eram tudo o que ela precisava.

Heiko não aceitou bem a escolha de Sophia. Eu andava de um lado para o outro no escritório do meu pai ainda anestesiado, não conseguia assimilar totalmente que minha irmãzinha estava refém deles.

— Por que ela aceitaria ser refém? — Ele passou a mão pela cabeça e depois apontou um dedo para meu pai. — Ela estava com medo, e não é de hoje! Ela não queria se casar com Stefano.

— Ela não se deixaria ser pega pela Bratva! Ela escolheu estar lá para

os destruir, foi sua escolha. Sempre soubemos que havia essa possibilidade, por isso que arrumei seu casamento o mais cedo possível, assim ela sairia da vista da Bratva — meu pai contou, se sentando. Ele parecia ainda mais envelhecido depois de tudo que aconteceu.

— Você aceitará se, depois disso tudo, ela quiser se casar com alguém da Bratva?

O rosto do meu pai se contorceu.

— Isso foi uma desculpa, Eric. Assim, eles não vão ficar com os olhos abertos sobre ela. — Meu pai então suspirou. — Ela precisa conseguir.

— Agora é importante saber quem facilitou a entrada da Bratva no baile — refleti. — Eles não tinham como fazer isso tudo sozinhos.

— Eu vou investigar pela manhã — Heiko anunciou, querendo tirar a cabeça da ideia de que Sophia poderia estar em perigo. Ele estava tremendo de raiva e medo, tentava se controlar, mas acabou socando uma parede com força. — Nós dois sabemos que a culpa da escolha dela é sua, pai. Você a forçaria a se casar com um cara que tinha idade para ser seu pai. Se acontecer qualquer coisa com ela...

— Heiko! — eu o cortei, ele era nosso pai, mas também era o chefe da família. Não poderia ser ameaçado.

Heiko deu um último olhar para ele antes de sair batendo a porta. Poucos minutos depois, escutei o barulho de seu carro acelerando.

— Eu vou atrás dele.

Meu pai acenou, mas não me olhou. Ele sabia que sua escolha empurrou Sophia para a cova. Bastava saber se minha irmã seria forte para sair dela ou não.

Subi as escadas da minha casa e vi Dominic e Isis sentados com Valentina no sofá, ela acabou dormindo entre eles, cansada depois de tudo que aconteceu. A culpa seria minha se ela nunca superasse, Valentina era forte, mas até os mais fortes podem quebrar.

— Não se culpe — Isis disse quando me aproximei. — A culpa não foi sua, ninguém teria imaginado isso.

— Ela vai superar, nossa menina é forte — Dominic concluiu.

Assenti sem conseguir responder, esperava que eles tivessem razão.

— Vou colocá-la na cama. Preciso ir atrás de Heiko.

Dominic se levantou e pegou a sua filha nos braços.

— Pode deixar conosco, cuidaremos dela enquanto você estiver fora.

Encontrei Heiko no bar que gostávamos de ir. Sua mesa estava repleta de bebidas, entre elas, uma garrafa de uísque quase vazia. Seu olhar era duro para todos à sua volta, mas eu podia ver que estava destruído. A mesa estava localizada no canto do bar, em um lugar mais discreto. Eu me sentei, e ele me olhou, surpreso.

— O que você está fazendo aqui?

Dei de ombros.

— Precisava de um tempo.

Seu olhar deixou claro que ele não comprou a minha desculpa. Reparei sua mão inchada e que ele tomava a bebida com a mão esquerda.

Enchi um copo e tomei olhando em volta.

— Sabe, estou surpreso por você estar aqui cuidando de mim — Heiko falou depois de umas bebidas.

— Por quê?

— Porque sua prioridade sempre foi Valentina, imaginei que você não a deixaria tão cedo.

Eu era codependente de Valentina, isso era claro para mim, depois de algumas sessões com o psicólogo. Mas sabia que ela estaria bem naquele momento, ela não precisava de mim, e eu queria estar com meu irmão. Valentina estava a salvo em casa, enquanto Sophia, só Deus sabe como estaria. Minha irmã sempre foi boa demais para todos nós, sempre foi a luz na escuridão. Sempre conseguiu nos fazer mais leves quando chegávamos em casa.

— Você é meu irmão, Heiko. Nunca pense que não é importante.

Parei de beber, vendo-o terminar mais uma garrafa. Ele soluçou com a bebida. Quando vi que ele não aguentava mais, o levei para casa; enquanto o ajudava a chegar no seu quarto, sentia como se ainda fôssemos crianças. Quando eu ainda matava os seus monstros e o salvava. Todavia, dessa vez, eu não conseguiria livrar meus irmãos dos monstros, e isso estava acabando comigo. Eu faria qualquer coisa por eles.

— Durma, irmão.

Coloquei a mão no seu ombro, e quando pensei que ele estava dormindo, Heiko disse:

— Ela está lá sozinha, Eric. Eu estou com medo.

Parecia haver um nódulo na garganta. Vê-lo assim me deixava

furioso, queria destruir o mundo, mas sabia que uma crise minha não iria ajudar em nada. Já tínhamos problemas suficientes para eles ainda se preocuparem comigo.

— Lembra de quando ela era pequena e você me levava até ela, para nos proteger enquanto ela dormia? — ele perguntou. Eu puxei uma cadeira ao lado da sua cama.

— Sim, você tentava ficar de guarda comigo, mas sempre acabava dormindo. — Sorri, lembrando. — Ela vai conseguir. Eu sei que vai.

— Sim, Sophia sempre foi forte e inteligente. Ela vai conseguir.

Heiko ficou em silêncio. Quando achava que ele já tinha dormido, voltou a falar:

— Eu acredito em você, eu sempre acredito em você, irmão.

Eu toquei seu ombro.

— Se ela tiver em apuros, eu a salvarei, não importam as consequências.

— Eu estou com você, irmão, custe o que custar.

Quando Heiko finalmente dormiu, eu fui para meu quarto. Dominic estava sentado em uma cadeira velando o sono de Valentina. Quando entrei, ele se levantou e tocou meu ombro antes de ir embora.

Retirei minhas roupas e me deitei ao lado de Valentina, que, mesmo em sonho, veio me abraçar e se aconchegar. Lágrimas silenciosas caíram dos meus olhos. Eu podia a ter perdido, podia ter perdido tudo. Não consegui a proteger, não consegui proteger Sophia, e agora minha irmã estava nas garras da Bratva.

Na manhã seguinte, Valentina se despediu dos pais, eles precisavam voltar para Boston, para fazer controle de danos e se manter em alerta caso a Bratva os atacasse. Antes que se fossem, Valentina ligou para todos os parentes e conversou um pouco com eles, eu podia ver que estava destruída. Parte dela ficou com Sophia, ela se sentia responsável, mas queria fingir que estava bem para não colocar mais peso em minhas costas. Ela temia que eu entrasse em colapso, e era por esse motivo que conversei com meu médico e decidimos aumentar a dosagem dos remédios. Bipolaridade não tem cura, mas os remédios poderiam me ajudar.

Acabamos almoçando sozinhos lá em cima, podia ver a raiva que Valentina estava de meus pais. Seja lá o que ela e Sophia conversaram,

Valentina não conseguia esconder os sentimentos.

— Quer falar sobre isso?

Ela suspirou, colocando o prato na pia.

— Só não consigo acreditar que pais podem ser tão egoístas. — Ela tocou sua barriga e me olhou seriamente. — Nosso filho terá escolhas, Eric.

Eu me aproximei, tocando sua barriga.

— Ele terá uma família que o apoiará em suas escolhas, será ligado a nós e se sentirá seguro para contar tudo, porque saberá que sempre estaremos ao seu lado...

Sua voz falhou, e eu a abracei, deixando-a chorar em meus braços. Suas unhas se ficaram em meus braços.

— Ele será protegido, de tudo e de todos.

— Ele será — afirmei contra seus cabelos. Acariciei suas costas até ela se acalmar. — Quer ir ao médico hoje?

Valentina pegou a bainha da minha camiseta e limpou a coriza do choro, o gesto simples me fez sorrir.

— Podemos? Agora?

— Sim, só vá colocar uma roupa mais quente, porquinha.

Ela me deu um pequeno sorriso e beijou meus lábios.

— Obrigada por estar comigo.

Eu dei um aperto em sua mão e a deixei ir. Entrei no nosso quarto depois de colocar a louça suja na lava-louças. Valentina estava botando um vestido leve, e eu fiquei atrás dela, ajudando a fechar e dando um beijo em seu ombro.

— Coloque um casaco, o tempo está frio lá fora.

Troquei a camisa e sorri ao vê-la pronta e de meia-calça. Saímos em silêncio, Heiko não estava por perto, e eu me preocupei. Quando entramos no carro, mandei uma mensagem.

Eu: Levando Val ao hospital. Na volta, vamos treinar?

Meu irmão demorou um pouco a responder, só verifiquei o telefone quando deixei o carro no estacionamento.

Heiko: Ok.

Pedi para os seguranças nos esperarem na entrada, pois não queria que ninguém soubesse ainda da gravidez. Comecei a ficar nervoso quando chegamos à recepção e eu vi algumas mulheres grávidas, outras com filhos nos braços e algumas crianças brincando.

Caminhamos em direção à recepção, e Valentina tomou a frente.

— Oi, boa tarde. Gostaria de uma consulta com um obstetra para hoje.

— A melhor daqui — completei.

A atendente mal nos olhou.

— A melhor é a doutora Hunks. Vocês têm hora marcada? A fila de espera da doutora é até o dia vinte e quatro de outubro.

— Mas hoje é dia doze — Valentina protestou, me olhando. — Queremos saber do bebê hoje.

— Temos outros médicos, mas a melhor e mais recomendada é ela, como vocês pediram — a mulher falou, sem parar de digitar na porra do computador.

Valentina me olhou, e eu me virei para a moça seriamente — ouvir crianças chorando estava me deixando ainda mais tenso.

— Queremos uma consulta agora para Valentina Hoffmann.

Os olhos da mulher se arregalaram. Quando ela percebeu quem éramos, rapidamente mudou de postura.

— Claro que sim. Vocês podem aguardar na sala da recepção. À direita, depois daquele corredor.

Valentina passou os dados, e depois saímos. Ela me empurrou de leve enquanto andávamos pelo corredor.

— Nosso bebê tem um papai mal-humorado.

Um pequeno sorriso me apareceu.

— Nem sempre.

Nós mal chegamos na sala e notamos o espaço praticamente lotado de mulheres grávidas em diferentes estágios. Valentina suspirou ao meu lado.

— Pelo menos teremos tempo para colocar a conversa em dia — brincou, tentando aliviar o meu humor.

Antes que a gente pudesse sentar, uma enfermeira se aproximou.

— Valentina Hoffmann, a doutora Hunks aguarda vocês.

Valentina me lançou um sorriso enquanto seguíamos a enfermeira.

— Isso foi rápido.

— Para mim, ainda foi lento demais.

Quando chegamos à porta, Valentina me parou e colocou a boca em minha orelha.

— Quando chegarmos em casa, eu vou melhorar o seu humor rapidinho.

Entramos na sala e a doutora estava tensa, sentada à sua mesa.

— Senhora e senhor Hoffmann, bem-vindos! Em que posso ajudar?

Valentina e eu apertamos a mão dela antes de nos sentarmos.

— Eu fiz dois testes de gravidez e ambos deram positivo. Eu tomo injeção anticoncepcional a cada três meses, mas acabei esquecendo de tomar a última porque havia muita coisa na minha cabeça.

Valentina me lançou um olhar de desculpas, e eu apertei sua mão, não havia nada com o que se desculpar.

— Não imaginava que poderia engravidar tão rápido assim.

A doutora acenou.

— Cada corpo tem um organismo que trabalha diferente. Há mulheres que levam anos para engravidar depois de pararem de tomar o anticoncepcional e outras que engravidam enquanto ainda o tomam, ou assim que param. — Ela mexeu na gaveta e tirou um potinho. — Vamos fazer assim, você faz xixi nesse potinho e partimos daí, pode ser?

Valentina acenou e pegou o potinho, o levando ao banheiro. Quando estávamos sozinhos, eu tentei me controlar, mas não consegui.

— Não quero saber de quantas semanas de gravidez ela está. Está claro?

A mulher arregalou os olhos, sem saber o que falar. Então reparei que a porta do banheiro estava aberta e que Valentina ouvira.

— O quê? — Valentina disse, me olhando de boca aberta com o potinho em sua mão. Ela reparou que não estávamos sozinhos e limpou a garganta. — Você poderia buscar um copo de água para mim, por favor?

A médica atendeu o pedido rapidamente, aproveitando sua chance de sair da sala.

— Por que você não quer saber de quantas semanas o bebê está, Eric?

Lágrimas brotaram de seus olhos, mas ela não chorava.

— Você vai me responder ou não?

CAPÍTULO 38

Este mundo te machuca
Te corta profundamente e deixa uma cicatriz
As coisas desmoronam
Mas nada se parte como um coração
E nada se parte como um coração
***Nothing Breaks Like a Heart* – Mark Ronson feat. Miley Cyrus**

VALENTINA

Eu não devia ter ouvido direito. Eric ficou pálido, me olhando, sem conseguir falar nada. Ele não queria saber de quantas semanas eu estava porque tinha medo de fazer as contas e descobrir que era de outro? Ele disse para mim que era nosso filho, não importava o que, mas na primeira oportunidade, mostrou que não era bem assim. Meus olhos encheram d’água, sabia que era difícil para ele, mas ouvir isso me destruiu. Meu filho cresceria sem o amor do pai por causa da dúvida? Eu tinha outra pessoa que dependia de mim.

Sempre ouvi sobre o amor de mãe, vi tudo que minha mãe fez por mim e meus irmãos, e agora, mesmo ele sendo somente um punhado de células, eu já sentia esse amor e o desejo de protegê-lo a todo custo.

Eu limpei a garganta, tentando controlar meus sentimentos. Chorar não adiantaria de nada.

— Acho que sei o porquê. Você tem medo de o filho não ser seu? — Sorri forçadamente e desviei o olhar quando o vi engolir em seco. — Acho que, se você pensa assim, não devia estar aqui. — Olhei para o outro lado da sala enquanto falava, porque sabia que se olhasse para Eric, eu choraria.

— Valentina...

— Você disse que cuidaria de nós dois. Você disse.

— Eu... eu só não sei. Não sei por que falei nisso. — Ele tentou dar uns passos para mais perto de mim, mas eu dei alguns para atrás.

Eu balancei a cabeça.

— Só falou o que você estava pensando no seu interior, mesmo que você não admita. Acho melhor você ir, vou fazer a consulta e depois

conversamos.

Ele parou na minha frente e levantou meu queixo para me olhar.

— É difícil para mim ser pai nesse momento. Estou assustado, sou uma bomba-relógio, e saber que meu filho pode ser como eu...

Ele não terminou de falar. Pude ver o medo em seu olhar.

— Vir até aqui me fez cair a ficha. Nós seremos pais.

Eu olhei em seus olhos.

— Eu sei que é assustador, mas não vou fugir disso.

Eu me afastei de Eric e fui até a porta, a médica estava lá, parada. Tentei lhe dar um sorriso tranquilizador e peguei a garrafa de água que ela me ofereceu.

— Vou fazer rapidinho.

Voltei para o banheiro, trancando a porta. Bebi a água e depois de alguns minutos consegui urinar no pote. Quando volte à sala vi que ela estava sentada em sua mesa, Eric estava olhando para a janela.

— Bem, então vamos confirmar a gravidez.

Ela colocou o palitinho no pote e, quando ficou rosa, ela acenou.

— Grávida. Podemos fazer uma ultra agora, o que acham?

Suspirei, aliviada, imaginar não estar grávida causava uma sensação estranha em mim, então era um grande alívio quando foi confirmada novamente.

— Eu gostaria.

Eu me virei para Eric e me aproximei dele.

— Pode ficar esperando lá, fora se quiser. — Falar essas palavras me doía, mas não achava que conseguiria estar numa sala vendo meu bebê sabendo que Eric não estava feliz como eu.

— Não — ele negou rapidamente. — Eu vou contigo. Esse bebê é nosso, Val.

Ele tocou em minha barriga, e eu suspirei, não querendo brigar. Esse deveria ser um dia feliz depois de tantas coisas ruins.

— Tá bom.

A doutora nos encaminhou para outra sala, e uma enfermeira me deu uma camisola hospitalar, fez algumas medições e algumas perguntas de um questionário antes de sair. Como não estava de jejum, os exames restantes seriam feitos só no dia seguinte. Eu me troquei no banheiro e me deitei na mesa, Eric ficou ao meu lado, mas não falamos nada um com outro. A

médica entrou e começou a preparar o equipamento.

— Pronta para ver o bebezinho?

Acenei e fiz uma nota mental de agradecê-la por seu profissionalismo.

—Você se lembra quando foi a sua última menstruação?

Eu neguei, estive tão fora de área, que não me lembrava. E isso me bateu, já fazia uns meses que não menstruava e não tinha percebido.

— Tenho ciclos um pouco irregulares. Tem problema? — perguntei, tensa.

— Tudo bem. A contagem começa a partir do final da menstruação, mas o ultrassom vai mostrar a previsão. Vou fazer um ultra normal, mas, caso precise, se forem as primeiras semanas, pode ser preciso uma ultrassonografia transvaginal.

Levantei a camisola, tendo um lençol abaixo da minha cintura para me tampar.

— O gel é um pouco frio — avisou, mas assim que colocou na minha barriga, eu estremeci. Eric segurou minha mão.

Ela passou o sensor sobre a minha barriga, e eu olhei para Eric, que estava concentrado olhando a tela, estava tudo branco, mas então comecei a ver algo. Foi quando escutei. Eram os batimentos do nosso bebê, primeiro parecia um som de vento antes de começar a ficar ritmado. Lágrimas de alegria caíam dos meus olhos, e Eric beijou minha testa, mas rapidamente voltou a sua atenção para a tela.

A doutora então observou a tela e suspirou.

— Isso é uma surpresa. — Ela olhou para a minha barriga com curiosidade antes de voltar para a tela.

— Ele está bem? — perguntei com a voz pequena. Sua expressão não era ruim, parecia surpresa, mas isso me preocupou.

Ela acenou, olhando a tela, e apontou para um pequeno ponto; eu conseguia ver o bebê. Ele era pequeno, mas eu conseguia ver claramente sua cabeça e corpinho.

Ela começou a digitar coisas na tela e depois limpou a garganta.

— Estou colocando a idade fetal no arquivo, assim como a previsão de nascimento e...

— Eu quero saber — Eric a cortou, antes que eu mesma a cortasse. — Eu quero saber a idade dele.

Ela nos olhou, tentando manter a postura, mas podia ver como ela

estava incomodada, sem saber como prosseguir. Percebi então o medo que devia estar sentindo, ela sabia o que o nome Hoffmann significava. Por impulso, eu toquei em sua mão livre.

— Tudo bem. Você é minha médica e me acompanhará pelos próximos meses, não tem nada a temer, nenhuma mal vai te atingir. — Ela engoliu em seco, mas assentiu.

— Vocês querem saber então?

— Sim — dissemos em uníssono.

— Bem, o feto está com aproximadamente onze semanas. É uma grande surpresa, dado que você não tem barriga nenhuma. Nessa etapa, a barriga já começa a apontar e há sinais como enjoos e mudanças no corpo.

Eric passou a mão pelo rosto, surpreso.

— Puta merda, estou com três meses de gravidez! — exclamei. — Eu engordei um pouco depois do casamento, mas nunca notei uma mudança significativa.

— Sim, o corpo começa a se adaptar agora para a gravidez, tomando forma. Provavelmente você passou pelos enjoos sem perceber — ela disse, e eu lembrei que vomitei algumas vezes nos últimos meses. — Bem, perdemos o primeiro trimestre, e eu pedirei alguns exames para ter certeza de que o feto está bem. Depois dos exames feitos, vocês podem voltar aqui para fazermos uma nova ultra.

Ela voltou para a tela e apontou para a gente.

— O feto tem quatro centímetros. Nessa idade, ele já tem os dedos das mãos e dos pés praticamente formados e já com unhas. Seus dentes também já são botões dentro da gengiva, e quando chegar a hora certa, vão nascer. Seu nariz já está formado, mas existe uma pele que deixa tampado o orifício nasal. Seus olhos e suas orelhas já estão bem formados. Mesmo as orelhas já estando localizadas no local exato, ainda não funcionam corretamente, pois as ligações internas até o cérebro, que são responsáveis pelo perfeito funcionamento, ainda não se formaram completamente.

Ela foi nos mostrando os detalhes do bebê enquanto falava. Eric beijou minha mão e escutou tudo com atenção. Lágrimas de alegria continuavam a descer pelo meu rosto.

— Vou imprimir fotos, e um vídeo foi gravado. — Ela mexeu em seu tablet. — Em alguns minutos, uma assistente trará para vocês. — Ela então voltou a mexer no tablet.

Eric, que até o momento estava quieto, comentou:

— A sua menstruação foi no dia do seu aniversário, treze de julho. — Eu corei, achando que eu tinha escondido bem os absorventes usados dentro do lixo, mas Eric tinha um olhar atento.

A doutora clicou algo no tablet e sorriu.

— Bem, a data da concepção foi cerca de vinte e sete de julho. O fim do seu primeiro trimestre foi dia cinco desse mês, e a previsão de nascimento é dezenove de abril.

Eu estava chocada. Então isso me bateu. Eu realmente estava grávida e já tinha passado pelo primeiro trimestre sem saber. Comecei a tremer, pensando nas merdas que fiz já estando grávida.

— Doutora, eu tenho me estressado bastante nos últimos dias, isso pode ter afetado o bebê?

Eric ficou tenso ao meu lado.

— Até agora, tudo que eu vi está normal, mas só terei a certeza quando todos os exames forem realizados. Mas não se preocupe, como você mesma disse, vou te acompanhar durante toda a gravidez.

— Doutora. — Tentei engolir o choro e agir como gente grande, mas não conseguia falar direito. Ela, paciente, me deu uma caixa de lenços. Eric acariciou meu rosto, tentando me acalmar. — Eu tenho bebido normalmente, cerveja, principalmente. Usei ecstasy e fumei maconha uma vez no começo da gravidez... — Meu lábio tremeu, e até tontura eu senti.

Queria me enrolar e chorar para sempre quando pensava em tudo. Eu tinha sido irresponsável. O bebê era um guerreiro, se ele não sobrevivesse, eu nunca me perdoaria. Meu corpo é um templo, e eu deveria cuidar melhor. Meu bebê dependia de mim.

Eric inalou, e eu segurei sua mão com força, com medo que ele começasse a quebrar tudo. Não poderia lidar com ele naquele momento.

A doutora franziu de leve a testa.

— Pelo o que vi, o bebê está bem, mas como disse, é preciso fazer uns exames. Recomendo que os faça o mais rápido possível.

— Amanhã os faremos — Eric declarou. Olhei para ele, mas seu rosto não mostrava nada.

A doutora continuou a consulta, mas eu me sentia em um limbo. Não conseguia pensar em mais em nada, se de alguma forma eu tivesse ferido meu bebê, nunca me perdoaria. Mal reparei quando a consulta acabou e Eric

me ajudava a limpar o gel da barriga e a me vestir. Não chorei durante todo o caminho de volta para casa, todavia quando entrei no nosso quarto, mordi o lábio e me virei para Eric.

— Ele está bem. Tenho certeza — Eric declarou e acariciou meu rosto.

Acenei, limpando meus olhos, e me sentei na nossa cama. Eu conseguia ver como Eric estava impaciente e ansioso.

— Vá liberar essa raiva nadando ou fazendo algo, Eric.

Ele concordou e saiu do quarto. Suspirando, me deitei na cama, encolhida. Às vezes, era melhor ficar sozinha, sentia que, desde o casamento, vinha me apoiando muito em Eric e esquecendo que eu gostava da minha própria companhia. Achava que um espaço entre nós seria melhor até mesmo para evitar mais brigas. Estava magoada com ele, que tivesse dúvidas a respeito de seu próprio filho.

Terminei de secar as lágrimas e desci as escadas. Acabei encontrando Magda.

— Oi, menina, você está tão abatida. Que tal comer um docinho para alegrar seu dia? O que está com vontade? — perguntou, colocando as mãos em oração.

Será que Magda suspeitava da minha gravidez? Será que estava na cara e a gente não viu? Pensar em comer algo me deu enjoo, mas lembrei que precisava por causa do bebê.

— Tem um pote de doce de leite na geladeira fresquinho que fiz essa manhã — ela comentou, risonha.

Comecei a me animar um pouco, um doce de leite me faria bem.

— Que tal fazermos assim: eu vou falar com Ivan e depois podemos fazer algo na cozinha juntas, tipo churros?

Ela acenou animada.

— Ah, menina. Tem uma novela mexicana que começa hoje, você vai amar!

Parecia que um peso enorme tinha sido tirado de meus ombros, mas ele começou a voltar quando bati na porta de Ivan. Comecei a repensar, afinal ele deveria ter muitas coisas na cabeça com Sophia sendo mantida como refém.

— Entre!

Abri a porta e o observei.

— Acho que chegou a hora de termos uma conversa, se não estiver ocupado.

Eu o vi ficar tenso, antes de assentir, apontando para a cadeira à sua frente.

— Eu concordo.

Fechei a porta atrás de mim e me sentei. Lembrava-me da vez que sentamos para conversar, todo o futuro que eu idealizava mudou, e agora mudaria novamente.

— Sei que está ocupado pelo o que houve com Sophia, mas eu precisava falar com você. Eu decidi contar a Eric sobre Petrus.

Ivan estalou o pescoço, me olhando seriamente.

— Não.

— Eu não perguntei, Ivan. Vim aqui só para lhe avisar porque tenho consideração por você. Eric é meu marido, e eu quero o melhor para nós dois. Nesse momento, o melhor é ele saber.

— Ou você quer tentar purgar a sua culpa?

Minha mão fechou, e eu precisei respirar fundo para não começar uma discussão. Não levaria a nada. Minha decisão estava tomada.

— O que eu quero é que Eric tenha poder sobre sua vida, que não volte a entrar em depressão ou em crises graves porque acredita que eu o estou traindo. O que quero é que ele possa ter a escolha de se tratar e amenizar essas personalidades. Ele será chefe um dia, e não quero que ninguém use a doença contra ele.

Queria completar dizendo que desejava que meu filho tivesse um pai vivo. Temia que os inimigos o capturassem enquanto ele estivesse com a outra personalidade.

— Valentina, vamos discutir sobre isso.

Eu me levantei, negando.

— Não vou contar agora, temos muita coisa na cabeça nesse momento, mas vai acontecer, Ivan.

Não o esperei responder e saí da sala. Encontrei Magda na cozinha, e em vez de fazer churros, eu peguei o doce de leite, e comemos puro, vendo a novela que ela tinha falado. Era incrível como os alemães gostavam de novelas mexicanas.

Por um momento, eu esqueci todos os problemas, mas sabia que eles voltariam. Na manhã seguinte, faria exames para saber sobre meu filho, e não

saber de antemão os resultados estava me matando.

— Está tudo bem, menina?

Eu me virei para Magda e finalmente reparei que uma lágrima deslizou do meu olho.

— Sim, é só... muita coisa junta acontecendo.

Ela concordou em um aceno, seus olhos marejando também.

— A menina Sophia vai ficar bem, ela é forte.

Mais tarde, me rendi ao cansaço e fui me deitar, acordei no meio da noite e tomei um susto ao ver Eric sentado numa poltrona, que, de algum jeito, ele levou até meu lado da cama sem me acordar.

— Vem dormir, amor.

Ele acenou.

— Daqui a pouco, quero velar seus sonhos.

Sei que ele não iria dormir, mas estava muito cansada para tentar trazê-lo para a cama. Por fim adormeci, mas não antes de ouvi-lo dizer:

— Eu te amo, Valentina, e vou protegê-los.

CAPÍTULO 39

“Nós iremos ocasionalmente nos lembrar de que o que pensamos ser a nossa maior fraqueza, pode ser a nossa maior força. E que a pessoa mais improvável pode alterar o curso da história."
Corte de Asas e Ruínas – Sarah J. Maas

ERIC

Dormi poucas horas, minha mente estava muito agitada, muitos pensamentos. No dia anterior me desgastei na academia e na piscina, mas não foi o suficiente, me sentia por um fio, esperando o ponto de ruptura. Heiko não pôde treinar comigo porque sua mão estava fodida. Depois do meu treino, o levei até um médico da família, que colocou uma tala.

Decidi investigar mais sobre como a Bratva conseguiu entrar disfarçada. As pessoas estavam tensas, ninguém queria levar a culpa por algo que outro fez, então foi fácil descobrir de onde veio a recomendação do bufê, que inclusive havia servido no mesmo baile no ano passado. A porra da Bratva esteve sobre nós e não percebemos.

— Ismar Gurkin — um dos fundadores do baile finalmente disse depois que apareci em sua porta cheio de ódio.

Eu havia entrado sob seu teto, ameaçado com os olhos sua família. Não ligava que meu pai não concordasse com os meus métodos, desde que eles funcionassem...

— Não preciso dizer para guardar essa conversa para você, não é?

Ele assentiu, e eu saí dali a passos calmos.

— Esse velho tem tesão pela morte, só pode. A porra da Bratva?!

Olhei para meu irmão, atrás dele estava Alex Rider, que mandei nos acompanhar para se manter afiado.

— Alex, quer ir para casa ou continuar? Não será bonito.

Ele ergueu o queixo.

— Ele mexeu com a princesa da máfia, senhor. Será uma honra ajudar a fazê-lo pagar.

Quando parei o carro na frente do portão da mansão em que Ismar e Adle moravam, franzi a testa quando vi que os seguranças me deixaram

entrar sem avisar ninguém. Porém, ainda assim, segui em frente.

— Fiquem atentos, pode ser uma armadilha — anunciei, sacando minha arma; os dois fizeram o mesmo.

Quando saímos do carro, a porta da frente abriu, e Adle saiu, sua camisa estava manchada de sangue e ele tinha barba por fazer.

— Adle — disse, com a voz mortalmente séria. Ele acenou com a cabeça.

— Meu pai está preso no porão, tenho buscado respostas.

Não abaixei minha guarda, Adle podia estar envolvido na sujeira tanto quanto o pai.

— Vamos discutir lá dentro.

Entramos na sala e vimos vários moveis quebrados, cortinas rasgadas, tudo parecia um caos.

— Na noite do baile, meu pai pediu para que eu não fosse na festa, e eu estranhei, mas acatei seu pedido. Então quando nos foi avisado que Sophia e Valentina haviam sido sequestradas, ele não pareceu surpreso. Eu não vou cair por causa dele, não posso ser condenado pelos crimes dos meus pais.

Suas palavras mexeram comigo. Quando eu me tornasse chefe, eu seria condenado por crimes de meus pais, era assim que as coisas funcionavam, as pessoas buscavam vingança no sangue, fosse na pessoa ou em sua descendência.

— O que você descobriu? — Heiko perguntou.

Adle suspirou.

— Ele estava recebendo propina. Nós já temos muito dinheiro, mas ele queria mais, e para quê? Ele está morrendo de câncer na próstata, tem mais seis meses. — Ele riu, maníaco, completamente sem saber o que fazer. — Ele foi até seu pai e o amaldiçoou por não poder fazer nada para ajudá-lo, como se ele tivesse culpa.

Heiko e eu trocamos um olhar. O que mais Ismar poderia ter passado para a máfia? Ele não sabia muito das informações internas, mas tinha amigos de dentro, e as pessoas têm tendência a falar demais quando estão bêbadas.

— Quero vê-lo.

Heiko sacou o celular, e eu sabia que ele estava pedindo reforços. Olhei para Alex em um aviso silencioso. Se algo desse errado, ele tinha de fugir, mas seu olhar deixou claro que não o faria.

Assim que chegamos à escada do porão, eu senti o cheiro de sangue, e conforme nos aproximamos da porta, escutei um choramingo.

— Adle, você não pode fazer isso comigo.

A porta se abriu, e Ismar, que já estava pálido, sentado no chão, ficou mais ainda ao me ver.

—E... Eric? — Ele estava aterrorizado, sabia o que estava por vir.

— Você achou que poderia foder a máfia e ficar por isso mesmo? Seus últimos meses de vida serão gastos com tortura.

Seu lábio tremia enquanto olhava para o filho.

— Você me entregou! Disse que se eu falasse tudo me deixaria aqui.

— Aprendi com você a manter minhas promessas somente a quem me importa. — Ele olhou para nós. — Ele é todo seu. Eric, eu juro pela família que não tenho nada a ver com isso, não estou envolvido e nem quero estar. Esse homem acabou com a minha vida. Ele matou a minha mãe. Se soubesse antes, já o teria entregado.

Não demorou muito até Ismar revelar tudo que eu queria e confirmar a história de Adle, mas ainda assim eu manteria meus olhos abertos com ele. Anotei o nome dos traidores, e quando terminamos, eu entreguei a arma para Alex. Não era o ideal, mas eu queria que ele sobrevivesse nesse meio, e só seria respeitado se fosse temido. Infelizmente, para alguns, o respeito só funciona na base do medo.

— Termine.

Ele já tinha matado antes, por isso foi iniciado tão jovem. Colocar alguém na frente dele iria assombrá-lo, mas também fortalecê-lo.

— Termine — repeti.

Com a mão trêmula, ele pegou a arma e atirou, o tiro foi direto na cabeça de Ismar, e sangue e massa cefálica se espalharam pela parede e chão. Heiko bateu no ombro do garoto.

— Nas próximas vezes, se possível, atire no peito, faz menos sujeira para limpar depois.

Adle não se importou com o corpo, e eu decidi usar isso de aviso para a Bratva. Depois de mandar Heiko e Alex para casa, ajudei meus homens a deixarem o corpo de Ismar com a língua cortada em um território deles, para mostrar força, e como o homem não era deles, eles não teriam o que revidar.

***

Meu pai me convocou ao seu escritório assim que cheguei em casa, tomei outro banho rápido e estava pronto para levar a bronca por ter feito isso sem pedir sua autorização antes. Preferi deixar Heiko de fora. Ele havia chegado mais cedo que eu e estava jogando xadrez com Valentina, parecia mais tranquilo pela primeira vez desde que Sophia foi levada.

Ao entrar na sala, franzi a testa ao ver Paul Heinz sentado na cadeira, conversando com meu pai. Quando entrei, a conversa parou e ambos me olharam seriamente.

— Você tem ideia de como fodeu tudo? — Heinz grunhiu, se levantando. Normalmente ele era um homem calmo, vê-lo descontrolado ativou meu modo de proteção. Estava pronto para cair na luta com ele, não tinha esquecido que o sujeito dera em cima da minha mulher. Bateria na sua cabeça para que ele nunca mais pensasse nela novamente.

— Pare os dois! — Meu pai bateu na mesa, e automaticamente nos separamos. Heinz voltou a se sentar, ajeitando o paletó. Meu pai então voltou a sua atenção para mim. — Que porra foi essa de colocar o corpo de Ismar para a Bratva!? Você quer matar sua irmã?!

Meu pai raramente perdia a calma, e vê-lo assim me abalou. Eles a machucariam por isso?

— Ismar nos pertencia, era nosso direito executar um rato! — tentei argumentar, mas ele me cortou:

— Não esfregando na cara deles, Eric!

— E o deixaríamos livre? — Puxei do bolso uma lista com os nomes que ele me deu e coloquei sobre a mesa. — Aqui tem nomes de mais traidores, vamos deixá-los livres para continuarem vazando informação?

Meu pai passou a mão pela barba, ele parecia mais velho e cansado. Então apontou para Heinz.

— Isso é o que Paul tem feito durante doze meses. Ele tem se infiltrado e descoberto ratos. Você quase colocou toda a operação a perder por causa de suas emoções!

Paul nos ignorou e pegou a lista, cantarolando enquanto lia.

— Bem, alguns nomes são uteis, mas já tinha uma boa parte descoberta, e há mais alguns que não estão na lista. — Ele olhou para meu pai. — O dia de ceifá-los está chegando mesmo, talvez seja boa a ajuda de Eric com toda a sua... — Ele apontou para mim. — Força e emoção. —

Tentava achar uma palavra. — Daria um belo show.

Eu sou um palhaço para dar show? Queria perguntar, mas meu pai já estava muito irritado.

— Você deixou Adle vivo — Heinz comentou, me olhando atentamente. — Por quê?

— Porque eu acredito que ele seja inocente.

Heinz balançou a cabeça.

— Você ainda é jovem e tem muito a aprender, mas saiba que quando você mata alguém de uma família, mesmo que ele seja odiado, você será mais por ter tomado sua morte. Pode ser agora ou não, mas Adle vai se ressentir de não ter tido a honra de matar o pai.

— Ele me entregou o pai.

Heinz sorriu.

— Para se salvar, eu entregaria até a minha avó — ele disse, dando de ombros. Valentina. Pensei nela, e se um dia Adle tentasse feri-la? Heinz limpou a garganta. — Para a sua sorte, o assunto já foi cuidado, Adle se matou envenenado, temia que vocês fossem atrás dele.

Ele era esperto. Devia uma a ele, mas jamais admitiria. Conhecimento era poder.

Meu pai então voltou ao assunto principal:

— Haverá consequências sobre sua ação, Eric. Você poderia ter eliminado Ismar e a Bratva não iria se importar, agora colocar o corpo em seu território acarretará numa resposta, ou eles parecerão fracos.

— Eles não podem machucar Sophia, isso não está no acordo.

Meu pai riu sem humor.

— Você acha que eles seguirão ao pé da letra? Provavelmente Sophia está numa cela passando fome, mas bem. Quando ela for autorizada a falar conosco, nos contará em código como está, mas agora, nesse momento, já não tenho mais certeza se ela está bem.

Meu corpo se retesou, imaginando minha irmã sofrendo, Sophia era forte. Eu sabia que era, mas ela nunca experimentou a dor, sabia se defender, mas lutar com seus irmãos era diferente de lutar com homens que queriam realmente feri-la.

Sophia, não tente ser heroína, implorei mentalmente. *Mate Leoncio Leonov e volte para nós.* Nós poderíamos conseguir um acordo de paz depois disso, casando Heiko com alguma de suas mulheres. Então um pensamento

me veio, e se o acordo de paz fosse com meu filho, e se fosse uma menina? Eu entregaria minha filha nas mãos da Bratva para salvar minha irmã?

O celular do meu pai apitou, e depois de verificar a tela, se virou para nós. Era uma mensagem de Leoncio com um link. Ele estendeu o telefone para mim.

— Você fez a merda e agora arcará com ela.

Respirando fundo, eu cliquei no link, vendo que era uma chamada de vídeo. O outro lado estava mudo e sem som, mas depois de uns minutos, a imagem surgiu na tela. A câmera mostrou Sophia numa parede cinza, ela ainda usava o mesmo vestido de festa, estava suja e tremia, olhando assustada para alguém. Vi quando fechou os olhos e tomou uma respiração, então seus gritos começaram quando um jato forte de água foi jogado sobre ela. Meu corpo ficou tenso.

— Pare com isso! — gritei, mas era difícil ser ouvido pelo som dos gritos de Sophia e pelo barulho da mangueira.

Observei sem poder fazer nada minha irmã tentando se proteger virando de costas, a escutei engasgar com a água e chorar. Depois do que pareciam horas, mas na verdade eram minutos, a água parou, e ela despencou no chão, buscando fôlego.

— Todas as suas ações terão consequências — Leoncio disse, podia sentir o sorriso em sua voz. Meus olhos estavam na minha irmã caída no chão duro.

Ela estava sofrendo, e a culpa era minha.

— Você é um homem morto — anunciei, eu mesmo mataria Leoncio. Teria essa honra, me banharia com seu sangue.

— Eu estou bem, Eric! — Sophia gritou do chão, e meus pelos se arrepiaram. Vi tanta força em seu rosto, tanto ódio. Ela ainda estava inteira.

— Ela não está bem, e isso será só o começo se tentarem trair o acordo — Leoncio disse, e a ligação foi cortada.

Joguei o celular contra a parede, mas não senti nenhum alívio.

Eu estava de mãos atadas. Não podia atacar, ou Sophia sofreria. Seu olhar determinado mexeu comigo, e eu acreditei que ela conseguiria derrotá-los. Talvez fosse como a lâmina de ouro e cristais que lhe dei de presente de aniversário de dezoito anos em fevereiro. Bela por fora e mortal por dentro.

CAPÍTULO 40

Pensei ter encontrado um caminho
Pensei ter encontrado um caminho de saída (encontrado)
Mas você nunca vai embora (nunca vai embora)
Então eu acho que tenho de ficar agora
***Lovely* – Billie Eilish, Khalid**

ERIC

Os dias passavam, e se tornava cada vez mais difícil me levantar da cama, os Leonov tinham enviado o vestido molhado e sujo de Sophia, e eu não conseguia tirar a imagem da cabeça. Eu fui o culpado por seu sofrimento e nunca me perdoaria por isso.

Os resultados dos exames de Valentina deram que tudo corria bem com o bebê, graças a Deus, mas isso não tirava a preocupação de mim. Mulheres morriam no parto, eu havia lido sobre isso, não podia perder Valentina. Se tivesse de escolher entre ela e a criança... A dúvida sobre a criança ser minha me fazia pensar se eu não escolheria Valentina. Isso me matava por dentro, sabia que era um pensamento horrível, mas me corroía. Se Valentina soubesse, não me perdoaria.

Ela decidiu que contaria para os pais por vídeo-chamada nos próximos dias. A cada dia, eu me sentia mais depressivo, em um deles, inclusive, acordei no meio da noite no quarto de Sophia, como eu fazia quando pequeno. A faca que lhe dei ainda estava em sua prateleira em destaque. Mamãe não havia gostado da peça ali, mas Sophia insistira.

Ela não devia estar passando por isso, merecia tudo de bom. Merecia um final feliz, que eu garantiria que ela teria, não importava o quê.

— Eric, você precisa levantar — Valentina me cutucou na manhã seguinte. — Converse comigo.

Não queria conversar, só dormir. Estava tão cansado de tudo. Talvez esse filho nem fosse meu, então Valentina estaria livre para ficar com outra pessoa depois que eu me fosse. Esse pensamento trouxe uma raiva dentro de mim, mas nem isso foi suficiente para me tirar da cama. Eu não podia entrar numa crise nesse momento, precisava ficar forte, protegê-la, proteger nosso

bebê.

— Eric. — Ela acariciou meu rosto, e lágrimas silenciosas caíram dos meus olhos. — Por favor.

Não sabia o que ela estava implorando, sua voz saiu arrasada, triste.

— Você precisa melhorar para nosso filho. — Ela continuou a carícia, eu abri os olhos. Sua barriga estava começando a ficar mais arredondada. Meu filho estava crescendo ali dentro.

— Estou tão cansado — consegui murmurar.

Ela acenou.

— Você precisa reagir.

Não era assim que as coisas funcionavam. Não havia um botão de liga e desliga. Não podia simplesmente voltar ao normal... Era a hora. Eu sabia disso.

— Chame meu pai, por favor.

Ela me olhou preocupada, mas concordou e mandou uma mensagem. Acho que dormi, porque quando voltei a abrir os olhos, meu pai me olhava com compreensão.

— Está na hora.

— Tem certeza? — ele perguntou suavemente.

— Sim.

Meu pai assentiu, e depois de lançar um último olhar para nós, deixou a sala. Quando me virei para Valentina, vi que ela finalmente entendeu a situação. Uma lágrima deslizou de seu olho, e ela segurou minha mão.

— Está tudo bem, eu estou contigo.

Ela parecia tão forte, mas suas mãos tremiam. Ainda assim, ela sorriu para mim.

— Eu estarei aqui quando tudo acabar. Eu e nosso bebê.

Beijou minha testa, e eu me permiti dormir mais um pouco.

VALENTINA

Estava acontecendo. Por um grande tempo, achei que não passaríamos por essa situação, Eric nunca caiu tão fundo no poço. Estava assustada, mas não podia demonstrar. Precisava ser forte. Ivan e Heiko tomaram a frente de tudo, enquanto eu ficava com Eric. Fomos levados de carro até lá, Eric foi

posto dentro do carro quando ainda estava trancado na garagem, para que ninguém visse seu estado. A clínica era a mesma de sempre, então estavam acostumadas com os protocolos, a única novata naquilo tudo era eu. A ala em que Eric foi posto estava completamente vazia, toda paga para que não houvesse ninguém além de mais de vinte seguranças e médicos particulares.

Eric havia tido uma consulta com o seu psiquiatra, doutor Scherer, a qual Heiko me disse ser normal, para avaliar o estado dele e tudo mais. Então ele foi preparado, levado para a nova sala, posto numa cama plana, com a camisola de hospital, e monitorado pelos sensores. Os médicos tentaram falar comigo, mas eu não conseguia prestar atenção quando eles disseram que talvez precisasse de três sessões para resgatar Eric. Só escutei por alto o restante das coisas que eles falaram sobre oxigenação e monitores cardíacos, cerebrais e de pressão arterial. Só conseguia ver Eric naquela cama de hospital parecendo miserável.

Ficava me culpando por isso, por fazer sua mente se romper, pelas preocupações que dei o colocarem nessa situação. Sabia que havia uma chance de ele precisar desse tratamento Ivan havia me contado tudo antes do casamento e eu seria forte como havia prometido. Cuidaria de Eric, estaria com ele, cumpriria meus votos de casamento.

Eu o observei tomar o relaxante muscular que a enfermeira lhe deu, e seus olhos me procuraram. Meu Eric ainda estava ali dentro, e mesmo repleto de escuridão, ele ainda me buscava.

— Valentina, está na hora — Heiko murmurou ao meu lado, eu nem tinha percebido ele que estava lá.

Eu me levantei e caminhei até a cama de Eric. Ele estava acordado, me olhando sem nenhuma emoção, e isso partiu meu coração. Meu menino estava sofrendo.

— Ei, tudo bem? Precisa de algo? — Acariciei seu rosto, e ele fechou os olhos como se meu carinho fosse o mundo para ele.

— Não — murmurou.

— Eu estou contigo, ok? Não vou te deixar, nunca! — Beijei sua testa. — Eu te amo, *mein leben*.

— *Ich liebe dich mehr als alles*[14] — disse com a voz rouca e, com força, ele me puxou para si, colando nossos lábios em um beijo que me dizia mil coisas.

Eu afastei e fui para o lado de Heiko, que segurou meu ombro. Eric

tinha uma expressão mais determinada, ele queria acabar logo com isso, ficar bom e voltar para casa, podia ver isso.

Ivan entrou na sala com médicos e enfermeiras. Enquanto ele e os médicos, o psiquiatra e um anestesista, conversavam em voz baixa, as enfermeiras começaram a conter Eric na cama, colocar dois eletrodos em sua testa, na área frontal, enquanto observam os aparelhos para terem certeza de que estava tudo certo. O anestesista começou a se preparar para sedá-lo.

— Nome completo? — O médico anestesista perguntou enquanto administrava a sedação.

— Eric Hoffmann.

— Idade?

— Vinte e sete anos.

— Data de nascimento?

— Dez de setembro de 2005.

— Nome da esposa?

— Valentina Raffaelo-Hoffmann.

O médico acenou e colocou um protetor de boca nele.

— Bom, agora que tal começar a contar de dez a um?

Eric começou a contar e quando chegou a cinco, caiu no sono profundo.

— O protetor bucal é para evitar que ele morda a língua — Heiko contou ao meu lado. — A anestesia é de curto prazo, não se preocupe.

Não me preocupar? Meu marido receberia a porra de uma corrente elétrica que seria enviada a seu cérebro, o fazendo ter uma convulsão. Não tinha como eu não me preocupar, sempre me preocuparei com Eric, não importava quantas vezes fossem necessárias.

— Esse tratamento tem efeitos colaterais? — perguntei sem tirar os olhos de Eric. Não havia prestado atenção no que o médico falara, então não me lembrava.

— Perda de memória a curto prazo, mas Eric sempre ficou bem.

Acenei com a cabeça, e um pequeno gemido miserável me escapou. Minha sorte é que Eric estava dormindo, eu devia estar sendo forte, cuidando dele. Heiko me amparou, me abraçando. Ele viu o irmão passar por isso várias vezes, sofria junto a cada vez, mas aprendeu a se portar para diminuir a dor de Eric.

— Ele vai ficar bem, Val.

Então o choque começou. O corpo de Eric se debateu com força, e Heiko me segurou mais forte. Sabia que seria difícil, isso era horrível. As cargas eram tão fortes que seu corpo tentava escapar, mas não conseguia por causa das faixas que o seguravam. Queria gritar, implorar, mas não conseguia. Não conseguia nem me mexer. Acho que perdi os sentidos, porque Heiko me levantou, mas eu neguei quando ele tentou sair da sala.

— Não vou deixá-lo, não posso. Não vou.

Continuei repetindo isso para mim mesma, não desviando o olhar do meu amor. Ele estava sendo praticamente eletrocutado para ser salvo. Ele estava sofrendo para que vivesse, para que ficasse melhor. Era tão injusto. Tão perdidamente injusto ele ter de passar por mais essa dor.

Ivan se aproximou e eu o olhei.

— Como você suporta isso?

Ele deu de ombros.

— Nós fazemos o que é melhor para nossos filhos, Valentina. Uma hora, doerá menos.

Ele podia não ser um pai perfeito, errou muito na criação de seus filhos, principalmente com Sophia, mas ainda assim os amava. Parei na sua frente, e ele se retesou, esperando ser atingido, mas, em vez disso, eu o abracei apertado, minha cabeça virada para o corpo de Eric.

Quando os médicos finalmente pararam e o libertaram, eu corri para meu amor. Ajudei a tirar as faixas de contenção e o protetor bucal. Eric dormia, parecendo sereno, sem dor.

— Vamos ver como ele reage, talvez seja preciso mais algumas sessões para tirá-lo da zona de perigo. A anestesia cederá em breve — o médico explicou antes de deixar a sala.

Eu puxei uma cadeira para ficar ao lado de Eric e segurar sua mão quando ele acordou.

— Eu estava errado sobre você, sempre achei que você seria fraca e quebraria com Eric, mas você nunca o fez. Eu apoiarei contar a verdade para Eric — Ivan disse, tocando meu ombro antes de deixar a sala.

Heiko ficou meia hora comigo, nós não falamos nada. Ficamos olhando para ele até que o irmão limpou a garganta.

— Na última vez em que esteve aqui, mandou trocar uma das perguntas, para que perguntassem sobre sua esposa. Ele estava tão ansioso para se casar, que já queria gritar para todos que você era dele.

Um sorriso surgiu, era a cara de Eric fazer isso.

— Ele não esperava voltar aqui tão cedo, entretanto.

— Qual foi o maior número de vezes que ele passou por isso em sequência, Heiko?

— Onze vezes. Três por semana. Ele não voltava, durou semanas. Mas agora ele está mais forte, com você aqui com ele, vai dar um gás a mais para ele.

Ele decidiu sair do quarto para pegar uma bebida para nós. Avisei a ele que não poderia mais tomar café, e ele disse que pensaria em algo. Não iria mais me descuidar da gravidez, seria o que o meu bebê precisasse. Toquei minha barriga.

— Você será muito amado e trará muitas alegrias para seus pais e todos à sua volta — disse, porque li que era bom conversar com o bebê para que ele reconhecesse sua voz.

Pouco depois, os olhos de Eric se abriram. Ele demorou um pouco para focar, mas quando me viu, me deu um largo sorriso. Ele não aparentava estar com dor, só cansado.

— Ei, linda. — Sua voz saiu grogue pelas drogas, e provavelmente não lembraria disso depois.

— Oi.

Peguei sua mão e dei um beijo.

— Como você está?

— Bem, já fiz isso antes. — Ele então levou um tempo me observando. — Você ficou. — Acenei sem conseguir falar de primeira. — Você ficou, você foi forte.

— Sempre. — Beijei novamente sua mão. — Você que é forte, Eric. A cada dia, admiro mais sua força. Você é meu tudo, e quero você bem. Nós dois precisamos de você bem.

Peguei sua mão e levei à minha barriga. Seus olhos ficam maiores, e ele concordou.

— Eu vou. Agora deitem comigo, minhas meninas precisam de mim.

Meninas? Ele acreditava que era uma menina?

Tirei meus sapatos e me deitei em seus braços, uma enfermeira veio e, depois de fazer umas perguntas e se certificar de que Eric estava bem, se retirou. Ele beijou minha cabeça, e antes que eu terminasse de nos cobrir, já estava roncando, mas seu braço estava me segurando de maneira protetora.

Enquanto dormia, eu orei para que ficasse bom logo e voltássemos para nossa casa.

Como o médico previu, foi necessário realizar três sessões para que Eric voltasse. As sessões foram em dias intercalados, e Eric jurou para mim que estava bem e que não sentia nada depois de cada sessão. Depois da primeira, ele não falou muito e continuou só dormindo, mas depois da segunda, consegui ver uma melhora, mesmo que fosse um pequeno sorriso ou um carinho. Meu Eric estava voltando. Na terceira e última sessão, Eric acordou faminto, o que era um bom sinal. Pouco depois, fomos liberados para ir para casa.

— Estou muito orgulhoso de você, *mein leben* — ele disse, beijando meu ombro.

Estávamos na banheira, relaxando depois de dias tensos, mas eu estava finalmente feliz por ele estar melhor e respondendo ao tratamento. Eu havia contado para o doutor Scherer que pretendia contar sobre o TDI, e ele concordou, mas me aconselhou a esperar até que Eric estivesse melhor e que fosse acompanhado por um grupo de médicos, porque corria o risco de a notícia fazer Eric se perder.

— Que tal tirarmos o dia para limpar as suas facas? — sugeri, fazia muito tempo que Eric não as limpava e eu sabia que ele gostava muito disso.

— Sério? — perguntou, surpreso, me abraçando. — Vai ser bom fazer um novo inventário, precisaremos que as armas da casa fiquem trancadas para que o bebê não se machuque.

Entrelacei nossos dedos.

— Vai demorar um pouco para ele andar, mas é bom que já esteja pensando nisso.

Depois do banho, começamos a limpar suas armas no seu escritório, Eric me mostrou cada uma das facas, adagas e lâminas. Havia relíquias, e muitas de colecionadores, era uma coleção grande e bela. Ele ficou feliz de as rever, mas a felicidade mesmo veio mais tarde, quando Heiko correu para a gente avisando que Sophia ligaria para falar com todos nós.

Todos nos reunimos no escritório e prendemos a respiração quando Sophia falou:

— Oi, gente. Eu estou bem.

Sabíamos que a ligação estava sendo vigiada, não poderíamos demonstrar muitos sentimentos, mas era impossível nos conter.

— Sophia, estamos todos com muita saudade. Todos nós estamos aqui por você — disse, ao ver que os homens estavam muito emocionados para falar.

Catherina foi a próxima a falar.

— Querida, você está bem, se alimentando?

Sophia hesitou um pouco, mas depois respondeu:

— Sim, e tenho pegado um pouco de sol também.

Eric me apertou um pouco, e eu estranhei sua ação.

— Que bom, meu amor. Beba bastante água para se manter hidratada.

— Filha, logo você estará conosco — Ivan falou, sua voz saiu fria, mas fiquei arrepiada ao ver seu rosto. Ele se sentia culpado, e essa culpa o estava consumindo.

Sophia não respondeu ao comentário.

— Irmãzinha, espero que esses russos estejam te tratando bem — Heiko cuspiu, e eu ouvi um rosnado do outro lado da linha. Nikolai, com certeza, estava com ela.

— Bem, você sabe como russos são — Sophia respondeu, mas pude sentir um pequeno sorriso em sua voz.

Não conseguia imaginá-la feliz lá depois de tudo que vinha passando.

— Preciso desligar, mas queria saber se todos estão bem. — Então ela fungou. —E Eric?

Ela devia estar morrendo de preocupação. Ivan havia me contado o que aconteceu com Sophia, que tinha sido torturada pelo uma mangueira, por retaliação por causa de Eric.

— Eu estou aqui, Soph. — Ele limpou a garganta.

— Espero que, quando olhe as estrelas, se lembre de nós — Catherina falou.

Ela riu de leve no outro lado da linha.

— As estrelas estão tão distantes quanto a gente, mamãe. Até mais.

Depois que ela desligou, todos soltaram um suspiro de alívio, mas eu não entendi. Vendo a minha confusão, Eric explicou:

— Temos algumas perguntas secretas memorizadas. Ela disse que está pegando sol, quer dizer que está em um lugar com janelas. Já é um avanço, comparado ao lugar anterior. Sobre as estrelas, quer dizer que ela está longe e não tem como voltar sozinha. Se ela falasse que não tinha visto estrelas, significaria que ela estava totalmente contida.

— Nós armamos as perguntas quando ela era muito pequena, tínhamos de escolher coisas leves, não códigos monossílabos, que ela não lembraria — Catherina disse sem perder a pose.

Essa mulher me confundia tanto, eu nunca conseguiria ficar assim se minha filha tivesse sido sequestrada. Ela agia como se fosse um fato corriqueiro. Quando todos saímos da sala, Catherina me chamou.

— Te encontro lá em cima. — Beijei Eric enquanto ele se afastava conversando com o pai e irmão.

Catherina esperou até que eles desaparecessem da vista para me olhar.

— Sei que deve me achar fria, mas não pense que não tenho sentimentos. Posso ver de longe o seu olhar desaprovador, e não estou feliz com ele. Sophia é minha filha, e eu estou sofrendo à minha maneira, não cabe a você julgar.

Eu dei um passo para trás, não sabia que não estava disfarçando o suficiente.

— Minha filha tem sido alvo desde que engravidei. Tenho me preparado para isso durante dezoito anos, você sabe o que é viver com medo diariamente?

Neguei com a cabeça.

— Catherina, eu sinto muito. Não queria te julgar...

Ela concordou, parecendo um pouco mais calma, e suspirou.

— Venha tomar um café comigo.

Eu a segui para a cozinha e escolhi um suco de laranja em vez de café. Nós nos sentamos na varanda. Observando o belo jardim, comecei a imaginar meus filhos correndo por ali.

— Eu tinha dezoito anos quando me casei com Ivan. Ele já era bem mais velho que eu, mas era a minha opção mais segura. — Ela soprou de leve o café antes de tomar um gole. — Ivan estava quebrado sem seu grande amor e com duas crianças carentes de mãe. Eu era uma menina curiosa, e acabei ouvindo uma conversa de meu pai, ele prometia me dar para Leoncio Leonov em troca de paz. Leoncio não queria paz, mas aceitou a oferta, sua esposa estava morta, e eu era uma jovem linda para ele corromper.

Meus pelos se arrepiaram. Leoncio Leonov era mais velho que Ivan. Era nojento. Catherina sorriu quando viu meu rosto.

— Eu fiz o que tinha que fazer. Fugi para a casa de Ivan uma noite, havia murmúrios que ele bebia toda a noite para dormir. Fingi estar perdida e

fiz seus seguranças me deixarem entrar. Ivan estava bêbado, mas deixou que eu ficasse. Eu o seduzi, e na manhã seguinte fiz parecer que ele tinha abusado de mim. — Ela sorriu, balançando a cabeça. — Ivan ficou furioso, afinal havia tirado minha virgindade, e isso era inaceitável. Ele se acalmou quando me aproximei de seus filhos.

— Você os usou para ganhar seu afeto? — perguntei, entendendo seu lado, sem julgamento.

Ela assentiu sem me olhar.

— Heiko era mais novo, com seis anos, e Eric tinha oito. Ambos desejavam uma mãe, então fiz a proposta, que me casaria com ele e que cuidaria de seus filhos. Ele aceitou imediatamente e nos casamos dois meses depois. Eu estava grávida de Sophia. Leoncio ficou revoltado, mas o acordo não tinha validade, uma vez que não tinha sido passado diretamente para Ivan, que é nosso chefe. A raiva de Leoncio aumentou, ele dizia que Ivan fez de propósito e jurou vingança.

Ela ofegou e secou uma lágrima.

— Quando Sophia nasceu, recebemos uma caixa, dentro dela havia um caixão rosa, cheio de ratos e aranhas, com o nome de Sophia. Ele disse que pegaria o que devia ser dele.

— Catherina. — Segurei sua mão, ela estava tremendo, mas ainda assim mantinha a classe. Ela tinha uma armadura à sua volta. — Eu sinto tanto.

Ela acenou.

— Sophia pode achar que a sufocamos, mas estávamos a protegendo. Quando você veio para cá, ela ganhou uma amiga, e decidimos afrouxar um pouco as cordas, afinal ambas teriam segurança e ficariam bem, mas acho que menosprezamos a força do inimigo, e agora estamos pagando. — Ela suspirou. — Sabia que Eric a salvou?

Neguei com a cabeça, e ela sorriu de leve.

— Quando ele conheceu sua mãe e viu como ela era forte, ele começou a implorar para que Ivan deixasse Sophia treinar com eles, aprender sobre armas e golpes. Eu sempre me recusei a deixar, achava que ela perderia sua feminilidade, e eu precisava casá-la o quanto antes com alguém importante, para assim protegê-la melhor. Mas Eric insistiu, e todos nós ouvimos falar sobre sua mãe... então Ivan e eu a autorizamos a aprender a usar armas, facas e ter um pouco de condicionamento físico. Sophia gostava

mais de corrida e circuitos rápidos, que eram usados para treinar iniciados. E agora, por causa disso, Sophia tem uma chance de se salvar. Ela nunca foi uma princesa, para falar a verdade. Sempre tentou esconder o desafio com um sorriso, mas ele estava ali no seu olhar. Sophia não é diferente de um homem da máfia, Valentina. Só que ela esconde isso com o medo.

Eu me levantei da minha cadeira sem me conter e abracei Catherina; ela foi seca como de costume, mas aceitou e me deu batidinhas nas costas.

— Você deu o seu melhor.

Eu me afastei e voltei a me sentar.

— Por isso você queria casá-la com Stefano Meyer?

Ela assentiu.

— Ele é respeitado e está na minha mão, Valentina. Sei umas coisas que ele não quer que circulem, então ele aceitou se casar com Sophia e tratá-la bem. Até mesmo poderia ter amantes discretos.

— Sophia tem medo dele — comentei.

Catherina me olhou um pouco surpresa.

— Ela nunca disse nada para mim, até gostava dele quando era mais nova. Vivia me perguntando se ele estava vindo e se escondia em seu quarto, como adolescente se escondendo do garoto que gosta.

Franzi a testa com seu comentário.

— Você não parou para pensar que ela perguntava para se esconder por medo?

Será que ele havia feito algo para ela? Meu sangue gelou, não podia contar minhas desconfianças. Não seria legal levar um homem à morte por nada. Eu já carregava a culpa pela morte de Valeria, não aguentaria outra morte inocente sobre meus ombros.

— O que quer dizer? — ela perguntou lentamente.

— Sophia escolheu ficar com a Bratva a voltar para cá para se casar... Ela...

Fiquei quieta, não devia contar o que ela confiou a mim.

— O que, Valentina? O que você sabe pode ajudar minha filha. Me conte.

Eu engoli em seco.

— Ela me perguntou se a Bratva a machucasse o suficiente, não teria que se casar. Ela estava com tanto medo, que se deu de mão beijada para eles.

Catherina ficou branca.

— Não, se alguém a tivesse machucado, ela teria me dito. Minha filha não guarda segredos de mim. Ela não queria se casar com um homem mais velho, é isso. Sophia era muito inocente, esperava um príncipe encantado.

Não comentei que ela estava falando da filha no passado. Encontrei Eric na sala e me sentei no seu colo. Heiko nos lançou um olhar feliz, Ivan recebeu uma chamada e depois que desligou, se virou para a gente.

— Alex Rider está no portão querendo ver você — Ivan franziu a testa.

— Pode deixá-lo entrar — Eric pediu, e Ivan acenou.

— Estarei no meu escritório resolvendo umas coisas.

Alex parecia diferente desde a última vez que o vi, a aura de menino sumira, e eu via praticamente um homem na minha frente. Seus olhos azuis estavam cheios de pesadelos e vivências difíceis, mesmo tendo tão pouco tempo de vida. Ele devia ser um pouco mais novo que meus irmãos. Eu me perguntei se eles também estariam assim.

— Ah, oi, senhora Hoffmann. — Suas bochechas coraram quando ele me viu. — Eu só queria... só queria saber como o senhor estava. Heiko disse que não tinha ideia de quando o senhor iria voltar, e vim saber se precisava de algo.

Ele tinha sentido falta de Eric. Podia ver em seu olhar o quanto respeitava meu marido, e isso me tocou.

— Eu estou bem agora, Alex. Logo estarei de volta às minhas responsabilidades. — Eric disse calmamente. — Por que não fica para o jantar?

O menino arregalou os olhos, mas aceitou.

— Seria uma honra, se não for incomodar.

— Claro que não. Você é bem-vindo — falei e me levantei. — Vou dizer à Magda para colocar mais um lugar à mesa.

Eric foi mostrar a coleção de facas para Alex, e os dois ficaram conversando animados na sala junto com Heiko. Era bom ver Eric assim, à vontade com os outros. Normalmente, quando eu estava por perto, ele focava sua atenção somente em mim.

Quem o visse naquele momento não imaginaria o que havia passado. Meu marido era muito forte, e eu estava muito orgulhosa dele. Sentia que ele seguraria a barra quando eu contasse sobre o TDI, mas ia esperar. Doutor Scherer me passaria uma lista com os melhores psicoterapeutas do mundo.

Dinheiro não era problema, e eu daria tudo que estivesse ao meu alcance para aumentar a qualidade de vida de Eric.

CAPÍTULO 41

Estou tão cansada de estar aqui
Reprimida por todos os meus medos infantis
E se você tiver de ir, eu desejo que você vá logo
Pois sua presença ainda permanece aqui
E isso não vai me deixar em paz
***My Immortal* – Evanescence (cover Benedetta Caretta)**

VALENTINA

As semanas foram passando, Eric estava bem e feliz, nós contamos a meus pais sobre a gravidez e todos ficaram muito felizes e emocionados. Mamãe disfarçou, mas vi seus olhos marejarem pela câmera. Vi quando fez as contas e descobriu que eu tinha usado drogas enquanto estava grávida, mas provavelmente não comentou para não arruinar o momento; mais tarde, naquele dia, me ligou junto com papai, e conversamos bastante. Eles ficaram felizes quando falei que o bebê estava perfeito. Meus irmãos pareciam bem e saudáveis, e minhas tias já estava começando a preparar o meu chá de bebê. Queria que Sophia estivesse junto de nós, ela amaria participar. Nós conseguimos falar com ela algumas vezes, e ela sempre aparentou estar bem pela voz.

Enquanto eu mexia nas minhas coisas, acabei achando a carta que vô Raffaelo havia feito para mim. Toquei o papel e levei ao nariz, ainda havia um leve resquício do cheiro de seu charuto. Meu coração doía, e às vezes eu esquecia que ele não estava mais entre nós. Pelo menos a dor a cada dia ficava menor, só restando saudade. Respirando fundo, eu abri a carta.

“Querida Valentina,

Depois que meus meninos cresceram, eu não achei que conseguiria amar alguém novamente, estava velho e senti que ninguém precisava mais de mim. Até uma menininha que adorava usar tutu rosa aparecer. Eu não sabia que precisava da sua alegria até ela chegar. Minha amada Christina tinha essa alegria, esquecida por mim e relembrada quando você apareceu.

Muitos não entenderam nossa ligação, você nunca foi uma neta

postiça. Do mesmo jeito que você despertou o amor de pai em Dominic, você despertou em mim o de avô. Sempre fui frio com meus netos, para que eles fossem fortes, mas com você foi impossível não descobrir um outro lado meu, um lado mais aberto de avô carinhoso, sem medo do que os outros poderiam pensar.

Vi você crescer e se tornar essa mulher que tanto me orgulho. Forte, determinada e uma verdadeira Raffaelo. Descanso em paz sabendo que você pode enfrentar qualquer adversidade da vida sem perder sua essência.

Com amor,

Seu vô Raffaelo"

Lágrimas de emoção caíam por meu rosto.

— Te amo, vovô — sussurrei sozinha.

***

Estávamos no começo de dezembro, eu completei cinco meses de gravidez e minha barriga já se mostrava, finalmente. Não tinha o barrigão que comecei a imaginar, mas estava feliz que minha jogadora de futebol estivesse saudável dentro da minha barriga — sim, era uma menina. Descobrimos no mês anterior, e foi lindo.

Eric e eu estávamos ansiosos, com olhares atentos sobre a tela, enquanto a doutora tentava descobrir o sexo. Nossa bebê tinha mantido as pernas cruzadas todas as vezes que fomos ver. Eric e eu já tínhamos rido, lembrando que meu tio Jace havia desmaiado quando descobriu que teria gêmeos; até perguntei a Eric se ele faria o mesmo.

— Só se fosse de emoção. Imagina ter dois bebês juntos?

— Bem, me pouparia ao ter um parto só — brinquei. — Se ele for grande como você, já terei um trabalho.

Eric acariciou minha barriga, e nossa bebê chutou.

— Será uma jogadora de futebol com certeza.

Nós rimos, e eu tentei me manter parada, porque a doutora tentava mais uma vez descobrir o sexo do bebê. Eu estava com quatro meses, e nada até agora. A doutora soltou um pequeno grito animado.

— Parece que a mocinha estava com vergonha de se mostrar. É uma menina.

Eric me olhou, atordoado, nunca esquecerei seu olhar surpreso e emocionado. Ele já tinha falado algumas vezes que achava que seria uma menina, mas sempre tive minhas dúvidas. Queria um menininho como meu Eric, mas, para mim, o que importava era que viesse com saúde.

— Uma menina — ele murmurou, e eu segurei sua mão.

— Nossa menininha.

Mais tarde, naquela noite, decidi tirar para sempre o medo de Eric, ele havia conseguido esconder as dúvidas nos últimos meses, mas eu sabia que ele pensava sobre isso. Ele estava terminando de alimentar o fogo da nossa lareira. Estava tão lindo e sereno, mas eu precisava contar, pelo menos sobre isso.

— Eu te traí somente naquela vez que te falei, em setembro — soltei, e o vi ficar tenso, ele continuou de costas para mim. — Eu estava bêbada, mas não vou usar isso como desculpa. Eu queria fazer isso, estava com raiva, frágil, e eu também o desejava.

— Não fale mais nada, por favor — Eric pediu, mas eu respirei fundo.

— Foi a única vez que transei com outro, eu já estava grávida, Eric. O bebê é seu... e seria de qualquer forma, porque...

Minha voz travou, não consegui falar em voz alta o que mais queria. Eric se virou para mim, o fogo refletia em seu rosto, e ele tinha os olhos marejados.

— Isso não importa, Mayla é minha e ninguém poderia dizer o contrário.

Eu estava toda arrepiada e demorei um pouco para processar o que ele havia dito.

— Mayla? — perguntei.

Suas bochechas coraram um pouco, e ele se levantou, passando a mão pelo cabelo. Eric estava sem camisa, só com calça e meias. Era uma obra de arte.

— Eu gosto desse nome, tenho pensado e gostaria que esse fosse o nome da nossa menina.

Meus olhos marejaram, e eu funguei.

— Você não pode falar algo doce assim sem me preparar antes, Eric.

Eric sorriu e veio para a cama.

— Você gosta do nome Mayla? — questionou e tocou minha barriga, e ela chutou, me fazendo rir.

— Eu gosto, e com certeza ela também gosta.

Ele beijou minha bochecha.

— Bom. — Então segurou meu rosto. — Eu estava falando sério quanto a isso, vocês duas são minhas, para amar e proteger, não me importa mais nada.

Ele tomou meus lábios com delicadeza, mas de maneira muito intensa. Eric tinha se contido um pouco desde que descobrimos sobre a gravidez. Ele estava sendo doce até demais, mas havia horas em que queria que ele me pegasse pelo pescoço, contra a porta, e batesse na minha bunda, ou algo assim. Queria ação que me deixasse sem ar e arrepiada pela intensidade.

Seu humor vinha oscilando nas últimas semanas, mas, mesmo com hipomania, ele ainda era doce comigo, e isso estava começando a me irritar.

— Eric — eu o chamei enquanto ele beijava meu pescoço.

— Hmm?

Eu segurei seus cabelos, e quando ele mordeu minha orelha, eu estremeci.

— Quero que você me coma por trás.

— De quatro?

Eu neguei, mordendo o lábio, e ele levantou o olhar para mim, parecendo bêbado de desejo.

— Podemos?

Eu rolei os olhos, já tirando sua camisa do moletom e me livrando da minha calcinha.

— Claro, vai buscar o lubrificante.

Ele me olhou mais uma vez antes de assentir e sair correndo para o banheiro. Não era isso que eu estava planejando, mas tínhamos todo o tempo do mundo para conversarmos. Quando Eric voltou, eu estava só com meias brancas até os joelhos e comecei a retirá-las.

— Deixe-as. Você está sexy com elas.

Levantei meus pés para ele, de brincadeira.

— Um novo fetiche por pés?

Ele sorri de lado.

— Fetiche por Valentina. Sempre.

Então Eric arrancou o restante de suas roupas e veio para mim. Por conta da minha barriga, Eric evitou ficar em cima de mim, disse que tinha

medo de acabar escorregando e causando um acidente.

Seus lábios tomaram os meus, e levamos nosso tempo nos tocando e nos sentindo como se fosse a primeira vez. Seus beijos me fizeram suspirar, e eu estava tão sensível, que, com um simples toque, gozei, meu corpo estremeceu de prazer e minha respiração se tornou mais difícil. Eric me olhava, duro como diamante.

— *Ich liebe dich, mein leben.*[15]

Amava quando Eric falava em alemão comigo, sua voz saía mais grave, com mais sentimentos. Eu me virei de costas para recebê-lo, e quando ele me preencheu, parecia que meu mundo voltava à orbita, seus lábios em meu pescoço, suas mãos segurando meus quadris, me acariciando, enquanto investia lentamente.

Estávamos nus, não só corporalmente, sentia que estávamos finalmente nos transformando em um em todos os sentidos, um passo de cada vez. Ele me segurou quando gozei e gemeu rouco em meu ouvido.

— Nós fomos feitos um para o outro, Valentina. Diga-me, você sente o mesmo?

Eu me sentei, me virando para ele. Eric colocou uma mecha de meu cabelo atrás da orelha.

— Do que nossos corpos e almas foram feitos, somos um, e sempre seremos, Eric. Você é meu tudo, e eu te amo mais do que qualquer coisa.

Naquela noite, nós ficamos abraçados, olhando a lenha queimar.

***

Acordei ativa na manhã seguinte, mesmo o sol mal tendo nascido. Estava chovendo lá fora, e apesar da vontade de ficar debaixo da coberta com meu marido, eu me levantei, o levando comigo.

— Vamos, quero pintar o quarto de Mayla. — Eu o sacudi, e Eric acordou, me lançando um sorriso aberto.

— Tudo que você quiser.

Até aquele momento, ele nunca reclamara de nada acerca da gravidez, sobre levantar várias vezes à noite para fazer xixi ou dos meus desejos, fossem de comida ou de outras coisas. Eu também tinha azia, e ele sempre estava me elogiando, mesmo quando eu me achava horrível. Apareceram algumas estrias, e eu engordei cinco quilos, agora que estávamos no quinto

mês de gravidez. Ele passava óleo pelo meu corpo de manhã e à noite, fazia massagens sempre que eu pedia e estava sempre atento. Eu amava isso demais, acho que estava me apaixonando ainda mais a cada dia por ele.

Eric havia prometido que naquela semana iríamos à uma loja especializada para escolhermos as roupas e o restante da decoração. Catherina queria nos presentear com um quarto pronto e decorado por uma profissional, mas nós dois negamos, queríamos arrumar sozinhos.

Vesti um blusão de Eric, com um par de jeans velhos, que não fechavam mais. Eric estava com uma roupa similar, mas ainda assim parecia pronto para sair em uma revista de moda.

O quarto que ficava ao lado do nosso já estava vazio e com o piso coberto de plástico. A cor, eu havia escolhido havia uns dias, um tom de rosa-claro, meio pêssego. Eric havia sugerido que só pintássemos uma única parede e deixássemos as outras brancas, e eu concordei.

— Tem certeza de que essa é a tinta que a doutora permitiu?

Eu rolei meus olhos.

— Exatamente a mesma.

Eric concordou, mas ainda assim foi até a janela e a abriu.

— Para o ar circular melhor.

Nós pegamos os pincéis e começamos a pintar. Eric fez a maior parte do serviço braçal. Estava ficando lindo, e eu mal podia esperar para ver o quarto todo pronto.

— Gostou da cor?

Acenei, sem conseguir falar nada sem cair no choro, culpa dos hormônios.

Eric me abraçou. Nós dois estávamos sujos de tinta, mas ficamos admirando a parede antes que eu começasse a narrar onde queria os móveis que chegariam naquele dia. Nós havíamos recebido vários catálogos de móveis para o quarto, uma vez que queria evitar sair de casa o máximo possível. A máfia tinha muitos inimigos, e eu não queria me colocar em risco novamente. Eric, inclusive, havia insistido de ele mesmo montar o berço.

Comecei a apontar pelo quarto onde queria as coisas, e Eric dava palpites, eu amava que ele estivesse tão feliz e empolgado como eu para fazer o quarto da nossa filha. Pouco depois, ele me arrastou de volta para nosso quarto, onde tomamos banho e ele seguiu o nosso ritual da manhã.

A coisa que eu mais gostava na manhã era quando Eric passava óleo pelo meu corpo enquanto conversava com nossa menina. Ele levava seu tempo, e nossa filha parecia entender, porque era só ouvir a voz do pai, que ela se mexia animada. Quando ele terminou e foi se preparar para trabalhar, eu me olhei no espelho, sorrindo contente por ver que as coisas estavam bem. Sabia que a revelação nos atingiria, mas nós dois estávamos mais fortes do que nunca, sentia isso.

Terminei de me vestir e vi Eric encostado na porta do quarto me observando.

— Não esqueça que você precisa montar o berço, ele chegará hoje, então não chegue muito tarde, porque vou ficar ansiosa de ver tudo pronto menos o berço — disse, prendendo meu cabelo seco em um coque. Eu amava que Eric cuidasse de mim de todas as maneiras e se preocupasse até com os meus cabelos molhados, para que eu não pegasse um resfriado.

— Você não me vê há semanas, e a primeira coisa que quer falar é sobre o bebê? — ele disse na porta, e eu percebi que aquele não era Eric, mas Petrus.

Ele viera durante essas últimas semanas, algumas vezes aparecendo só para fazer uma ronda ou para trazer um recado. Ele nunca conversou comigo, só me observava. Eric criança também apareceu, mas somente uma única vez e durou pouco mais de uma hora.

— Oi, Petrus.

Ele estava com os braços cruzados. Lembrei-me então da nossa última conversa:

— Eu quero você como meu amigo, eu realmente quero isso, mas não posso ser outra coisa para você.

— Tem certeza disso? Ele é tão perfeito assim para você?

— Eu nunca busquei a perfeição, Petrus. Eric é perfeitamente imperfeito para mim, e eu estou feliz com ele. Eu o amo, e não posso arriscar isso.

Um leve assentir foi o único movimento que Petrus fez.

— Se é o que deseja. Eu realmente gosto de você, Valentina, mesmo você pertencendo a outro. Você pode não admitir, mas você me quer, precisa de mim para consolo quando ele faz merda.

Suas palavras me enervaram.

— Eu preciso de Eric. Agora. Eu preciso dele, não de você.

Podia ver em seu olhar que ele estava magoado e me senti mal, ele não era culpado. Ele não pediu para existir, a culpa de nosso envolvimento foi minha, que fui egoísta demais e não quis dividir o corpo e o coração de Eric com ninguém. Mas eu não me arrependia.

— Petrus, eu preciso me desculpar com você, sobre o jeito que te tratei...

— Não sou nenhuma criança, Valentina. Eu sabia o que queria, mas não imaginei que me apaixonaria por você. Nunca pensei sobre isso.

Ofeguei, e ele deu um passo para dentro, parando na minha frente. Ele me olhou dos pés à cabeça e parou na minha barriga.

— Pode ser meu?

Eu ri sem humor e balancei a cabeça.

— Não, ela não é sua... mas também é, de certa forma.

Peguei sua mão e levei à minha barriga.

— Petrus, eu não sei quanto tempo você vai ficar aqui, talvez você nunca vá embora, então eu quero ter a certeza de que você ajudará a proteger nossa garotinha.

Uma lágrima escorreu do meu olho, e ele observou.

— Claro que vou protegê-la, é meu trabalho.

Eu neguei.

— É mais do que isso. Isso será confuso, mas não quero deixar minha filha correr para você pensando que é Eric e se magoar.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Do que está falando? Eric e eu somos diferentes.

Neguei com a cabeça e acariciei seu rosto.

— Você precisa saber a verdade.

Ele deu um passo para atrás.

— Que verdade?

— Primeiro, me jure que você não vai sair dessa casa.

Sua boca formou uma linha fina.

— Que verdade, Valentina?

— Jure.

Ele bufou, impaciente, e passa a mão pelos cabelos.

— Eu juro, agora diga logo. Está me assustando.

Fui até o sofá do nosso quarto e bati no assento ao meu lado, Eric não gostaria de saber que Petrus estava sentado na nossa cama.

Suspirando, eu comecei:

— Eric sempre foi meu, e eu prometi a mim mesma que seria o que ele precisasse que eu fosse. Eu fui a mãe bondosa que ele não teve na sua infância... eu fui sua amante.

Ele franziu a testa.

— E o que isso tem a ver comigo?

Eu segurei sua mão.

— Só escute. Eric sofre de TDI, transtorno dissociativo de identidade, que também é conhecido como dupla personalidade, ou transtorno de múltiplas personalidades. Eric teve um trauma grande na infância por causa de sua mãe, isso acarretou seu transtorno. Ele adquire outras personalidades, como a da sua versão infantil de cinco anos.

— Isso é impossível — ele murmurou, passando a mão pelo rosto. Ele olhou para o nada antes de se virar para mim, tenso. — Chegue logo ao ponto, Valentina.

Respirei fundo e soltei:

— Você é uma dessas personalidades, Petrus.

Ele se levantou.

— Isso é impossível. Eu tenho a minha vida, já conheci Eric, ele não se parece em nada comigo.

Ele se virou para o espelho e se observou, não se vendo como era realmente, e se virou para mim.

— Você está brincando comigo, não quero ouvir isso. Você...

Eu me levantei.

— É verdade. Eu não queria me apaixonar por você, só queria que meu marido não dormisse com outras mulheres. Mas aconteceu, quando percebi, já era tarde, eu me apaixonei por esse seu jeito canalha, safado e irônico.

Ele andou pelo quarto, parecendo atordoado.

— Você está brincando...

— Não estou, Petrus.

— Você não pode simplesmente dizer algo assim.

Ele saiu do quarto, e eu demorei uns segundos para correr atrás dele, com medo que ele fosse sozinho para a rua e acontecesse algo. Até aquele dia, Eric nunca mudou de personalidade em um ambiente hostil, mas eu temia isso.

Bati em alguém e quase caí no chão. Levantei o olhar e vi Petrus.

— Cuidado, *mein leben*. Eu esqueci as chaves.

— Eric?

Ele estava um pouco confuso, nunca o vi mudar de personalidade tão depressa antes.

— Está tudo bem?

Acenei, tentando me recuperar.

— Sim. Eu só... eu só estava pensando, podemos ir à loja comprar o restante das coisas de Mayla?

Ele acariciou minha barriga distraidamente.

— Claro, vou pedir para Heiko resolver os assuntos de hoje no meu lugar.

Ele sacou o celular e, depois de mandar mensagens, pegamos o elevador, Eric queria eu que eu evitasse ao máximo descer escadas. Encontramos Catherina na sala, lendo uma revista enquanto Fitz colocava chá em sua xícara.

— Oi, bom dia. Fitz, será que você pode receber os entregadores e montadores para o quarto do bebê? — perguntei.

— Claro que sim, senhora.

— Obrigada.

— Estão indo a uma consulta? — Catherina perguntou.

— Não, estamos indo comprar as coisas para o quarto de nossa bebê — Eric disse, e eu reparei que ele não disse o nome de nossa filha ainda, acho que ele queria fazer surpresa. — Eles já foram avisados para não montar o berço.

— Eu ficarei atento para que não o montem — Fitz disse.

Eric acenou e saímos de lá. Assim como a empresa que escolhemos os móveis, a loja de artigo infantil era protegida pelos Hoffmann, e por isso eles fecharam a loja somente para nós. Eric e eu passamos um tempo escolhendo tudo para o quarto da nossa pequena, desde almofadas, aos ursinhos que ficariam nas prateleiras. Com tudo escolhido, passamos para as roupinhas.

— São tão pequenas — Eric disse ao ver um par de meias.

— Acho que você vai gostar dessa.

Virei para ele e mostrei o macacão rosa com os dizeres “cuidado, papai anda armado” e outra escrito “sou a filhinha do papai”.

— Vamos levar com certeza.

Continuamos a escolher e me emocionei quando Eric escolheu alguns itens de bailarina.

— Já consigo imaginar vocês duas dançando no estúdio.

Depois das compras, surpreendentemente conseguimos colocar quase tudo no carro, o porta-malas e os bancos traseiro estavam lotados; algumas sacolas foram levadas no carro dos seguranças.

Nós fomos almoçar fora e depois fomos a mais lojas, parecia impossível parar de comprar, e quando Eric começou a querer escolher bicicletas e querer fazer um quarto de brincar, decidi que era melhor encerrar o dia.

— Acho que podemos ver isso quando ela começar a andar, que tal? Agora vamos ver roupas para mim, porque já não entro em jeans e em alguns vestidos.

Eric parecia ter feito o curso do marido perfeito, elogiando todas as roupas que eu experimentava sem exceção. Decidi brincar um pouco com ele ao escolher um vestido feio, bufante, com cor de berinjela.

— Gostou?

Dei uma voltinha e o vi franzir um pouco a testa.

— Amor, esse vestido é horrível, mas em você até que não ficou tão ruim.

Rolei os olhos, mas estava me divertindo. Fazia tempo que não saíamos, e eu só percebi naquele momento que sentia falta. O clima estava leve, e decidi adiar um pouco mais a conversa com Eric. Petrus já sabia, agora só tínhamos mais um caminho a percorrer. Todavia já contrataria a psicoterapeuta que eu estava sondando, ela era uma das melhores da atualidade e li sobre vários casos em que a melhora foi de quase noventa por cento.

— Bem, acho que, de roupa, é isso. — Havia uma pilha de roupas que eu tinha aprovado, a maioria, vestidos larguinhos, macacões, casacos e calças que eu conseguiria usar até o final da gravidez.

— Precisa de mais alguma coisa?

Mordi o lábio querendo provocá-lo.

— Na verdade, sim. Vamos à boutique RL.

Tia Elena tinha lojas espalhadas pelo mundo, e suas peças eram revendidas em grifes importantes. Eu ainda não tinha visitado a RL de Munique, e eu desejava principalmente pela área de lingeries.

Assim que chegamos, e eu me apresentei fomos levados a um provador especial, ofereceram champanhe, bebidas e até entradas. Depois de comer um pouquinho e escolher peças, pedi para que ela nos deixasse sozinhos. Optei por escolher um conjunto de renda azul-bebê sensual, que, por incrível que pareça, ficou bonito mesmo com minha barriga redonda. Eu queria me sentir sexy, mesmo com os pés inchados.

Saí do provador e lancei um olhar inocente para Eric.

— O que você acha?

Coloquei as mãos na cintura e dei uma rodadinha. Seus olhos pesaram de desejo, mas ele se conteve.

— Lindo. — Limpou a garganta. — Por que não experimenta mais?

Escondi um sorriso ao voltar ao provedor. Experimentei outros três modelos de diferentes cores, mas ele não se mexeu. O antigo Eric não conseguiria se conter tanto assim, então decidi provocá-lo, queria que ele perdesse o medo de me machucar. Vesti um conjunto preto, todo rendado e transparente, que deixava meus seios — que já estavam bem maiores — em exibição, inclusive os mamilos; a calcinha era cheia de tiras finas que me deixaram sexy. Abri a porta do provador:

— Ei, querido, você pode me ajudar aqui?

Engoli um sorriso quando Eric entrou no provador todo de vidro e fechou a porta atrás de si.

— Valentina, você está me provocando.

Mordi o lábio.

— Eu? — Coloquei a mão no peito dramaticamente. — Só preciso de ajuda para fechar o sutiã.

Ele fechou, e, pelo espelho, o vi descendo os olhos por todo meu corpo, respirando rapidamente, então começou a tirar seu cinto e abrir a calça.

— Você ganhou, me deixou louco. Sou uma besta quando estou a seu redor, mas não posso me conter mais.

Eu me virei para ele e contive um sorriso. Eric me puxou com delicadeza, me fazendo sentar, e se ajoelhou entre minhas pernas abertas, ainda com a lingerie sensual.

— Minha querida esposa grávida está com desejo por seu marido?

Ele puxou a calcinha pelas minhas pernas, mas para cheirá-la.

— Definitivamente vamos levar essas peças.

Agarrei seus cabelos quando sua boca tomou minha intimidade, Eric sabia cada ponto de prazer com precisão, e com a gravidez tudo estava mais sensível. Quando eu gozei, ele se sentou e me puxou para seu colo, de costas para ele; eu o montei enquanto nos olhávamos pelo espelho. Foi muito intenso, ele puxou meu cabelo e sua mão apertou meus seios enquanto seus lábios iam para meu pescoço, me deixando louca.

Um grito escapou de mim quando eu gozei novamente, e Eric apertou a minha cintura quando foi sua vez.

— Definitivamente faremos compras novamente — ele murmurou e beijou meu ombro. — Tudo bem?

— Bem melhor do que bem.

Quando voltamos para casa, eu corri para o quarto de Mayla, Eric veio atrás de mim junto com seus homens recheados de sacolas. Quando entrei no quarto, franzi a testa, os móveis não estavam no lugar que eu queria — o que eu não tinha explicado antes. Pelo menos o piso já estava sem os plásticos e o quarto estava limpo, a tinta da parede deveria ter terminado de secar.

Eric entrou no quarto de mãos vazias.

— As compras estão na sala.

— Eric, amor. É contigo colocar tudo na ordem. — Apontei para os móveis e comecei a narrar onde queria tudo. — O trocador, ali, o gaveteiro, lá; o armário, aqui, o sofá e a poltrona de amamentar... — Eu o olhei e o vi parado. — Eric, é para hoje, começa logo a ajeitar o lugar das coisas, ainda vamos precisar arrumar as roupas na gaveta, colocar as prateleiras, colocar as decorações. Quero tudo pronto hoje.

Ele retirou o casaco e coçou a cabeça.

— Você não está cansada de hoje? — perguntou e bocejou.

Rolei os olhos.

— Claro que não, não vou dormir até tudo estar pronto.

Ele acenou.

— Claro, querida. Vou ligar para meus homens me ajudarem.

— Não quero estranhos neste quarto mexendo nas coisas da minha filha, Eric.

— Pode deixar.

Fui até o sofá e Eric tirou os plásticos de proteção para eu me deitar.

Pouco depois, chegaram Heiko e Alex.

— Meu Deus, passou um furacão no shopping e tudo das lojas veio parar aqui? Não dá nem para andar na sala, de tanta coisa. — Heiko reclamou, mas tinha um sorriso no rosto.

— É para sua sobrinha, querido. Se acostume.

Os meninos começaram a levantar os móveis e os colocar na posição. As caixas do berço estavam em um canto, e Eric suspirou, provavelmente se arrependendo da decisão de montá-lo. Eu os observei trabalhando e suspirei feliz quando consegui visualizar o quarto de Mayla perfeitamente.

— Mais para a direita essa estante — pedi, e eles concordaram.

Eric estava uma delícia com uma furadeira em mãos, de luvas e óculos de proteção, a meu pedido.

— Só falta um capacete — pensei em voz alta.

Eric parou de furar e se virou para mim.

— O quê?

— Nada, nada. Quando a gravidez acabar, nós vamos brincar com fantasias com certeza.

Heiko engasgou, Alex olhou para o chão, mas pude ver seu rosto inteiro vermelho, e Eric me lançou um sorriso safado.

— Com certeza, querida.

Eles continuaram a trabalhar, e antes que eu percebesse acabei dormindo. Senti alguém me sacudir de leve e abri os olhos, demorei um pouco para acordar.

— Ah, não. O soninho tá tão gostoso. — Tentei cobrir meu rosto e voltar a dormir quando escutei a risada de Eric.

— Acorde, *mein leben*. Você não quer ver o quarto de Mayla?

Abri os olhos e percebi que estava no nosso quarto.

— Não queria que você ficasse lá com todo o pó dos móveis ou a tinta da parede ainda fresca — ele disse, parecendo ter lido meus pensamentos.

Eric me ajudou a levantar e ajeitou meus cabelos, que deviam estar para o alto. Ele tampou meus olhos para que eu não espiasse até chegar ao quarto de Mayla. Quando ele tirou a mão, eu comecei a chorar. Estava muito mais bonito do que eu imaginava. Quando decidimos fazer tudo, Catherina disse que nunca ficaria tão bom quanto com um profissional, mas ela estava errada. Estava perfeito.

As prateleiras com ursos e fotos de toda a família, fotos das ultras de

Mayla, inclusive a ultrassom 3D com ela chupando o dedo... Eric colocou essa foto em sua carteira, junto com a do nosso casamento. Eu já tinha o flagrado olhando diversas vezes.

O berço tinha sido montado, e a roupa de cama branca e rosa já estava colocada, assim como o mobile. Tudo estava perfeito, cada detalhe.

— Gostou?

Mayla se mexeu na minha barriga.

— Eu amei, e Mayla também. — Ele tocou minha barriga e se abaixou.

— Papai está aqui, *meine prinzessin*[16].

Fiquei mais emocionada e acariciei seus cabelos enquanto ele conversava com nossa menina. Quando ele se levantou e beijou meus lábios, eu o abracei apertado.

— Obrigada, Eric. Está tudo perfeito. Dá para sentir o amor.

Abri os armários, vendo que as roupinhas foram penduradas, dobradas, e tudo estava guardado e organizado perfeitamente. Quando fomos para a sala, eu abracei Heiko e em seguida Alex.

— Obrigada pela ajuda, meninos, tudo ficou perfeito.

— Que bom que gostou, porque deu um trabalho — Heiko reclamou, mas piscou para mim. — Vou levar o moleque em casa.

Vendo a hora pelo relógio de pulso de Eric, quase caí para trás ao perceber que já eram três da manhã.

— Meu Deus, está tão tarde. Fique, Alex, durma aqui e tome café da manhã conosco, como um agradecimento.

Ele olhou para Eric em busca de autorização, e quando meu marido assentiu, ele concordou.

— Obrigada, senhora Hoffmann.

Mayla se mexeu na minha barriga ao ouvir sua voz.

— Alex, a minha menina gosta de você — brinquei, tocando a minha barriga.

Ele corou e foi bastante adorável. Heiko o ajudou a se instalar, e nós dois fomos para o quarto ter nosso descanso. Eric se aconchegou em mim e caiu no sono imediatamente. Eu me sentia um pouco culpada de ter enchido seu dia, mas preferia que ele estivesse cansado aqui comigo do que fazendo algo na rua, podendo entrar em pane por causas das personalidades.

Demorei um pouco para começar a sentir sono, Mayla não parava de

se mexer na minha barriga, era uma sensação incrível que sempre me emocionava. Acho que ela percebia que o pai precisava da gente, porque quando me virei para o outro lado e abri os olhos, vi Eric acordado, com os olhos marejados, me fitando.

— Mamãe, agora que você vai ter um bebê, você não vai me querer mais?

Eu congelei, Eric criança me olhava com tanto medo e tristeza, que me deixou sem ar.

— Eu... ah, querido. Nunca vou deixar de amar você. Você é meu menino de ouro. — Acariciei seu rosto, mas senti no meu interior que precisava libertá-lo. — Querido, você é a pessoa mais forte desse mundo. Você passou por muita coisa e nunca deixou de ter um sorriso no rosto. Você é amado, Eric, muito amado por todos.

Ambos vertíamos lágrimas.

— Eu sou? — perguntou, curioso, com uma mão na boca.

— Sim, você é. Você passou por cima do trauma de infância e se tornou um grande homem, forte, inteligente, poderoso. O grande amor da minha vida.

Ele se aproximou e beijou minha bochecha.

— Eu te amo, mamãe.

— Também te amo, meu amor. De todas as formas que você precisar.

CAPÍTULO 42

Sim, estou bem aqui
Estou tentando deixar claro
Que ter metade de você simplesmente não é o suficiente
***Naked* – James Arthur**

VALENTINA

O Natal chegou, estava ansiosa para ver minha família. Por estar grávida, não era recomendado que eu viajasse por tantas horas para Boston, e como aqui não havia clima por causa de Sophia, tia Elena e tio Damien nos convidaram para passarmos o Natal em sua mansão na Sicília. Convidei meus sogros e Heiko, mas eles se recusaram. Eric então decidiu levar Alex conosco. Desde que descobriu, uns dias antes, que a mãe de Alex batia nele sem nenhum motivo, Eric se compadeceu, vendo a si mesmo no garoto. Parece que ela não aceitava que seu estilo de vida tivesse caído um pouco desde que seu marido morrera. A máfia pagava uma pensão para ela, e também havia o dinheiro que Alex recebia como iniciado, mas não era o suficiente para a mulher. Com isso, ela descontava no filho suas frustações.

Antes de irmos, conseguimos falar um pouco com Sophia, e eu senti que ela estava forte, eles não estavam conseguindo quebrá-la, e logo ela estaria conosco novamente.

O voo para Sicília demoraria quase seis horas, minha médica havia permitido, porém com várias recomendações, inclusive, meias de compressão. Tinha cochilado, e quando abri os olhos, sorri ao ver Eric e Alex jogando xadrez.

— Não foi uma boa jogada — meu amor comentou, focado no jogo, enquanto pegava as peças que pegou de Alex.

— É preciso perder alguns para ganhar. — O menino fez sua jogada e sorriu para Eric. — Xeque-mate.

Mayla se mexeu na minha barriga ao ouvir a voz do amigo.

— Ei, Alex, estou começando a ficar com ciúme, Mayla sempre se mexe quando escuta sua voz — brinquei, e ele virou para mim.

— Mayla? É um nome bonito.

Nós havíamos contado à família de Eric o nome da nossa bebê, e agora faltava a minha família.

— Tá se sentindo bem? Precisa de algo? — Eric foi logo perguntando, e eu revirei os olhos, fazendo Alex esconder um sorriso.

— Não, eu estou bem. Depois só vou querer um pouco de água...

Eric já se levantou e foi para o fundo do jato para pedir.

— Ele está sendo bem cuidadoso — disse, acariciando minha barriga. — Alex, você será muito bem-vindo no nosso Natal, tá bom? A família toda junta pode ser um pouco maluca, mas todos são bons, ok?

Ele assentiu.

— Obrigado.

Pisquei para ele e sorri para Eric quando trouxe água para mim.

Como o esperado, a família fez uma festa quando chegamos, todos tocando minha barriga e nos dando grandes abraços apertados. Achei que seria minha mãe a chorar, mas quem chorou ao me ver foi meu tio Miguel.

— Ela cresceu tão rápido, não estou preparado para estar velho. — Então ele olhou para sua caçula, Alanna. — Prometa-me que não vai me fazer avô tão cedo, vermelhinha?

— Pare de pressionar a menina e venha me dar um abraço, tio Miguel — pedi, rindo, e ele veio beijar minha bochecha.

Meu pai dedicou um tempo me olhando, sabia que em sua cabeça estava passando um filme desde que eu era pequena. Ele nunca teve obrigação nenhuma de me criar como uma filha, mas o fez e se tornou o melhor pai do mundo. Quando o abracei, ele sussurrou:

— Minha menininha vai ser mãe.

Como tinha dito, toda a família tratou Alex muito bem, e meus primos e irmãos ganharam um amigo. Dante e Dimi pareciam maiores e mais fortes, e até a voz tinha engrossado. Além de Alex, de fora da família também tinham sido convidados a família D'Angelo, que faz parte dos negócios de meu tio. A casa estava cheia, com todos falando bem alto. Eu me reuni com minhas primas e vi que Francesca estava de cara fechada.

— O que houve, querida?

Ela fitou Remo D'Angelo, o caçula da família, devia ter mais ou menos a mesma idade que ela, treze anos. Seu irmão mais velho, Orazio, de dezessete anos, estava junto com os homens.

— Remo disse que eu nunca serei *capo* — cuspiu, fervendo. Ela tinha

o sangue dos Raffaelo realmente.

Eu acariciei seus cabelos pretos.

— Você pode ser o que quiser, só tem que batalhar para chegar lá.

Ela concordou lentamente.

Minhas tias me puxaram para conversar sobre gravidez, e quando tia Carina se ofereceu para colocar filmes de parto, Eric me salvou ao recusar gentilmente a oferta.

— Valentina ainda não se decidiu sobre que tipo de parto quer, mas eu vou apoiá-la no que decidir — completou, sorrindo daquele jeito charmoso que fazia todas as minhas tias suspirarem.

Depois que todos comemos e nos divertimos, o telefone de tio Damien tocou, seguido de seus irmãos, Luca e Lorenzo, e do pai deles. Quando Damien desligou, ele emanava raiva, e mais do que isso, tristeza.

— Daniela Di'Piazzi acabou de ser morta pela Camorra, uma bomba explodiu seu carro quando ela estava a caminho da casa da família.

Francesca começou a chorar e correu para fora da sala de jantar. Eu lembrei de tia Elena contando que Fran era muito fã de Daniela, por ser a primeira *capo* mulher da Cosa Nostra.

Tio Damien olhou para tia Elena, que rapidamente foi ficar com a filha enquanto ele tomava a frente do que faria. Eric se manteve calado ao meu lado, ele não fazia parte da máfia e não poderia oferecer qualquer ajuda sem falar com o pai antes, já que ele ainda não era o chefe.

O clima ficou triste, e depois que as crianças foram autorizadas a ir brincar, Eric e eu fomos para a área da piscina observar a bela vista da Sicília. Ele me agasalhou e me colocou sentada em seu colo.

— Não quero que nada do nosso mundo atinja nossa filha, Valentina — Eric confessou, acariciando minha barriga.

— Nós a protegeremos, e mais do que isso, a faremos forte, Eric. Nossa menina será forte e poderá se defender. Não me peça para que a criemos de maneira frágil como a maioria das mulheres de dentro são. Sei que minha criação e de minhas primas foi mais branda, por minha mãe, tia Carina e tia Mila terem sido criadas fora da *famiglia*, mas não aceitarei que minha filha não possa se defender, seja com as palavras ou com sua força física, como minha mãe.

Ele beijou minha cabeça.

— Eu te prometo, Valentina. Nós criaremos nossa filha como

acharmos melhor. E se um dia ela quiser ser chefe, eu mesmo matarei todos que entrarem em seu caminho.

Nós demos a mão, sentindo nossas cicatrizes de promessa nos ligando ainda mais.

Na manhã seguinte, Eric me acordou cedo e nos levou à árvore da família. Eu me sentia um pouco estranha de estar lá, já que na última vez confessei que o tinha traído. Nós fomos de carro pela maior parte do caminho, e gostei da caminhada que fizemos de mãos dadas. Era inverno, então estava frio, mas ainda assim era muito mais fraco que o inverno que eu estava acostumada em Boston.

Eric pareceu perceber minha hesitação e segurou meu rosto.

— Dessa vez, será diferente, nós não temos mais segredos e somos um. Acho que nós estamos mais ligados do que nunca, Val, e sei como esse lugar é importante para você.

Ele beijou meus lábios carinhosamente.

— Nós estamos bem melhores nesse lance de casamento — brinquei, e ele sorriu, seus olhos brilhando. — Mas ainda há um único segredo, Eric, mas este foi para o seu bem.

Ele me olhou por um momento.

— Me diga — pediu calmamente.

— Eu prometo que irei te contar, já estou planejando há muito tempo isso. Diversas vezes quase contei, mas isso seria egoísmo, percebi isso agora. Eu deveria te contar para te libertar, e não a mim.

Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— É algo sobre meu estado?

Acenei, e ele concordou de volta.

— Me conte quando estiver pronta, sei que saberá o momento.

Olhei para a árvore vendo as iniciais da minha família e me virei para ele.

— Quem sabe poderemos colocar as nossas na próxima vez? Dizem que a terceira dá sorte. — Dei de ombros, tentando brincar com a situação.

Eric balançou a cabeça.

— Nós já perdemos muito tempo, *mein leben*. Nós somos fortes e mais maduros, conseguiremos enfrentar as próximas provações. Descobri que elas sempre estarão lá, seu pai me garantiu que elas não diminuem com a

idade do casamento, mas que um casal aprende a superá-las.

Ele tirou de seu casaco uma adaga, reconheci como a sua favorita, que deixava à mostra na sua sala. A lâmina era cheia de desenhos antigos, e o cabo era todo entalhado.

— Problemas sempre existirão, mas você está preparada para superá-los comigo?

Respirei fundo e peguei a adaga de sua mão.

— Sempre estarei com você, Eric.

Juntos, nós talhamos nossas iniciais e a de Mayla na árvore. A sensação era fantástica, não só pelo ato, mas pelo sentimento. Havia muito amor naquele lugar, e fazer parte dele era surreal.

— Ainda tem muito espaço para nossos próximos filhos e netos, talvez devêssemos fazer uma tradição como essa na nossa casa.

— Eu adoraria. Nunca me cansarei de marcar nosso amor, seja pelo mundo, em nossos corpos ou em nossas almas.

Eric me abraçou apertado, e ficamos mais meia hora lá, até voltarmos para casa, porque ele não queria que eu pegasse um resfriado.

Nós passamos o ano-novo na Sicília, comemorando com fogos e com as crianças brincando com varetas que soltavam faíscas. Era incrível ter toda a família reunida, e me emocionei que mesmo com a distância entre nossas casas, quando nos víamos era como se ela não existisse. Todos amaram o nome de Mayla e prometeram me visitar para o chá de bebê ou quando nossa filha nascesse. Eu não sabia se realmente teria chá de bebê, com certeza seria algo que Sophia planejaria para mim, mas estando tão longe, não me sentia bem de fazer sem ela.

A volta para Munique ainda teve muita alegria, Alex estava feliz com os novos amigos, e pela primeira vez parecia um garoto sem peso nos ombros. Eric também estava calmo e carinhoso, ele seria um pai incrível para Mayla.

***

A época de festas passou, e estávamos no começo de janeiro, a psicoterapeuta que contratei finalmente se mudou para Munique para atender Eric sempre que ele precisasse. Havia uma lista de profissionais, mas Ivan, doutor Scherer e eu havíamos decidido por Suyane Richter, já que sua família

fazia parte da máfia alemã. Era uma mulher muito atraente, pelas fotos, trinta anos, solteira, mas eu confiava em Eric com a minha vida, ele não trairia minha confiança.

Estava fazendo carinho na cabeça de Eric enquanto víamos um filme no nosso quarto, raramente usávamos essa televisão. Ele estava relaxado, já havíamos feito a rotina da manhã, em que ele me besuntava de óleo. Uma coisa levou a outra e estávamos ali na cama, depois de fazer amor apaixonado. Era domingo, então Eric não iria trabalhar.

Meu interior sentia que era a hora de contar a verdade. Mandei uma mensagem para Heiko, Ivan e Catherina avisando e pedi para que eles não nos incomodassem até que os chamasse, em seguida coloquei o celular no silencioso.

— Está tudo bem? Você ficou tensa.

Mordi o lábio e ele se sentou, virando para mim.

— Tá sentindo contração? Quer que eu...

— Não, não é isso. — Molhei os lábios, e ele observou esse movimento. — Se lembra sobre o segredo que eu tinha? Sinto que é hora de contar.

Ele concordou com a cabeça e segurou minha mão.

— Seja o que for, nunca me fará deixar de te amar.

Fiquei com o coração pequeno e a voz falhou, não sabia por onde começar. As coisas não deram muito certo com Petrus, e ele não voltou a aparecer, não queria errar com Eric também.

Decidi começar com o mais básico.

— Você sofreu muito na sua infância, Eric, isso acarretou problemas em sua vida.

— Isso é sobre meu lado maníaco? Eu fiz algo para você? Eu... eu não lembro, mas eu posso consertar, eu juro... — Ele começou a ficar nervoso, mas eu segurei sua mão.

— Não, não é isso. Além da bipolaridade, você tem outro transtorno... — Minha voz falhou.

— Pode me contar, eu não vou embora. Não vou quebrar as coisas, eu estou controlado, te juro.

— Você se lembra que achou desenhos infantis na sala de seu pai?

Ele pareceu nervoso por pensar que eu estava mudando de assunto, mas respirou fundo.

— Sim.
— Eles são seus.
Ele franziu a testa.
— Por que meu pai os guardou por todos esses anos?
Mordi meu lábio com força, tentando evitar chorar. Eric tocou meus lábios para que eu soltasse.
— Não se machuque, converse comigo.
— Aqueles desenhos não são antigos, Eric. Quando você está muito tenso com algo, ou fora do controle e precisa de um abrigo, você foge para dentro de você, e o Eric criança aparece.
— O quê? Como sonambulismo?
Podia ver que ele estava lutando contra si para entender.
— A primeira vez que te vi como criança, você estava tremendo no banheiro, implorando para não tomar banho na banheira. — Uma lágrima escorreu de seu rosto, mas ele manteve a expressão sem revelar nada.
— Valentina, o que você está dizendo...? Eu não entendo, isso não é possível.
Ele se levantou e ficou andando pelo quarto, deixei que assimilasse o que eu havia dito. Sequei rapidamente uma lágrima, a conversa não era sobre mim. Não poderia deixar minha emoção me levar.
Eric parecia um pouco mais calmo e se sentou na ponta da cama.
— Como isso é possível? Como eu não sabia? Quem sabe disso? Quando você descobriu? Por quê?
A enxurrada de perguntas não me deixou confusa, sabia que elas viriam, e ver que ele estava enfrentando e não fugindo me encheu de orgulho.
— Você tem transtorno dissociativo de personalidade, o que antigamente era conhecido como dupla personalidade. Eu não sou médica para dizer tudo, mas eu aprendi que, por conta do seu trauma, essas personalidades surgiram. Seu cérebro lhe prega peças e é muito esperto para que você não descubra. Você já sentiu que perdeu tempo, que não se lembra de ter feito algo?
Ele balançou a cabeça em silêncio, me olhando atentamente.
— Eu soube disso antes de nos casarmos, seu pai conversou comigo para me alertar sobre o que eu teria pela frente. Somente sua família sabe, parece que suas personalidades te protegem e só aparecem em lugares seguros.

Ele passou a mão pelo rosto e, quando me olhou, seu rosto estava vermelho.

Ele está com vergonha?

— Eric, isso nunca afetará a forma que eu te vejo. Você é meu, e eu sou sua, sempre. — Mostrei a palma da mão com a cicatriz em vez do anel, a cicatriz nunca sairia de mim. — Ela é eterna como nosso amor.

— Você... você tinha que cuidar de mim? — ele perguntou sem me olhar nos olhos, focando no chão.

— Só dar amor, é isso que você queria. Era tudo que você queria. — Eu funguei. — Você pediu para me chamar de mamãe. — Chorei. — Eu vou ser tudo que você precisar, Eric. Para sempre. Eu jurei isso antes mesmo de nos casarmos.

Nós dois ficamos um longo tempo em silêncio, ele perdido em seus pensamentos, e eu repensando mil vezes se fiz a coisa certa em lhe contar ou se deveria ter deixado para a psicoterapeuta.

— Há quanto tempo isso acontece?

— Anos.

Ele acenou em concordância.

— Tem cura?

Eu me mexi na cama.

— Tem tratamento, eu contratei uma psicoterapeuta para cuidar de você. Ela ajudará nas personalidades...

Ele ficou tenso, muito tenso, e me olhou.

— *Personalidades?*

Eu engoli em seco, sabendo que esse momento chegaria.

— Você tem outra personalidade.

— Outra criança? — Ele franziu a testa e, quando eu neguei, ele respirou fundo e ficou em silêncio por um longo tempo, assimilando tudo. — Você disse que jurou que seria o que eu precisasse. O que você fez para essa personalidade, Valentina?

— Eric... eu... — Perdi a fala, e Eric não desviou o olhar.

— É *ele*?

Não precisei responder porque ele viu a verdade em meus olhos e praguejou. Em seguida, se levantou e socou uma parede. Eu me levantei também, tensa sobre o que ele faria a seguir, não poderia deixá-lo sair nesse estado. Mayla começou a se mexer muito na minha barriga, sentindo minha

aflição.

— Eric, por favor...

Ele riu sem humor e sem me olhar.

— Eu sabia que tinha algo estranho. Me perguntei várias vezes por que você me trairia, e nunca consegui entender.

Quando ele se virou para mim, vi que ele estava transtornado, mais do que isso, estava com raiva.

— Você transou com outro, se apaixonou...

— Ele é você, Eric, e eu não podia deixá-lo ficar com outras mulheres!

Tampei a boca, e ele arregalou os olhos.

— Ele... eu... eu te traí?

Eu me aproximei dele, mas Eric se afastou mais.

— Não. Me diga, Valentina. Pare de amenizar as coisas para mim, não sou criança.

Segurei a minha barriga, tentando me acalmar. Eu prometi a mim mesma que cuidaria de Mayla e não queria que ela sofresse dentro de mim.

— Sente-se, Eric. — Eu me sentei em uma poltrona e o esperei se acomodar, quando ele não fez, eu me estressei. — Não vou falar caralho nenhum se você não se sentar! — gritei.

Eric e eu parecemos surpresos pelo meu surto, mas ele pelo menos se sentou. Seus olhos foram para a minha barriga.

— Você está bem?

Eu ri e chorei. Mesmo com raiva, ele ainda cuidava de mim. Acenei e funguei, antes de tentar me controlar.

— Acho que é importante dizer algo antes de tudo. Meu marido, Eric Hoffmann, nunca me traiu, você sempre foi fiel a mim. Sempre.

Ele engoliu em seco, e eu continuei:

— A primeira vez que o vi, ele estava transando com Valeria no corredor, e não parecia ligar para nada.

Eric se inclinou, colocando os cotovelos nas pernas e o rosto entre as mãos.

— Isso é insano, parte de mim quer acreditar que é uma brincadeira, que não é real. — Eu o deixei assimilar tudo. Falar seria bom. Quando ele voltou a levantar a cabeça, estava pálido. — Valentina... o que você fez?

Demorei a entender sua pergunta, mas percebi que ele estava falando

de Valeria. Comecei a tremer, e a culpa me atingiu. Eu a matei, encomendei sua morte. Eu era um monstro. Toquei minha barriga. Minha filha teria uma mãe assassina que matou simplesmente por medo de que ela pudesse contar a verdade. Nada justificava uma morte assim.

— Querida — ele sussurrou, e quando dei por mim, ele estava me segurando em seus braços. — Calma. Converse comigo.

— Ele estava transando com ela há anos — comecei, Eric estava tenso, mas não deixava de acariciar minhas costas e barriga. — Depois que ela saiu, eu fiquei com medo que ela contasse para alguém, não podia arriscar.

— Ah, meu amor. A culpa não é sua, é minha.

Eu me levantei para encará-lo.

— Não. Nada disso é sua culpa, eu fiz minha escolha. Petrus apareceu em um momento em que eu precisava de algo, eu só não sabia até agora que era você. Eu precisava de todas as suas partes, Eric.

— Você o ama?

Eric tinha lágrimas nos olhos, e eu concordei com a cabeça.

— Parte de mim o amou, mas porque ele era você. Sinto muito se te magoei, eu estava quebrada, e esse estranho mafioso apareceu.

O silêncio reinou, podia ver que Eric desejava sair, mas estava se controlando. Por fim, eu suspirei e me levantei, entregando a ele um cartão como o nome, endereço e telefone da psicoterapeuta.

— Ela está à sua disposição. Ela sanará todas as suas dúvidas e...

Sequei meus olhos.

— Sinto muito por não ter contado antes, mas não acho que você estava preparado. Também havia um risco de você se perder, mas sei que você é forte e merece a verdade.

Ele pegou o cartão, nossos dedos se tocando de leve. Eu o vi engolir em seco.

— Não quero que pense que estou com raiva de você ou algo assim, eu só... — Ele suspirou, lágrimas caindo de seus olhos, que não encontravam os meus. — Eu só preciso de um tempo sozinho, você entende isso?

Acenei em concordância, e ele se levantou, beijou minha testa e me deixou ali. Só esperava que eu tivesse feito a escolha certa.

***

ERIC

Outra personalidade? Eu me sentia confuso, traído por todos. Saí do quarto sem saber para onde ir, o que fazer. Não poderia dar um de louco agora, tinha uma filha que precisaria de mim, mas também não poderia voltar a nosso quarto fingindo que estava bem. Eu não estava.

Minha mulher teve um amante, que na verdade era eu mesmo. Sentia raiva de mim, do que a fiz passar. Por ela ter se sentido atraída por outro que tinha a mesma cara que eu, um cara *que era eu*. Que ele tenha tocado seu corpo, ouvido seus gemidos, que ele a tenha sentido. Eu me odiava por isso e não sabia como sentir ciúme de mim mesmo. Não conhecia a outra personalidade, não sabia o que ele fazia, o que gostava, como ela se sentiu com ele.

Eu transei sabe-se lá com quantas mulheres. Caralho, eu transava com Valeria sob o mesmo teto de Valentina! E ela nos pegou. Não conseguia imaginar como ela lidou com isso. Eu traí Valentina mesmo sem saber ou imaginar, eu a traí, e ela ainda assim continuou comigo, mesmo com isso a quebrando. Ela dormiu com ele, comigo, para evitar que eu a traísse novamente.

Ela matou Valeria. Ela tinha sangue em suas mãos por minha causa, por causa do meu segredo. Ela é forte, mas até que ponto? Quando ela começaria a se ressentir de mim? Até onde ela aguentaria? Nós teríamos uma filha, e minha responsabilidade era as proteger até mesmo de mim. Será que esse homem a trataria bem? Será que cuidaria delas como eu cuido? Será que ele seria suficiente para mantê-las a salvo?

O pior de Valentina ter outro era nunca conseguir olhar em seus olhos, dar um soco ou até mesmo matá-lo. Era tudo tão confuso e estranho. Eu tinha outras personalidades em mim, uma criança e um homem. Eu era tão fodido, e ainda assim Valentina aceitou se casar comigo, me amando mesmo na doença.

Desci as escadas sem rumo. Na sala, meus pais e Heiko estavam parados, me olhando com apreensão. Eles abriram a boca para falar, mas me senti cercado.

— Preciso sair daqui.

Corri para fora, e meu irmão veio comigo. Quando entrei no primeiro

carro que vi, ele veio junto.

— Estou aqui para você. Não precisa falar nada, irmão.

Saí sem rumo, milhões de dúvidas na minha cabeça. Como não percebi? Como me enganei achando que meu maior problema seria a bipolaridade e que, com meus remédios, eu seria o homem que Valentina precisava?

Queria trazer minha progenitora de volta à vida só para matá-la lentamente. Ela me destruiu, e apesar de ser um pensamento horrível e egoísta, queria que meu irmão também tivesse algo de ruim como eu, só para não me sentir sozinho.

Heiko manteve sua promessa, e ficamos calados. Nós rodamos por toda a cidade. Minhas mãos apertavam o volante, e quando não aguentei mais o silêncio, eu parei o carro em um beco e me virei para meu irmão.

— Como isso é possível?! Por que isso acontece comigo?

Ele coçou a cabeça.

— Irmão, a verdade é porque você é forte. Não digo isso porque você é meu irmão, Eric, mas eu nunca conseguiria aguentar tudo que você passa e ainda ser do jeito que é. Eu já teria me perdido há muito tempo.

— Valentina transou com ele, Heiko. Minha mulher esteve com outro, mas ao mesmo tempo era eu mesmo. Estou com raiva, com ciúmes, de mim mesmo. — Ri sem humor. — Eu viro uma criança, tem noção de como isso é humilhante?!

Sequei rapidamente as lágrimas de frustação que surgiram. Meu irmão não parecia afetado por elas.

— Você me salvou, Eric. Todos podem pensar que eu salvei você naquela noite, mas a verdade é que você me salvou. Eu não seria quem eu sou hoje, não existiria sem você. — Ele me olhou seriamente. — Você tem bipolaridade, ataques de raiva comprovados por médicos. Eu não tenho nada disso e sou inconsequente. Você, apesar de tudo isso, é a pessoa mais forte que eu conheço, então pare de se depreciar. Todos nós te amamos e ficamos honrados de o Eric fragilizado... — Ele parou um momento, e eu vi que ele estava se segurando para não chorar. — O Eric menino, que não tinha amor, nos procurar para isso é uma segunda chance para nós estarmos com você.

Olhei para frente, a chuva molhava o vidro do carro.

— Sobre Petrus... eu não vou muito com a cara dele. — Meu irmão me deu um soco no ombro. — Sou muito mais você. Ele paga de playboy, de

rebelde, mas sabe seu lugar. Ele sempre soube que nunca seria importante como você. Ele existe, mas é você que tem uma vida.

— Eu quero *os dois* fora. Quero que vão embora — murmurei sem querer chorar ainda mais na frente do meu irmãozinho.

— Estou contigo, Valentina e nosso pai pesquisaram bastante um profissional para lhe ajudar. Nós todos estamos com você e queremos o seu melhor.

Pensei no cartão no meu bolso e o peguei.

— Eu já não posso controlar a minha bipolaridade, Heiko. Não quero perder ainda mais controle da minha vida com essas outras *coisas* dentro de mim. Eu terei uma filha, e se...?

— Fale.

Respirei fundo.

— E se ela o chamar de *pai*? E se quando ela precisar de mim, eu não estiver aqui? Não posso suportar isso, Heiko. Eu não posso.

Ele tocou meu ombro.

— Irmão, a resposta do tratamento está em suas mãos, basta força e perseverança, e tenho certeza de que vai mandar Petrus para longe.

Concordei e liguei o carro. Depois de ler o endereço, eu dirigi em busca de uma vida melhor. De ter controle da minha vida e de ser somente eu em meu corpo.

***

A doutora Suyane Richter era diferente do que imaginei quando cheguei ao seu escritório. Ela nos recebeu com um sorriso.

— Esperava mesmo que aparecesse hoje.

Heiko tropeçou em mim, não conseguia tirar os olhos da bela ruiva. Ela era muito atraente, olhos azuis cristalinos por trás de óculos de aros escuros. Lancei um olhar para ele engolir qualquer comentário. Aquela mulher me ajudaria a tomar as rédeas da minha vida, e eu sabia não seria rápido. Onde se ganha o pão não se come a carne.

— Sou Heiko Hoffmann, um prazer te conhecer. — Heiko se aproximou e beijou sua mão, arrancando um suspiro surpreso da mulher.

— Prazer em te conhecer, senhor Hoffmann. — Então ela se virou para mim. — Vamos para minha sala?

Acenei e caminhei ao seu lado. A sala era grande, madeira escura preenchia o ambiente. Havia um sofá bege com almofadas, uma poltrona e uma mesa de escritório com uma estante vazia completando o ambiente.

— Eu ainda não consegui completar toda a mudança de escritório, mas logo estará pronto — explicou ao me ver olhar o local. — Pode se sentar, se quiser.

Ela se sentou na poltrona e me olhou.

— Sei que hoje está sendo complicado para você. Deve ter mil perguntas, e eu estou aqui para responder a todas, mas já adianto que o tratamento só ajudará se você estiver empenhado cem por cento na causa. O que me diz?

— Eu quero melhorar, doutora. Não vou parar até conseguir.

Ela sorriu.

— Bom, temos um longo caminho pela frente, mas veja o lado bom, você tem uma família inteira para te apoiar, isso é muito importante.

***

Só voltei para casa à noite, meus pais e Valentina estavam na sala, me aguardando. Eu me sentia melhor depois da minha conversa com a doutora Richter. Apesar de nova, ela me passou confiança. A conversa foi proveitosa, e começamos a traçar um caminho.

Valentina se levantou do sofá com um pouquinho de dificuldade.

— Eric, eu estava tão preocupada.

Ela veio me abraçar, e eu acariciei suas costas.

— Fui ver a doutora Richter — contei, surpreso que Heiko não tivesse contado para eles.

— Gostosa para caralho, diga-se de passagem — meu irmão completou, fazendo seios grandes com a mão.

Valentina franziu a testa para ele antes de voltar a sua atenção para mim.

— Você está bem?

Eu beijei sua testa.

— Eu vou ficar. — Olhei para minha família. — Com a ajuda e o apoio de vocês, eu ficarei bem.

CAPÍTULO 43

VALENTINA

O dia acordou triste, estávamos em fevereiro, e aquele era o dia do aniversário de Sophia. Nós tivemos notícias dela durante seu tempo com a Bratva, mas ainda assim era triste demais viver enquanto ela estava presa, passando sabe-se lá pelo quê. Por esse motivo, não quis um chá de bebê, mesmo minha família e amigos tendo insistido.

Eric tocou a minha barriga, cada dia estava mais difícil achar uma posição, a barriga estava enorme, com sete meses completos. Eu continuava de olhos fechados enquanto ele começava a conversar com nossa menina.

— Papai está doido para segurar você, *schatz*. — Eu me emocionei com ele chamando nossa filha de *tesouro*. Escutei a risada de Eric. — Ah, *mein leben*, sabia que você estava acordada.

Ele se levantou e beijou meus olhos molhados antes de juntar nossos lábios docemente.

— Você fez de propósito — reclamei, fungando.

Ele riu e me ajudou a levantar da cama. Minha barriga estava tão grande, que depois da rotina do óleo, precisou me ajudar a me vestir.

— Desliza mais rápido lambuzada — caçoou quando subiu minha calça jeans de grávida. Acertei um tapa em sua cabeça.

— Vamos fazer o que hoje? — perguntei, sabendo que seria um dia difícil para ele. — Você precisa ir para a consulta hoje ou trabalhar?

Eric e Suyane Richter estavam firmes em suas consultas, às vezes até três vezes por semana. No começo, eu não aguentei de ciúme, e ia com Eric e Heiko, que não perdia a oportunidade para ver a doutora. Depois das primeiras consultas, eu percebi o quanto ela era profissional e tirei da cabeça que poderia dar em cima de meu homem. Acabou que nos aproximamos. Por ter morado fora por tanto tempo, não tinha amigas aqui em Munique, e eu me solidarizei com ela e a coloquei no meu grupo junto com Hanna e Isa. Nós nos reuníamos principalmente aqui em casa ou na casa delas, e sempre era uma festa. Mesmo nos divertindo, eu sempre pensava em Sophia.

— Não, hoje pensei em ficar aqui com você.

Sorrimos tristemente, e quando descemos de elevador até a sala de

jantar, o clima não estava diferente. Todos agiam como se Sophia estivesse morta, e isso me destruía, porque não sabíamos se, quando voltasse, seria a mesma. A que mais parecia abatida, fora da sua forma perfeita, era Catherina. Sua fortaleza estava caindo a cada dia, não sei se foi por causa da nossa conversa sobre as minhas dúvidas quanto ao medo de Sophia com Stefano... Só sabia que Stefano tinha sumido há uma semana. Ninguém ouvia falar dele. As coisas estavam difíceis, mas não havia provas, e a Bratva negou ter o sequestrado. Os homens Hoffmann estavam com um prato cheio de problemas, já que Stefano era muito influente, e as pessoas queriam justiça. Quando soube de seu sumiço, não pude deixar de sentir alívio por Sophia. Ela não o temeria mais, independentemente do que ele pudesse ter feito a ela.

— *Guten Morgen*[17] — Eric disse, desanimado, quando entramos na sala. Ele puxou a cadeira para mim e se sentou ao meu lado, nos servindo.

— *Guten Morgen Sohn*[18] — Ivan respondeu.

Eric estava mais ligado à família depois que descobriu a verdade, ele os viu com outros olhos, e me atrevo a dizer que enxergou a força do amor que sua família tinha por ele. Eric ficava mais com seus pais, tomava café da tarde com Catherina e até fumava charuto com o pai.

Doutor Scherer fez consultas junto à família e ajudou Eric a entender mais coisas, finalmente via meu amor sem aquele medo escondido de ser trocado, de ser rejeitado por todos.

Tomamos café em silêncio, então fomos para a sala. Fitz veio com uma caixa e disse que era um álbum de fotos que Eric mandou fazer com fotografias que ele havia tirado de mim, a maioria em situações em que eu estava distraída. Não tinha contratado um ensaio fotográfico, mas acho que nem precisava. O álbum era perfeito, e nem mesmo um profissional do ramo conseguiria fazer algo com tanto sentimento. Havia fotos de Ivan emocionado vendo a foto tirada no dia do ultrassom 4D, que mostrava perfeitamente o rostinho de Mayla. Havia algumas com Catherina e outras com Heiko.

Mayla seria amada, não tinha dúvida nenhuma quanto a isso. Nenhuma família era perfeita, e Eric e eu estaríamos sempre por perto para a educar e guiar para o que achávamos certo.

Estávamos todos fingindo assistir a um filme quando o celular de Ivan tocou, e ao atender, ele pulou de pé. Não sabíamos o que estava acontecendo, mas Eric rapidamente me fez levantar e me mandou para o nosso quarto. Ivan disse algo ao telefone, e quando abriu a porta da sala, todos ofegaram. Lá

estava Sophia.

Ela usava um belíssimo vestido de baile, cheio de camadas brancas e cinza. Ela estava linda demais, mas sua expressão parecia ferida, quebrada. Ivan a puxou para dentro e a abraçou antes de se afastar para observá-la melhor.

— Você está bem, querida?

Ela concordou com a cabeça, e Catherina foi correndo abraçar a sua filha, acariciando seus cabelos e chorando. Sophia parecia alheia ao carinho recebido, nossos olhares se encontraram por um momento, e ela olhou minha barriga, emocionada.

Heiko e Eric estavam parados, ambos sem saber como reagir. Cheguei perto de ambos e os puxei para perto de Sophia, ela abraçou Eric com muito carinho, mas foi quando abraçou Heiko que ela chorou. Ambos eram, além de irmãos, melhores amigos.

Depois de se acalmar um pouco, ela veio até mim e me abraçou, acariciando minha barriga.

— Está tão grande!

Eu ri.

— Parece que eu engoli uma melancia, né?

Ela não contou muitas coisas do que houve enquanto ficou fora, nem por que eles a trouxeram antes do tempo, mas estávamos todos felizes e aliviados. Ivan pressionou para que ela contasse sobre seus dias lá, mas ela se recusou. Sophia havia adquirido uma espinha dorsal e nem se encolheu quando sua mãe comentou que ela havia engordado.

Os próximos dias foram de alegria, porém Sophia parecia desanimada. Eu estava com medo de que ela estivesse com síndrome de Estocolmo, na qual a vítima acaba criando afeição pelo seu sequestrador.

Quando ficamos sozinhas em seu quarto, observei que ela analisou o espaço como se estivesse reaprendendo a gostar do seu quarto de toda a vida. Talvez, se eu falasse com calma, conseguisse a convencer a ir a um psicólogo, mas, naquele momento, só quis diminuir a sua preocupação.

— Sophia — eu a chamei em voz baixa e parei na sua frente. — Não sei se você já sabe, mas Stefano está desaparecido.

Seus olhos se arregalaram em surpresa, então ela começou a chorar copiosamente. Eu a abracei, lhe dando um pouco de conforto.

— Por que ele não me contou? — sussurrou para si mesma, e eu me

arrepiei por inteiro.

Tinha perguntas, será que fora mesmo a Bratva que fez isso? Estava claro para mim que Sophia não tinha nada a ver com isso e não sabia de nada, mas a dúvida progredia. Quem será que tinha dado um sumiço em Stefano? Às vezes alguns segredos são melhores se permanecerem sem resposta.

A semana passou, e todos pareceram perceber a mudança de Sophia, mas ninguém comentou. Eric a convidou para ir a uma consulta com ele, e ela ficou emocionada ao saber que o irmão mais velho estava se tratando e que já sabia sobre seu TDI. Senti que eles se aproximaram mais, e isso me deixou feliz. Entretanto, toda vez que olhava para Sophia via um pássaro, agora águia, preso numa gaiola pequena.

Catherina me convidou duas semanas depois para ir às compras com ela e me senti constrangida de recusar, uma vez que deu a entender que Sophia já havia negado, coisa que eu jamais imaginaria que ela fizesse.

Meus pés estavam inchados enquanto voltávamos para casa, tudo que eu queria era um banho de banheira com Eric massageando minhas costas. Eu havia comprado poucas coisas, mas, em comparação, experimentei quase toda a comida do shopping.

— Eu sei que ela não está feliz, posso ver isso — Catherina disse do nada. O carro em que estávamos tinha uma tela que nos separava do banco da frente, então eles não ouviriam. — Mas ela é minha menina, não posso a soltar sem rumo.

Sophia nunca contou sobre sua vontade de voltar a viver com os Leonovs, mas era bizarro só de imaginar. Tudo bem que o demônio Leoncio Leonov havia morrido poucos dias depois que Sophia voltou. A informação que chegou até nós foi que ele teve um ataque cardíaco.

— Às vezes, é preciso deixar a vida seguir seu rumo — comentei.

Quando chegamos em casa, Catherina me deixou abrir a porta primeiro, e eu quase pari ao ver minha família e amigas reunidos. A sala da mansão estava cheia de bolas e decorações rosa. Um chá de bebê para mim.

— Surpresa! — eles gritaram em uníssono.

Não conseguia falar, nunca esperaria por isso. Todos vieram me abraçar, e eu me emocionei com o carinho. Mamãe se ofereceu para ficar comigo por um tempo quando Mayla nascesse, mas eu não aceitei, acreditava que cuidar dela seria uma responsabilidade a qual Eric e eu estávamos

preparados.

Suyane estava presente, e Heiko tentava impressioná-la a todo custo. A festa estava correndo bem quando percebi que Sophia estava tendo uma crise de ansiedade. Com cuidado para que ninguém percebesse, eu consegui levá-la para uma sala.

— Está tudo bem, respira fundo.

Acariciei suas costas enquanto ela respirava fundo finalmente.

— Eu não consigo.

— O quê?

Ela se virou para mim, seus olhos transbordados em lágrimas.

— Não consigo fingir que pertenço mais a essa casa. Eu não quero mais isso.

— Onde você quer estar? — perguntei com calma, mantendo o julgamento longe da minha voz.

Ela desviou o olhar com vergonha.

— Não precisa se envergonhar, Sophia. Somos amigas, e eu sempre vou te apoiar.

— Eu gosto dele. Muito — ela soltou e ficou me observando, como se esperasse que eu gritasse que ela era louca e insana.

— Nikolai?

Ela concordou.

Tentei entender, talvez Nikolai tivesse mudado. Talvez o que vi quando estávamos em cativeiro não fosse quem ele era de verdade, muitos homens na máfia usavam um escudo para se proteger, mas ainda assim tinha arrepios só de lembrar de como ele olhava para Sophia.

— Ele te tratou bem?

Ela não respondeu de primeira, mas depois deu um aceno.

— Então por que você não aceitou o pedido de casamento?

Sua boca se abriu em choque, eu percebi que ela não tinha sido avisada sobre isso, passou meses com eles sem saber que tinha uma escolha de se casar. A porta se abriu, e Catherina limpou a garganta.

— Valentina, nos dê licença por favor.

A postura firme de Catherina estava de volta com força total, mas me surpreendi de ver esse mesmo traço em Sophia quando ela se virou para sua mãe. Com um olhar de desculpa, eu as deixei sozinhas, esperando que tudo pudesse se resolver.

Naquela noite, ocorreu um jantar com toda a minha família e a de Eric reunida. Os jovens já tinham jantado mais cedo e estavam reunidos em algum lugar da casa, brincando.

Ivan bateu no seu copo, chamando a atenção de todos que estavam em conversas paralelas. Sophia e Catherina estavam sorrindo uma para a outra, seja o que for que tivessem conversado, se resolveram.

— Bem, vou aproveitar que estamos todos aqui, família, parceiros de negócios, para anunciar algo.

Toquei a mão de Eric, querendo saber o que o pai estava dizendo, mas ele também parecia surpreso.

— Na sexta, podemos fazer uma festa para passar o poder, o que acha, filho?

Eric logo se recompôs e assentiu.

— O que for melhor para você, pai.

Beijei seus lábios.

— Parabéns, meu amor!

Todos parabenizamos Eric, e eu estava tanto feliz quanto preocupada com ele estar no topo. Eu seria a rainha da máfia, haveria mais responsabilidades para mim, e as pessoas esperariam mais. Mas eu seria forte por Eric e por nossa família.

ERIC

— Eric, eu sinto que estamos avançando, porém quando chegamos ao que te preocupa, voltamos mais dez casas — Suyane disse com sua voz firme e calma.

— Eu não sei do que está falando.

Ela suspirou e, depois de anotar algo em seu tablet, me olhou atentamente.

— Acredito que você saiba: você ainda se ressente pelas coisas que Petrus fez, mas não admite.

Suas palavras me acertaram com força. Eu traí Valentina. Mesmo que fosse outra personalidade, ainda assim foi meu corpo, fui eu. Ela escolheu ser amante da minha outra personalidade para que eu não estivesse com outra pessoa, porque, querendo ou não, eu a estava traindo, poderia a ter contaminado com algo, por Deus.

Valentina poderia dizer que estava tudo bem, mas eu a fiz fazer isso. Valentina nunca sequer gostou de outra pessoa, sempre fomos nós dois, desde que me entendo por gente. Tínhamos planos, nunca quisemos outras pessoas, e saber que, enquanto ela se guardava para mim, eu transava com outras mulheres me destruía. Transei com Valeria, e ela viu, não consigo nem imaginar o que ela sentiu.

Nós não falamos mais sobre isso, tinha muito medo de que ela se ressentisse ou que estivesse escondendo sua dor de mim porque eu sou um fodido bipolar com TDI.

— Eu não tenho controle sobre elas. — Dei de ombros, tentando fingir não me importar, mas ela parecia ver através de mim. — Falar não vai ajudar em nada, e Valentina logo terá bebê, ela não precisa de mais dor agora que estamos bem.

Ela anotou novamente e cruzou os braços.

— Um relacionamento saudável precisa de conversa, e se queremos prosseguir seu tratamento, precisamos de clareza emocional. O dever de hoje é conversar com ela, conte seus medos, para assim buscar o perdão, por si mesmo e por Petrus.

Saí do consultório com a cabeça cheia, mas quando cheguei em casa e vi Valentina e Sophia na cozinha conversando, enquanto minha esposa fazia brigadeiro, me acalmei um pouco. Eu me arrepiei com a risada da minha irmã. Ela havia voltado fazia um mês. Semana passada, tivemos a festa de coroação, ela ficou um pouco antes de ir embora, as pessoas não paravam de olhar para ela e apontar, como se ela fizesse parte de um circo. Valentina ficou furiosa, e mesmo contra a vontade de meus pais, autorizei Sophia a voltar para casa no meio da festa.

Minha irmã estava infeliz. Nem mesmo com Heiko ela ria, era como se sua luz estivesse apagada, mas não pela maneira que todos pensávamos. O olhar de Sophia era o mesmo que eu tinha quando estava longe de Valentina. Era um olhar de saudade, de amor.

— Que bom ver as três mulheres da minha vida alegres.

Elas sorriram para mim, me aproximei e beijei a testa da minha irmã antes de ir para o pescoço da minha esposa.

Nós começamos a conversar, e Heiko apareceu. Por um momento, pareceu como nos velhos tempos, quando eles subiam para conversar e comer as delícias de Valentina. Nós rimos e nos divertimos, também nos

emocionamos quando eles me contaram histórias sobre o Eric criança e Petrus.

— Ele não mostrava muito, mas não gostava que eu soubesse atirar. Dizia que se um homem armado já era difícil, imagine uma mulher — Sophia contou.

— Ele era um idiota — resmunguei, e ela sorriu.

— Eu sempre vou preferir meu irmão mais velho.

— Eu também — Heiko e Valentina disseram em uníssono antes que minha esposa bocejasse.

— Bem, acho que é hora de colocar a gravidinha para dormir — Heiko disse, rindo, e se esquivou quando Valentina tentou bater nele.

Eu olhei para Sophia.

— Eu te levo para o quarto.

Ajudei Valentina a se levantar, e Heiko brincou dizendo que ia colocar minha esposa na cama. Se fosse em outros tempos, eu já teria partido para cima dele e socado até que alguém me tirasse de cima, mas estava cada vez melhor em controlar minhas emoções, além de não estar maníaco naquele momento. Sabia que meu irmão nunca tentaria nada e confiava na minha esposa com minha vida.

— Seu sonho — brinquei.

Sophia e eu caminhamos até seu quarto em silêncio, ela me deixou entrar e eu observei seu espaço que em nada parecia mais com ela. A adaga de ouro que lhe dei ainda estava em plena exibição, e a luz da lua fazia os diamantes brilharem.

— Me diga o que posso fazer para te ver feliz, Soph — pedi, e seus olhos marejam, mas ela não respondeu. — Não vou te julgar.

Ela engoliu em seco.

— É bobagem. Vai passar.

— Não faça isso. Me diga.

Quando ela não falou, eu decidi dizer minhas dúvidas.

— Você se... apaixonou por alguém de lá, é isso? — Era difícil perguntar aquilo. Sophia não estava lá por livre e espontânea vontade, ela fora sequestrada.

Discuti bastante com Suyane a respeito da síndrome de Estocolmo, e apesar de não poder comentar sobre a consulta que fez com Sophia, ela me disse que depois do relato, Sophia não parecia apresentar a síndrome, já que

ela nunca se esquecera que estava sequestrada. Na verdade, o que Suyane disse foi:

— É difícil simplesmente falar se foi ou não. Como profissional, só por ver o caso, eu atestaria como tal, mas por ter sido criada nesse meio, eu diria que noventa por cento das mulheres da máfia tem síndrome de Estocolmo. Elas nunca tiveram escolhas. Acontece que Sophia, de certa forma, escolheu estar lá, então é um caso difícil, que precisa ser analisado mais intensamente. Eu poderia perder meu registro por falar isso, mas é o que eu acredito.

— Você acha que ela deve ficar com o carrasco?

Suyane deu de ombros.

— Isso cabe aos dois responderem. Não posso dizer, já que não vi os sentimentos do homem. Tenho mestrado em análise comportamental, mas não posso criar um perfil com base no que falam. A visão de uma pessoa pode ser bem divergente da realidade.

Sophia suspirou e mordeu o canto do lábio, arrancando sangue.

— Pode me contar, eu sou seu irmão e sempre vou querer o melhor para você.

Ela assentiu, e isso doeu em mim.

— Sim, eu me apaixonei.

— Diga o nome.

Ela parecia um rato, encolhido, com medo. Queria pegá-la no colo e cuidar dela, mas Sophia ao mesmo tempo parecia ter uma garra que não tinha antes.

— Ele se chama Nikolai Leonov.

Filho da puta.

Queria negar seu pedido, vi como aquele homem era frio. Ele não saberia cuidar de Sophia, mas disseram a mesma coisa de Damien Loschiavo. Só quem estava dentro de sua vida via como ele cuidava da esposa, como era devoto a ela. Talvez, só talvez, eu pudesse dar um pingo de confiança quanto às suas intenções.

— Eu já sei que no começo do acordo ele queria se casar comigo.

Ela chegou aqui sem saber disso, e Valentina acabou soltando. Não achei que devesse me preocupar com isso, uma vez que Sophia já estava conosco. Nunca me passou pela cabeça que ela aceitaria.

— Ele me deixou ir, Eric. Ele me libertou.

— Como você pode ter certeza de que ele te ama? — Era duro jogar isso para ela, mas era preciso.

Sophia entretanto não titubeou ou pareceu ofendida. Ela levantou o queixo.

— Eu sei que ele tem sentimentos por mim, caso contrário eu não estaria aqui.

— Haveria guerra se você fosse morta, Sophia. Todos sabem disso.

Então ela se aproximou e falou em um sussurro.

— Também é conhecido universalmente que sangue se paga com sangue, e aqui estou eu.

Senti meu corpo gelar. Sophia havia matado alguém. Então me bateu. Leoncio Leonov estava morto, mas ao mesmo tempo Stefano Meyer estava desaparecido. Ela teria algo a ver com uma dessas mortes?

— Quem?

— Jure que você jamais repetirá isso. Para ninguém. E que esse segredo morrerá com você.

Ela segurou minhas mãos, mas eu não consegui falar nada. Era o chefe agora, minha palavra era lei. Conhecimento é poder, mas nunca colocaria minha irmã em risco, mesmo se ela tivesse assassinado alguém importante. Família viria em primeiro lugar sempre, não importava o que mandavam. Minha mão direita ainda estava se curando do meu juramento com a máfia alemã, mas nada disso impediria a minha proteção à família.

— Diga-me.

— Eu matei Leoncio Leonov.

Sophia me contou então de como o matou e como os irmãos Leonov guardaram seu segredo e encobriram a morte. Não era estúpido achar que eles fizeram isso por ela, eles não queriam guerra, e se fosse divulgado que uma Hoffmann matou um Leonov, uma começaria, e a cabeça de Sophia estaria a prêmio.

Minha irmã me implorou com o olhar, e, suspirando, eu acenei.

— Uma reunião. Pedirei uma reunião, e aí verei se acho sinceros os sentimentos dele por você.

Ela se jogou em meus braços e me abraçou apertado. Alívio emanava de minha irmã.

— Eu não prometo nada.

— Só de você tentar já é tudo para mim.

Quando voltei ao nosso quarto, Valentina estava dormindo, eu, entretanto, não consegui relaxar e aproveitei para bolar um contrato. Heiko poderia revisar depois e adicionar mais coisas.

Na manhã seguinte, mandei arrumarem uma reunião com a Bratva, e meu pai, mesmo mostrando não estar de acordo, não comentou, ele não estava mais no poder. No fim da tarde, cheguei do trabalho. Aqueles dias vinham sendo mais puxados por eu estar me adaptando ao novo cargo, então sempre chegava mais tarde, porém, naquele dia em especial, separei um tempo a mais para conversar com Valentina.

Eu a encontrei no quarto de nossa filha, checando a bolsa de maternidade. Nós já havíamos escolhido tudo milhões de vezes, mas ela nunca se cansava. Eu também estava ansioso para ter nossa menininha conosco.

— *Mein leben?*

Ela levantou o olhar para mim e sorriu. Vinha sendo tão forte, quase todos os dias eu chegava com meus punhos arrebentados, e ela cuidava de mim. Por ser novo, eu tinha sempre de provar meu valor para que nossos homens não hesitassem em seguir ordens ou armassem motins. Eu gostava de demonstrar minha força com sangue, pois assim eles saberiam que sempre haveria retaliação.

— Oi, meu amor.

Ela se levantou e beijou meus lábios antes de segurar minhas mãos para avaliá-las. Elas não estavam tão machucadas hoje.

— Podemos conversar um pouco?

Ela assentiu, e fomos para nosso quarto. Sentei em nossa cama, na sua frente, depois de ter certeza de que ela estava confortável.

Passei a mão nos meus cabelos e comecei.

— Sinto que não tenho sincero com você e nem comigo mesmo. Eu absolutamente odeio que tenha te traído...

— Eric — ela me cortou, mas eu neguei com a cabeça e prossegui.

— Eu sei que foi *ele*, mas, mesmo assim, é meu corpo. Eu odeio isso, mas preciso aprender a aceitar e fazer de tudo para que isso não aconteça. Eu também odeio que você tenha dormido com ele.

Seus olhos marejaram.

— Eric, eu jamais farei isso de novo. Te prometo.

— Eu sei — eu a tranquilizei. — Mas doeu, mesmo que ele seja eu, ainda é outra pessoa, e eu não quero te dividir com ninguém, jamais. Nem mesmo comigo.

— Eu te magoei e jamais irei me perdoar por isso.

— Eu costumava me perguntar por que você fez isso, por que você me traiu. Isso me destruía, Valentina, mas eu agora consigo ver que você fez isso por mim, que se Petrus fosse outra pessoa, mesmo você sentindo atração, nunca teria transado com ele. Eu te perdoo, com todo meu coração.

Ela caiu no choro, e eu a abracei apertado.

— Eu não teria feito se ele não fosse você — confirmou entre o choro. — Me senti tão culpada, tão errada. Mas não me arrependia, porque eu sou egoísta e não queria que você ficasse com outras pessoas. Seu corpo é meu. Todo você é meu, e eu nunca vou abrir mão.

Nós nos abraçamos por um longo tempo, e eu me senti mais leve de ter aberto meu coração. Sentia as coisas se ajeitando cada dia mais.

***

A reunião com os Leonovs foi em um lugar escolhido por ambos. Heiko estava comigo e ele tinha as vias dos pedidos, caso chegássemos a esse ponto. Ele não estava feliz, mas respeitava os sentimentos de nossa irmã. Nós dois queríamos o melhor para ela, seja com um Leonov ou não.

Krigor e Nikolai estavam sentados, suas expressões não demonstrando nada, mas podia ver que Nikolai estava nervoso pelo jeito que ele toda hora olhava para a porta, como se esperasse alguém aparecer.

— Confesso que fiquei surpreso com o pedido de reunião, Hoffmann — Krigor disse, e por incrível que pareça, ele não cuspiu nosso nome como se fosse uma maldição.

— Dois chefes novos no cargo têm muitas questões a resolverem.

Eu me sentei, com Heiko ao meu lado.

— Não vou me alongar. Estou aqui por Sophia.

Nikolai me olhou sombriamente.

— O que tem ela? Está bem?

Levantei uma sobrancelha ao ver sua reação e, antes que ele colocasse outra máscara de indiferença, decidi testá-lo.

— Na verdade, ela não está.

Vi sua mão se apertar, mas ele não disse nada primeiramente. Krigor o olhava de canto de olho, preocupado com a reação do irmão, talvez?

— O que ela tem? — ele perguntou finalmente.

— Desejo de se casar — joguei, e a sala ficou em completo silêncio. — Com você. — completei, um tanto ácido. Não é fácil entregar a irmã para um Leonov sem a certeza de que ela estará feliz.

— Então você está aqui para propor um casamento? — Krigor perguntou, um pouco descrente.

— Na verdade, o casamento é uma aliança de sangue através dos futuros herdeiros. Acredito que já temos muito tempo de guerra, e uma paz restaurada e duradora é tudo que precisamos.

Levantei o queixo para Heiko, e ele empurrou os contratos para os irmãos. Eles leram com atenção.

— Visitas surpresas? — Nikolai cuspiu. — Se não acredita que eu não vá machucar ela, por que tentar?

— Porque Sophia acredita que será feliz, e nós queremos ter certeza disso — Heiko falou pela primeira vez.

— Vocês querem nossas empresas principais em xeque em caso de abuso? — Krigor perguntou ao ler o contrato, nos lançando um olhar frio. — Isso não pode ser...

— Aceitamos os termos — Nikolai o cortou.

Krigor lhe lançou um olhar atravessado. Se nem ele confiava no seu irmão, por que eu confiaria?

— Você leu essa porra? Viu que nos custará bilhões se você fizer merda? Tem certeza de que isso vale a pena?

Nikolai só o olhou, um olhar tão duro, que eu me preparei para um ataque.

— Ela é minha.

Krigor suspirou e voltou a olhar o contrato.

— Porra, dez folhas só narrando tudo que vocês destruirão se o acordo der errado.

Heiko sorriu ao meu lado.

— Na verdade, esse é só o resumo do resumo do que faremos com vocês caso Sophia não seja feliz. Não sei como a *nova* Bratva irá agir sobre casamento, mas na nossa era, nós levamos isso muito a sério, principalmente

o casamento da princesa dos Hoffmanns. — Ele frisa bem o nova, em sinal que estávamos contando com mudanças.

— Que eu saiba sua esposa está gravida de uma menina, então ela seria a princesa dos Hoffmanns, não Sophia. — Nikolai cuspiu, mas vi que ele estava analisando nossas reações.

— Ela sempre será a princesa dos Hoffmanns, e sugiro que você nunca esqueça isso — falei friamente.

— Jantares mensais, acesso a dados médicos e exames periódicos — Krigor resmungou. — Uma grande responsabilidade.

Nikolai abriu um sorriso de tubarão.

— Estou pronto para ela. Agora me diga, quando posso ver minha noiva?

CAPÍTULO 44

VALENTINA

Aquele era o dia, acordei nervosa e com cólicas, mas nada nos impediria. Eric e eu segurávamos a mão um do outro no caminho até o consultório, ambos muito nervosos, até mesmo Mayla dentro da minha barriga podia sentir isso.

Eric estava há meses sendo tratado por Suyane, e aquele era um dia especial do tratamento. Eu estava com nove meses, prestes a parir nos próximos dias, mas decidi não adiar essa consulta.

Fiquei fora da sala, andando de um lado para o outro, Heiko e Sophia estavam lá para nos dar apoio. Nikolai, seu marido, estava em casa — apesar de serem casados, ninguém confiava plenamente nele ainda, mas eu acreditava que o tempo melhoraria isso. Sophia se casou duas semanas depois da reunião que Eric teve com os Leonovs. Eu e sua mãe lhe ajudamos a escolher o vestido, e Catherina estava emocionada de ver sua filha se casando por amor. Ela nunca achou que isso aconteceria, e apesar de não ser cem por cento fã de Nikolai, o tratava bem. Eu brinquei sobre isso, e uma coisa que ela disse enquanto tomávamos chá esperando Sophia provar um vestido nunca saiu de minha cabeça:

— Quando você segurar sua filha nos braços você irá entender que não há nada que você não faça por ela. Nem matar ou morrer. Não importa que ninguém saiba de seu feito. — Em suas palavras, eu tirei minhas dúvidas. Catherina havia dado um jeito de matar Stefano Meyer.

A porta se abriu, e Suyane acenou para mim. Ela já havia hipnotizado Eric antes, foi triste me despedir de Eric criança, mas como era uma personalidade fraca, a doutora me garantiu que ela se esvairia com o tempo até sumir completamente.

Ao entrar na sala, eu o vi sentado na cadeira, e quando ele levantou a cabeça, me dando aquele sorriso atrevido, eu soube que não era Eric.

— Oi, duquesa, já faz algum tempo.

— Oi, Petrus.

Sentei em uma cadeira que Suyane havia separado para mim.

— Bem, vamos continuar com a consulta. Já mostrei a Petrus o vídeo que Eric gravou para ele e podemos seguir daí. Petrus, você tem algo a dizer?

Petrus engoliu em seco, mas assentiu.

— Eu sempre senti um vazio na minha vida, como se eu estivesse só existindo e não fosse deixar nada no mundo quando eu me fosse. Seria esquecido. Quando te conheci, algo aqui dentro acordou. — Ele bateu no peito. — Acho que meu coração reconheceu o verdadeiro amor mesmo em outra vida. Eu te amo, Valentina. Eu não queria, mas eu te amo e sempre vou te amar, mesmo que você queira que eu desapareça.

Lagrimas grossas caíam dos meus olhos. A doutora acenou para eu continuar.

— Eu amo Eric, e você precisa ir, Petrus.

Ele olhou para a doutora, sua mandíbula tensa antes de assentir.

— Faça o que você tem de fazer, e mesmo se eu continuar existindo, saiba que nunca faria nada para te machucar, a você ou a ela. — Ele aponta com a cabeça para a minha barriga. — Saiba que eu cuidarei dela também, e ela sempre terá a mim.

— Vamos começar então a hipnose? — a doutora perguntou.

Mesmo sabendo que isso ia machucar Eric, não me contive e fui até Petrus, dando-lhe um beijo.

— Petrus, você jamais será esquecido. — Segurei seu rosto em minhas mãos. —Você esteve lá para mim quando eu mais precisei, você me apoiou e me ajudou a levantar. Você sempre terá um lugar no meu coração. E será bem recebido se voltar.

Ele sorriu.

— Obrigada, Valentina. Caso essa seja a última vez que nos veremos, saiba que eu sou mais feliz, vivo, desde que te conheci. Você sempre será a mulher da minha vida, mesmo eu não sendo seu homem.

Ele beijou minha testa e olhou para a doutora.

— Estou pronto.

EPÍLOGO

VALENTINA

Escutei os gritos animados de Mayla logo de manhã e não pude deixar de sorrir, ela sempre acordava cedo para passar tempo com seu pai, desde quando era uma menininha. A minha cama se mexeu, e fui abraçada por nosso pequeno Benjamin Dominic, de cinco anos.

— Mamãe, é hora de acordar. — Ele me sacudiu, animado.

— É domingo, meu amor.

Eu o agarrei e tentei usá-lo de ursinho, mas ele se mexia muito em meus braços.

— Papai está fazendo panquecas e linguiça!

A linguiça que eu queria era outra.

Rolei na cama e me levantei correndo para o banheiro. O bebê em minha barriga, de quatro meses, parecia estar em cima do meu estômago. Eric desejava pelo menos mais dois, e se ele parisse, eu estava de acordo. O parto de Mayla foi rápido — doloroso, porém ligeiro. Já com Benjamin, eu precisei fazer uma cesárea de emergência e, em meio a ela, acalmar Eric, que estava no meio de uma crise de mania forte, querendo matar os médicos. Infelizmente precisou ser sedado e só pôde ver nosso filho horas depois quando acordou.

Nós esperávamos dar um tempo maior para a próxima gravidez, mas lá estava eu, cinco anos depois, grávida novamente. Acariciei a minha barriga, Pedro Santiago é seu nome, e eu estava ansiosa para conhecê-lo.

Saí do banheiro e vi que Benjamin pulava na cama, muito espoleta. Catherina me mostrou o álbum de fotos de quando Eric era pequeno, e era bizarra a semelhança de ambos. Ele era Eric totalmente, desde a ponta do cabelo ao dedo do pé. Mayla estava com sete anos e era uma mistura de nós dois, meus pais sempre suspiravam quando a viam.

— Vamos, meu amor. Comer panquecas e linguiça — brinquei.

Benjamin acenou e segurou minha mão enquanto descíamos as escadas. Ele levava muito a sério o fato de ser irmão mais velho e estava sempre me ajudando. Foi difícil escolher seu nome, e quando Eric sugeriu o nome de uma pessoa importante para mim, o meu primeiro pensamento foi

meu pai, Dominic, mas então me veio à cabeça que meu pai biológico nunca seria lembrado e foi uma homenagem à sua memória. Queria que Ben tivesse orgulho de suas raízes e que fosse melhor do que ele fora. Meu pai Dominic gostou muito da homenagem e concordou comigo, nós não devíamos pagar pelos pecados dos pais. Nem todo mundo é só mau ou bom, e assim é a vida.

Cheguei na cozinha e sorri ao ver os dois discutindo sobre uma pilha de panqueca estar maior que a outra.

— Você colocou mais chantili na dele, pai! — Mayla grunhiu, batendo o pé no chão.

Ela tinha oito anos e um gênio forte como o pai.

— É só pegar o outro prato ou preparar a pilha você mesma.

Ela grunhiu, mas fez o que ele dissera, empilhando as panquecas que queria e colocando o xarope e chantili, olhando atentamente seu trabalho. Eric me viu e sorriu para mim. Nós desconfiávamos que ela tivesse TOC, além de uns sinais de bipolaridade. Suyane mantinha o olho nela, para então nos confirmar o diagnóstico.

Heiko e ela se casaram sete anos antes: ele a venceu pelo cansaço. Eles enfrentaram muito preconceito por Suyane ser seis anos mais velha que ele, já que vivíamos em uma sociedade machista em que não era errado um homem de quarenta se casar com uma de dezoito, mas que, se fosse ao contrário ou perto disso, era escandaloso.

Éramos vizinhos. Depois que Mayla nasceu, eu me sentia mal com ela chorando e sempre achava que estava perturbando os pais de Eric e Heiko em casa, e um dia comentei isso com Eric. Ele então declarou que nos mudaríamos para nossa própria casa. No começo, eu estava receosa por morar só nós dois, afinal Eric poderia precisar de auxílio ou algo assim, mas foi Suyane quem me tranquilizou dizendo que era um passo natural e que até poderia ajudar na independência dele.

Não sabia o quanto queria ter nossa própria casa até que visitei a primeira. Foi uma emoção única, para onde eu olhava, já imagina os ambientes, nós dois lendo, assistindo televisão ou namorando. Conseguia ver nossos filhos brincando no quintal com cachorros e uma casinha na árvore. Mudamo-nos três meses depois, contratamos arquitetos e decoradores, mas ajudamos a escolher tudo da nossa casa. Eric ficou animado como eu, principalmente por ter uma sala só para guardar suas facas, uma vez que agora tínhamos uma filha e não era seguro deixá-las espalhadas, mesmo que

em prateleiras altas. Porém, para fins de segurança, tínhamos um quarto do pânico com armas, e havia algumas escondidas pela casa em locais mais altos, para caso de emergência.

Pouco depois que nos mudamos, Heiko decidiu que se mudaria também e perguntou se estava tudo bem sermos vizinhos. Sei bem que, apesar de querer sua independência também, ele estava prezando pela vida do irmão, como um apoio para que, sempre que precisasse, estivesse ali. Havia um portão para ligar as casas, mas depois que Suyane ficou grávida, Eric e Heiko decidiram destruir o muro que separava as casas e fazer assim um jardim gigantesco para as crianças. Eu amei a ideia, e ainda assim tínhamos muita privacidade.

Eric levava os negócios a mãos de ferro, e eu o ajudava como conselheira não oficial. Também ajudava nos negócios, afinal, eu ainda era filha da minha mãe e tinha tato para o assunto.

A porta da frente se abriu, mas a gente nem estremeceu. Havia um número contado de pessoas que poderiam passar pela guarita. Alex apareceu, alto e bonito. Estava com vinte anos, e era um dos homens de honra de Eric.

— Bom dia a todos!

Mayla suspirou, e eu faria o mesmo se já não tivesse um marido lindo por dentro e por fora.

— Bom dia! Venha se servir — Eric respondeu a ele e saiu da bancada, vindo até mim e beijando meus lábios com carinho. — Tudo bem?

— Sim, só estou admirando nossa família.

Ele tocou a minha barriga e sorriu feliz para mim. Nós temos uma família linda, claro que ainda enfrentamos problemas, como qualquer outra. Eric, como chefe da máfia alemã, tem muitas responsabilidades, mas sempre tem tempo para sua família. Ele ainda tem crises de mania, mas são bem menores do que eram, na maioria das vezes. Houve vezes, durante esses oito anos, em que ele precisou de eletrochoques novamente e eu sempre estive por perto, sempre estive com ele. Nós temos altos e baixos, mas nunca deixamos de lado o companheirismo e o amor.

Durante esses anos, outras personalidades tentaram surgir, mas sempre iam embora porque Eric era mais forte agora e conseguia ficar *na luz* por mais tempo do que qualquer outra personalidade. Às vezes, Petrus ainda aparecia, seja com um sorriso ou um olhar, eu podia vê-lo claramente em Eric. Em outras vezes, já o vi brincando com meus filhos, ele piscou para

mim e os deixou pensar que era Eric, para não confundir a cabeça dos pequenos.

O importante é que meu marido nunca mais se perdeu, e se o fizesse, estaríamos aqui para trazê-lo de volta. Sempre. Para alguns, um relacionamento assim seria esquisito, impossível, mas eu jamais desistiria do meu estranho mafioso.

AGRADECIMENTOS:

Primeiro de tudo, quero agradecer a Deus por me dar força e me amparar para escrever esse livro. Foi sem dúvida o mais difícil que escrevi até aqui. Foram anos de pesquisa, de o reescrever várias vezes, tomar cuidado para passar dicas sobre o problema de Eric (TDI) sem entregar o enredo de primeira. Foi difícil e desgastante escrever esse livro, com personagens tão reais e que erraram tanto. Eu queria isso, um livro onde víssemos que sempre haverá percalços e que o *felizes para sempre* é só um começo.

Quero agradecer aos leitores fiéis que leram todo o livro, mesmo com as muitas críticas pela traição — é um limite rígido para muita gente, mas precisava ser mostrado aqui. Eu senti que esse era o momento para mim e não mudaria nada neste livro, sem dúvida alguma.

Meu Estranho Mafioso era para ser o livro de encerramento da série, e, de certa forma, é, porém no futuro teremos o livro de Dominic, contando a versão dele dos fatos, e o depois do fim. Também teremos o livro da Sophia com o Nikolai, será o meu primeiro romance dark, e estou ansiosa para ele. Enfim, muita coisa ainda está por vir, e ainda não é a hora de nos despedirmos dessa série.

Tenho também um pedido: se forem avaliar o livro, por favor, tenham cuidado na hora do que falar. **Não contem sobre Petrus, deixem o leitor sentir o que vocês sentiram, a mesma dúvida, a mesma emoção. Por favor!**

É graças a você, leitor, que eu continuo a escrever, e só tenho a agradecer pelo carinho. Muito obrigada! Eu amo vocês com todo o coração!

DOMINIC RAFFAELO

Livro 6 da série Meu Mafioso

Dominic Raffaelo foi moldado para ser *capo*, passando por cima de seu pai e recebendo a consequência por suas ações. Um menino cheio de demônios que foi quebrado até se tornar o que é hoje, conhecido por muitos como um homem frio e sem coração. Até ela aparecer.

Dominic se tornou obcecado por Isis Collins desde o dia em que a viu pela primeira vez. Ele viu a si mesmo nela e a queria para ele, mesmo que isso custasse o tempo que fosse, anos de espera, de observação de sua presa, esperando o momento certo para atacar.

Ele foi criado para comandar, mas o que acontece quando a mulher que ele queria não fazia parte da *famiglia* e era tão autoritária como ele? Eles eram fogo e gasolina, mas, de alguma forma, dava certo, incendiando e queimando eternamente.

Passado, presente e futuro.

Lutas, armações, lealdades postas a prova.

Está na hora de conhecer Dominic Raffaelo mais internamente, sem máscaras, sem escapatória. Ver o seu lado da história e o que aconteceu depois do felizes para sempre.

Está pronta para ser seduzido para a escuridão de olhos azuis sombrios?

(Sinopse provisória.)

O MONSTRO DA BRATVA

Sinopse:

“Quando se pede um milagre, é preciso pedir com todas as palavras. Eu orei por um milagre, um que impedisse meu casamento com Stefano Meyer, capitão renomado da minha máfia. Eu não fui específica em meu pedido, e acho que é por isso que ele foi realizado da forma que foi. Livrei-me das garras de um monstro para outro muito pior. Sou Sophia Hoffmann, e essa é a história de minha queda.”

Sophia Hoffmann é a princesa da máfia alemã, o clã Hoffmann, sempre protegida e pura. Tudo isso muda quando é sequestrada pela Bratva. Seu pior pesadelo está acontecendo, e ela precisa escolher entre ficar nas garras da máfia russa ou se casar com Stefano Meyer, o homem que a machucou.

Nikolai Leonov tem uma missão, destruir Sophia, e ele não hesitará em fazer, nunca temeu nada. Mas quando dá de cara com a pureza e a honra, se pergunta como ele a quebrará sem destruir a si mesmo? Ele é um monstro, e sempre será.

A Bratva é cruel, diferente de qualquer outra máfia, e não hesitará em destruir o inimigo a qualquer custo.

Dor, ódio, segredos, armações, em uma releitura sombria de A Bela e Fera.

(Sinopse provisória.)

---

[1] Caralho, em italiano.

[2] Minha vida, em alemão.

[3] Com esta faca, desposo minha esposa. Que nosso casamento seja sempre tão afiado quanto esta lâmina e tão forte quanto este aço.

[4] Joelho de porco.

[5] Brilho do Sol; adjetivo: alegria.

[6] Presidente do clube de motoqueiros.

[7] Nome para capitão da Bratva. Ele cuida dos negócios. São os chefes de ladrões,

de prostituição, extorsão, gangues de rua e outros crimes.

[8] Tenham um bom café da manhã.

[9] *O que foi, mamãe?* Em italiano.

[10] Não, papai.

[11] Capo e consigliere no plural, pela língua italiana.

[12]“Alles in Butter” é uma expressão alemã que significa que algo vai bem, que “tá de boa”.

[13] “*Du machst aus einer Mücke einen Elefanten*”, é uma expressão alemã, uma versão do nosso “fazer tempestade em um copo d’água”.

[14] Eu te amo mais que tudo, em alemão.

[15] Eu te amo, minha vida.

[16] Minha princesa, em alemão.

[17] “Bom dia” em alemão.

[18] “Bom dia, filho”.